

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Luiz Alberto de Souza

**“OS DESCLASSIFICADOS DO DESTINO”:  
Cruz e Sousa e os primeiros simbolistas  
(Rio de Janeiro, 1888-1898)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do Grau de Doutor em História Cultural. Orientador: Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte.

Florianópolis

2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Souza, Luiz Alberto de

"Os desclassificados do destino" [tese]: Cruz e Sousa e os primeiros simbolistas (Rio de Janeiro, 1888-1898) / Luiz Alberto de Souza; orientador, Adriano Luiz Duarte - Florianópolis, SC, 2017.

546 p. ; 21cm

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História.

Inclui referências

1. História. 2. século XIX. 3. Simbolismo. 4. Cruz e Sousa. I. Duarte, Adriano Luiz. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

**“OS DESCLASSIFICADOS DO DESTINO”: Cruz e  
Sousa e os primeiros simbolistas (Rio de Janeiro,  
1888-1898)**

**Luiz Alberto de Souza**

Esta Tese foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de:

**DOCTOR EM HISTÓRIA CULTURAL**

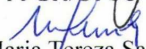
**Banca Examinadora**

  
Prof. Dr. Adriano Luiz Duarte (Orientador e Presidente)  
– PPGH/UFSC

  
Prof. Dr. Marcos Rogério Cordeiro – FALE/UFMG

  
Profa. Dra. Ana Lúcia Brancher – PPGH/UFSC

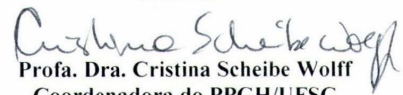
  
Profa. Dra. Maria de Fátima Fontes Piazza –  
PPGH/UFSC

  
Profa. Dra. Maria Tereza Santos Cunha –  
PPGH/UEDESC

  
Profa. Dra. Janice Gonçalves – PPGH/UEDESC

Profa. Dra. Marília Mezzomo Rodrigues (Suplente  
interno) - DLLE/UFSC

Prof. Dr. Denilson Botelho (Suplente externo) –  
UNIFESP

  
Prof. Dra. Cristina Scheibe Wolff  
Coordenadora do PPGH/UFSC  
Florianópolis, 16 de março de 2017



À memória de minha mãe, Maria Bernadete de Souza.



## AGRADECIMENTOS

Esta tese, ao longo das suas diferentes etapas, contou com a valiosa colaboração de inúmeras pessoas. Muitas mais do que seria possível citar nominalmente, com justiça, uma a uma.

Contudo, entre os grupos e instituições aos quais eu gostaria de expressar diretamente a minha dívida e reconhecimento, cumpre mencionar:

A Academia Catarinense de Letras (ACL).

A Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

A Biblioteca da Universidade Federal de Santa Catarina.

A Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB).

O Núcleo de Estudos História, Literatura e Sociedade (NEHLIS-UFSC).

O Núcleo Literatura e Memória (nuLIME-UFSC).

O Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Lingüística (NUPILL-UFSC).

Já quanto ao seu subsídio, esta pesquisa foi financiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Por fim, agradeço também a todos os professores, professoras, colegas, amigos e amigas que, com estímulo, leituras críticas, revisões e indicações bibliográficas, aperfeiçoaram e enriqueceram este trabalho.

Sem todos esses colaboradores e colaboradoras, nada do que se lê a seguir teria sido possível.

Muitíssimo obrigado.





*Todos os desclassificados do destino,  
todos os vacilantes,  
todos os sem rumo,  
todos os sem objetivo certo,  
todos os silenciosos do orgulho nobre,  
todos os corações amargos e fracos,  
todos os dolentes e desolados do espírito,  
todas as vidas de meia luz e de meia sombra,  
todos os vencidos da Glória,  
todos os inacabados,  
todos os incompletos que aspiram um Ser,  
todos os que ondulam entre a Fé e a Dúvida,  
todos os incompreendidos,  
todos os irresolutos ou covardes morais,  
(...)  
hã de senti-lo  
e amá-lo.*

(Cruz e Sousa, *Signos*)



## RESUMO

Este trabalho investiga o panorama do debate estético-ideológico ocorrido no Brasil do final do século XIX. Para tanto, analisa aspectos da trajetória do escritor João da Cruz e Sousa (Desterro, Santa Catarina, 1861 – Sítio, Minas Gerais, 1898), bem como as de outros intelectuais identificados com a formação cultural da qual este foi um dos principais representantes. Como tese, afirma que, entre nós, a emergência e o destino crítico de uma proposta literária representada pela obra simbolista de Cruz e Sousa articulam-se com as reações de um segmento dominado da classe média letrada frente à crise que caracterizou a história e a escrita no país durante os anos de transição do Império para a República. Sua estrutura divide-se em duas partes. A primeira, fundamentando-se em textos memorialísticos, jornalísticos e literários, problematiza diferentes dimensões da conjuntura que definiu a experiência desses escritores durante o final da década de 1880 e início da de 1890. Na segunda, apresenta a transcrição anotada e comentada da correspondência ativa e passiva de Cruz e Sousa.

**Palavras-chave:** Século XIX; Império; República; Simbolismo; Cruz e Sousa.



## RESUMEN

Este trabajo investiga el panorama del debate estético y ideológico ocurrido en el Brasil del final de lo siglo XIX. Para esto, analiza aspectos de la carrera de lo escritor João da Cruz e Sousa (Desterro, Santa Catarina, 1861 – Sítio, Minas Gerais, 1898), así como las de otros intelectuales de su generación. Como tesis, afirma que, entre nosotros, la ascención y destino crítico de una propuesta literária representada por la obra simbolista de Cruz e Sousa está vinculada a las reacciones de una parte dominada de la clase media letrada en frente hasta la crisis que definiu la história y la producción literária en el país mientras los años de pasaje del Imperio hasta la República. Su estructura se divide en dos partes. La primera, basándose en los textos de memorias, periodísticos y literarios, se analizan diferentes dimensiones del entorno que define la experiencia de estos escritores durante la década de 1880 y principios de 1890. Por fin, la segunda y ultima parte presenta la transcripción anotada y comentada de la correspondencia activa y pasiva de Cruz e Sousa.

**Palabras clave:** Siglo XIX; Imperio; República; Simbolismo; Cruz e Sousa.



## RÉSUMÉ

Cette thèse étudie le débat esthétique-idéologique qui a eu lieu au Brésil à la fin du XIX<sup>e</sup> siècle. Pour ça, on analyse la trajectoire de l'écrivain João da Cruz e Sousa (Desterro, Santa Catarina, 1861 – Sítio, Minas Gerais, 1898), ainsi que celles d'autres intellectuels identifiés à la même formation culturelle. L'émergence et le destin critique des propos littéraires symbolistes de Cruz e Sousa s'articulent aux réactions d'une classe moyenne lettrée face à la crise qui a caractérisé l'histoire et l'écriture brésiliennes pendant la transition de l'Empire vers la République. Le texte est organisé en deux parties : la première analyse les dimensions de l'expérience de ces écrivains entre la fin des années 1880 et le début des années 1890, à partir des textes mémorialistiques, journalistiques et littéraires ; la deuxième partie présente la transcription commentée de la correspondance active et passive de Cruz e Sousa.

**Mots-clés** : XIX<sup>e</sup> siècle ; Empire ; République ; Symbolisme ; Cruz e Sousa.





## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – João da Cruz e Sousa (c. 1890) .....	493
Figura 2 – Praça Barão de Laguna. Nossa Senhora do Desterro, segunda metade da década de 1880 .....	494
Figura 3 – Vista da cidade do Rio de Janeiro em 1889 .....	494
Figura 4 – Cruz e Sousa, aos 23 anos, em foto tirada em Pernambuco, 1884 .....	495
Figura 5 – Horácio de Carvalho (direita), Virgílio Várzea (centro) e Cruz e Sousa (esquerda) em foto tirada em Desterro (1888) .....	496
Figura 6 – Oscar Rosas e Cruz e Sousa, no Rio de Janeiro, em 1888 .....	497
Figura 7 – Página do jornal <i>Novidades</i> , com o poema <i>Arte</i> , de Cruz e Sousa .....	498
Figura 8 – Frontispício do livro <i>Missal</i> , lançado em fevereiro de 1883, no Rio de Janeiro .....	499
Figura 9 – Frontispício do livro <i>Broqueis</i> , lançado em agosto de 1893, no Rio de Janeiro .....	500
Figura 10 – Caricatura de Cruz e Sousa por Pereira Neto para a <i>Revista Ilustrada</i> (1893) .....	501
Figura 11 – Carta da Cruz e Sousa a Gavita Rosa Gonçalves .....	502
Figura 12 – Atestado de vínculo empregatício de Cruz e Sousa na Estrada de Ferro Central do Brasil .....	503
Figura 13 – Prédio Estrada de Ferro Central do Brasil .....	504
Figura 14 – Prédio da Estação de São Diogo, onde Cruz e Sousa foi Arquivista .....	504

Figura 15 – Manuscrito do poema <i>Emparedado</i> , do livro <i>Evocações</i> (1897) .....	505
Figura 16 – Recibo referente aos custos do funeral de Cruz e Sousa .....	506
Figura 17 – Primeira página do jornal <i>Cidade do Rio</i> , de José do Patrocínio (20/04/1898) .....	507
Figura 18 – Retrato de Cruz e Sousa no leito de morte, por Maurício Jubim .....	508

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
PRÓLOGO: UM ESPECTRO IMPLACÁVEL.....	33
PARTE 1 – A LITERATURA COMO REFÚGIO E PROTESTO .....	37
1 RUMO A UM FUTURO “BONITO E BRILHANTE”? .....	39
2 “SER ARTISTA COM ESTA COR” .....	55
3 OS INIMIGOS NO PODER .....	89
4 UM ESCRITOR NUM PAÍS DE ILETRADOS .....	103
5 EM BUSCA DE UMA NOVA LITERATURA .....	109
6 DE PARÍS, UM NOVÍSSIMO MODELO .....	139
7 NUVENS E NOVIDADES .....	161
8 O “ANTRO” .....	177
9 PARA QUE SERVEM OS POETAS? .....	189
PARTE 2 – FRAGMENTOS DE UMA EXPERIÊNCIA .....	211
10 PALAVRAS PRELIMINARES: O EPISTOLÁRIO DE CRUZ E SOUSA EM SEU ARQUIVO .....	213
10.1 O Arquivo Cruz e Sousa (CS) .....	213
10.2 A trajetória do arquivo CS .....	216
10.3 O arquivo como problema .....	218
11 CRUZ E SOUSA: CORRESPONDÊNCIA PESSOAL, FAMILIAR E OUTROS TEXTOS (1883-1898) .....	221

CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	443
FONTES E REFERÊNCIAS .....	455
ANEXO 1 – ARTIGO DE CRUZ E SOUSA NO JORNAL A <i>REGENERAÇÃO</i> , DESTERRO (1886) .....	479
ANEXO 2 – CRÔNICAS DE CRUZ E SOUSA (ASSINADAS SOB PSEUDÔNIMOS) NO JORNAL <i>NOVIDADES</i> , RIO DE JANEIRO (1891-1892) .....	483
ANEXO 3 – ICONOGRAFIA .....	493
ANEXO 4 – ARTIGOS PUBLICADOS NA OCASIÃO DA MORTE DE CRUZ E SOUSA, EM 1898 .....	509
ANEXO 5 – QUADRO CRONOLÓGICO .....	517

## INTRODUÇÃO

O poeta simbolista João da Cruz e Sousa é uma das personalidades mais complexas e, talvez por isso mesmo, mais obscuras, do cânone literário brasileiro. Negro, filho de pai escravizado e de mãe liberta, em seu tempo foi considerado um deslocado, um intruso no meio das nossas classes letradas. Suas opções como escritor frequentemente pareciam reiterar essa sua condição de “estranho”, de “estrangeiro” em terra própria.

No final da década de 1880, em plena vigência do Parnasianismo, um padrão artístico fundamentado no objetivismo científico de matriz positivista, Cruz e Sousa resolveu negá-lo em favor de um modelo que celebrava o sujeito, a imaginação e a dimensão expressiva da linguagem. Tudo isso de um modo que lembrava, em muito, as experiências mais radicais do romantismo em sua longa trajetória de oposição contra os aspectos definidores da modernidade capitalista.<sup>1</sup> Sua contundência nessa revolta foi persistente e, aos olhos de alguns contemporâneos, heroica.

Como resultado, ainda em vida viu sua obra ser celebrada como referência por rebeldes e descontentes com o *establishment* cultural. Tornou-se, mais do que “chefe de escola”, um exemplo a ser seguido por aqueles que, de algum modo, consideravam-se à parte das principais instâncias de prestígio e consagração intelectual. Ao seu lado, cerraram fileiras jovens artistas que negaram abertamente os ídolos tutelares das nossas letras, desprezaram as academias e questionaram quase todos os alicerces da instituição literária no Brasil.

---

<sup>1</sup> Incorporo neste trabalho a definição proposta por Michael Löwy e Robert Sayre de romantismo como “reação contra o modo de vida da sociedade capitalista” e “ao próprio capitalismo”. Segundo esses autores, o romantismo “não se limita, de modo algum, à literatura e arte, nem ao período histórico durante o qual se desenvolveram os movimentos artísticos ditos ‘românticos’”. Para Löwy e Sayre, o romantismo seria uma “visão de mundo”, uma *Weltanschauung*, que perpassaria a história do capitalismo desde o seu advento até os dias de hoje. Uma “cosmovisão” definida pela perspectiva crítica com relação a civilização engendrada pela revolução industrial e pela generalização da economia de mercado. Assim, de acordo com essa perspectiva, “o romantismo representa uma crítica da modernidade, isto é, da civilização capitalista moderna, em nome de valores e ideais do passado (pré-capitalista, pré-moderno).” Cf. LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 34.

A insubmissão de Cruz e Sousa lhe rendeu frutos amargos. Mais do que ter rompido regras demais, contra ele pesavam atributos que, numa sociedade oligárquica, autoritária, altamente hierarquizada e racista, não lhe franqueavam certas ousadias – a sua cor e a sua classe social. Morreu praticamente só, falando para uns poucos, ignorado pelo grande público e subestimado pelas principais opiniões críticas da época.

Este trabalho é uma tentativa de apreensão do significado histórico desse drama. Ele questiona porque algumas pessoas, no Brasil do final do século XIX, resolveram se voltar contra o senso comum estético predominante entre a nossa elite cultural e o que isso pode revelar sobre a sociedade que produziu esse tipo de contradição. Tal problemática sustenta-se no pressuposto de que as razões que levam os escritores a mudarem as suas opiniões com relação aquilo que chamamos “literatura” é, de fato, algo que tem menos a ver com noções abstratas a respeito do que venha a ser “o Belo” e muito mais com a necessidade de elaborarem respostas às principais questões do seu tempo e experiência.

O que realizo aqui, por conseguinte, é uma interpretação política e social não só do sentido histórico da obra de Cruz e Sousa, mas também do movimento simbolista no Brasil. Por “político” entendo não apenas os fatos referentes às instituições e instâncias de poder convencionais, mas “a maneira pela qual organizamos conjuntamente nossa vida social, e as relações de poder que isso implica”.<sup>2</sup> No mais, é também “social”, na medida em que se refere à inserção de sujeitos numa rede de relações – tanto verticais quanto horizontais – em que agiram e escolheram caminhos. O que busco demonstrar, portanto, é que a história da literatura brasileira – e em particular a história das vertentes tradicionalmente consideradas mais “puras”, “desinteressadas”, ou seja, supostamente mais alheias à essa história – constituem, de fato, parte indissociável da nossa história social. Estão intrinsecamente ligadas às crenças e aos valores ideológicos que constituem os embates mais amplos ocorridos no interior da nossa sociedade.

Tal esforço é menos banal do que talvez possa parecer. Afinal, poderiam se perguntar alguns, existe algum produto cultural que não seja enraizado na realidade vivida, pensada e sentida por aqueles o produzem? Infelizmente, em tempos de idealismos diversos, sempre há controvérsias quanto a questões semelhantes. Frente a isso, creio, toda

---

<sup>2</sup> EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 294.

demonstração da hipótese básica do materialismo cultural se torna bem-vinda e necessária.

No mais, outra razão justifica esta pesquisa. Passados quase cento e vinte anos desde a morte de Cruz e Sousa, os chamados decadentistas e simbolistas brasileiros ainda são figuras envoltas em muitas dúvidas e incompreensões.<sup>3</sup> Sendo que, por vezes, até mesmo o velho termo “nefelibata” ainda lhes serve de adjetivo.

Em verdade, a despeito da sua importância – hoje melhor reconhecida pela crítica – para o desenvolvimento da literatura brasileira, pode-se dizer que a produção acadêmica atual ainda tem conectado pouco o estudo acerca do nosso simbolismo à análise de outros processos sociais e culturais sincrônicos. Uma postura teórico-

---

<sup>3</sup> Sobre os rótulos “decadentismo” e “simbolismo”, explica Afrânio Coutinho: “A década de 70 [do século XIX francês] é realista e parnasiana, ao passo que a de 80 se torna decadentista e simbolista, cultivando uma poesia de sugestão e musicalidade, correspondências e inter-relações de sentidos, e uma vida literária marcada pela excentricidade, artifício, insânia. A mudança é gradual, e se evidencia com a crescente influência de Baudelaire, Mallarmé, Verlaine e Rimbaud, como os grandes mestres da poesia não-objetiva e não-descritiva. Por volta de 1880, espalha-se a idéia de decadência, caracterizada em 1881 por Paul Bourget em um artigo em que ele identifica o estado de decadência com Baudelaire, místico, libertino e analisador, típico de uma série de indivíduos ‘incapazes de encontrar seu lugar próprio no trabalho do mundo’, lúcidos para com ‘a incurável máscara de seu destino’, pessimistas e individualistas extremos, querendo submeter o mundo às suas necessidades íntimas, e sentindo a época como de crise e enfado, fadiga e degenerescência, dissolução e má consciência. O decadentismo, tal como foi representado em *À rebours* de Huysmans, com seu famoso personagem Duc des Esseintes, refletia profunda revolta contra a sociedade burguesa e seu conceito de moral familiar. Depois de 1885, e do artigo de Moréas, o termo foi sendo substituído pelo de ‘simbolismo’, que afinal prevaleceu no uso corrente, embora aqui e ali se continuasse a empregar o primeiro.” E em nota: “Mas é de 1885, e, depois, do manifesto do *Figaro Littéraire*, em 18-9-1886, que data a troca de nomes por sugestão de Moréas, em resposta a um artigo de Paul Bourdée, “Les decadentes”, em que este caracterizava os ‘decadentes’ pelo misticismo pervertido, satanismo, morfinaomania, à custa do que atingia o estado mórbido de que se surgia a criação literária.” COUTINHO, Afrânio (Org.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1986. p. 320; 381.

metodológica que dificulta a percepção dos matizes ideológicos tanto do movimento como dos seus agentes.<sup>4</sup>

Acredito que tal fato tenha menos que ver com os tipos de abordagens que caracterizam as pesquisas realizadas no âmbito dos Estudos Literários do que com a própria atitude da maioria dos historiadores. Sobretudo daqueles interessados no estudo sistemático das relações entre literatura e sociedade no Brasil. Nesse meio, ainda há um enorme silêncio quanto a certos objetos. De modo geral, o que se observa é uma tendência a se repisar os mesmos temas e problemas, quando não as mesmas leituras e os mesmos ângulos de análise. Estudam-se os mesmos textos, revivem-se as mesmas polêmicas, enquanto todo um universo de questões, obras e autores simplesmente segue desconhecido ou mal-compreendido. Nesse sentido, o caso de Cruz e Sousa e dos simbolistas não foge à regra. De fato, pode-se dizer que, ao contrário de outros escritores e movimentos literários do século XIX, a maior parte dos historiadores ainda ignora, se não a sua existência, ao menos a sua relevância ou interesse para uma compreensão mais abrangente e complexa do contexto sociocultural do Brasil oitocentista. Sendo assim, diante desse silêncio, nós, historiadores, só podemos agradecer aos críticos literários pelo trabalho que fazem dentro do seu próprio campo, ao perseguirem os seus interesses específicos de investigação.<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> “Embora se saiba das afinidades profundas entre simbolistas e movimentos sociais libertários na Europa, no Brasil, todavia, nas séries histórico-cultural, literária e social os simbolistas têm sido vistos como grupo marginal, imitadores auto-suficientes e desvinculados da ‘realidade nacional’.” HARDMAN, Francisco Foot; LINS, Vera. Introdução. In: DUQUE, Gonzaga. *Revoluções brasileiras: resumos históricos*. São Paulo: Editora UNESP: Giordano, 1998. p. xii. Com relação à obra específica de Cruz e Sousa, merecem menção algumas análises críticas que destoam dessa tendência geral: MELLO, Jefferson Agostini. *Um poeta simbolista na República Velha: literatura e sociedade em Missal* de Cruz e Sousa. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008 e RABELLO, Ivone Daré. *Um canto à margem: uma leitura da poética de Cruz e Sousa*. São Paulo: Nankin: Edusp, 2006.

<sup>5</sup> Quanto a Cruz e Sousa, dentre as diversas pesquisas realizadas no âmbito universitário e que muito tem contribuído nas últimas décadas para uma compreensão mais elaborada acerca dos múltiplos aspectos da sua poética, podemos citar: ALVES, Paulo. *A Farpa e a Lira: uma análise socioliterária a partir de Cruz e Sousa e Lima Barreto*. 2009. 212 f. (Mestrado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009; KNIHS, Maiara. *O trágico na poética de*



Mas, mesmo entre os historiadores, nem tudo é desinteresse ou alheamento. Se por um lado”, com relação ao contexto do nosso século XIX, ainda são relativamente poucos os trabalhos dedicados à compreensão de autores e formações culturais de tipos mais “marginais a verdade é que eles existem. Bem aos poucos, mas com alguma regularidade, nomes como os de Gonzaga Duque, Nestor Victor, Oscar Rosas, Virgílio Várzea, Araújo Figueiredo e tantos outros vão deixando de ser apenas notas-de-rodapé em velhos ensaios de erudição e vão ganhando reflexões mais elaboradas e pesquisas originais.<sup>6</sup> Não

---

*Cruz e Sousa*. 2014. 198 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2014; OLIVEIRA, Leonardo Pereira de. *A tensão lírica no simbolismo de Cruz e Sousa*. 2007. 192 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul., Porto Alegre. 2007; REIS, Cristiano Lima de Araújo. *O Simbolismo de Cruz e Sousa: negritude, dor e satanismo*. 2009. 96 f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Programa de Estudos Pós-Graduados em literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2009; SILVA, Luiz. *A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e de Lima Barreto*. 2005. 232 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2005; SILVA, Rosane Cordeiro da. *Entre missais e evocações: a prosa desterrada de Cruz e Sousa*. 2006. 274 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2006.

<sup>6</sup> Alguns exemplos: CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Nestor Vitor: um intelectual e as idéias do seu tempo (1890-1930)*. 1997. 156 f. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1997; COUTO, Renata de Campos. *Gonzaga Duque: crítica, arte e a experiência da modernidade*. 2007. 108 f. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007; PICOLLI, Fabrícia. *Personagens de um tempo, idéias (novas) de uma época: trajetória e produção literária do grupo Idéia Nova em Desterro na Década de 1880*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006; MELLO, Sílvia Gomes Bento de. *Esses moços do Paraná: livre circulação da palavra nos albos da República*. Florianópolis, 2008. 314 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina; VERMEERSCH, Paula. *Notas de um estudo crítico sobre A Arte Brasileira, de Luiz Gonzaga Duque Estrada*. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2002. No mais, além dessas

obstante, muito trabalho ainda precisa ser feito em meio ao “melancólico limbo” em que permanece boa parte do passado cultural brasileiro.<sup>7</sup>

Quanto a Cruz e Sousa, no que tange a pesquisas de tipo especificamente historiográfico, estas ainda são bastante raras.<sup>8</sup> Defendida em 2006, na Pontífice Universidade Católica de São Paulo, a dissertação de Elizabete Maria Espíndola é um dos poucos trabalhos acadêmicos recentes que buscam analisar a trajetória de Cruz e Sousa entrecruzando-a com aspectos mais amplos da sociedade brasileira do final do século XIX.<sup>9</sup> Nele, buscando realizar uma reinterpretação da “experiência de vida” desse escritor, Espíndola estabelece um diálogo entre a tradição biográfica “oficial” e a atual produção científica sobre a história social da escravidão e do pós-abolição no Brasil. Circunscrita ao âmbito da histórica social, seu principal objetivo é apreender “as contradições, ambiguidades, as possibilidades e as limitações às tentativas de mobilidade social de um homem livre de cor vivendo em um período marcado pelas discussões em torno do trabalho escravo e da instauração da República”.<sup>10</sup> Nessa pesquisa, contudo, a inserção de

---

pesquisas na área de história, pode-se mencionar um trabalho de crítica literária, porém, realizada por uma historiadora de formação: CHEREM, Rosangela Miranda. *Aparições de textualidade: dizer e ver um Virgílio*. 272 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2006.

<sup>7</sup> A expressão é de Brito Broca em carta a Andrade Muricy. Cf. BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio; Departamento de Cultura da Guanabara, 1975. p. 42-43.

<sup>8</sup> Para ser preciso, ao longo do levantamento bibliográfico realizado para esta tese, encontrei apenas um trabalho, defendido em cursos de pós-graduação, no qual se problematiza, desde um ponto de vista historiográfico, a vida e a obra de Cruz e Sousa: ESPÍNDOLA, Elizabete Maria. *Cruz e Sousa: Modernidade e mobilidade social nas duas últimas décadas do século XIX*. 2006. 131 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2006.

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Em 2013, por sua vez, parte dessa sua pesquisa foi publicada no livro *História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina*, organizado pelas historiadoras Beatriz Gallotti Mamigonian e Joseane Zimmermann Vidal. Cf. MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; VIDAL, Joseane Zimmermann. *História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013. (Esta obra, aliás, integra parte do projeto *Santa Afro-Catarina*, promovido pelo Laboratório de História Social

Cruz e Sousa na conjuntura do debate estético-ideológico do final do século XIX tem importância secundária.

Pois bem, mas e presente trabalho? O que é? O que pretende? Antes de responder a essas perguntas, gostaria de explicitar alguns dos princípios teórico-metodológicos que orientam a minha reflexão.

Artículo, nesta pesquisa, duas compreensões acerca da natureza do fato literário: 1) a sua realidade como manifestação lingüística; e 2) a sua realidade como prática social. Ou seja, se por um lado, para mim, a literatura é a expressão verbal de uma das diversas funções da linguagem (no caso, a função “poética” ou “expressiva” como a definiu Roman Jakobson), por outro também entendo que ela seja uma forma de produção não esgotada pelo seu próprio produto, algo intimamente integrado ao sistema social como um todo, um objeto sem estabilidade ou unidade essencial, um produto historicamente determinado. Em suma, uma coisa mais ou menos arbitrária e consolidada pelo uso ou pela prática concernente à uma comunidade.

Tal ponto de vista me aproxima da perspectiva de Terry Eagleton acerca da relatividade da definição de “literariedade” ou de “valor literário”. Um posicionamento que o crítico expõe nos seguintes termos:

[...] não existe uma literatura que seja “realmente” grande ou “realmente” alguma coisa, independentemente das maneiras pelas quais essa escrita é tratada dentro de formas específicas de vida social e institucional.<sup>11</sup>

Em síntese, compreendo a “literatura” como um conjunto convencional de textos que não apenas “reflete” ou “ilustra” os

---

do Trabalho e da Cultura da Universidade Federal de Santa Catarina. Coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Beatriz Gallotti Mamigonian, esse projeto tem promovido, nos últimos anos, em Florianópolis, o roteiro histórico “A Desterro de Cruz e Sousa”. Constituído por visitas guiadas por historiadores e estudantes de história, tal roteiro é realizado “com base em pesquisa documental e bibliográfica e em diálogo com a produção historiográfica atualizada sobre a história do Brasil e do Atlântico”. O projeto busca apresentar para o público não-acadêmico a “trajetória do escritor e poeta Cruz e Sousa no espaço da cidade de Desterro, desde sua infância durante a Guerra do Paraguai até seu engajamento na campanha abolicionista.”. Disponível em: <<http://santaafrocatarina.blogspot.com.br/p/roteiros.html>>. Acesso em: 11 jul. 2015. ESPÍNDOLA, Elizabete Maria. Op. cit. p. 4.

<sup>11</sup> EAGLETON, Terry. Op. cit. p. 306.

fenômenos do mundo dentro do qual eles próprios são produzidos, mas que, sobretudo, ajuda a plasmar esse universo, que integra mesmo a dinâmica social que lhe dá razão, sentido e significado. Não um “invólucro”, mas sim como a definiu Eichenbaum, “uma integridade dinâmica e concreta que tem um conteúdo em si mesma” e – ao menos em algum grau – “fora de toda correlação”.<sup>12</sup> Isto é, não uma forma que simplesmente dá fôrma a algo que lhe é externo (algo que, evidentemente não questiono que ela faça), mas uma “forma” que é, em si mesma, um tipo de “conteúdo”.

Assim, tomando esses princípios como coordenadas interpretativas, compreendi a experiência histórica e a produção artística plasmada e vivida por Cruz e Sousa como elementos indissociáveis, tanto entre si, quanto das condições materiais que as tornaram possíveis em determinado tempo e espaço. Tal abordagem, por sua vez, me permitiu compreender melhor não só os seus textos, mas, também, as atitudes, comportamentos e crenças ligados a certos grupos sociais num determinado período da história do Brasil na segunda metade do século XIX. Mais especificamente, me esclareceu alguns aspectos do papel desempenhado por todo um segmento da intelectualidade brasileira marginalizada política, social e culturalmente durante os anos de transição do Império para a República. Refiro-me a certos remanescentes da chamada “geração de 1870”.<sup>13</sup> Homens que, desde a sua juventude, haviam se empenhado na defesa de projetos reformistas de transformação da sociedade brasileira, mas que, com o estabelecimento do novo regime se viram praticamente solapados do debate político, bem como obrigados a buscarem novos meios de se posicionarem publicamente na qualidade de artistas e intelectuais. Uma

---

<sup>12</sup> EICHENBAUM, Boris. A teoria do “método formal”. In: TODOROV, Tzvetan. *Teoria da literatura: textos dos formalistas russos*. São Paulo: Editora Unesp, 2013. p. 46.

<sup>13</sup> ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil- Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002; BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. São Paulo: Convívio; Edusp, 1986; SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1993; SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003; VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

fração da elite letrada brasileira da qual – como já demonstrei em trabalho anterior – Cruz e Sousa foi um típico representante.<sup>14</sup>

Esta tese está dividida em duas partes. Na primeira, fundamentando-me especialmente na leitura de textos memorialísticos, periódicos, textos “literários” e, sobretudo, na análise de documentos depositados no seu arquivo pessoal, problematizo alguns aspectos do ambiente cultural, social e político que definiu a experiência histórica de Cruz e Sousa nos seus últimos dez anos de vida (1888 a 1898). Na segunda, organizo e comento a correspondência ativa e passiva de Cruz e Sousa. Resolvi integrar esse material ao corpo do trabalho pela centralidade que essas cartas têm na construção do argumento apresentado na parte inicial. No mais, não sendo esta uma biografia, mas uma história social das ideias literárias elaborada a partir do estudo da trajetória de um autor específico, entendi que seria coerente privilegiar esse material. Por fim, considerando que a grande maioria desses documentos é composta por material inédito, outra razão que me leva a incorporar esses textos à tese é o meu desejo de contribuir para o esforço coletivo de tornar mais acessíveis essas fontes. O que, de outro modo, permaneceriam restritas a pouquíssimos especialistas.

Quanto à hipótese de pesquisa, o meu argumento neste trabalho é o seguinte: a instituição literária tornou-se, no Brasil do final do século XIX, o refúgio de uma intelectualidade liberal desfavorecida e posta à parte, pelas disputas entre latifundiários e militares no fim do Império e início da República, de seus tradicionais papéis na arena dos debates públicos. Assim, funcionando como uma substituta elegante e civilizada da atividade política, a literatura tornou-se uma espécie de refúgio num campo inóspito. Um paliativo para a frustração de alguns intelectuais numa época em que a sua atividade vinha sendo (em termos gerais) difícil de realizar.<sup>15</sup>

Tal clima, por sua vez, estava na base de algumas posturas. Daí procediam, em parte, por exemplo, as paixões intensas, até mesmo violentas, que tendiam a ser desencadeadas por uma atividade tão

---

<sup>14</sup> Demonstrei essa proposição num estudo sobre o período de formação política e intelectual de Cruz e Sousa. Cf. SOUZA, Luiz Alberto de. *A cor e a forma: história e literatura na obra do jovem Cruz e Sousa (1861-1888)*. 2012. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2012.

<sup>15</sup> Essa é, aliás, uma sugestão de vários outros pesquisadores com os quais de algum modo dialogo neste trabalho. Entre eles, Nicolau Sevcenko, Roberto Ventura, Angela Alonso e Lilia Moritz Schwarcz.

minoritária e especializada como o trabalho literário. Como consequência, se no Brasil do final do século XIX, a literatura adquiriu a importância que pessoas como Cruz e Sousa lhe atribuíram, isto se devia, em grande medida, ao fato de muitos verem nela um dos poucos espaços remanescentes nos quais ainda era possível incorporar algum sentido de valor universal. Uma alternativa ideal a um mundo que, cada vez mais, se lhes apresentava como dividido e fragmentado. Um espaço onde poderiam projetar algum vislumbre, algum nuance de transcendência. Em suma, para artistas como Cruz e Sousa, no contexto da nossa década de 1890, a literatura tendia a ser vista como um enclave, uma ilha de valor humano num mundo percebido como degradado e sordidamente material, dominado por fazendeiros de café, especuladores ligados a exportação do produto, bacharéis, burocratas de carreira, militares e outros tipos considerados expressões locais do nosso "filisteísmo".

Essa atitude tendia a exprimir não apenas certa compreensão acerca do significado da cultura. Ela era, também, um ponto de vista político. Uma mirada particular frente a uma experiência social historicamente determinada. Seu dilema é – considerada as suas particularidades – similar aquele vivenciado por outros escritores oitocentistas também confrontados com as primeiras manifestações da modernidade capitalista. Sobre essa atitude de pessimismo cultural tão em voga entre parte das elites letradas europeias do final do século XIX, escreve Eagleton:

Como se deveria escrever em uma sociedade industrial onde o discurso se havia degradado a um simples instrumento da ciência, comércio, publicidade e burocracia? Afinal para que público se deveria escrever, dada a saturação do público leitor com a cultura de “massa”, faminta de lucro, anódina? Poderia uma obra literária ser ao mesmo tempo um artefato e uma mercadoria no mercado aberto?<sup>16</sup>

Em suma, parece-me que a obra de Cruz e Sousa, bem como a dos seus principais companheiros de geração literária, pode ser lida como tentativa de resposta a perguntas profundamente enraizadas nas condições históricas reais da literatura brasileira do final do século XIX.

---

<sup>16</sup> EAGLETON, Terry. Op. cit. p. 210.

Em Cruz e Sousa, assim como em outros escritores da sua geração, a linguagem tornou-se uma alternativa para os problemas sociais que os pressionavam. Sua obra simbolista, por conseguinte, parece renunciar à ideia de que o autor é aquele que escreve algo para alguém. Assim, no limite, o que o poeta passou a realizar, depois de anos atuando como escritor “militante”, empenhado num esforço coletivo de transformação social do país, foi, gradualmente, converter a própria linguagem – e não mais a história – no seu objeto de desejo. Uma postura que, aliás, o difere bem pouco dos seus modelos europeus.<sup>17</sup>

Nesta pesquisa, argumento que o simbolismo de Cruz e Sousa pode ser avaliado como um tipo de sintoma e uma reação à crise social que caracterizou a história e a escrita no Brasil do final XIX. Ele propõe uma passagem da história para a linguagem ao tentar manter o “mundo” e o próprio referente à maior distância possível das preocupações do escritor. Uma tentativa de abandono da história (um espaço percebido, a esta altura, como *desorientado, caótico e hostil*). Uma postura que, por sua vez, não se ocasionou espontânea e abruptamente. Foi, pelo contrário, uma posição para com a linguagem que nasceu de um conjunto de derrotas e desilusões sociais e políticas bem específicas e concretas. Uma delas, a própria emergência de um Estado armado e repressivo após o golpe de 1889, bem como a desilusão com a “política científica” (positivismo, liberalismo científico, etc.) como meio para a realização de certo projeto utópico acalentado pelas forças sociais que deram corpo e sentido às campanhas pela Abolição e República.

---

<sup>17</sup> WILSON, Edmund. *O castelo de Axel: estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p. 27-48; CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964. v. 6. p. 2573-2758; BALAKIAN, Anna. São Paulo: Perspectiva, 2007; GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista: textos doutrinários comentados*. São Paulo: Atlas, 1994.





## PRÓLOGO: UM ESPECTRO IMPLACÁVEL

*Em vão! em vão! em vão! os vossos largos  
crânios  
Lutaram pelo Bem dos Bens contemporâneos!  
Tudo está corrompido e até mais imperfeito...  
Não há um lírio são a florescer num peito,  
De piedade, de amor e de misericórdia...*

(Cruz e Sousa, *Marche aux flambeaux*)

Inaugurado no dia 30 de dezembro de 1881, o Matadouro de Santa Cruz foi uma importante unidade industrial para o abastecimento de carne no município do Rio de Janeiro. Estrategicamente situado num ermo da cidade, bem distante dos olhos da burguesia carioca, o matadouro funcionou ininterruptamente desde o final do século XIX até a segunda metade do século XX. Considerado como monumento de progresso e civilidade, ícone do nosso crescimento econômico – que se acelerava desde 1850 com o fim do tráfico africano de trabalhadores escravizados –, estiveram presentes à sua inauguração diversas autoridades políticas e figuras públicas de destaque. Dentre elas, o próprio imperador d. Pedro II, que além de procurar cultivar a sua boa figura de entusiasta das artes, ciências e indústria, animava-se com medidas de saneamento que melhorassem a imagem da corte frente à opinião europeia.<sup>18</sup>

A matéria-prima que abastecia o matadouro vinha de longe. Como capital do Império, o Rio de Janeiro era uma cidade dominada, sobretudo, por burocratas, comerciantes e outros profissionais liberais – tipos inúteis, portanto, para o trabalho de produção da própria carne que consumiam –, o gado destinado ao abate no Matadouro de Santa Cruz era trazido do interior ou de outras províncias. A vizinha Minas Gerais, um dos centros pecuários mais importantes do país, era um desses lugares.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Cf. FREITAS, Benedicto. *História do Matadouro Municipal de Santa Cruz*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1950; FREITAS, Benedicto. *O Matadouro de Santa Cruz: cem anos a serviço da comunidade*. Rio de Janeiro: Edições do Autor, 1977.

<sup>19</sup> SAESI, Alexandre Macchione; ROSA, Elton Rodrigo. Mercado pontual: atuação estatal na formação da Feira de Gado de Três Corações (1900-1920). *Estudos econômicos*, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 745-772, out.-dez. 2013.

A ligação ferroviária entre a estação próxima ao Matadouro de Santa Cruz com Minas Gerais era, praticamente, direta. O gado do qual se servia o estabelecimento público era disponibilizado por um ramal circular da Estrada de Ferro D. Pedro II (rebatizada de Estrada de Ferro Central do Brasil, após o golpe militar que instaurou a República). Os animais chegavam ao abatedouro transportados em vagões especiais chamados *horse boxes*. Um *horse box* era exatamente aquilo que o seu nome e função nos sugerem: um estábulo ambulante.

Na manhã do dia 20 de março 1898, domingo, chegou à estação principal da Central do Brasil, na cidade do Rio de Janeiro, um trem com carga destinada ao Matadouro de Santa Cruz.<sup>20</sup> A locomotiva era mais uma daquelas oriundas de Minas Gerais. Em determinado ponto da viagem, o trem havia parado na Estação de Sítio, um povoado pertencente ao distrito de Bias Fortes, a quinze quilômetros do município de Barbacena.

Situado no alto da Serra da Mantiqueira, o lugarejo era considerado, por suas qualidades climáticas, um ambiente adequado ao tratamento de certas doenças respiratórias. Dentre elas, a tuberculose pulmonar.<sup>21</sup>

Ainda incurável no final do século XIX, a “tísica” grassava em meio à insalubridade dos nossos centros urbanos. Suas vítimas preferenciais contavam-se entre os mais vulneráveis às piores circunstâncias da vida: os pobres e os miseráveis. No Rio de Janeiro, milhares morriam anualmente.<sup>22</sup> Quem podia, no entanto, buscava

---

<sup>20</sup> ALVES, Uelinton Farias. *Cruz e Sousa: Dante Negro do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008. p. 354-355.

<sup>21</sup> MAGALHÃES Jr., Raimundo. *Poesia e vida de Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975. p. 339-340.

<sup>22</sup> No Rio de Janeiro da virada do século XIX para o XX, a tuberculose pulmonar constituía a principal causa de mortalidade causada por doenças infecto-contagiosas. Só em 1900, foram contabilizados 2 726 óbitos. A contagem aumentaria ao longo dos anos seguintes e, em 1910, seriam registrados 3 080 casos. No período, a doença era intimamente associada a experiências de pobreza e miséria. Em suas memórias, o jornalista Luís Edmundo compõe a seguinte imagem dos doentes: “Ninguém ouve, no fundo das baiúcas, em que jazem, os pobres tuberculosos cheios de tosses e de pressentimentos, brancos, magros, tristíssimos, mirando as unhas roxas ou de olhos postos sobre a roupa nas cordas altaneiras, como acenos fatídicos do mundo, em adeuses febris, desenrolada no ar. Lá estão eles por sobre os leitos simples, sacudindo o tórax franzino, cheios de tosse e medo, receando a morte.” E em outro lugar: “São os tuberculosos que tosem; despedindo-se da vida, de

refúgio em paragens como as de Sítio, fosse para lograr alguma melhora, ou, no mínimo, encontrar certo alívio durante os seus momentos finais.

Nem todos conseguiam. Como era de se esperar, muitos desses visitantes morriam naquele pequeno povoado.

O embarque realizado na Estação de Sítio, naquela manhã de 1898, não poderia ser mais melancólico. Os funcionários do trem subiram a uma *horse box* o cadáver de um desses desafortunados. A operação não fora difícil. O corpo era pequeno, frágil e muito magro.<sup>23</sup> A doença, aparentemente, havia trabalhado durante vários anos sobre aquele organismo.

Era um homem negro. Falecera no dia anterior, tossindo sangue e delirando em febres.<sup>24</sup> Agora, pobre como era, nada mais restava a sua esposa – uma mulher também negra, relativamente jovem e grávida do quarto filho do casal – se não despachá-lo de volta ao Rio de Janeiro num daqueles carros destinados ao abatedouro municipal. O corpo foi velado por ela ao longo de todo o trajeto.

Horas depois do embarque, na Estação Central, cinco amigos aguardavam a chegada do vagão.

Ao abrirem o compartimento, encontraram o morto estirado, rijo, acomodado entre jornais velhos. Eles se entreolharam perplexos. Viam, ali, no chão sujo, imóvel, trajando um puído terno marrom, um dos maiores poetas que haviam conhecido.<sup>25</sup>

---

olhos cercados por olheiras roxas, as faces encovadas, sobre esteiras podres ou sobre catres de palha pejados de molambos. São pobres que esperam a morte, o *rabecão* da Santa Casa, de boca fria, trêmula, toda machada de catarro e sangue”. EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003. p. 230; 247. Ver também: LLOYD, Reginald; EULALIO, Joaquim; WRIGHT, Arnold et al. *Impressões do Brasil no século vinte: sua historia, seu povo, commercio, industrias e recursos*. Londres: Londres Lloyd's greater Britain Publishing Company, Ltd., 1913. Apud *Nosso século – 1900-1910: a era dos bacharéis*. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p. 14 e GONÇALVES, H.: A tuberculose ao longo dos tempos. *História, ciências, saúde* - Manguinhos, v. VII (2): 303-25, jul.-out. 2000.

<sup>23</sup> ALVES, Uelinton Farias. *Cruz e Sousa: Dante Negro do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008. p. 353.

<sup>24</sup> “– Ali vai! Ali vai... É um enterro, não vê? Ali vai...Estão levando o caixão... É um caixão preto enorme... É o meu enterro!É a mim que eles estão levando... Não! [...]” MAGALHÃES Jr., Raimundo. Op. cit. p. 346.

<sup>25</sup> FERNANDES, Carlos Dias. *Fretana: romance*. Rio de Janeiro: Alba, 1936. p. 134.

Em pouco tempo a notícia correu a cidade. Não era famoso, mas, de qualquer modo, alguns jornais deram nota do seu falecimento. Outros poetas o lamentaram. Em sua memória, até mesmo um colega rival – então muito mais célebre que ele – comporia um soneto lamentando-o.

Vi-te uma vez, e estremei de medo...  
Havia susto no ar, quando passavas:  
Vida, morta, enterrada num segredo,  
Letárgico vulcão de ignotas lavas.

Ias como quem vai para um degredo,  
De invisíveis grilhões as mãos escravas,  
A marcha dúbia, o olhar turvado e quedo  
No roxo abismo das olheiras cavas...

Aonde ias? aonde vais? Foge o teu vulto;  
Mas fica o assombro do teu passo errante,  
E fica o sopro desse inferno oculto,

O horrível fogo que contigo levas,  
Incompreendido mal, negro diamante,  
Sol sinistro e abafado ardendo em trevas.<sup>26</sup>

O poema captava muito do que aquele homem havia insinuado a maioria dos seus contemporâneos: um enigma a ocultar sofrimentos secretos, misteriosos. Um desespero mais sugerido do que anunciado.

Sua vida foi breve. João da Cruz e Sousa contava trinta e seis anos quando morreu.

---

<sup>26</sup> BILAC, Olavo. Diamante negro. Apud MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1987. v. 1. p. 76-77.

## PARTE 1

### A LITERATURA COMO REFÚGIO E PROTESTO

*Que mudez infernal teus lábios cerra  
Que ficas vago, para mim olhando,  
Na atitude da pedra, concentrando  
No entanto, n'alma, convulsões de guerra!*

*(Cruz e Sousa, Mudez perversa)*



## 1 RUMO A UM FUTURO “BONITO E BRILHANTE”?

“Que futuro ahi te espera?” – escrevia Oscar Rosas a Cruz e Sousa em setembro de 1887 – “tu ahi n’essa terra não podes senão criar carrapatos e azas nunca, porque as que tens estão arriscadas a cahir por causa da inveja e do preconceito”.<sup>27</sup> Essas eram palavras duras, mas que tangenciavam alguns dos principais dilemas que, por aqueles dias, muito provavelmente, angustiavam o jovem poeta.

Afinal, quais as chances dos sonhos frente às urgências e aos empecilhos da vida? Deveria partir? Ir-se embora de Santa Catarina de uma vez por todas, em busca de outras oportunidades no Rio de Janeiro? Deixar definitivamente os pais idosos, o irmão, a noiva, e os poucos amigos que tinha na sua cidade natal e atirar-se à aventura solitária no mundo pouco conhecido e, sob tantos aspectos, hostil, da capital do Império? Será que lhe restaria alguma outra possibilidade que não a aquela de fixar-se na Corte?

Improvável. O Rio de Janeiro era – e isso seria afirmado por muitas décadas ainda – “o grande centro para onde converge a vida social, política e cultural do país”.<sup>28</sup> “Sem a sua consagração”, diziam, “dificilmente se podem formar reputações literárias.”<sup>29</sup> Não havia, pois, muitas alternativas se o desejo fosse o de “deixar nome”, construir uma reputação literária.

Enquanto isso, o tempo transcorria. A idade avançava. Já contava vinte e seis anos. Era um homem feito e vivenciara muitas coisas. Principalmente nesses últimos anos em que o Abolicionismo tomara novo fôlego no país.<sup>30</sup> Também já havia rodado mundo. Conhecera o Brasil de Norte a Sul em suas andanças com companhias teatrais itinerantes (José Simões, em 1881; Moreira de Vasconcelos, entre 1883 e 1885; Apolônia Pinto-Moniz, em 1886).<sup>31</sup> Voltara só há alguns meses

---

<sup>27</sup> Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 17/09/1887 (AMLB/FCRB). Ver Parte 2, correspondência n. 11.

<sup>28</sup> RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Dep. Nacional do Livro, 1994. p. 88-89.

<sup>29</sup> *Ibidem*, p. 89.

<sup>30</sup> Sobre a participação de Cruz e Sousa no movimento abolicionista da década de 1880, ver: ALVES, 2008, *Op. cit.*, p. 59-203.

<sup>31</sup> FONTES, Henrique. *Cruz e Sousa em A Companhia Dramática Julieta dos Santos e o meio intelectual desterrense e outros ensaios*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1997; PAULI, Evaldo. *Cruz e Sousa: poeta e*

à casa dos pais. No mais, como autor, também não era mais um iniciante. Já havia publicado aqui e ali. Já fizera algum nome. E não só na sua província, mas também fora. Araripe Júnior, por exemplo, apreciara de modo bastante satisfatório a sua estréia em livro, ao lado de Virgílio Várzea.<sup>32</sup> “Quando amadurecido o espírito dos autores pelo exercício e pela observação dos fatos exteriores”, escreveu o crítico, “não lhes custará substituir a ênfase pela expressão exata e profunda”.<sup>33</sup> Considerando a fama de Araripe Júnior. à época – grande discípulo de Taine e Spencer, principal comentador de José de Alencar – este foi um tremendo elogio.

Mas não adiantava ter talento ou ser reconhecido apenas como uma promessa. Precisava se projetar. Não repetir o caminho de tantos moços notáveis que conheceu. Quem se lembraria do seu amigo e conterrâneo Horácio de Carvalho, por exemplo? O pobre Horácio, com seu “ar fidalgo” e “douto”, mas que, acomodado “na província, num centro antagônico ao desenvolvimento e fulgor do seu talento; na aridez das estafadas ideias em circulação, entre muros fechados de assuntos banais” lembrava, por fim, “um cactus” perdido “tristemente na esterilidade”?<sup>34</sup>

Não, não queria isso para si. E, para evitar esse fim, era preciso estabelecer-se num grande centro, ir para um lugar onde pudesse ver, ser visto, e, com sorte, ser ampla e definitivamente reconhecido. Realizaria o que fosse preciso para fazer nome. Era isto o que importava: evidenciar-se entre os esclarecidos do seu tempo, ser “elemento entre o espírito humano”.<sup>35</sup>

No mais, havia muito de verdade na provocação de Oscar Rosas. Existia, de fato, o risco de se sucumbir miseravelmente se optasse por

---

pensador. São Paulo: Editora do Escritor, 1973. p.41-56; TILL, Rodrigues. Cruz e Sousa e o Rio Grande do Sul. Florianópolis: Comissão Estadual de Celebração do Centenário de Morte de Cruz e Sousa, 1998.

<sup>32</sup> SOUSA, João da Cruz e; VARZEA, Virgílio. *Tropos e Fantasias*. Florianópolis: FCC, 1990.

<sup>33</sup> SOUSA, João da Cruz e. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995. p. 757-759. (Publicado originalmente em: *O Moleque*, Desterro, 20 set. 1885. Ass.: “Zé K”).

<sup>34</sup> SOUSA, João da Cruz e. Horácio de Carvalho. In: *Ibidem*, p. 775-777. (Citado por Virgílio Várzea em: *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 17 mar. 1907).

<sup>35</sup> Carta de Cruz e Sousa a Virgílio Várzea. Rio de Janeiro, 08/01/1889. Ver Parte 2, correspondência n. 30.



permanecer naquela “infeliz terra”.<sup>36</sup> A obscuridade e o silêncio eram possibilidades reais e bem plausíveis. Quer fosse por suas ideias, suas atitudes ou simplesmente por sua cor, muitos o odiavam ali. Alguns, inclusive, com pretensões à autoridade literária ou política. Estava cercado de inimigos, declarados ou não.

Mas será? Será que, um dia, deixaria de lado o que melhor fazia, simplesmente por causa dessa “cáfila de invejosos”?<sup>37</sup> Será que permaneceria, para sempre, o alvo dos risos, do menosprezo e da maledicência dos desafetos que lhe negavam o talento e que tantas vezes, nas ruas ou na imprensa, chamavam-lhe “Negro cachorro! Negro atrevido! Negro canalha!”?<sup>38</sup> E isso simplesmente por atribuírem a “pretensão” de desejar ser poeta? Por não conterem o mal-estar, escândalo ou mesmo ódio frente a sua “petulância” de “querer escrever nos jornais como os brancos”?<sup>39</sup> Por simplesmente agir como se a cor da sua pele não significasse nada em meio às exigências e preconceitos de uma sociedade escravocrata e dominada por uma elite presumidamente “branca” e que, à rua referia-se a ele como “aquele preto”?<sup>40</sup> Será? Será que cairia humilhado diante de meras “nulidades cínicas”?<sup>41</sup>

Na realidade, era possível. E isso se não por outra razão ao menos porque “os imbecis encontram sempre outros imbecis que os aplaudam”. Sabia muito bem que, certos homens, “quando não entendem uma cousa, dizem que não presta, unicamente por não terem a coragem precisa de dizer a frase de mais senso.”<sup>42</sup> Seria insensato, portanto, subestimar a estupidez alheia.

Enfim, era assim que as coisas eram. Não lhe restava outro caminho se não o de dizer adeus à província e ao mundo dos seus pais.

---

<sup>36</sup> SOUSA, João da Cruz e. Da Bahia: sobre os poetas catarinenses Santos Lostada e Virgílio Várzea. In: \_\_\_\_\_. Op. cit., 1995, p. 741. (Publicado originalmente em: *A Regeneração*, Desterro, 23 abr. 1884).

<sup>37</sup> SOUSA, João da Cruz e. Virgílio Várzea e Cruz e Sousa. In: *Ibidem*, p. 757. (Publicado originalmente em: *O Moleque*, Desterro, 20 set. 1885. Ass.: “Zé K”).

<sup>38</sup> FIGUEREDO, Juvêncio de Araújo. No Caminho do Destino. In: CARNEIRO, Carlos da Silveira. *Enciclopédia de Santa Catarina*. Florianópolis. v. 20. CEOR/BC/UFSC.

<sup>39</sup> *Idem*.

<sup>40</sup> Carta de Affonso Várzea a Henrique Fontes. Rio de Janeiro, 21/12/1962. Arquivo Virgílio Várzea. Academia Catarinense de Letras.

<sup>41</sup> SOUSA, João da Cruz e. Virgílio Várzea e Cruz e Sousa. In: \_\_\_\_\_. Op. cit., 1995, p. 759. (Publicado originalmente em: *O Moleque*, Desterro, 20 set. 1885. Ass.: “Zé K”).

<sup>42</sup> *Idem*.

Contudo, a inquietude que provavelmente afligia a Cruz e Sousa não devia parar por aí. A pobreza (sempre ela) lhe impunha outras questões de ordens mais práticas. A mais candente: como partir? Como ir embora se nem o dinheiro para a viagem era-lhe possível juntar naqueles dias? Frente às hesitações e o aparente abatimento do amigo, Oscar Rosas mais uma vez lhe inqueria:

Vens ou não vens?

Queres sahir da cacimba infecta, onde cantavas como um sapo artista a luz do sol tropical e amoroso, ou queres ficar, visguento e limoso, enterrado na sua lama até os cabellos?

Palavra, sonhador, que eu não te entendo?<sup>43</sup>

Como se vê, Rosas tinha um jeito pouco sutil de dizer as coisas...

Nascido em Desterro, em 1864, Oscar Rosas era um velho companheiro dos tempos do Ateneu Provincial Catarinense. Mulato de classe média, filho de um professor de Francês e ex-chefe político ligado ao Partido Conservador, partira com a família para o Rio de Janeiro, no final da década de 1870, e lá vivia desde então.<sup>44</sup> Fazia o tipo bebedor e pândego que, à época, se definia (não sem algum eufemismo) como “boêmio”.<sup>45</sup> Na Corte, teve uma vida estudantil irregular e alternada com as atividades jornalísticas. Presente e ativo nas rodas literárias da Rua do Ouvidor, era freqüentador assíduo de lugares como o Café Java e da Confeitaria Pascoal.<sup>46</sup> Os mesmos por onde, nesses dias, circulavam também figuras como Olavo Bilac, Guimarães Passos, Paula Ney e

---

<sup>43</sup> Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 05/04/1888 (AMLB/FCRB). Ver Parte 2, correspondência n. 16.

<sup>44</sup> Cf. ROSAS, Oscar. *A poesia de Oscar Rosas*. Porto Alegre: Movimento, 1972; ROSAS, Oscar. *Poesias, contos, crônicas*. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2009.

<sup>45</sup> Ironizando o uso do termo para se referir aos que, no Rio de Janeiro do final do século XIX, cultivavam o consumo imoderado e habitual do álcool, Luís Edmundo escrevia: “A época, para os que bebem, é das maiores indulgências. Dificilmente se diz, então, de alguém que ultrapasse, na hora de beber, o limite normal das conveniências – É um bêbado! – Pois sim! No máximo o que dele se pode dizer, e, assim mesmo, com um risinho de doçura e simpatia, é que é um boêmio...” EDMUNDO, Luís. Op. cit. p. 259.

<sup>46</sup> FIGUEREDO, Juvêncio de Araújo. Op. cit.

outros.<sup>47</sup> Ganhava a vida como funcionário da Sociedade Central de Imigração. Ocupação que, por sua vez, não o impedia de ser um jornalista bastante prolífico. À altura de 1888, já passara por diversos dos principais jornais da capital e conhecera, de perto, algumas das figuras mais importantes e influentes naqueles anos. Dentre eles, José do Patrocínio e escritores há muito consagrados ou em plena ascensão, tais como Arthur Azevedo, Medeiros e Albuquerque e Raul Pompéia. “Forte e robusto”, de “aspecto valente”, era, segundo o amigo Araújo Figueiredo, dado a “ações violentas, sem ordem e sem disciplina”.<sup>48</sup> Ou seja, uma figura e personalidade, em tudo e por tudo, oposta a de Cruz e Sousa.<sup>49</sup> Não obstante, a despeito de suas “maneiras bruscas e ousadas”, na descrição feita por Araújo Figueiredo, Rosas inteirava-se dos meandros da vida literária carioca e perambulava com desenvoltura por aquele ambiente. Era, pois, a pessoa certa para recepcionar a Cruz e Sousa e introduzi-lo na nossa capital literária.

Por fim, os dias, as semanas e os meses se passaram e, após alguns contratempos financeiros e alguma hesitação, a chance e o impulso definitivo para a viagem, finalmente venceu. Era maio de 1888. O anúncio da Abolição soava tal como uma contra-senha para muitos os da geração de Cruz e Sousa. Para eles, o tão esperado dia havia chegado. A partir daquele momento – era o que muitos consideravam – coisas maiores e muitíssimo mais importantes certamente estariam prestes a acontecer. O fim da escravidão seria, segundo aquele ponto de vista, o início, a etapa primeira de um grande período de transformações. O Brasil, dizia-se, finalmente começara a se assentar por sobre os trilhos do “Progresso”. Mais do que nunca seria preciso buscar o centro dos acontecimentos históricos. Era necessário estar no olho do furacão e ficar atento às oportunidades que, seguramente, surgiriam aos jovens de

---

<sup>47</sup> Sobre a Confeitaria Pascoal, no final da década de 1880, escreve Luís Edmundo: “Lá é que davam *rendez-vous* os paredros da terra, os grandalhões da literatura, da política, do alto comércio e das finanças. Lá foi que nasceu a chamada geração de Bilac, lá se criou, alimentada a empadinhas de camarão, mães-bentas, vinhos do Porto e Xerez.” EDMUNDO, Luís. Op. cit. p. 367.

<sup>48</sup> FIGUEREDO, Juvêncio de Araújo. Op. cit.

<sup>49</sup> Virgílio Várzea descreve assim a Cruz e Sousa: “Era um crioulo de compleição magra e estatura meã. Não obstante tinha o rosto cheio e oval de traços delicados e de conjuncto attrahente, sympathico. Nos seus olhos, grandes e bonitos, havia um forte brilho intellectual e uma vaga expressão de tristeza e humildade, ganha atavicamente na expatriação e captivo quasi seculares da sua raça [...]”. VARZEA, Virgílio. Impressões da Província. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 10 mar. 1907.

talento e aos bem-dispostos. Cruz e Sousa precisava agir o mais rápido possível. Para Cruz e Sousa, aquele era o seu momento.<sup>50</sup>

No mais, além de ânimo, a conjuntura lhe trazia, também, a oportunidade. Militante combativo, ela era uma figura bastante conhecida no movimento abolicionista da cidade de Desterro, bem quisto entre alguns chefes do Partido Liberal, aos quais, de algum modo, sempre esteve ligado.<sup>51</sup> Foi a ajuda (baseada, talvez, não só na simpatia e boa vontade, mas também em algum interesse) de Germano Wendhausen – deputado à Assembléia Legislativa Provincial e um dos

---

<sup>50</sup> Na ocasião, num cartão remetido desde o Rio de Janeiro, Pedro Paiva, ex-proprietário do jornal abolicionista *O Moleque*, felicitava assim ao amigo Cruz e Sousa: “O teo Pedro Rodolpho de Lima Paiva abraça-te, pela grandiosa Lei, que vem [...] libertar a tua raça, tão infamemente reduzida à escravidão. Hurrah, ao 13 de Maio!!! / Lembranças à *Troupe* / Quando vens?”. Cartão de Pedro Paiva a Cruz e Sousa. Gamboa, 16/05/1888 (AMLB/FCRB). Ver Parte 2, correspondência n. 17. (No texto, a palavra “Troupe” refere-se aos membros da Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro. Uma entidade abolicionista atuante em Desterro durante a década de 1880 e à qual ambos eram ligados).

<sup>51</sup> Parece-me plausível conjecturar que a proximidade de Cruz e Sousa com o meio liberal de Desterro se devia, sobretudo, aos vínculos de dependência que subordinavam a sua família à autoridade do Marechal Guilherme, antigo senhor de seu pai. Ilustrativo do caráter dessa ligação é o caso resgatado, no começo dos anos 1950, pela pesquisa de Abelardo Montenegro. Em entrevista ao sociólogo cearense, Emilia Schuttel (filha de Duarte Paranhos Schuttel, amigo do Marechal Guilherme e uma das principais lideranças do Partido Liberal na cidade), relata que, quando jovem, Cruz e Sousa e Araújo Figueiredo frequentavam a sua residência com o intuito de submeterem as suas produções literárias às críticas do seu pai, também escritor. Nessas ocasiões, escreve Montenegro, “Cruz e Sousa não se sentava, permanecendo em pé em sinal de respeito”. No mais, vale lembrar que, além desse depoimento, existem muitas outras evidências que atestam que Cruz e Sousa sempre se manteve ligado ao círculo de correligionários do Partido Liberal. Tal proximidade, por sua vez, permaneceria mesmo durante a República e contribuiria grandemente para a sua identificação política com os federalistas, na década de 1890. Nesse sentido, considere-se, por exemplo, a sua relação pessoal com Francisco Luís da Gama Rosa e, sobretudo, Germano Wendhausen e Eliseu Guilherme, fundadores, ao lado do próprio Paranhos Schuttel, da União Nacional (futuro Partido Republicano Federalista). MONTENEGRO, Abelardo Fernando. Op. cit. p. 37. PIAZZA, Walter Fernando. (Org.). *Dicionário Político Catarinense*. Florianópolis: Edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985. p. 405. Ver também: Parte 2, correspondências de n. 3, 10, 15, 18, 23, 25, 30, 35, 46, 60, 64, 93, 100, 112, 119, 122 e 151.

principais líderes abolicionistas locais<sup>52</sup> –, o que, no final das contas, garantiu o seu salvo-conduto para o Rio de Janeiro. Assim, já em 2 de abril, Cruz e Sousa escreveu-lhe:

Caríssimo e nobre amigo

Germano Wendhausen

Venho, mais uma vez, valer-me da sua proteção, da generosidade dos seus sentimentos, pedindo-lhe que me faça a gentileza de me ouvir.

Ilustre amigo, não sei se sabe ou não a situação difícil da minha vida nem o estado de fatalidade em que me acho; no entanto, acreditando-me um indivíduo sério e leal, dará a atenção devida às minhas palavras.

Acontece que, por largo espaço de tempo, me tenho visto embaraçado, muito afogado de lutas, achando sempre contrariedades em tudo que proponho fazer para melhorar de estado, para trabalhar, ter um futuro mais garantido e seguro, não encontrando nunca o auxílio de ninguém. Como deve saber, na *Tribuna Popular*, onde escrevo, nada me dão, nem eu o exijo porque não o podem fazer, e eu estou ali, apenas, para ajudar o Lopes, porque o faço generosamente, de coração aberto, com dedicação e simpatia, e mesmo, pela grande causa abolicionista que nós todos defendemos com desinteresse e honra. Já vê o meu nobre amigo que, nas dificuldades em que estou, tenho absoluta necessidade de procurar destino. Assim, tendo já deliberado a minha viagem para a Corte, venho valer-me do seu prestígio e da sua generosidade jamais desmentidas pedindo-lhe encarecidamente para influir com o seu amigo e correligionário Virgílio Villela sobre uma passagem, ou, no caso de ser isso absolutamente impossível, embora o meu excelente amigo envie os seus esforços, fazer-me o supremo obséquio de me emprestar 50\$000 réis para eu poder transportar-me, pois, fica na honestidade do meu caráter e do meu brio

---

<sup>52</sup> Sobre Wendhausen, ver: PIAZZA, Walter Fernando. Op. cit., 1985, p. 603.

satisfazer-lhe essa importância desde que o trabalho me garanta mais poderes para isso.

Bem sei que já o ocupei e que me serviu tão bondosamente, com tanta consideração e apreço, mas, no estado em que vivo não vejo a quem recorrer senão à sua prestimosa individualidade.

Sabe Deus quanto me custa e quanto a minha dignidade se vê abatida por me ver obrigado a fazer-lhe tal pedido! Mas, acredite o sr. Germano Wendhausen que em mim terá sempre um rapaz sincero, franco e leal, daqueles que não abusam e que sabem ser gratos. Só a sua pessoa me pode valer, e eu a ela me dirijo com confiança, em nome de sua veneranda mãe.

Disponha sempre de um amigo firme, que fará mais e mais por se tornar digno da sua estima e consideração que tanto distinguem as pessoas que têm a felicidade de as possuir.

*Cruz e Sousa*<sup>53</sup>

A solicitação de auxílio obteve êxito. Algo que, aliás, não nos deveria surpreender. Cruz e Sousa, já há muitos anos, mostrava-se um jovem promissor, bem como “franco e leal” aos amigos e correligionários. No mais, além de político, Wendhausen era também um comerciante abastado. Tinha recursos financeiros e, muito provavelmente, alguns planos para a vida pública que lhe tornava conveniente a presença de um representante confiável, a seu dispor, em plena Corte. Homem prático, de poder e de negócios, deveria, desse modo, calcular as vantagens de se ter um aliado com essas qualidades atuando em algum jornal de destaque no Rio de Janeiro. Ou, melhor ainda, num posto qualquer da burocracia do Império. Era essa uma proteção mais do que oportuna.

Assim, tendo algo do paternalismo da sociedade oitocentista brasileira funcionando a seu favor, Cruz e Sousa pôde, finalmente, partir. No dia 30 de maio de 1888, o jornal desterrense *A Regeneração*, anunciou o seu embarque. A nota, pequena e discreta entre os longos artigos que ainda comunicavam e descreviam as festividades em comemoração ao 13 de Maio, dizia o seguinte:

---

<sup>53</sup> Carta de Cruz e Sousa a Germano Wendhausen. Desterro, 02/04/1888. Ver Parte 2, correspondência n. 15.

Seguiu, hontem, no vapor *Aymoré*, para a capital do Império, o distincto poeta e escriptor Cruz e Souza, um dos bons talentos da provincia de Santa Catharina.

Cruz e Souza foi um dos abolicionistas que, pelas columnas da *Tribuna Popular*, soube com heroismo defender, das injustas accusações, aquelles que se dedicaram à santa causa, esforçando-se pela liberdade dos captivos.

A sua penna jamais tremeu deante das ameaças, e sempre a brilhar como um sol vibrante, muito concorreu para a extinção do captiveiro nesta capital.

Ao *bota fóra* assistiram muitos amigos e pessoas que admiravam o pujante talento do importante catharinense.

Desejando ao illustre escriptor uma viagem prospera, almejamos-lhe um futuro bonito e brilhante.<sup>54</sup>

O tom simpático denota mais do que uma disposição favorável frente a um bom companheiro que se despede. Realmente, àquela altura, era ainda em direção a um “futuro bonito e brilhante” a que o jovem poeta acreditava estar caminhando ao partir para a Corte. Não obstante, para além do caso individual de Cruz e Sousa, pode-se dizer que esse otimismo inseria-se numa atmosfera mais ampla. Um “sentimento bastante generalizado de que era possível ‘erguer-se da escravidão’, ‘sair do gueto’, liberar-se do isolamento e acreditar na promessa da inclusão e

---

<sup>54</sup> *A Regeneração*, Desterro, 30 mai. 1888. Neste mesmo número, podia-se ler também o seguinte informe: “Deslumbrantes e concorridas estiveram as festas promovidas pela Imprensa e Camara municipal, desta capital, auxiliadas pelo commercio. [...] Nesta noite, reunidos na residencia do Sr. Germano Wendhausen muitos socios da benemerita <<Diabo a Quatro>>, foi por este illustre cidadão offerecido um <<copo d’agua>>, trocando-se ahi muitos brindes, ao partido liberal, representado na pessoa do chefe o Sr. Elyseu Guilherme da Silva, á Germano Wendhausen, à sua familia, á Cruz e Souza, à Carlos Chimidt, ao senador Taunay, ao inspetor da Alfandega, á Remedios Monteiro, ao dr. Paiva, á Manoel Bittencourt e á Imprensa na pessoa do Sr. Francisco Margarida, que se achava presente. / Depois de todos terem se levantado para retirar-se, o Sr. Germano Wendhausen fez estourar o champagne e novos vivas se repetiram na maior intimidade e no mais delirante entusiasmo.”

da mobilidade ascendente”.<sup>55</sup> Como já foi dito, estávamos em 1888. Um momento que, para muitos brasileiros, fazia-lhes “pulsar de alegria o coração e o cérebro”.<sup>56</sup> Época em que, como escreveu Lilia Moritz Schwarcz,

parecia ser uma nova era em que, findas as formas de trabalho escravo e mandatário, e abertas (por meio da educação) as possibilidades de acesso à cidadania e às novas formas de inclusão, imaginou-se um novo mundo, não mais cerceado por modelos de hierarquia social estrita, ou vinculados a critérios de origem ou nascimento.<sup>57</sup>

Isto é, um instante dominado por uma visão de sonho, em que as nossas classes médias embalavam-se com as melhores promessas do liberalismo. Um tempo de transição, particularmente rico em possibilidades, que multiplicava os entusiasmos e esperanças, mas também as angústias e incertezas. Expressando esse estado de ânimo, Virgílio Várzea, em 10 de novembro de 1888, escreveu ao amigo Cruz e Sousa perguntando-se sobre o que o futuro lhes reservaria:

Ah! que tédio e horror me dá, crispando-me os nervos a miséria do Incerto, do Inafiançavel, do Imperscrutavel e do que vem! O que será o que vem para o meu e o teu futuro? para o de nós rapazes, entusiastas e fortes, que manejamos uma penna e somos "filhos da Utopia e primos do Ideal"?<sup>58</sup> A que virá de além para mim, para ti, para o Lostada, para o Oscar, o Araujo e o Horacio?!!!. Ó mudez crassa do Zéro, ó resposta enigmatica e negra do Nada!..<sup>59</sup>

---

<sup>55</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org.). *História do Brasil nação: 1808-2010: a abertura para o mundo – 1889-1930*. São Paulo: Objetiva, 2012. v. 3. p. 19.

<sup>56</sup> Carta de Cruz e Sousa a Germano Wendhausen. Rio de Janeiro, ??/06/1888. Ver Parte 2, correspondência n. 18.

<sup>57</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., 2012, p. 19-20.

<sup>58</sup> Citação de um verso do poema *No chiado*, do português Guerra Junqueiro. Cf. Parte 2, correspondência n. 26.

<sup>59</sup> Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. Desterro, 10/11/1888 (AMLB/FCRB). Ver Parte 2, correspondência n. 26.



A resposta não tardaria. Muito em breve, esses sonhadores e esperançosos a compreenderiam em toda a sua brutalidade e absurdo.

\* \* \*

Para além da sua figura canônica, pode-se dizer que, a despeito de todas as idealizações e distorções imaginárias atribuídas a Cruz e Sousa pelos seus biógrafos, sua vida realmente evidencia uma sorte incomum frente ao destino da maioria dos homens negros e pobres que viveram no Brasil durante o século XIX.<sup>60</sup>

Nascido em Desterro em 1861, filho de ex-escravos, Cruz e Sousa recebeu, desde cedo, uma sólida educação escolar conseguida, em grande parte, devido aos esforços dos seus pais, um pedreiro e uma lavadeira libertos, altamente ciosos da formação e futuro dos seus dois filhos, João e Norberto.<sup>61</sup>

Norberto, seu irmão mais novo, apesar dos anos de educação escolar, seguiu um caminho mais convencional: aprendeu um ofício manual, deixou a província e desapareceu para a família e para a

---

<sup>60</sup> Como observa Iaponan Soares, em *Ao redor de Cruz e Sousa*, devemos a Virgílio Várzea “a estrutura inicial da biografia de Cruz e Sousa” (SOARES, 1988, p. 11). Foi a partir das informações prestadas a este autor a Tibúrcio de Freitas, bem como a outros seus trabalhos memorialísticos, que os críticos e biógrafos posteriores estabeleceram as linhas gerais da narrativa “oficial” acerca da vida do poeta. Uma tradição interpretativa que se prolonga, até os dias de hoje, repetindo e privilegiando quase sempre os mesmos temas, problemas e opiniões gerais. Cf. VARZEA, Virgílio. *Impressões da Província. Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 10 mar. 1907; VARZEA, Virgílio. *Cruz e Souza. Republica*. Florianópolis, 24 mar. 1923; VICTOR, Nestor. Introdução. In: SOUSA, João da Cruz e. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1923. v. 1; MURICY, Andrade. *Biografia, bibliografia, fontes para estudo*. In: CRUZ E SOUSA, João da. *Obras Poéticas: Broquéis e Faróis*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. v. 1; MURICY, Andrade. *Atualidade de Cruz e Sousa*. In: SOUSA, João da Cruz e. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961; MONTENEGRO, Abelardo Fernando. Op. cit.; MAGALHÃES Jr., Raimundo. Op. cit.; LEMINSKI, Paulo. *Cruz e Sousa: o negro branco*. São Paulo: Brasiliense, s.d.; SOARES, Iaponan. Op. cit., 1988; ALVES, Uelinton Farias. Op. cit.; NETO, Godofredo de Oliveira. *Cruz e Souza: o poeta alforriado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

<sup>61</sup> SOARES, Iaponan. O jovem Cruz e Sousa. In.: Op. cit., 1988, p. 15-21; ALVES, Uelinton Farias. Op. cit. p. 27-36.

história.<sup>62</sup> João, por sua vez, decidiu tentar uma trilha mais arriscada: optou pela carreira intelectual e sonhou com a consagração literária. Leitor regular em latim, inglês e francês; admirador de Dante, Shakespeare, Victor Hugo, Émile Zola e Castro Alves, ao chegar a certa idade Cruz e Sousa desejou algo diferente daquilo que, durante séculos, no Brasil, esteve reservado à maioria dos de sua cor e classe social. “Ainda hei de ser governador de Santa Catharina!”, “Hei de morrer mas, hei de deixar nome!”, eram confissões, que, ainda na província, teria feito à uma namorada de juventude.<sup>63</sup> O caminho escolhido – ou encontrado como um dos únicos possíveis – para a notoriedade, para a “classificação social”, como observou o crítico e sociólogo Roger Bastide, foi a arte.<sup>64</sup> A mesma via que, ao tempo de Cruz e Sousa, já

---

<sup>62</sup> Ver Parte 2, correspondências n. 68, 70, 71, 82, 84, 85, 95, 99, 104, 108, 109 e 124.

<sup>63</sup> Trata-se de Pedra Antióquia, noiva de Cruz e Sousa durante oito anos. Em 1915, na cidade de Florianópolis, Pedra Antioquia cedeu uma entrevista a um repórter do jornal carioca *A Noite*. Abaixo, transcrevemos um trecho desse depoimento:

– Tem saudades delle? Lembra-se do poeta todos os dias?

– Oh! sim! Jamais pude esquecer-o. E toda vez que tenho *necessidade* de falar de Cruz e Souza, é como o senhor vê: – coro! O senhor não o conheceu?

– Não.

– Nem mesmo pelo retrato?

– Não. Respondi eu, mentindo sem [*ilegível*]

D. Pedra foi á velha caixa de madeira e della tirou um pequeno album – tão pequeno que poderá caber dentro do bolso de um paletó commum. Folheou-o e entregou-m’o indicando uma pagina:

– Tem aqui um retrato delle, tirado dos 18 aos 19 annos.

Fiquei-me por muito tempo a olhar o retrato do poeta. De pé, recostado, os braços cruzados, o olhar prescrutador, a testa ampla, imberbe, porem, era bem o retrato do “negro sublime” differentemente do que eu conhecia – era bem a photographia do poeta quando, ao lado de Pedra, sonhava um futuro luminoso nas letras e na política e dizia: – “Hei de morrer, mas hei de deixar nome” – com aquella mesma altiva confiança de Tobias Barreto ao exclaimar: – “Hei de ser genio!”. HORA, Mario. A noiva de Cruz e Souza. *A Noite*, Rio de Janeiro, 7 set. 1915.

<sup>64</sup> Escreve Bastide no ensaio “Quatro estudos sobre Cruz e Sousa”, de 1943: “A arte, em todos os lugares e em todos os tempos, tem sido sempre um meio de classificação social. Isso seria demonstrável para a Europa, estudando-se a origem dos artistas, com a ajuda do método de Sorokin. Porém, não é esse o objeto do presente estudo. O que nos interessa é o Brasil e a ascensão do homem de cor. Ora, se a ascensão da mulher de cor se faz pelo amor físico e

havia alçado outros negros e mulatos de origem humilde, tais como Luiz Gama, Machado de Assis e José do Patrocínio, ao patamar de personalidades intelectuais e literárias<sup>65</sup> e que, mesmo antes desses, já havia possibilitado algum grau de ascensão social aos afrodescendentes no Brasil – sobretudo como músicos, pintores e escultores.<sup>66</sup>

Estreando na imprensa local por volta de 1879, com sonetos de inspiração romântica e versos encomiásticos, logo Cruz e Sousa experimentou outras e novas formas literárias. Colaborando em diversos jornais da cidade de Desterro (*A Regeneração*, *O Despertador*, *O Moleque* e *Tribuna Popular*) o jovem autor se firmou, durante os anos de 1880, como um intelectual interessado nos principais debates políticos e culturais de sua época. Dispondo do espaço concedido na imprensa liberal às discussões acerca das reformas estruturais do império (sobretudo à questão da escravidão), datam dessa época boa parte dos seus textos manifestadamente engajados. Dentre eles, o livro *Trópos e Phantasias* (1885), os contos da série *Histórias Simples*

---

pela utilização de sua beleza exótica, a do homem ocorre, antes de tudo, em virtude de seus dons artísticos. É pela música, a escultura ou a poesia que ele se eleva na escala social. Poder-se-ia multiplicar exemplos disso na História do Brasil, principalmente a partir do Império. Mas, existe um caso particularmente típico: o de Cruz e Sousa.” BASTIDE, Roger. Quatro estudos sobre Cruz e Sousa. In: COUTINHO, Afrânio. (Org.). *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. p.157-158. Observe-se que essa opinião, aliás, está na base de uma das teses mais importantes e controversas de toda a fortuna crítica de Cruz e Sousa: a da “nostalgia do branco”.

<sup>65</sup> Raimundo Magalhães Júnior nos lembra ainda os nomes de contemporâneos célebres à época como o do pintor Antônio Firmino Monteiro, o jornalista Ferreira de Meneses e o do médico, bacharel, político e escritor Sales Torres Homem. MAGALHÃES Jr. Op. cit. p. 123.

<sup>66</sup> Sobre as possibilidades de ascensão social dos artistas negros no Brasil escravista, ver: SOUZA, Fernando Prestes de; LIMA, Priscila de. Músicos negros no Brasil colonial: trajetórias individuais e ascensão social (segunda metade do século XVIII e início do XIX). *Revista Vernáculo*, [s.l.], jan. 2011. ISSN 2317-4021. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/vernaculo/article/view/20544>>. Acesso em: 10 abr. 2015. Ver, também: DUQUE, Gonzaga. *A arte brasileira*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995; FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984 e BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

(1887), além de diversos artigos, notas e poemas de temática abolicionista e republicana.<sup>67</sup>

As mudanças sociais e políticas advindas com a Abolição e a proclamação da República, bem como a necessidade de encontrar melhores meios de subsistência, foram algumas das razões que levaram Cruz e Sousa a tentar a sorte na Capital Federal. Após algumas tentativas frustradas de fixação no Rio de Janeiro, no final de 1890, por fim, Cruz e Sousa conseguiu instalar-se definitivamente naquela cidade. Nessa capital, o escritor continuou o seu trabalho como jornalista e colaborou em diversos periódicos (*Cidade do Rio, O Tempo, Novidades...*). Em 1893, após finalmente conseguir um modesto emprego como arquivista da Estrada Central do Brasil, casou-se com Gavita Rosa Gonçalves e, com ela, teve quatro filhos (sendo o último, póstumo). Mal-recebido pelas principais opiniões críticas do tempo, bloqueado em suas pretensões de ascensão social, desiludido com os rumos da Abolição e da República, morreu em 1898, pobre, amargurado, tuberculoso e ignorado por boa parte da elite intelectual brasileira da época.

Como escritor, sempre tendeu ao inconformismo. A princípio identificado com as convenções dos modelos romântico e parnasiano, sua adesão ao simbolismo ocorreu entre os anos de 1890 e 1892, quando – ao lado de Emiliano Pernetta, Bernardino Lopes, Oscar Rosas e outros – integrou o grupo que lançou os manifestos iniciais daquele movimento, no Brasil.<sup>68</sup> Seus livros, *Broqueis* e *Missal* (ambos de 1893), são considerados, hoje, dois marcos fundadores na história do simbolismo brasileiro. Um movimento estético-ideológico pessimamente recebido pelo *establishment* cultural da época e que,

---

<sup>67</sup> Analisei esse período da formação política e intelectual de Cruz e Sousa em minha dissertação de mestrado. SOUZA, Luiz Alberto de. Op. cit.

<sup>68</sup> Sobre a composição da formação cultural a qual Cruz e Sousa integrou, no Rio de Janeiro, durante a década de 1890, informa Andrade Muricy: “O mais antigo grupo de simbolistas – que lançou o movimento e os manifestos iniciais – formou-se em torno de Emiliano Pernetta, redator-secretário da *Folha Popular*, e existiu por volta de 1890-1892. O membro mais prestigioso era, então, B. Lopes, cujos *Cromos* tinham êxito imenso no País. Compunha-se principalmente de: Emiliano Pernetta, Cruz e Sousa, B. Lopes, Oscar Rosas, Virgílio Várzea, Artur de Miranda, Gonzaga Duque, José Henrique de Santa Rita, Alves de Faria, Lima Campos. / Mais tarde, centralizado agora por Cruz e Sousa, ausente já do Rio Emiliano Pernetta, passou a ter a seguinte composição: Cruz e Sousa, Carlos D. Fernandes, Tibúrcio de Freitas, Nestor Vítor, Maurício Jubim, Artur de Miranda.” MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, p. 1254.

durante muitas décadas, foi mal visto ou simplesmente desconsiderado pelas principais vertentes da crítica nacional.

Os capítulos a seguir contam alguns detalhes dessa história.



## 2 “SER ARTISTA COM ESTA COR”

Em junho de 1888, logo após chegar ao Rio de Janeiro, Cruz e Sousa escreveu ao seu protetor, Germano Wendhausen. Nesta carta, o escritor agradecia o empréstimo que lhe possibilitou a viagem à Corte e contava sobre as suas impressões da cidade ainda tomada por algumas reminiscências do 13 de Maio. No mais, nela referia-se a um pequeno, mas significativo, incidente.

Corte, junho de 1888.

Caro amigo Germano Wendhausen

Cá estou nesta grande capital que cada vez mais se distingue pelo movimento e atividade mercantil de que dispõe em alto grau. Isto importa dizer que continuo a ser amigo e apreciador sincero e firme das pessoas que, como o meu belo e generoso amigo, tanto me desvaneceram e honraram com a sua consideração e simpatia. Um dever de cavalheirismo, pois reconheço a franqueza, modéstia e o desprendimento do meu excelente e digno patrício, me faz deixar de falar nas gentilezas incomparáveis que me fez, que eu não esquecerei nunca e que em tempo saberei retribuir como precisa ser.

O senador Taunay recebeu a minha carta, isto é – a carta que os adoráveis e distintos amigos aí me deram para ele; porém nem ao menos me mandou entrar, procedimento esse que me autorizou a não voltar mais à casa de tal senhor. Embora eu precise fazer carreira, não necessito, porém, ser maltratado; e, desde que o sou, pratico conforme a norma do meu caráter. – Deixemos o Sr. Taunay que não passa de um parlapatão em tudo por tudo.<sup>69</sup>

Filho do Comendador Félix Émile Taunay (o Barão de Taunay), neto do pintor francês Nicolas-Antoine Taunay, Alfredo d'Escragnolle Taunay vinha de uma prestigiosa estirpe política e intelectual do

---

<sup>69</sup> Carta de Cruz e Sousa a Germano Wendhausen. Rio de Janeiro, ??/06/1888. Ver Parte 2, correspondência n. 18.

Império, bem como, por linhagem materna, de uma família que incluía alguns aristocratas europeus. Figura destacada na literatura brasileira da época, Alfredo Taunay era também conhecido pelos romances *A mocidade de Trajano*, *Inocência*, *Lágrimas do coração*, bem como de outros títulos que ajudaram a compor o quadro do nosso romantismo, durante a década de 1870.<sup>70</sup> Além de escritor, também foi músico, engenheiro militar, professor da Escola Militar e político de alguma relevância dentro do Partido Conservador. Apesar de natural do Rio de Janeiro, Taunay mantinha relações com as elites políticas de algumas províncias periféricas. Em 1876, foi nomeado Presidente de Santa Catarina e, em 1882 e 1887, foi eleito deputado geral por essa mesma província. Acabou renunciando ao cargo em 1886 por ter sido eleito e escolhido, pelo Imperador, como Senador do Império.<sup>71</sup>

Sua relação com Wendhausen se justificava, entre outras coisas, pelos possíveis contatos de Taunay com os abolicionistas catarinenses. Ligações que, aliás, se explicariam, menos pelo entusiasmo antiescravagista do Senador, do que pelo seu vivido interesse pelas questões da colonização germânica. Vice-presidente da Sociedade Central de Imigração, Escragnonle era também um dos membros mais ativos dessa organização. Fundada, em 1883, por Karl von Koseritz, Hugo Gruber e Hermann Blumenau, no Rio de Janeiro, a Sociedade tinha como objetivo a defesa de políticas que tornassem o Brasil um país mais atraente aos imigrantes europeus e contava, entre os seus chefes, com alguns abolicionistas ilustres durante a década de 1880. Um deles, inclusive, era o engenheiro André Rebouças.<sup>72</sup>

---

<sup>70</sup> CANDIDO, Antonio; CASTELLO, Jose Aderaldo. *Romantismo, realismo, parnasianismo, simbolismo*. São Paulo: DIFEL, 1984. p. 79.

<sup>71</sup> Taunay era também conhecido de João José de Rosas Ribeiro de Almeida (pai de Oscar Rosas e ex-professor de Francês de Cruz e Sousa, no Ateneu Provincial de Desterro). Foi por meio de Taunay que Rosas Ribeiro conseguiu um emprego na Companhia de São Cristóvão e, por conseguinte, permitiu a família de Oscar Rosas fixar residência no Rio de Janeiro, em 1878. Mais tarde, em 1885, Oscar Rosas tornou-se funcionário da Sociedade Central de Imigração. Muitas das suas cartas datadas desse período, inclusive, levam o timbre oficial dessa instituição. Cf. ROSAS, Oscar. *Poesias, contos, crônicas*. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2009. p. 13.

<sup>72</sup> Cf. LIMA, Angela Bernadete. *'Nós declaramos guerra ao latifúndio!': propostas, ações e ideais de imigração/colonização da sociedade central de imigração (1883-1891)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2015.



Contudo, ter abolicionistas em seus quadros não implicava automaticamente em ser uma entidade abolicionista. Como observa Michael Hall, no que dizia respeito à escravidão, a Sociedade Central de Imigração procurava evitar posicionamentos mais explícitos. Só em 1885 (ou seja, dois anos após a sua fundação) é que declarou o seu apoio ao fim do trabalho escravo no Brasil.<sup>73</sup> A rigor, a sua preocupação principal concentrava-se nas reformas legais e sociais que viabilizassem uma alteração da estrutura agrária do país. Daí a sua ênfase na política da imigração europeia. Defensores da pequena propriedade rural, que definiam como expressão de uma “democracia rural”, desejavam a extinção do latifúndio no país. Assim, para a maioria dos seus membros, a substituição da grande propriedade rural e o estabelecimento do minifúndio significaria “a grande reforma”.<sup>74</sup>

Essa perspectiva não era uma novidade. Como observa Emília Viotti da Costa, na prática, o que a Sociedade Central de Imigração fazia na década de 1880 era retomar o antigo objetivo de substituir gradativamente o trabalhador africano escravizado por mão-de-obra livre europeia, por meio da imigração subvencionada e da instalação de pequenos grupos familiares em comunidades patrocinadas pelo governo. Uma política que a administração imperial já havia fomentado com os “núcleos” coloniais desde os anos 1820.<sup>75</sup>

Não obstante, apesar do seu extenso trabalho de propaganda, a Sociedade Central de Imigração acabou fracassando. Ainda que bem aceita entre parte da elite ilustrada, a ideia de se criar uma base social agrícola formada por “fazendeiros auto-suficientes no modelo dos *yeomen* europeus” não vingou.<sup>76</sup> A despeito dos esforços dos seus publicistas, que se estenderam até 1891, a política de estímulo à pequena propriedade “não era o pensamento dos fazendeiros do centro e do oeste paulistas, cuja preocupação máxima sempre fora conseguir braços para a

---

<sup>73</sup> A posição explícita da Sociedade com relação a abolição só ocorreu em setembro de 1887 e, mesmo assim, prevendo-a apenas para o Natal de 1889 e ainda seguida de mais um ano de trabalho compulsório pago pelos antigos escravos. HALL, Michael. Reformadores de classe média no Império Brasileiro: a Sociedade Central de Imigração. *Revista de História*, n. 105, 1976. p. 161-162.

<sup>74</sup> *Ibidem*, p. 155.

<sup>75</sup> COSTA, Emília Viotti. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Unesp, 1998. p. 118.

<sup>76</sup> SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p. 158.

sua lavouras".<sup>77</sup> Assim, como se viu após o golpe de 1889, o que interessava a esses antigos senhores de terras – os mesmos que encabeçaram o movimento que instaurou República – eram os "colonos dóceis" e não os "yeomen independentes".<sup>78</sup>

Mas nem tudo era contraste entre ideólogos e latifundiários. A despeito de eventuais divergências quanto à questão da terra, um ponto que parecia congregar muitos dos grandes fazendeiros e intelectuais abolicionistas entusiastas do imigrantismo. No caso, o julgamento acerca da pretensa superioridade dos camponeses europeus em comparação com os caboclos brasileiros.<sup>79</sup> Efetivamente, muitos dos membros da Sociedade Central de Imigração eram racistas notórios o que se traduzia em certas ambigüidades da instituição com relação a implementação de algumas medidas concretas. Por exemplo, jamais ficou suficiente evidenciado se as suas lideranças compreendiam que a estrutura social e econômica por elas defendida poderia ser implementada sem a presença de um grande contingente de trabalhadores especificamente europeus. Por outro lado, os seus líderes não faziam a menor questão de disfarçar a sua hostilidade com relação à população rural local (composta majoritariamente por negros e mestiços) e que eram definidas por muitos desses publicistas como sendo "indolente", "caprichosa" e "inconstante".<sup>80</sup>

Em suma, era com esse tipo de abolicionismo que Cruz e Sousa se envolvera durante a sua juventude. E era com tipos como Taunay que o jovem escritor precisava lidar, daquele momento em diante, na Corte.

Nesse ponto, talvez seja útil uma reflexão sobre o sentido da queixa de Cruz e Sousa quanto ao tratamento dispensado a ele pelo Senador. É razoável supormos que tal atitude realmente deva tê-lo ofendido e frustrado. E indicativo disto é o fato de, aparentemente, nunca mais ter procurado ou sequer mencionado amistosamente o nome de Taunay em suas cartas. Ou seja, se em algum momento, o contato "Taunay via Wendhausen" foi cogitado como um dos "acessos" possíveis a algum posto oficial, a realidade é que esta aspiração desapareceu logo em junho de 1888.

No entanto, para além da ambição frustrada, creio haver algo mais nesse episódio. O sentimento de contrariedade expresso por Cruz e Sousa em sua correspondência não deve ter se limitado à decepção

---

<sup>78</sup> COSTA, Emilia Viotti. Op. cit. p. 118; SKIDMORE, Thomas. Op. cit. p. 158.

<sup>79</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. cit. p. 154-162.

<sup>80</sup> HALL, Michael. Op. cit. p. 159.

relacionada às suas aspirações profissionais. É provável que o que mais o tenha ofendido não tenha sido sequer a suposta arrogância proveniente de um pretense notável com bríos de aristocrata. E isto porque, aquela altura de sua vida, Cruz e Sousa já estava mais do que habituado a tratar com nulidades desse tipo. Por outro lado, o que possivelmente mais possa lhe ter atingido tenha sido a desconsideração oriunda de um eminente reformador liberal. Um homem ao qual, a despeito de todas as distancias e diferenças de classe, Cruz e Sousa deve, em algum momento, ter imaginado possuir alguma afinidade e ligação. Pois, afinal, não estavam do mesmo lado? Não acreditavam, a despeito de qualquer eventual diferença ideológica ou filiação política, num mesmo conceito superior de “Ideal pátrio”? No mais, acrescente-se a isso o fato de que ambos compartilhavam dos mesmos contatos, da mesma rede de relações dentro do mesmo movimento político. Cruz e Sousa não procurou o Senador em nome próprio. Ao invés, foi atrás de Taunay como representante de um importante coronel da sua terra. Era a Germano Wendhausen a quem Cruz e Sousa estava representando quando se apresentou ao Senador.

Ora, sendo assim, o que explicaria toda aquela indiferença? O que justificaria toda aquela frieza? Seria, pois, a cor da sua pele? Mas como? Não haviam lutado ambos, cada qual a seu modo, pelos mesmos princípios de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”?<sup>81</sup> Não era a “democracia rural”, assim como o abolicionismo, também uma “catadupa de sol”, uma “onda de luz”, um movimento esclarecido, racional, uma dessas causas que “não discute pessoas, não discute indivíduos nem interesses”, mas sim “princípios”, “coletividade”, “fins gerais”?<sup>82</sup> O que havia, ao final das contas, o acidente da cor da sua epiderme que ver com as ideias que comungavam?

Talvez o que Cruz e Sousa ainda não tivesse percebido, em 1888, era o alcance, o significado que certas ideias a respeito de raça passariam a assumir, no Brasil, a partir da nova conjuntura inaugurada a partir da Abolição. E isso, a despeito de todo o falatório liberal que se ouvia por aqueles dias. Nesse sentido, o desdém de Taunay foi só o anúncio de que, mais uma vez, tudo mudava no país para permanecer essencialmente o mesmo.

---

<sup>81</sup> SOUSA, João da Cruz e. Abolicionismo. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa: prosa*. Jaraguá do Sul: Avenida, 2008. v. 2. p. 68.

<sup>82</sup> SOUSA, João da Cruz e. *Dispersos: poesia e prosa*. São Paulo: Fundação da Editora da Unesp; Giordano, 1998. Dispersos, p. 138.

Apesar de não ser uma ideia nova entre os intelectuais brasileiros, o racismo, configurado na crença acerca da superioridade ariana, tornou-se uma proposição assumida como princípio teórico fundamental pela maior parte da elite ilustrada entre os anos 1888 e 1914.<sup>83</sup>

Não obstante, menos do que um conjunto de doutrinas “científicas” sistematicamente difundidas, entre os nossos intelectuais o “arianismo” expressou-se quase sempre de modo particularmente difuso. Em verdade, tais perspectivas eram mesmo incertas o bastante para reunirem praticamente todo o conjunto da população europeia sob o vago rótulo de “arias”.<sup>84</sup> Um vasto leque que abrangia os mais diversos “grupos raciais” desde os “celtas” e “anglo-saxônicos” a até mesmo uma pretensa “raça portuguesa”.<sup>85</sup> Eram as chamadas “raças fortes e vigorosas”. Uma barafunda inconsistente que, por exemplo, reformadores liberais como Karl von Koseritz – um dos fundadores da Sociedade Central de Imigração – , tinham em mente quando sonhavam com um país povoado por pequenos agricultores autônomos.<sup>86</sup>

Mas não seriam apenas intelectuais como Koseritz ou Taunay – de orgulhosa origem ou ascendência aristocrática e europeia – que viriam a representar, entre nós, esse tipo de ideologia. Em breve, tais perspectivas se tornariam cada vez mais vulgares entre as classes letradas. Nesse movimento, também alguns dos velhos companheiros de Cruz e Sousa – muitos deles de extração social apenas um pouco mais do que remediada e de longínquo parentesco com qualquer ramo da chamada “raça indo-ariana” – igualmente buscariam ostentar, com enorme entusiasmo, seus novos predicados teóricos.

---

<sup>83</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. cit. p. 69.

<sup>84</sup> Idem.

<sup>85</sup> “Considerando-se as condições ethnologicas desfavoraveis do Brasil, há sobejos motivos para maravilhar-se de que esta nação tenha podido constituir-se, manter-se e evoluir lentamente. / Examinando a genese do povo brasileiro, deparamos, como primeiro factor, a raça portugueza, o mais degenerado e mesclado ramo da raça aryana, povo atrasado e inepto, e que, além de tudo, fez povoar esta parte do mundo com a escoria da sua abastardada população.” GAMA ROSA, Francisco Luiz da. *Biologia e Sociologia do Casamento*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1887. p. 202.

<sup>86</sup> HALL, Michael. Op. cit. p. 159.

Um exemplo da presença desse tipo de ideia, inclusive no círculo mais íntimo de convivência de Cruz e Sousa, é o caso do escritor Virgílio Várzea.

No ano de 1900 (apenas dois anos após a morte de Cruz e Sousa), quando Várzea apresentou o seu livro *Santa Catarina - A Ilha*<sup>87</sup> à Comissão Comemorativa do IV Centenário do Descobrimento, as más lembranças da chamada Revolução Federalista ainda eram vivas nas memórias dos dirigentes da República. Não gratuitamente, passados os anos, restaurada a “ordem” em Santa Catarina, as suas elites políticas tentavam restabelecer um discurso afinado com os objetivos do Governo Federal. Nesse contexto, do ponto de vista ideológico, o Estado precisava confirmar o seu engajamento no projeto modernizador republicano. Um projeto que, em grande medida, herdava certos objetivos do reformismo liberal dos últimos anos do Império. Entre eles, a formação da nação, como corpo político, e, por conseguinte, o aperfeiçoamento do “povo”, em sua realidade física.

Editado com o apoio do Governo Estadual, *Santa Catarina – A Ilha*, expressava bem esse esforço. O livro, que chegou a ser premiado pela Comissão Comemorativa, ao mesmo tempo em que defendia um discurso favorável ao suposto caráter socialmente transformador do regime, sustentava, também, um otimismo manifesto quanto ao lugar ocupado por Santa Catarina no processo de construção de um novo Brasil. Um país vislumbrado como “moderno” e “progressista”, fiel ao parâmetro de modernidade e progresso representado, naquele momento, pelas democracias liberais dos países industrializados do Hemisfério Norte. Algo que, entre o final do século XIX e início do XX, implicava, necessariamente, nos tornarmos também um país mais “branco”.<sup>88</sup>

Apesar da maior parte de sua obra publicada ser composta por textos de ficção, *Santa Catarina – A Ilha*, representava uma importante ressalva dentre os seus livros mais conhecidos. Neste escrito, Virgílio Várzea ambicionava forjar uma espécie de síntese histórica, geográfica e antropológica de sua terra natal. Para tanto, sustentava suas análises numa cultura rigorosamente eurocêntrica e supostamente científica. Esta característica, por sua vez, fazia com que *A Ilha* reproduzisse exemplarmente uma postura muito peculiar à média-intelectualidade brasileira da época. A saber, o amplo uso de um instrumental teórico determinista e absolutizante. Ferramentas de reflexão importadas acriticamente do pensamento europeu, e completamente alheias à

---

<sup>87</sup> VÁRZEA, Virgílio. *Santa Catarina – A Ilha*. Florianópolis: Lunardeli, 1984.

<sup>88</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., 2007.

realidade social e histórica que Várzea pretendia exprimir em seu ensaio.

Este olhar estranho e externo que Virgílio Várzea voltava ao seu próprio meio em *A Ilha* evidencia-se com maior nitidez ao longo da sua reflexão antropológica e etnológica. Fundamentando suas análises em obras como *As Raças Humanas*, do português Oliveira Martins, ou em traduções francesas de *L'uomo delinquente* (1876) e *Genio e follia* (1877), do italiano Cesare Lombroso, Várzea expunha suas inspirações deterministas, e, em especial, raciológicas. Mas mais do que isso. De fato, ao utilizá-las, Várzea explicitava o seu profundo apego a esses pressupostos teóricos, bem como a sua grande admiração e respeito por alguns dos seus mais eminentes vulgarizadores.

Um exemplo desse tipo de atitude se encontra no capítulo intitulado *A Vida Rural*. Nele, ao dissertar sobre as carroças utilizadas pelos camponeses do interior de Desterro, Várzea recorria a um trecho do livro *Regime das Riquezas*, de Oliveira Martins. A passagem a seguir é uma das muitas citações do escritor português realizadas por Virgílio Várzea em seu livro:

Olhe qualquer para trás: meça o tempo, meça o progresso. Como as conquistas se multiplicam rápidas, à maneira que a idades remotas se estendem no passado em horizontes inapercebíveis. São doze as espécies ou raças naturais humanas? São doze os momentos sucessivos, evolutivos, de criação de homens até se chegar ao Mediterrâneo? Em torno do Mediterrâneo há ainda caucásios e bascos, há semitas – afinal indo-europeus: pois bem, tantos estados sucessivos da mente humana, tantos graus de gente, tantos tempos incontáveis foram necessários para inventar esta coisa vulgar e simples a que se chama roda.

Não faltou quem utilizasse os animais como veículos: só a gente branca soube jungi-los, pôr o estrado sobre o eixo, por nas extremidades do eixo roda – e inventar o carro. Outros não passaram do

trenó [...] Outros não foram além da cavalgada,  
besta de carga.<sup>89</sup>

Várzea tomava a Oliveira Martins como referência teórica isenta e confiável. Contudo, como se não bastasse a eloquência da própria citação, é a seguir, no seu comentário, que Virgílio Várzea coloca a nu as suas próprias convicções pessoais.

Por este trecho do eminente pensador português vê-se quanto custou a inventar essa coisa hoje insignificante, que se chama o carro de boi. *Fica-se conhecendo por aí que só a raça ariana – a raça superior entre todas – pôde levar a cabo, em um dado período do seu adiantamento, a confecção; e que este caracterizou para logo o primeiro momento da circulação das riquezas [...]*<sup>90</sup> (Grifos meus).

Apreciador das coisas da Europa, cultivador de posicionamentos políticos e ideológicos considerados “progressistas” à época, Virgílio Várzea – assim como a maioria dos letrados brasileiros do final do século XIX –, não se encontrava alheio, nem às polêmicas acerca do nosso caráter racial, nem às principais teorias “científicas” que davam sustentação a esses debates. Tal postura, por sua vez, se expressaria, entre outras coisas, por meio da sua ostensiva anglofilia. Predileção que, aliás, influiria de modo bastante evidente em certos procedimentos literários realizados também dentro da sua produção ficcional.

Nesse sentido, altamente representativa do tipo de visão racializada que orientava também ao Virgílio Várzea romancista é o folhetim *O Comodoro*, escrito em parceria com Oscar Rosas, ainda em 1890, e publicado, no mesmo ano, no jornal *Cidade do Rio*. Em *O Comodoro*, o ponto de vista racial do texto já fica explicitado desde a abertura da trama. Nessa passagem, o jovem George Marcial, interage com o amigo Carlos Backer. O diálogo, por conseguinte, incorpora muitas das ideias e dos valores que ambos expressariam em suas

---

<sup>89</sup> MARTINS, Oliveira. *Regime das Riquezas*. Apud VÁRZEA, Virgílio. Op. cit., 1984, p. 199.

<sup>90</sup> VÁRZEA, Virgílio. Op. cit., 1984, p. 199.

locações extra-ficcionais. Sobretudo em alguns comentários que podemos verificar em suas cartas e artigos de jornal.<sup>91</sup>

O nosso "comodoro" chamava-se George Marcial, e o título de "Comodoro" lhe viêra, quando em serviço da marinha inglesa, ainda muito joven, um verdadeiro "boy", no bombardeio de Alexandria.

[...]

Da suas extraordinarias viagens por todo o mundo, obtivera uma larga cultura, e o seu contacto com a grande civilização dos povos mais adiantados da Europa e com a civilização nova e cyclopica dos Estados-Unidos, dera-lhe uma certa mordacidade desdenhosa e cruel para as nacionalidades acanhadas e que, timidamente, como nós, marcham na bagagem.

O espirito, de ordinario tão lucido, de George, era victimado por esse preconceito e os sarcasmos os mais lacerantes alvejavam sobre o Brazil, a proposito de cousas minimas.

A indignação e o desprezo chegavam aos ultimos limites e affrontavam o ridiculo das opiniões extremadas, porquanto o Comodoro pretendia, muito sériamente, por exemplo, que as nossas populações ruraes não conheciam outro

---

<sup>91</sup> Exemplar, nesse aspecto, são as confissões amorosas expressas por Virgílio Várzea em suas correspondências com Cruz e Sousa. Em 1888, tratando do seu enamoramento por Lilly Primrose (uma jovem escocesa que conhecera em Desterro), Várzea fazia a seguinte declamação: “Vivo de amor, vivo de ideal, do fogo e da resplandecencia da carne, de verdadeiras mesquinhas, no pensar de muitos, é certo. Mas, sou supremamente feliz, feliz como um deus ou como uma estrella que vive bem alto, longe, cheia de luz, no Infinito... E certamente ninguem ha no mundo que se me compare agora - nem um rei, nem um sol! / Eu mesmo sou um rei e um sol - dou vida, alegria, encanto e fulgôr á minha amada, á minha bem amada, que é, como sempre foi todo o meu desejo, uma mulher de raça superior, dá unica raça que sabe gosar no mundo e ter valor - a raça britanica, rica, diamantina, cheia de saudade e vigor, sem nervosismos, sem achaques, sem lenço nos queixos, sem callos - só possuindo talento, scintillação e graça.” Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. Desterro, 10/11/1888 (AMLB/FCRB). Ver Parte 2, correspondência n. 26.



genero de alimentação, além da farinha de mandioca, affectando diversos nomes.

Depois, com a permanencia na patria, modificou algum tanto essas opiniões descabelladas, mas sempre continuou a julgar deficientissimas as nossas cousas e o caracter nacional.

Esse caudaloso desdem, que d'elle descia para a Nação, como um Paulo Affonso bramante, era uma loucura de patriotismo, querendo ver o seu paiz, que tem uma magestade na vastidão do territorio, dominando pela attitude, pela força e pela nobreza.

[...]

A rua do Ouvidor parecia-lhe um corredor fabricado pelos castores e pelos ratos, em presença das monumentaes ruas á moda de Vienna, Pariz, Londres e New-York.

Os amigos diziam-lhe:

– Deixe estar, você se acostuma! Ainda ha de achar tudo isto bonito.

– E as mulheres? Sim, as mulheres? interrompia o "Commodoro". Vocês acham que a isto se possa chamar mulheres? Um as rachiticas, enfezadas, algumas sem dentes, até as tenho visto desprovidas de seios! E vocês chamam a isso mulheres! E ellas querem ser as iguaes e as semelhantes ás mulheres de Vienna d'Austria, de Inglaterra e dos Estados-Unidos. Quanta pretensão!

– Anda lá! dizia-lhe o Carlos Backer, um filhotes de inglez, já nascido no Brazil. Não ha de tardar muito que os teus olhos se acostumem com a côr de jambo... Não ha nada como a moreninha brasileira!

– Si tu me mostrares alguma cousa que não seja mulherzinha "figura de mesa", um biscuitsinho que apenas póde dar á luz, mas não póde crear os filhos, si tu me mostrares alguma cousa que preste n'esta terra, ó Backer, então ver-se-ha o que é possível pensar a respeito...

– O negocio é facil, fez o Carlos. Estamos na rua do Ouvidor, a tal ruela feita pelos ratos, como

tu dizes: hoje é quinta-feira, e, inevitavelmente, veremos, d'aqui a pouco, a Magnolia.

– Mas de que tamanho será essa Magnolia? Já d'aqui a estou vendo, a brasileira-alfirim, com a vizinha muito fraca, muito atada, muito ignorante, muito nervosa, um typo das nossas mulheres...

– É, sim... vae desdenhando muito, que has de ficar pelo beijo...

– Mas, ao menos, não se poderá saber a procedencia dessa Magnolia? porque não me admiraria que, sendo filha d'alguma familia estrangeira, podesse apresentar alguma coisa de "distingué"...

– Qual familia estrangeira, qual nada! Bem nossa e bem cabloca que é ella! É filha do senador visconde de Itapoan...

– Porque diabo será assim tão interessante essa cabocla?...

– Olha, ella ahi vem. Anda lá! bota-lhe os olhos e não te faças de desdenhoso.<sup>92</sup>

O senso estético do protagonista traz de modo indisfarçável o critério de raça. Basicamente, segundo a sua visão, as mulheres brasileiras seriam são pouco desejáveis pelo biótipo resultante de uma infeliz mistura racial que caracteriza a população do país. Essa percepção é tão estruturante da psicologia do personagem que o seu posterior interesse amoroso por uma “cabocla” constituiu o próprio núcleo dramático da história. O conflito central da trama.

À época da sua produção, Várzea considerou *O Commodoro* como sendo o seu melhor trabalho até aquele momento e, a despeito da sua parceria com Oscar Rosas, reivindicava-o todo para si. Ambicionava mesmo retomá-lo num trabalho individual. Numa carta a Cruz e Sousa, datada de 26 de novembro de 1890, descrevia assim os seus sentimentos e expectativas com relação à obra:

Ha tres noites por semana, que me sento à meza da escripta às 7 horas e só me levanto às 4 da manhã. Vê lá tu que suplicio! O *Commodoro*, o romance que estou escrevendo com o Oscar, me tem comido toda a originalidade mental e bebido

---

<sup>92</sup> ROSAS, Oscar; VARZEA, Virgilio. *Commodoro*: romance fim de seculo. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 5 nov. 1890.

todo o meu sangue... Como poderás vêr, pelos numeros que te envio, tu que conheces bem a conformação e direcção do meu espirito – a criação do *Comodoro* é toda minha, e o que é mais de romance é tudo meu, pois o Oscar faz a cousa, se bem que seja com talento, como se fizesse um artigo de jornal. O Oscar, por ora, não possúe bem a envergadura para o romance, e devido a isso tenho quasi que um arrependimento de ter-me lançado á obra tão poderosa, com elle. O *Comodoro* é a melhor obra que tenho produzido até hoje, apesar de ser feita sem tempo e sem meditação, pois nós sabemos que para a facturação de semelhantes trabalhos são necessarios annos. Eça de Queiros, o extraordinario romancista, é uma prova disso.<sup>93</sup>

O entusiasmo de Várzea para com a sua autoproclamada “obra-prima” não diminuiu ao longo do tempo. Anos mais tarde, já em 1901 (um ano após a publicação de *A Ilha*) Várzea retomaria esse folhetim e o reelaboraria, agora, sob o título de *George Marcial*. Em suas páginas, podemos encontrar certas confluências da mesma cosmovisão que orientava tanto o seu ensaio de 1900 quanto o folhetim de 1890. Nesse sentido, a seguinte passagem do monólogo atribuído por Virgílio Várzea ao seu protagonista, é reveladora de certos paralelos ideológicos. E não só entre a sua própria obra, note-se, mas, também, entre esta e a dos reformadores liberais ligados à antiga Sociedade Central de Imigração.

– Como isto aqui é admirável, Carlos! Que possante natureza! Este país, bem povoado e civilizado, seria o primeiro do mundo! O futuro deste colosso, deste imenso El-Dorado, depende apenas da colonização, mas da colonização de povos das grandes e fortes raças, saxões, eslavos; romanos... As províncias do sul, onde já se faz sentir a influência desse belo elemento, têm o progresso assegurado. Olha o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, que são os únicos pontos do Brasil bem conhecidos na Europa!... Não imaginas, filho desta terra, mas tendo passado toda a existência até hoje fora dela,

---

<sup>93</sup> Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 26/11/1890 (AMLB/FCRB). Ver Parte 2, correspondência n. 66.

sinto-me entretanto arrebatado, surpreendido por estes maravilhosos quadros de bucolismo e paisagem. Ah! quanto consola e ilumina a alma o esplendor, paradisíaco deste canto abençoado!... Que pureza de ar e como isto cheira a virgindade!...<sup>94</sup>

A similaridade entre o fragmento acima e certas propostas políticas e atitudes mentais de homens como Alfredo d'Escagnolle Taunay são muito mais do que simples coincidência. Ao que parece há uma evidente filiação ideológica entre o grupo que fundou a Sociedade Central de Imigração, em 1883, e a formação cultural da qual Cruz e Sousa fez parte durante a década de 1890. Algo que, por sua vez, ao menos no caso de Virgílio Várzea, se traduzia, também, em forma literária. Como última evidência em favor desse argumento, confronte-se, por exemplo, as passagens anteriormente citadas com o que diz Michael Hall em sua pesquisa:

Não é questão totalmente óbvia se Taunay aceitava as teorias mais extremas do determinismo racial. Ele insistia, por um lado, que o exemplo dado pelos agricultores europeus poderia reformar completamente os libertos, os trabalhadores nacionais e os caboclos, inspirando-lhes o desejo de emular os hábitos de trabalho do europeu e um nível mais alto de vida.<sup>95</sup>

E, mais adiante, citando Taunay:

“É impossível”, argumentava Taunay, proporcionar “a convenientemente evolução moral” das classes baixas “sem o estímulo dado praticamente pelas mais adiantadas raças da Europa”.<sup>96</sup>

---

<sup>94</sup> VÁRZEA, Virgílio. *George Marcial*. Disponível em: <[http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/\\_documents/georgemarcial-virgilio.htm](http://www.literaturabrasileira.ufsc.br/_documents/georgemarcial-virgilio.htm)>. Acesso em: 4 dez. 2016.

<sup>95</sup> HALL, Michael. Op. cit. p. 161.

<sup>96</sup> TAUNAY, Alfredo d'Escagnolle. *A Imigração*, Rio de Janeiro, set. 1885 Apud Idem.

Hall prossegue: “Por outro lado, ele [Taunay] parece ter acreditado na superioridade genética do europeu, e, por exemplo, atribuiu à imigração a prosperidade da província do Paraná.” E, mais uma vez, remete-se às palavras do próprio Senador: “‘O sangue ativo dos filhos das regiões europeias de que nos vem a civilização e as luzes’, disse, já era ‘preponderante... em suas veias (da população paranaense)’”.

Mas, como já foi dito, ao longo dos anos 1880 e, sobretudo, após 1888, algumas crenças ligadas a ideia de raça assumiram um alcance e significado totalmente novo no cenário cultural brasileiro. Para muito além dos grupos reformistas formados por ideólogos liberais dotados de vagas noções acerca do tema, o “racismo científico” se estabeleceu como um verdadeiro paradigma científico defendido, inclusive, nas nossas principais instituições de ensino superior. No começo da década de 1890, por exemplo, personalidades científicas brasileiras respeitáveis, como Nina Rodrigues, tendiam a ver como “divagações sentimentais”, “utopias de filantropos”, as opiniões de que um representante das “raças inferiores” pudesse lograr alcançar, pelo uso das suas faculdades intelectuais, os “extraordinários progressos da civilização europeia”. Segundo o médico legista e antropólogo, a afirmação

[...] de que por largo prazo viveu a raça branca, a mais culta das secções do genero humano, em condições não menos precarias de atraso e barbaria [em referência àquelas atribuídas à África no final do século XIX]; o facto de que muitos povos negros já andam bem proximos do que foram os brancos no limiar do periodo historico; mais ainda, a crença de que os povos negros mais cultos repetem na Africa a phase da organização politica medieval das modernas nações européas (Beranger Feraud), não justificam as esperanças de que os negros possam herdar a civilização européa e, menos ainda, possam attingir a maioridade social no convívio dos povos cultos.<sup>97</sup>

Para o pesquisador – que, aliás, era mulato – “a capacidade cultural do negro brasileiro” deveria ser percebida com ceticismo. Sua

---

<sup>97</sup> RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. p. 399.

obra inteira consagrou-se à controvérsia que, a luz de toda a reflexão ponderada, sensata e “objetiva”, era percebida como uma questão, no limite, insolúvel. O “problema ‘O negro no Brasil’” – “essa esfinge do nosso futuro”, como o definia Nina Rodrigues – representaria, desse modo, uma das principais tragédias do desenvolvimento nacional.

Compartilhando de muitos desses pressupostos “científicos” estava outra figura relevante na formação cultural da qual Cruz e Sousa fazia parte: o médico e político gaúcho Francisco Luís da Gama-Rosa.

Ex-aluno do naturalista Fritz Muller, no Liceu Provincial de Santa Catarina; formado, em 1876, pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Gama-Rosa foi uma das principais influências intelectuais da chamada “Guerrilha Literária Catarinense”, durante os anos 1880, e causou profunda impressão em escritores como Virgílio Várzea e Cruz e Sousa. As opiniões de Gama Rosa sobre ciência e literatura foram decisivas em diversas escolhas intelectuais realizadas por Cruz e Sousa, tanto em seus anos de entusiasmo para com o naturalismo, quanto depois, já durante o seu período como poeta simbolista. Em carta a Gonzaga Duque, por exemplo, datada de 11 de abril de 1894, ao discutir a organização de uma nova revista de arte, o poeta escreveu:

Penso também que o único homem fora da nossa linha artística de seleção relativa possível, que deve ser simpaticamente admitido para críticas científicas, para artigos de caráter positivo e moderno, é o Dr. Gama Rosa, que podemos considerar, à parte toda a nossa independência e rebelião, como um austero e curioso Patriarca do Pensamento novo.<sup>98</sup>

Voltarei a tratar de Gama Rosa mais adiante. Por hora, cabe observar que, ilustrativo da importância que Gama-Rosa assumiu durante o processo de formação intelectual e política de Cruz e Sousa, está a sua leitura do livro *Biologia e Sociologia do Casamento*, de 1887. Nessa obra – uma reedição da própria tese de doutoramento de Gama Rosa –, o médico fez uma crítica indireta ao Estado e à sociedade brasileira do Segundo Reinado. Tomando como modelo “nações adiantadas” (em especial o dos Estados Unidos), Gama Rosa elogiava o caráter laico e não intervencionista de certos governos estrangeiros. Do

---

<sup>98</sup> Carta de Cruz e Sousa a Gonzaga Duque. Rio de Janeiro, 11/04/1894. Ver Parte2, correspondência n. 118.

mesmo modo defendia, como uma necessidade da “evolução social”, a superação de algumas práticas sociais e hábitos mentais que representariam, no Brasil, “sobrevivências históricas absurdas”, “instituições do passado”.<sup>99</sup> A seu ver, seria esse o caso da indissolubilidade do casamento religioso – uma instituição percebida pelo autor como antagônica aos princípios darwinistas da evolução biológica e contrária aos pressupostos spencerianos da evolução social.

Em sua “Advertência”, texto introdutório à *Biologia e Sociologia do Casamento*, Gama Rosa alinhava-se teoricamente e explicitava as suas intenções políticas:

Tendo-se esgotado a I.<sup>a</sup> edição da obra – *Hygiene do casamento* – publicada em 1876, julgamos dever preparar outra edição; mas, o apparecimento e diffusão no nosso meio social, desde essa época, das idéas positivas, tornou essencial a transformação completa e absoluta de todo o trabalho, ao qual não coube mais o titulo primitivo.

Afora a parte descriptiva, base e fundamento das theorias scientificas e philosophicas, todas as questões acham-se, ahi, tratadas de modo abstracto e generalizado, affastando-nos systematicamente e irresistivelmente dos logares communs, banaes, e offerecendo diversas interpretações, explicações e pontos de vista, aos quaes não faltará originalidade.

Tanto quanto possível, procuramos applicar ao Brasil, n’este assumpto, os principios e doutrinas scientificas e philosophicas, sem nos limitarmos comtudo a esse ponto restricto, não desconhecendo o caracter universal da Sciencia.

Demos consideravel extensão, em todo o correr do trabalho, á idéa do *Casamento civil obrigatorio com divorcio*, por julgamol-a de adopção indispensavel e urgente no nosso paiz.<sup>100</sup>

Mais do que a defesa do casamento civil – uma das muitas reformas sociais e legais exigidas pelos reformistas liberais, no século XIX –, *Biologia e Sociologia do Casamento* argumentava em favor de

---

<sup>99</sup> GAMA ROSA, Francisco Luís da. Op. cit., 1887, p. 168.

<sup>100</sup> Ibidem. p. v-vi.

um Estado totalmente reformado conforme os princípios de uma visão política secular e “cientificamente” orientada. Profundamente influenciado pelas ideias de Herbert Spencer e por certa interpretação da Teoria da Evolução de Darwin, Gama Rosa estava convencido de que, mais do que formar cidadãos livres, as reformas políticas e institucionais deveriam visar à criação de uma população brasileira racialmente aprimorada, superior e saudável.

Aparentemente impressionado com os argumentos e erudição demonstrada por Gama Rosa, Cruz e Sousa escreveu uma resenha altamente favorável a *Biologia e Sociologia do Casamento*. Publicada no jornal *A Regeneração*, provavelmente na edição de 2 de janeiro de 1887, o jovem escritor apoiava a ideia geral, apresentada no livro, de que interferência da Igreja na dinâmica das relações matrimoniais seria, de fato, uma excrescência da “evolução histórica” e que, a longo prazo, inviabilizaria o aperfeiçoamento racial dos povos que a conservassem.

Escreve Cruz e Sousa:

A complexidade de espírito, a forte chama imaterial de talento e o elevado poder técnico do filósofo brasileiro, solidificados por um largo critério indestrutível e por um vastíssimo cabedal de conhecimentos teóricos das questões e problemas que esclarece com a sua ininterruptível onda psíquica de saber e de luz, não estão ao nível das capacidades inferiores, nem podem ser medidos pelas conformações débeis, que não pairam como os pensadores, como os filósofos nos altos ares soberanos da crítica científica.

Os documentos, os dados, e todo o material ativo e regularizado da sua obra, a ferramenta de que ele se serve para poli-la, para dar-lhe convicção, sinceridade e verdade, estabelecem um ponto de partida geral dominante, utilitário, e prático. Daí partem, então, as poderosas razões, caras, iluminadas e puras, deduzidas das diferentes fórmulas de casamento, como a monogamia, a poligamia, etc., em uso nas diversas tribos de raças indo-europeias. O casamento civil com divórcio está biologicamente, sociologicamente demonstrado na obra de que tratamos, que é uma necessidade coletiva da família brasileira. No estado de evolução e ampliação de raciocinamentos práticos



e positivos, lógicos e humanos a que as gerações chegaram, retardar ou embaraçar o desenvolvimento completo da família é atrasar, é puxar para trás a humanidade. A família deve ser, não uma parte dependente dos fatores sociais, mas sim um corpo unitário, complexo como um organismo, entrando, como agente principal em toda a orientação da vida moderna. Da família sairão, pela sanguinidade, pelos *meios*, pelos temperamentos, pelas influências e relações sexuais, pelo cruzamento de elementos de raças melhores, as bases e uma sociedade nova que há de garantir e aperfeiçoar a atividade material e intelectual futuras, definindo e acentuando a estética do tipo. E, para chegarmos a esse complemento radical, integral, dos direitos da felicidade humana, é o casamento civil com divórcio a única força preparadora e naturalmente estabelecida no nosso centro, mesclado de tipos descontraídos e opostos ao progredimento deste ramo sul da raça latina.

Entre nós, brasileiros, há uma defectiva tendência etnológica, comparada com a de todos os outros povos, como um *cachet* especial, para a exterioridade nas aspirações. Não se vê o caráter nacional de investigação e generalização no desdobrar dos fenômenos que os próprios fatos biológicos nos apresentam.

O caráter exterior, tão pujantemente explicado e tão sabiamente desenvolvido por Spencer na *Educação intelectual e física*, documentado pelo testemunho de Humboldt, nos índios orinoques, tem servido até hoje de embaraço às faculdades criadoras de longa reforma social do individualismo da nação. Por ora, no Brasil, toda a integração de crítica, toda a aplicação sintética de filosofia é flutuante e vaga como as névoas que nascem dos lagos silenciosos, adormecidos na nitidez e na transparente brancura das manhãs.

O Dr. Gama Rosa, portanto, trazendo à luz da ciência as causas que a matrimonialidade católica obrigatória produz, não concorrendo para a seleção natural, não protegendo nem dignificando os destinos nem os misteres para os quais a humanidade se propõe – para engrandecer-se –

presta um distintíssimo e o mais real e franco serviço à sociologia, honrando-a com a amplidão do seu espírito superiormente alimentado de ideias evolutivas.<sup>101</sup>

A boa avaliação do livro, por sua vez, foi recebida com lisonja pelo próprio Gama Rosa. Em correspondência com Cruz e Sousa, o médico comenta a resenha a *Biologia e Sociologia do Casamento* e, em tom professoral, observa os acertos e imperfeições da leitura realizada pelo escritor.

Rio, 28 de Junho de 1887,

Meu caro amigo.

Recebi a sua carta de 21 do corrente e bem assim alguns n.<sup>os</sup> da *Regeneração*, contendo escriptos seus, entre os quâes uma apreciação da minha obra, em q. o meu amigo manifestou notabilíssimo sentimento critico, m.<sup>to</sup> vidente, apprehensor e delicado. Basta dizer-lhe que o seu artigo, como uma immensa liana, carregada de flores, envolveu nos arabescos de suas volutas toda a minha obra. Como todos os seus escriptos, esse possui das lianas a flexibilidade, os festões e a exuberancia. Como bem deve perceber, foi-me muito aprovavel ver o meu livro interpretado por essa forma.

O final do artigo possui uma eloquencia muito sentida. Accentuou bem a nota de serenidade meiga, de tranquillidade solemne de todo o trabalho; foi essa a minha intenção; e vejo que o meu amigo está apto a receber todas as impressões, ainda as mais tenues e subitaneas impressões, de qualquer trabalho. Isto quer dizer que ha de chegar á todas as perfeições no estylo e idéas: aquillo que se sente, está proximo á realização. Quanto aos senões da sua crítica, esses, por enquanto, não podiam deixar de ser inevitaveis. Mas, esses senões, relativos á parte scientifica e philosophica, são cousas

---

<sup>101</sup> SOUSA, João da Cruz e. *Biologia e sociologia do casamento* (pelo Dr. Gama Rosa). In: \_\_\_\_\_. Op. cit., 2008. v. 2. p. 70-72.

insignificantes, separáveis em algumas pennadas profissionais. Assim como está, porém, satisfiz-me amplam.<sup>102</sup>, porquanto traduziu, interpretou em cousa, leves, mimosas e acariciadoras todas as idéas do meu livro.<sup>102</sup>

Como se vê, Gama Rosa parecia considerar Cruz e Sousa como a um escritor de talento, um bom estilista, mas pouco destro no que dizia respeito às questões de ordem “científica e philosophica”. Tal impressão, por sua vez, se manteria ao longo do tempo. Décadas mais tarde, já em 1914, num dos artigos de *Sociologia e Esthetica*, Gama Rosa recordaria assim o antigo discípulo:

O poeta dos "Broqueis" jamais foi inclinado à leituras persistentes, contentando-se com explanações verbais dos companheiros, apreendendo-as com maravilhosa intuição.

Esse fato, sem dúvida, prejudicou a erudição de Cruz e Sousa, revelada em superficialidades e incertezas não tanto em poesia, amparada pelo ritmo musical, mas em extenações de prosa, desprovidas parcialmente de concatenação e coerência.<sup>103</sup>

Esse julgamento não deve surpreender. O ceticismo de Gama Rosa quanto ao alcance de Cruz e Sousa no que dizia respeito às questões de natureza científica ou filosófica, harmonizava-se perfeitamente com certos pressupostos do determinismo racial que o médico comungava. Tal como Nina Rodrigues, Gama Rosa parecia duvidar, por princípio, da “capacidade cultural do negro brasileiro” e tendia a limitar à algumas expressões de caráter mais “intuitivo” ou “sentimental” as manifestações intelectuais dos afrodescendentes. Para Gama Rosa, portanto, qualquer divergência expressa por Cruz e Sousa no que tangesse às suas próprias opiniões a respeito de arte ou ciência, muito provavelmente, se explicaria pelos supostos limites impostos pela condição racial do poeta. Indicativo dessa visão é o fato de que, tais

---

<sup>102</sup> Carta de Gama Rosa a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 28/06/1887 (AMLB/FCRB). Ver Parte 2, correspondência n. 10.

<sup>103</sup> ROSA, Francisco Luís da Gama. *Sociologia e Esthetica*. Rio de Janeiro: Jacintho Ribeiro dos Santos Livreiro-Editor, 1914. p. 279.

críticas, sempre se restringiram única e exclusivamente à Cruz e Sousa, jamais a qualquer outro dos seus protegidos.

A angústia por se afirmar num meio extremamente suspeito e adverso a qualquer consideração frente às suas habilidades e potencialidades intelectuais deve ter influído poderosamente no afã de Cruz e Sousa em se identificar com o modelo cultural dominante. Tal busca o levou, em mais de uma vez, a reivindicar para si o próprio status de “ariano”. É isto, por exemplo, o que encontramos em algumas passagens da sua correspondência com Virgílio Várzea (este sim, discípulo favorito de Gama Rosa).

Corte, 8 de janeiro de 1889.

#### Adorado Virgílio

Estou em maré de enjôo físico e mentalmente fatigado. Fatigado de tudo: de ver e ouvir tanto burro, de escutar tanta sandice e bestialidade e de esperar sem fim por acessos na vida, que nunca chegam. Estou fatalmente condenado à vida de miséria e sordidez, passando-a numa indolência persa, bastante prejudicial à atividade do meu espírito e ao próprio organismo que fica depois amarrado para o trabalho.

Não sei onde vai parar esta coisa. Estou profundamente mal, e só tenho a minha família, só te tenho a ti, a tua belíssima família, o Horácio e todos os outros nobres e bons amigos, que poucos são. Só dessa linda falange de afeições me aflinge estar longe e morro, sim de saudades. Não imaginas o que se tem passado por meu ser, vendo a dificuldade tremendíssima, formidável em que está a vida no Rio de Janeiro. Perde-se em vão tempo e nada se consegue. Tudo está furado, de um furo monstro. Não há por onde seguir. Todas as portas e atalhos fechados ao caminho da vida, e, para mim, pobre artista ariano, ariano sim porque adquiri, por adoção sistemática, as qualidades altas dessa grande raça, para mim que sonho com a torre de luar da graça e da ilusão, tudo vi escarnecedoramente, diabolicamente, num tom grotesco de ópera bufa.

Quem me mandou vir cá abaixo à terra a calceta da vida! Procura ser elemento entre o espírito humano?! Para quê? Um triste negro, odiado pelas castas cultas, batido das sociedades, mas sempre batido, escorraçado de todo o leito, cuspidado de todo o lar como um lebroso sinistro! Pois como! Ser artista com esta cor! Vir pela hierarquia de Eça, ou de Zola, generalizar Spencer ou Gama Rosa, ter estesia artística e verve, com esta cor? Horrível!<sup>104</sup>

Apesar de ser um documento bem conhecido dos críticos e biógrafos de Cruz e Sousa, curiosamente essa carta não costuma provocar maiores discussões. Toma-se a passagem relativa à raça ariana, talvez, como um simples recurso retórico. Não me parece ser o caso. Por mais paradoxal que possa soar a alguns, todas as evidências indicam que Cruz e Sousa tinha muito bem introjetada a perspectiva racialista comum ao meio intelectual da sua época. Algo que, por sua vez, não implicava necessariamente em admissão de inferioridade. Bem pelo contrário. De fato, Cruz e Sousa buscava se valer da crença acerca da superioridade ariana para se engrandecer frente ao seu interlocutor. Vale-se precisamente dessas ideias para destacar os seus próprios atributos. É o dominado articulando e ressignificando a língua do dominador para alcançar os seus próprios objetivos. “A raça ariana”, dizia-se no Brasil do final do século XIX, seria “dona e senhora do mundo pelos seus invejáveis predicados psíquicos”, por conseguinte, “a civilização moderna há de se modelar pelos tipos inglês e norte-americano”.<sup>105</sup> Assim, considerando-se a crença, então difundida entre a nossa elite intelectual, de que o africano e os seus descendentes, em contraste com o “ariano”, o branco europeu, seriam intrinsecamente incapazes de produzir “civilização”, cultura tida como “superior”, não deixa também de sugerir um certo tom de desafio essa reivindicação de “arianismo”. Há aqui a indicação de um forte desejo de se impor. Ao afirmar que adquiriu as qualidades arianas, Cruz e Sousa estaria afirmando a sua capacidade individual de dominar os padrões simbólicos impostos. Tal aspiração, por sua vez, é o que, segundo o crítico Roger Bastide, explicaria parcialmente a própria adesão de Cruz e Sousa à estética simbolista. Uma “poesia essencialmente nórdica”,

---

<sup>104</sup> Carta de Cruz e Sousa a Virgílio Várzea. Rio de Janeiro, 08/01/1889). Ver Parte 2, correspondência n. 30.

<sup>105</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. cit. p. 79.

estritamente identificada com as paisagens e tradições literárias do Norte da Europa.<sup>106</sup>

Não obstante, para além de qualquer falsa polémica acerca do suposto “adesismo” ou subserviência ideológica de Cruz e Sousa frente aos padrões de pensamento dos representantes intelectuais da nossa oligarquia, o fato é que, apesar de dificilmente podermos definí-lo como um entusiasta do racionalismo “científico”, nem mesmo ele pôde passar ao largo de certos pressupostos amplamente difundidos entre a elite intelectual da sua época. Em 1887, por exemplo, à propósito de um artigo sobre Émile Zola, Cruz e Sousa argumentava nos seguintes termos:

A sociedade, na sua maior parte, é obtusa e não pode penetrar, como uma luz não penetra uma parede, em sentimentos muito leves, muito fluidos, que só um vasto cultivo e aperfeiçoamento estético consegue apreender.

No Brasil, por exemplo, a seleção dos espíritos não se fez ainda totalmente porque é necessário, primeiro, para isso, que concorram elementos, principalmente étnicos, para depois se formar o tipo da nossa mentalidade. E numa raça de atributos diversos, heterogêneos, sem condensamento, dificilmente se pode determinar o objetivo psíquico. Porque, se é certo que no Brasil há um grupo ilustre de escritores com a plasticidade necessária para a adaptação de ideias gerais, uns temperamentos mais requintados, mais exóticos, mais artísticos, com penetração mais aguda, é certo, também, que estão fora da sua época, relativamente, porquanto o meio não comporta ainda todas as suas excentricidades, nervosismos e pontos de vista novos, o que os faz

---

<sup>106</sup> “Se há uma poesia essencialmente nórdica, essa será exatamente a poesia simbolista. [...] Não são temas simbolistas: o calor luminoso do sol, mas sim o frio límpido da lua; não a cabeleira negra, mas a cabeleira dourada dos nórdicos, ou o outono dos cabelos ruivos; é o cisne e é a neve; é o cinza das planícies do Norte. Como se poderá explicar então que o maior representante da escola simbolista no Brasil que encontrou sempre pelo seu caminho, para detê-lo, o preconceito de cor? Há aí um verdadeiro paradoxo, que só se pode explicar pelo caráter [socialmente] ‘classificador’ do simbolismo”. BASTIDE, Roger. Quatro estudos sobre Cruz e Sousa. In: COUTINHO, Afrânio. Op. cit., 1979, p. 158.

prevalecer pouco ou vagamente, sem tomarem a posição que lhes compete.

Nem quase se pode responsabilizar ninguém por esse fato, que depende de razões muito fundamentais.

Seria como quem quisesse responsabilizar a raça negra pela diferença do pigmento, que apenas obedece a um simples fenômeno de química biológica.<sup>107</sup>

Como se vê, a coisa toda era muito mais complicada do que pode nos parecer hoje. Entre o final do século XIX e início do século XX, a maior parte da nossa elite intelectual ou era cética ou francamente pessimista quanto ao que chamavam de “problema racial” brasileiro. Nesse cenário era aceitável o dar-se diferentes respostas a esse “problema”, mas não ignorá-lo. Fugir de certos termos colocados no debate público da época era praticamente impossível a qualquer um que almejasse um mínimo de credibilidade junto às classes letradas. Mas nem tudo era absolutamente rígido, imóvel, claro. Havia algum espaço de manobra. Manuel Bomfim, Alberto Torres, Álvaro Bomilcar e Araripe Júnior, por exemplo, demonstram que, até certo ponto, era possível a alguns autores cultivarem uma posição razoavelmente crítica com relação às teorias raciais em voga. Este último, aliás, em sua apresentação ao livro *Esboços e Fragmentos* (1899), de Clóvis Beviláqua, chegou a classificar a teoria da inferioridade racial como “pérfida”.<sup>108</sup> Mas tais reservas não eram isentas de limites e mesmo os mais ferrenhos críticos do determinismo racial não conseguiam livrar-se totalmente dos vícios desse padrão de pensamento. O mesmo Araripe Júnior, por outro lado, numa crítica a Cruz e Sousa, depois de chamá-lo

---

<sup>107</sup> SOUSA, João da Cruz e. Emile Zola. In: \_\_\_\_\_. Op. cit., 2008, v. 2, p. 87-88. E, ainda, no mesmo artigo, escrevia: “Só a perfectibilidade cerebral mais delicada, mais dúctil, com mais vibração sensacional, poderá finamente perceber, em todos os minuciosos detalhes, esse excêntrico e assombroso vulto que enche a França e o mundo, embora o mundo inteiro seja ainda um academismo, esteja preso ainda, se bem que não manifestamente, à casuística da metafísica; embora por aí andem, mal percebidos e assinalados, os livros fundamentais que poderiam fazer do mundo, das sociedades, dos homens, um fio só de pensamento, dando-lhes o poder de abstração e síntese que só se adquire em virtude de condições muito probantes, e de faculdades superiores e radicais de raça.” (p. 87).

<sup>108</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. cit. p. 130; 281.

de “negro superior”, não hesitaria também em defini-lo como a um “poeta maravilhado”, um “ingênuo no meio da civilização ocidental, para a qual seus antepassados concorreram apenas com o braço físico”.<sup>109</sup> Em síntese: no Brasil do século XIX, ser um crítico da ideia de raça não implicava necessariamente numa postura “anti-racista”. E vice-versa.

Thomas Skidmore chama ao espaço de tempo entre as décadas de 1880 a 1920 como o “período alto do pensamento racial” no Brasil. Para o historiador, essa teria sido a época na qual “a ideologia do ‘branqueamento’ ganhou foros de legitimidade científica”. Bem como o período em que as teorias racistas passaram a ser compreendidas por uma parcela hegemônica da nossa elite intelectual como “a confirmação das suas ideias de que a raça superior – a branca -, acabaria por prevalecer” no processo de fusão dos diferentes grupos étnicos que comporiam e caracterizariam historicamente a formação social brasileira.<sup>110</sup> Não obstante, como observa o historiador, sugerir “que *todos* os membros da elite brasileira esposavam as teses conhecidas como ‘ideal de branqueamento’ seria induzir em erro.” No entanto, também é plausível afirmar que, entre o final do século XIX e início do XX, a “a grande maioria” dessa mesma elite sustentava e era, em grande medida, convicta acerca da existência de um “problema ‘O negro’ no Brasil”. Problema ao qual tendiam, quase sempre, a ter opiniões no mínimo pouco otimistas.<sup>111</sup>

A articulação de uma terminologia racialista e a *aparente* admissão dos pressupostos fundamentais do racismo científico oitocentista apontam, portanto, para a complexidade de um esforço de contextualização de um autor como João da Cruz e Sousa na conjuntura do debate cultural brasileiro do final do século XIX. Diante de textos como os que citei anteriormente, torna-se difícil ignorar a especificidade, os limites, as sutilezas, as contradições, da sua experiência. Uma experiência definida não só por ideias e valores substancialmente distantes da nossa própria perspectiva histórica, mas, sobretudo, por outro tipo de sensibilidade para com relação a temas

---

<sup>109</sup> ARARIPE Jr., Tristão de Alencar. *Litteratura Brasileira – Movimento de 1893: O crepusculo dos povos*. Rio de Janeiro: Typographia da Empreza Democratica Editora, 1896. In: CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Decadismo e simbolismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980. v. 1. p. 200.

<sup>110</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. cit. p. 63.

<sup>111</sup> *Ibidem*, p. 94.



como, por exemplo, o das relações entre “natureza” e “sociedade”, “raça” e “cultura”.

De qualquer modo, fosse qual fosse a opinião de Cruz e Sousa a respeito da sua própria condição racial, o fato é que, vivendo numa sociedade recém-saída da escravidão, os limites sociais da sua mobilidade social dependiam em grande medida da cor da sua pele e do seu grau de identificação com os padrões simbólicos da classe dominante. Quase tudo girava, na sociedade brasileira do final do século XIX, em torno da aparência física (quanto mais “negróide”, menos móvel) e do grau de “brancura” cultural (educação formal, maneiras, riqueza) que um indivíduo era capaz de atingir.<sup>112</sup> No fim das contas, Cruz e Sousa estava tentando jogar da melhor forma possível com os trunfos que tinha à mão. No caso, a sua aprimorada compreensão acerca do modo de pensar da elite intelectual brasileira. Uma elite da qual ele próprio pretendia fazer parte.

\* \* \*

Com o fim da escravidão no Brasil o país já contava com um extenso passado onde os negros livres e libertos constituíam uma parte significativa da sua população. Do mesmo modo, possuíamos uma história bem mais extensa – que se remetia aos primórdios do processo de colonização – onde a mobilidade e ascensão social de um reduzido, mas mesmo assim significativo, número de africanos e afrodescendentes constituía, de fato, uma possibilidade relativamente comum.<sup>113</sup> Com efeito, muitos negros livres e libertos desempenhavam uma função central no contexto social brasileiro em momentos bem anteriores ao 13 de Maio. Há tempos alguns homens negros ou mulatos já haviam logrado êxito no seu esforço de alcançar certos postos de trabalho (aceitação em alguns ofícios especializados e, eventualmente, em postos de relativo prestígio e valoração social como, por exemplo, o de artesãos, políticos, médicos, engenheiros e escritores) quando ainda o regime escravista era predominante em todas as províncias do país.<sup>114</sup> Era um mundo no qual a cor da sua pele certamente poderia significar um problema, mas que, de forma alguma, determinava por completo o

---

<sup>112</sup> Ibidem, p. 56.

<sup>113</sup> Ibidem, p. 58. Ver também: REIS, João José. *Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

<sup>114</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. cit. p. 60.

seu destino. E foi nesse espaço de experiência que Cruz e Sousa formou a sua visão de mundo. Suas expectativas com relação ao futuro vinham todas desse passado social. Um passado que, entre fins da década de 1880 e início da de 1890, já começava a tornar-se cada vez mais remoto.

Sob inúmeros aspectos, a situação dos negros começou a ficar particularmente difícil no contexto do pós-abolição. Apesar de que muitos contemporâneos gostassem de alardearem a pretensa falta do chamado “preconceito de cor”, no Brasil, os próprios jornais depunham contra essa mistificação. Constantemente, pelas folhas da Capital, eram publicadas notícias que atestavam a realidade de discriminação e violência perpetrados contra negros ou mulatos escuros. Amiúde esses episódios eram protagonizados pelas próprias instituições oficiais do governo.<sup>115</sup>

As experiências de discriminação racial, tal como foram vividas por Cruz e Sousa durante os seus dez últimos anos de vida, marcaram de forma permanente o seu caráter e o manteram em constante estado de tensão para com o universo exterior e consigo mesmo. Com efeito, psicologismos à parte, muito dos seus evidentes traços melancólicos e depressivos foram, com freqüência, atribuídos por seus amigos à sua autopercepção como sujeito permanentemente bloqueado frente aos espaços sociais aos quais desejava integrar-se. Nesse sentido, um testemunho de Gonzaga Duque é particularmente eloqüente. Publicado em 1909, na revista *Kosmos*, esse artigo dava a entrever o seguinte perfil de Cruz e Sousa:

Cruz e Sousa era unicamente poeta, faltava-lhe de todo o geito attrahente dos sociaveis, que são excessivamente comunicativos.

Em geral, e assim o digo com o natural receio de resvalar para o exaggero das affirmações absolutas, o poeta não é, não póde ser um sociavel, isto é, um homem de facil acamaradamento, que se dá bem com “todo o mundo” por concordancia de opiniões comuns, submisso á todas as praxes, convenções e estatutos de conformismo. O alto gráo da sua sensibilidade afasta-o do vulgar, do consenso das maiorias, da maneira corriqueira de ver e sentir.

Sobre isso Cruz e Souza trazia o pezar da côr. Intellectualmente superior, doía-lhe a differença

---

<sup>115</sup> Ibidem, p. 64.

deprimente da sua raça que nelle, por comprehensível supersensibilismo duma organização delicada, attingia á forma duma desgraça. Muitas, innumeradas vezes, eu lhe ouvi referencias ao facto de ter nascido negro, que elle qualificava de accidental, e raramente as fazia com *humour* como sóem fazer alguns homens intellectuais da sua raça. Era com amargor e acabrunhamento que a isso se referia, e quando se percebia, ou se suppunha motejado por alguém, oriundo da mesma raça, a offensa revolvía-o profundamente, convulsionava-o, sacudia-o num frenesi desarticulante de mal de São Vito, e arrancava-lhe sarcasmos de represalia que pareciam bólas de lama dum Entrudo arrasador e aviltante, indo do enxovalho á caricatura impiedosa, traçada em estupendos periodos debochativos dum vivo escarminho em que a fuligem da carvonagem violenta se confundia com a sangria dos lánhos incisivos da vingança. Assim, de quando em quando, elle me apparecia nervoso, todo tregeitos na figurinha franzina; o duro queixo rapado em arremesso carniceiro de destruir; a bocca, sob o bigode lanigero, em repuxado de odio e afflicção; largas narinas palpitas no afilado mestiço do nariz; os olhinhos fulgurantes, a queixar-se que fugira da *Repartição* porque o chefe, que era mulato, o perseguia e hostilisava.

“É que eu lhe recordo a origem” – dizia-me –, “tenho talvez a mesma côr da mãe... e elle, que quer ser *moreno* á força, esbarra-se commigo, vê-me como a affirmação tremenda do seu passado, sou o espectro recordativo da macumba que o despejou no mundo!” E começava a satyra, jorrava-lhe em torrentes de adjectivos fulvos, causticos, venenosos...

E foi por assim ser que, talvez, escreveu a *Canção Negra*:

Bem dita seja a negra bocca  
Que tão malditas cousas diz!

O talentoso negro não se conformava com o observado phenomeno da repulsa instinctiva dos

“assimilados” pelos individuos da raça ancestral inferior, e no desesperado conflicto por alcançar o melhor lugar, que é a lucta social pela vida, soffria o seleccionismo dissimulado dos que se vão accomodando bem. Outros, sem as qualidades physiologicas da sua organização, qualidades que o supersensibilizaram a ponto de fazerem-n’o poeta, teriam se submetido ás leis do conformismo, resignando-se á tyrannia gregaria. Ha muitos exemplos dessa adaptação no nosso meio social.

Cruz e Souza não pôde concordar com essa solidariedade; não é que o não quizesse, isso não; o verdadeiro é que não pôde.<sup>116</sup>

E mais adiante:

Era devido a isso que o seu typo tomou o feitio retrahido, melhor caracterizando-o – esconso, que lhe dava á exterioridade o que quer que fosse de arisco e agressivo ao mesmo tempo, pondo-lhe fulgores de satyra nos olhozinhos rebuscadores e arrepanhando-lhe a commissura dos labios, á direita, num vinco de motejo em permanente ameaça. Esse exterior prejudicou-o muitas vezes. Os que para elle iam, conduzidos pelos elogios dos seus amigos, e recalcavam por delicadeza as prevenções que, porventura, houvessem contra a sua escola litteraria ou, tolamente contra a côr da sua epiderme, lhe sentiam o arzinho desafiante, a attitude provocadora, o modo irreconciliavel; quando lhes faltava espirito para se dominarem, o conflicto era certo, estalava. Um grande jornalista meu amigo, que era mulato, voltando da Europa e encontrando-o na redacção do seu jornal, recebeu tão forte emoção que, perturbado, agarrando meu braço, me segredava: “Mas... *seu* Duque, esse homem é o diabo!”<sup>117</sup>

---

<sup>116</sup> DUQUE, Gonzaga. O Poeta Negro. *Kosmos*. Rio de Janeiro, fev. 1909. p. 44.

<sup>117</sup> *Ibidem*, p. 45.

O jornalista citado por Gonzaga Duque era José do Patrocínio. O mesmo homem que, pelas páginas do seu *Cidade do Rio*, não se cansava de denunciar os múltiplos e cada vez mais escandalosos casos de “preconceito de cor”, perpetrados em pleno alvorecer de um regime que se anunciava como liberal, universalista e democrático.<sup>118</sup>

Passada a euforia inicial pela libertação dos escravos, em 13 de maio de 1888, a realidade não demoraria a cobrar o seu ônus. Com o tempo, as conseqüências do fim da escravidão aparentemente começaram a confirmar os prognósticos dos escravocratas mais pessimistas. Se antes alguns diziam que a dissolução do sistema acabaria mergulhando o país, inevitavelmente, num verdadeiro caos, o andamento dos fatos parecia dar razão aos conservadores. A natureza do novo quadro histórico surgido daí comporia o pano de fundo no qual novas formas ideológicas emergiriam e redefiniriam antigas hierarquizações sociais fundamentadas no critério de raça. A popularização do racismo “científico”, por sua vez, é produto desse ambiente.

Por conta da condução política do processo de emancipação, a chamada Lei Áurea converteu-se num verdadeiro pesadelo para milhares de homens e mulheres supostamente beneficiados pelo seu novo status civil. Sem nenhum tipo de apoio governamental, após o 13 de Maio, centenas de milhares de ex-escravos começaram a abandonar as suas antigas fazendas. Seus destinos eram frequentemente incertos. Alguns se atiravam, como posseiros, às terras que lhes pareciam disponíveis (desenvolvendo aí, quando muito, uma parca agricultura de

---

<sup>118</sup> “Nossos illustres collegas da *Opinião*, ainda ante-hontem, num vibrante artigo, profligam o preconceito de côr, manifestado pelos proprietarios do Cassino, de Petropolis. / Essa casa de jogo, onde a fidalguia de meia tigela e os plutocratas que aqui se formaram, Deus sabe como, prohibiu a homens de côr, nos dias de carnaval, a entrada nos seus salões, franqueados medeante bilhete de entrada pagos, o que os transformou em casa publica de divertimentos. / É o cúmulo do atrevimento que venham para aqui estrangeiros, marcados pelo estygma da jogatina, enxovalhar brasileiros; e, o que é mais triste, cahindo assim em graça de uns tantos paspalhões que julgam limpar a ascendencia torcendo o nariz á mestiçagem, de que elles tambem descendem. / Uma coisa podemos garantir a essa gente, quer nacional, quer estrangeira e é que elles podem ser presidente de Republica, banqueiros, ministros, o diabo, e nunca valerão na historia do paiz o que para ella e para a nossa gloria representam muitos dos homens de côr, a que elles torcem desafortadamente o nariz. / Ha uma coisa peor do que ter a pelle escura, é ter no espirito o lusco-fusco da mediocridade.” *Cidade do Rio*. Rio de Janeiro, 18 dez. 1899.

subsistência). Outros, sem conseguirem se manter com um mínimo de autonomia sob as novas condições que lhes eram impostas, buscavam seus antigos senhores e acabavam, na prática, estendendo o seu próprio cativeiro. Outra parte migrava para as cidades mais próximas, que, incapazes de absorver uma afluência tão massiva de mão-de-obra não-especializada, multiplicavam o seu número de pobres e miseráveis. Por fim, alguns, por total falta de opção, acabavam se associando a pequenos grupos de marginalizados urbanos formando, por exemplo, os bandos de “pivetes” e “capoeiras” que grassavam em diversas cidades do país.<sup>119</sup>

Diante da nova situação, as elites e classes médias presumidamente “brancas” reagiram tanto com o seu já característico medo como com a sua costumeira violência. Abismadas frente às multidões de negros pauperizados que pareciam lhes tomar terras e ruas – e que, aos seus olhos, lhes parecia pertencer em exclusivo –, o seu estupor inicial passou rapidamente ao exercício injusto, discricionário e freqüentemente ilegal, da força e do poder (fosse ele policial, econômico ou simbólico). Vendo naqueles homens e mulheres a encarnação dos seus pesadelos de um mundo tomado pela desordem e “anarquia”, atribuíram, cada vez mais, à figura do negro, a culpa pelo atraso e a barbárie na qual supostamente o país submergia.<sup>120</sup>

Em meio a esse processo, um novo entendimento se configurava a respeito do “problema racial”, no Brasil. Se antes da Abolição, para muitos dos nossos “homens bons”, o ex-escravo significava simplesmente a lembrança de uma questão social recalcada (no caso, a instituição da escravidão), agora, em liberdade, o negro tornava-se, ele próprio, um problema. Um obstáculo a ser removido. Um “peso morto para o desenvolvimento nacional”<sup>121</sup>.

Era nesse mundo que João da Cruz e Sousa – um negro “sem mescla” de sangue europeu, como certa vez enfatizou o crítico Araripe Júnior<sup>122</sup> – acabava de adentrar em 1888. Um mundo onde, de certo modo, ele era um “intruso”, um indesejado. E como usualmente se faz com essa classe de pessoas, a rejeição a ele foi imediata. Nesse sentido, a sua decepção com Alfredo d’Escragnolle Taunay, naquela dia de junho de 1888, foi apenas um modesto prelúdio. Em breve, os seus “anfitriões”, os que se consideravam os verdadeiros “donos da casa”, se

---

<sup>119</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. cit. p. 63-64.

<sup>120</sup> Idem.

<sup>121</sup> Idem.

<sup>122</sup> ARARIPE Jr., Tristão de Alencar. Op. cit. p. 199.

tornariam bem menos sutis nas suas demonstrações de estupidez e má vontade.





### 3 OS INIMIGOS NO PODER

Durou pouco essa passagem de Cruz e Sousa pela capital do Império. Em março de 1889, já se preparava para deixar o Rio de Janeiro e retornar à Santa Catarina. Sete meses após a sua chegada, não lograra êxito na tentativa de se estabelecer na cidade: permanecia sem dinheiro, não conseguira emprego algum e, para piorar, publicara quase nada. Ao mesmo tempo, a sua estadia na casa de Oscar Rosas começava a ficar cada vez mais insuportável. O amigo era um sujeito temperamental demais, além de ter o péssimo hábito de discutir violentamente com a sua esposa, Julieta Chaves Escobar Rosas.<sup>123</sup> Enfim, não tinha mais condições de se manter naquele lugar. Decidiu retornar à sua cidade natal, à vida próxima aos pais e às não-remuneradas colaborações na imprensa da província. E assim foi. Em 21 de março, Cruz e Sousa estava de volta à Desterro.<sup>124</sup>

Dois meses depois, em 22 de maio, Oscar Rosas lhe escreveu. Na carta, dava vazão a toda a sua verve histriônica imprecando contra a ausência do amigo, reclamando de saudades, dizendo-se “abandonado” e maldizendo a cidade do Rio. Apesar dos seus evidentes exageros, as imagens do ambiente urbano, tal como evocadas no texto, sugeriam, no entanto, algo da experiência que Cruz e Sousa acabava de deixar para trás.

Ah! para que te foste!... Para que me abandonaste n'esta Babel sordida de portugueses e de burros! Não imaginas, meu querido irmão, quanta dor, nojo, tédio e asco eu tenho por tudo isto: homens canalhas, burros, infames, ladrões, assassinos, saltimbancos, guayamuns, Damaso Salcede, Conselheiro Accacio, lesma, visgo, limo, peçonha, pixe; mulheres putas, vaccas, feias, ignobeis, túrgidas, bistradas, gateadas, sevondijas, sujas, crapulosas e bestas; finanças podres, cacetes, políticas merdas, filhos da puta;

---

<sup>123</sup> Ao que parece, Cruz e Sousa tinha uma boa relação com a esposa de Oscar Rosas. No verso de uma das fotografias de Cruz e Sousa, depositadas no seu arquivo pessoal (Anexo 4, Fig. 6), lê-se a seguinte dedicatória: “À D. Julieta. Respeitosa sympathia. *Cruz e Sousa*.” E, logo abaixo, “À minha vida e ao meu Amor – a Julieta, *Oscar Rosas*.”

<sup>124</sup> ALVES, Uelinton Farias. Op. cit., 2008, p. 189; MAGALHÃES Jr., Raimundo. Op. cit. p. 132-133.

amolladores em casas, doenças, prejuízos, família em zig-zag; musa besta, cavallar, entupida, baroneza de Paranapiacá, [...]; sem amigos, gente Asinina em toda a parte, imigrantes cacetes, credores, raios, peste, quasi fome, brigas, guerras quasi; natureza pulha, fria, embaciada, olho de polvo, sem sol, terra humida, catarrho, bronchite, asthma, tosses, tudo cheio de lama, desde a sociedade até os sapatos, enterros, nada, nada digno de arte, de versos, de analyse; tudo a peidar para o espirito do seculo!<sup>125</sup>

Enquanto Oscar remoia o seu tédio, e Cruz e Sousa cogitava, mais uma vez, o que fazer da própria vida, mudanças importantes começavam a ocorrer no cenário político. Em 7 de junho, assumiu o ministério chefiado pelo Visconde de Ouro Preto, do Partido Liberal. Em sua posse, em plena Câmara, vivas à República foram ouvidos. Menos de um ano após a abolição da escravidão, a República se insinuava em tons cada vez mais precisos. Aquele foi o último Gabinete da Monarquia.

A ascensão do Visconde de Ouro Preto deve ter sido uma notícia recebida com entusiasmo por Cruz e Sousa. Era uma reviravolta que prometia compensar os seus últimos malogros. Com o retorno do Partido Liberal ao poder (do qual permanecia afastado desde 1885), novos ventos sopravam a favor dos seus interesses. Tais promessas pareciam se confirmar com a posse do liberal Luís Alves Leite de Oliveira Belo à província de Santa Catarina e com a indicação de Gama Rosa ao governo da Província da Paraíba. Empossado em 8 de julho de 1889, o retorno de correligionários e protetores à postos de mando poderia, quem sabe, significar a chance que ele e seus amigos tanto aguardavam de se verem enfim satisfeitos nas suas aspirações a algum cargo público. Empregos estáveis e boas remunerações: era com isso que a nova conjuntura lhes acenava.

Com esse espírito, de ânimo redobrado frente aos novos acontecimentos, Oscar Rosas retomou contato com Cruz e Sousa. Em carta de 5 de outubro, evidenciava as suas expectativas:

Nunca me fallaste a respeito do Gama Rosa e da ascensão do partido liberal. O philosopho a mim fez entender que só muito bem collocado

---

<sup>125</sup> Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 22/05/1889 (AMLB/FCRB). Ver Parte 2, correspondência n. 38.

trataria de nos empregar, porque não quer pedir antes, com medo de ter resposta negativa. Não obstante, o philosopho já tem sido util a muitas pessoas, que têm precisado do governo.

Foi mau que antes das eleições nada me informasses a respeito da sua candidatura por ahi, porque isso concorreu para um grande estado de duvida, que o obrigou a nada tentar.

Creio que o philosopho não entra no parlamento, mas o Affonso Celso diz-lhe sempre o contrario, veremos. As eleições passaram-se o philosopho não appareceu por nenhuma provincia, só se entrar na vaga do Laet por Matto grosso.

Manda-me dizer que esperanças tens sobre a proteção do philosopho a ti e ao Varzea.<sup>126</sup>

A resposta a essa carta não consta na documentação pesquisada, no entanto, fossem quais fossem as expectativas de Cruz e Sousa quanto aos possíveis favores de Gama Rosa, essas certamente desapareceram depois de 15 de novembro. Com o golpe militar liderado por Deodoro da Fonseca e a instauração da República, todos os antigos presidentes de província foram imediatamente substituídos por ordem do novo governo. Desse modo, no mesmo dia em que d. Pedro II era deposto, Gama Rosa também entregava o seu cargo à uma junta provisória chefiada por republicanos. No total, a sua passagem pela administração da província da Paraíba durou apenas cinco meses.

Tudo isso não deixava de ser irônico. Cruz e Sousa, o republicano convicto, o inimigo do trono, via agora a República surgir como um empecilho aos seus planos mais imediatos. E ele não era o único nessa situação. O fim da monarquia significou a irrupção de uma descontinuidade numa ordenação construída e mantida relativamente estável por quase cinquenta anos no cenário político brasileiro. Com a República, novos atores e grupos ganharam protagonismo na condução dos processos de mando, tanto em nível nacional quanto regional. Em todo o país, fosse na capital ou nas províncias, os republicanos “históricos” tomavam a dianteira em detrimento dos velhos políticos do Império. Em conformidade com a nova situação nacional, em Santa Catarina, tanto liberais quanto conservadores foram abruptamente substituídos nos principais postos administrativos por nomes até então

---

<sup>126</sup> Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 05/10/1889 (AMLB/FCRB). Ver Parte 2, correspondência n. 45.

secundários na política local. Figuras ligadas ao Partido Republicano – uma força praticamente inexpressiva na província até o dia 15 de novembro – foram alçadas à condição de árbitros do poder. No dia 17 de novembro, às 8 horas da manhã, o governador Luís Alves Leite de Oliveira Belo foi substituído por uma junta formada por algumas autoridades militares e líderes políticos da oposição: o médico republicano Raulino Julio Adolfo Horn, o comandante da guarnição militar João Batista do Rego Bastos e o chefe conservador Alexandre Bayma.<sup>127</sup> Nos dias seguintes, no Rio de Janeiro, o líder republicano catarinense, Esteves Júnior, bem como o próprio Benjamin Constant, indicavam a Deodoro da Fonseca o nome de Lauro Severiano Müller para o governo de Santa Catarina. A indicação do 2º Tenente de apenas 25 anos de idade foi acatada e, em 24 de novembro, o novo governador desembarcou no porto de Desterro acompanhado de seus secretários, o tenente Carlos Augusto de Campos e José Artur Boiteaux – este último um antigo colega de escola de Cruz e Sousa e Oscar Rosas. Nessa dança de cadeiras, não é difícil imaginar os ressentimentos que começavam a tomar conta dos alijados do poder.

E tais rancores cumpririam um papel importantíssimo no destino de Cruz e Sousa. Apesar das suas convicções republicanas, desde que começara a atuar politicamente como jornalista, Cruz e Sousa sempre se manteve próximo aos monarquistas liberais, cuja liderança, em Desterro, cabia ao coronel Eliseu Guilherme. Em verdade, antipatizava fortemente com os republicanos. Ridicularizava-os e criticava-os abertamente, sobretudo pelas suas posições conservadoras com relação à escravidão (um ponto que, para o escritor, sempre foi determinante em seus afetos e escolhas políticas). Em 1885, por exemplo, quando era editor do jornal *O Moleque*, fizera campanha contra a candidatura do republicano José Araújo Coutinho à Câmara dos Deputados e, em seus editoriais, chamava jocosamente ao jornal *A Voz do Povo* (o veículo oficial do Partido Republicano em Desterro) de “A Noz do Povo”.

No mais, para além de qualquer consideração estritamente política, muitos dos seus piores detratores – aqueles que o chamavam de “aquele negro” ou “pretinho mau rimador” pelas ruas da cidade – eram indivíduos ligados ou ao Partido Conservador ou ao Partido Republicano. Isto é, justamente às facções representadas pela Junta Governativa que acabava de assumir o governo de Santa Catarina. Para Cruz e Sousa, então, a República que se fez não era só imperfeita. Ela era um enorme problema, uma tremenda desvantagem em termos

---

<sup>127</sup> PIAZZA, Walter Fernando. Op. cit., 1985, p. 483.

políticos e pessoais. Mas, gostasse-se ou não, aquela era a república imposta e, frente a essa nova realidade, cálculos precisavam ser refeitos e outras alianças estabelecidas. Nesse sentido, o primeiro passo era o da adesão imediata, o apoio declarado aos mandões do dia.

Expressando esse senso de urgência e oportunidade, quase um mês após a chegada de Lauro Müller a Santa Catarina, Oscar Rosas, em 23 de dezembro, escreveu a Cruz e Sousa:

Adorado Cruz.

Abraço-te. Os motivos desta carta são políticos. O Dr. Luis Delfino tenciona apresentar-se á deputação para ser eleito á constituinte. Quero pedir-te o seguinte - em favôr desse nome o teu franco apoio, que será de grande alcance. Começarás já por lembrar, como uma boa idéia, pelas columnas da *Tribuna*, essa eleição. Luis Delfino é filho da terra, tem fama e pode ser bem aceito. Peço-te o maior empenho n'este negocio, que me foi pedido por elle e em que tomo o maior interesse por motivos de gratidão. Confio em ti.

Elle mesmo me lembrou o teu nome para pedir o que te peço, não te fazendo elle esse pedido por decoro.

Passemos a outro assumpto. - Um conselho - A vista dos acontecimentos, tu, homem de talento e de espirito, deves te agachar e preparar um bote formidavel para esmagar alguém. Embora a situação seja dos pulhas, embora a Republica esteja sendo explorada pela imbecilidade, onde se notam Boiteux, Lauro, Esteves e todas as zebras humanas, é preciso que tu, meu velho, fingindo que estás muito de accordo com elles, que os admiras, te mettas pregando o nome dos actuais ministros ao povo como o evangelho da liberdade; é preciso mesmo que falles publicamente ao povo em Igualdade, em Fraternidade, na Republica Universal, na sancta Liberdade, na America para os Americanos, doutrina de Monrohe, afim de ganhares certa popularidade, que mais do que ninguém podes ter, porque então ahi te ajuda a mascara negra que a natureza te deu, e afim de empulhares esses falsos apóstolos que te embrulharão, que te farão sumir se tu não te

metteres já, mesmo fingindo de intrujão, por entre elles, bajulando até se fôr preciso e se já tiverem trabalhado muito o terreno, para mais tarde teres o triumpho da popularidade, que logo perderão, desde que entres em fogo. E então terás posição, dinheiro, empregos, e, oh! Tantalo, mulheres alvas! E nós poderemos representar essa terra pascacia, onde o burro do Boiteaux faz figura, onde Lauro, zebra teutonica, brilha, com a alacridade de uma fistula.

Amigo, guarda segredo sobre esta carta, communica-a ao Varzea e ponham-se a caminho. Essa terra deve ser nossa. Vou começar chronicas daqui para preparar terreno. Depois de ler rasga este papel. Se pensam que pode haver mais esperanças para a monarchia, acreditem que ellas não tem o menor fundamento; essa infame foi-se de vez.<sup>128</sup> (Grifos no original).

Fundado em 1885 por José Joaquim Lopes Júnior, *A Tribuna Popular* foi um periódico bissemanal de orientação liberal e abolicionista.<sup>129</sup> Frequentemente mencionado nas correspondências de Cruz e Sousa, este jornal representou um papel importantíssimo na vida de muitos de seus companheiros de geração. Foi participando da sua redação que boa parte da chamada “Guerrilha Literária Catarinense” – formada por Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Araújo Figueiredo, Santos Lostada e outros jovens escritores da província – atuaram politicamente durante a década de 1880.<sup>130</sup> Instaurada a República, foi nesse jornal que, a partir de 1890, esses mesmos intelectuais viriam a se posicionar com relação ao novo regime.<sup>131</sup>

---

<sup>128</sup> Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 23/12/1889 (AMLB/FCRB). Ver Parte 2, correspondência n. 46.

<sup>129</sup> PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no século XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995. p. 94.

<sup>130</sup> VARZEA, Virgilio. *Impressões da Província (1882-1889): A “Tribuna Popular” e a Guerrilha Literária Catarinense*. *Correio da Manhã*. Rio de Janeiro, 17 fev. 1907.

<sup>131</sup> Infelizmente a maior parte dos números referentes a *Tribuna Popular* está perdida. A Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina guardava em seu acervo uma coleção desse jornal, mas extraviou-se ainda nos primeiros anos do século XX. Segundo nos informa o historiador catarinense Carlos da Costa Pereira, em nota ao seu livro *A Revolução Federalista de 1893 em Santa*

Amigo pessoal de Lopes Júnior, Cruz e Sousa era também um dos principais redatores da *Tribuna*. Sendo assim, a recomendação de Oscar Rosas no sentido de apoiar a candidatura de Luís Delfino equivalia à definição de um plano de apoio do jornal à chapa oficial à Assembléia Constituinte marcada para 1890. Tal diretriz, contudo, acabaria não se concretizando. Ao invés disso, muito em breve a *Tribuna Popular* se colocaria, ao lado do *Jornal do Comércio*, como um dos principais veículos de crítica ao Partido Republicano Catarinense e aos aliados de Lauro Müller no estado.<sup>132</sup>

Mas essa virada não foi imediata. Ao menos em seus primeiros meses, o novo regime ainda parecia ser um campo potencialmente fértil em oportunidades. Em correspondência com o jornalista maranhense João Francisco Gromwell, um velho conhecido dos seus tempos de viagens como secretário de companhia teatral, Cruz e Sousa recebia notícias de algumas recomendações que haviam feito a seu favor no Rio de Janeiro. Supostamente bem relacionado, o jornalista lhe assegurava:

Recomendei-te, por carta, muito particularmente ao Lauro Müller que ao meu portador, o Stockler, prometteo aproveitar-te na razão da tua idoneidade. Nem disso te preveni! Foi em 1º de dezembro, ainda no Rio, q.<sup>do</sup> o Lauro partia.<sup>133</sup>

A despeito de ser um “bom republicano”, ex-redator da folha *Gazeta Nacional*, companheiro de Victor Lobato na campanha abolicionista no Maranhão, objetivamente Gromwell não passava de um publicista de segunda ordem. Um simples redator, sem maiores atributos sociais ou políticos.<sup>134</sup> Ou seja, na prática, o peso das suas opiniões era

---

*Catarina*: “A Biblioteca Pública do Estado possuía a coleção desse jornal; foi ela emprestada a Virgílio Várzea, por ordem do Governador Hercílio Luz, a fim de aquele escritor colher subsídios para uma ‘História de Santa Catarina’, e nunca foi restituída à referida Biblioteca”. E acrescenta que, para a realização da sua própria pesquisa, citava indiretamente os artigos daquele periódico “graças às transcrições feitas pelo ‘Jornal do Comércio’”. PEREIRA, Carlos da Costa. *A Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina*. Florianópolis: Imprensa oficial do Estado de Santa Catarina, 1976. p. 125.

<sup>132</sup> Ibidem, p. 51.

<sup>133</sup> Carta de Francisco Gromwell a Cruz e Sousa. São Luís, 28/01/1890. (AMLB/FCRB). Ver Parte 2, correspondência n. 49.

<sup>134</sup> JOÃO Francisco Gromwell. *A Pacotilha*, São Luís, 28 jan. 1901.

quase nenhum. No mais, o futuro deputado à Assembléia Constituinte de 1890, Alexandre Stockler Pinto de Menezes, era um médico mineiro, positivista, republicano “histórico” e genro do Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira (considerado um dos mais importantes signatários do Manifesto de 1870). Com tais predicados, Stockler deveria, portanto, ter ideias bem precisas acerca do que devesse significar “idoneidade” – algo que, muito provavelmente, aos seus olhos, alguém da “estirpe” e com o passado político de Cruz e Sousa não deveria preencher a contento.

Os primeiros meses da República correram sem maiores complicações. No entanto, logo a relativa tranquilidade daquele momento de transição começou a esboroar. Em Desterro, no início do ano de 1890, as primeiras rugas entre republicanos e antigos monarquistas afloraram devido a dissolução das Câmaras Municipais – em sua maioria constituídas por antigos membros do Partido Liberal.<sup>135</sup> Eram alguns dos primeiros germes da cisão intra-elite que, em breve, desembocaria na fundação do União Nacional e, depois, no Partido Federalista, formado por antigas lideranças do Partido Liberal e Conservador. Eram maus presságios.

E, em meio a esses dias, é fácil imaginar a Cruz e Sousa ficando cada vez mais apreensivo. Naquele momento, mais do que nunca, precisava buscar apoio e oportunidades fora do estado. Santa Catarina, conforme a situação política se desenvolvia, transformava-se num lugar definitivamente estéril e, no limite, hostil e perigoso. Persistindo em seu intento de conseguir algum trabalho que lhe possibilitasse a mudança definitiva para o Rio de Janeiro, o poeta escreveu então ao Almirante João Justino de Proença.

Com fama de patriota, veterano das guerras do Uruguai e Paraguai, capitão do Porto de Santa Catarina, candidato ao Senado pela chapa governista, Proença era um velho militar de relativo prestígio e influência na capital federal. Além disso, era politicamente próximo de Eduardo Wandenkolk, Ministro da Marinha nomeado por Deodoro da Fonseca. Seu auxílio, conseqüentemente, teria tudo para ser efetivo. Apesar disso, a resposta que Cruz e Sousa recebeu do oficial, em carta de 20 de fevereiro, foi decepcionante.

Meu caro Sr. Cruz e Souza:

---

<sup>135</sup> PEREIRA, Carlos da Costa. Op. cit. p. 45.



Recebi a sua carta e não imaginas quanto sinto não poder servir-o no seu justo e nobre pedido – o de um emprego!

Quando me lembro que eu não tenho meios e força para empregar todos os amigos, e especialmente os de verdadeiro merito, eu desespero, e é então que sinto não ocupar uma posição bem prestigiosa e elevada na sociedade brasileira.

Se o Varzea não fosse o Secretario da Capitania desse Estado, o Horacio teria sido nomeado para esse cargo, conforme me prometeu o Sr. Wandenkolk, e então talvez eu pudesse conseguir para o amigo a nomeação de Official de Deligencias. Mas, como talvez saiba, aquella nomeação não se deu, de modo que tudo mais tornou-se impossivel. Se eu estivesse ahi, ainda que de passagem, talvez tambem conseguisse alguma cousa, mas d'aqui de longe, sem apreciar as circunstancias, sem poder de [...] nos trabalhos ahi, tudo é difficil.

Entretanto, se o am<sup>o</sup> me indicar o que devo fazer, e o que ha em que lhe possa servir, escreva-me para, com muito prazer, pôr-me em campo.

Recommende-me ao Varzea, Horacio, e o am<sup>o</sup> disponha o seu

Sincero admirador e am<sup>o</sup> o Cap.

*J. J. de Proença*<sup>136</sup>

Essa carta é bastante elucidativa. Ela aponta para quais facções Cruz e Sousa permaneceu ligado e dependente durante os primeiros anos da República, bem como para algumas das escolhas políticas e ideológicas a serem realizadas durante os anos seguintes. Consideremos, por exemplo, a referência a Wandenkolk. Eduardo Wandenkolk seria um dos treze militares de alta patente signatários do manifesto a favor de eleições para o preenchimento da vaga de presidente da república após a renúncia de Deodoro da Fonseca, em 1891. Pela sua insubordinação, foi reformado, preso e deportado para o Amazonas por ordem do Vice-

---

<sup>136</sup> Carta de Justino de Proença a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 20/02/1890. (AMLB/FCRB). Ver Parte 2, correspondência n. 51.

Presidente, o Marechal Floriano Peixoto. O episódio foi um dos estopins da Revolta da Armada e um dos principais preâmbulos da chamada “Revolução Federalista” de 1893. Ou seja: quanto mais o imbróglio político dos primeiros anos da República se armava, mais Cruz e Sousa se comprometia (ou buscava se comprometer) com as frações descontentes da velha oligarquia.

Para piorar, o tempo era também o de ascensão de antigos adversários no campo da literatura. Na noite de 4 de fevereiro de 1890, em Desterro, Lauro Muller e seus secretários assistiram a uma execução do Hino do Estado de Santa Catarina. A letra que, segundo os jornais, “causou a melhor impressão no auditório”, era uma composição do poeta e dramaturgo Horácio Nunes Pires.<sup>137</sup> Pois bem, e quem era esse tal? Ninguém menos que o irmão de Eduardo Nunes Pires, professor de Latim no Ateneu Provincial e um dos maiores detratores e rivais do grupo de escritores do qual Cruz e Sousa fazia parte. Sua família, chefiada pelo patriarca Anfilóquio Nunes Pires, era composta, de um lado, por políticos ligados ao antigo Partido Conservador, e, por outro, por literatos considerados, pelo grupo, como sendo retóricos banais, cultores de um classicismo passadista e anacrônico.<sup>138</sup> Em suma, os

---

<sup>137</sup> PEREIRA, Carlos da Costa. Op. cit. p. 46.

<sup>138</sup> E, realmente, à época o estilo condoreiro da composição de Horácio Nunes Pires já deveria soar, para muitos, como algo um tanto passadista. Pois que se não, vejamos: "Sagremos num hino de estrelas e flores / Num canto sublime de glórias e luz, / As festas que os livres frementes de ardores, / Celebram nas terras gigantes da cruz, / Quebram-se férreas cadeias, / Rojam algemas no chão; / Do povo nas epopéias / Fulge a luz da redenção. / No céu peregrino da Pátria gigante / Que é berço de glórias e berço de heróis / Levanta-se em ondas de luz deslumbrante, / O sol, Liberdade cercada de sóis. / Pela força do Direito / Pela força da razão, / Cai por terra o preconceito / Levanta-se uma Nação. / Não mais diferenças de sangue e raças / Não mais regalias sem termos fatais, / A força está toda do povo nas massas, / Irmãos somos todos e todos iguais. / Da liberdade adorada. / No deslumbrante clarão / Banha o povo a fronte ousada / E avigora o coração. / O povo que é grande mas não vingativo / Que nunca a justiça e o Direito calçou, / Com flores e festas deu vida ao cativo, / Com festas e flores o trono esmagou. / Quebrou-se a algema do escravo / E nesta grande Nação / É cada homem um bravo / Cada bravo um cidadão." Como se vê, o tom declamatório, grandiloquente, bem como a temática social e abolicionista da letra remetia Nunes Pires, ao menos em termos literários, à Castro Alves e Victor Hugo. Algo que, certamente, aos olhos de Cruz e Sousa e seus companheiros, deveria tornar a eleição dessa letra como hino oficial do Estado uma das maiores expressões do atraso ou conservadorismo cultural representado pelo novo regime.

Nunes Pires eram a antítese perfeita de todo o vanguardismo que os jovens escritores imaginavam representar. Os inimigos declarados da chamada “Ideia Nova”. Com efeito, para se ter noção do grau de hostilidade entre os dois grupos basta mencionar que, por aquela época, a rixa entre “novos” e “velhos” já ultrapassava em muito as trocas de insulto através da imprensa. Em meados da década de 1880, por exemplo, Virgílio Várzea chegou mesmo a trocar socos com Eduardo Nunes Pires em plena via pública. O caso – que causou escândalo na cidade – tornou-se célebre no anedotário da vida literária desterrense do século XIX.<sup>139</sup>

Enfim, mas é considerando todo esse precedente que compreendemos melhor o significado (inclusive política) do chiste anunciado por Oscar Rosas em sua carta de 20 de março. Trabalhando como redator do jornal *A Democracia*, do Rio de Janeiro, Oscar Rosas pretendia valer-se do seu posto junto à imprensa carioca para promover, às ocultas, uma campanha de desmoralização dos republicanos catarinenses. A sua tática era a seguinte: atribuir textos considerados espúrios a certas personalidades constitutivas ou ligadas à cúpula do governo do estado. Não foi a toa, portanto, que a primeira vítima escolhida foi Horácio Nunes Pires.

Escrevia Oscar Rosas a Cruz e Sousa:

Mando-te quatro *Democracias* (o! vingança gostosa) onde lerás um soneto do Xavier Pinheiro (silencio, que é malvadeza minha) assignado pelo Horacio Nunes.

Todos estes miseráveis d'ahi vão me pagar; os jornais d'aqui sahirão d'ora avante sempre repletos de artigos e versos marrecos e pevidos assignados pelo Lauro, Boiteaux, Blum, Eduardo Pires, Pedro de Freitas, Chico Margarida, o Carlos Barbosa que aqui esteve a representar o meu partido d'ahi, etc, etc. Ri e pasma adiante do meu plano infernal. Não ha quem resista a tamanho ridiculo.

E, mais adiante, revelava:

---

<sup>139</sup> FLORES, Altino. O franzino poeta, o latinista quadragenário. In.: \_\_\_\_\_. *Textos críticos*. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2006. p. 223-231.

Os telegramas da *Gazeta do Sul* a respeito da tua prisão, duelo Lopes, Mulato Aluisio, recrutamento ahi, são meus, que os fiz para chamar a atenção do mundo sobre ti e prevenir qualquer desgraça que a mula russa te prepare. O Alberto Silva é o correspondente da *Gazeta do Sul* e ahi se explica a minha ingerencia no negocio.<sup>140</sup> (Grifos no original).

Essa observação, apesar do tom casual, é extremamente importante. Realmente, dias antes, em 18 de março, o jornal *Gazeta do Sul*, de Desterro, havia publicado uma nota referindo-se a certo boato de que o “governador do Estado de Santa Catarina Lauro Muller” queria “prender ai o jornalista Cruz e Sousa”.<sup>141</sup> O rumor, por sua vez, inseria-se num clima cada vez mais tenso entre as lideranças políticas locais e tinha a maior plausibilidade. Em verdade, por conta dos seus editoriais críticos a Lauro Muller – muitos redigidos pelo próprio Cruz e Sousa –, em breve a redação de *A Tribuna Popular* começaria a ser assediado pela polícia. A coisa evoluiu ao ponto de, em 22 de agosto, Joaquim Lopes ser mesmo ameaçado de prisão.<sup>142</sup>

Era um clima de dissidência e de rebelião o que começava a se implantar entre os do círculo de Cruz e Sousa. E nesse contexto não era de se estranhar que, ao concluir a sua missiva, Oscar Rosas observasse: “Hoje em arte sou um symbolista *arrouge*.”<sup>143</sup> Mais uma vez, a crítica

---

<sup>140</sup> Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. s. l., 20/03/1890 (AMLB/FCRB). Ver Parte 2, correspondência n. 55.

<sup>141</sup> SOARES, Iaponan. Preso por Lauro Muller? In: \_\_\_\_\_. Op. cit., 1988, p. 43.

<sup>142</sup> PEREIRA, Carlos da Costa. Op. cit. p. 52.

<sup>143</sup> A palavra "arrouge", que aparece na carta de Oscar Rosas datada de 21 de março de 1890, de fato, parece não existir no léxico francês moderno. Aparentemente não se trata de um erro de leitura (a palavra é repetida por diferentes pesquisadores que também tiveram contato com os manuscritos originais, entre eles Raimundo Magalhães Júnior e Uelinton Farias Alves). Sendo assim, existem algumas hipóteses que podem explicá-la. Uma delas é a possibilidade de ser um simples erro de ortografia. Equívocos desse gênero eram relativamente comuns nas cartas dos amigos do Cruz e Sousa, principalmente quando eles resolviam escrever em inglês ou francês. Outra é a de que seja algum neologismo em francês criado pelo próprio Oscar Rosas a partir da palavra "rouge" (vermelho). Nesse caso, a frase "Hoje em arte sou um symbolista arrouge" poderia conotar a idéia de radicalidade ou entusiasmo. Algo como "Hoje em arte sou um simbolista vermelho, ardoroso". É essa última

ao *establishment* político acompanhava a oposição às convenções literárias. Foi assim na luta contra a monarquia e o romantismo e seria, de novo, contra a república militar e os seus poetas “oficiais”.

---

hipótese que assumo aqui. Cf. Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. s. l., 20/03/1890 (AMLB/FCRB). Ver Parte 2, correspondência n. 55.



## 4 UM ESCRITOR NUM PAÍS DE ILETRADOS

Bem antes de Gavita existiu Pedra. Pedra Antioquia. Foi para ela que Cruz e Sousa escreveu as suas primeiras quadras de amor. Eram vizinhos. Ela vivia com a mãe, na casa do professor Anfilóquio. Ele, com os pais na chácara do Marechal Guilherme. Compartilhavam da mesma cor, classe social e juventude. Gostaram muito um do outro e namoraram por quase oito anos. O matrimônio, no entanto, demorou a chegar. Um dia, Cruz e Sousa partiu para o Rio de Janeiro e nunca mais voltou. Pedra ficou em Desterro e se casou com outro. Em 1941, já quase octogenária, recebeu em sua residência, num dos morros da grande Florianópolis, a visita de um repórter do jornal *A Gazeta*. Ele queria saber sobre o passado.

- Sim, senhor. Tinha eu 16 anos, quando conheci o João da Cruz, filho do mestre Guilherme. Era ele um moço de maneiras distintas, aprimorada educação e notável instrução; trajava muito bem e andava quase sempre sozinho, com um livro debaixo do braço ou então em companhia de homens brancos de elevada posição social, pois, como todos sabem ele era poeta, se bem que não gostasse que a gente tratasse de tal. Ficava radiante de encantamento quando se lhe dizia ser ele ESCRITOR, o mesmo não acontecendo quando inadvertidamente alguém evidenciava a sua qualidade de POETA.

Não diga que sou POETA e sim ESCRITOR, observava delicadamente àqueles que olvidando a sua qualidade de sutilíssimo prosador, salientavam a de poeta, em a qual era extraordinário.<sup>144</sup>

Os detalhes evocados por Pedra são mais do que simples anedotas. Eles explicitam aspectos que remetem diretamente ao conjunto de ideias e valores culturais compartilhados por Cruz e Sousa durante os seus anos de formação. Ideias e valores que, por sua vez, condicionariam em grande medida muitas das suas escolhas posteriores. O esforço em ostentar certos signos de pertencimento, bem como a

---

<sup>144</sup> JUVENAL, Ildefonso. O primeiro amor do poeta dos “Últimos Sonetos”. *A Gazeta*, Florianópolis, 23 nov. 1941.

insistência em ser identificado não como “poeta”, mas como “escritor” nos diz muito acerca do modelo que orientava a Cruz e Sousa em sua busca por definir-se socialmente como intelectual.

Como nos lembra Skidmore, o Brasil do final do século XIX “era, ainda, uma cultura latina, que prezava o ‘homem universal’”. Isto é havia, entre as elites, um certo culto e reverência à figura do polímata em detrimento do técnico, do especialista. Nesse contexto, reverência real se prestava ao indivíduo versado – ou aparentemente versado – em muitas ciências. Era o polígrafo, portanto, a figura que se acercava do nosso modelo cultural perfeito. O indivíduo que se erguia por sobre qualquer especialidade profissional, sem diluir, com isso, suas qualidades “literárias”.<sup>145</sup> Era Francisco Escobar, o hoje obscuro colaborador de Euclides da Cunha em *Os Sertões* e descrito por Brito Broca como “um desses homens dos quais se pode dizer que sabia tudo e tudo aprendera, sem visar nenhum interesse material e imediato, nenhuma ambição a não ser a da cultura”<sup>146</sup>; era Rui Barbosa, o bacharel por excelência; ou era ainda o próprio Gama Rosa, figura que em 1889, sem qualquer ressalva, Cruz e Sousa não hesitava em elencar ao lado dos quase universalmente modelares Eça de Queirós, Emile Zola e Herbert Spencer.<sup>147</sup>

Pois bem. Esse era o ideal. Mas em quem eram e em que mundo circulavam muitas dessas personagens “doutíssimas”, “eruditíssimas”? E o mais importante: o que significa ter todos esses predicados quando se vivia numa realidade assim?

O Rio de Janeiro com o qual Cruz e Sousa se deparou no final do século XIX ainda era, na mais completa acepção do termo, a “Corte”. Ou seja, uma cidade que, não obstante o fato de já ser um dos principais centros urbanos do Brasil, ainda lembrava, em muito, a pequena e pacata vila encontrada por Dom João VI. Contando com uma população de menos de 600 mil,<sup>148</sup> a velha capital do Império seguia sustentando muitos dos hábitos e características que, segundo Luís Edmundo, tornavam-na “a mesma cidade colonial de 1801. Sem tirar nem pôr –

---

<sup>145</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. cit. p. 242.

<sup>146</sup> BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio; Departamento de Cultura da Guanabara, 1975. p. 194.

<sup>147</sup> Carta de Cruz e Sousa a Virgílio Várzea. Rio de Janeiro, 08/01/1889). Carta de Cruz e Sousa a Virgílio Várzea. Rio de Janeiro, 08/01/1889). Ver Parte 2, correspondência n. 30.

<sup>148</sup> CARVALHO, José Murilo. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 16.



suja, atrasada e fedorenta”.<sup>149</sup> Era o Rio de Janeiro das “velas imundas iluminadas a gás”,<sup>150</sup> dos cortiços, dos quiosques e dos bondes puxados a burro. Ao morrer, às portas do novo século, o cenário que o escritor catarinense deixaria, entretanto, seria bastante diferente.

As reformas promovidas pela administração republicana começariam, já nos primeiros anos da década de 1890, a alterar para sempre as feições daquele espaço.<sup>151</sup> A chamada “febre de civilização” que tomou conta das elites dominantes a partir de 1889, buscou exorcizar, de uma vez por todas, qualquer traço do que quer que fosse percebido por elas como arcaísmo, atraso. A Paris do Barão Haussmann, mais do que nunca, se tornou o modelo de metrópole a povoar os sonhos da oligarquia cafeeira. Em breve, homens como Pereira Passos e Oswaldo Cruz encarnariam exemplarmente o espírito administrativo dos tempos do “bota-abaixo”, e a pobreza, para além de uma “simples” questão social, passaria a ser percebida cada vez mais por muitos dos nossos políticos e intelectuais quase como uma questão estética.

Testemunha do processo que trouxe a capital do país do século XIX ao limiar do século XX, Cruz e Sousa experimentou muitas das mais dramáticas contradições que marcaram esse processo de modernização social e econômica. Um processo que, como tantos outros ao longo da nossa vida nacional, evidenciou-se pela exclusão, violência e silenciamento de amplos setores da população pauperizada ou dissidente.

Mas quais as consequências imediatas desse processo para o mundo dos escritores e dos artistas pobres? O meio que, mais do que qualquer outro, Cruz e Sousa entendia como “seu”? Em primeiro lugar, o que se pode dizer desde um ponto de vista centrado na “vida literária”, é que, com as transformações do espaço público e da mentalidade carioca verificado durante a década de 1890, o que também se observou foi o desaparecimento do mundo dos escritores ditos “boêmios”. E isto porque, junto com o gradual sumiço dos quartos de cômodos, dos cafés baratos e dos quiosques o que efetivamente foi se inviabilizado foram as condições objetivas que tornavam possível a sobrevivência material de um segmento pauperizado e socialmente desenraizado das nossas classes letradas. Como observa o historiador Nicolau Sevcenko, referindo-se a esse segmento da intelectualidade, “a própria transformação urbana – acabando com as pensões, restaurantes e confeitarias baratas do Centro

---

<sup>149</sup> EDMUNDO, Luís. Op. cit. p. 381.

<sup>150</sup> Ibidem, p. 14.

<sup>151</sup> CARVALHO, José Murilo. Op. cit. p. 15-18.

– pôs fim à infraestrutura que a sustinha”.<sup>152</sup> Desse modo, restava cada vez mais, aos seus representantes menos abonados a urgência de uma ocupação razoavelmente rendosa nas imediações da urbe ou o deslocamento para as áreas mais afastadas do Centro.

No mais, concomitantemente a essas mudanças, a própria visão acerca daquele antigo modo de vida passou a se alterar. Em 1905, João do Rio, por exemplo, chamaria de “coisa nojenta”, divinizada por “imbecis”, o estilo de vida dos seus velhos colegas de ofício.<sup>153</sup> Nesse sentido, o processo de gradual aburguesamento experimentado por figuras como Olavo Bilac ou Emílio de Meneses, por exemplo – ícones de uma geração de escritores que fez a sua fama afirmando-se como bebedora, piadista e pretensamente liberta de qualquer convenção social – representaria, também, um sinal dos novos tempos. No século que findava, conforme a velha Corte se transformava em Capital Federal, ser artista e manter-se pobre tornava-se um desafio cada vez mais insustentável.

Quanto a Cruz e Sousa e seus companheiros, esses, por sua vez, conheceram bem a dureza dos novos tempos. Amigo pessoal e de longa data do poeta, a trajetória de Araújo Figueiredo nos dá a conhecer algo do universo social ao qual pertencia o escritor catarinense, bem como detalhes preciosos referentes à vida de um típico jovem intelectual pobre e emigrado para a capital durante os primeiros anos da República.

Juvêncio Cosme Damião d'Araújo Figueiredo nasceu em Desterro, no dia 27 de setembro de 1864.<sup>154</sup> Politicamente engajado ao longo da década de 1880, Figueiredo atuou em diversos periódicos de tendências liberais e abolicionistas, tais como *A Regeneração*, *O Moleque*, *Tribuna Popular*, *Gil Braz* e *O Abolicionista*. Mais velho dentre cinco filhos, Araújo viveu os seus primeiros anos na área urbana de Desterro, no seio de uma família da pequena burguesia local. Seu pai, tesoureiro aposentado da Secretaria da Fazenda, era proprietário de alguns imóveis. Uma situação que garantia aos Figueiredo renda, certo conforto material e alguma projeção na “boa sociedade” desterrense.

---

<sup>152</sup> SEVCENKO, Nicolau. Op. cit. p. 46.

<sup>153</sup> *Kosmos*, Rio de Janeiro, jun 1905.

<sup>154</sup> O Dia de São Cosme e Damião é celebrado no dia 27 de setembro pelos seguidores do candomblé, xangô, xambá, umbanda e batuque. Já, pelos católicos, no dia 26 de setembro. Batizado conforme o costume de se atribuir às crianças o nome do santo do dia do seu nascimento, neste pormenor de sua biografia transparece o enraizamento da família do mulato Araújo Figueiredo na cultura africana da Desterro do século XIX.

A ruína financeira da família veio em fins da década de 1860, quando Araujo contava aproximadamente cinco anos. Em sua autobiografia o escritor não entra em detalhes acerca das razões da falência do pai. Não obstante, o certo é que o impacto da perda do patrimônio familiar repercutiu ao longo de toda a sua juventude, marcando, principalmente, o seu processo de educação formal e suas possibilidades de ascensão social.

Despejada, a família passou a viver de favor na casa de uma tia, Felicidade de Araújo, irmã mais velha de Florisbela de Araújo Figueiredo, mãe de Juvêncio. Nesta casa, um casebre de pau-a-pique localizada num sítio em Coqueiros, Araújo cresceu e viu seu pai tornar-se lavrador. Ocupação que, mais tarde, ele próprio exerceu.

Pobre e vivendo nos arrabaldes de Desterro, a instrução primária a que teve acesso foi escassa e incompleta. Nunca ultrapassando as primeiras letras escolares, tornou-se, contudo, autodidata. Muito jovem lia, por conta própria os poucos livros que lhe caíam às mãos, e, já nos primeiros anos da adolescência, participava de pequenas sessões de leitura com os amigos Cruz e Sousa e Carlos de Faria.

Quando contava dezessete anos, em 1881, seu pai faleceu. Responsável pela sobrevivência de quatro irmãos, o rapaz se viu obrigado a deixar a roça e buscar um emprego que lhe possibilitasse trazer o sustento à família. Acabou às portas dos principais jornais de Desterro: *A Regeneração* e *Jornal do Commercio*.

Nesses órgãos Figueiredo foi introduzido no ofício de tipógrafo. Profissão que, aliás, não lhe agradava pessoalmente. Sentia-se explorado. O trabalho era duro e mal pago. Após os eventos de 1888 e 1889, aos vinte e seis anos, assim como Cruz e Sousa o fizera anteriormente, Araújo Figueiredo também migrou para o Rio de Janeiro. Uma vez fixado na capital, empregou-se como tipógrafo no *Cidade do Rio*, de propriedade de José do Patrocínio e, à época, gerenciado por Serpa Júnior. Em seu livro de memórias, o escritor reconstrói o ambiente de incerteza financeira e precariedade material que marcou a sua experiência, bem como a de Cruz e Sousa e a de muitos de seus contemporâneos.

Queridíssimo na redação da *Cidade do Rio* pelos seus irmãos de arte, o Cruz e Sousa ajudava a fazer um bloco resistente contra o abuso do Serpa Júnior, gerente do jornal, quando negava-se ao pagamento integral dos honorários dos respectivos redatores, sendo que os do Cruz e

Sousa eram mais retardados, dando-se-lhe em pequenas parcelas semanais.

E todas as vezes que isso acontecia, víamos o Cruz mergulhado numa profunda nostalgia, a cofiar o queixo, à porta da redação do jornal, e com a sua indispensável bengala debaixo do braço, sereno nas misérias que o rodeavam invisivelmente, as quais, se criassem formas, se se materializassem, apareceriam mais negras e maiores do que as águias, famintas em torno do Prometeu acorrentado à coluna do seu destino. É que a fome o devorava, impenitente, num segredo inviolável, menos sondado e compreendido pelos seus amigos íntimos.

Por essa ocasião surgiram contra o Cruz as maiores infâmias, tecidas pelos seus desafetos, e idas até Viena d'Austria, e de onde voltavam como setas contra o peito do iluminado poeta.

Intrigas e mais intrigas, ora porque os escritos do Cruz não interessavam pela sua obscuridade impenetrável, julgados, portanto, indignos de ocuparem as colunas da "Cidade do Rio", quando elas poderiam ser ocupadas por outras penas, ora porque o Cruz era negro, e a "Cidade" não deveria ter no elenco da sua redação, um outro da mesma cor do lado do Patrocínio.

Cartas anônimas diariamente, enredando o poeta com os seus chefes, em cujo rol se achava o Dr. Murinho Garcez, abalando o seu coração sempre magnânimo.

E uma vez alegada a crise monetária pela qual passava a "Cidade" foi o Cruz dispensado da redação, ficando portanto, à mercê dos seus amigos.

Tive mais ímpetos de furor, e despedi-me do jornal, para acompanhar de perto a miséria do poeta, dela compartilhando com sinceridade.

Na rua, sem emprego, achando-nos sem um real, e com o quarto de cômodos vencendo os alugueis!

Que lutas formidáveis! Que batalhas impenitentes! Que assombros de horrores secretos! Comíamos queijo mineiro já bichado, que nos vendia uma taverna em frente, e bebíamos água, até que adoeci devido ao queijo e

fiquei acamado durante um mês. Mas não deixei de comer queijo, todas as vezes que o Cruz me trazia a cantarolar e a rir.

E os lençóis da nossa cama, como se achavam, Santo Deus! O assoalho do quarto tinha melhor cor.

Nem lavadeira, nem engomadeira tinham coragem de entrar no quarto, pois temiam o calote, que seria certo, numa quadra de nenhum dinheiro e nenhum crédito.

Olhando-se a cama do Cruz, ei-la com aspecto de esqueleto de cavalo roído pelos urubus, pois o seu pobre colchão já não existia, tendo descido nos braços do Joaquim, o criado da casa, ao caixão do lixo, pela madrugada. Apenas o travesseiro ficava, mole, numa moleza de bexiga de boi da qual escapa o ar frio e zunidor.

E a minha cama e o meu travesseiro?

Tudo na mesma lástima! Tudo na mesma miséria!

E os nossos livros foram, um a um, descendo a escada na curva dos braços do poeta, para a casa de um Belchior, muito nosso amigo, à rua da Uruguaiana.

Nós não podíamos comer mais queijo, nem beber mais água, salvo se quiséssemos passar à cinza.<sup>155</sup>

Eis aí um testemunho revelador da experiência de uma boa parcela da nossa classe letrada no final do XIX. A vida de pobreza, beirando a indigência, na qual muitos desses escritores passavam imersos traduzia, por sua vez, a própria situação social do intelectual no Brasil daquele tempo. Nesse aspecto, eloquente acerca do lugar ocupado pelos homens de letras são também os índices de analfabetismo vigentes no país entre o final do século XIX e início do XX. Dados que não depunham em nada a favor dessa categoria.

Segundo Fernando de Azevedo, em 1872, a taxa de analfabetismo no Brasil era de 66,4%; em 1890, de 67,2%; em 1900, de 58,8% e, em 1920 de 60,1%.<sup>156</sup> Não obstante, considerando-se essa

---

<sup>155</sup> FIGUEIREDO, Juvêncio de Araújo. Op. cit.

<sup>156</sup> AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963. p. 631.

mesma realidade de uma sociedade massivamente iletrada, é razoável afirmar que, naqueles anos, além de elemento integrante de um segmento socialmente isolado, ser escritor também significava, por definição, gozar das prerrogativas reservadas a uma seleta minoria afortunada. Ou, em outras palavras, possuir as habilidades de leitura, escrita e, ainda mais, o poder de publicação, significava também pertencer “naturalmente” a uma elite altamente exclusiva, por isso mesmo, distante da realidade da grande maioria do povo brasileiro. Uma elite frequentemente andrajosa é verdade, mas ainda assim uma elite.

Sua autonomia ou originalidade, no entanto, era limitadíssima. Nossa “república das letras” assemelhava-se, portanto, a um pequeno enclave num imenso território desescolarizado. E, como tal, tendia a identificar-se e produzir um discurso consonante com o de outros grupos privilegiados. Assim, quando falamos em “escritor”, “intelectual” ou “homem de letras”, no contexto do Brasil do final do século XIX, estamos necessariamente nos referindo a um membro de um tipo específico de agrupamento que, eventualmente, podia servir também como porta-voz de outros segmentos política e economicamente dominantes.

Quanto ao seu grau de especialização, o intelectual brasileiro oitocentista também reproduzia em si as características do meio que o produzia. Tais indivíduos, a exemplo de outras formações sociais com características similares a nossa, não se acomoda com facilidade à padrões de particularização equivalentes aos de nações capitalistas de tipo industrial. Estávamos há só uns poucos anos desde a Abolição e o país mal iniciava a sua emergência desde uma realidade maciçamente agrícola, que, aliás, nem cobrava nem tinha condições de manter a complexa malha de ofícios intelectuais altamente especializados verificada, por exemplo, nos países situados mais ao centro do sistema econômico internacional.

No mais, eram basicamente, por obrigação, “multitarefa”. Assim, quando desprovidos de riquezas herdadas, os “homens de letras” apenas poderiam faturar alguma remuneração em conformidade com as exigências do seu grupo e classe social tentando harmonizar, conforme as suas possibilidades, suas posições no magistério (sobretudo o desenvolvido nas escolas secundárias), no direito, medicina, com as suas atividades no jornalismo e, eventualmente, com algum cargo público (de preferência rentável e que exigisse pouco trabalho). Viver só de letras era praticamente impossível.

Tratando-se de uma época e lugar nos quais publicar significava basicamente escrever para jornais, qualquer reflexão acerca do papel

social do homem de letras ficaria incompleta sem algumas considerações sobre a instituição da imprensa. Por certo, num país em que o campo intelectual era ainda tão restrito, não é de se admirar a associação íntima que se verificava entre jornalismo e literatura. Como a própria experiência de Araújo Figueiredo nos sugere, naqueles tempos tanto o jornalismo quanto a carreira literária eram alguns dos poucos canais de mobilidade social relativamente disponíveis aos filhos das classes subalternas e frações dominadas da burguesia. Tal percepção era bastante nítida na década de 1890 e encontrava-se, por vezes, servindo mesmo como matéria para alguns escritores elaborarem ficcionalmente as suas próprias experiências como grupo social. Um bom exemplo desse tipo de prática é o conto *Elle e Ella*, publicado em 7 de maio de 1891 no jornal *O Paiz*. Assinado com o pseudônimo de “Ignotus”, o texto recria em termos literários alguns dos meandros que compunham o caminho de muitos jovens letrados – mas socialmente desclassificados – que, à época, buscavam ascender socialmente em meio à vida literária da capital. Um ambiente caracterizado, sobretudo, pela escassez de postos de trabalho e estreita relação de dependência entre o âmbito da produção cultural e o poder institucionalizado.

O conto começava assim...

Elle pertencia ao numero destes rapazes que as inconstancias da sorte obrigam a abandonar a familia e a terra natal para procurarem neste meio ruidoso de uma grande capital logar amplo e vasto para expansões da actividade e do trabalho. Tinha sido outr'ora rico. Filho de um fazendeiro importante, passara os primeiros tempos de sua mocidade, tranquilo e feliz, na vida obscura mas serena do lavrador, ao doce ciciar dos cannaviaes. A lei de 13 de maio reduzira-o á pobreza; mas elle não desanimou, nem perdeu o seu tempo em lamentações estereis ou em rugidos de desespero feroz. Compreendeu logo que tinha de entrar em uma luta séria pela vida e que sem fortuna e sem protecção, conservando-se fiel á honradez de seu nome, para conseguir alguma coisa precisava de todas as suas energias. Calmo, confiando no futuro, conservando em sua alma como um deposito sagrado todas as poeticas illusões de um moço, veio aqui para esta terra, que o attrahia como um eden ambicionado de futuras grandezas.

Foram rudes e dolorosos os primeiros tempos. Gastaram-se em breve os seus escassos recursos e elle até soffreu os dias palidos, os dias esqualidos da fome. Mas não se curvou e nunca a consciencia austera e inflexivel que exprobrou uma transacção vergonhosa. Com essa altiva serenidade que dá a certeza do proprio merito, elle esperava que um dia se romperia o silencio que envolvia seu nome e enquanto esperava, passava noites e dias, curvado sobre os livros em uma sêde de sciencia, avido e soffrego. Sem dinheiro para frequentar divertimentos, sem amizade e sem relações, envergonhado muitas vezes de ser obrigado a andar de botinas rotas e paletó sovado, elle, na solidão do modesto hotel em que morava refugiava-se como unico consolo d'estes soffrimentos e angustias nas saudades de sua familia e desses campos onde correram tão alegres os dias de sua infancia.

Mas determinava emfim a época das provações e sacrificios. Um artigo que escrevera em um dos jornaes da tarde chamara sobre elle as sympathias de um grande chefe politico, e este generoso protector deu-lhe a força de seu braço, collocando-o em um emprego de alta responsabilidade. Neste meio evidente elle revela logo toda a pujança de seu talento e em pouco firmara na imprensa e no fôro uma reputação solida, estimado, applaudido, victorioso, tendo para sempre seguros recursos de vida, abundantes e faceis.<sup>157</sup>

Parece adequado supor que o destino do protagonista criado por Ignotus – um filho pobre da classe senhorial decadente – nos informe sobre as expectativas concretas que, naqueles dias, orientavam a ação de jovens emigrados como Cruz e Sousa. Com efeito, quase todo o grupo de escritores que futuramente comporiam o seu círculo de relações no Rio de Janeiro era formado por indivíduos oriundos da pequena burguesia urbana (médicos, bacharéis, funcionários públicos de baixa remuneração...) e que viam tanto a literatura, quanto o jornalismo como meios complementares para o alcance de um fim maior e específico. No

---

<sup>157</sup> IGNOTUS. Elle e ella. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 7 mai. 1891.



caso, obter um posto, seguro e rentável, junto à burocracia estatal. Tendência que, aliás, observamos mais detidamente no capítulo anterior.

Obter um emprego ou cargo rendoso que exigisse pouco trabalho: era este, pois, o objetivo que frequentemente definia as alianças estritamente políticas que realizavam muitos escritores. Mas não só. Era também isso o que orientavam muitas das suas escolhas no próprio meio literário. E essa postura não tinha nada de extraordinário. Pelo contrário, era o usual e, por certo, estava totalmente de acordo com a dinâmica geral da nossa “república das letras”. Num país parcamente escolarizado, quase sem faculdades, sem universidades, onde o ensino superior era um privilégio de uns poucos abonados, os quadros administrativos precisavam ser majoritariamente recrutados entre os nossos escritores e jornalistas. Como seria de se esperar, nesse meio os simples diletantes em busca de alguma sinecura de meio expediente abundavam, bem como também havia indivíduos verdadeiramente capazes e com uma inclinação autêntica ao funcionalismo público. De todo modo, o certo é que, num universo regido por tais regras, as relações pessoais e de apadrinhamento eram determinantes para a sobrevivência de quem optasse por trilhar o caminho das letras.

E é neste último ponto onde as coisas realmente se complicariam para Cruz e Sousa. Gonzaga Duque, em documento anteriormente citado,<sup>158</sup> sugeriu que poucos escritores brasileiros daquele período mostraram-se tão inábeis ou francamente incapazes de lidarem com as regras explícitas ou implícitas que regiam a estrutura de poder da república das letras do que Cruz e Sousa. E para corroborar esse julgamento alguém poderia lembrar, por exemplo, da sua péssima relação com a maioria dos “imortais” da Academia.

Fundada em 1896, no Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Letras não contou com escritores ligados ao círculo simbolista em sua primeira reunião. Cruz e Sousa, então já um poeta bastante conhecido no Rio de Janeiro, autor de dois livros publicados, sequer foi cogitado a participar do evento.<sup>159</sup> O que explica isso? O “mau gênio” do poeta? A péssima reputação dos simbolistas? Talvez, mas só em parte.

Nem tudo nesse “esquecimento” se devia unicamente à inabilidade social de Cruz e Sousa ou às tendências isolacionistas típicas do *ethos* simbolistas. A obstrução da Academia Brasileira de Letras aos chamados “novos” (em sua maioria jovens escritores pobres oriundos das províncias ou negros ou mulatos pobres como Bernadino Lopes)

---

<sup>158</sup> DUQUE, Gonzaga. Op cit., 1909.

<sup>159</sup> MAGALHÃES Jr., Raimundo. Op. cit. p. 309-320.

parece ter, em grande medida, paralelo com a política de bloqueio praticada no interior de outros organismos públicos e privados importantes na Primeira República. Um exemplo é o caso do Itamarati dos tempos de Rio Branco. Quanto a esse aspecto é bem conhecida a obstinação com que o Ministro das Relações Exteriores buscava “apresentar o Brasil como um país culto” preenchendo as “fileiras do serviço diplomático com homens brancos que estrangeiros pudessem considerar civilizados e refinados”. Tal objetivo, como observa Skidmore, era o de “reforçar a imagem de um país europeizado que se tornava mais e mais branco”.<sup>160</sup> Cartão de visitas de uma sociedade que aspirava, sobretudo, aos padrões europeus de civilidade, não é de se estranhar o perfil branco e aristocrático que a Academia sempre preservou a exemplo do Itamarati.

Claro, havia Machado de Assis. Mas a cor e a origem modesta de Machado do autor de *Dom Casmurro* não implicariam, necessariamente, qualquer exceção em nível institucional. Uma política que, nesse pormenor, é melhor representada por Medeiros e Albuquerque, fundador e sucessor de Machado de Assis na presidência da casa. Conta Albuquerque em suas memórias um caso envolvendo o também “imortal” Barão do Rio Branco. O incidente narrado em tom de anedota revela muito do tipo de preocupação que, na prática, tomava conta daquelas duas instituições de legitimação e consagração política e cultural.

A propósito dos bailes do Itamarati houve certo dia um episódio interessante.

Rio Branco era muito solicitado pelos fotógrafos para deixar-se retratar. Entrando-lhes nas casas, êle examinava sempre as vitrines e, si havia retratos de mulheres muito formosas, pedia-lhes os nomes. Chegado ao Ministério, mandava indagar discretamente si eram pessoas de certa categoria social. Quando eram, êle arranjava alguém que as fizesse convidar para os bailes do Itamarati.

O que ele queria era enfeitar êsses bailes com a presença de muitas mulheres bonitas.

Imagine-se o seu desespero, quando, certa vez, ao entrar no salão nobre do Itamarati, em dia de um grande baile, avistou duas mulatas gordas,

---

<sup>160</sup> SKIDMORE, Thomas. Op. cit. p. 151.

vestidas de cetim verde e amarelo, com o mais apurado mau gosto. Uma delas, sobretudo, estava amplamente decotada e era escandalosamente gorda, com um proeminente sistema orográfico, gelatinosamente tremelicante.

O Barão quasi morreu de raiva. Quem teria convidado as mulatas gordas?

Ninguém se acusava. Afinal, êle se decidiu a mandar perguntar-lhes e o caso se esclareceu. Tratava-se das donas de pensão em que morava o senador Anísio de Abreu.

Anísio era o relator do orçamento do Exterior. Pedira dois convites, que lhe haviam sido concedidos. Nunca, porém, Rio Branco imaginara que seriam para as mulatas gordas.

Que fazer? Como desgostar o relator do orçamento do seu ministério?

Anísio apesar do seu grande talento, não se ocupava absolutamente com a sua indumentária: vestia-se horripelmente mal, sempre de punhos e colarinhos sujos. Si ele estivesse presente ao baile, acharia que as mulatas gordas aí figuravam muito bem, com os seus espalhafatosos vestidos de cetim verde e amarelo.

O Barão despachou uma turma de cinco rapazes para cercar as duas mulheres. Cumulavam-nas de gentilezas, mas faziam em torno delas um biombo vivo, que impedia fossem vistas. Pouco a pouco, foram levando-as para o bufete.

De vez em quando, elas faziam investidas para vir ao salão; mas a viva muralha dos que a cercavam impedia tão sinistro desígnio. Afinal, cansadas de tantas gentilezas, desistiram e saíram.

O Barão respirou, desafogado.<sup>161</sup>

Amigo pessoal de Rio Branco, sabe-se também do quão cioso Machado de Assis era da imagem pública da Academia. Afastando, tanto quanto possível, tudo o que considerasse de “mau tom” ou “indecoroso” do ambiente daquela instituição, o escritor atuava,

---

<sup>161</sup>ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Quando eu era vivo*: memórias (1867 a 1934). Porto Alegre Livraria do Globo, 1942. p. 144-145.

eventualmente, como a voz da “sensatez” e da “boa consciência” entre os seus pares. Nesse sentido, Rodrigo Otávio, no seu livro *Minhas memórias dos outros*, relata também um caso exemplar. Trata-se do desaconselho, feito por Machado de Assis aos seus colegas, a respeito da admissão da candidatura de Emílio de Meneses a uma vaga na sociedade à qual presidia.

Escreve o memorialista:

Machado entendia, e não cessava de o dizer, que a Academia devia ser, também, uma casa de boa companhia; e o critério das boas maneiras, da absoluta respeitabilidade pessoal não podia para ele, ser abstraído dos requisitos essenciais para que ali se pudesse entrar. Por esse tempo, alguns dos nossos colegas andavam procurando criar no ânimo de Machado uma ambiência favorável à aceitação da candidatura de certo Poeta, de notório talento, mas de temperamento desabusado e assinalado sucesso em rodas de boêmios... Nesse dia, o nome do poeta veio à tona; a controvérsia fora acalorada. Machado não interveio nela: conservou-se calado; mas, quando o levávamos para o bonde, na Avenida, ao chegar ao canto da Rua da Assembléia, ele nos convidou a que seguíssemos por essa rua, e, a dois passos, nos fez entrar em uma cervejaria, quase deserta nesse momento. Não sabendo de todo o que aquilo significava, nós o acompanhamos sem dizer palavra, e vimo-lo deter-se no meio da sala, entre mesinhas e cadeiras de ferro, e, também sem dizer palavra, estender o braço, mostrando ao alto de uma parede um quadro, a cores vivas, em que, meio retrato, meio caricatura, era representado em busto, quase do tamanho natural, grandes bigodes retorcidos, cabelo revoltado na testa, carão vermelho e bochechudo, o Poeta, cuja entrada no seio da imortalidade se pleiteava, sugestivamente empunhando, qual novo Gambrinus, um formidável vaso de cerveja... A cena causou em todos profunda impressão e, tal era o respeito havido por Machado que, em vida dele, não se falou mais na candidatura de Emílio de Meneses...<sup>162</sup>

---

<sup>162</sup> OTÁVIO, Rodrigo. *Minhas memórias dos outros*. Apud BROCA, José Brito. Op. cit., 1975, p. 8-9.

Realmente, só em 1914, anos após a morte de Machado de Assis, é que Emílio de Meneses conseguiu ingressar na Academia Brasileira de Letras. Menos sorte, contudo, teve Lima Barreto. Ignorado tanto pelo círculo de Machado de Assis quanto pelo dos protegidos de Rio Branco, Lima Barreto talvez seja o caso mais famoso de bloqueio representadas tanto por Machado de Assis quanto por Rio Branco. Mulato, pobre e alcoólatra, sem sobrenome ou pistolões que o valessem, Lima Barreto era a antítese do que o Brasil “oficial” ansiava por ser. Não foi à toa, portanto, que a certa altura passou a se opor tanto a Academia quanto à Rio Branco e seus protegidos.<sup>163</sup>

Antipatia semelhante era nutrida por alguns dos primeiros simbolistas. Rechaçados igualmente e por razões similares desses mesmos espaços de poder e prestígio, escritores como Cruz e Sousa passaram à história literária como alguns dos mais ferrenhos “inimigos” de Machado de Assis.<sup>164</sup> Sendo-lhe, inclusive, atribuído um poema satírico onde o desancava. A sua autoria desse texto é usualmente negada por críticos e biógrafos, que, ao que parece, preferem não querer desacreditar Cruz e Sousa aos olhos da contemporaneidade ao rivalizá-lo com Machado de Assis. Mas tal gesto soa um tanto forçado e artificial. De fato, conhecendo a verve ferina de Cruz e Sousa (bem como o seu humor amargo e forte ressentimento contra os “estabelecidos”), não é de se duvidar que o texto tenha sido realmente escrito por ele. De todo modo, seja de quem for a autoria, o fato é que o poema saiu da pena de alguém do seu meio e representa alguma coisa do ponto de vista acalentado por muitos escritores postos à margem daquela instituição.

Machado de Assis, assás,  
Machado de assas, Assis;  
Oh! Zebra escripta com giz,  
Pega na pena faz “zás”,  
Sae-lhe o “Borba” por um triz.  
Plagiaro do “Gil Blaz”,  
Que, de Lesage por traz,  
Banalidades nos diz.  
Pavio que arde sem gaz,  
Carranca de chafariz,

---

<sup>163</sup> BROCA, José Brito. Op. cit., 1975, p. 156.

<sup>164</sup> MONTELLO, Josué. *Os inimigos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998. p. 112-113.

Machado de Assis, assás,  
Machado de assas, Assis.<sup>165</sup>

Quem conhece certos triolés publicados em Desterro, em meados da década de 1880, não estranha tanto a possível autoria...

O Rio de Janeiro do final do século XIX era o centro burocrático do país e, por conseguinte, o mercado ideal para os nossos “homens de letras”. Com as mudanças advindas com a Abolição e, em breve, também com a República esse mercado que sempre fora altamente acirrado e competitivo rapidamente degenerou numa arena particularmente cruel e violenta. Um espaço que, décadas mais tarde, seria lembrado por um dos seus contemporâneos como “um ambiente de aversões e de ódios”.<sup>166</sup> Foi nessa arena que Cruz e Sousa desembarcou em junho de 1888.

Conquanto, se para todos os escritores que se propunham o ideal de “ganhar a Corte” este se lhes apresentava como um objetivo extremamente complicado, para homens como Cruz e Sousa, tal caminho ganhava contornos particularmente difíceis. Além da pobreza, Cruz e Sousa precisaria lidar ainda com as piores consequências das suas escolhas políticas e ideológicas, bem como com o estigma da sua cor. Seu crescente isolamento no meio literário da capital, bem como a sua obstrução junto às principais instâncias de consagração foi um dos preços que precisou pagar pelas suas alianças nos campos político e cultural. Havia jogado mal nas duas frentes. No que diz respeito à literatura, “errou” pela sua adesão a um movimento anti-hegemônio no interior da literatura brasileira (o simbolismo). E, no âmbito político-ideológico, “errou” pela sua associação a uma fração derrotada da nossa oligarquia – os herdeiros políticos do liberalismo imperial.

---

<sup>165</sup> FERNANDES, Carlos Dias. Op cit. p. 131.

<sup>166</sup> EDMUNDO, Luís. Op. cit. p. 360.

## 5 EM BUSCA DE UMA NOVA LITERATURA

O ano de 1888 pode ser considerado um dos principais marcos na história do Brasil moderno. E isto não só pelo que ele representa para a história política e social, mas, também, pelo seu significado no âmbito do debate estético-ideológico. É de 1888, por exemplo, a primeira edição do livro *História da Literatura Brasileira*, de Sílvio Romero<sup>167</sup> - uma obra que repercutiu enormemente entre as elites letradas e ajudou a redefinir os termos nos quais se fundamentava a reflexão em torno da ideia de uma “literatura nacional”.<sup>168</sup> De fato, para autores como Antonio Candido, a publicação desse livro foi um dos momentos “mais importantes da nossa literatura e do nosso pensamento”<sup>169</sup> já que significou um “primeiro esforço sistemático e abrangente de historiar a literatura do país e vê-la como fruto da sociedade que a produziu”.<sup>170</sup>

Não obstante, data também de 1888 a publicação de uma outra obra, não tão célebre quanto a de Romero, mas igualmente representativa do debate “estético” brasileiro tal como este se dava durante os anos finais do período monárquico. Trata-se da segunda edição de *A Arte Brasileira*, de Gonzaga Duque,<sup>171</sup> um texto praticamente ignorado à época, mas percebido hoje como o primeiro balanço crítico da história das artes plásticas no Brasil. Segundo o crítico Tadeu Chiarelli, um dos aspectos que tornam o livro “uma das poucas – e uma das melhores – obras escritas sobre arte brasileira no século XIX” é o fato dela ter ajudado a organizar “o debate que fundamentou a constituição de parcela significativa da produção artística realizada no Brasil no século XIX e XX, e dos discursos estabelecidos sobre ela”. Isto é, de ter contribuído “à questão da criação de uma arte nacional ou brasileira, uma arte que, em sua configuração final fosse

---

<sup>167</sup> ROMERO, Sílvio. *Historia da litteratura brasileira*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1888. 2 t.

<sup>168</sup> WEBER, João Ernesto. *A nação e o paraíso: a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997. p. 69 e ABDALA JUNIOR, Benjamin. *Historia da literatura brasileira*. In: MOTA, Lourenço Dantas (Org.). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. São Paulo: Editora Senac, 2002. p. 194.

<sup>169</sup> CANDIDO, Antonio. *O método crítico de Sílvio Romero*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 117.

<sup>170</sup> SCHNEIDER, Luiz Alberto. *Sílvio Romero: hermeneuta do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005. p. 15.

<sup>171</sup> Cf. DUQUE, Gonzaga. Op. cit., 1995.

capaz de emitir sinais inequívocos de uma identidade local intranferível.”<sup>172</sup>

A julgar por esses dois exemplos, pode-se dizer que, para além do debate estritamente “estético”, houve, para os nossos principais críticos do final do século XIX, uma problemática em comum, um eixo central em torno do qual as questões da arte e da literatura circulam. Tanto *História da Literatura Brasileira*, quanto *A Arte Brasileira* parecem insistir nas perguntas: *o que é o Brasil?; quem é o brasileiro? existe ou é possível uma cultura que nos expresse como nação?*

Não há absolutamente nada de casual na coincidência de datas que torna 1888 não só o marco da Abolição, mas, também, o ano em que emergem alguns dos principais balanços da cultura letrada no Brasil do século XIX. Nunca houve, ao longo de toda a nossa história como país politicamente emancipado, qualquer descompasso entre a reflexão acerca da realidade local e o estado da cultura produzida pelas nossas elites intelectuais. Nisso, aliás, há bem pouca originalidade no caso brasileiro. Como observa Antonio Candido, em todas as jovens nações latino-americanas, “os projetos críticos sempre tiveram, consciente ou inconscientemente, um traço comum à produção literária: o sentimento ou a deliberação de ver nos textos uma contribuição para formar a cultura nacional.”<sup>173</sup> Portanto, nada mais regular do que, por ocasião do amadurecer do movimento de contestação ao *status quo* monárquico, as mesmas cabeças que até então vinham pensando o nosso futuro em termos sociais e políticos estivessem também sumamente interessadas nas questões referentes à identidade cultural do país.

---

<sup>172</sup> CHIARELLI, Tadeu. Gonzaga Duque: a moldura e o quadro da arte brasileira. In: DUQUE, Gonzaga. Op. cit., 1995, p. 11-12. Além dessas apreciações, a crítica e historiadora Paula Vermeersch define assim a obra de Gonzaga Duque: “*A Arte Brasileira* é o marco inicial de nossa crítica de arte sistematizada, escrita por um jovem autor, situado sempre na não-oficialidade, na contestação, nos debates acalorados da imprensa, em um certo projeto de modernização política (republicana, laica, abolicionista) e cultural (a pesquisa formal e a não-determinação da arte pelo seu meio, o ‘dandismo’ e a irreverência da caricatura).” VERMEERSCH, Paula. *Notas de um estudo crítico sobre A Arte Brasileira, de Luiz Gonzaga Duque Estrada*. 2002. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2002. p. 33.

<sup>173</sup> CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: CARA, Salette de Almeida. *A recepção crítica: o momento parnasiano-simbolista no Brasil*. São Paulo: Ática, 1983. p. vii.



E a conjuntura do debate “estético”, durante a década de 1880, acompanhava as altas temperaturas das discussões políticas. Era comum que em muitos bares e cafés de difentes cidades se ouvisse falar tão alto sobre poesia quanto do último gabinete ministerial, da legitimidade da escravidão ou das vantagens e desvantagens da república em comparação com o regime monárquico. Para muitos, aqueles era anos nos quais ser escritor significava tomar partido num amplo esforço “espiritual” e que, por sua vez, possuía implicações bem maiores do que o simples culto individualizado e fetichista às belas-letras. Um empenho que denotava, sobretudo, comprometer-se, tomar partido e atuar na construção de algo percebido como essencial para a vida do país: a realização da “literatura *brasileira*” – uma literatura autêntica, autônoma, “nacional”, como aquelas das supostas grandes civilizações europeias.<sup>174</sup>

Cruz e Sousa participava apaixonadamente dessa atmosfera de exaltação e entusiasmo. Num texto crítico, de 1885, ainda durante a sua fase parnasiana, o jovem poeta exprimia bem esse ponto de vista sobre o papel social do escritor. Dizia, expressando aquele tom polêmico e combativo que, frequentemente, insuflava diversos dos seus textos de juventude:

Ha duas cousas no Brazil que são como que homogeneas, a politica e a poesia, por não serem tomadas convenientemente a sério, por serem entregues a muitos espiritos pueris, d'uma penetração frivola e vulgar.

Fallar em poesia é, neste paiz, para a comprehensão facil e leviana de individuos inconscientes da verdade philosophica das grandes cousas tangiveis, uma imbecilidade, um entretenimento inutil, uma aspiração ôca, vasia de senso e de critério.

Mas não se pense assim; não.

Se a poesia é uma banalidade, uma questão de *rimas* e de amores romanescos, de tolices doiradas, rasguem-se para sempre, lancem-se ao fogo os *Luziadas*, a *Divina Comedia*, o *Fausto* as tragedias de Shakspeare. o D. Juan de Byron, a

---

<sup>174</sup> Sobre a persistência dessa busca por uma literatura “autenticamente nacional”, ainda durante os primeiros anos do século XX, ver: RIO, João do. Op. cit. p. 20; 23-25, 94; 96.

Jerusalem Libertada de Tasso e tantas revelações geniaes que não só levantaram homens na grandiosa communhão das ideais, mas que celibrisaram nações immortalmente.

A poesia é uma arte poderosa e positivamente séria; taes sejam a força intuitiva dos poetas e a sua unção religiosamente esthetica e affectiva.

Todos os assumptos são valorosos e grandes uma vez que sejam descriptos e tratados com observação analytica.

Se em todos os paizes civilisados a poesia segue na vanguarda de todas as altas creações do espirito humano, porque não hade assim ser no Brazil? Independencia e idéas, consciencia ao largo deixemos estrugir lá fóra, na sociedade que arrota o seu bom vinho ao almoço, que vae pelos clubs passeiar a sua dyspepsia, deixemos estrugir, sim os dytirambos crús, e as ironias entrecortadas de risadinhas vaidosas, insufladas de pedanteria... e bilis.<sup>175</sup>

Publicado em 5 de setembro de 1885, na imprensa de Desterro, o texto acima é a parte inicial de uma longa apreciação crítica do livro *O Espectro do Rei*, escrito pelo poeta e dramaturgo Francisco Moreira de Vasconcelos.<sup>176</sup> Nesse livro, definido por Cruz e Sousa como um texto de “síntese político-sociocrático”, “uma obra escrita inspiradamente, baseada em fatos históricos da maior relevância”, Vasconcelos dava ao público um exemplo regular de uma tendência literária contemporânea: a chamada “poesia científica”. Vertente que, naqueles anos, entusiasmava enormemente ao poeta-crítico.<sup>177</sup>

Inspirando-se, sobretudo, nas proposições estéticas enunciadas por Auguste Comte em seu *Cours de philosophie positive*, a poesia científica desenvolveu-se em diversos países e constituiu uma das principais tentativas de adequação da poesia – compreendida, aqui, basicamente, como a arte de fazer versos metrificados e rimados – ao

---

<sup>175</sup> *Jornal do Commercio*, Desterro, 5 set. 1885.

<sup>176</sup> MAGALHÃES Jr., Raimundo. Op. cit. p. 77.

<sup>177</sup> Em 1886 a influência de Moreira de Vasconcelos apresentava-se tão manifesta sobre o estilo literário de Cruz e Sousa que foi alvo de uma leve censura de Virgílio Várzea. Uma atitude extraordinária considerando-se a habitual troca de elogios que marcava a atuação crítica dos dois amigos na imprensa de Desterro. Cf. *Ibidem*, p. 99-100.

mundo industrial e à mentalidade científica do século XIX. Na França e na Bélgica, os seus principais cultores foram Sully Prudhomme, André Lefèvre, Louise Ackermann, Hippolyte Stupuy e Alfred Berthezène. Em Portugal, Teófilo Braga, Luís de Magalhães, Teixeira Bastos e Alexandre Conceição são considerados alguns dos seus representantes.<sup>178</sup> No Brasil, o ideal de uma poesia imbuída do pensamento filosófico e científico, expresso “em suas generalidades, e não versos meramente didáticos”, foi introduzido por Sílvio Romero, no início dos anos 1870 em artigos como “A poesia dos Harpejos Poéticos” e livros como *Cantos do fim do século*, de 1878.<sup>179</sup> Mais tarde, em 1884, José Izidoro de Martins Júnior, contribuiu para esse esforço de divulgação com o opúsculo *A poesia científica*. Nele, o bacharel e poeta pernambucano, explicitou alguns dos pressupostos teóricos que orientavam aquela concepção acerca de trabalho literário:

O elemento artistico e o elemento scientifico unem, estreitam-se em relações intimas. – Induzir para deduzir a fim de construir – é a regra logica que a ambos dirige, que sobre ambos pesa.

Toda a especulação tende ao conhecimento do mundo e do homem para modical-os: modificar o mundo pela industria em proveito do homem,

---

<sup>178</sup> LINS, Ivan Monteiro de Barros. *História do positivismo no Brasil*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2009. p. 549.

<sup>179</sup> “A nova intuição litteraria nada contará de dogmatico; será um resultado do espirito geral da *critica* contemporanea. Acima dos combatentes, sem duvida necessarios, que, obcecados por uma vista qualquer das novas idéas, falseam a noção do grande todo, estão os espiritos sem dogma particular, que se empenham em traçar as grandes linhas do edificio moderno; acima de todas as doutrinas está a *intuição* generica da *critica*. / A poesia não pôde se fazer systematica; conseguirá somente embeber-se dos grandes princípios da philosophia geral. [...] A arte não é agora uma caduquice quando a musica rejuvenesceu, e a poesia attende a todas as perplexidades contemporaneas e sente-se possivel e fecunda: a arte funda-se hoje na intuição novissima que a sciencia desapaixonada e imparcial vae divulgando. Deve ser uma consequencia e uma synthese de todos os principios que até hoje aqui hão agitado o seculo.” ROMERO, Sílvio. *Cantos do fim do seculo*. Rio de Janeiro: Typographia Fluminense, 1878. p. xii-xiv. Ver também: RAMOS, Péricles Eugênio S.. Introdução ao parnasianismo brasileiro. *Revista USP*, Brasil, n. 3, p. 155-168, nov. 1989 e BERNARDO, Luís Miguel. *Cultura científica em Portugal: uma perspectiva histórica*. Porto: U.Porto, 2013. p. 82-111.

modificar o homem pela arte em benefício proprio  
e em proveito social.<sup>180</sup>

Em sua passagem por Recife, em maio de 1884, Cruz e Sousa foi apresentado a Martins Júnior, ocasião em que, muito provavelmente, tomou maior conhecimento do seu trabalho.<sup>181</sup> Entusiasmado com os preceitos da poesia científica, durante vários anos durante a década de 1880 tentou levar a cabo o ideal poético sintetizado por autores como o poeta pernambucano. Seu soneto, *Idea mãe*, publicado pela primeira vez no jornal *O Despertador*, do dia 18 de agosto de 1883, representa bem essa sua fase.

Ergueis ousadamente o templo das idéas  
Assim como uns heróes, por sobre os vossos  
hombros  
E ides atravez de um negro mar d'escombros,  
Traçando pelo ar as loiras epopéas.

A luz tem para vós os philtros magnéticos  
Que andam pela flôr e brincam pela estrella.  
E vós amais a luz, gostais sempre de vel-a  
Em amplo scintillar - n'uns extases pathéticos.

E' esse o aspirar do sec'lo que deslumbra,  
Que rasga da sciencia a tétrica penumbra  
E gera Víctor Hugo, Eckel (sic) e Littré.

E' esse o grande - FIAT - que róla no infinito!..  
E' esse o palpitar, homerico e bemdito,  
De todo o ser que vive, estuda, pensa e lê!!..<sup>182</sup>

Entre 1883 e 1885, anos em que viajou de Norte a Sul do país como secretário da Companhia Teatral de Moreira de Vasconcelos, Cruz e Sousa teve a oportunidade de ser apresentado a muitos intelectuais ligados às novas propostas estéticas que pautavam a discussão sobre os rumos da literatura no Brasil.<sup>183</sup> Alguns deles ligados à chamada Escola

---

<sup>180</sup> MARTINS Jr., Izidoro. *A poesia científica: esboço de um livro futuro*. Recife: Imprensa Industrial, 1914. p. 57.

<sup>181</sup> MAGALHÃES Jr., Raimundo. Op. cit. p. 56; 72.

<sup>182</sup> SOUSA, João da Cruz e. *Idea mãe*. *O Despertador*, Desterro, 18 ago. 1883.

<sup>183</sup> ALVES, Uelinton Farias. Op. cit., 2008, p. 59-108; PAULI, Evaldo. Op. cit. p. 41-77; MAGALHÃES Jr., Raimundo. Op. cit. p. 44-75.

de Recife – uma das principais forças no interior desse debate e à qual, de algum modo, filiava-se o próprio Martins Júnior. No mais, ressalte-se que, durante a década de 1890, ambos os escritores ainda mantinham contato e trocavam correspondências. A prova dessa relação encontra-se no arquivo pessoal de Cruz e Sousa, onde existem três documentos assinados por Martins Júnior.<sup>184</sup> Numa dessas missivas – não datada, mas provavelmente já da segunda da década de 1890 –, Martins Júnior confirma a Cruz e Sousa um empréstimo de dez mil réis e lamenta não poder dispor-lhe de mais dinheiro. Ao final, o autor de *A poesia científica* assina como “amigo e admirador”.<sup>185</sup>

Subproduto da “cultura democrática e científica” que, desde os anos 1870, acompanhava a crise institucional e política que minava a legitimidade do Império,<sup>186</sup> a “poesia científica” de autores como Romero e Martins Júnior plasmava em forma literária os anseios políticos e a inquietação ideológica daqueles escritores aos quais, num famoso ensaio de 1879, Machado de Assis referiu-se como “a nova geração”.<sup>187</sup>

Em “A nova geração”, Machado de Assis colocava-se como um escritor ponderado e experiente que, desde o ponto de vista do literato já estabelecido, avaliava as potencialidades dos recém-chegados ao debate. Seu olhar voltava-se para o que mais tarde ficaria conhecida como a “geração de 1870”.

Machado, a despeito das suas preferências pessoais, era um observador agudo e relativamente objetivo do seu entorno. Uma condição que, naquele momento, lhe permitiu ver com bastante clareza a situação geral da principal vertente literária do Segundo Reinado: o romantismo. A “escola”, aliás, do seu bom amigo José de Alencar e na qual, ele mesmo, Machado, se formara como poeta, romancista e crítico literário.

---

<sup>184</sup> Ver Parte 2, correspondências n. 120, 138 e 149. Ver também a carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa, datada de 17 de setembro de 1886. Parte 2, correspondência n. 5.

<sup>185</sup> Carta de Martins Júnior a Cruz e Sousa. s. 1, s. d.. (AMLB/FCRB). Parte 2, correspondência n. 138.

<sup>186</sup> MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do Império*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

<sup>187</sup> ASSIS, Machado de. A nova geração. In: \_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S. A., 1994. v. 3.

Há entre nós uma nova geração poética, geração viçosa e galharda, cheia de fervor e convicção. Mas haverá também uma poesia nova, uma tentativa, ao menos? Fora absurdo negá-lo; há uma tentativa de poesia nova, - uma expressão incompleta, difusa, transitiva, alguma coisa que, se ainda não é o futuro, não é já o passado. Nem tudo é ouro nessa produção recente; e o mesmo ouro sempre se revela de bom quilate; não há um fôlego igual e constante; mas o essencial é que um espírito novo parece animar a geração que alvorece, o essencial é que esta geração não se quer dar ao trabalho de prolongar o ocaso de um dia que verdadeiramente acabou.<sup>188</sup>

Com argúcia, ao longo do seu artigo, Machado de Assis identificava, precisamente, um dos principais elementos que ajudavam a dar alguma unidade às diferentes tendências que emergiam do novo contexto cultural brasileiro: a disposição antirromântica dos jovens literatos. Mais especificamente, a crítica a certa “versão oficial” do romantismo. No caso, o indianismo – um dos núcleos do sistema de representações simbólicas que davam ordem e legitimidade a organização social do Império.<sup>189</sup> Assim, pelas suas evidentes implicações políticas, essa animosidade transcendia as razões estritamente “estéticas” e integrava-se ao conjunto mais amplo do esforço de “deslegitimação simbólica e teórica”,<sup>190</sup> do *status quo* monárquico. Ou seja, para os novos escritores que chegavam ao debate literário entre os anos 1870 e 1880, rever os valores que orientavam a literatura brasileira de então significava, também, criticar as próprias fundações ideológicas sobre a qual se estabelecia o antigo regime. E analistas afiadíssimos como Machado de Assis, percebiam isso com grande lucidez.

O debate literário da década de 1880 partiu de um longo processo de enfrentamento e revisão do cânone romântico ocorrido ao longo da década anterior. O reacender da polêmica em torno do destino e caráter da literatura brasileira – uma discussão no interior da qual surgiu o próprio movimento simbolista – foi, nesse sentido, uma dos aspectos da

---

<sup>188</sup> Ibidem, p. 809-810.

<sup>189</sup> ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil- Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p. 56.

<sup>190</sup> MELLO, Maria Tereza Chaves de. Op. cit. p. 13.

crise social, política e econômica que liquidou a escravidão e a monarquia no final do século XIX.

Mas que crise foi essa?

O Brasil da segunda metade do século XIX sofreu importantes alterações nas suas feições econômicas e sociais. Dentre as principais mudanças do período, destacaram-se a proibição do tráfico de trabalhadores africanos escravizados, em 1850, e a expansão das lavouras de café ao sul do país.<sup>191</sup>

O fim do tráfico escravista acelerou a erosão da sociedade imperial. A partir de 1850 houve uma liberação de capitais até então inédita para os padrões brasileiros, o que desencadeou um ciclo de crescimento econômico que, embora descontínuo, haveria de se estender século afora e alterar significativamente as bases materiais do Império. Sobre a explosão de negócios verificada após o redirecionamento dos capitais antes investidos no tráfico, Caio Prado Júnior escreveu:

O país entra bruscamente num período de franca prosperidade e larga ativação de sua vida econômica. No decênio posterior a 1850 observam-se índices dos mais sintomáticos disto: fundam-se no curso dele 62 empresas industriais, 14 bancos, 3 caixas econômicas, 20 companhias de navegação a vapor, 23 de seguros, 4 de colonização, 8 de mineração, 3 de transporte urbano, 2 de gás e finalmente 8 estradas de ferro.<sup>192</sup>

Simultaneamente ao fim da importação negreira, o crescimento da lavoura de café nas regiões sul e sudeste colocou em evidência os limites do sistema baseado no trinômio latifúndio-escravidão-monocultura. A solução do tráfico interprovincial demonstrou-se uma alternativa frágil e provisória e, em 1860, já era evidente o esgotamento do modelo baseado na exploração da mão de obra escravizada em várias regiões do Brasil.<sup>193</sup>

---

<sup>191</sup> Cf. FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Publifolha, 2000. p. 147-154.

<sup>192</sup> PRADO JR. Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1965. p. 197.

<sup>193</sup> COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 2000.

A decadência do modelo colonial e as transformações socioeconômicas dele decorrentes, sobretudo a urbanização, geraram uma série de demandas não previstas pelo velho arcabouço jurídico-político do regime. O Estado brasileiro precisaria, mais cedo ou mais tarde, contemplar politicamente alguns dos novos grupos sociais que emergiam da nova conjuntura. Ao mesmo tempo, necessitava atualizar suas legislações, adequar-se ao novo momento econômico, facilitando o investimento estrangeiro, o desenvolvimento do comércio nacional e a atração de mão de obra livre estrangeira.<sup>194</sup>

As elites, por seu turno, viram-se num impasse. Era preciso “expandir as condições econômicas, sociais e culturais” com o objetivo de racionalizar a economia e formar a sociedade nacional. No entanto, como fazer isso mantendo intactas as “estruturas de prestígio social” que lhe legitimavam o “monopólio do poder político”? Em síntese, as mudanças precisariam ser realizadas, sim, mas de forma controlada e, sobretudo, dentro da “ordem”. Liberais e conservadores divergiam frontalmente, sobretudo na questão da abolição do trabalho escravo. O medo de uma ruptura do equilíbrio do sistema político fazia com que os debates nesse sentido adquirissem um ritmo extremamente lento. Veio a guerra contra o Paraguai e pouco ou nada se havia definido de concreto acerca das reformas. As questões eram levantadas, esmiuçadas teoricamente, mas jamais transformadas em objetos de deliberação parlamentar.<sup>195</sup>

Em 1871 subiu ao poder o gabinete chefiado pelo Visconde do Rio Branco. Formado por conservadores “moderados”, este ministério apresentou uma pauta inesperada. Relegando questões políticas mais óbvias ao segundo plano – como a compensação dos militares que retornavam do Paraguai ou a administração de rusgas eleitorais entre os partidos –, Rio Branco pôs a escravidão no centro de sua agenda política. Seu principal tópico, a Lei do Ventre Livre, era apresentado como um dos principais instrumentos jurídicos para a modernização econômica e social do Império. Apartados do poder desde 1869, momento em que optaram pela abstenção eleitoral, os liberais viram as principais pautas do seu próprio programa incorporadas por uma facção hegemônica do partido adversário. Os conservadores moderados haviam aproveitado a conjuntura favorável para conduzi-rem arbitrariamente a realização das reformas. Tal estratégia era arriscada, pois, entre outras

---

<sup>194</sup> ALONSO, Angela. Op. cit. p. 78.

<sup>195</sup> *Ibidem*, p. 79.



coisas, infringia um dos princípios mais caros à vida política do Segundo Reinado: o consenso.<sup>196</sup>

As críticas às propostas de Rio Branco partiram de ambos os espectros do poder. Liberais e conservadores “emperrados” viram com receio tanto o conteúdo das reformas quanto o modo como elas eram processadas. Do ponto de vista da crítica liberal, a principal acusação era de que os conservadores roubavam-lhes partes do programa e deformavam, a seu gosto, o sentido das reformas. Zacarias de Góes, opositor ferrenho do programa de Rio Branco, assim resumiu a estratégia da facção moderada do Partido Conservador: “Façam-se sim as reformas liberais: mas façam-se coadas pelo filtro conservador”.<sup>197</sup> Como consequência, apontava Góes, viria a “desnaturação” dos partidos monárquicos e o fortalecimento do recém-fundado Partido Republicano.

No mais, apesar de ter a abolição como uma das suas mais estimadas bandeiras, a plataforma liberal nunca privilegiou a emancipação como a principal reforma. Ao invés disso, seu tópico mais urgente era a reforma eleitoral. Deste modo, apesar de ser reconhecida como necessária, a mudança do regime de trabalho deveria ser algo elaborado pacientemente. Devagar. Se possível, ao longo de mais algumas décadas.

Por outro lado, dentro do próprio Partido Conservador, os chamados “emperrados” lançavam também suas críticas. Avessos a toda e qualquer alteração na arquitetura política, sua perspectiva era de que as instituições do Império formavam um todo que deveria ser preservado custasse o que custasse. Dessa perspectiva, não haveria possibilidade de intervenções pontuais, isoladas; alterando-se um de seus aspectos, toda a estrutura de poder comprometia-se. O verdadeiro papel do partido conservador seria o de resistir às reformas, não de conduzi-las. Essa percepção, aliás, se comunicava intimamente com outra crítica, também sustentada pelos liberais: a de que Rio Branco atentara contra a “natureza” dos partidos.<sup>198</sup>

A despeito das resistências, Rio Branco conseguiu fazer passar pelo parlamento boa parte de seu programa. A Lei do Ventre Livre, a primeira medida antiescravista desde 1850, foi aprovada com rapidez

---

<sup>196</sup> ALONSO, Angela. *Ibidem*, p. 80-81. Ver também: CHALHOUB, Sidney. Machado de Assis, historiador. (Em particular, o capítulo 4).

<sup>197</sup> GÓES E VASCONCELOS, Zacarias de. [apócrifo]. 1872. *Questões políticas*. Rio de Janeiro, Typographia Reforma. p. 6. Apud ALONSO, Angela. *Op. cit.* p. 82.

<sup>198</sup> *Idem*.

incomum em 28 de setembro de 1871 e consolidou de vez a crise no seio da elite.<sup>199</sup> No poder durante quatro anos, Rio Branco forçou ainda a passagem de uma série de outras medidas.<sup>200</sup> Sua reforma desmontou parte do “arsenal repressor saquarema” – uma série de arranjos constitucionais que garantiam, desde o fim da Regência, o domínio eleitoral contínuo do Partido Conservador – e transformou em tema de debate público diversas questões até então jamais problematizadas oficialmente ou transformadas em pautas da agenda política imperial.<sup>201</sup>

Apesar de terem sido aprovadas pelo legislativo, as reformas de Rio Branco sofreram diversas restrições e não chegaram a ser totalmente implementadas. Como resultado, produziram “um duplo efeito: geraram uma modernização incompleta, sem concretizar inteiramente a incorporação da sociedade externa ao centro do sistema político, e erodiram a sustentação política do regime, ao acirrar o conflito intra-elite”.<sup>202</sup> Não obstante, apesar de incompleta, a tentativa de reforma iniciada em 1871 foi um estímulo importante à transformação material do país, bem como um pesado golpe contra a sua estrutura de poder.

Caio Prado Júnior apresenta-nos um quadro geral das transformações infra-estruturais ocorridas nos últimos vinte anos do Império. Segundo o autor, no final da década de 1880

---

<sup>199</sup> É importante lembrarmos que a Lei do Ventre Livre jamais chegou a ser posta em prática. Em termos gerais, a Lei n. 2.040, estabelecia a condição livre (de “ingênuo”) aos filhos de escravas nascidos partir de 28 de setembro de 1871. A medida, no entanto, se fazia acompanhar de uma série de disposições relativas à criação e o tratamento dessas crianças. Segundo os artigos 1º e 2º da Lei do Ventre Livre até os oito anos de idade seria obrigação dos senhores cuidar e tratar os filhos de suas escravas. Após essa idade, o senhor poderia escolher entre duas opções: entregá-los aos cuidados do Estado, mediante um pagamento indenizatório pelos serviços prestados; ou, o que era mais comum, ficar com as crianças aproveitando seus serviços até que completassem a idade de 21 anos. Promulgada em 1871 a lei jamais concederia liberdade a ninguém. A Lei Áurea, que extinguiu formalmente a escravidão, veio 13 de maio de 1888. VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002. p. 468-471.

<sup>200</sup> Como por exemplo, a aprovação da lei de naturalização dos estrangeiros residentes no país a mais de dois anos (Decreto n. 1.950); a criação da Comissão do Registro Geral e Estatística das Terras Públicas e Possuídas (Decreto n. 5.788); a reforma judiciária (Lei n. 2.033); entre outras disposições.

<sup>201</sup> ALONSO, Angela. Op. cit. p. 83.

<sup>202</sup> *Ibidem*, p. 86.

As estradas de ferro, cujo estabelecimento data de 1852, somavam cerca de 9.000 km de linhas em tráfego, e outros 1.500 em construção. A navegação a vapor se estendera largamente, e além das linhas internacionais, articulava todo o longo litoral brasileiro desde o Pará até o Rio Grande do Sul [...] Além das vias de transporte, o império deixará também uma desenvolvida rede telegráfica de quase 1.000 km de linhas articulando todas as capitais e cidades mais importantes do país. Isto sem contar os cabos submarinos transoceânicos que o ligavam a diferentes partes da Europa e América.<sup>203</sup>

A proliferação de estradas de ferro e de redes telegráficas viabilizaram não só a movimentação de mercadorias, mas também de pessoas, notícias, ideias e valores. O considerável barateamento das passagens e a queda no tempo dos percursos facilitou o ir e vir de uma parcela maior da população. Em meados dos anos 1880, as viagens interprovinciais, por exemplo, já eram relativamente comuns. Conhecer a Corte ou outros grandes centros culturais do Império já não era um privilégio de alguns poucos abastados.<sup>204</sup>

Paralelamente à mudança no âmbito dos transportes e das comunicações entre longas distâncias, o aumento dos níveis de alfabetização e a disseminação de novas técnicas de impressão multiplicaram as tipografias. A imprensa se disseminou e a edição bibliográfica tornou-se menos cara. No final dos anos 1870, a possibilidade de acesso à cultura letrada e ao mundo dos debates públicos não era mais exclusividade de uma elite e chegou ao indivíduo médio por meio de livros e, principalmente, de jornais.<sup>205</sup> Nesse contexto, escreve Alfredo Bosi, “começa-se a perceber uma quase sincronia” entre a realidade cultural brasileira e a dos “países mais desenvolvidos do Ocidente”.<sup>206</sup>

---

<sup>203</sup> PRADO JR. Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1965. p. 201.

<sup>204</sup> PAULA, João Antônio de. O processo econômico. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., 2012, v. 2, p. 209-2012.

<sup>205</sup> ALONSO, Angela. Op. cit. p. 94.

<sup>206</sup> BOSI, Alfredo. Cultura. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit., 2012, v. 2, p. 258.

Como concluiu a socióloga Angela Alonso, a “resultante da crise política e da reforma conservadora da virada dos anos 1860 para os 1870 foi, em síntese, a configuração de uma nova ‘estrutura de oportunidades políticas’”.<sup>207</sup> Se, por um lado, facilitou a emergência de novas “vias de ação política” acessível a grupos sociais apartados dos meios de expressão política tradicionais – e dentre essas vias de ação a imprensa ocuparia um lugar de destaque –, por outro, incluiu na agenda de debates públicos todo um leque de temas essenciais à vida do Império.

É possível afirmar que, em seu afã de reelaborar e defender os seus princípios, a elite política pôs a nu seus próprios dilemas. Em fins de 1870 estava claro, para qualquer indivíduo medianamente informado, que havia uma crise em curso no Império. Eram indisfarçáveis as dificuldades do sistema político em acompanhar as mudanças sociais e econômicas pelas quais atravessava o país. Monarquia e escravidão apareciam como termos cada vez mais associados: “Esta clarificação”, diz Alonso, “transformou os fundamentos tacitamente aceitos da ordem sociopolítica imperial em temas de debate público nos anos 1880, transpassando o círculo parlamentar”.<sup>208</sup>

A segunda metade do século XIX ofereceu novas possibilidades intelectuais à minoria letrada brasileira. A modernização e a expansão das comunicações teve impacto considerável na difusão de novas temáticas políticas e culturais. O telégrafo e o desenvolvimento da imprensa fizeram com que eventos políticos nacionais e estrangeiros pudessem ser acompanhados cotidianamente por todos os grupos sociais alfabetizados. Do mesmo modo, o barateamento do processo tipográfico e a queda na taxa de importação dos livros aumentaram razoavelmente as publicações disponíveis. Em fins da década de 1870, na Corte, agências internacionais de notícias informavam os jornais do Rio e das províncias sobre os últimos eventos da política europeia e americana.<sup>209</sup> Na Rua do Ouvidor, livrarias como a Garnier ou a Brigueit ajudavam a difundir a cultura literária e científica em voga nas grandes capitais do mundo “civilizado”.<sup>210</sup> Novos valores e ideias circulavam em meio à elite letrada.

O Segundo Reinado constituiu uma tradição político-intelectual específica. Um universo de valores e esquemas de justificação que dava

---

<sup>207</sup> ALONSO, Angela. Op. cit. p. 95.

<sup>208</sup> Idem.

<sup>209</sup> Ibidem, p. 94.

<sup>210</sup> NEEDELL, Jeffrey D. *Belle Époque Tropical*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 231.

sentido e racionalidade à estrutura de poder do Império, à sua organização hierárquica e à própria forma de governo.<sup>211</sup> Aceito tacitamente por toda a elite política, esse “senso comum” passou a ser alvo de críticas cada vez mais sistemáticas a partir da crise dos anos 1870. Articulando novos instrumentos intelectuais e resignificando antigos elementos da própria tradição imperial, vários grupos, em diversas partes do país, começaram a pôr em cheque o consenso ideológico do *status quo* monárquico. Era o revoar do “bando de idéias novas” em torno das principais questões da época.<sup>212</sup> Ou, como disse Cruz e Sousa, em 1885 era o tempo de se empunhar “o archote incendiário das revoluções da idéia”.<sup>213</sup> Tarefa que ele, assim como

---

<sup>211</sup> Segundo Alonso, a partir da chamada “Conciliação”, formou-se entre luzias e saquaremas um clima de concordância em torno das instituições e códigos vitais do Segundo Reinado. Este conjunto de modos de pensar e agir, verdadeiro sustentáculo ideológico da ordem imperial, teria se cristalizado numa tradição político-intelectual compartilhada por toda a elite política. Os três pilares dessa tradição seriam: o “indianismo romântico”, o “liberalismo imperial” e o “catholicismo hierárquico”. ALONSO, Angela. Op. cit. p. 51-65.

<sup>212</sup> A expressão “bando de idéias novas” foi popularizada por Silvío Romero no ensaio “Explicações Indispensáveis”, de 1900. Nesse texto, que serve de prólogo à sua antologia de Tobias Barreto, o crítico sergipano escreve que, a partir do final da década de 1860, no Brasil, um “bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horisonte. [...] Positivismo, evolucionismo, darwinismo, critica religiosa, naturalismo, scientificismo na poesia e no romance, *folk-lore*, novos processos de critica e de história litteraria, transformação da intuição do direito e da politica, tudo então se agitou [...]”. ROMERO, Sílvio. Explicações indispensáveis. In: BARRETO, Tobias. *Varios Escriptos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Laemmert & C. Editores, 1900. p. xxiv.

<sup>213</sup> “Estamos em face de um acontecimento estupendo, cidadãos: A abolição da escravatura no Brazil. / Neste momento, do alto desta tribuna, onde se tem derramado em ondas de inspiração, o verbo vigoroso e maculo de diversos outros oradores, eu vou tentar vibrar nas vossas almas cidadãos, no fundo de vossos corações, brasileiros, os grandes sentimentos emanados da abolição; eu vou appellar pára vossas mães, para vossos filhos, para vossas esposas. / A abolição, a grande obra do progresso è uma torrente que se despenca; não ha mais pôr-lhe embaraços à sua carreira vertiginosa. /As consciencias compenentram-se dos seus altos deveres e caminham pela vereda da luz, pela vereda da Liberdade, igualdade e fraternidade, essa trilogia enorme, pregada pelo philosopho do Christianismo e ampliada pelo author dos – Chatiments, – o velho Hugo. / Já è tempo cidadãos, de impuuharmos o archote incendiario das revoluções da ideia e lançarmos a luz onde houver treva, o riso onde houver pranto a abundancia onde houver fome. / Basta de gargalhadas! / Este seculo, se

muitos outros jovens escritores identificados com as tais “ideias novas”, tomava como prerrogativa quase que exclusiva dos homens de letras da sua geração.

Como a maioria dos escritores da sua idade, Cruz e Sousa iniciou a sua vida literária, ainda no final dos anos 1870, tentando reproduzir os cânones do romantismo. Sua adesão às propostas realistas, naturalistas e parnasianas, bem como a sua crítica antirromântica, só ocorreu gradualmente ao longo da primeira metade da década de 1880 e se confundiu, em grande parte, com o seu processo pessoal de construção de uma identidade abolicionista e republicana. A indissociabilidade entre sensibilidade estética, experimentação artística, perspectiva ideológica e militância política é um dos aspectos definidores da experiência histórica de muitos intelectuais da chamada “geração de 1870” e constitui um ponto importante na relação entre Cruz e Sousa e a cultura política do seu tempo.

O significado político da crítica naturalista-parnasiana à “Velha Escola”, compartilhada a certa altura por João da Cruz e Sousa, torna-se melhor evidenciado quando sublinhamos o caráter *predominantemente* conservador assumido pelo movimento romântico brasileiro. Sobretudo em sua linha indianista, cuja expressão, no Brasil, chegou a alcançar o patamar de verdadeira ideologia nacional e constituiu um dos pilares do ideário que dava sentido e unidade à sociedade do Segundo Reinado.

Resultado do esforço de um segmento da nossa elite intelectual empenhada na construção de uma “cultura nacional autóctone” após a emancipação política do país em 1822, o movimento romântico brasileiro iniciou por volta de 1834 com o grupo ligado à revista *Niterói*.<sup>214</sup> Hegemônico e quase incontestado até o limiar da década de

---

tem rido muito, e se o riso é um caustico para a dôr physica, é um veneno para a dôr moral, e o sécl'o ri-se á porta da dor, ri-se como um Voltaire, ri-se como Polichinello. / O riso, cidadãos, torna-se a synthese de todos os tempos. / Mas, ha occasiões, em que se observam as palavras da escriptura: Quem com ferro fere, com ferro serà ferido. / E então, o riso, esse riso secular que zombou da lagrima, levanta-se á favor della e a seu turno cancanêa, vinga-se tambem. / E' ahi que desaparecem na noite da historia os Carlos I e Luiz XVI, as Maria Antonieta e Rainha Isabel, é ahi que desaparece o sc'epetro, para dar logar á republica, a unica forma de governo compativel com a dignidade humana, na phrase de Assis Brasil, no seu bello livro – *Republica Federal*.” SOUSA, João da Cruz e. Abolicionismo. *O Molêque*, Desterro, 19 out. 1885.

<sup>214</sup> CANDIDO, Antonio. A literatura durante o Império. HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, 19--.. t. 2, v. 3. p. 343-363.

1870, o romantismo brasileiro foi, no entanto, mais do que estritamente um esforço de renovação literária. Ele consubstanciou um processo consciente e deliberado de “invenção” de uma tradição imperial brasileira. Foi um componente essencial de um projeto de consolidação política e institucional, iniciado na Regência, e que se manteve, a despeito de todos os ataques, até os dias finais da Monarquia.

Segundo Alonso, o romantismo no Brasil se caracterizou, entre outras coisas, pelo seu caráter altamente seletivo com relação ao modelo europeu. De acordo com a socióloga, os escritores românticos brasileiros buscaram no referencial estético de países como a França os elementos que melhor serviam aos seus próprios propósitos de definição de “uma *nação* brasileira e um Estado *nacional*”. Esses elementos foram, sobretudo, “o tom arrebatado, a idealização de tipos e eventos” e a “forma de romance”. Um padrão eletivo representado, por exemplo, pela obra de autores como José de Alencar, e que tendia a minimizar a “veia revolucionária que o movimento romântico alcançou em algumas partes da Europa” e atendia, além de certa aspiração estético-formal, a objetivos políticos bastante específicos e concretos. Para a autora, aqui, “o romantismo não vinha contestar o tradicionalismo de modos de pensar, agir e sentir de uma sociedade aristocrática enraizada”. No Brasil, via de regra, o romantismo vinha criar e dar forma a esse legado cultural. Nesse sentido, como componente de um projeto político-intelectual, o indianismo foi a “consumação” desse desejo. O “ponto cardeal de uma nação imaginada”.<sup>215</sup>

Não obstante, mais do que restrito ao âmbito da criação literária, o indianismo romântico brasileiro assumiu formas ainda mais complexas e “ganhou corpo também em instituições e práticas sociais”. A sociedade de corte à brasileira foi amplamente animada pela inspiração indianista. Seus símbolos, suas linhagens, seus títulos nobiliárquicos identificavam e legitimavam o domínio e privilégios de certos grupos no corpo da hierarquia social.<sup>216</sup> Assim, mais do que um estilo, o romantismo brasileiro, em uma de suas vertentes mais importantes – o indianismo – foi o constructo da nacionalidade oficial

---

<sup>215</sup> “Nada havia nele [no romantismo] do Brasil empírico. O romantismo europeu dava o molde para uma estereotipação: os nativos eram estilizados como aristocracia autóctone. A idealização da nacionalidade tinha por epicentro a fusão de um colonizador épico com um bom selvagem. Assim se congelavam as características positivas em uma *imagem* idílica da nacionalidade e se expurgava o processo de colonização.” ALONSO, Angela. Op. cit. p. 56-57.

<sup>216</sup> *Ibidem*, p. 58.

durante o Segundo Reinado. Um dos principais suportes ideológicos para a manutenção simbólica do *status quo* monárquico.

É devido ao sentido eminentemente conservador que assumiu o romantismo na tradição imperial brasileira que a adesão à estética naturalista e parnasiana, realizada por muitos escritores no início da década de 1880, pode ser vista, também, como um gesto prenhe de significado político. É no caráter legitimador da ordem conservadora, assumido pelo romantismo ao longo da Regência e do Segundo Reinado, que faz da subversão do cânone romântico, em alguma medida, a subversão dessa ordem conservadora. Desse ponto de vista, toda a crítica ao modelo estético romântico pode ser compreendida também como uma crítica mediada ao sistema imperial. Ou seja, ser antirromântico, naquele contexto, significou questionar, mesmo que indiretamente, o mundo que aquele modelo estético ajudou a legitimar.

Evidentemente, o que proponho aqui não é a ratificação de qualquer interpretação homogeneizante e redutora de todo o sentido histórico de um movimento amplo e heterogêneo como foi o romantismo brasileiro. O que estou dizendo, pelo contrário, é que compartilho da avaliação geral acerca da função política atribuída a uma forma estética específica predominante no Brasil do Segundo Reinado – o indianismo. Estou afirmando que as razões que levaram ao questionamento dessa forma foram elas também eminentemente políticas. Assim, de acordo com esse ponto de vista, o combate ao romantismo literário, verificado no interior da geração de 1870, foi muito mais uma hostilidade a certa apropriação autóctone de determinadas convenções do modelo europeu (no caso, ao indianismo tal como o reformulado pelo *establishment* intelectual da Corte) do que uma atitude verdadeiramente antirromântica no sentido amplo. De fato, seria mesmo um equívoco confundir a crítica a uma forma ideológica específica com uma autêntica indisposição antirromântica, seja com relação à vida, seja com relação às artes em geral. Não só na qualidade de tendência estética, mas, sobretudo como “visão de mundo”, pode-se mesmo dizer que o romantismo atravessa quase todo o nosso meio letrado do século XIX e abarca, inclusive, a geração de 1870 e o próprio simbolismo.<sup>217</sup>

O debate estético, particularmente aquele levado a cabo pelos escritores a partir da década de 1870, era, em suma, indissociável da

---

<sup>217</sup> Sobre a permanência do romantismo na literatura brasileira do final do século XIX, ver: COUTINHO, Afrânio (Org.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1986. p. 315.



discussão política. As controvérsias acerca da arte e da literatura brasileira acompanhavam um amplo esforço de crítica ou defesa do próprio *status quo* monárquico. Uma situação, aliás, muito bem ilustrada pela polêmica travada entre José de Alencar e Joaquim Nabuco em torno da peça *O Jesuíta*, durante o ano de 1875.<sup>218</sup>

Como se vê, foi uma ideia razoavelmente comum, entre os da geração de Cruz e Sousa, a convicção de que, para mudar o país seria necessário também mudar a arte nacional (isto é, a arte produzida no Brasil).<sup>219</sup> Assim, segundo essa perspectiva, se os brasileiros desejavam ser “modernos”, precisariam, necessariamente, superar os seus velhos padrões culturais e desenvolver uma literatura nova, nivelada com o atual estado mental dos povos mais “adiantados”. Assemelhar-se com o que de mais sofisticado estivesse sendo produzido culturalmente nas grandes nações industrializadas da Europa.

As feições que esta nova literatura deveria assumir eram, contudo, objeto de discussão, controvérsia e disputa. A opção simbolista – surgida no final da década de 1880, concomitantemente à reconfiguração social, política e econômica do Estado brasileiro –, emergiu em meio a essa controvérsia acerca do que deveria suceder o velho romantismo e afigurou-se, aos olhos de alguns, como possibilidade de modernidade literária no país.

---

<sup>218</sup> BUENO, Alexei; ERMAKOFF, George (Org.). *Duelos no serpentário*: uma antologia da polêmica intelectual no Brasil, 1850-1950. Rio de Janeiro: Ermakoff Casa Editorial, 2005. p. 133-292.

<sup>219</sup> Cf. FERNANDES, Carlos Dias. Op. cit. p. 119. Já sobre o nacionalismo literário de Cruz e Sousa, sua crença na necessidade de realização de uma literatura autônoma no Brasil, ver: EDMUNDO, Luís. Op. cit. p. 447.



## 6 DE PARÍS, UM NOVÍSSIMO MODELO

Essencialmente cosmopolita, o simbolismo como movimento estético-ideológico não foi “francês”, mas, sobretudo, parisiense.<sup>220</sup> E foi entre os anos de 1887 e 1889 que reverberaram entre os intelectuais brasileiros as primeiras informações a respeito da nova moda literária cultivada na capital francesa.<sup>221</sup> Segundo a crítica Cassiana Lacerda Carollo, esse interesse acompanhava os “sinais de inquietação cultural” que difundiam, pela imprensa, “notícias e informações divulgando as últimas transformações operadas na literatura europeia ligadas ao esgotamento das tendências estéticas orientadas pela concepção cientificista do mundo” – o realismo e naturalismo. Para a pesquisadora, contudo, esses dados nem sempre são consistentes ou “esclarecedores sobre o decadismo e o simbolismo em França”, mas um tanto superficiais, “obtidos através do acesso a revistas e jornais ou da leitura de algumas poucas obras que dificilmente poderiam permitir uma visão satisfatória das novas posições”.<sup>222</sup> Além disso, seus divulgadores seriam críticos e escritores de formação naturalista, muito influenciados, portanto, por “pressupostos metodológicos de base cientificista” e cuja leitura tendia a convergir “seus esforços para preocupações orientadas, sobretudo, pelo critério de nacionalidade”.<sup>223</sup> Assim, para Carollo, uma das principais características da primeira recepção do simbolismo, no Brasil, é que ela se fez sob as lentes de uma perspectiva literária e política com traços, a princípio, diametralmente opostos às proposições básicas do modelo europeu.

Ratificando essa interpretação acerca do perfil dos primeiros críticos ocupados com o simbolismo no Brasil, encontramos a figura de Francisco Luís da Gama Rosa. Seu artigo, “Os Decadentes”, foi publicado na imprensa do Rio de Janeiro, no final do ano de 1888 e

---

<sup>220</sup> Escreve Anna Balakian: “O simbolismo não foi francês; aconteceu em Paris. O simbolismo foi um movimento *parisiense* (para distingui-lo do *francês*); parisiense por seu aspecto cosmopolita, que preparou um determinado clima internacional propício aos subseqüentes grupos de vanguarda: cubismo, futurismo, dadaísmo e surrealismo. Com o simbolismo, a arte deixou realmente de ser nacional e assumiu as premissas da cultura ocidental. Sua preocupação maior era o problema não-temporal, não-sectário, não-geográfico e não-racional da condição humana [...]”. BALAKIAN, Anna. Op. cit. p. 15.

<sup>221</sup> MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira: o simbolismo (1893-1902)*. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 48-67.

<sup>222</sup> CAROLLO, Cassiana Lacerda. Op. cit., 1980, v. 1, p. 81.

<sup>223</sup> *Ibidem*, p. 82.

contou com a colaboração do amigo Cruz e Sousa (então, apenas recém chegado à Corte e ainda pouco inteirado acerca dos princípios da nova estética). Esse texto é um dos principais documentos sobre a primeira recepção do simbolismo no interior do debate literário brasileiro do final do século XIX.<sup>224</sup>

Quase desconhecido pelos seus contemporâneos – e, hoje, praticamente esquecido pela história literária –, Gama Rosa foi um médico gaúcho que dividia o seu tempo entre a política, o jornalismo e a preocupação com as belas-letas. Seu contato com Cruz e Sousa e outros integrantes do futuro círculo simbolista do Rio, entretanto, é anterior ao ano de 1888. Foi ainda na primeira metade da década de 1880, durante a sua passagem pelo governo da Província de Santa Catarina, que Gama Rosa travou conhecimento e começou a exercer forte influência intelectual sobre alguns dos escritores catarinenses que, mais tarde, no Rio de Janeiro, viriam a constituir o chamado grupo dos “Novos”. O impacto de Gama Rosa sobre a formação literária de Cruz e Sousa foi duradouro e, segundo a avaliação de Nestor Vitor, importante o suficiente para explicar “muitos dos princípios literários, errados ou certos” que a sua obra “explícita ou implicitamente acusa”.<sup>225</sup>

Gama Rosa nasceu no ano de 1851, em Uruguaiana, município situado no extremo ocidental da Província do Rio Grande do Sul, junto à fronteira fluvial com a Argentina e o Uruguai. Originário da elite local, Gama Rosa era neto de um de um rico comerciante gaúcho e filho de um oficial da Marinha – um capitão de mar-e-guerra, veterano das guerras regenciais e das campanhas do Prata e contra o Paraguai. Quando criança, viveu na casa do padrinho, o General Francisco José Soares de Andréa, o “Barão de Caçapava”, amigo íntimo e compadre do seu pai.<sup>226</sup> Em 1860, sua família fixou residência em Desterro. Ali, Gama Rosa permaneceu por quase toda a sua adolescência e realizou os seus estudos secundários. Frequentou o Liceu Provincial (onde foi aluno do naturalista alemão Fritz Müller) e, depois, o Colégio Santíssimo

---

<sup>224</sup> GAMA ROSA, Francisco Luís da. Os decadentes. In: CAROLLO, Cassiana Lacerda. Op. cit., 1980, v. 1, p. 87-99.

<sup>225</sup> VÍTOR, Nestor. Cruz e Sousa. In: COUTINHO, Afrânio. (Org.). *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. p. 109.

<sup>226</sup> Francisco José de Sousa d’ Andréa (Lisboa, 1871 – São José do Norte, RS, 1858). Político e militar do Império. Nomeado comandante de armas e presidente de diversas províncias do país. Foi Presidente de Santa Catarina entre 1839 e 1840. PIAZZA, Walter Fernando. Op. cit., 1985, p. 53-54.

Salvador. Em 1870, transferiu-se para o Rio de Janeiro.<sup>227</sup> Na Corte, frequentou a Faculdade de Medicina, uma instituição que já se configurava como um dos principais centros irradiadores das ideias positivistas no Império,<sup>228</sup> bem como uma das bases institucionais do movimento de crítica e contestação ao *status quo* monárquico. Em 1876, defendeu a tese, intitulada *Dos casamentos sob o ponto de vista higiênico*.<sup>229</sup> Entre 1876 e 1882, dedicou-se à clínica médica. Em 1883, aos trinta e dois anos, foi nomeado Presidente da Província de Santa Catarina.<sup>230</sup> Foi nesse período de regresso à Desterro, agora como governante, que Gama Rosa conheceu o jovem Virgílio Varzea e, mais tarde, os outros escritores que, anos depois, já imigrados no Rio de Janeiro, constituiriam parte do grupo dos “Novos”.<sup>231</sup> Em 1885, findo o

---

<sup>227</sup> VARZEA, Virgílio. Dr. Gama Rosa: notas biográficas. In.: ROSA, Francisco Luiz da Gama. Op. cit., 1914, p. 17-19.

<sup>228</sup> BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. São Paulo: Convívio; Edusp, 1986. p. 118-119.

<sup>229</sup> ROSA, Francisco Luís da Gama. *Dos Casamentos sob o ponto de vista higienico*. Rio de Janeiro, G. Leuzinger, 1876. Tese (Em Teses do Rio de Janeiro, F-J, n. 3). Um exemplar desse trabalho pode ser encontrado na Academia Nacional de Medicina (Rio de Janeiro) no acervo da Biblioteca Alfredo Nascimento. Cf. LAPS; ENSP; FIOCRUZ. *Guia de Fontes e catálogo de acervos e instituições para pesquisas em saúde mental e assistência psiquiátrica no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2004. p. 41. Disponível em: < <http://www5.ensp.fiocruz.br/biblioteca/dados/arq423.pdf> >. Acesso em: 14 dez. 2016.

<sup>230</sup> VARZEA, Virgílio. Dr. Gama Rosa: notas biográficas. In.: ROSA, Francisco Luís da Gama. Op. cit., 1914, p. 17-19.

<sup>231</sup> A influência de Gama Rosa se exerceu de modo particularmente importante sobre os jovens Cruz e Sousa e Virgílio Varzea. Em suas memórias, escritas entre o final dos anos 1930 e início da década de 1940, Virgílio Várzea, o principal protegido de Gama Rosa, reconstituiu, assim, o primeiro encontro com o velho amigo e mentor: “O dr. Gama Rosa era presidente da então província de Santa Catarina quando tive ocasião de conhecê-lo. / Isso em fins de 1883, numa ‘soirée’ familiar, na residência do chefe de polícia. / No intervalo de uma quadrilha, meu distinto amigo e secretário da presidência, João Lopes Ferreira Filho, conduziu-me à presença do chefe do Executivo. / Era a um lado da sala, junto à ‘console’, no meio de um grupo de moças. / Palrava-se ligeiramente em jogos, em modas. Trocavam-se frases leves, alegres. / Meu amigo apresentou-me. / Frente àquele homem magro, de estatura comum, barba cerrada e preta, rosto miúdo e ‘pince-nez’, que era o presidente da Província, veio-me certo acanhamento, um embaraço de mocinho de Canasvieira. Apenas pude murmurar algumas frases banais. / O dr. Gama Rosa, levantando-se, estendeu-

seu mandato como governador, Gama Rosa voltou ao Rio de Janeiro e passou a dedicar-se à clínica e ao jornalismo. Seus artigos cobriam questões da vida política do Império e, vez por outra, tratavam também de temas ligados às letras. Sua avaliação crítica do simbolismo francês, o artigo “Os Decadentes”, foi publicada originalmente em três partes, entre os dias 8, 9 e 10 de dezembro de 1888, no jornal *Tribuna Liberal*.

---

me a mão. convidou-me a sentar na cadeira próxima, fazendo perguntas, referindo-se, com palavras amáveis, às minhas últimas produções. / Conversou-se rapidamente sobre literatura moderna, principalmente versos. Citou-se, com ligeiros comentários, Henri Heine, Baudelaire, Richepin, Rollinat, Daudet, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro. À despedida, disse-me ‘que aparecesse’. Primei que sim. (sic) / Passaram-se muitos dias sem tornar a vê-lo. Certa ocasião resolvi visitá-lo. / A fisionomia franca e suave, seu modo atraente e fácil de falar sobre todos os assuntos, literários, científicos, filosóficos, artísticos, com segurança, com nitidez, revelando erudição — haviam-me impressionado extraordinariamente. Sentia impulsiva necessidade de voltar a êle. / Por isso, numa quinta-feira de novembro, à tarde, pelas 5 horas, subí a larga escadaria do palácio. / Daí a momentos era conduzido ao gabinete. / Vasta sala de teto quadrado, pintado a branco, e grandes portas à antiga, com almofadas e ferragens medievais, comunicando com outros compartimentos. Chão forado a oleado de ramagens coloridas, como uma camara de ‘Steamer’. / Ao lado esquerdo, na entrada, a um ângulo, pousava severamente a mesa da presidência, envernizada de negro, cheia de bordaduras abundantes, caturras, cheirando a setecentismo. Duas filas de cadeiras de palhinha, muito rígidas, muito erectas, perfilavam-se militarmente, a um lado e outro das extremidades da mesa. / Da parede fronteira pendia, de grossos cordões amarelos e verdes, um retrato a óleo de D. Pedro II, parecendo aos dezesseis anos, vestido à cõrte, imbeerbe, cútis fina e rosada, testa saliente, olhos muito azuis, rasgados. / Do outro lado uma estante larga, amarela, sem vidros, mostrava grossas lombadas de livros de leis. Logo em seguida, uma mesa pequena, forrada de baeta verde, desbotada, com gradil, expunha papéis diversos e um livro aberto, cheio de marcas nas folhas. / Objetos com ar grave, arcaico de cousas feudais. / O presidente apareceu abotoado num ‘croisé’ preto: risonho, um brilho de satisfação através do ‘pinenez’ de míope. / Das janelas em frente vinha uma claridade frouxa de anoitecer. Lá fora o azul do céu esmaíava.” VÁRZEA, Virgílio. Primeiros encontros com o Dr. Gama Rosa. *Anuário Catarinense*. Florianópolis, ano 5, p. 173-174, 1952. Apesar de extensa, esta transcrição da reconstrução literária da personagem Gama Rosa ajuda-nos a criar uma idéia do modo como, então, essa figura foi percebida pelos jovens escritores desterrenses, bem como do quão longeva se fez a sua lembrança. No mais, para uma crítica ao tratamento convencional dado pela historiografia literária à figura de Gama Rosa, ver: SOUZA, Luiz Alberto de. Um mundo em agonia: a geração de 1870 em Desterro. *Revista História e Cultura*, Franca-SP, v.3, n.1, p.172-188, 2014.

Esse trabalho, conta-se, foi realizado como um favor prestado por Gama Rosa ao crítico cearense Tristão de Alencar Araripe Júnior. Segundo um depoimento prestado por Oscar Rosas ao jornalista e escritor Raul Gomes, em 1923, as circunstâncias que levaram o médico gaúcho a realizar um ensaio acerca desse assunto em particular teriam sido estritamente circunstanciais.

Segue o relato:

[...] A Livraria Garnier, do Rio, recebera numerosas obras de Verlaine, Moraes (sic)\* e outros proceres do movimento inovador da poesia francêsa

O velho Garnier chamou Alencar Araripe e entregou-lh'as para que este fizesse uma apreciação crítica. Araripe, não obstante a sua notória erudição, não conhecia a technica do verso.

O critico cearense dirigiu-se a Gama Rosa que redigia a "Tribuna Liberal", orgam do visconde de Ouro Preto. Esse jornal era um dos de maior circulação e leitura na epoca, porque alvo de tremendos ataques, quer da parte de liberaes, quer da de republicanos.

Gama Rosa não poetava. Polygrapho, porém, e escriptor circumspecto e consciencioso quando versava um assumpto o esgotava. Gama Rosa chamou Cruz e Souza e Oscar Rosas, ambos poetas, para lerem os livros symbolistas.

Rosas conhecia bem o frances. Cruz lia-o regularmente, visto tel o aprendido em Florianopolis com o pai do primeiro.

Gama Rosa pediu-lhes que fizessem uma leitura dos livros e lhe transmittissem a opinião porque desejava escrever sobre o assumpto quer sob o ponto de vista literario, quer sob o ponto de vista sociologico.

---

\* O autor, muito provavelmente, quis escrever "Moréas". Ioannis Papadiamantopoulos, conhecido como Jean Moréas (Atenas, 1856 - Paris, 1910), foi um poeta simbolista grego de expressão francesa. Foi também ensaísta e crítico de arte, tendo sido o autor do "Manifesto do Simbolismo", publicado em 1886, no jornal *Le Figaro*. Cf. TELLES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Petrópoles: Vozes, 1983. p. 59-65.

Um dia Gama Rosa convidou os dois rapazes a jantar em sua casa. Depois da comida Cruz e Rosas passaram a biblioteca de Gama Rosa e ali puzeram-se a ler os livros dos autores franceses.

Leram e gostaram imenso delles. Chegaram a apaixonar-se pela arte nova que se lhes deparava com uma feição estranha, com requintos inusitados.

Deram, dominados de entusiasmo, a impressão a Gama Rosa, que, sob essa influencia de *sympathia* profunda, traçou uma serie de artigos para a "tribuna Liberal", criticando os trabalhos de Verlaine, de Moraes e prognosticando a acção que elles passaram a exercer no espirito da mocidade brasileira, presa ainda do fascínio do parnasianismo.

A critica de Gama Rosa produziu sensação, desde a primeira publicação, principalmente entre os novos, que a receberam por entre vibrantes applausos.

Cruz e Souza e Oscar Rosas inscreveram-se entre os primeiros paladinos da nova escola poetica, adoptando-lhe por inteiro os canones.<sup>232</sup>

O relato feito a Raul Gomes parece bastante factível. Como crítico, Gama Rosa, realmente, demonstrava pouca intimidade (e, talvez, gosto) para com a poesia, algo que podemos constatar, inclusive, nas próprias "análises" apresentadas em "Os Decadentes". No mais, como afirmei anteriormente, já fazia alguns anos que o médico travava relações pessoais tanto com Oscar Rosas quanto Cruz e Sousa sendo, inclusive, correspondente habitual deste último.<sup>233</sup> Tais fatos ajudam a conferir verossimilhança à narrativa ouvida e transmitida por Raul Gomes. Além disso, no que diz respeito à sua postura para com Cruz e Sousa, Gama Rosa parecia realmente confiar nas suas habilidades também na qualidade de crítico de poesia.<sup>234</sup> O que torna bem plausível

---

<sup>232</sup> GOMES, Raul. Cruz e Souza. Republica, Florianópolis, 3 abr. 1923.

<sup>233</sup> Ver Parte 2, correspondências n. 3, 4, 10, 100, 112 e 121.

<sup>234</sup> Em 1886, por exemplo, Gama Rosa chegou a prometer a Cruz e Sousa o cargo de "redator literário" num jornal que, então, planejava lançar no Rio de Janeiro (um órgão do Partido Liberal chamado *A Reforma*). Sabemos, no entanto, que essa oferta jamais se concretizou. De qualquer modo, no entanto, a



a hipótese de uma consulta. Não obstante, quanto à centralidade inferida ao trabalho de Gama Rosa à emergência de uma corrente simbolista no contexto literário brasileiro, há que se fazer algumas ressalvas. De fato, me parece provável que muitas das primeiras leituras realizadas por Cruz e Sousa e Oscar Rosas dos autores ligados ao simbolismo tenham realmente ocorrido a partir dessa ocasião. Não obstante, o que soa inadequada é a supervalorização desse primeiro contato.

Explico. É inegável a influência de Gama Rosa sobre muitas das escolhas intelectuais de Cruz e Sousa realizadas durante a segunda metade da década de 1880. No entanto, é preciso considerar também outras referências. Uma delas é, por exemplo, Horácio de Carvalho. Um amigo de juventude que, ao que parece, foi uma das primeiras referências de artista “decadente” que Cruz e Sousa levou minimamente a sério. Leitor de Arthur Schopenhauer e Eduard von Hartmann, Horácio de Carvalho é representado por Cruz e Sousa em alguns dos seus textos de juventude como um típico personagem “tomado” pelo espírito de *ennui* – lassidão, prostração, *spleen*, a opressiva consciência da vacuidade da vida – que tanto marcaria a literatura finissecular e muitas das próprias obras do poeta já em sua fase madura.<sup>235</sup> Outro argumento importante nesse sentido é a evidência de que, bem antes de 1888, Cruz e Sousa já conhecia a obra de Baudelaire chegando até mesmo a ter conhecido o poeta e jornalista gaúcho Carlos Ferreira (um dos primeiros tradutores brasileiros do poeta francês).<sup>236</sup> Ou seja, menos que uma “revelação”, a adesão de Cruz e Sousa ao simbolismo parece ter sido um lento e gradual processo que tem no seu encontro com Gama Rosa, em 1888, apenas um dos seus momentos. Uma hipótese bastante simples, mas que tende a passar despercebida pela maioria dos seus críticos e biógrafos.

Além do mais, é pouco crível que, em 1888, o simbolismo parecesse aos intelectuais brasileiros uma completa novidade, tal como nos sugere o testemunho de Rosas.<sup>237</sup> Sabemos que informações sobre o decadentismo já circulavam em alguns meios letrados desde, pelo

---

proposta existiu e está documentada na correspondência do escritor. Ver Parte 2, correspondência n. 4.

<sup>235</sup> Ver “Horácio de Carvalho” e “Croqui dum excêntrico”. SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 95-97; 176-178.

<sup>236</sup> ALVES, Uelinton Farias. Op cit. p. 67-68; 229; MAGALHÃES Jr., Raimundo. Op. cit. p. 65.

<sup>237</sup> O próprio Nestor Vítor afirmou já conhecer Baudelaire desde a adolescência. Ou seja, desde o início da década de 1880. Cf. RIO, João do. Op. cit. p. 38.

menos, o começo da década de 1880.<sup>238</sup> De fato, o que parece ter ocorrido ao final da década – e, de certo modo, o aparecimento do ensaio de Gama Rosa é um sinal disso – foi o aumento do interesse do público erudito pela atual movimentação das vanguardas literárias em França.<sup>239</sup> Seria mesmo implausível imaginar que, antes de 1888, nada daquelas agitações literárias ocorridas justo no centro cultural mais importante da Europa, ainda não houvessem repercutido, mesmo que informalmente, entre os nossos escritores. Assim, pode-se dizer que o artigo de Gama Rosa é um primeiro esforço de sistematização de um conjunto de informações que, muito possivelmente, já circulavam entre as nossas elites letradas, e não a “apresentação” de uma total novidade.

Escrito com um esforço de clareza e objetividade que aproximavam o seu texto mais de um tratado científico do que de um de crítica literária, Gama Rosa inicia a primeira parte de “Os Decadentes” estabelecendo uma relação direta e de proporcionalidade entre “evolução social” e progresso científico, literário e filosófico. Segundo o crítico, do ponto de vista histórico, “todos esses desenvolvimentos parciais” seriam “ cousas equivalentes, correlativas e que têm uma *engrenagem comum*” (grifos meus).

A afirmação acerca da sincronicidade das séries literárias em relação a outras séries culturais revela-nos um aspecto central da concepção crítica da qual parte Gama Rosa. No caso, o princípio da “totalidade das criações humanas”. Um pressuposto, aliás, compartilhado com muitos outros intelectuais da sua geração. “Esta extensão do conceito de crítica”, escreve Antonio Candido, “é flagrante no Brasil, com Sílvio Romero e o grupo do Recife”, e em Portugal, “com Teófilo Braga e a geração de Coimbra”.<sup>240</sup> Assim, segundo a perspectiva desses autores, a “crítica” corresponderia a um procedimento que transcenderia a preocupação exclusiva com a “literatura”, compreendida em sua acepção estrita. Ou seja, para eles, a “crítica” era um método de conhecimento científico do mundo (da “totalidade das criações humanas”) e não uma simples contemplação valorativa de certos monumentos culturais. O que se tem aqui, portanto,

---

<sup>238</sup> ISGOROGOTA, Judas. O Movimento Simbolista em São Paulo e a Mocidade Acadêmica do Fim do Século. *A Gazeta*, São Paulo, 22 mai. 1956. Ver também: AMARAL, Glória Carneiro. *Aclimatando Baudelaire*. São Paulo: Annablume, 1996 e CARA, Salete de Almeida. Op. cit.

<sup>239</sup> CARA, Salete de Almeida. Op. cit.

<sup>240</sup> CANDIDO, Antonio. Op. cit., 2006, p. 206.

é a palavra “crítica” sendo compreendida numa acepção ampla, próxima àquela inaugurada por Kant no século XVIII.

Assim, para autores como Gama Rosa ou Silvio Romero, “crítica” equivaleria ao juízo apreciativo (exame do valor), realizado do ponto de vista “estético” (isto é, relativo às “obras de arte”), mas, também, lógico (referente ao raciocínio), intelectual (filosófico e científico), bem como de experiências ou condutas.<sup>241</sup> Como se vê, não é à toa que ao escrever, no papel de crítico, Gama Rosa soasse mais como um “filósofo” ou “sociólogo” do que qualquer outra coisa.

Quanto ao critério de julgamento e análise adotado em “Os Decadentes” este parece ser a própria história. Ou, para ser mais preciso, numa certa concepção da história que interpretava o desenvolvimento universal das sociedades humanas segundo a sua maior ou menor adequação ao modelo de “progresso” abstraído da experiência concreta das nações industrializadas europeias. É assim, por exemplo, que o tema da velocidade e a imagem do trem a vapor, símbolos do poder técnico-científico no imaginário burguês oitocentista, surgem, no texto de Gama Rosa. Eles são sinais que, mais do que recursos de retórica, revelam alguns dos seus principais pressupostos ideológicos.

Escreve o crítico:

Presentemente, nesta epoca de vida material e psychica a alta pressão, de rapidez e instanteneidade, em que a multiplicação dos efeitos actua do modo mais formidavelmente intenso e imprevisto, as escolas litterarias, como a sciencia, as instituições politicas e todas as cousas são presas do torvelinho, e, incessantemente modificadas, em poucos annos experimentam absoluta transformação.

A vida actual ganhou o aspecto de um dos seus principais factores, o wagon, a viagem em wagon, a 120 kilometros por hora: florestas, casas, vergeis, montanhas, rios, paizagens de todo o genero passam um momento ante os olhos e desaparecem.<sup>242</sup>

---

<sup>241</sup> JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996. p. 59.

<sup>242</sup> GAMA ROSA, Francisco Luís da. Os decadentes. *Tribuna liberal*, Rio de Janeiro, 8 dez. 1888. (Uma transcrição integral desse texto pode ser encontrada também em: CAROLLO, Cassiana Lacerda. Op. cit., 1980, v. 1, p. 87-99).

Caberia ao caso de Gama Rosa, observações similares aquelas às quais Antonio Candido realiza em sua análise do método de Silvio Romero. A saber, para críticos de orientação “naturalista”, “não basta afirmar um julgamento de valor estético”; é preciso, “como complemento”, afirmar “um julgamento de valor humano, social”.<sup>243</sup> Assim, segundo essa lógica, o “bom” ou o “belo” estariam, necessariamente, submetidos ao critério do seu possível ajuste ou desajuste com o ideal de “progresso” promovido, desde o final do século XVIII, como parâmetro universal pela burguesia europeia. Nesse sentido, a cada etapa histórica cumprida em direção à “civilização”, a um modo de vida similar ao das sociedades capitalistas industrializadas, corresponderia um conjunto de ideias e valores próprios a esse momento. A tarefa do crítico, por sua vez, seria a de verificar essas mudanças e compreender as relações existentes entre cultura e história a partir de suas manifestações concretas no âmbito das artes, ciências ou filosofia. A percepção do “novo”, a atenção à mudança, é, segundo esse ponto de vista, o seu principal interesse. A condenação do “velho”, da “chapa”, da repetição anacrônica, do lugar-comum, do superado pela última técnica, descoberta científica, verdade filosófica ou sensibilidade “estética” corresponderiam às contrapartes da crítica naturalista realizada por Gama Rosa. Ao lado do classicismo e do romantismo, a lentidão das liteiras e as abstrações metafísicas da retórica jesuítica seriam, sob esse ponto de vista, outros aspectos de um mesmo mundo arcaico, colonial, passadista, pré-moderno, a ser superado, ultrapassado pelas tendências mais recentes que, então, acenavam desde o posto mais avançado do “espírito humano”, do mundo europeu. Um universo marcado pela velocidade, pelo pensamento prático, utilitarista, materialista e, também, pela intuição técnico-científica da vida. Em suma, pelo mundo da locomotiva.

Tempos apathicos, tempos batrachios eram aquellos da cadeirinha de liteira, e, então, o classicismo, de Aristoteles em cima, arrastou-se por mais de mil annos, em um triumpho moderado e caturra. Classicismo complicado de *Flos Sanctorum*.

A esse classicismo de Sacristia e de Olympo, mixto de ambrosia e rapé ecclesiastico, succedeu

---

<sup>243</sup> CANDIDO, Antonio. Op. cit., 2006, p. 113.

a escola romantica que, sob a influencia do meio moderno, apenas pôde permanecer durante quarenta annos, de 1830 a 1870, succumbindo da maneira mais brutal sob as mãos do Realismo.<sup>244</sup>

Não obstante, anunciava Gama Rosa, em tempos de aceleração histórica, tal como aquele no qual viviam o seus contemporâneos, até mesmo o realismo já estaria condenado à superação. A despeito do seu “grande merecimento” e de ter conseguido se impor vitoriosamente “contra todas as resistências” frente ao seus rivais românticos, a escola de Zola, Daudet, Richepin e Coopeé, também estaria com o seus dias contados.

Neste ponto é importante ressaltar que a perspectiva ideológica que subjazia o artigo de Gama Rosa era a do “cientificismo liberal” – uma vertente da ilustração brasileira muito influenciada pelos novos liberais ingleses, tais como Stuart Mill.<sup>245</sup> Segundo Maciel de Barros, o novo liberalismo caracterizava-se por não justificar-se apelando para os argumentos do jusnaturalismo em seu esforço de compreensão da história, mas “para a intuição científica do mundo”. Isto é, em vez de Rousseau ou Kant, os liberais científicos, invocavam, por exemplo, os evolucionistas Charles Darwin ou Herbert Spencer em seus principais argumentos.<sup>246</sup> Contrariamente ao modo de pensar próprio dos velhos bacharéis e homens de letras do Império, não era mais a Economia Política ou o Direito que orientavam essa geração de intelectuais, mas a Biologia (ou a Sociologia fortemente informada pelas ciências naturais). Para a “nova geração”, anunciada por Machado de Assis, o “núcleo da concepção do universo” havia de ser compreendido, nos seus aspectos gerais, “em função de uma visão ‘científica’ da realidade *darwinista* ou *positivista*”.<sup>247</sup> E era precisamente essa perspectiva “científica”, muito informada pela noção de “luta pela vida”, que permitia a esses críticos falarem em diferentes formas de “seleção natural” aplicadas à cultura e à sociedade (no caso, “seleção jurídica”, “seleção religiosa”, “seleção moral”, “seleção intelectual” e, claro, “seleção estética” ou “artística”).<sup>248</sup>

---

<sup>244</sup> GAMA ROSA, Francisco Luís. Op. cit., 8 dez. 1888.

<sup>245</sup> BARROS, Roque Spencer Maciel de. Op. cit. p. 159-160.

<sup>246</sup> Ibidem, p. 161.

<sup>247</sup> Ibidem, p. 166.

<sup>248</sup> Ibidem, p. 157.

A esta altura finalmente se chega a um melhor esclarecimento acerca da tal “engrenagem comum” citada por Gama Rosa, logo no primeiro parágrafo do seu artigo. Como em todos os âmbitos da natureza e da história, a “seleção natural”, o mecanismo de sobrevivência do mais “apto” ao meio, seria o motor que regeria a própria história da arte, a lei que orientaria, por fim, o curso da evolução da literatura.<sup>249</sup> A realidade humana seria dinâmica e o seu movimento determinado por leis bem definidas e reconhecidas pela crítica moderna. Desse modo, no caso do desenvolvimento literário, seriam também essas leis que explicariam a sucessão das “escolas literárias” no tempo. Por conseguinte, a emergência do decadentismo na França, não seria um simples acidente, mas uma necessidade inerente ao próprio desenvolvimento da totalidade histórica. Como escreve Gama Rosa: “Nada se eternisa, e chegou igualmente a vez do declínio naturalista...”<sup>250</sup>

Mas tal progresso, contudo, não seria para todos. A mudança jamais adquiriria um caráter universal, mas se limitaria a uma vanguarda, a uns poucos capazes de acompanhar e entender o ritmo das rupturas. O desenvolvimento da cultura seria privilégio reservado a uma “*elite* do espírito humano” formada, necessariamente, por uma minoria culta e particularmente sensível. Aos outros – os passadistas, aos desprovidos de “senso estético” e ao povo comum, ignorante –, caberia o apego anacrônico às velhas formas e à reprodução automática e indefinida da tradição herdada.

Quando constatamos todas essas mudanças, está claro que sómente nos queremos referir á *elite* do espírito humano. Para a maior parte dos individuos, incapazes de evolução e sentimento esthetico, todas essas transformações passam sem deixar vestigios, e, ainda hoje, certamente, ha quem use tropos mythologicos, os ache novos e encantadores e até acredite em mythologia. Grande numero de escriptores, admirados pela maioria do publico, exhibem com bravura uma prosa aventalhada, constituída por *chapas*, em phrases e idéas; os roda-pés dos jornaes continuam abarrotados com os mesmos romances de carregação, *ficelleiros* e medonhos, de ha

---

<sup>249</sup> Idem.

<sup>250</sup> GAMA ROSA, Francisco Luís da. Op. cit., 8 dez. 1888.

quarenta annos; as damas sentimentaes e nervosas persistem em ler, com o mesmo embevecimento e emoção das suas predecessoras, as poesias lamartinianas de Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias; o povo permanece na celebre litteratura de cordel, ou recorre aos jornaes, tambem collocados a cordel na porta das lojas.

Para toda essa gente não ha mudança possivel – a litteratura que possui dura toda a vida, e ainda passa por atavismo aos descendentes...<sup>251</sup>

Na seqüência, após as suas considerações de cunho estritamente teórico, Gama Rosa citava as suas fontes (a revista *Le Décadent*; um opúsculo de Anatole Baju, os volumes *Amour* e *Romances sans paroles*, de Paul Verlaine e algumas poesias de Stuart Merrill) e realizava uma breve síntese da história do movimento simbolista na França.

No que diz respeito a este último tópico, segundo o crítico, o movimento francês seria “de data inteiramente recente, visto como somente começou a existir há apenas três anos em 1885”. No mais, observa, Baudelaire seria o seu precursor. Já os seus adeptos se dividiriam em dois grandes grupos: a “direita conservadora” do “jovem partido literário”, representada por Verlaine e a “extrema esquerda radical”, chefiada por Stephane Mallarmé. Aqui, a analogia entre política e literatura parece reveladora: ao situar Verlaine – *communard* em 1871, maldito célebre, mas cultor de um estilo relativamente ajustado às velhas formas parnasianas – à “direita” de Mallarmé – um burguês pacato, mas crítico e escritor iconoclasta com relação às convenções da poesia francesa –, Gama Rosa parece subscrever a autonomia relativa do campo estético já observado por outros críticos naturalistas brasileiros. No caso, Sílvio Romero, autor que, alguns anos antes, observava: “A poesia é como a linguagem; ambas partem da natureza; mas ambas são organismos que se desenvolvem, que evoluem por sua conta”.<sup>252</sup> Uma lógica que abre a possibilidade para, nem sempre, colocar-se do mesmo lado radicalismos políticos e experimentalismos formais. Deste ponto de vista, presume-se, era possível então ser “adiantado” numa coisa e, ao mesmo tempo, um retrógrado, um “chapista” em outra.

---

<sup>251</sup> Idem.

<sup>252</sup> ROMERO, Sílvio. *Introdução á história da litteratura brasileira*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1882. p. 84.

Por fim, Gama Rosa finaliza o artigo do dia 8 afirmando a equivalência entre os termos “decadentismo” a “simbolismo”. Escreve:

A denominação de Decadentes lhes veio da imprensa pariziense: sómente tiveram a habilidade de rebater o golpe, aceitando o alcunha como uma bandeira de partido.

O verdadeiro nome que elles possuem é o de *Symbolistas*, para representar as abstracções que são o característico da doutrina.<sup>253</sup>

Essa identificação direta entre simbolismo e decadentismo foi observada e definida por Lacerda Carollo como reveladora da “confusão terminológica” realizada pela crítica local. Tal percepção, no entanto, diz a autora, seria injustificável frente à natureza do material consultado por Gama Rosa. Para a pesquisadora, os documentos que serviam de subsidio ao artigo de 1888 “não permitem não só o emprego do termo simbolista para o grupo da revista de Baju [*L'École Decadente*] como a distinção do mesmo em relação a decadentismo ou decadismo”.<sup>254</sup>

Nesse sentido, uma passagem ilustrativa do modo peculiar como Gama Rosa ressignificava o léxico europeu encontra-se no parágrafo final do artigo. Nele, o crítico resume assim a sua compreensão geral do que acreditava ser, na prática, o decadentismo francês:

Os Decadentes constituem actualmente mais do que um grupo; são inteiramente um partido ou uma escola litteraria, contando já grande numero de escriptores, alguns muito notaveis, com principios fixos, theorias originaes sobre esthetica, producção de numerosas obras, um orgão na imprensa e certa parte do intelligente publico pariziense que os applaude e anima.<sup>255</sup>

“*Mais do que um grupo*”, um “*partido* ou uma *escola* literária” com “*princípios fixos*” e “*teorias originaes sobre estética*”. Essa definição, muito vaga, mas também por isso altamente significativa, constitui um dos filtros interpretativos do modo como o movimento

---

<sup>253</sup> GAMA ROSA, Francisco Luís da. Op. cit., 8 dez. 1888.

<sup>254</sup> Idem.

<sup>255</sup> GAMA ROSA, Francisco Luís da. Os decadentes. *Tribuna liberal*, Rio de Janeiro, 9 dez. 1888.



europeu vinha sendo recebido e assimilado pela classe letrada brasileira em 1888. Uma pista útil, para compreendermos, sobretudo, o modo com os primeiros simbolistas brasileiros perceberiam a si mesmos no seu esforço de se projetarem no cenário literário local como representantes do novo modelo literário.

Mais adiante, na segunda parte do ensaio – publicada no dia 9 de dezembro de 1888 – Gama Rosa se propõe a “examinar a orientação e os princípios diretores” do decadentismo. Aqui, as categorias próprias da visão científica da realidade, tomadas como balizas interpretativas para a sua crítica naturalista, ficam patentes.

O Decadismo, partindo da theoria spencerista de que o progresso é sempre uma marcha simples para o complexo, do homogêneo para o heterogêneo ordenado, considera que todas as escolas litterarias que até agora têm apparecido, não conseguiram, por deficiência de idéas e de estylo, exprimir, nem longinquamente, as modalidades da vida e o pensamento moderno, tão poderosamente complicado pelas impressões multi-millenarias do atavismo e as inextricaveis influencias do meio, de uma variabilidade infinita.<sup>256</sup>

Ao interpretar os teóricos do decadentismo a partir das suas referências prévias ligadas à reflexão naturalista sobre arte e literatura, Gama Rosa deixa entrever uma aproximação entre a estética decadente e as formulações acerca da poesia científica. A passagem a seguir, por exemplo, é bastante reveladora das relações que aparentemente esse autor estabelecia entre as proposições do novo movimento francês e aquilo que autores como Isidoro Martins Júnior haviam definido, anteriormente, como “poesia moderna” (o que, tal como vimos anteriormente, no seu caso, significava “poesia científica”).

Assim o caracter principal do Decadismo é uma notabilissima abstracção e profundidade de pensamento, procurando explicar, concretisar, em linguagem, as noções mais vagas reconditas e fugidias do espirito, exprimindo e confundindo-se

---

<sup>256</sup> Idem.

com as idéas mais transcendentas e as generalizações da filosofia.

Dahi procede que as produções da Escola Decadente são de difficilima percepção; exigem atenção muito demorada e intensa para ser apreendidas, além de preparo intelectual muito completo, de extensos e profundos conhecimentos, como ver-se-ha pelos specimens que daremos.<sup>257</sup>

Para Gama Rosa, a arte seria a expressão de certa experiência histórica, um fenômeno indissociável do seu tempo. Assim sendo, a complexidade das sociedades modernas geraria modos de pensar e sentir equivalentes à complexificação da técnica, da ciência e da filosofia. Já a poesia, por sua vez, exprimiria o estado atual de um povo na escala do progresso. Seu cultivo, contudo, não poderia ser amplo. Aqui, Gama Rosa reafirma a sua adesão ao elitismo cultural pregado pelos simbolistas franceses. Para eles, como tudo o mais referente ao desenvolvimento espiritual de um povo, a poesia moderna também se desenvolveria, única e exclusivamente, entre as vanguardas intelectuais de uma época. Abstrusa, difícil, a arte atual não visaria, desse modo, ao público acostumado às velhas formas do passado, mas a uma elite intelectual capaz de acompanhar as transformações inerentes à dinâmica da sua própria contemporaneidade.

Como a alevantada musica do egregio genio allemão [Richard Wagner], a Arte decadente não se dirige ás multidões, não se preocupa com a clareza, não faz demonstrações, nem concessão alguma á ignorancia.

A Arte é restrictamente aristocrata, aristocracia mental, entenda-se, e sómente dirige-se a á *élite* intellectual do publico.

E' desse publico intellectualmente aristocrata que o Decadismo se apresenta como órgão.<sup>258</sup>

E citando o opúsculo, *L'École Decadente*, de Anatole Baju, Gama Rosa complementa:

---

<sup>257</sup> Idem.

<sup>258</sup> Idem.

“A litteratura decadente synthetisa o espirito de nossa epoca, isto é, da *élite* intellectual da sociedade moderna. Não seria possível admitir, quando se trata de Arte, a multidão, que não pensa, e que não póde ser contada sinão numericamente. O alto publico intellectual é o unico digno de apreço e cujos suffragios são uma consagração.”<sup>259</sup>

A poesia moderna ou decadente, desse modo, não se proporia a didatismo ou a acessibilidade simples. O poeta seria, por princípio, um hermético, sem compromisso algum com as multidões. Sua missão seria apreender a vida, fazer uma breve síntese do mundo, dos objetos, não ilustrá-los com minúcia e precisão fotográficas. Seu intento, segundo esse ponto de vista, era o de “fazer sentir, dar ao coração a sensação das coisas, quer por meio de construções novas, quer por meio de símbolos”.

De accordo com o principio de que a Arte não tem por intuito nobilitar, dignificar ou desasnar ignorantes, o que é missão de escolas e pedagogos, o escriptor ou artista decadente deve anunciar-se desassombradamente, e, sem temor de obscuridade, tudo manifestar de modo breve, synthetico, sem descrições, nem delongas explicativas.<sup>260</sup>

E, mais a diante:

Transcendencia de pensamentos, condensação de idéas, brevidade sensacional, impressionista, emocional da enunciação, são os caracteres principaes do movimento litterario, alguns dos quaes herdados do Naturalismo, de que

---

<sup>259</sup> Idem. No original, lê-se: “La littérature décadente synthétise l'esprit de notre époque, c'est-à-dire celui de l'élite intellectuelle de la société moderne. On ne saurait faire entrer en ligne de compte quand il s'agit d'Art, la multitude, qui ne pense pas et qui ne peut être comptée que numériquement. Le haut public intellectuel, le seul qui compte et dont les suffrages sont une consécration, [...]”BAJU, Anatole. *L'école décadente*. Paris: Léon Vanier, Éditeur des decadents, 1887. p. 9.

<sup>260</sup> GAMA ROSA, Francisco Luís da. Op. cit., 9 dez. 1888.

incontestavelmente a Nova Escola é  
continuação.<sup>261</sup>

E seria, justamente, em nome desse senso de realismo – cada vez mais reduzido à “marcha vertiginosa dos tempos”, pela “necessidade de gozar muito em pouco tempo” – que, segundo o crítico, as antigas formas artísticas comprometidas com velhos modos de expressão viriam a ser ultrapassadas por novas modalidades estéticas. Seria esse, por exemplo, o caso do teatro, da pintura e da escultura, procedimentos artísticos que, segundo o autor, vivendo do convencional e artificial, a médio e longo prazo não conseguiriam competir com a capacidade dos novos meios especializados em captar e reproduzir o real. O exemplo dado por Gama Rosa é o da fotografia.

Finalmente, no dia 10 de dezembro, o autor publicou a última parte do seu ensaio. Depois de comentar a violência com que os decadentes franceses travavam as suas polêmicas com os naturalistas (e em particular com Zola) e, em certa medida, justificá-las como “factos inherentes á demolição”, o crítico passou propriamente ao comentário da produção artística realizada pelos poetas franceses contemporâneos. Seus exemplos foram quatro textos: os poemas *Parsifal*, de Verlaine; *Funerei flores*, de Laurent Tailhade e *Vers Vagues* e *Le Ménétrier*, de Stuart Merrill. Após uma apresentação lacônica de cada um dos textos, limitada ao elogio rápido de tal ou qual verso como “excepcional”, “glorioso” ou “delicioso”, Gama Rosa dá por completada a sua exposição.<sup>262</sup>

---

<sup>261</sup> Idem.

<sup>262</sup> Três dias depois, em 13 de dezembro de 1888, Araripe Júnior, por sua vez um crítico muito mais rigoroso e com uma formação literária e humanista bem mais completa do que a de Gama Rosa, publicou a sua própria interpretação do movimento simbolismo francês. Seu texto, em parte, pode ser compreendido como uma resposta ao ensaio “Os Decadentes”. E tanto é assim que, já em seu primeiro parágrafo, percebemos a alusão polêmica a pontos cruciais da interpretação de Gama Rosa. Escreve o crítico cearense: “Há quem suponha que o decadismo é uma transformação do naturalismo e um dos produtos lógico dos adiantamentos científicos do século. Profundo engano. O decadismo nem é um prolongamento revolucionário do realismo, nem assenta sobre a concepção da arte resultante da síntese moderna. Antes de tudo, essa escola, historicamente, é a sucessora ou o último termo do parnasianismo, que, como todo o mundo sabe, graças às suas tendências aristocráticas e especiosas, coexistiu, embora na penumbra, com o naturalismo, durante toda a época de seu maior movimento; o que não quer dizer que os seus grandes poetas tenham deixado de atingir a

A influência da interpretação de Gama Rosa sobre a compreensão inicial de Cruz e Sousa a respeito da estética simbolista ainda não foi devidamente avaliada pela crítica.<sup>263</sup> Pode-se, no entanto, constatar tal impacto em algumas cartas e textos críticos nos quais flagramos o poeta repetindo alguns tópicos problematizados por Gama Rosa em seu artigo. Um exemplo do valor atribuído às ideias do chamado “Patriarca do Pensamento Novo” – epíteto atribuído pelo próprio Cruz e Sousa a Gama Rosa – é a sua exclusão do teatro do universo de interesses visado no projeto da *Revista dos Novos*. Tal postura está registrada em carta a Gonzaga Duque, datada de abril 1894. Nesse documento após expor a sua visão acerca do projeto editorial, Cruz e Sousa afirma:

Entre esses fundamentos gerais [refere-se aos critérios de interesse aos quais deveriam se voltar os redatores da *Revista dos Novos*] acho que deve ser um dos principais, o maior e mais firme radicalismo sobre teatro, não permitir seções, notícias, folhetins ou coisa que diga respeito a teatro que, por princípio e integração de Idéias, não deve existir para a nossa orientação d’Arte na *Revista dos Novos*.<sup>264</sup>

Essa rejeição de Cruz e Sousa ao teatro não deixa de ser curiosa. E não só por sua experiência como “ponto” ou secretário em diferentes

---

glória, e que Leconte de Lisle, por exemplo, não seja, pelo talento que possui, e não pela escola, um dos mais alevantados engenhos deste fim de século. Como tal, portanto, o decadismo não podia prescindir de tomar uma posição oposta aos triunfadores de ontem, reagindo contra todos os seus dogmas fundamentais.” ARARIPE Jr., Tristão de Alencar. *Novidades*, 13 dez. 1888.

<sup>263</sup> Bem como a influência do intelectual gaúcho na formação ideológica mais ampla de Cruz e Sousa. Quanto a esse aspecto, seria interessante a realização de um estudo comparativo entre as posições de ambos frente às principais propostas de reformas liberais promovidas no Brasil durante a década de 1880. Cf. SOUSA, João da Cruz e. Instrução publica. *Regeneração*, Desterro, 16 dez. 1886 (ver Anexo 2); GAMA ROSA, Francisco Luís. Federação das províncias. *Tribuna liberal*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1888; GAMA ROSA, Francisco Luís. Ampliação do voto. *Tribuna liberal*, Rio de Janeiro, 30 jan. 1889; GAMA ROSA, Francisco Luís. Casamento civil. *Tribuna liberal*, Rio de Janeiro, 12 fev. 1889.

<sup>264</sup> Carta de Cruz e Sousa a Gonzaga Duque. Rio de Janeiro, 11/04/1894. Ver Parte 2, correspondência n. 118.

companhias teatrais, mas também por ela coexistir com a sua própria adesão ao simbolismo. Conhecedor e admirador da obra de Villiers de L'Isle-Adam, o escritor deveria ter consciência (ou pelo menos alguma ideia) acerca dos novos caminhos apontados pelos simbolistas ao drama contemporâneo.<sup>265</sup> No mais, mesmo que não fosse por isso, a sua antiga admiração por Wagner e Shakespeare deveria, a princípio, tê-lo colocado numa posição algo mais favorável às artes cênicas.

Por outro lado, talvez a sua insatisfação com o teatro como um todo se justifique precisamente pela sua longa experiência em companhias itinerantes. Ou seja, pelo seu intenso contato com o tipo de teatro comum no Brasil durante a década de 1880 – basicamente o dominado por dramas portugueses, peças de forte apelo popular e ainda muito atreladas à estética romântica.<sup>266</sup> Experiência que, talvez, poderia tê-lo levado a acatar as opiniões de Gama Rosa. Não obstante, mesmo assim cabe mencionar a discordância de Gonzaga Duque quanto a este ponto de vista, bem como o entusiasmo evidenciado posteriormente por Nestor Vitor por Ibsen e Maeterlinck, duas grandes expressões do drama simbolista.<sup>267</sup>

Por último, é importante observar o impacto do trabalho de Gama Rosa no processo de adesão de Cruz e Sousa a estética simbolista. Para além dos argumentos apresentados por Roger Bastide no seu célebre ensaio de 1943, a conversão do poeta catarinense ao novo modelo estético parece passar por uma certa compreensão acerca dos rumos da literatura moderna no Brasil e no mundo, tal como o expresso por Gama Rosa em “Os Decadentes”. Nesse sentido, a transformação de Cruz e Sousa, de parnasiano a simbolista, não se resumiria, como afirma o sociólogo francês, ao simples desejo de abraçar um modelo estético que melhor lhe facultasse o encobrimento das suas “origens africanas”. Nem tudo nessa transição parece se resumir à pretensão de Cruz e Sousa em ascender socialmente se identificando com “uma poesia essencialmente

---

<sup>265</sup> Sobre a importância do simbolismo para a renovação da linguagem teatral no final do século XIX, ver: MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 1, p. 56-61.

<sup>266</sup> SÁ, Jussara Bittencourt de. *Nação em cena: Brasil, teatro, século XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010.

<sup>267</sup> Em resposta a carta de Cruz e Sousa, Gonzaga Duque escreve: “Agora sobre o ultimo topico de tua carta - darás licença para que eu te considere excessivo. Como vês, ficou a me importunar aquella recommendação.....” Cf. Parte 2, correspondência n. 119. As opiniões de Nestor Vitor quanto ao drama simbolista podem ser verificadas em: VÍTOR, Nestor. *Obra crítica*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. 3 v.

nórdica”.<sup>268</sup> É muitíssimo provável que, nesse esforço de adesão outros fatores também estivessem em jogo. E um deles foi o seu desejo de integrar e promover certa ideia de arte moderna no Brasil. Programa que já estava contido, em germe, no artigo de Gama Rosa e que, nos anos 1890, Cruz e Sousa e seu círculo tentariam implementar.

---

<sup>268</sup> BASTIDE, Roger. Quatro estudos sobre Cruz e Sousa. In: COUTINHO, Afrânio. (Org.). *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979. p. 158.





## 7 NUUVENS E NOVIDADES

No Brasil do final do século XIX os laços que uniam literatura e imprensa eram particularmente estreitos e a mercadoria jornal constituía o principal meio de contato entre o escritor e o seu público.<sup>269</sup> Assim, no dia 9 de abril de 1892, a exemplo do *Gazeta de Notícias*, *Diário de Notícias*, *Cidade do Rio* e muitos outros periódicos em circulação na capital, o *Novidades* – um dos diários que, na época, maior destaque davam às letras<sup>270</sup> – trazia numa das colunas da sua primeira página um pequeno texto assinado por Cruz e Sousa.

Intitulado *Gata*, o trabalho possuía algo de estranho.<sup>271</sup> Seu estilo diferenciava-se daquele com o qual a maioria dos leitores estava acostumada a encontrar entre os seus escritores favoritos. Minimalista, fragmentado, psicologicamente perspectivado, *Gata* não era um conto, não era um folhetim, não era um soneto e muito menos uma crônica. De fato, o texto correspondia ao que alguns poderiam definir como um “poema em prosa” – experimento ainda pouquíssimo usual na nossa vida literária, um híbrido no qual o assunto e o modo de expressão não se articulavam de acordo com os padrões estabelecidos pelas formas líricas convencionais (até então muito mais associada, entre nós, ao soneto composto em versos rimados e metrificados).<sup>272</sup>

De neve, de uma maciez de arminho e lactescencia de neve, de uma nervosidade frenética, era luxuosa, principesca, de certo, essa orgulhosa gata.

---

<sup>269</sup> NETO, Antônio Luís Machado. *Estrutura social da República das Letras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973, p. 88-91.

<sup>270</sup> BROCA, Brito. Op. cit., 1975. p. 218-220; SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977. p. 335.

<sup>271</sup> Observe-se que a primeira publicação de *Gata* não se deu no *Novidades*, mas no *Cidade do Rio*, em 18 de fevereiro de 1890. Mais tarde, em 1893, Cruz e Sousa ainda incluiria esse texto em *Missal*.

<sup>272</sup> Segundo Agostini Mello, antes de Cruz e Sousa apenas Raul Pompéia havia publicado alguns poemas em prosa em jornais. Esses textos foram reunidos postumamente, em 1900, sob o título de *Canções sem metro*. Cf. MELLO, Jefferson Agostini. *Um poeta simbolista na República Velha: literatura e sociedade em “Missal” de Cruz e Sousa*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008. p. 19. Sobre a introdução do poema em prosa na literatura brasileira, ver: MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 1, p. 85.

As esmeraldas de seus olhos claros phosphoreavam sensualmente, eletricamente, quando alguém, no conforto da casa, lhe acarinhava de manso o dorso, o focinho tenro, polposo, espiguihado de prateados fios subtis; e, no seu lindo pello setinoso e alvo, como n'uma fresca e virginal epiderme de mulher aristocrata, perpassava um *frisson* de ternura, um estremecimento, como se em toda ella vibrasse alguma brisa de espiritual e amoroso.

E era então fidalga nas sensações, no ronronar apaixonado, ao luar, sob o scintillante crystal das estrellas, pelas caladas vastidões da noite, ou, nas horas de sésta, nos quentes, enlanguescedores mormaços, preguiçosa e fatigada, anhelando o repouso, n'uma onda de goso e volupia, enroscada, serpenteada, torcicolosa e convulsa, como um organismo suave e debil que um vivo azogue eletrisa e agita.

Talvez fosse a alma de uma vaporosa rainha que alli vivesse nesse precioso animal, alguma mysteriosa visão polar dentro daquelle feltro branco, daquelle pellucia rica, daquelles flócos slavos; algum sonho, emfim, errante, vago, perdido nesse nobre exemplar felino de fórmulas lascivas, flexuosas e delicadas.

A's vezes, mesmo, ella errava, como a nomade que perde a róta da caravana pelos desertos escaldados de sol, em busca de alimento; e os seus olhos, penetrantes no verde humido e agudo das luminosas pupillas, mais até phantasiosa a tornavam e mais nevoeiro davam á sua lenda de fadas.

E assim, arminho girante, que as quatro velludas patas faziam fidalgamente caminhar, miando hysterica, era como uma somnambula idealisada e amante que soluçava e gemia implorativamente a sua dôr, atravez de aposentos, na indiferença de quasi todos.

Um dia, porém, uma doce mão feminina e perfumada quiz te-l junto de si e elevou-a comsigo para a tepidez e a pompa das alcovas cheirosas, vivendo com ella ao collo, passando-lhe os intimos alvoroços do seu sangue de virgem – como se a gata fosse um profundo seio de

affagos a que ella confiasse todos os seus mysterios e segredos de noiva ainda presa no claustro cerrado, como as monjas normandas, da carne inquietante e allucinadora.

Agora, com a formosa sêda do pello vibrando á carícia, alta e feliz a cabeça artistica, vive nesse collo impolluto, em sonhos deliciosos e gosos infinitos de orientalista, o bello exemplar felino, branco, voluptuoso e dolente como a lua emballada e seysmando, immaculadamente, no seio azul das esferas.<sup>273</sup>

No mais, apresentando uma linguagem colorida, exótica, desenvolvendo uma temática extravagante, imagens suntuosas, léxico precioso e sensualismo refinado, *Gata* expressava valores estéticos pouco usuais em comparação com os padrões normativos vigentes. O tom decadente à Baudelaire ou Huysmans, por sua vez, poderia ser imediatamente reconhecido como “boa literatura” por um leitor familiarizado com os versos de *Les fleurs du mal* ou com as longas descrições impressionistas de *À rebours*, mas dificilmente seria apreciado por uma audiência ainda tão habituada aos procedimentos convencionais de velhos autores românticos como os ainda populares Jaime Séguier ou Barão de Sant’ Ana Néri.<sup>274</sup>

Em suma, pensado e organizado sob uma concepção comercial de jornalismo, o periódico *Novidades* representava uma ideia de grande imprensa, voltada ao público amplo, ao “homem comum”, porém o texto de Cruz e Sousa não formalizava uma ideia de literatura que buscava alcançar a todo e qualquer leitor de jornal. O seu trabalho se destinava apenas aos capazes de compreender as características da sua linguagem e de valorizar as suas opções de escrita. Bem poucos, portanto. Sobretudo num país de raros leitores – e de muitos analfabetos – como o Brasil do final do século XIX.<sup>275</sup>

---

<sup>273</sup> SOUSA, João da Cruz e. *Gata. Novidades*, Rio de Janeiro, 9 abr. 1892. Em 1893, *Gata* viria a ser incluído, também, em *Missal*. SOUSA, João da Cruz e. *Missal*. Rio de Janeiro: Magalhães & Cia., 1893. p. 115-118.

<sup>274</sup> BROCA, Brito. Op. cit., 1975, p. 220.

<sup>275</sup> Tal postura - que, aliás, ia de encontro à própria tendência ao “mundanismo” literatário da época - valeria a Cruz e Sousa a repreensão do próprio editor do *Novidades*. Segundo Araújo Figueiredo, Mourão, “um português baixo, louro, de amplos bigodes também louros, muito pernóstico e velhaco”, “embirrava” com Cruz e Sousa “perguntando o que fazia aquele negro na redação, se

Não obstante, bem mais acessível do que o significado estético de *Gata* era o sentido político de um outro texto publicado naquela mesma página de *Novidades*. Fazendo par com o poema de Cruz e Sousa, o editorial, sem assinatura, aludia às represálias de Floriano Peixoto contra um grupo de militares deodoristas que, naquele momento, se insurgia contra o seu governo. Era apenas o prenúncio de dias cada vez mais atribulados na Capital Federal.

Em 1891 o Marechal Floriano Peixoto havia sido eleito vice-presidente. Descontentes com a sua posse, após a renúncia de Deodoro da Fonseca, treze oficiais de altas patentes assinaram um manifesto exigindo a convocação de novas eleições e questionando a legitimidade constitucional do novo governo. Divulgado em 6 de abril de 1892, o documento logo provocou a reação do então presidente Floriano que condenou o “espírito de indisciplina” dos signatários. Como reprimenda, onze dos militares foram reformados, enquanto dois outros foram transferidos para a reserva de segunda classe. A medida escandalizou muitos jornalistas e dividiu a imprensa. Posicionando-se frente à crise, o jornal *Novidades* colocou-se contra Floriano.<sup>276</sup>

Foi um acto de força ou de fraqueza o da reforma dos treze generaes signatários do manifesto?

E’ cedo ainda para com precisão affirmar uma ou outra cousa.

Só uma vantagem colheu-se do manifesto e da represália governamental:

O Sr. General Floriano descobriu-se, passou de Vice-Presidente a Dictador.

Antes assim; sabe-se em que lei vivemos e qual o terreno franco onde devemos travar combate.

E mais adiante:

S. Ex. ameaça, por seus arautos, de deportar e de prender, aos jornalistas e outras pessoas que o têm encommodado [...]

---

escrevia coisas que os brancos não entendiam.” FIGUEREDO, Juvêncio de Araújo. Op. cit.

<sup>276</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., 1977, p. 299 e ss.

Tudo isso poderá S. Ex. fazer, mas certo de uma cousa, que um dia hade cahir e nesse dia todos se vingarão.

Rosas, Irquiza (*sic*), Santos, Lopes, mataram, deportaram, fizeram muito peor, mas... cahiram.<sup>277</sup>

Apesar de enfáticas, tais previsões, contudo, não viriam a se cumprir.

Ao contrário dos *caudillos* elencados pelo *Novidades*, Floriano Peixoto não “caiu”. Pelo contrário, se firmou no poder e nele permaneceu até o dia 15 de novembro de 1894. Isso depois de fazer “muito pior” do que anteviam os seus adversários em 1892. A crise institucional daqueles dias se desdobrou em guerra civil e a Revolta da Armada e a Revolução Federalista valeram a Floriano o epíteto de “Marechal de Ferro”, pelo modo brutal como conduziu o seu governo e sufocou as manifestações de insurgência militar e dissenso político. Além disso, nos meses que se seguiram à crise envolvendo os treze oficiais, a repressão florianista, por meio da sua militância (os chamados “jacobinos”), empastelou jornais, bem como exilou e assassinou opositores.

Os anos 1890 foram de crescente tensão e exaltação política. Uma época de duras perseguições, delações e medo. Nascido e mantido sob um ato de força do Exército, o novo regime logo faria valer a célebre frase do republicano histórico, Saldanha Marinho: “Essa não é a República dos meus sonhos”.

---

<sup>277</sup> *Novidades*, 9 abr. 1892. Referências a: Juan Manuel José Domingo Ortiz de Rozas y López de Osornio (1793-1877). Militar e político argentino. Foi governador da Província de Buenos Aires, exercendo o poder de Presidente da República. Morreu exilado na Inglaterra. Justo José de Urquiza y García (1801-1870). Militar e presidente da República Argentina entre 1854 e 1860. Governou a província de Entre Ríos na forma de autocracia patriarcal até seu assassinato em 11 de abril de 1870. Máximo Benito Santos Barbosa (1847-1889). Foi um militar e político uruguaio. Presidente da República entre 1882 e 1886. Sofreu um atentado em 17 de agosto de 1886. Morreu exilado na Argentina. Francisco Solano López Carrillo (1827-1870). Presidente e Comandante em Chefe das Forças Armadas paraguaias. Foi assassinado em 1870, logo após a derrota do seu país na guerra que Argentina, Brasil e Uruguai travaram contra a República do Paraguai.

Comentando a postura dos escritores simbolistas quanto aos acontecimentos políticos que marcaram a primeira década republicana, o crítico e ensaísta Raimundo Magalhães Júnior escreveu em *Poesia e vida de Cruz e Sousa*:

Naquele momento, o Brasil inteiro se apaixonava. O Brasil inteiro estava vivamente interessado no sismo que abalava a nascente República. O Brasil inteiro, menos os simbolistas, voltados apenas para a sua estética, para as suas cogitações interiores, para os seus estados d'alma e suas aspirações poéticas, isolados dos acontecimentos, trancados em sua torre de marfim, em seu mundo ideal, com olhos obstinadamente fechados à realidade ambiente.<sup>278</sup>

Cruz e Sousa, segundo o autor, “não via a Marinha e o Exército divididos em torno de teses jurídicas ou de líderes que fascinavam a mocidade. O que ele via eram legiões de outras eras, perdidas na longa distância das perspectivas históricas”.<sup>279</sup> Em páginas como aquelas de *Gata*, afirma o biógrafo, Cruz e Sousa revelaria toda a sua imersão naquele espírito absenteísta a “que os contemporâneos [...] chamavam *nefelibatismo*”.<sup>280</sup>

Magalhães Júnior escreveu esse texto em 1961. Sendo assim, não é difícil deduzir que a sua interpretação acerca de Cruz e Sousa nos informa muito mais sobre o que o crítico talvez pensasse sobre o papel de alguns escritores no Brasil de Jânio Quadros e João Goulart do que propriamente sobre a experiência dos nossos literatos durante o governo de Floriano Peixoto. Toda opinião crítica é também um testemunho de época.

Quanto a palavra “nefelibata”, é um neologismo cunhado no século XVI, por François Rabelais, utilizado no *Livro Quarto*, de *Pantagruel*. Mais especificamente, o termo aparece nos capítulos LV e LVI, onde se faz referência à “a batalha grossa e fela entre os

---

<sup>278</sup> MAGALHÃES Jr., Raimundo. Op. cit. p. 196-197.

<sup>279</sup> Alusão ao soneto *Glórias Antigas* no qual o poeta tematiza a bravura militar evocando imagens de uma hoste de guerreiros gauleses. Cf. SOUSA, João da Cruz e. *Glórias Antigas* In: \_\_\_\_\_. Op. cit., 1995. p. 284-285.

<sup>280</sup> MAGALHÃES Jr., Raimundo. Op. cit. p. 196.

Arismapianos e os Nefelibatas", este último um povo imaginário que vivia e andava sobre as nuvens. Mais tarde, na segunda metade do século XIX, a palavra ganhou popularidade nos meios literários europeus designando um tipo de poeta aristocratizante, "cultor de um estetismo sem limite, caracterizado pelo uso de soluções requintadas, praticante de um lirismo esotérico" e que teria na poesia finissecular, inspirada em Théophile Gautier e Charles Baudelaire, a sua principal referência.<sup>281</sup> Em Portugal, a expressão foi atribuída a poetas como Eugênio de Castro, Camilo Pessanha, Antonio Nobre, entre outros autores identificados com as correntes decadentes e simbolistas, então emergentes no contexto cultural daquele país. No Brasil, o termo foi difundido durante os anos 1890, sobretudo numa acepção pejorativa: era por meio dessa palavra que alguns escritores críticos, seguindo o modelo português, sintetizavam todo o seu desdém contra os "novos poetas". No caso, um grupo de escritores que, a seu ver, praticavam uma literatura afetada, superficial, excessivamente hermética.<sup>282</sup>

Com o tempo, o termo ganhou um caráter quase de noção explicativa. Em 1905, por exemplo, o crítico Pedro Couto definia o panorama brasileiro no que dizia respeito aos diferentes "*modos de ser literários*". Referindo-se a realistas e parnasianos, em contraste com os adeptos das novas tendências literárias tributárias de Baudelaire, Verlaine, Rimbaud e Mallarmé, afirmou:

A um exagero de forma opõem alguns um completo desleixo dela, como sendo verdadeira arte. A uma crueza de expressão, tocando as raías da licença, como alguns compreenderam o realismo, segue-se um emaranhado de palavras, procurando veladamente traduzir sentimentos dos chamados, permiti que os englobe, nefelibatas. / Os primeiros deleitam-nos muita vez pelo vigor da forma, pela correção do estilo; os segundos inebriam-nos com a música das palavras.<sup>283</sup>

Para Couto, Cruz e Sousa era um dos principais representantes do "nefelibatismo".

---

<sup>281</sup> MOISÉS, Massaud. Nefelibata. In: \_\_\_\_\_. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004. p. 316.

<sup>282</sup> COUTINHO, Afrânio. Op. cit., 1986, p. 323; MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 1, p. 49.

<sup>283</sup> RIO, João do. Op. cit. p. 41.

A expressão avançou ainda mais dentro do século XX e, na década de 1930, era possível encontrá-la como termo qualificativo de “escola”. Agripino Grieco, crítico de formação simbolista, por exemplo, escreve em seu *Evolução da poesia brasileira*:

Na vida de Cruz e Souza ha um caracter de austeridade quasi trágico.

Chamaram-no de nephelibata. Se nephelibata quer dizer – ao que assegura o dicionario de Candido de Figueiredo – habitante das nuvens, a designação é justa. Outros de modo mais claro, enxergaram nelle, um symbolista, um decadente, como disseram, “par bravade”, os discípulos de Mallarmé.<sup>284</sup>

Mais do que definir uma postura frente à literatura ou a linguagem, o termo “nefelibata”, desde a sua resignificação no século XIX como termo polêmico, sempre serviu para caracterizar certo posicionamento frente à história. Mas até que ponto o rótulo de “nefelibata” realmente se aplicaria a homens como Cruz e Sousa?

\* \* \*

A partir de novembro de 1889, o clima político na província continuaria num crescendo até o clímax representado pelos fuzilamentos de Anhatomirim, em 1894. Ocasão em que Cruz e Sousa já estava bem longe da província. No final de 1890, o escritor partiu definitivamente para o Rio de Janeiro. Ele nunca mais voltou para a sua cidade natal.

Em 1º de janeiro de 1891, publicou um poema intitulado *Arte*, no jornal *Novidades*.<sup>285</sup> A partir daí, suas aparições foram freqüentes naquele periódico, onde também assinou uma série de crônicas sob pseudônimos.<sup>286</sup> As colaborações de Cruz e Sousa neste jornal estão na gênese dos seus dois primeiros livros, *Missal e Broqueis*. Foi pelas páginas desse jornal que foram publicados pela primeira vez diversos dos poemas que só mais tarde, em 1893, seriam reunidos em volume. São, em primeira instância, produções voltadas à imprensa carioca da

---

<sup>284</sup> GRIECO, Agripino. *Evolução da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1932. p. 117.

<sup>285</sup> SOUSA, João da Cruz e. *Arte. Novidades*. Rio de Janeiro, 1º jan. 1891.

<sup>286</sup> Apresento alguns desses textos ainda não recolhidos em livro no Anexo 2 deste trabalho.



década de 1890. Tal fato, por sua vez, nos leva a questão: o que era este periódico?

Surgido em 1887, o *Novidades* foi fundado pelos jornalistas Francisco Guilherme dos Santos e Alcindo Guanabara. Em sua origem, era um diário financiado por grandes fazendeiros do Rio de Janeiro, embora seus editores apresentassem-no como um órgão politicamente isento, sem compromisso com qualquer grupo ou partido. No seu primeiro editorial, a reivindicação de uma posição independente com relação ao sistema político do Império foi expressa nos seguintes termos:

Todas as idéas que importem um serviço á sociedade serão por nós esposadas e a ellas nos dedicaremos sinceramente, sem que interesses de qualquer ordem impêçam a livre manifestação do nosso modo de pensar.

Não nos prendemos a coisa alguma: apresentamo-nos inteiramente livres, promptos a entregarmo-nos completamente ao que nos parece justo e razoável.

Repudiamos em absoluto a politica mesquinha e rasteira que estamos acostumados a ver: nada temos de comun com os partidos políticos, constitucionaes ou não, que lutam pela vida em nossa pátria.<sup>287</sup>

Com posições ambíguas, nessa primeira fase, o *Novidades* se caracterizou por críticas comedidas à ordem monárquica. Não obstante, projetava-se como inimigo “desinteressado” contra todo o tipo de ameaça à ordem vigente – o que, na prática, fazia-o colocar-se, sempre que preciso, a favor dos poderes institucionais. Quanto ao principal debate da época, a escravidão, tinha inclinações abolicionistas, mas seguindo uma perspectiva altamente conservadora no que dizia respeito a política de emancipação.<sup>288</sup> Entusiasta da Lei n.º 3.270, a chamada Lei

---

<sup>287</sup> *Novidades*, Rio de Janeiro, 25 fev. 1887.

<sup>288</sup> Confirmando as tendências conservadoras do *Novidades*, sob a direção de Guilherme Santos e Alcindo Guanabara, encontramos na edição de primeiro aniversário do jornal, publicada em 25 de janeiro de 1888, a seguinte declaração: “Não entendendo ser vantajosa a propaganda contra as instituições existentes e os homens que as mantêm”.

dos Sexagenários, um dos seus redatores, em 26 de março de 1887, anunciava a opinião do jornal:

Só quem se empenhasse em dar prova cabal de ineptia, seria capaz de decretar a abolição total, de um golpe, sem transições.

Ponhamos de parte a face importantissima da questão que se relaciona com os direitos e os interesses immediatos dos senhores, e vejamos o estado a que ficaria reduzido o paiz, a braços com esse milhão de homens, para quem o trabalho tem sido até agora, não um estímulo de honra que elle não conhece, mas uma condemnação a que se sujeita. Imagine-se a fatal crise economica e financeira que dahi viria, os deploraveis excessos a que os recém-libertos se entregariam, o assalto á propriedade, á bolsa, á honra e á vida que sobreviveriam! Nem é sério fallar-se nisso, nem é de circumspecto insinuar este alvitre!

A abolição ha de se fazer exactamente como se está fazendo: por meio de um processo de eliminação de factores que concorrem para a sua formação. O dever dos proprietarios de escravos, é, sem dúvida, esforçarem-se por substituir o trabalho servil (...).<sup>289</sup>

E mais adiante, a título de conclusão, o mesmo redator sentenciava:

Sonhar com a abolição immediata não é mais que uma aspiração ingenua de quem vê as questões sociaes não por um prisma reflectido, não encaminhado por uma orientação scientifica e pesada, mas através simplesmente de princípios humanitários e generosos em conflicto quasi sempre com os interesses das nações.<sup>290</sup>

Com relação à República, o *Novidades* seguiu uma linha similar. Obstinadamente comedido, em seus primeiros momentos o

---

<sup>289</sup> *Novidades*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1887.

<sup>290</sup> *Idem*.

periódico não se declarava nem a favor, nem contra o fim da monarquia. Limitava-se apenas a expor a sua insatisfação com certas figuras públicas específicas do Império. Só mais tarde, já sob a iminência do golpe que instaurou o novo regime, é que o jornal passou a demonstrar mais claramente as suas simpatias republicanas. Era esse ponto de vista o que o artigo de 11 de julho de 1888 começava a sugerir.

É realmente assombrosa essa tranquillidade da corôa e do governo. E' quase incrível que o arruido de meia duzia de individuos junto da Princeza Regente tenha conseguido impedir que os seus olhares descortinem a verdadeira situação do paiz.

A verdade é que o Imperio está em perigo e cada dia que passa mais e mais o aggrava!

Essa politica de desdem (...) é uma politica de traidores que levará forçosamente á liquidação da monarchia que já não pode com o apoio da nação que a odeia ou que della suspeita.<sup>291</sup>

Sempre a favor do sistema parlamentarista, o jornal começou gradualmente a pôr em questão a viabilidade do governo monárquico e a tratar com melhores termos algumas lideranças republicanas. Na edição de 3 de setembro de 1888, declarou:

O movimento republicano que ora se opera no paiz tem [...] grandes e largos elementos para desenvolver-se e vencer n'um futuro que cada vez mais se aproxima. Tanto elle avulta e tão solida base apresenta, que já não ha hoje em todo o paiz um espirito pensador que não faça d'elle o objecto de sua cogitações e não dê balanço ás suas opiniões afim de ver de que lado assentarâ os seus arraiaes no dia, que se nos antolha proximo, em que cada qual se sentirá coagido a entrar em acção.<sup>292</sup>

Finalmente, em 1889, o periódico não hesitou em apoiar o golpe militar de 15 de novembro. Rui Barbosa, o primeiro Ministro da Fazenda do novo governo era elogiado e a política econômica liberal

---

<sup>291</sup> *Novidades*, Rio de Janeiro, 26 mar. 1887.

<sup>292</sup> *Novidades*, Rio de Janeiro, 3 set. 1888.

dos primeiros anos da República vista com grande entusiasmo pelos seus redatores.

No ano seguinte, em 1890, Alcindo Guanabara deixou o *Novidades*. Como novo diretor-gerente, assumiu Joaquim Ferreira Júnior. Essa foi uma fase de reformulação gráfica do jornal. Sua apresentação assumiu feições mais modernas e, vez por outra, alguns de seus números chegaram a contar com seis páginas (ao invés das habituais quatro). Novos colaboradores também começaram a ser publicados. Um deles, o poeta catarinense Luiz Delfino. Começou nesse período uma abertura maior do jornal aos temas artísticos, equacionando cada vez mais os artigos de fundo político com os textos literários ou sobre literatura.

Em 30 de agosto de 1890, Francisco Guilherme dos Santos anunciou a venda do *Novidades*. Num editorial de despedida, o seu fundador explicou as razões dessa sua decisão e reiterou o compromisso ideológico que orientou a sua direção.

Em vista dos meus múltiplos e variados afazeres fui obrigado a transferir a propriedade desta folha, que fundei e durante quatro annos dirigi.

A folha, cuja direcção e propriedade abandono neste momento, foi sempre a guarda zelosa e intransigente dos interesses públicos e nunca trepidou em arrastar a impopularidade para salvar o paiz dos impulsos irreflectidos da propria generosidade.

A campanha contra a lei de 13 de Maio, intentada e sustentada por esta folha, é prova exuberante desta asserção.<sup>293</sup>

A despeito do entusiasmo inicial com o novo regime, em 1890 as relações do *Novidades* com a República já haviam azedado. Nesse mesmo editorial, Guilherme dos Santos alude a certos atritos que tivera com o governo provisório de Deodoro da Fonseca.

Devem ainda os leitores recordar-se das interrogações feitas diversas vezes ao governo sobre a veracidade dos boatos espalhados pelos jornaes chilenos, em relação a um tratado de

---

<sup>293</sup> *Novidades*, Rio de Janeiro, 30 ago. 1890.

aliança secreta entre o Brazil, Perú e República Argentina.

Lembrar-se-ão ainda sem dúvida da maneira por que foram porfligados diversos artigos do projecto da constituição republicana, artigos em que eram restringidas a liberdade de pensamento e consciencia, as mais puras e santas de todas as liberdades. Esse proceder não foi dictado por desejo de fazer opposição á marcha regular e tranquilla dos negocios publicos, mas, simplesmente, porque parecia que um povo que tinha sido livre até 15 de Novembro, não podia depois da república ser escravo ou ser tyranizado.

Creio que prestei ao publico todos os serviços possiveis e compactiveis com a época anormal que atravessamos.

E, ao retirar-me, levo como um trophéo glorioso, a recordação de ter sido chamado a dar explicações á policia, por ter a 27 de março do corrente anno inserto nas columnas desta folha uma proclamação, que foi affixada nas esquinas das ruas desta capital; e orgulho-me por ter, com esse facto, concorrido para a promulgação do decreto de 30 de março.<sup>294</sup>

Eram as primeiras rugas de uma relação que, com o tempo, só viria a piorar. Com a venda do jornal por parte de Francisco Guilherme dos Santos, o periódico passou a ser propriedade de Sylvio Baptista. Foi com essa mudança que segundo Andrade Muricy, o *Novidades* começou a expressar, “com uma variedade extrema”, o clima de questionamento ao *establishment* literário do qual veio a se beneficiar o lançamento de *Missal* e *Broqueis*, bem como a atuação do primeiro agrupamento simbolista.<sup>295</sup> Já quanto a sua atuação política, houve pouca mudança. O jornal continuava prometendo ser aquilo o que supostamente sempre foi. Isto é, “imparcial” e “independente”. No editorial do dia 1º de setembro de 1890 (o primeiro sob a nova administração), lia-se o seguinte:

O *Novidades* entra hoje em uma phase nova.

Avaliamos muito bem da responsabilidade que tomamos vindo ocupar um posto na imprensa

---

<sup>294</sup> Idem.

<sup>295</sup> MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 2, p. 1267.

neste difficil periodo de reconstrucção, mas não nos falta o animo para a luta disposto como estamos a fazer o que mandar a consciencia.

Nenhum compromisso nos tolhe, nem interesses de grupo algum politico nos impedirá de pronunciarmonos deste ou daquelle modo diante deste ou daquelle acontecimento; independente, inteiramente independente, diremos o que devamos dizer, sem odio, sem paixão e tambem sem ambages, com toda a nossa franqueza, com toda a nossa sinceridade – seja qual fôr o resultado que a nossa attitude acarrete.

Em politica somos hoje o que sempre fomos; a República, brilhante realidade agora, merece-nos o mesmo fervoroso amor que a ella votamos quando era ainda um sonho que provocava sorrisos de mofa.

Republicano, o *Novidades* offerece o seu leal apoio ao benemerito governo provisorio a cuja frente se acham os homens da revolução; mas esse apoio não se traduzirá no louvor incondicional, no aplauso diario a todos os seus actos: quando julgarmos que erra, apontar-lhe-hemos o erro com a mesma franqueza com que de outras vezes o applaudiremos. (...). O *Novidades* é um jornal de moços e se aos moços falta experiencia, sobre-lhes independencia e altivez para dizer o que pensam.<sup>296</sup>

Novos nomes começaram a surgir na redacção do jornal. Alberto Torres, Luiz Quirino, Aristides Lôbo e Oscar Rosas eram alguns dos responsáveis pelos artigos referentes à política. Outros colaboradores por essa época foram Álvares de Azevedo Sobrinho, Borja Reis, Gastão Bousquet, Raul Pompéia, Mário Pederneiras, Don Bias, Alberto de Oliveira, Porchat de Assis e Figueiredo Coimbra.

Sylvio Baptista, contudo, não permaneceu muito tempo no negócio. A partir da edição de 1º de outubro de 1891, o cabeçalho do *Novidades* passou a anunciar a propriedade como sendo de Bandeira Júnior & Cia., contando, por sua vez, com Oscar Rosas (redator durante a direção de Baptista), agora como redator-chefe. Na ocasião, Sylvio

---

<sup>296</sup> *Novidades*, Rio de Janeiro, 1º set. 1890.

Baptista publicou uma nota referindo-se ao seu período de direção como “acidentado”:

Na mais perfeita conformidade de idéas com o Sr. Oscar Rosas, meu antigo companheiro de redacção, e por convir-me, em consequência de precária saúde, temporariamente alliviarm-e (sic) das preocupações da imprensa passei hontem, por escriptura de venda, a propriedade do *Novidades* a esse talentoso escriptor.<sup>297</sup>

Em resposta, Bandeira Júnior assinava em coluna ao lado:

Como proprietário e redactor-chefe do *Novidades* volto á imprensa sem a preocupação do odio, nem as máguas do ressentimento.

Obedeço aos deveres impostos pela occasião, pelas circumstancias e pela consciencia.

A occasião reclama toda a prudência e a mais elevada abnegação; as circumstancias exigem a meditação e o escrupuloso critério nos conselhos, exemplos e decisões; a consciência severamente reclama o sacrificio dos sentimentos pessoais, em prol da pátria que é o lar de todos nós.

[...]

A nossa divisa, si alguma podemos tomar, é esta:

Paz, estabilidade, progresso.

Não contem connosco para derrubar, para anarchisar, para destruir. Hontem como hoje:

Conservador na monarchia;

Conservador na Republica.<sup>298</sup>

Em 1892, outra mudança. De 14 de abril até, pelo menos, a edição de 28 de junho, o jornal passou a circular sem a indicação do nome de seu proprietário. Em julho, finalmente, era identificado como propriedade de A. Marques & Cia., assim permanecendo até 16 de

---

<sup>297</sup> *Novidades*, Rio de Janeiro, 1º out. 1891.

<sup>298</sup> *Idem*.

setembro daquele mesmo ano. A partir de então, ao que parece, o *Novidades* deixou de circular definitivamente.

É um detalhe importante o fato de que, em seu possível último número, o jornal tenha defendido a imigração ao recomendar que fosse consentida a total liberdade aos fazendeiros para buscarem "onde e como quizerem" os colonos que "melhor lhes convirem". "Sejam abertos os nossos portos á todas as nações do mundo", proclamava.<sup>299</sup> Tal divisa, por sua vez, representou um dos poucos pontos de opinião que se mantiveram mais ou menos estáveis ao longo de todos os anos nos quais o *Novidades* circulou.

Há um paralelo evidente entre os homens que editavam esse jornal e o grupo de intelectuais ao qual Cruz e Sousa se manteve ligado desde os tempos da província. A agenda do reformismo liberal da fracassada Sociedade Central de Imigração, de certo modo, parecia ecoar nos editoriais do periódico carioca – o que não é de se admirar, uma vez que o próprio Oscar Rosas fora funcionário dessa entidade. Frente a essa constatação caberia uma pergunta: considerando-se a influência de homens como Gama Rosa na formação intelectual de Cruz e Sousa; levando-se em conta sua proximidade deste último com membros da Sociedade Central de Imigração; e, por fim, tendo em mente a importância do *Novidades* no contexto de produção de *Missal* e *Broqueis*, seria possível identificarmos nessas duas obras quaisquer traços que as aproximem da perspectiva ideológica promovida pelos reformistas liberais remanescentes do movimento de 1870? A resposta a essa pergunta exigiria uma outra pesquisa focada exclusivamente nesses livros. Por ora, fica a impressão de que textos como *Gata* possam ser bem mais do que simples devaneios de um sonhador que supostamente viveu com a cabeça nas nuvens.

---

<sup>299</sup> *Novidades*, Rio de Janeiro, 16 set. 1892.



## 8 O “ANTRO”

Cidade do Rio de Janeiro, 1897. Num dos velhos casarões da Rua do Senado, funcionava a casa de cômodos do Sr. Cláudio Toussant.

Não havia nada de extraordinário naquela pensão e muito menos em seus frequentadores. Tal como no caso de outros senhorios, parte da clientela do Sr. Toussant era composta, basicamente, por estudantes, jovens cavadores recém chegados à cidade, artistas pobres, repórteres sem maiores rendimentos, funcionários públicos proletarizados e outros tipos urbanos que, à época, alimentavam a vida boêmia dos cafés e bares baratos das imediações.

No segundo andar, no quarto cuja janela abria para o quintal em frente ao casarão, moravam três moços: Carlos, Maurício e Tibúrcio. Pela pobreza e desconforto do lugar onde viviam, os rapazes chamavam-no o “Antro”. Lá de cima, a vista que se tinha era a do tanque de lavagem de roupas, o coradouro de folhas de zinco e o galinheiro. Vez por outra, contudo, a monotonia dessa paisagem era quebrada pela visão graciosa das filhas do proprietário: Nenê e Cotinha, duas jovens, “louras e esbeltas”, que, por sorte, mostravam-se bastante inclinadas ao flerte.<sup>300</sup>

Carlos mal acabara de entrar na casa dos vinte anos. Nascido em Mamanguape, no interior de Pernambuco, de ascendência portuguesa, filho de comerciante, aos dezessete fugiu de casa em busca de uma sorte melhor numa cidade grande. Primeiro em Recife, depois no Rio de Janeiro. Foi aprendiz de farmacêutico, oficial das tropas de Floriano e, por aqueles dias, tentava a vida como jornalista e aspirante a literato. O carioca Maurício, por sua vez, regulava a idade de Carlos e, assim como o companheiro de quarto, também tinha pretensões artísticas. Apesar de eventualmente redigir alguns sonetos, sua dedicação maior e quase exclusiva era à pintura. Ex-aluno da Escola Imperial de Belas Artes, pertenceu ao círculo de dissidentes liderados por Décio Vilares. Ferrenhamente antiacadêmico, suas telas constituíam-se, basicamente, numa sucessão de panoramas esfumados e representações oníricas. Tudo baseado na sua própria imaginação. Rejeitava modelos, bem como a observação das paisagens naturais. Apesar de talentoso, tinha fama de pouco prolífico, não produzindo com regularidade.<sup>301</sup> Por fim, havia Tibúrcio. Nascido em Baturité, no Ceará, era o único do grupo que não cultivava a literatura. Não obstante, amava a poesia e, desde os tempos da província, buscava conviver com poetas. Em sua terra, contudo, fora

---

<sup>300</sup> FERNANDES, Carlos Dias. Op. cit. p. 128.

<sup>301</sup> MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 2. p. 658-660.

rechaçado do círculo da Padaria Espiritual (fato que, aliás, o indispôs para sempre contra aquele grupo de escritores). No Rio de Janeiro, vivia como empregado dos Correios.<sup>302</sup>

Além dos 20\$000 réis, pagos mensalmente ao Sr. Toussant pelo aluguel do “Antro”, os três rapazes dividiam mais uma coisa em suas vidas. Carlos Dias Fernandes, Maurício Jubim e Tibúrcio de Freitas eram amigos comuns de João da Cruz e Sousa, poeta já maduro, com alguma fama na cidade, e que, anos atrás, publicara dois livros considerados por muitos peças estranhíssimas: *Missal* e *Broqueis*, ambos de 1893.

Recluso e arredo, não eram muitos os que, naqueles anos, gozavam da companhia de Cruz e Sousa. Tão seletivo na vida quanto em arte, o poeta criava em torno de si uma atmosfera de exclusivismo que, cada vez mais, oscilava entre o simples cenáculo intelectual, o conciliábulo de heréticos e o carbonarismo literário. Seus principais inimigos: as sumidades elegantes da Rua do Ouvidor e os “grossões” da Academia. Homens como José Veríssimo, Silvio Romero, Rui Barbosa, Olavo Bilac, Coelho Neto, Medeiros e Albuquerque, Alberto de Oliveira, Mário de Alencar e tantos outros que, em seus fins de tarde, costumavam se reunir ao redor de um grave, lacônico e assertivo Machado de Assis para, num dos cantos da Garnier, definirem, com suas risadas e seus silêncios, o que servia ou não às nossas letras.<sup>303</sup> Os árbitros da literatura nacional. Os “cabotinos victoriosos”. Os “reaccionarios” mantenedores da “rotina esthetica”. Os “mediocres”.<sup>304</sup>

Se bem que as palestras com Cruz e Sousa usualmente ocorressem na Rua do Ouvidor, em frente à redação do *A Notícia* ou do *Jornal do Commercio*, os encontros mais importantes do grupo se davam mesmo era no Antro. Era ali que o poeta, a portas fechadas, lia seus manuscritos. Quase sempre acompanhado de Nestor Vitor, o seu amigo mais íntimo, recitava suas últimas produções e, às vezes, ouvia e acatava uma ou outra sugestão vinda dos seus companheiros. No Antro, sua audiência era cativa e sempre muito receptiva às suas experiências com a linguagem.

Certo dia Cruz e Sousa chegou ao Antro e retirou dos bolsos do seu paletó um grosso embrulho. Era um novo poema. Uma longa sessão de leitura iria começar.

---

<sup>302</sup> Ibidem, p. 595-600.

<sup>303</sup> EDMUNDO, Luís. Op. cit. p. 435.

<sup>304</sup> FERNANDES, Carlos Dias. Op. cit. p. 126-127.

Todos procuraram se acomodar da melhor forma possível no quarto estreito. Cruz e Sousa sentou-se numa das camas de ferro. Ao seu lado, Tibúrcio. Carlos e Jubim ficaram de pé, enconstados no batente da janela.

O poema chamava-se “Emparedado”. Quando o silêncio finalmente se fez, Cruz e Sousa começou:

*Uma tristeza fina e incoercível errava nos tons violáceos vivos daquele fim suntuoso de tarde aceso ainda nos vermelhos sanguíneos, cuja cor cantava-me nos olhos, quente, inflamada, na linha longe dos horizontes em largas faixas rutilantes.*

*O fulvo e voluptuoso Rajá celeste derramara além os fugitivos esplendores...*

A atenção era a máxima possível. Concentrados na voz de Cruz e Sousa, Carlos, Tibúrcio e Jubim envolviam-se, deixavam-se influir pelas palavras sibiladas pelo poeta. O clima era de sugestão, introspecção, quase santidade.

E assim continuou. Até que, de repente, à borda da janela, Carlos e Jubim avistaram elas. Cotinha e Nenê, as filhas do Sr. Toussant.

Estavam no quintal, lavando roupas, e aos risos e cochichos, acenavam e enviavam beijos aos rapazes. Era difícil resistir. Na janela, de frente para Cruz e Sousa, Carlos e Jubim inquietavam-se, perdiam a concentração. O poeta, no entanto, alheio a tudo, imerso na sua leitura, prosseguia o recital. Tibúrcio, ao seu lado, por sua vez, percebia a gravidade da situação e se agoniava.

A certa altura, ocorreu o inevitável: Cruz e Sousa flagrou os amigos em clara atitude de irreverência e desatenção. Como consequência, agiu como de praxe quando se sentia ofendido e desconsiderado: calou-se amargurado. Em meio ao silêncio pesado que tomou conta do quarto, guardando de volta os manuscritos no bolso do paletó, deu uma razão qualquer para encerrar a leitura e fechou-se em si. O clima no “Antro” tornou-se denso, caustrofóbico, constrangedor.

Foi Tiburcio quem sugeriu aos amigos que saíssem para tomarem um ar. Ao descerem as escadas, Cruz e Sousa permanecia mudo. Em seu rosto revelava-se uma expressão de tristeza doída. Ao chegarem à rua o silêncio permanecia entre os quatro. Andavam aflitos e sem rumo. A certa altura, não tolerando mais aquela situação, Tiburcio irrompeu: –

“Cruz, que tem você; que lhe fizemos nós? Isto não pôde ser. Precisa explicar-nos”.<sup>305</sup>

Para espanto de todos, Cruz e Sousa começou a chorar convulsivamente. Abraçou Tiburcio e manteve-se assim por longo tempo. Os três homens entreolharam-se chocados. Quando conseguiu recompor-se, o poeta balbuciou:

– “Oh! Isto vindo de vocês, é horrível! Foi uma desillusão, um desabar de tudo! O naufrágio de minha’alma.”<sup>306</sup>

– “Mas nós não sabemos de que nos accusa. Diga, diga com franqueza, o que lhe fizemos” – pediu-lhe Carlos, não sem certa afetação.<sup>307</sup> Jubim, talvez compreendendo a seriedade do imprevisto, permaneceu impassível, sombrio.

– “Vocês riram-se de mim”, murmurou Cruz e Sousa com um lamento na voz e os olhos ainda marejados.<sup>308</sup>

– “Oh! Cruz”, interrompeu-o Tibúrcio, “esse juízo seu nos espanta, nos desedifica e confunde. Pois seríamos capazes, nós que o adoramos, que temos no seu affecto a única e suprema recompensa da nossa vida, o nosso estímulo, o nosso orgulho, a nossa felicidade?!”,<sup>309</sup>

– “Não foi você, devo-lhe esta justiça, que me conforta e me consola”.<sup>310</sup>

Carlos, então, olhou-o de frente e disse:

– “Ora ainda bem que é um *mal entendu*, uma coisa sem importância, uma hallucinação desses bellos olhos, que se fitam demais no ideal e estranham, por isso mesmo, o contorno das cousas terrenas.”<sup>311</sup>

E, em tom despreocupado esclareceu o incidente. A culpa, disse Carlos, seria das filhas do locatário que, “com requebros”, haviam momentaneamente dispersado as atenções. Não riam *dele*, riam *para* elas. Dito isso, se pôs abruptamente de joelhos diante de Cruz e Sousa. O ato era excessivo, caricatural. Todos fizeram gestos para que se erguesse e se puseram a rir do patético da situação.

---

<sup>305</sup> Ibidem, p. 129.

<sup>306</sup> Idem.

<sup>307</sup> Idem.

<sup>308</sup> Ibidem, p. 130.

<sup>309</sup> Idem.

<sup>310</sup> Idem.

<sup>311</sup> Idem.

Seguiram juntos pela Rua do Senado. Agora, todos sorridentes e reconciliados. A despeito das perturbações vindas do mundo exterior, a paz ainda existia entre os do “Antro”.

\* \* \*

Durante os seus últimos anos de vida, Cruz e Sousa havia formado em torno de si um pequeno grupo de admiradores da sua obra e amigos dedicados. A maior parte desse séquito era constituída por jovens provincianos com aspirações literárias e que, tal como ele, se viam pouco ajustados às principais instâncias de consagração cultural então vigentes (grandes jornais, Academia, casas editoriais de prestígio). Impondo-se como um modelo de “artista puro”, encarnação das principais ideias e valores estéticos professados pela dissidência simbolista, Cruz e Sousa encontrava-se no centro de um grupo que se destacava do cenário literário brasileiro, principalmente, pela sua atitude negativa para com o *establishment* cultural da época.

Como sugere o episódio no início, apesar de afável, e mesmo antes da instabilidade emocional provocada pela descoberta da sua doença, por volta de 1896, Cruz e Sousa já podia ser também um homem de trato bastante difícil, inclusive para com os seus amigos mais íntimos. Problematizando esse traço da personalidade do escritor, Gonzaga Duque, em artigo de 1909, fez as seguintes considerações:

A sua natureza, essencialmente poetica, sentindo mais agúdamente a bruteza da lucta pela vida, e mais intelligentemente surprehendendo o intimo dos homens, por essa clarividencia peculiar aos interpretores de almas, magoáva-se e confragia-se com as injustiças, ainda que provenientes da ignorancia ou circumstancias accidentaes. E sem ter lido Ibsen aceitava, forçado pela pressão dos factos, o lema ipsocrata de que *o mais poderoso dos homens é aquelle que mais só está.*

Esta formula, que elle repetia por outros termos, não era mais do que um dos muitos communs principios de philosophia individual com que os inadaptados se consolam numa illusão de força propria. E, na realidade, o que mais o feria fundo era o abandono, mesmo que provocado por um motivo de dever e obedecer

que levasse o seu companheiro e camarada a caminho diverso do seu, fosse no tocante a oposição de opiniões, fosse relativo a um afastamento de convivência.

Não ha duvida de que nesse apêgo e constancia existam traços esgrafiados da inteireza do seu caracter, mas o poeta punha nisso tal rigor, tão estreito exclusivismo, que tornava coerciva a sua amisade.

Semelhante exaggero nascia, assim acreditado, da innata desconfiança da sua raça, que a experiencia de viver mais desenvolvia com as decepções e os desenganos; com tudo, o exaggero existia, e não foram raros os que lhe sentiram as exigencias.<sup>312</sup>

Por todas as suas idiossincrasias e circunstâncias que marcaram sua vida, Cruz e Sousa parece ter se tornado bastante rigoroso mesmo na avaliação moral dos seus pares. Mas, para além da austeridade que marcou-lhe o trato, o que essa sua postura nos sugere também são outros traços do seu perfil e do próprio *ethos* que definia a formação simbolista. No caso, o alto valor que o escritor atribuía a si mesmo como artista, a sua autopercepção como ser de exceção, e, sobretudo, o altíssimo nível de exigência que cobrava do seu público. Quanto a esse último aspecto, é justamente em *Emparedado* que fica mais evidente, mais explícito, o olhar extremamente duro com o qual o poeta fitava os seus próprios companheiros de geração literária.

A longa citação, a seguir, justifica-se pelo que ela nos esclarece a esse respeito.

O Desconhecido me arrebatara e surpreendera e eu fui para ele instintiva e intuitivamente arrastado, insensível então aos atritos da frivolidade, indiferente, entediado por índole diante da filúcia letrada, que não trazia a expressão viva, palpitante, da chama de uma fisionomia, de um tipo afirmativamente eleito.

Muitos diziam-se rebeldes, intransigentes — mas eu via claro as *ficelles* dessa rebeldia e dessa intransigência. Rebeldes, porque tiveram

---

<sup>312</sup> DUQUE, Gonzaga. O Poeta Negro. *Kosmos*. Rio de Janeiro, fev. 1909. p. 44-45.

fome uma hora apenas, as botas rotas um dia. Intransigentes, por despeito, porque não conseguiam galgar as fúteis, para eles gloriosas, posições que os outros galgavam...

Era uma politicazinha engenhosa de médiocres, de estreitos, de tacanhos, de perfeitos imbecilizados ou cínicos, que faziam da Arte um jogo capcioso, maneiroso, para arranjar relações e prestígio no meio, de jeito a não ofender, a não fazer corar o diletantismo das suas ideias. Rebeldias e intransigências em casa, sob o teto protetor, assim uma espécie de ateísmo acadêmico, muito demolidor e feroz, com ladainhas e amuletos em certa hora para livrar da trovoada e dos celestes castigos imponderáveis!

Mas, uma vez cá fora à luz crua da Vida e do Mundo, perante o ferro em brasa da livre análise, mostrando logo as curvaturas mais respeitosas, mais gramaticais, mais clássicas, à decrepita Convenção com letras maiúsculas.

Um ou outro, pairando, no entanto, mais alto no meio, tinha manhas de raposa fina, argúcia, vivacidades satânicas, no fundo, frívolas, e que a maior parte, inteiramente oca, sem penetração, não sentia. Fechava sistematicamente os olhos para fingir não ver, para não sair dos seus cômodos pacatos de aclamado banal, fazendo esforço supremo de conservar a confusão e a complicação no meio, transtornar e estontear aquelas raras e adolescentes cabeças que por acaso aparecessem já com algum nebuloso segredo.

Um ou outro tinha a habilidade quase mecânica de apanhar, de recolher do tempo e do espaço as ideias e os sentimentos que, estando dispersos, formavam a temperatura burguesa do meio, portanto corrente já, e trabalhar algumas páginas, alguns livros, que por trazerem ideias e sentimentos homogêneos dos sentimentos e ideias burguesas, aqueciam, alvoroçavam, atordoavam o ar de aplausos...

Outros, ainda, adaptados às épocas, aclimados ao modo de sentir exterior; ou, ainda por mal compreendido ajeitamento, fazendo

absoluta apostasia do seu sentir íntimo, próprio, iludidos em parte; ou, talvez, evidenciando com flagrância, traindo assim o fundo fútil, sem vivas, entranhadas raízes de sensibilidade estética, sem a ideal radicalização de sonhos ingenuamente fecundados e quint'essenciados na alma, das suas naturezas passageiras, despercebidas de certos movimentos inevitáveis da estesia, que imprimem, por fórmulas fatais, que arrancam das origens profundas, com toda a sanguinolenta verdade e por causas fugidias a toda e qualquer análise, tudo o quanto se sente e pensa de mais ou menos elevado e completo.

Mistificadores afetados de *canaille* por tom, por modernismos falhos apanhados entre os absolutamente fracos, os pusilânimes de têmpera no fundo, e que, no entanto, tanto aparentam correção e serena força própria.

Naturezas vacilantes e mórbidas, sem a integração final, sem mesmo o equilíbrio fundamental do próprio desequilíbrio e, ainda mais do que tudo, sem esse poder quase sobrenatural, sem esses atributos excepcionais que gravam, que assinalam de modo estranho, às chamejantes e intrínsecas obras d'Arte, o caráter imprevisito, extra-humano, do Sonho.

Hábeis *viveurs*, jeitosos, sagazes, acomodaticios, afetando pessimismos mais por desequilíbrio que por fundamento, sentindo, alguns, até à saciedade, a atropelação do meio, fingindo desprezá-lo, aborrecê-lo, odiá-lo, mas mergulhando nele com frenesi, quase com delírio, mesmo com certa volúpia maligna de frouxos e de nulos que trazem num grau muito apurado a faculdade animal do instinto de conservação, a habilidade de nadadores destros e intrépidos nas ondas turvas dos cálculos e efeitos convencionais.

Tal, desse modo, um prestidigitador ágil e atilado, colhe e prende, com as miragens e truques da nigromancia, a frívola atenção passiva de um público dócil e embasbacado.

Insipientes, uns, obscenamente cretinos, outros, devorados pela desoladora impotência que os torna lívidos e lhes dilacera os fígados, eu



bem lhes percebo as psicologias subterrâneas, bem os vejo passar, todos, todos, todos, d'olhos oblíquos, numa expressão fisionômica azeda e vesga de despeito, como errantes duendes da Meia-Noite, verdes, escarlates, amarelos e azuis, em vão grazinando e chocalhando na treva os guizos das sarcásticas risadas...

Almas tristes, afinal, que se diluem, que se acabam, num silêncio amargo, numa dolorosa desolação, murchas e doentias, na febre fatal das desorganizações, melancolicamente, melancolicamente, como a decomposição de tecidos que gangrenaram, de corpos que apodreceram de um modo irremediável e não podem mais viçar e florir sob as refulgências e sonoridades dos finíssimos ouros e cristais e safiras e rubis incendiados do Sol...

Almas lassas, debochadamente relaxadas, verdadeiras casernas onde a mais rasgada libertinagem não encontra fundo; almas que vão cultivando com cuidado delicadas infamiazinhas como áspides galantes e curiosas e que de tão baixas, de tão rasas que são nem merecem a magnificência, a majestade do Inferno!

Almas, afinal, sem as chamas misteriosas, sem as névoas, sem as sombras, sem os largos e irisados resplendores do Sonho — supremo Redentor eterno!

Tudo um ambiente dilacerante, uma atmosfera que sufoca, um ar que aflige e dói nos olhos e asfixia a garganta como uma poeira triste, muito densa, muito turva, sob um meiodia ardente, no atalho ermo de vila pobre por onde vai taciturnamente seguindo algum obscuro enterro de desgraçado...

Eles riem, eles riem e eu caminho e sonho tranquilo! pedindo a algum belo Deus d'Estrelas e d'Azul, que vive em tédios aristocráticos na Nuvem, que me deixe serenamente e humildemente acabar esta Obra extrema de Fé e de Vida!<sup>313</sup>

---

<sup>313</sup> SOUSA, João da Cruz e. Emparedado. In: \_\_\_\_\_. Op. cit., 2008, v. 2, p. 619-622.

Percebidos por muitos contemporâneos como elitistas e desinteressados da realidade circundante, os simbolistas do Rio de Janeiro acabaram ajudando a construir para si uma reputação de “nefelibatismo” que lhes sobreviveu em muito. De fato, a imagem do escritor ascético, contemplativo, recluso e alheio ao seu próprio mundo foi confirmada e reforçada, por exemplo, em testemunhos elaborados por um dos principais memorialistas da nossa “*belle époque*”: Luís Edmundo.<sup>314</sup> Em 1938 (quarenta anos após a morte de Cruz e Sousa), o jornalista carioca esboçou a seguinte imagem desses escritores:

Vezes, pela porta da livraria [Garnier], surgem os do grupo do *Antro*: Carlos Dias Fernandes, Saturnino Meireles, Félix Pacheco, Nestor Vitor, Maurício Jobim e Tibúrcio de Freitas, discípulos, todos, de Cruz e Sousa, o poeta negro, morto em 99. Altivos, secos, austeros, arredios, fazem eles uma existência à parte. Dão-se a importância. São como o poeta negro que em sua torre de marfim viveu sempre insulado e tristonho, até morrer. Cruz e Sousa era um tipo singular: pequeno, franzino, de um negro baço, tinha dois olhos languens, profundos e expressivos, voz branda e maneiras gentis. Tímido, falava pouco e ainda menos sorria. Morava num remoto subúrbio, cheio de filhos, paupérrimo, vivendo da renda curta que lhe dava um lugar modestíssimo na Estrada de Ferro Central do Brasil. Não procurava relações, antes, as evitava. Com fama de selvagem, possuía, além de um talento enorme, traços de caráter particularmente simpáticos.

[...]

Não era Cruz e Sousa figura da Rua do Ouvidor. Nesse particular não o copiaram seus discípulos, os do grupo do *Antro*. *Antro*? É o quarto do Tibúrcio de Freitas, trepando sobre o

---

<sup>314</sup> Cabe observar que, apesar de testemunha privilegiada do meio literário carioca da década de 1890, Luís Edmundo foi um observador relativamente distante da vida de Cruz e Sousa. Bem mais jovem do que o poeta catarinense, fazia parte dos neófitos que circulavam nos meios simbolistas da época, mas jamais chegou a travar maiores intimidades com o círculo mais próximo de Cruz e Sousa. No mais, esse relato é bem posterior aos acontecimentos mencionados e, muito provavelmente, está impregnado com a imagem pública que os primeiros simbolistas vieram a adquirir ao longo dos anos.

segundo andar de um velho e desmoronante imóvel na Rua do Senado e onde esses cardeais do simbolismo, primazes da nova idéia, o arrebatado Carlos Fernandes à frente, cabalisticamente, se encontram a desoras, em tertúlias memoráveis.

Da existência dessas tertúlias sabe-se, no Garnier, mais, por ouvir dizer. Apenas. O Antro é impenetrável. *Turrís eburnea*. Reduto de entoados sonhadores. Loja maçônica. Grande Oriente da literatura nacional...<sup>315</sup>

A vida literária no Rio de Janeiro do final do século XIX carregava em si as marcas de um mundo que, cada vez mais, se definia pela competição atroz entre os indivíduos. Com a desestruturação da antiga sociedade senhorial e o advento de uma sociedade de mercado, emergia um novo *éthos* entre as nossas elites. Nos novos tempos, a maior parte adería, sem grandes constrangimentos e da melhor forma que podia, à corrida incerta pelos poucos postos de prestígio e bons rendimentos. A “febre de vencer” dominava a quase todos e a expectativa de triunfar a qualquer custo se impunha como uma regra cada vez mais comum e menos contornável. Os códigos morais que regiam a urbanidade de outrora, ainda tributários de muitas concepções pré-modernas de sociabilidade, se esvaeciam progressivamente. Entre a maioria das pessoas o que se verificava era o predomínio de valores e padrões de conduta que apontavam para o desejo imoderado de bens, riquezas ou honras, para a ambição e a avidez. Constata-se a tendência ao desaparecimento de certas modalidades tradicionais de cooperação ou assistência moral representadas, no contexto social do Império, pelos vínculos entre famílias, clãs, vizinhos, compadres, senhores e agregados. Em seu lugar, os nexos entre as pessoas e os grupos passavam a ser gradativamente arbitrados por índices de natureza econômica e mercantil. Em meio a essa atmosfera cada vez mais hostil e caustrofóbica, muitos observadores condenavam o que chamavam de “rude materialismo” e a “brutalidade do nosso viver atual”. O “arrivista”, o “ladrao em casaca”, passava a ser considerado um dos tipos característicos da época e, por toda a parte, surgiam protestos contra a nova sociedade que se esboçava.<sup>316</sup>

---

<sup>315</sup> EDMUNDO, Luís. Op. cit. p. 447-448.

<sup>316</sup> SEVCENKO, Nicolau. Op. cit. p. 55.

Nesse ambiente, onde o referencial ético comum pautava-se pelos valores próprios de uma burguesia urbana que começava a surgir e a se impor no espaço público, os padrões de sociabilidade dos cenáculos simbolistas ecoavam e harmonizam-se com muitos desses protestos. É sob a chave da negação a esse mundo atomizado e vulgarmente utilitarista que se pode compreender o isolacionismo, o exclusivismo e o espírito de conciliábulo que definiu os padrões de sociabilidade dos primeiros agrupamentos simbolistas do Rio de Janeiro. Para além de simples maneirismo de escola, ou ainda, de simples temperamento pessoal, tais atitudes continham igualmente uma resposta ao modelo burguês de relações que então se impunha naquele meio social e cultural. Era um dos seus muitos protestos contra o novo estado do mundo.

## 9 PARA QUE SERVEM OS POETAS?

A tensão entre o local e o cosmopolita, o nacional e o universal, constitui um dos principais dramas das literaturas coloniais e, em particular, das literaturas latino-americanas.<sup>317</sup> No caso do Brasil, o contraste entre a abertura à influência cultural dos grandes centros urbanos de países considerados mais “civilizados” ou “desenvolvidos” e a busca ou reafirmação de um conjunto de características que distinguiriam os povos que aqui vivem estabelece uma verdadeira “dialética” que orienta a história da nossa “vida espiritual”. Segundo Antonio Candido:

Pode-se chamar dialético a este processo porque ele tem realmente consistido numa integração progressiva de experiência literária e espiritual, por meio da tensão entre o dado local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição europeia (que se apresentam como forma da expressão). A nossa literatura, tomado o termo tanto no sentido restrito quanto amplo, tem, sob este aspecto, consistido numa superação constante de obstáculos, entre os quais o sentimento de inferioridade que um país novo, tropical e largamente mestiçado, desenvolve em face de velhos países de composição étnica estabilizada, com uma civilização elaborada em condições geográficas bastante diferentes. O intelectual brasileiro, procurando identificar-se a esta civilização, se encontra todavia ante particularidades de meio, raça e história, nem sempre correspondentes aos padrões europeus que a educação lhe propõe, e que por vezes se elevam em face deles como elementos divergentes, aberrantes.<sup>318</sup>

---

<sup>317</sup> Cf. CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: \_\_\_\_\_. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011 e PERRONE-MOISÉS, Leyla. Paradoxos do nacionalismo literário na América Latina. In: CUNHA, Carlos Manuel Ferreira da. (Org.). *Escrever a nação: literatura e nacionalidade* (uma antologia). Ponte: Opera Omnia, 2011. p. 183-202.

<sup>318</sup> CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945: panorama para estrangeiros. In: \_\_\_\_\_. Op. cit., 2000. p. 101-102.

Pode-se dizer que, entre nós, um dos momentos de atualização desse drama ocorreu no final do século XIX, durante a transição do Império para a República. Nesta época, mais uma vez, o problema da identidade nacional ganhou particular relevância.<sup>319</sup> Em meio à reconfiguração do poder oligárquico e da reestruturação das nossas instituições sociais e políticas, antigas questões referentes à autenticidade cultural do país, mais uma vez, se impuseram à *intelligentsia* brasileira. Afinal, importar “‘idéias e modelos’ é efetivamente imitar? Como aprender *com* a Europa sem imitar? O que é ser universal? É possível ser universal e nacional? Ou, só é possível ser universal sendo nacional? E o que é ser nacional?”<sup>320</sup>

Nesse contexto, tal como em outros momentos da nossa história, o campo da literatura constituiu uma arena importante para o desenvolvimento desse debate.<sup>321</sup> Uma discussão que envolveu interlocutores e pontos de vistas os mais contrastantes. Dentre eles, o de uma fração importante – mas pouco privilegiada pela história cultural e literária – da classe letrada brasileira do final do século XIX. Refiro-me aos artistas e intelectuais identificados com as proposições estético-ideológicas do simbolismo ou decadentismo francês: uma parte da elite letrada brasileira relativamente marginalizada política, social e culturalmente durante os anos de consolidação da República e que, como resposta aos dilemas da nossa modernização, entre outras coisas, afastaram-se de alguns dos padrões literários tradicionalmente estabelecidos. Particularmente, dos que diziam respeito à própria concepção do fazer poético, bem como à definição do papel do escritor na nossa sociedade.

---

<sup>319</sup> Sobre a participação dos escritores no debate social travado, no Brasil, entre as últimas décadas do século XIX e primeira metade do século XX, ver: LEITE, Dante Moreira Leite. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1983; REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. 2 v; SOUZA, Ricardo Luiz de. *Identidade nacional e modernidade brasileira: o diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007 e SOUZA, Ricardo Luiz de. *Pensamento social brasileiro: de Raul Pompéia a Caio Prado Júnior*. Uberlândia: Edufu, 2011.

<sup>320</sup> GOMES, Ângela de Castro & FERREIRA, Marieta de Moraes. Primeira República: um balanço historiográfico. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.4, 1989, p. 272.

<sup>321</sup> WEBER, João Ernesto. *A nação e o paraíso: a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

Segundo o crítico Otto Maria Carpeaux, no Brasil, o simbolismo “foi estrangulado”.<sup>322</sup> Apesar da má recepção crítica do movimento não ter sido uma exclusividade brasileira – basta lembrar o alarde que Max Nordau fez, em 1896, na França, com o seu livro *Dégénérescence* –,<sup>323</sup> a realidade é que a afirmação de Carpeaux não chega a ser exagerada. Julgados de maneira predominantemente negativa pelas principais opiniões críticas do seu tempo, os simbolistas jamais lograram pleno reconhecimento junto às principais instâncias de consagração literária vigentes no Brasil do final do século XIX.<sup>324</sup> Araripe Júnior percebeu-os com ceticismo e, condescendente para com a condição racial de Cruz e Sousa, chamou-o “ingênuo no meio da civilização ocidental” e “náufrago de uma raça”.<sup>325</sup> José Veríssimo disse ser o simbolismo, no Brasil, “um fato de imitação intencional e, em muitos casos desinteligente”.<sup>326</sup> Valentim Magalhães, tratou-os por “desorientados”, escritores que “picados pelo desejo de destacar, de aparecer, e deslumbrar” lançavam-se “à caça do novo, ao preço de tudo o que até hoje foi considerado elemento indispensável da boa poesia – mesmo da gramática e do senso estético”.<sup>327</sup> Machado de Assis, a despeito da sua fama de comedido, pacato e distante “das intrigas e dos mexericos” próprios à vida literária, considerava-os como boêmios escandalosos e, durante todo o período em que presidiu a Academia Brasileira de Letras, sempre procurou mantê-los distantes daquele espaço de prestígio e respeitabilidade intelectual.<sup>328</sup> Apenas Silvio Romero, e mesmo assim bem tardiamente, chegou a julgar positivamente o nosso simbolismo<sup>329</sup>

---

<sup>322</sup> CARPEAUX, Oto Maria. *Origens e fins*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante, 1942. p. 313. Apud COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1968. p. 219.

<sup>323</sup> Sobre a má recepção crítica do movimento simbolista em nível internacional, ver: MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 1, p. 33-35; 83.

<sup>324</sup> A Academia Brasileira de Letras só viria a admitir um simbolista como “imortal” em 1913: Félix Pacheco.

<sup>325</sup> CAROLLO, Cassiana Lacerda. Op. cit., v. 1, p. 200.

<sup>326</sup> *Ibidem*, p. 368.

<sup>327</sup> MONTENEGRO, Abelardo Fernando. Op. cit., p. 93-194.

<sup>328</sup> BROCA, Brito. Op. cit., 1975, p. 42-43.

<sup>329</sup> Escreve Silvio Romero, em 1899, para o *Livro do Centenario*: “Para findar: o simbolismo, nome por certo mal escolhido para significar a reacção espiritualista que neste final de seculo se fez na arte contra as grosserias do naturalismo e contra o diletantismo epicurista da arte pela arte do parnasianismo, é, nas suas melhores manifestações lyricas, uma volta consciente ou não, ao romantismo naquillo que elle tinha tambem de melhor e mais

e viu, em Cruz e Sousa, aquilo que considerou “o caso único de um negro, um negro puro, verdadeiramente superior no desenvolvimento da cultura brasileira. [...] o ponto culminante da lyrica brasileira após quatrocentos annos de existencia”.<sup>330</sup> Tal avaliação, contudo, não lhe seria perdoada e, mesmo depois de décadas, ainda lhe rendia a censura de alguns colegas acadêmicos. Sobre as opiniões de Romero, Medeiros e Albuquerque – crítico “desagradado e quase hostil ao simbolismo”, segundo Muricy<sup>331</sup> –, redigiu a seguinte apreciação:

Sylvio Roméro tinha uma illustração philosophica e scientifica infinitamente superior á de José Verissimo. Era, porém, um deploravel julgador de méritos individuaes. Decidia-se pela amizade, pela affeição.

Conta-se que, algum tempo, elle considerou Cruz e Souza o que de facto esse poeta era: um metrificador sonóro e ôco, quasi absolutamente destituído de ideias. Sylvio dizi-o francamente. Mas, um dia, alguém lhe contou a vida de Cruz e Souza, pobre e excellente rapaz, tuberculoso, pai de familia numerosa, lutando com difficuldades, simples, modesto, soffrendo com o preconceito de côr, que pesava sobre elle.

Ora, em tudo isto havia motivos para estimar pessoalmente o poeta; mas não para declarar que

---

significativo. No Brasil, porém, para que elle caminhe e progrida, será preciso que, deixando de lado as ladainhas de Bernardino Lopes e Alphonsus de Guimarães, deixando, em summa, a parvoçada d’*Os Simples*, prosiga na trilha que lhe foi aberta por Cruz e Sousa, não o Cruz e Sousa da prosa abstrusa do *Missal* e das *Evocações*, porém o Cruz e Sousa dos *Pharóes* e dos *Ultimos Sonetos*, e essa há de ser a mais bella porção da lyrica nacional, que irá ainda florescer nos primeiros annos do século que vai entrar.” ROMERO, Sílvio. A litteratura, 1500-1900: memoria. In: ASSOCIAÇÃO DO QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL. *Livro do Centenário (1500-1900)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. v. 1. p. 112-113. Não obstante, tal opinião, por sua vez, foi reiterada no livro *Evolução do lyrismo brasileiro* (reedição avulsa do ensaio publicado originalmente na antologia de 1900). Cf. ROMERO, Sílvio. *Evolução do lyrismo brasileiro*. Recife: F. B. Edelbrock, 1905. p. 200. Ver, também: CANDIDO, Antonio. (Org.). *Sílvio Romero: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978. p. 163.

<sup>330</sup> ROMERO, Sílvio. Op. cit., 1900, v. 1, p. 111.

<sup>331</sup> MURICY, Andrade. Op. cit., 1987. v. 1. p. 19; 90.



os seus versos mereciam louvôres. Sylvio, a piedade, foi tão longe na transformação de suas ideias que acabou por datar de Cruz e Souza uma época na história de nossa litteratura!

Por outro lado, na exuberancia de sua vida generosa, batalhadora, o crítico sergipano só compreendia os sentimentos fortes. O que constituia o ideal para Verlaine: "pas la couleur, rien que la nuance", escapava absolutamente á compreensão de Sylvio Roméro. D'ahi a sua incapacidade de apreciar o *humour* fino de Machado de Assis. Parecia-lhe insipido. Em materia de alegria, dir-se-ia que elle só queria a gargalhada - no gênero das bôas, altas e sonóras gargalhadas que gostava de soltar.

Critico excellente para as largas ideias, as amplas generalisações. Critico instavel, parcialissimo para as apreciações individuaes.<sup>332</sup>

Publicadas na década de 1920, a definição de Cruz e Sousa como um “metrificador sonóro e ôco, quasi absolutamente destituído de ideias” testemunham a permanência de uma opinião que, durante muito tempo, foi hegemônica entre certos setores da crítica nacional e que, até hoje, repercute entre alguns historiadores da literatura brasileira.<sup>333</sup> No

---

<sup>332</sup> ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Paginas de critica*. Rio de Janeiro: Editores Leite Ribeiro & Maurillo, 1920. p. 8. Ao que parece essa opinião estava realmente arraigada em Medeiros e Albuquerque. E tanto é assim que ele segue repetindo-a até os seus últimos dias. Em sua autobiografia, publicada postumamente, em 1942, Albuquerque escreve: “Sylvio Romero, ao contrário [de José Veríssimo], era um melhor julgador de grandes fenômenos coletivos, capaz de amplas generalizações, de vastas sínteses, mas incapaz de julgamentos individuais desapaixonados. / Disso se pode ter idéia, sabendo como ele mudou de opinião acerca de Cruz e Souza. / Os versos de Cruz e Souza são, na maioria dos casos, absolutamente *nonsenses*. O sentido que cada pessoa lhes acha é o que lhes empresta generosamente, por iniciativa própria. A única coisa que esses versos têm é harmonia verbal.” ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Quando eu era vivo: memórias (1867 a 1934)*. Porto Alegre Livraria do Globo, 1942. p. 222-223. No mais, sem querer reduzir o problema todo à simples questão anedótica, suspeito que haja nessa indisposição algo de pessoal. Ver, por exemplo, a carta de Oscar Rosas a Cruz e Souza datada de 23 de abril de 1889. Parte 2, correspondência n. 37.

<sup>333</sup> Em *O cânone republicano*, livro de 2003, o crítico Flávio Kothe escreve: “O ‘Poeta Negro’ acha que as palavras pouco usuais, como ‘aras, flébeis, mádidás’,

caso, de que apesar do “seu ar geral de novidade”, no Brasil, o simbolismo não teria exercido “a função relevante que o distinguiu na literatura européia”.<sup>334</sup>

A permanência desse juízo crítico é problemática. Mesmo hoje, o simbolismo é um movimento que tende a ocupar um lugar relativamente marginal em nossos compêndios de história literária. Algo que, aliás, não deixa de ser curioso, tendo em vista não só as proporções do simbolismo no Brasil – um movimento que, como demonstraram críticos como Andrade Muricy e, mais tarde, os concretistas, foi bastante profícuo, articulado e influente<sup>335</sup> –, mas, sobretudo, considerando-se a importância atribuída a essa vertente em outras tradições literárias, não só europeias, mas, também, hispano-americanas.<sup>336</sup>

Acusados de “diletantismo” e “egoísmo” por muitos dos seus contemporâneos, o julgamento crítico com relação aos simbolistas frequentemente redundou em animosidades e, sobretudo, incompreensões.<sup>337</sup> A principal delas: a redução do sentido ideológico da sua estética e do seu *éthos* de grupo a uma simples “excentricidade”, a um “culto” fetichizado pelo “esoterismo”, anarquismo intelectual ou “niilismo literário”.<sup>338</sup> Avaliação que, aliás, resultaria em posturas como as de Astrojildo Pereira, que, no ano de 1944, em *Interpretações*, definiu os simbolistas como manifestadamente “contra-revolucionários”.

---

garantem poeticidade e elevação, quando, de fato, são apenas pedantes. Ele ainda é o negrinho que quer provar ter aprendido a língua de seu sinhô, podendo muito bem servi-lo.” KOTHE, Flávio R. *O cânone republicano*. Brasília: UnB, 2003. v. 1. p. 132.

<sup>334</sup> BOSI, Alfredo. *Historia concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006. p. 286.

<sup>335</sup> MURICY, Andrade. Op. cit., 1987; CAMPOS, Augusto de. *ReVisão de Kilkerry*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

<sup>336</sup> Cf. RAMA, Angel. Rubén Darío y el modernismo. Caracas: Alfadil, 1985 e GUÍRIN, Iúri. O modernismo hispano-americano em correspondência tipológica com o simbolismo ocidental e russo. In: CAVALIERE, Arlete; VÁSSINA, Elena; SILVA, Noé (Org.). *Tipologia do simbolismo nas culturas russa e ocidental*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

<sup>337</sup> MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 1, p. 20.

<sup>338</sup> A expressão “niilismo literário” foi utilizada por Araripe Júnior, no final da década de 1880, para caracterizar os simbolistas, mas foi repetida por Antônio Cândido em 1987. Cf. MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 1, p. 91 e CANDIDO, Antonio. *Iniciação a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010. p. 79.

Vejamos, pois, o que escreveu em seu livro o crítico e co-fundador do Partido Comunista Brasileiro.

O movimento simbolista, que se processou durante o período de implantação e consolidação da república, pode ser caracterizado como sendo uma espécie mais refinada de romantismo decadente, e seus corifeus e sectários se aproximaram o mais que era possível da posição ideal preconizada pelos "puros", "indiferentes" e "abstencionistas". Não por acaso surgiu o simbolismo, entre nós, como simples imitação ou contrafação do simbolismo europeu, por isso mesmo com um sentido mais inteiramente reacionário do que o romantismo - sobretudo o nosso romantismo, que possuía elementos de natureza libertária. O simbolismo respondia de certo modo à fase de consolidação do novo regime; correspondia apenas de certo modo, convém frisar a restrição, pois semelhante "correspondência" se explicaria principalmente pelo "desejo", isto é, pelo interesse da fração mais conservadora das classes dominantes em estabilizar a própria situação. Já sabemos que nem sempre desejo e realidade coincidem; mas isso é outra coisa.<sup>339</sup>

Para o autor, o nosso simbolismo corresponderia “à fase de consolidação do regime instituído em 1889”, sendo não só um movimento anacrônico, mas também um fenômeno cultural “tipicamente reacionário”, já que supostamente “alienado” e “alienante”.

Concretizando: a república de 89 originou-se e nasceu de uma série de fatores políticos, econômicos e sociais de natureza progressista; mas, como acontece em todos os movimentos revolucionários, trouxe no seu bojo, de cambulhada, outros fatores de natureza contra-revolucionária, isto é, opostos aos primeiros. E foram estes últimos fatores – encarnados pela fração mais conservadora das classes dirigentes –

---

<sup>339</sup> PEREIRA, Astrojildo. *Interpretações*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944. p. 273-274.

que acabaram por dominar de novo a situação, e daí o seu interêsse e o seu desejo de estancar o desenvolvimento progressivo do regime implantado pela revolução. Se não conseguiram inteiramente e por tempo indefinido, já se vê que a culpa não foi sua. Ora, o simbolismo, com seus intuítos de arte arquipura e os seus requintes estupefaciantes, com o seu manifesto de evasão voluntária das feias realidades dêste mundo, produzia exatamente a espécie de arte e literatura que no momento mais convinha aos manejos da contra-revolução: ópio para a inteligência, à semelhança de outros ópios já de longa data ministrada ao povo.<sup>340</sup>

Tal perspectiva, por sua vez, faria coro à de outros críticos de esquerda. Desde os editores da revista *Joaquim* que, nos anos 1940, recusaram “o simbolismo, considerando-o como parte de uma literatura que não sintonizou a sua produção com os problemas do homem e do mundo”<sup>341</sup>, até Werneck Sodré que, na década de 1970, numa edição atualizada de *História da Literatura Brasileira*, escreveu:

Refugiando-se no virtuosismo técnico, os parnasianos desviavam-se da realidade. Não conseguiram hermetizar-se quanto o modelo externo exigia, no caso brasileiro, por força do lirismo que impregnou, por vezes profundamente, a sua contribuição. Quanto aos simbolistas, tangidos pelos mesmos motivos para caminhos idênticos, distanciavam-se dos motivos do tempo e do meio na medida em que descaíam para o vazio de conteúdo e para a confusão de temas em que se esmeraram. Nesse sentido, distanciaram-se ainda mais do que os parnasianos do contacto com

---

<sup>340</sup> Ibidem, p. 275.

<sup>341</sup> MOREIRA, Caio Ricardo Bona. O encontro entre chuvosos e nefelibatas: a nuvem política. *Revista de Letras*. Curitiba, v. 15, n. 1, p.1-12, ago. 2012. Ver também: MOREIRA, Caio Ricardo Bona. O seqüestro do simbolismo na revista Joaquim: o grito do vampiro contra o sussurro do nefelibata. *Crítica Cultural*, v. 3, n. 1, jan./jun. 2008.

o público e *configuraram o exemplo típico da alienação intelectual*. (Grifos meus).<sup>342</sup>

Pode-se dizer que, para além de marcar posicionamentos próprios à arena de debates na qual esses críticos estavam imediatamente inseridos, tais apreciações, por sua vez, derivavam, também, de uma atitude típica que certa vertente da crítica literária de esquerda, sobretudo a mais diretamente influenciada pelo marxismo ortodoxo, nutria com relação às vanguardas estéticas. Seus discursos reproduziam e atualizavam, para o contexto brasileiro, impressões similares àquelas que autores como Plekhanov e Jdanov tinham com relação às tendências "formalistas" nas artes do final do século XIX e início do século XX. Assim, partindo de uma ideia bastante restrita de "realismo" e tomando a literatura, sobretudo, como instrumento de conscientização revolucionária, críticos como esses tendiam a julgar autores como Cruz e Sousa e o grupo de escritores ao qual ele se vinculava como "menores" ou mesmo péssimos poetas.<sup>343</sup>

Curiosamente, longe de se limitarem a uma vertente particular da crítica literária, tais critérios, no entanto, parece que ainda orientam outras abordagens da nossa literatura. O evidente desinteresse por parte da maioria dos historiadores que se dedicam ao estudo da literatura

---

<sup>342</sup> SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. p. 461.

<sup>343</sup> Exceção particularmente notável de um crítico de esquerda que, ainda no começo do século XX, demonstrou excepcional boa vontade para com a obra de Cruz e Sousa é a de José Oiticica. Num artigo de 1923, em meio a polêmicas travadas com Andrade Muricy, Tasso da Silveira e outros críticos católicos ligados à revista *Festa* (cf. OITICICA, José. Dois críticos. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, p. 4, 17 fev. 1923) – um dos expoentes da vertente conservadora do movimento modernista – o poeta e militante anarquista, escrevia: "Cruz e Sousa é assim um precursor, o grande precursor não de simbolismos e decadentismos, mas de uma vasta poesia pantheista, onde o homem se integra no universo aspirando sempre á mais perfeita integração. O seu genio, inatingível aos mediocres, abriu *portas de ouro* ainda, infelizmente indesejadas pela multidão dos pieguistas e sentimentalistas da nossa revigante sementeira poetica. Mas, aqui e ali, vão surgindo olhos que entrevêm os penetraes sagrados. E' a sua maior consagração." OITICICA, José. O poeta negro. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, p. 2, 17 mar. 1923. (Esse texto também se encontra disponível em: COUTINHO, Afrânio. Op. cit., 1979, p. 146-152).

brasileira é prova disso.<sup>344</sup> Como já observaram Francisco Foot Hardman e Vera Lins, os simbolistas ainda “tem sido vistos como grupo marginal, imitadores auto-suficientes e desvinculados da ‘realidade nacional’.”<sup>345</sup> E isto a despeito de muitas provas e argumentos em contrário.

Mas o que justificaria a manutenção desses discursos classificatórios e esquemas de valor subjacentes em relação ao simbolismo brasileiro? Ora, tal como foi comum no processo de constituição da maioria das nações modernas,<sup>346</sup> desde os momentos iniciais da sua formação, no final do século XVIII, a literatura brasileira se configurou como um instrumento de construção do “espírito nacional”. Isto é, se constituiu como eminentemente “empenhada”. Tal característica implicava certo papel social reservado aos escritores: o de promotores de um tipo de coesão sócio-cultural centrada na crença em uma identidade nacional confirmada pelo compartilhamento de um passado e uma língua comum, bem como justificada e materializada num *corpus* de textos.

De forma muito similar à de outros países, os poetas e romancistas brasileiros sempre estiveram mais ou menos tomados por “um sentimento de missão, que acarretava a obrigação tácita de descrever a realidade imediata, ou exprimir determinados sentimentos de alcance geral”.<sup>347</sup> Tal compreensão essencialmente comprometida do escritor junto ao seu público – a quem, em última análise, o “homem de letras” deveria sempre guiar ou servir – contrasta, evidentemente, com a busca pelo autonomismo estético cultivada por muitos dos nossos

---

<sup>344</sup> Uma pesquisa preliminar no banco de dados da Associação Nacional de História (ANPUH) aponta para o fato de que a maior parte dos trabalhos relativos ao tema “história e literatura” apresentados nos simpósios promovidos por essa instituição contemplam autores, gêneros e escolas literárias bastante restritas. O romance realista do século XIX, representado pelas obras de escritores como José de Alencar, Machado de Assis e Lima Barreto, constitui uma das principais preferências por parte dos historiadores dedicados a esse assunto. Disponível em: <<http://anpuh.org/anais/>>. Acesso em 12 jul. 2015.

<sup>345</sup> HARDMAN, Francisco Foot; LINS, Vera. Introdução. In: DUQUE, Gonzaga. *Revoluções brasileiras: resumos históricos*. São Paulo: Editora UNESP: Giordano, 1998. p. xii.

<sup>346</sup> EVEN-ZOHAR, Itamar. The role of literature in the making of the nations of Europe. In: CUNHA, Carlos Manuel Ferreira da. (Org.). *Escrever a nação: literatura e nacionalidade (uma antologia)*. Ponte: Opera Omnia, 2011.

<sup>347</sup> CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Fapesp; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009. p. 28-29.

escritores finisseculares e, em especial, pelos novos escritores que, na década de 1890, atuavam na cidade do Rio de Janeiro.

Essa aparente ruptura com dois importantes pressupostos da tradição literária brasileira – a utilidade prática da literatura e a responsabilidade do escritor para com o público –, no entanto, era essencialmente uma atitude estética. A despeito, no entanto, de todo o seu esforço em separar arte e vida, muitos escritores identificados com o simbolismo estiveram, de fato, bastante envolvidos com o seu contexto social e político. Como o próprio testemunho de Luís Edmundo nos faz lembrar, apesar das suas intenções mais ou menos manifestas de se posicionarem à margem da cultura de tipo oficial, a despeito de se pretenderem levar uma “existência à parte” do mundanismo literário, os “do grupo do *Antro*” não estavam ausentes da Rua do Ouvidor – um dos centros nevrálgicos da vida política e literária da Primeira República no final do século XIX.<sup>348</sup> Do mesmo modo, por mais que Cruz e Sousa por vezes se projetasse mediante seu eu lírico como um “imaculado” por “sobre o lôdo immundo”<sup>349</sup> o fato é que ele era alguém absolutamente sensível a sua própria condição de homem negro “paupérrimo”, “cheio de filhos” e sobrevivendo “num remoto subúrbio” do Rio de Janeiro. Algo que, como muitos críticos demonstram, se materializou de forma pungente na própria forma da sua poesia.<sup>350</sup>

---

<sup>348</sup> A relevância da Rua do Ouvidor só começaria a declinar em 1904, com a inauguração da Avenida Central (atual Rio Branco). BROCA, José Brito. Op. cit., 1975, p. 230.

<sup>349</sup> SOUSA, João da Cruz e. *Broqueis*. Rio de Janeiro: Magalhães e Cia., 1893. p. 46.

<sup>350</sup> ALVES, Paulo. *A Farpa e a Lira: uma análise socioliterária a partir de Cruz e Sousa e Lima Barreto*. 2009. 212 f. (Mestrado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2009; KNIHS, Maiara. *O trágico na poética de Cruz e Sousa*. 2014. 198 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2014; MELLO, Jefferson Agostini. *Um poeta simbolista na República Velha: literatura e sociedade em Missal de Cruz e Sousa*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008; OLIVEIRA, Leonardo Pereira de. *A tensão lírica no simbolismo de Cruz e Sousa*. 2007. 192 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul., Porto Alegre. 2007; RABELLO, Ivone Daré. *Um canto à margem: uma leitura da poética de Cruz e Sousa*. São Paulo: Nankin: Edusp, 2006; REIS, Cristiano Lima de Araújo. *O Simbolismo de Cruz e Sousa: negritude, dor e satanismo*. 2009. 96 f. Dissertação (Mestrado em

As afirmações a seguir podem soar primárias – e, em grande medida, o são – mas elas só respondem a questionamentos do mesmo nível: a rigor, pesquisas sistematicamente focadas na trajetória biográfica de alguns artistas, bem como a leitura de um conjunto mais amplo da sua produção considerada “literária” e “não-literária” demonstram, com certa facilidade, a participação e o envolvimento de muitos autores considerados “nefelibatas” em importantes movimentos sociais e políticos durante os anos de consolidação da República.<sup>351</sup> Tal fato, por sua vez, apenas confirma a ideia de que – assim como em outros lugares da América Latina em períodos um pouco mais recentes<sup>352</sup> – sociedade, política e literatura eram elementos indissociáveis também no Brasil do final do século XIX. Ou seja, a atuação política não foi uma exclusividade de alguns dos nossos românticos ou dos intelectuais que viveram os dias mais agitados da década de 1870. De uma forma ou de outra, mesmo os escritores da chamada “*belle époque* carioca” estiveram envolvidos em importantes acontecimentos públicos do seu tempo. Nesse sentido, faz-se pertinente a observação de Brito Broca quanto à chamada “boêmia literária”:

Tem-se falado muito em boêmia e geração boêmia. Meu amigo Otto Maria Carpeaux já me declarou achar a expressão intolerável, à força de ser repetida e decantada. Entretanto, ainda resta estudar, na sua verdadeira essência, a boêmia de 89, resta retificar certos equívocos sobre ela. Não será julgá-la com penetração, acusá-la de ter-se alheado à nossa realidade, e estranhar que, após a geração de Alencar, Macedo, Joaquim Serra, Taunay, Francisco Otaviano, todos homens

---

Literatura e Crítica Literária) – Programa de Estudos Pós-Graduados em literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2009; SILVA, Luiz. *A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e de Lima Barreto*. 2005. 232 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2005; SILVA, Rosane Cordeiro da. *Entre missais e evocações: a prosa desterrada de Cruz e Sousa*. 2006. 274 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2006.

<sup>351</sup> Mais uma vez, também isso já foi observado por Andrade Muricy. Cf. MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 1, p. 42-45.

<sup>352</sup> PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Editora Ática, 1990.



voltados à política, encarando com seriedade os problemas do país, surgisse uma geração brincalhona, a consumir-se em piadas e anedotas pelas mesas de café. Nenhuma visão mais errônea do famoso grupo a que pertenceram Bilac, Coelho Neto, Pardal Mallet, Guimarães Passos, Paula Ney, Aluisio e Artur Azevedo, entre outros. Uma geração brincalhona, essa que lutou pelo Abolicionismo, tomou parte ativa na propaganda republicana, conheceu a prisão e o exílio na ditadura de Floriano?<sup>353</sup>

Em suma, independentemente de rótulos ou qualificativos atribuíveis a tal ou qual escritor, pode-se dizer que, por aqui, política e literatura sempre andaram juntas.<sup>354</sup> Assim, tal como os “boêmios”, os simbolistas não constituíram exceção.<sup>355</sup> Há que se diferenciar uma imagem autoprojeta por alguns autores – imagem esta definida por um suposto distanciamento dos assuntos extra-literários – da realidade em si mesma. É necessário, pois, relativizar a afirmação de que, no Brasil, os simbolistas estavam voltados apenas para a “sua estética”. A julgar pelo próprio testemunho de suas vidas esses escritores não estavam isolados dos acontecimentos da República e nem apáticos frente aos debates político-ideológicos nos quais produziam os seus textos.<sup>356</sup> Fossem como militantes, críticos sociais e culturais ou intelectuais comprometidos com uma ou outra facção oligárquica em disputa pelo poder institucional, os simbolistas não flanavam de olhos fechados ao mundo. Pelo contrário, muitas vezes não apenas foram observadores atentos e incisivos da realidade circundante, como também partícipes de alguns dos mais dramáticos acontecimentos políticos que

---

<sup>353</sup> BROCA, Brito. Os intelectuais no advento da República. In: \_\_\_\_\_. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas, Editora da Unicamp, 1991. p. 118.

<sup>354</sup> Cf. NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1993. p. 212-213. e SEVCENKO, Nicolau. Op. cit. p. 96-137.

<sup>355</sup> Como observa Andrade Muricy: “Quase se empenharam apaixonadamente nas campanhas pela Abolição e pela República” sendo que “os jornais e as revistas da época inserem documentação referente às atividades políticas dos simbolistas”. MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 1, p. 43-43.

<sup>356</sup> Um exemplo desse tipo de interesse e sensibilidade é o livro *Revoluções brasileiras*, de Gonzaga Duque, e cuja primeira edição é de 1898. Cf. DUQUE, Gonzaga. Op. cit., 1998.

marcavam o período. No mais, apesar de em um autor como Cruz e Sousa podermos sim encontrar muitos testemunhos de uma revolta exclusivamente subjetiva e privada, não é só nas suas produções mais facilmente definíveis como “engajadas” que se pode estabelecer vínculos, ligações, entre as obras dos escritores simbolistas e o mundo com qual necessariamente dialogavam. Como ensina Antonio Candido, mesmo a “literatura hermética apresenta fenômenos que a tornam tão social” quanto “a poesia política ou o romance de costumes”.<sup>357</sup> Até mesmo na poesia dita mais “esotérica”, “evasiva” e marcadamente “lírica” pode-se “analisar os tipos de relações e os fatos estruturais ligados à vida artística, como causa ou consequência”.<sup>358</sup> Ou seja, em tese, mesmo numa proposta estética inspirada em princípios tais como os expostos por Moréas no seu manifesto simbolista – isto é, “inimiga do ensino, da declamação, da falsa sensibilidade, da descrição objetiva”<sup>359</sup> – pode-se perceber aquilo que Adorno chamou de “referência ao social”.<sup>360</sup>

Ao que parece, não foi nem a postura política (em sua acepção estrita) e nem mesmo a simples adesão às fórmulas do simbolismo o principal elemento que teria conferido uma eventual unidade e coerência interna ao chamado “grupo do *Antro*”. Autodenominados de “Os Novos” esse grupo foi, certa vez, apresentado pelo próprio Cruz e Sousa em carta a Gonzaga Duque. Datada de 11 de abril de 1894, nessa correspondência Cruz e Sousa expôs seu projeto de criação de um veículo de comunicação representativo daquele círculo de escritores.

Penso que o grupo que deve constituir os combatentes da *Revista dos Novos* tem de ser composto da tua individualidade [Gonzaga Duque], Emiliano Pernetá, Oscar Rosas, Artur de Miranda, Nestor Vítor, B. Lopes, Emílio de Meneses, Lima Campos, Araújo Figueiredo, Virgílio Várzea, Santa Rita, Maurício Jubim, Cruz e Souza e Gustavo Lacerda, simplesmente, sendo que este último deverá dar escritos sintéticos,

---

<sup>357</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000. p. 20.

<sup>358</sup> *Ibidem*, p. 19.

<sup>359</sup> MORÉAS, Jean. O simbolismo. In: TELLES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Petrópoles: Vozes, 1983. p. 63.

<sup>360</sup> ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In: \_\_\_\_\_. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012. p. 66.

muito generalizados, sem personalismos, sobre política socialista. Penso assim porque esses foram sempre, mais ou menos, de vários modos intelectuais, e em tese, os nossos companheiros, tendo cada um deles, na proporção da sua aptidão, na esfera da sua perfectibilidade, um sentimento homogêneo do nosso sentimento comum na Arte do Pensamento escrito. Penso também que o único homem fora da nossa linha artística de seleção relativa possível, que deve ser simpaticamente admitido para críticas científicas, para artigos de caráter positivo e moderno, é o Dr. Gama Rosa, que podemos considerar, à parte toda a nossa independência e rebelião, como um austero e curioso Patriarca do Pensamento novo.<sup>361</sup>

A julgar pelo projeto, se tivesse se realizado conforme o plano proposto, a *Revista dos Novos* teria antecipado muitos aspectos do que, anos depois, viria a ser a revista *Floreal*, de Lima Barreto. Sobretudo no que dizia respeito a sua proposta de independência frente ao *establishment* literário da época.<sup>362</sup> Do mesmo modo, lembra também a *Revista Contemporânea*, lançada em 1889 por Manuel Cardoso Júnior e da qual, aliás, participaram diversos escritores elencados por Cruz e Sousa em 1894.<sup>363</sup> Era um projeto que se situava num contexto mais amplo de modernização do periodismo cultural no Brasil e que teria a revista *Fon-Fon* (fundada pelo próprio Gonzaga Duque) como um dos seus principais expoentes nos primeiros anos do século XX.

A *Revista dos Novos*, no entanto, não chegou a se concretizar. Em 1898, Cruz e Sousa morreu sem jamais conseguir realizar esse projeto editorial. Não obstante, caso tivesse vindo a público, o periódico não teria reunido apenas escritores exclusivamente identificados com a estética simbolista, mas, pelo contrário, um grupo bastante heterogêneo (realmente, fora o próprio Cruz e Sousa e Gonzaga Duque, todos os outros escritores citados poderiam ser melhor classificados como neoromânticos, parnasianos ou mesmo naturalistas).<sup>364</sup> Do mesmo modo,

---

<sup>361</sup> Carta de Cruz e Sousa a Gonzaga Duque. Rio de Janeiro, 11/04/1894. Ver Parte 2, correspondência n. 118.

<sup>362</sup> BROCA, José Brito. Op. cit., 1975, p. 234-235.

<sup>363</sup> EDMUNDO, Luís. Op. cit. p. 631-632.

<sup>364</sup> Essa imprecisão, aliás, reflete a própria natureza do simbolismo como forma estético-ideológica. Escreve Afrânio Coutinho: “Não é fácil definir o

do ponto de vista estritamente político, o grupo era também igualmente variado. Entre os nomes mencionados havia republicanos radicais, monarquistas liberais, socialistas, simpatizantes anarquistas... Gama Rosa, por exemplo, era um velho político do império, admirador do federalismo estadunidense; Nestor Vitor, um jacobino entusiasta de Floriano Peixoto; Gustavo de Lacerda um agitador socialista mais ou menos inspirado por Lamennais; Gonzaga Duque, um anarquista de gabinete levemente empolgado por Kropotkin e Tolstoi. E assim por diante. O próprio Cruz e Sousa, a esta altura, já se afastava do liberalismo mais ou menos à Stuart Mill que, marcou a sua juventude, e começava a flertar com algo parecido com o socialismo cristão de Gustavo de Lacerda.

Em suma, nem a política nem a profissão de fé simbolista, por si só, davam consistência ao grupo. Nem mesmo uma suposta “sensibilidade moderna”, que os faria escolher o critério estético da “novidade” como rótulo autoatribuído, parece se encaixar bem com o perfil da lista. Já, por outro lado, se considerarmos as origens de classe de cada um dos indivíduos mencionados, bem como a sua experiência geracional compartilhada, talvez seja possível encontrar alguns traços comuns mais consistentes. Constituída, basicamente, por indivíduos de classe média anteriormente identificados com as ideias e valores do movimento de crítica e contestação ao *status quo* monárquico, essa lista pode ser definida como uma reunião de inconformistas moralmente convencidos do seu valor na qualidade de representantes de uma elite ilustrada culturalmente responsável pelo destino do país. Nesse sentido, um aspecto ideológico é identificado como o elemento estruturador da consciência que aquela formação tinha de si própria. Esse componente foi descrito por Cruz e Sousa como sendo um “sentimento comum na Arte do Pensamento escrito”.<sup>365</sup>

Ora, tal definição parece se referir, na prática, a uma concepção tradicional do trabalho artístico. Isto é, a uma compreensão da arte como uma atividade dotada de valor imanente e qualitativamente distinta “de outros fins e valores articulados em formas diversas de trabalho ou

---

Simbolismo, nem reduzi-lo a uma fórmula, dado que o movimento não constitui um corpo de doutrinas com um programa de propósitos definidos e coerentes, e unidade de métodos. Seus representantes uniram-se por certos ideais comuns, e outros elementos díspares, de significado independente.” COUTINHO, Afrânio. Op. cit., 1968, p. 216.

<sup>365</sup> Carta de Cruz e Sousa a Gonzaga Duque. Rio de Janeiro, 11/04/1894. Ver Parte 2, correspondência n. 118.

desempenho humano”<sup>366</sup>. Além disso, essa expressão também parece se referir à tendência à corporificação, na arte, de “certos valores, capacidades e poderes humanos” que, de algum modo, esses escritores “sentiam estarem sendo ameaçados ou mesmo destruídos pelo desenvolvimento da sociedade”.<sup>367</sup> Em outras palavras, “o sentimento comum na Arte do Pensamento escrito”, ao qual se referia Cruz e Sousa, parecia dar unidade e coerência a uma percepção comum de que ser artista era ser diferente daquilo a que a industrialização dos jornais, a mercantilização da literatura e, conseqüentemente, a proletarização dos escritores – efeitos da modernização capitalista no Brasil do final do século XIX – fatalmente lhes reduzia.<sup>368</sup>

Como vimos em detalhes nos capítulos anteriores, a experiência dos últimos anos do século XIX significou um profundo trauma para muitos no interior da geração à qual pertenceu Cruz e Sousa. Mal alocados em meio a um violento processo de reestruturação política, social e econômica, esses intelectuais viveram os primeiros anos da República como uma crise de identidade, sentido e valores. Segundo o historiador Nicolau Sevcenko:

---

<sup>366</sup> JAMESON, Fredric. Reificação e utopia na cultura de massa. *Crítica marxista*, São Paulo, n. 1, p. 2, 1994.

<sup>367</sup> WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade: 1780-1950*. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1969. p. 58-59.

<sup>368</sup> Tendo isso em mente não surpreende o fato de que em *O momento literário*, muitos dos entrevistados que ali criticam negativamente a influência do jornalismo na literatura sejam poetas ligados ao movimento simbolista. Escreve João do Rio: “As opiniões que se emaranham nessas páginas são conseqüências desse princípio. Vemos em primeiro lugar a anarquia mental, a anarquia do século. Uns acham que estamos em decadência; outros que progredimos. Aqui brada um que estamos no momento da luta; ali brada outro que não temos escolas literárias; acolá mais outro insurge-se contra a luta e a decadência. A verdade é que cada um cuida de si. A época é de um individualismo hiperestésico. Há a estagnação dos corrilhos literários, mas a fúria de aparecer só — é prodigiosa. Os vencedores acham todos o jornalismo animador, o jornalismo necessário; os que por inaptidão, trabalho lento ou hostilidade dos plumitivos, ainda não se apossaram das folhas diárias, atacam o jornalismo, achando essa idéia uma elegância de primeira ordem. São geralmente os poetas, os poetas que fatalmente tendem a ver o seu mercado diminuído — porque o momento não é de devaneios, mas de curiosidade, de informação, fazendo da literatura no romance, na crônica, no conto, nas descrições de viagens, uma única e colossal reportagem.” (p. 101). Ver também a posição expressa por Gustavo Santiago, por exemplo. RIO, João do. Op. cit. p. 92.

Assistindo com um misto de horror e náusea à “vitória do materialismo e do individualismo”, vendo reduzirem-se os valores a padrões de mercado e consumo, [esses escritores] mal podem conter seus lamentos de reprovação e repúdio à nova realidade. Fechados no seu aristocratismo hedonista, cultivando até o último extremo suas noções puras e altruístas de solidariedade, serão candidatos certos à tísica e a miséria, não tergiversando jamais com seus princípios. Entregavam-se, na sua dignidade de derrotados, a uma resistência surda contra o mundo que os degradava, manifesta por uma sensibilidade etérea e sutil. O ponto máximo do grupo incide, sem dúvida, na plangência lírica absolutamente sublime de Cruz e Sousa.<sup>369</sup>

Formado, em sua grande maioria, por poetas, o segmento dos chamados “novos” foi um dos principais representantes de um gênero literário que, durante o Império, teve uma existência muito diversa daquela que lhe foi reservada no final do século XIX.<sup>370</sup> Destituídos da sua antiga dignidade de “bardos da corte” (como no caso de um Gonçalves Dias, por exemplo) ou de “tribunos do povo” (Castro Alves, Luiz Gama), a emergência do simbolismo no Brasil talvez responda à necessidade de problematização de uma nova situação do artista em meio ao advento, entre nós, de uma sociedade de classes e de mercado. Uma expressão do surgimento ou recrudescimento, entre a classe letrada brasileira, de uma concepção de literatura, de fato, definível como “moderna”. Isto é, de um senso comum a respeito do que seja a “arte”

---

<sup>369</sup> SEVCENKO, Nicolau. Op. cit. p. 134.

<sup>370</sup> “No Brasil romântico, a principal missão de seus primeiros autores, notadamente os que cresceram à sombra programática de Domingos José Gonçalves de Magalhães, foi a de o mais rapidamente possível normatizar os principais elementos temáticos necessários à definição tanto da imagem quanto do próprio discurso formador da nacionalidade brasileira. Dessa maneira, nos anos subseqüentes ao da independência, e ainda escorada na retomada de um desejado nexos histórico, cuja função primordial era a de legitimar o novo *status* político do país, a literatura romântica exerceu um papel fundamental no duplo processo de construção e disseminação da idéia de nação entre os próprios brasileiros.” MARQUES, Wilton José. Gonçalves Dias, o poeta na contramão: literatura e escravidão no romantismo brasileiro. São Carlos: Edufscar, 2010. p. 107.

que a compreende, basicamente, como uma atividade apartada da experiência histórica e desprovida de qualquer finalidade prática, voltada apenas para a contemplação de si mesma. Algo muito similar, portanto, ao que ocorreu na Europa do final do século XVIII e início do XIX com o desenvolvimento do capitalismo industrial e da consolidação política da burguesia como classe dominante. Sobre a emergência dessa ideologia no contexto europeu, o crítico inglês Terry Eagleton escreve:

Antes, homens e mulheres haviam escrito poemas, montado peças ou pintado quadros com finalidades variadas, enquanto outros haviam lido ou visto essas obras de arte de diferentes maneiras. Agora, estas práticas concretas, historicamente variáveis, estavam sendo reunidas em uma faculdade especial, misteriosa, conhecida como a “estética”, e uma nova geração de estetas procurava revelar as suas estruturas mais íntimas. Tais questões já haviam sido levantadas antes, mas agora começavam a adquirir nova significação. A suposição de que havia um objeto imutável conhecido como “arte”, ou uma experiência passível de ser isolada, chamada “beleza” ou “estética”, foi em grande parte produto da própria alienação da arte em relação à vida social [...]. Se a literatura havia deixado de ter qualquer função óbvia – se o escritor já não era uma figura tradicional a soldo da corte, da igreja ou de um mecenas aristocrático – então era possível usar esse fato em favor da literatura. Toda a razão de ser da escrita “criativa” era a sua gloriosa inutilidade, um “fim em si mesmo”, altaneiramente distante de qualquer propósito social sórdido.<sup>371</sup>

Assim, a pergunta que alguns intelectuais preocupados com o destino da literatura no Brasil do final do século XIX se colocavam era a seguinte: afinal, como levar adiante a “missão” do poeta? Como preservar a relevância histórica da literatura no esforço de construção do Brasil como nação moderna, culta, civilizada? Como manter o *status* do intelectual tradicional numa sociedade tornada, agora, cada vez mais pragmática, utilitarista e orientada pela óptica do burguês (o homem

---

<sup>371</sup> EAGLETON, Terry. Op. cit. p. 31.

prático, concebido como a antítese absoluta do “artista”)? Voltar-se a audiências cada vez menores e mais especializadas? Falar apenas aos pares ou “iniciados”? A dignidade do “homem de letras” e a sobrevivência da “pureza” do gênero lírico na cultura de massa emergente na sociedade brasileira dos anos 1890 parece, no caso dos simbolistas, ter sido subordinada a uma tentativa de “retorno à estabilidade dos públicos das sociedades pré-capitalistas”.<sup>372</sup> Uma solução que se pode chamar, inclusive, de “romântica”.<sup>373</sup>

Desconfortáveis frente ao desencantamento, quantificação mecanização e abstração racionalista do mundo; críticos e inconformados frente a uma nova ordem social que se instituía e consolidava; nostálgicos de um passado (real ou imaginário) que se lhes afigurava como mais adequado às necessidades humanas; céticos ou descrentes com relação à possibilidade de uma transformação concreta da realidade no sentido de uma restituição plena desse passado, os “simbolistas” optavam por “transformar seu meio ambiente imediato e sua própria vida, embora permanecendo no interior da sociedade burguesa”<sup>374</sup> que, por essa época, ainda apenas se delineava no Brasil. O dandismo, o aristocratismo moral, os pruridos de originalidade, o horror à vulgaridade, a extravagância, o desprezo generalizado pelo burguês, pelo “filisteu” (alguns dos sentimentos que orientam o comportamento e a obra desses escritores) eram, por sua vez, atitudes que se harmonizavam com o quadro geral da sua experiência histórica.

Se os chamados “boêmios”, como observou Brito Broca, não tinham nada de levianos, mas, pelo contrário, eram, em sua grande

---

<sup>372</sup> JAMESON, Fredric. Reificação e utopia na cultura de massa. *Crítica marxista*, São Paulo, n. 1, p. 10, 1994.

<sup>373</sup> Para Michael Löwy e Robert Sayre, o romantismo “não se limita, de modo algum, à literatura e arte, nem ao período histórico durante o qual se desenvolveram os movimentos artísticos ditos ‘românticos’”. De acordo com essa perspectiva, o romantismo seria uma “visão de mundo”, uma *Weltanschauung*, que perpassaria a história do capitalismo desde o seu advento até os dias de hoje. Uma “cosmovisão” definida pela perspectiva crítica com relação a civilização engendrada pela revolução industrial e pela generalização da economia de mercado. Segundo esses autores, “o romantismo representa uma crítica da modernidade, isto é, da civilização capitalista moderna, em nome de valores e ideais do passado (pré-capitalista, pré-moderno). Podemos dizer que, desde sua origem, o romantismo é iluminado pela dupla luz da estrela da revolta e do “sol negro da melancolia” (Nerval)”. LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Romantismo e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. p. 34.

<sup>374</sup> JAMESON, Fredric. Op. cit. p. 43.



maioria, escritores profundamente comprometidos com o seu ofício e resolutos no esforço de garantir ao escritor e à literatura um espaço próprio, autônomo e digno de reconhecimento social, os ditos “simbolistas”, por sua vez, parecem ter representado a ala mais radical dessa vertente. Para eles, realizar a missão literária (ou seja, construir a “nação” também no âmbito da cultura), significava, sobretudo, realizar aquilo que eles entendiam como “verdadeira literatura”. A arte, a poesia, tornava-se, portanto, uma ideologia alternativa aos embates travados no âmbito social e da política institucionalizada.

Contra a universalização dos valores utilitários da sociedade de mercado, insurgiam-se, no Brasil do final do século XIX, alguns escritores. A literatura foi percebida, por homens como Cruz e Sousa, como o último refúgio de humanidade num mundo que, aos seus olhos, embrutecia e se desumanizava. Nesse sentido, pode-se dizer que, também entre nós, o simbolismo foi a ideologia de uma intelectualidade desenraizada, defensiva, que reinventou, no âmbito da criação artística, aquilo que não podia localizar na realidade. Uma espécie de nova “religião”. Um abrigo nostálgico contra as alienações do capitalismo e uma solução idealista de reforma do mundo. Uma saída possível em meio a um contexto compreendido como escasso ou desprovido de soluções concretas.

Como observa Brito Broca o que os simbolistas procuraram, “antes de mais nada, foi reabilitar o culto da poesia, a alta condição do poeta no mundo” que os parnasianos “tendiam a banalizar”.<sup>375</sup> Essa compreensão do trabalho do escritor como exercício de um “culto” ou “excelsa Religião da Arte” (como Cruz e Sousa o define em *Missal*) é reveladora das ideias e valores estético-ideológicos que norteavam muitos desses autores: um conjunto de concepções que tendia a relegar a arte à esfera do sagrado. Uma realidade apartada da esfera cívica. Neste ponto, pressente-se o abismo que havia entre esses escritores e os críticos que, em breve, consagrariam Euclides da Cunha, por exemplo. Árbitros como José Veríssimo, um nacionalista comprometido com certa ideia de engajamento e atuação política que, como vimos, passavam longe dos ideais simbolistas.<sup>376</sup> “Ignoro o que significa poesia de ação”, disse Félix Pacheco ao comentar *Canaã*, de Graça Aranha.<sup>377</sup> Em suma, a ideia de arte que ia na cabeça dos simbolistas simplesmente não se

---

<sup>375</sup> BROCA, José Brito. Op. cit., 1975, p. 126.

<sup>376</sup> Ibidem, p. 242; 244.

<sup>377</sup> RIO, João do. Op. cit. p. 55.

ajustava às exigências da crítica “oficial”. Pelo contrário, a negava. Algo que explica muito sobre sua má recepção no Brasil.

**PARTE 2**  
**FRAGMENTOS DE UMA EXPERIÊNCIA**

*Vivamos, pois, na excepcionalidade virginal,  
etereal do espírito.  
Não desçamos à bruta crueza flagrante da  
matéria.*

*(Cruz e Sousa, Je dis non)*



## 10 PALAVRAS PRELIMINARES: O EPISTOLÁRIO DE CRUZ E SOUSA EM SEU ARQUIVO

O epistolário de Cruz e Sousa, parte constituinte do seu arquivo pessoal, está depositado no Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Casa de Rui Barbosa e representa um importante conjunto documental para a escrita da história literária brasileira do final do Oitocentos.

Sua existência, assim como a do próprio arquivo da qual faz parte, garante a cristalização de uma determinada memória, não só referente ao seu titular, mas, sobretudo, a todo um segmento da nossa tradição literária que ao longo de décadas tentou se firmar como significativo no interior do campo cultural brasileiro – a tradição simbolista e seus herdeiros.

Ao longo desta pesquisa li, transcrevi e organizei cronologicamente essa documentação. Sobretudo a correspondência pessoal, familiar e de terceiros (textos em grande parte inéditos em livro e, por isso mesmo, desconhecidos do grande público e até mesmo de muitos estudiosos da obra da Cruz e Sousa). Assim, compreendendo as correspondências como indicadores privilegiados para o mapeamento de “redes” e “microclimas” intelectuais particulares,<sup>378</sup> o que apresento, a seguir representa uma contribuição para tornar mais acessíveis fontes e informações de primeira mão, tanto no que se referem à trajetória biográfica de Cruz e Sousa, quanto no que dizem respeito a ideias, valores e sociabilidade de uma parcela da elite letrada brasileira nas últimas décadas do século XIX.

### 10.1 O Arquivo Cruz e Sousa (CS)

Os documentos que viriam a constituir o arquivo Cruz e Sousa (CS) foram doados à Fundação Casa de Rui Barbosa pelo crítico literário e historiador da literatura brasileira, Andrade Muricy, em 2 de dezembro de 1977.<sup>379</sup> Sua ordenação atual se dá pelas séries: “Correspondência pessoal”, “Correspondência familiar”, “Correspondência de terceiros”, “Produção intelectual”, “Documentos

---

<sup>378</sup> SIRINELLI, Jean-François. Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 248-254.

<sup>379</sup> VASCONCELLOS, Eliane. Cruz e Sousa: material para estudo. In: SOARES, Iaponan; MUZART, Zahidé L. *Cruz e Sousa: No centenário de Broqueis e Missal*. Florianópolis: FCC Edições/Editora da UFSC, 1994. p. 9.

“Documentos diversos” e “Produção na imprensa”. O conjunto integra o acervo do Arquivo-Museu de Literatura Brasileira, está aberto à consulta, e, hoje, encontra-se parcialmente digitalizado e disponível no site da fundação.<sup>380</sup>

Como leitura pessoal, percebo o arquivo CS segmentado em três conjuntos de séries:

- a) as séries relativas aos “documentos biográficos” do titular;
- b) a série dedicada às suas realizações artísticas;
- c) as séries representativas do seu epistolário.

Vejamos, pois, em linhas gerais, à quais conteúdos se referem cada segmento.

a) O primeiro desses conjuntos, formado pelas séries “Documentos pessoais” e “Documentos diversos”, é relativamente modesto e registra de modo particularmente fragmentário e esparso a vida pessoal, profissional e familiar de Cruz e Sousa.

**Documentos pessoais:** série formada, basicamente, por certidões, recibos e títulos. Sendo mais preciso: a segunda via da sua certidão de batismo, datada de 4 de agosto de 1958, e por títulos e certidões emitidos pela Estrada de Ferro Central do Brasil (empresa onde trabalhou como arquivista durante os anos 1890).

**Documentos diversos:** série formada por alguns recibos em nome de sua esposa e um breve apontamento biográfico redigido pelo próprio Cruz e Sousa.

b) O segundo conjunto documental é bem mais extenso do que o anterior e constituído por apenas uma única série: a nomeada por

---

<sup>380</sup> FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Arquivo Cruz e Sousa*. Disponível em:

<<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=FCRBCruzSousa>>.

Acesso em: 14 abr. 2016.

“Produção intelectual”. Esta é formada por dezenas de textos em prosa e sonetos de autoria de Cruz e Sousa. Contém cinquenta e quatro itens documentais e abrange o período que vai de 1887 a 1897. Entre esses manuscritos, encontram-se, por exemplo, os originais dos livros *Evocações* e *Últimos Sonetos*.

c) Por fim, temos as três séries referentes ao epistolário de Cruz e Sousa: “Correspondência pessoal”, “Correspondência familiar” e “Correspondência de terceiros”.

**Correspondência pessoal:** série formada por cartas, telegramas, cartões e bilhetes recebidos e enviados por Cruz e Sousa entre os anos de 1883 e 1898. Contém trinta e um signatários sendo, a maioria destes, intelectuais ligados à vida literária de Desterro/Florianópolis e Rio de Janeiro. Nesta série destacam-se as cartas enviadas pelos escritores Araújo Figueiredo (dezenove documentos), Virgílio Várzea (dezoito documentos) e Oscar Rosas (quatorze documentos). Por outro lado, a presença da sua correspondência ativa é bastante reduzida, limitando-se a apenas uma carta a Alberto Costa, datada de 1896, e nove cartas a Nestor Victor, escritas entre 1894 e 1897.

**Correspondência familiar:** série formada por cartas, telegramas, cartões e bilhetes recebidos e enviados por Cruz e Sousa durante os anos de 1890 e 1896. Contém apenas quatro missivistas: dezoito cartas enviadas por Guilherme de Sousa; seis de Carolina de Sousa; quatro cartas à sua noiva e futura esposa, Gavita Rosa Gonçalves; e uma a Antônio Rodrigues Monteiro de Azevedo.

**Correspondência de terceiros:** série formada por cartas, telegramas, cartões e

bilhetes trocados entre Gavita e os amigos de Cruz e Sousa no período posterior ao falecimento do escritor. Contém cinco missivistas e abrange o período de 1898 a 1901. Quase toda essa correspondência trata de ações de auxílio financeiro à família Cruz e Sousa.

## 10.2 A trajetória do arquivo CS

O primeiro momento da trajetória do conjunto documental que veio a constituir o arquivo CS começou ainda no século XIX. Em 1898, alguns dias antes de morrer, Cruz e Sousa entregou ao amigo e crítico literário simbolista Nestor Vítor os seus manuscritos inéditos. Algum tempo depois, Gavita Rosa Gonçalves, viúva do poeta, também cedeu-lhe outros textos do marido recém-falecido. Esse conjunto de documentos constituiu, por sua vez, o núcleo central do arquivo CS e corresponde ao que hoje, nesse fundo, consta catalogado como “Produção intelectual”.

Sobre a transmissão desse legado, Nestor Vítor escreveu em 1900:

Cruz e Souza confiou-me antes de partir para a estação do Sítio, onde tres dias depois falleceu, todos aquelles de seus manuscriptos que elle destinava à publicação. [...] Guardo, alem d'estas tres obras, algumas peças de prosa e verso a mim confiadas pela piedosa viuva do poeta. Mas d'essas umas são trabalhos modernos que, no entanto, elle retirou das colleções a que os destinava a principio, outras são producções antigas, dos tempos de primeira formação do seu talento, completamente destoantes de sua obra definitiva. Conservo-as como documentos preciosos, mas me parece que deixando de publical-as com trabalhos de Arte sou fiel às intenções do autor e correspondo melhor à confiança que elle em mim depositou.<sup>381</sup>

---

<sup>381</sup> SOUSA, João da Cruz e. *Pharóes*. Rio de Janeiro: Tipografia do Instituto Profissional, 1900. p. 183.



Mais tarde, após a morte de Nestor Vítor, em 1932, esse material foi herdado por outro crítico e estudioso do simbolismo brasileiro: o intelectual católico, ligado ao grupo da revista *Festa*, Andrade Muricy. Nesse momento, além dos manuscritos doados por Cruz e Sousa e Gavita, outros documentos já haviam sido incorporados aos papéis do escritor. Sendo que, entre esses novos registros, contavam as sua correspondência passiva e as próprias cartas recebidas por Nestor Vítor de Cruz e Sousa.

Sobre o esforço de coleta e acúmulo gradativo de documentos, realizado entre os anos 1930 e 1960, Muricy não entrava em detalhes, mas dava a entender, num texto introdutório à *Obra Completa* (1961), que, ao seu próprio arquivo, teria unido também algum material supostamente em poder de Tasso da Silveira.

Cruz e Souza faleceu há sessenta e três anos. O aparecimento de Broquéis, livro que inaugurou o movimento simbolista no Brasil, está, por sua vez, distanciado desta hora sessenta e oito anos. Assim, pareceu-me não mais ser lícito ao depositário dos documentos integrantes daqueles arquivos, retê-los na obscuridade, negá-los ao exame dos estudiosos do poeta catarinense e da poesia brasileira. Não protelar o lançamento duma edição tanto quanto possível total, foi-se-me afirmando no espírito como imprescritível dever. Eu e Tasso da Silveira somos os últimos portadores diretos da tradição Cruz e Sousa-Nestor Vítor; Tasso, filho do nobre poeta de Luar de Hinverno, Silveira Neto, companheiro do poeta, e afilhado de batismo de outro grande amigo dêste, Emiliano Perneta; eu, como êle, prêso a Nestor Vítor por inalienáveis obrigações de profunda afetividade, e de admiração. Entretanto, para realizar uma edição total, tinha de superar os escrúpulos manifestados por êsse mesmo Nestor Vítor.<sup>382</sup>

Assim, mantido sob os cuidados de Andrade Muricy – um erudito sem vínculos universitários – o espólio documental de Cruz e

---

<sup>382</sup> MURICY, Andrade. Atualidade de Cruz e Sousa. In: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 1961, p. 20.

Sousa só veio a ser incorporado ao acervo de uma entidade expressamente destinada à custódia documental e guarda de arquivos pessoais no ano de 1977, com a doação desse material ao Arquivo-Museu de Literatura Brasileira da Fundação Cada de Rui Barbosa. Uma instituição, aliás, fundada apenas três anos antes, na mesma época em que outros importantes centros de documentação especializados em arquivos privados começaram a ser implementados no Brasil.<sup>383</sup>

Como se vê, o resumo da trajetória dos espólios documentais de Cruz e Sousa nos revela uma longa e acidentada história. Ao todo foram quase noventa anos de processo de constituição, lenta e gradual daquele *corpus* que, atualmente, chamamos arquivo CS. Submetido aos critérios de seleção dos seus diversos agentes acumuladores (Muricy, Nestor Victor, Tasso da Silveira, Silveira Neto, Gavita, o próprio Cruz e Sousa...), bem como à ação caótica do tempo,<sup>384</sup> o que sobrou nesse arquivo foram os vestígios de uma representação biográfica, assim como da significação social de uma vida. Tanto Victor, quanto Muricy, além de “guardiões” de um legado artístico, se percebiam e atuaram, como críticos e poetas, como continuadores e defensores de uma certa tradição literária que tinha em Cruz e Sousa o seu principal representante. Perceber isso, por sua vez, é fundamental para compreendermos certas ênfases materializadas na constituição do arquivo.

### 10.3 O arquivo como problema

---

<sup>383</sup> NEDEL, Letícia Borges. Da sala de jantar à sala de consultas: o arquivo pessoal de Getúlio Vargas nos embates da história política recente. In: TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana (Org.). *Arquivos pessoais: reflexões disciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: FAPERJ/FGV, 2014. p. 152-154.

<sup>384</sup> Muricy alega que uma das razões que o convenceram da urgência em publicar todos os manuscritos de Cruz e Sousa tinha a ver, justamente, com a degradação física dos documentos. Sobre a tomada desta decisão, escreve o organizador da *Obra Completa*: “É o que aqui se faz. Convenci-me de ser única e decisiva a oportunidade de fazê-lo; e com isso cortar de vez com o risco da destruição desses vestígios, sob tantos aspectos significativos, de uma obra cujo conhecimento é de fundamental importância para a história da nossa literatura. Tenha-se também em conta que alguns desses manuscritos autógrafos, e muitas outras relíquias (cartas, jornais, etc.), recolhi-os quando se encontravam num porão atravancado, recobertos de poeira e até mesmo de grossa areia, sob a qual quase desapareciam.” MURICY, Andrade. Atualidade de Cruz e Sousa. In: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 1961, p. 22.

Se nem todo fundo privado pode ser definido como um “monumento”, a intenção memorial e narrativa de muitos arquivos ditos “literários” torna-os passíveis dessa definição. O espólio documental de Cruz e Sousa é um desses casos.

O espólio documental de Cruz e Sousa sempre foi percebido por seus legatários como o estandarte de uma luta específica: a defesa do simbolismo como projeto estético modernizador da literatura brasileira. Sua constituição serviu – e ainda serve – a certa representação da história literária do país, bem como à remissão de uma “injustiça histórica”.

Sendo assim, desde um ponto de vista metodológico, faz-se necessário que a apropriação realmente crítica desse *corpus* passe pela adoção de uma abordagem que o considere em sua própria historicidade. Isto é, que perceba o arquivo, para além de um simples manancial de testemunhos, ele próprio como um objeto de reflexão. Nesse sentido, é desejável que a leitura do seu epistolário esteja atenta também para a “ilusão biográfica” imanente ao *corpus* e acompanhe esse esforço de avaliação crítica do próprio arquivo.<sup>385</sup> Para o historiador, em suma, as cartas não dizem apenas por meio do seu “conteúdo”, mas, em especial, pela sua simples presença entre outros papéis.

Por fim, algumas palavras a respeito dos critérios que adotei para a transcrição dos documentos. Buscando uma apresentação racional e uniforme dos textos, procurei me orientar pelo código de Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos, de 1993.<sup>386</sup> Desse modo, tomei por regra geral o máximo de fidelidade às particularidades dos textos manuscritos. Respeitando, portanto, pontuação, sinais diacríticos, arcaísmos, uso de maiúsculas, formas de tratamento, apóstrofes, estrangeirismos e divisão frasal e paragrafíca originais. No mais, cabe observar que, neste trabalho, centrei-me na pesquisa da correspondência passiva inédita, incorporando ao meu próprio texto as transcrições da correspondência ativa já publicadas e

---

<sup>385</sup> BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

<sup>386</sup> COMISSÃO de sistematização e redação do II Encontro Nacional de Normatização Paleográfica. *Normas técnicas para transcrição e edição de documentos manuscritos*. São Paulo, 1993. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/Media/Transcreve.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

integradas à obra completa, desde os anos 1990, a partir da pesquisa da Prof.<sup>a</sup> Zahidé Lupinacci Muzart.<sup>387</sup>

---

<sup>387</sup> MUZART, Zahidé Lupinacci. (Org.). *Cartas de Cruz e Sousa*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1993.

## 11 CRUZ E SOUSA: CORRESPONDÊNCIA PESSOAL, FAMILIAR E OUTROS TEXTOS (1883-1898)

### 1

**Carta de Oscar Rosas<sup>388</sup> a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 30/11/1883 (AMLB/FCRB).**

Rio de Janeiro, 30 de Novembro de 1883.

Meo bom amigo e azulado cantor dos *Cambiantes*<sup>389</sup>.

Não admitto que um rouxinol como tu emmudeça quando atravessa a primavera desta vida. Comtudo se outro fora eu pouco me importaria que o passarinho do amor deixasse ou não de cantar. Mas, enfim, cedendo a um impulso, do qual desconheço a origem, venho perturbar-te acordando-te talvez d'alguma langorosa cisma. Venho tratar de ti mesmo.

Na *Gazeta da Tarde*<sup>390</sup> ficou o teu livro dos *Cambiantes*, quando d'aqui partiste, entregue ao integro Snr. José do Patrocínio; porem, indo

---

<sup>388</sup> *Oscar Rosas Ribeiro de Almeida* (Desterro, 12 de fevereiro de 1862 – Rio de Janeiro, 27 de janeiro de 1925): jornalista, político e escritor. Filho do professor João José de Rosas Ribeiro d'Almeida e D. Rosa Albina Machado, estudou no colégio em que o pai lecionava, onde conheceu Cruz e Sousa, de quem se tornou amigo. Após realizar os exames preparatórios, no final dos anos 1870, mudou-se para a cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de continuar os estudos. Dedicou-se ao jornalismo e à literatura. Nos anos 1880, participou da campanha abolicionista e pela República. Foi secretário do jornal *Novidades*, dirigido por Bandeira Júnior, e onde colaboraram os escritores B. Lopes, Mário Pederneiras, Emiliano Pernetá, Raul Pompéia, Virgílio Várzea, Cruz e Sousa, entre outros nomes ligados à primeira fase do movimento simbolista no Brasil. Escreveu em praticamente todos os principais jornais da capital federal, quase sempre como articulista político. Voltou à Florianópolis em 1922, onde dirigiu o jornal *A República*, órgão oficial do Partido Republicano Catarinense. Retornou ao Rio de Janeiro, em 1924. (Cf. MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978. p. 597; ROSAS, Oscar. *A poesia de Oscar Rosas*. Porto Alegre: Movimento, 1972; ROSAS, Oscar. Op. cit., 2009).

<sup>389</sup> *Cambiantes*: referência ao manuscrito de um livro de poemas recém-escrito por Cruz e Sousa e para o qual, na época, buscava editor. Cf. SOARES, Japonan. Op. cit., 1988, p. 60-63.

<sup>390</sup> *Gazeta da Tarde*: jornal carioca, dirigido por José do Patrocínio.

este Snr. para Europa, e na *Gazeta* ficando esquecido o teo mimoso livrinho, eu, usando do direito que tenho como teo amigo, fui buscal-o para que sob minha guarda estivesse longe do alcance dos rapinas, que se chamam plagiários. É este o motivo da minha carta cacete.

Tinha tenções, segundo os meos juramentos, de jamais por a mão em penna para escrever a ingratos, porem, como sou teo amigo, independente que tu o sejas meo, quebrei todas as juras, e eis-me a escrever a quem é mais ingrato que todo o Congresso da Ingratidão. Não tenho certeza, que estejas em Santa Catharina, comtudo, é de crer que o bom filho a casa torne, e é por isso, que esta para lá seguirá.

Manda-me dizer o que queres que faça do teo livro, pois, quanto ao meo, podes mandar-m'o na primeira ocasião, que possas.

Ha dias, li no *Despertador*<sup>391</sup> de 10 do corrente um soneto do Varzea<sup>392</sup>, intitulado *Suavidades*. As rimas eram francas e expansivas, havia mesmo um aroma que se desprendia daquelle fulgurante trocadilho de palavras, mas... por infelicidade, encontrei um verso, que me pareceu duro, e é:

- Da tua voz sombra esplendida de harmonia -

Nei sei se concordarás comigo, mas eu acho que o verso acima tem uma syllaba de mais, pois impossibilita a leitura fluente do resto do soneto, que é irrepreensivel.

Tambem reprovo, que um rapaz de talento como o Virgilio vá deixar sahir (cousas que não o honram nada) um soneto seo nos "A pedidos" d'um jornal, que não tendo nenhum merecimento, ainda por cima, tem o mau senso de juntar uma composição poetica com os gordurosos e sebentos annuncios comerciais. Isto só lembra ao diabo.

Vão fazendo companhia a esta dous sonetos meos, que não os quero publicar sem que primeiro tu os aprecie; se é que n'elles ha alguma cousa digna disso. - Um recorda a mulher que me tirou os tres vintens - Maria Franciscana - todo aquele calor, que tive por ella, e os vagos murmurinhos de amor, que boiavam nos flancos de meo peito aos 15 annos. O outro, é uma fantasia, referindo-se a uma visinha, que tive, a qual eu via sempre agarrada ao trabalho junto à janella da sala de jantar. Aprecia-os e estirpa-lhes, se quizeres, os seos senões; ponho a tua disposição.

Não posso ser mais longo.

Adeos...

---

<sup>391</sup> *Despertador*: jornal desterrense, dirigido por José Lopes Júnior.

<sup>392</sup> *Varzea*: Virgílio dos Reis Várzea.

Teu amigo sincero.

P.S. Mando-te *Meteóros*<sup>393</sup> desde o numero 2 até o quarto.

## 2

### **Carta de Cruz e Sousa a Comissão Organizadora do Clube dos Jornalistas. Rio de Janeiro, 1885.**<sup>394</sup>

Como representante da *Gazeta da Tarde*, da Bahia<sup>395</sup>, congratulo-me com o Clube dos Jornalistas, aplaudindo, no maior grau das minhas convicções sociais, essa brilhante idéia regeneradora. Assim como a biblioteca é o restaurante do espírito, a imprensa é o grande sol da consciência coletiva. Abraço por isso o jornalismo fluminense, que deve ser a consubstanciação da democracia moderna.

*Cruz e Sousa*

## 3

### **Carta de Gama Rosa<sup>396</sup> a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 02/10/1885 (AMLB/FCRB).**

---

<sup>393</sup> *Meteóros*: referência ao jornal *Meteóro*, editado pelo Grêmio Literário Junqueira Freire, do Colégio do Mosteiro de São Bento, e do qual Oscar Rosas era, então, um dos redatores. (Cf. ROSAS, Oscar. Op. cit., 2009, p. 12).

<sup>394</sup> SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 634.

<sup>395</sup> Cruz e Sousa foi nomeado representante do jornal *Gazeta da Tarde*, da Bahia, no Rio de Janeiro, em 1885, após a sua passagem por aquela província junto da Companhia Dramática Julieta dos Santos. (Cf. PAULI, Evaldo. Op. cit., 1973, p. 56; MURICY, Andrade. Op. cit., 1995, p. 811).

<sup>396</sup> *Francisco Luís da Gama Rosa* (Uruguaiana, Rio Grande do Sul, 6 de janeiro de 1852 (?) – Rio de Janeiro, 12 de julho de 1918): médico, político, jornalista e escritor. Filho de Francisco Luís da Gama Rosa (oficial da Marinha de Guerra do Brasil) e de D. Amélia Molina da Gama Rosa. Até os sete anos de idade, permaneceu no Rio Grande do Sul, morando ora em Uruguaiana, ora em Jaguarão. Após a transferência da família para a cidade de Desterro, cursou o

Rio, 2 de Outubro de 1885.

Meu caro amigo Cruz e Souza.

Recebi a sua carta de 28 de Setembro. Por intermedio do correio envio-lhe a quantia de duzentos mil réis que do mesmo correio receberá por meio do conhecimento junto. Essa quantia não constitue um emprestimo, mas offerecimento que tenho o prazer de fazer a um moço de notavel talento, o companheiro e o amigo de Virgilio Varzea.

Pelo vapor passado enviei o poema do Guerra Junqueiro<sup>397</sup>.

Seu amigo,

*Gama-Rosa.*

#### 4

---

Liceu Provincial e o Colégio Santíssimo Salvador. Neste, editou o jornal *A União*. Em 1870, mudou-se para a Corte, onde frequentou o Colégio “Marinho”. Formou-se em medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1876. Manteve clínica gratuita na Gávea, entre os anos de 1876 e 1882. Dirigiu a Imprensa Oficial e o *Diário Oficial do Império do Brasil*. Foi nomeado Presidente da Província de Santa Catarina, em 11 de agosto de 1883, entregando a administração ao Presidente José Lustosa da Cunha Paranaguá, a 9 de setembro de 1884. Durante a sua administração, deu destaque a jovens intelectuais “progressistas”, como Virgílio Várzea, Manoel dos Santos Lostada, Cruz e Sousa, entre outros. Foi Presidente da Província da Paraíba, tomando posse a 8 de junho de 1889 e entregando a administração à Junta Provisória Republicana, a 15 de novembro de 1889. Como jornalista, colaborou na imprensa do Rio de Janeiro em periódicos como *Folha do Dia*, *Gazeta da Tarde*, *Tribuna Liberal* e *Revista Brasileira*. (Cf. DUQUE ESTRADA, Gonzaga. *Meu jornal*. In: LINS, Vera. *Gonzaga Duque: a estratégia do franco-atirador*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991. p. 144-145; PIAZZA, Walter Fernando. *Op. cit.*, 1994, p. 685; VÁRZEA, Virgílio. *Dr. Gama Rosa: notas biographicas*. In: GAMA ROSA, Francisco Luís da. *Op. cit.*, 1914, p. 15-24; VÁRZEA, Virgílio. *Primeiros encontros com o Dr. Gama Rosa*. *Anuário Catarinense*. Florianópolis, ano 5, p. 173-174, 1952).

<sup>397</sup> *Abílio Manuel Guerra Junqueiro* (Ligares, 15 de setembro de 1850 – Lisboa, 7 de julho de 1923): advogado, político e escritor português. Autor de obras como *A Musa Em Férias* (1879), *A velhice do padre eterno* (1885) e *Os simples* (1892).



**Carta de Gama Rosa a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 29/04/1886 (AMLB/FCRB).**

Rio, 29 de Abril de 1886.

Meu caro amigo.

Recebi a sua carta de 21 do corrente.

O que ha sobre o assumpto de que me fallou é o seguinte: - alguns amigos tencionavam estabelecer, aqui, o órgão do partido *A Reforma*, e, n'esse caso, eu lhe reservaria um lugar de redactor litterario da referida folha. Presentemente nada lhe posso dizer com certeza, porquanto só poderei saber d'isso mais tarde. Póde ficar certo de que, si realizar-se o que acima disse, lhe reservarei um lugar; eu sou dos que tenho sempre em lembrança as pessoas de merecimento. É o que lhe posso dizer; por ora, como vê, é tudo incerto.

Seu amigo,

*Gama-Rosa.*

**5**

**Carta de Virgílio Várzea<sup>398</sup> a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 17/09/1886 (AMLB/FCRB).**

---

<sup>398</sup> *Virgilio dos Reis Várzea* (Nossa Senhora do Desterro, Santa Catarina, 6 de janeiro de 1863 – Rio de Janeiro, a 29 de dezembro 1941): jornalista, político e escritor. Filho de João Esteves Várzea, capitão de longo curso, e Júlia Maria Alves de Brito. Fez os primeiros estudos em Desterro e foi colega de escola de Cruz e Sousa. Em 1878, por ocasião da morte do seu pai, tentou ingressar no Colégio Naval, no Rio de Janeiro. Não conseguindo seguir carreira na Marinha, engajou-se, como grumete, em um navio mercante. Em suas viagens, conheceu países como Argentina, Uruguai, Cuba, Venezuela e Colômbia. De volta ao Rio de Janeiro, trabalhou na tipografia de Esteves Júnior, também catarinense, e iniciou os seus primeiros exercícios literários. Mais tarde, voltou a ingressar na marinha mercante, desta vez viajando até a África Oriental e sul da Ásia. Em 1881, voltou a Desterro, empregou-se como partidor no foro de Desterro de fundou, ao lado de Cruz e Sousa e Manuel dos Santos Lostada, o jornal literário *O Colombo*. Colaborou em diversas folhas da cidade, entre elas *O Despertador*,

Desterro, 17 de Setembro de 1886.

À Cruz e Souza.

Recebi duas cartas tuas e retalhos de impressos - um delles accentuando ainda uma vez o brilhantissimo talento de Raul Pompeia<sup>399</sup>, outros glorificando amplamente o teu sonoro e rutilantissimo espirito de poeta meridional americano.

Alegrou-me festivalmente isso, porque era uma justiça que te fazia a digna imprensa de Bagé, publicando os teus soberanissimos versos nas folhas diarias e concorrendo efficazmente em seguida para que elles saíam tambem em volume. Isto é uma prova de sympathia do povo rio-grandense pela mentalidade moderna que tu tão caracteristicamente representas nessa excursão artistica na provincia dos pampas.

Feliz estou deveras pelo bom resultado da tua viagem segunda a essa terra do sul, tão hospitaleira e educada, e que teve a ventura e o goso de fazer saltar de seu seio o maior philosopho da Sul America - Dr. Gama-Rosa. Fico esperando anciosamente o teu luminoso regresso, para empallidecer e vibrar e tremer e rir, na commoção intensa de um grande

---

*A Regeneração e O Moleque.* Lançou o seu primeiro livro, *Traços Azuis*, em 1884. Foi secretário da Capitania do Porto do Desterro entre 1885 e 1891. Publicou, em colaboração com Cruz e Sousa, o livro de contos *Tropos e fantasias* (1885). Foi, também ao lado de Cruz e Sousa, um dos principais colaboradores do jornal *Tribuna Popular*. Deixou definitivamente a provincia, em 1891, fixando residência no Rio de Janeiro. Colaborou com os jornais *Diário Mercantil*, *Cidade do Rio*, *Gazeta de Notícias*, *Jornal do Comércio*, *Correio da Manhã*, *O País*, e *A Imprensa*. Em 1899 foi nomeado inspetor escolar, sendo colega de Olavo Bilac. Em 1902, foi eleito deputado estadual por Santa Catarina. (Cf. JUNKES, Lauro (Org.). *A canção das gaivotas*. Florianópolis: Lunardelli, 1985. p. 9-51; JUNKES, Lauro. *Virgílio Várzea: a paixão marinheira*. In: \_\_\_\_\_. *O mito e o rito*. Florianópolis: UFSC, p. 55-71; LIMA, Carlos Emílio Corrêa. *Virgílio Várzea: os olhos de paisagem do fotógrafo do parnaso*. Fortaleza: Editora UFSC, 2002; MENEZES, Raimundo de. Op. cit. p. 691; MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 1, p. 219-225; VARZEA, Paulo et al.. (Org.). *Centenário do marinheira*. Rio de Janeiro: Ed. Alba, 1963).

<sup>399</sup> *Raul Pompeia* (Angra dos Reis, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1863 – Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1895): jornalista e escritor. Autor de *Canções sem metro* (1881), *O Ateneu* (1888), entre outros.

abraço de afeição pleníssima, na tua chegada, ainda abordo, por entre o ruído expansivo dos passageiros que desembarcavam e os trinados vivos, meiguíssimos e joviaes dos *Colleiros e Gaturamos*<sup>400</sup>, que andão, em cardumes coloridos, a encher de hilaridade de festa a verdura rachitica e desviçada da nossa infeliz litteratura.

O Isidoro<sup>401</sup>, a quem escrevi ha dias uma carta de 8 laudas de papel, em 4% francez, respondeu-me pelo vapor passado n'uma lamina de prosa extensa, convulsa, observada e moderna, já está de volta d'aquella viagem ao interior. Vem são, penso, tilintante, alegre e novo de idéas como um talento notavel que surge.

Guardo a carta delle com amor para que possas ainda encontral-a inteira na volta. É extraordinaria.

Na occasião presente não me posso demorar muito a conversar contigo: o trabalho da Repartição acêna por mim com impertinencias de credor. Estou empolgado. Adeus. Antes de sahir d'ahi vê se escreves uma noticia sobre as *Miudezas*<sup>402</sup>, essas interessantes e vaidosas filhinhas do teu amigo que eu julgo condemnadas pelas circunstancias a não habitar tão cedo o luminosissimo palacio do - volume - como os teus *Colleiros e Gaturamos*.

Emfim, - paciencia, consolo amargo dos cegos!

Abraço-te saudosissimo

*Virgilio Varzea.*

P.S. Tencionava escrever-te uma carta bem litteraria, mas não posso; ficará para outra vez. A vida péza-me muito ultimamente. Ando amallado.

## 6

### **Carta de Carlos Pinto Cruz a Cruz e Sousa. Bagé, 18/01/1887 (AMLB/FCRB).**

---

<sup>400</sup> *Colleiros e Gaturamos*: referência a um livro de Cruz e Sousa anunciado desde 1885, na capa de *Tropos e fantasias*, e ainda inédito em 1886.

<sup>401</sup> *Isidoro*: José Izidoro de Martins Júnior.

<sup>402</sup> *Miudezas*: referência ao terceiro livro de Virgílio Várzea, editado em Portugal durante o ano de 1887.

LIVRARIA AMERICANA  
CARLOS PINTO & COMP.  
PELOTAS  
SUCCURSAES - PORTO ALEGRE E RIO GRANDE  
ENDEREÇO TELEGRAPHICO: AMERICANA  
NÃO SE ACCEITAM OBRAS EM FASCICULOS NEM À  
COMMISSÃO

Pelotas 18 Janeiro de 87

Snr. Cruz e Souza

Bagé

Am<sup>o</sup> e Snr.

De posse de seu apreciavel favor de 14 do corrente, [...] o nosso pezar por não podermos entrar em qualquer accordo p.<sup>a</sup> a publicação dos seus versos, resolução esta que nos é imposta pelo grande numero de edições litterarias que temos comprado, muitas das quais nos parece que nem chegarão a ser publicadas, por não poderem nossas officinas dar vencimento a tanto trabalho.<sup>403</sup>

Queira, pois, formar na devida consideração o que acabamos de expor-lhe e acreditar que só por ser-nos absolutamente impossivel deixamos de ser-lhe agradaveis respondendo mais satisfactoriamente ao seu estimado favor acima citado.

Sem outro assumpto, somos

[...]

<Carlos Pinto Cruz>

7

---

<sup>403</sup> O editor Carlos Pinto Cruz refere-se, nesta carta, ao manuscrito do livro *Colleiros e Gaturamos*. (Cf. TILL, Rodrigues. Op. cit. p. 46-47).

**Carta de Santos Lostada<sup>404</sup> a Cruz e Sousa. Itajaí, 26/01/1887 (AMLB/FCRB).**

Itajahy, 26 de Janeiro de 87.

Meu limpido Cruz.

Não vibraram os ns. corações um sobre o outro, mas vibrou o meu com a leitura da Arte e o recebimento da tua carta. Não estou na Ondina<sup>405</sup> como pensas, e sim nesta terra de areia e lôdo, lôdo desde o [...] até a testa mais altamente empoleirada.

---

<sup>404</sup> *Manoel dos Santos Lostada* (Enseada do Brito, Palhoça, Santa Catarina, 1860 (?) – Florianópolis, Santa Catarina, 20 de outubro de 1923): escritor, político e jornalista. Filho de Marcelino José Inácio Lostada e Generosa Maria da Glória Lostada. Ainda criança mudou-se para a cidade de Desterro, onde aprendeu as primeiras letras com o Prof. Balduino da Silva Cardoso. Trabalhou como caixeiro na casa comercial de Marciano de Carvalho. Foi colega de Cruz e Sousa e de Virgílio Várzea, com os quais realizou diversas colaborações na imprensa local. Foi contador e partidor do Juízo Municipal de Órfãos do Desterro, em 1883. Oficial de Gabinete do Presidente da Província, durante a administração de Francisco Luís da Gama Rosa, em 1884. Promotor Público de Itajaí, em 1886. Participou do movimento de apoio a Floriano Peixoto, liderado por Hercílio Luz, em Blumenau. Foi eleito deputado ao Congresso Representativo do Estado durante a 1.ª legislatura (1894-1895); 2.º Secretário do Congresso (1895); deputado estadual à 4.ª legislatura (1901-1903); 2.º Secretário do Congresso (1901 e 1902); 1.º Secretário do Congresso (1903); Deputado estadual à 5.ª legislatura (1904-1906); 1.º Secretário do Congresso (1904, 1905 e 1906). Foi também membro do Conselho Municipal (Câmara Municipal) de Intendência do Município de Florianópolis (1904-1906); 1.º Secretário do Conselho; contador da Repartição de Melhoramentos dos Portos e Rios do Estado (1913) e Diretor do Liceu de Artes e Ofícios. Membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina e Patrono da Cadeira n.º 32 da Academia Catarinense de Letras. (Cf. NEVES, Gustavo. *Santos Lostada*. Porto Alegre: Flama, 1971; PIAZZA, Walter Fernando. Op. cit., 1994, p. 309; S. THIAGO, Arnaldo. *História da literatura catarinense*. Rio de Janeiro: s. ed., 1957. p. 88-90; SOARES, Iaponan. Op. cit., 1988, p. 77; SOARES, Iaponan. *Virgílio Várzea e outros: literatura e vida literária em Santa Catarina no século XIX e início do século XX*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002. p. 105).

<sup>405</sup> *Ondina*: Descontentes com o nome “Nossa Senhora do Desterro”, no final do século XIX, formou-se, entre alguns políticos e intelectuais catarinenses, um movimento a favor da mudança do nome da capital. Na década de 1880, Santos

Que fazes na Central de Emigração ou no Centro do Taunay<sup>406</sup>, que é a mesma cousa? Aposto que és ahí um Sñr. Secretario, não? Pois eu continuo a ser simplesmente um mestre-escola da roça, numa pobreza medonha. Estou burro e vadio, mas vadio só p<sup>a</sup>. escrever, q.<sup>to</sup> a vencer [...] trabalho como uma besta, afim de que o estomago me garanta a posição vertical. Actualmente nada produzo por falta de tempo e do mais.

O que tenho é um ideal de doudo: sou ao m.<sup>mo</sup> tempo Edgar Poe, D. Luiz da Baviera e D. Juan sem vintem. Às vezes o meu ideal é a Justiça, e então tenho por ella verdadeiros hystéricos de affectos; outras vezes tenho nostalgia do Azul; - pelas noites brancas e calidas tenho impetos de me arrojare nos grandes lagos, no mar, ou de bater para o Espaço como uma pomba. Porem os momentos mais crueis para mim é quanto me açoita o D. Juanismo. Que requintes de gosto, e que torturas da carne! Que noites angustiadas! À cada instante me levanto na certeza de ter ouvido passadas no quintal, passadas de carnes virgens e novas que sinto bater à porta e que as desejo p<sup>a</sup>. uma ou duas noites de paraiso.

Eis o meu ulterior estado psychico.

Como estás na Central vê se arranjas empenho para o Barão Capanema<sup>407</sup> me nomear Fiscal da linha telegraphica do trecho de Itajahy a Estreito. Isto é facil é só o Barão querer.

Recomenda-me ao Dr. Gama-Rosa e [...] lembra-te do

Teu

S. Lostada.

---

Lostada, Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, e outros jovens escritores ligados ao chamado grupo da “Idéia Nova”, eram partidários da adoção do nome “Ondina”. (Cf. correspondência n. 21, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 34, 57, 67 e 69). O termo refere-se a um tipo de ser lendário pertencente às mitologias escandina e germânica, associado ao feminino. As ondinias eram geralmente descritas como seres fantásticos de cabelos e olhos de água, de grande beleza e poder de atração sobre os homens. Segundo a tradição, seus lugares comuns de residência são os lagos, rios e fontes. *Ondina* também é uma novela de 1811 escrita pelo alemão Friedrich de la Motte Fouqué (1777-1843).

<sup>406</sup> *Central de Emigração/Centro do Taunay*: referência à Sociedade Central de Imigração, organização da qual o então senador Alfredo d'Escragnonle Taunay constituiu uma das principais lideranças.

<sup>407</sup> *Barão Capanema*: Caetano de Almeida Nogueira de Guilherme Schüch de Capanema.

**Carta da Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro<sup>408</sup> ao *Jornal do Commercio*<sup>409</sup>. Desterro, 16/05/1887.<sup>410</sup>**

Secretaria da sociedade carnavalesca Diabo a Quatro, 16 de Maio de 1887. – Sr. redactor. – A sociedade carnavalesca *Diabo a Quatro*, vibrada dos mais puros sentimentos pela causa da redempção dos captivos, que é a causa collectiva do paiz, tem a honra e o alevantado prazer de communicar à redacção do jornal que V. representa, que, por deliberação da directoria, a 15 do corrente, ficou assentado, por unanimidade de votos, que aquella sociedade se instituisse em bando precatório, percorrendo todas as ruas desta capital, esmolando em favor dos captivos, e, não só recebendo quantias em dinheiro como todo e qualquer objecto, que nesse caso terá a applicação dos fins utilitarios e nobres a que o bando se destina.

A directoria communica ainda a V. que vai officiar a todas as corporações existentes nesta cidade para tomarem parte nessa festa. Communica mais que a commissão de trabalhos offerece um carro allegorico, de accordo com o acto, que se deverá realizar a 24 de Junho proximo, e, talvez, a 25 e 26, e para o qual convida, desde já, a V.

Assim, a directoria espera da digna redacção dessa folha todo o acolhimento a esta idéa e todos os elementos de auxilio e de applauso, para que tal festa, que é uma festa de humanidade, tome um character sério e patriotico, na altura e na pompa de uma festa civica e piedosa.

Espera tambem que a redacção leve ao conhecimento do povo, de que é uma festa de todos, de todas as classes, de todas as cathogorias sociaes, de todas as côres e de todos os sexos, profundamente democratica e inteiramente popular, e de que a mais diminuta quantia, o mais simples objecto, se transformará no erario dos escravos, em consoladoras lagrimas de liberdade.

Deus guarde a V. – Sr. redactor do *Jornal do Commercio*. – *Germano Wendhausen*<sup>411</sup> – *J. A. Portilho Bastos* – *Manoel Joaquim da*

---

<sup>408</sup> *Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro*: Agremiação recreativa e beneficente muito atuante na campanha abolicionista de Desterro.

<sup>409</sup> Incluo esta carta aberta direcionada ao *Jornal do Commercio* por considerar a correspondência n. 9 uma resposta direta a esta missiva.

<sup>410</sup> *Jornal do Commercio*, Desterro, 18 mai. 1887.

<sup>411</sup> Citado também nas correspondências n. 15 e 18.

*Silveira Bittencourt*<sup>412</sup> – *Camillo José de Souza* – *João Praxedes Marques Aleixo*<sup>413</sup> – *Francisco José da Silva Dutra* – *Guilherme Kaspers*.

9

**Carta de Cruz e Sousa a Carnavalesca Diabo a Quatro. Desterro, 31/05/1887.**<sup>414</sup>

Desterro, 31 de Maio de 1887. – Illms. Srs. – Cumpre-me responder ao officio de VV. SS. que me foi dirigido em data de 20 deste mez. Agradecendo, summamente penhorado, as amabilidades cavalherosas e distincções que no alludido officio me fazem, cabe-me a occasião de cumprimentar, de saudar altamente, com um largo sopro de retumbante clarim de applauso, a digna e prestimosissima sociedade carnavalesca *Diabo a Quatro* à qual VV. SS. estão agremiados, pela idéa grandiosa e sympathica que tem de tratar de promover a libertação dos captivos desta capital. A Sociedade *Diabo a Quatro*, que ri, que solta a gargalhada do bom humor que abre nos corações de todos, ao sol da idéa, a luminosa e resplandecente flôr da alegria nos dias do seu curto mas pittoresco reinado de galhofa e de critica – os dias do carnaval – definio e ampliou mais a alma franca e fôrte que costuma ter nas festas de Momo, dando a essa alma toda a amplidão serena da Liberdade.

Eu faço significar, com toda a lealdade, o meu applauso a essa estimavel corporação, e ponho ao seu dispôr e ao dispôr da bella causa dos tristes, não sò a minha insignificante e deslustrada penna, não só o meu pequenino prestimo intellectivo, mas, todo o meu coração de patricio, que é para estes casos, o factor absoluto, aberto como um estandarte de paz e de democracia. A sociedade *Diabo a Quatro* que tenha sempre como divisa de luta, este principio philosophico e politico de um economista inglez: Destruir para organisar. – Deus Guarde a VV. SS. – Illms. Srs. Manoel J. da Silveira Bittencourt e mais dignos auxiliares da Directoria da Sociedade Carnavalesca *Diabo a Quatro*. – *Cruz e Souza*.

---

<sup>412</sup> Citado também nas correspondências n. 8, 9, 23 e 25.

<sup>413</sup> Cf. correspondência n. 36.

<sup>414</sup> *Jornal do Commercio*, Desterro, 2 jun. 1887. (Também publicada em: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008. v. 2, p. 634-635).



**Carta de Gama Rosa a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 28/06/1887 (AMLB/FCRB).**

Rio, 28 de Junho de 1887,

Meu caro amigo.

Recebi a sua carta de 21 do corrente e bem assim alguns n.<sup>os</sup> da *Regeneração*<sup>415</sup>, contendo escriptos seus, entre os quaes uma apreciação da minha obra<sup>416</sup>, em q. o meu amigo manifestou notabilíssimo sentimento critico, m.<sup>to</sup> vidente, apprehensor e delicado. Basta dizer-lhe que o seu artigo, como uma immensa liana, carregada de flores, envolveu nos arabescos de suas volutas toda a minha obra. Como todos os seus escriptos, esse possui das lianas a flexibilidade, os festões e a exuberancia. Como bem deve perceber, foi-me muito aprovavel ver o meu livro interpretado por essa forma.

O final do artigo possui uma eloquencia muito sentida. Accentuou bem a nota de serenidade meiga, de tranquillidade solemne de todo o trabalho; foi essa a minha intenção; e vejo que o meu amigo está apto a receber todas as impressões, ainda as mais tenues e subitaneas impressões, de qualquer trabalho. Isto quer dizer que ha de chegar à todas as perfeições no estylo e idéas: aquillo que se sente, está proximo à realização. Quanto aos senões da sua critica, esses, por enquanto, não podiam deixar de ser inevitaveis. Mas, esses senões, relativos à parte scientifica e philosophica, são cousas insignificantes, separaveis em algumas pennadas profissionaes. Assim como está, porem, satisfez-me amplam.<sup>te</sup>, porquanto traduziu, interpretou em cousa, leves, mimosas e acariciadoras todas as idéas do meu livro. Entre os seus outros artigos, o da *Festa da Trindade*<sup>417</sup> está bastante correcto e

---

<sup>415</sup> *Regeneração*: jornal desterrense, “órgão do Partido Liberal”, dirigido por Alexandre Margarida.

<sup>416</sup> Refere-se à resenha ao livro *Sociologia e biologia do casamento*, publicada provavelmente na edição de 2 de janeiro de 1887.

<sup>417</sup> Cf. SOUSA, João da Cruz e. A romaria da Trindade. *Regeneração*, Desterro, 5 jun. 1887. Ver também: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 274-275.

muito exacto como photographia de costumes. Copiar do natural é o preceito supremo da escola moderna; nada de phantasias, divagações aereas, cousas doentias, indicadores de fraquesa e depressão cerebral. Tudo isso eu tenho longamente dito ao Varzea, e elle, segundo me diz, tem-lhe communicado a orientação e todos os preceitos do Naturalismo, a grande escola universal...

Esta carta tem sómente por intuito agradecer-lhe o seu gentil e amantissimo escripto. Incluso lhe envio um retrato meu em *carte mignon*, uma cousa que se está usando bastante actualm.<sup>te</sup> em Paris. Mandei reproduzir ha poucos dias um *cliché* e brevemente lhe enviarei uma photographia em ponto maior.

Recomende-me a todos e continue a escrever-me.

Seu amigo,

*Gama-Rosa.*

## 11

### **Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 17/09/1887 (AMLB/FCRB).**

Rio de Janeiro, 17 de Setembro de 1887.

Meu querido Cruz.

Como vás, amigo? Sei que não vás lá muito bem e muito menos commigo.

Pois se eu fui um canalha que nem tive uma folha de papel para escrever-te um agradecimento pelo bello trabalho que tu e o Varzea me offereceram!<sup>418</sup> "Como o mais, indifferente e hypocrita", com certeza intimamente disseste, sabendo e sofrendo o meu silencio.

"Que pulha! que miseravel vulgar e detestavel! Julga-se mais do que eu; com certeza não soube ler o que escrevi e por isso não gostou

---

<sup>418</sup> Referência à seguinte dedicatória de *Tropos e Fantasias*: "A Luiz Delphino, Oscar Rosas e Santos Lostada, as tres mentalidades pujantes da nova phase litteraria catharinense." O livro foi publicado dois anos antes, em 1885. Cf. SOUSA, João da Cruz e; VARZEA, Virgilio. *Tropos e Fantasias*. Edição fac-similar. Florianópolis: FCC, 1990.

nem um recebi, nem um agradeço-te, quanta vez não te vieram à cabeça estas palavras cheias de rasão e dignidade.

Mas como te enganaste redondamente. Que podia eu n'aquelle momento fazer pelo livro de vocês? Nada!

Promover um elogio? Vocês são bastante espirituosos para dispensar-m'o e comprehenderem que não é disso que precisamos nós, os homens de lettras e poetas.

O teu livro chegou-me, além de tudo, muito tarde as mãos e, n'essa occasião, eu disputava com estes 400.000 holerites desta cidade um pão para mim, para a mulher<sup>419</sup> e para o meu filho (pois que tenho um rapagão de anno e meio que é um peralta)<sup>420</sup> que são tres pães, e para quem era como um mendigo inglez dos mais miseraveis não era facil escrever artigos litterarios!

Não imaginas o que seja a preocupação da comida, para um homem que não tem com que compral-a.

Se imaginasses o que são esses horrores, com certeza já estaria perdoado.

.....

Mas mudemos de assumpto.

Deixemos esses trapos e toda a historia lutulenta de uma quadra horrenda.

Fallemos ao conforto, do leite morno, da abundancia, de vinhos capitosos e espumantes, do *beef* sangrento a ingleza, da opulencia, da ostentação, do luxo, e até da vaidade.

Hoje, graças aos empenhos e minhas habilitações estou apto a sustentar ao exercito allemão, ao francez e russo, sem nada negar ao italiano e austriaco, podendo mesmo dar algum copito de bom vinho à armada ingleza e franceza.

Ora, eu te considero como um irmão. Você (o! perdão) tu ahi n'essa terra não podes senão criar carrapatos e azas nunca, porque as que

---

<sup>419</sup> Oscar Rosas casou-se com Julieta Chaves Escobar em 1885.

<sup>420</sup> Ernani Salomão Rosas Ribeiro de Almeida (1886-1954), primeiro filho de Oscar Rosas e Julieta Chaves. Em sua vida adulta, Ernani Rosas viria a ser considerado, segundo a opinião de Andrade Muricy, “a encarnação perfeita do poeta simbolista” do começo do século XX. (Cf. BRANCHER, Ana (Org.) *História do gosto e outros poemas*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997; MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 2, p. 927.

tens estão arriscada a cair por causa da inveja e do preconceito. Que futuro ahi te espera?

Tu não és politico nem vives para a intriga politica, não queres pertencer ao numero de nullos que povoam esse santo solo, o que ahi fazes?

Pergunto-te eu agora: - Não te convirá mais morar no Rio de Janeiro (emquanto desempregado na casa de um amigo, que te dará emquanto quizeres e entenderes - casa, comida, roupa lavada e engomada e até dinheiro quando tiver e, quando empregado, aonde te parecer) onde podes encontrar cotação para o teu talento brilhantissimo?

Na minha casa terás do que eu tiver quanto a conforto e tratamento. Eu n'ella sou o rei absoluto e despotico, aqui não terás de que corar nem quem te interrogue com olhares expulsadores e sovinos. Della sahirás no dia que entenderes, dentro de um mez ou de 20 annos, sem que me sejas pesado nem me incomodes. Eu mesmo te ajudarei a procurar emprego, para que teus brios de homem não soffram.

Já ves que o unico movel desta carta é convidar-te para morar commigo n'este centro de actividade e labor.

Quando estiveres doente dar-te-hei o que puder e o que a mim faria te farei. Se morreres mandar-te-hei enterrar.

Vem, portanto, caro amigo; nesta corte me encontrarás nos dias de semana na rua do General Camara n.º 63 (sobrado) (Sociedade Central de Immigração) das 11 horas da manhã as 3 da tarde e se aqui chegares n'um domingo ou fóra dessa hora n'um dia de semana mesmo, dirige-te à estação Central da Estrada de Ferro D. Pedro 2º, no Campo de Santa Anna, ahi compra um bilhete para a Estação Cupertino aonde moro (é um suburbio elegante e tranquilo) que me encontrarás de braços abertos e de mesa posta à tua espera.

Que mais queres? Vem depressa, mas antes previne-me telegraphicamente, dirigindo essa communicacão à rua do General Camara como já te disse.

- Oscar Rosas - na Sociedade Central de Immigração - Não te esqueças.

Adeus. Esta não se presta a assumptos litterarios. Vem, que trabalharemos juntos.

*Oscar Rosas*

12

**Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 12/10/1887 (AMLB/FCRB).**

SOCIEDADE CENTRAL DE IMMIGRAÇÃO  
PRO BRASÍLIA  
LIBERTATE LABOR  
RIO DE JANEIRO  
1883

RIO DE JANEIRO, 12 de Outubro 1887

Meu Cruz.

Cá recebi tua estupenda e flamboyante carta.

De tudo perfeitamente informado.

Procura resolver o problema do dinheiro, que para mim é uma coisa muito de segunda ordem.

Aprompta-te para o fim deste mez, que de algum modo hei de atracar-te n'estas praias fluminenses.

Estão tomadas todas as providencias.

Uma carta minha immediata a esta levará as instrucções e socorro!

Até, um abraço e adeus.

*Oscar Rosas*

13

**Carta de Antenor Soares<sup>421</sup> a Cruz e Sousa. Vapor Camillo, 09/12/1887 (AMLB/FCRB).**

---

<sup>421</sup> *Antenor Cancio Lopes Soares* (Bagé, Rio Grande do Sul, 1860 (?) – ??): Jornalista. Participou ativamente das campanhas pela República e Abolição na sua província natal. Em 1886, como diretor do jornal *Diário de Bagé*, prestou-se a publicar, pela sua tipografia, o livro *Coleiros e Gaturamos*, de Cruz e Sousa. Durante a chamada “Revolução Federalista” lutou, ao lado dos insurgentes, contra as tropas de Floriano Peixoto. (Cf. MAGALHÃES Jr. Op. cit. p. 106;

Bordo do vapor Camillo, 9 de 10<sup>bro</sup> de 1887

Meu charo Cruz e Souza.

Neste momento acaba de me ser entregue sua apreciada carta de hoje, e lamento que os seus affazeres literarios me tenham privado do grande praser de vel-o e abraçar-o.

Não trouxe e nem podia trazer o seu livro<sup>422</sup>, visto como minha viagem à corte foi apenas resolvida no sabbado ultimo, e nem ao menos tive a ventura de ver minha esposa e filhas, antes de encetar esta peregrinação, que não posso saber, quando terá seu termo.

Não tenho ainda um plano assente para o futuro; é provavel que dentro de pouco tempo esteja de volta a Bagé afim de restabelecer o *Diario*<sup>423</sup>; é possivel tambem, que fique na corte, para onde farei, n'esse caso, transportar-se a minha familia; tudo depende da feição que tomarem as cousas; de qualquer modo, sustento e repito-lhe o que já lhe escrevi a respeito do seu esplendido livro. Sobre esse ponto pôde ficar completa e perfeitamente tranquilo.

Eu não me privaria do grato prazer de ir dar-lhe um abraço, se tivesse recebido sua carta duas horas mais cedo; a prova do que affirmo é o empenho com que hontem perguntei pela sua amavel e apreciada pessôa: agora, porem, estamos prestes a sahir, segundo me disse o commandante, e receio fazer-me esperar, se desembarco. Venha, porem, a bordo, se lhe fôr possivel, e trocaremos algumas bôas e sinceras palavras.

Não deixarei de enviar-lhe, da corte, a minha morada e algumas bôas noticias. Lá, como em qualquer parte, estarei sempre às suas ordens, e asseguro-lhe que pode e deve ver em mim, um

Sincero amº e ad<sup>or</sup>

Antenor Soares

---

PAULI, Evaldo. Op. cit. p. 74-75; SOARES, Antenor. Historia do sitio de Bagé: factos e documentos. *A Federação*, Porto Alegre, 27 fev. 1894 e TILL, Rodrigues. Op. cit. p. 45).

<sup>422</sup> Trata-se do manuscrito de *Coleiros e Gaturamos*.

<sup>423</sup> Referência ao então extinto *Diário de Bagé*.

**Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 10/02/1888 (AMLB/FCRB).**

Rio, 10-2-88.

Cruz.

Bem sei, meu Cruz, que, a estas horas, estarás fazendo cruces (sem *calembourg*<sup>424</sup>) à vista do meu procedimento.

No dia em que fallei ao Candido a teu respeito, tinha o cobre preciso no bolso e mais alguns vintens, mas, desgraçadamente, nós nos achavamos n'uma casa de jogo - o Derby Club<sup>425</sup> - e a febre de ganhar dinheiro, para te poder arregimentar o cobre, levou-me a perdê-lo.

Pedi emprestado, perdi-o. E, perdendo sempre, fui perdendo a tramontana e o diabo que te carregue pora cá!

Como vez insandeci, porque além do teu, perdi o meu rico dinheirinho, produzindo o caipoirismo<sup>426</sup> um infernal desequilíbrio financeiro, o qual cessará somente no fim deste medonho mez.

Se a tua boa consciencia não se tiver revoltado contra a minha má cabeça, responde-me immediatamente, que é para dar as necessarias providencias.

Fallando assim, creio ter corrido a frente do meu perdão, que não seria digno de mim se de outro modo o buscasse.

Não te esqueças de me responder-me esta immediatamente.

O seu Juca, o Raposo, sabes?

Aquelle?!... o da Inspetoria das Terras, o collega do Dr. Fausto (Faustino)<sup>427</sup> andou por aqui a querer morder-te e ao Varzea; mas eu puxei as reedas para traz e o fiz morder o freio, a essa besta sem sexo e idiota. Xujo! O! Xujo!

---

<sup>424</sup> *Calembourg*: Expressão francesa que significa jogo de palavras semelhantes no som, trocadilho. O mesmo que “calembur” ou “calemburgo”.

<sup>425</sup> *Derby Club*: um dos mais famosos e elegantes hipódromos da cidade do Rio de Janeiro no final do século XIX.

<sup>426</sup> *Caipoirismo*: estado, condição ou qualidade de quem é “caipora”, isto é, infeliz ou azarado.

<sup>427</sup> *Faustino*: Fausto Júnior. Funcionário da Inspetoria de Terras da Sociedade Central de Imigração. (Cf. correspondência n. 16).

Dirás ao Varzea que me escreva e que para a *Semana*<sup>428</sup> muitos versos e poucas assignaturas, que o novo proprietario - o Cabral, está allí, está fechando a quitanda.

E mais que me escreva, que não é somente a [...] que tem direito às atenções do vate.

Nas coudelorias fluminenses pairam agora duas eguas, pergunta-lhe se elle as montou, porque eu ainda não.

A carta que acima e ora lhe peço, quero-a n'um estylo ultra-pornographico-debochativo e que ella me diga quaes as presumiveis conquistas actuaes da mãe-patria.

Faz sentir a esse Cupido catharinense que me zangarei se delle não receber as deleitantes, caprichadas letras.

Manda-me o teu retrato, que em comp.<sup>a</sup> ao Varzea e Carvalho tiraste.<sup>429</sup> Quero-o a todo o transe, mas não a [...].

*Oscar Rosas*

15

**Carta de Cruz e Sousa a Germano Wendhausen<sup>430</sup>. Desterro, 02/04/1888.<sup>431</sup>**

Desterro, 2 de abril de 1888.

Caríssimo e nobre amigo

---

<sup>428</sup> Referência ao periódico carioca *A Semana*, à época dirigido por Leopoldo Cabral.

<sup>429</sup> Ver anexo 4, figura 5.

<sup>430</sup> *Germano Wendhausen* (Nossa Senhora do Desterro, Santa Catarina, ?? – ??): Político e comerciante. Filho de Henrique Wendhausen e de Maria Guise Wendhausen. Sócio, com seus irmãos, de uma firma comercial em Desterro. Obteve patente de Tenente-Quartel Mestre do 1º Batalhão de Artilharia do Desterro, em 19 de janeiro de 1881. Abolicionista. Deputado à Assembléia Legislativa Provincial à 26ª legislatura (1886-1887), foi “depurado”, ou seja, não teve a sua eleição validada. Deputado provincial à 27ª legislatura (1888-1889). Provedor da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e Hospital de Caridade de Florianópolis, em 1918. Foi casado com Teresa Antônia Machado Wendhausen, filha de Narciso José Machado e Clementina Lopes do Nascimento Machado. (Cf. PIAZZA, Walter Fernando. Op. cit., 1994, p. 603).

<sup>431</sup> SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008. v. 2, p. 640-641.



## Germano Wendhausen

Venho, mais uma vez, valer-me da sua proteção, da generosidade dos seus sentimentos, pedindo-lhe que me faça a gentileza de me ouvir.

Ilustre amigo, não sei se sabe ou não a situação difícil da minha vida nem o estado de fatalidade em que me acho; no entanto, acreditando-me um indivíduo sério e leal, dará a atenção devida às minhas palavras.

Acontece que, por largo espaço de tempo, me tenho visto embaraçado, muito afogado de lutas, achando sempre contrariedades em tudo que proponho fazer para melhorar de estado, para trabalhar, ter um futuro mais garantido e seguro, não encontrando nunca o auxílio de ninguém. Como deve saber, na *Tribuna Popular*<sup>432</sup>, onde escrevo, nada me dão, nem eu o exijo porque não o podem fazer, e eu estou ali, apenas, para ajudar o Lopes<sup>433</sup>, porque o faço generosamente, de coração aberto, com dedicação e simpatia, e mesmo, pela grande causa abolicionista que nós todos defendemos com desinteresse e honra. Já vê o meu nobre amigo que, nas dificuldades em que estou, tenho absoluta necessidade de procurar destino. Assim, tendo já deliberado a minha viagem para a Corte, venho valer-me do seu prestígio e da sua generosidade jamais desmentidas pedindo-lhe encarecidamente para influir com o seu amigo e correligionário Virgílio Villela<sup>434</sup> sobre uma passagem, ou, no caso de ser isso absolutamente impossível, embora o meu excelente amigo envide os seus esforços, fazer-me o supremo obséquio de me emprestar 50\$000 réis para eu poder transportar-me, pois, fica na honestidade do meu caráter e do meu brio satisfazer-lhe essa importância desde que o trabalho me garanta mais poderes para isso.

Bem sei que já o ocupei e que me serviu tão bondosamente, com tanta consideração e apreço, mas, no estado em que vivo não vejo a quem recorrer senão à sua prestimosa individualidade.

---

<sup>432</sup> *Tribuna Popular*: jornal desterrense, dirigido por José Joaquim Lopes Júnior.

<sup>433</sup> José Joaquim Lopes Júnior. Filho de José Joaquim Lopes, fundador de *O Argos*, o primeiro jornal diário editado na província de Santa Catarina (1861). (Cf. PEDRO, Joana Maria. Op. cit.).

<sup>434</sup> *Virgílio José Villela* (Nossa Senhora do Desterro, Santa Catarina, 26 de junho de 1843 – Rio de Janeiro, 22 de julho de 1900): Político e comerciante. Tenente-Coronel da Guarda Nacional, em 1880. Deputado provincial entre 1888 e 1889. (Cf. PIAZZA, Walter Fernando. Op. cit., 1985, p. 596).

Sabe Deus quanto me custa e quanto a minha dignidade se vê abatida de por me ver obrigado a fazer-lhe tal pedido! Mas, acredite o sr. Germano Wendhausen que em mim terá sempre um rapaz sincero, franco e leal, daqueles que não abusam e que sabem ser gratos. Só a sua pessoa me pode valer, e eu a ela me dirijo com confiança, em nome de sua veneranda mãe.

Disponha sempre de um amigo firme, que fará mais e mais por se tornar digno da sua estima e consideração que tanto distinguem as pessoas que têm a felicidade de as possuir.

*Cruz e Sousa*

16

**Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 05/04/1888 (AMLB/FCRB).**

SOCIEDADE CENTRAL DE IMMIGRAÇÃO  
PRO BRASÍLIA  
LIBERTATE LABOR  
RIO DE JANEIRO  
1883

RIO DE JANEIRO, 5 de Abril 1888

Cruz e Souza.

Até aqui, meu amigo, o remorso mordida-me a consciencia, como um *bull-dog* entocado no meu ser. Eu não te mandava o dinheiro.

Agora (a 13 do mez passado mandei ir pelo Dr. Fausto J.<sup>or</sup> da Inspectoria C. de Immigração) enviei-te o cobre por um portador seguro e tu não vens, nem me respondeste!

Vens ou não vens?

Queres sahir da cacimba infecta, onde cantavas como um sapo artista a luz do sol tropical e amoroso, ou queres ficar, visguento e limoso, enterrado na sua lama até os cabellos?

Palavra, sonhador, que eu não te entendo?

Porque deixas de vir? Mandei-te 25 *Pizzicattos*<sup>435</sup>, que a 500 reis são 12\$500. Enviei-te mais 20\$000 para pagamento da passagem e tu não vens, não surges, não apareces, sepultando n'um tumulto de desespero shakespeariano!

Responde-me.

Teu

Oscar Rosas.

17

**Cartão de Pedro Paiva<sup>436</sup> a Cruz e Sousa. Gamboa, 16/05/1888 (AMLB/FCRB).**

Corte, 16, 5, 88  
Gambôa 32

Cruz e Souza:

O teu Pedro Rodolpho de Lima Paiva  
abraça-te, pela grandiosa Lei, que vem [...] libertar a tua raça, tão  
infamemente reduzida à escravidão. Hurrah, ao 13 de Maio!!!

Lembranças à *Troupe*

Quando vens?

Os teus todos bons, não? Muito bem.

*Recuerdos* à Diabólica<sup>437</sup>.

*Au revoir* e cuidado com os Impossíveis.

---

<sup>435</sup> *Pizzicattos*: título de um livro do escritor carioca Bernadino Lopes (B. Lopes) publicado em 1886.

<sup>436</sup> Pedro Rodolpho de Lima Paiva (Portugal, 1860 (?) – ??): Foi caixeiro de vendas e jornalista. Abolicionista. Em 1884, fundou o semanário desterrense *O Moleque*, do qual foram redatores Cruz e Sousa e Virgílio Várzea. Naturalizou-se brasileiro em maio de 1886. Colaborou com o jornal *Gil Brás*, ao lado de Araújo Figueiredo. (Cf. FIGUEREDO, Juvêncio de Araújo. Op. cit.; MAGALHÃES Jr., Raimundo. Op. cit. p. 67; 135).

<sup>437</sup> *Diabólica*: alusão à Sociedade Carnavalesca Diabo a Quatro.

**Carta de Cruz e Sousa a Germano Wendhausen. Rio de Janeiro, ??/06/1888.<sup>438</sup>**

Corte, junho de 1888.

Caro amigo Germano Wendhausen

Cá estou nesta grande capital que cada vez mais se distingue pelo movimento e atividade mercantil de que dispõe em alto grau. Isto importa dizer que continuo a ser amigo e apreciador sincero e firme das pessoas que, como o meu belo e generoso amigo, tanto me desvaneceram e honraram com a sua consideração e simpatia. Um dever de cavalheirismo, pois reconheço a franqueza, modéstia e o desprendimento do meu excelente e digno patrício, me faz deixar de falar nas gentilezas incomparáveis que me fez, que eu não esquecerei nunca e que em tempo saberei retribuir como precisa ser.

O senador Taunay<sup>439</sup> recebeu a minha carta, isto é – a carta que os adoráveis e distintos amigos aí me deram para ele; porém nem ao menos me mandou entrar, procedimento esse que me autorizou a não voltar mais à casa de tal senhor. Embora eu precise fazer carreira, não necessito, porém, ser maltratado; e, desde que o sou, pratico conforme a norma do meu caráter. – Deixemos o Sr. Taunay que não passa de um parlapatão em tudo por tudo.

Aqui, em alguns arrabaldes, também continuam, com bastante brilho, diferentes festejos em homenagem à libertação do país. Até 15 ainda assisti algumas manifestações de regogizo ao triunfante e heróico acontecimento que ainda me faz pulsar de alegria o coração e o cérebro.

A imprensa tem me recebido bem, tenho sido apresentado a todos os escritores da corte, alguns dos quais conhecem-me. – Queira dar-me a honra de escrever e recomendar-me à Exma. Família, a Manuel Bithencourt, Margarida, Schmidt, Dr. Paiva, Manuel João e a toda a leal

---

<sup>438</sup> SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 641-642.

<sup>439</sup> *Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay* (Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1843 – Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1899): Escritor, músico, professor, engenheiro militar, político, historiador. Também conhecido como Visconde de Taunay. É autor de obras como *A retirada da Laguna* (1871) e *Inocência* (1872).

e gloriosa falange do Diabo a Quatro – Sou, com consideração e sinceridade, amigo e criado agradecido.

Cruz e Sousa

19

**Carta de Araújo Figueiredo<sup>440</sup> a Cruz e Sousa. Desterro, 14/07/1888. (AMLB/FCRB).**

Desterro, 14 de Julho, 88.

Meu Cruz,

Escrevo-te desta cidade impossível, estúpida, humida de burrice, onde vim passar dois dias. Fiquei muitíssimo alegre e satisfeito ao receber tua carta de 26 de mez passado, na qual ainda mais uma vêz provas o quanto me estimas. Senti-me illuminado, cheio daquella luz

---

<sup>440</sup> *Juvêncio Cosme Damião de Araújo Figueiredo* (Nossa Senhora do Desterro, Santa Catarina, 27 de setembro de 1864 – Florianópolis, 6 de abril de 1927): escritor, tipógrafo, jornalista e funcionário público. Filho de Luís de Araújo Figueiredo e Florisbela de Araújo Figueiredo. Fundou o jornal *O Abolicionista*. Redator de *Gil Brás*, *Tribuna Popular* e *O Estado*. Colaborou em todos os jornais de Santa Catarina. Promotor público da comarca de Tubarão. Em 1893, casou com a genovesa Maria Concepta Remzetti. Promotor público em Laguna. Após abandonar o Ministério Público dedicou-se ao fabrico de tijolos. Fracassou nos negócios. Foi para Santos, onde trabalhou como tipógrafo no jornal *Tribuna do Povo* e, depois, no *Diário de Santos*. Em fins de 1897, mudou-se para o Rio de Janeiro, hospedando-se na casa de Cruz e Sousa. Colaborou no *Diário de Notícias*, *Folha Popular* e *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio. Voltou a Laguna, e serviu como secretário da Câmara Municipal de São José. Membro da Academia Catarinense de Letras. Autor de *Madrigaes* (1888), *No caminho do destino* (memórias inéditas), entr outros. (Cf. FIGUEIREDO, Araújo. *Poesias*: edição comemorativa do centenário, 1865-1965. Florianópolis: s. ed., 1966; JUNKES, Lauro. Araújo Figueiredo: marinismo e humanismo. In: \_\_\_\_\_. *O mito e o rito*. Florianópolis: UFSC, p. 43-54; JUNKES, Lauro. *Presença da poesia em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora Lunardelli, p. 99-109; MELO, Osvaldo Ferreira de. Araújo Figueiredo e Oscar Rosas, poetas esquecidos. In: \_\_\_\_\_. *Introdução à história da literatura catarinense*. Florianópolis: Editora Movimento, 1980. p. 95-97; MENEZES, Raimundo de. Op. cit., p. 270).

suavíssima e doce que todos nós sentimos ao lêrmos alguma cousa que péze quilates de diamantes. Ella entrou-me pela porta à dentro n'uma hora de *spleen*<sup>441</sup>, n'uma hora em que todo o meu scistema nervoso recebia a influencia divina de um conto de Daudet, *A ultima lição*<sup>442</sup>. Eu estava nos Coqueiros, lá na minha casinha de campo, todo alegre e cantante como um *petit chalet* ideal, de fachadas de ouro massiço, com ventilações de magnificos brilhantes e perolas, dentro, nas salas branquíssimas, de crystal e marmore. Era de tarde. Pelas janellas abertas aos ares oxigenados desse bello logar, via-se no mar e nas murmuradas folhagens das arvores, a tonalidade da luz do ouro do sol. Cantavam passaros. Vinham do lado do môrro, pelas verdurosas estradas de arêia miúda, os carros guinchando como enormes cigarras, puchados por bonitos bois de ancas roliças, carnudas, e olhar transbordante de doçuras na humildade sympathica do trabalho. Era de uma alegria rúde a cantoria dos roceiros que os guiavam, de guilhada aos hombros, com suas camisólas de baeta azul justas ao pescoço, e calças arregaçadas até meio das pernas nervudas, cobertas de um leve pello suarento. Das bandas de lá da praia passavam rapazes vindos da venda, com seus grandes cigarros de palha atraz da orêlha, explosindo gargalhadas de aço e fallando à respeito das bellissimas e tradicionaes fogueiras de São Pedro. Lá em baixo, assim tenra vegetação, à sombra do espinheiral, andavam, acoradas, umas quantas creanças à caça, de bodoque em punho, murmurando baixo conversações intimas. Quando reconheci, porém, tua lettra, atirei-me de chofre à carta e devorei-a com olhares anciosos, com olhares de féra que tem entre às garras a victima dos seus instinctos brutaes. Muito obrigado te fico por tanta prova de amizade, tanta prova que nem posso saber! Não te mandei já os meus *Madrigaes*<sup>443</sup> por estarem, como sabes, em podêr do poderosissimo

---

<sup>441</sup> *Spleen*: apesar da origem inglesa do termo, em seu uso francês a expressão “spleen” representa o estado de tristeza pensativa ou melancolia, que, no século XIX, era comumente associada à obra do poeta Charles Baudelaire (Paris, 9 de abril de 1821 – Paris, 31 de agosto de 1867). Nesse sentido, o “spleen” seria um profundo sentimento de desânimo, isolamento, angústia e tédio existencial. Tônica predominante nos poemas do livro *Les fleurs du mal*, de 1857.

<sup>442</sup> *Alphonse Daudet* (Nîmes, França, 12 de maio de 1840 – Paris, França, 17 de dezembro de 1897): romancista, poeta e dramaturgo. Autor de *Le roman du chaperon rouge* (1862), *Tartarin de Tarascon* (1872), *L'Immortel* (1888), entre outros.

<sup>443</sup> *Madrigaes*: título do primeiro livro de Araújo Figueiredo. (Cf. FIGUEIREDO, Araújo. *Madrigaes*: versos. Desterro: Typ. do Conservador, 1888).

Varzea. - Outra copia não posso arranjar-te, por achar-me bastante doente. Mandar-te-hei então a que está prompta, que é a segunda, logo assim que elle realize o que prometteu dizer sobre o livro. Tenho tambem para mandar-te, umas produções em versos, de um novo livro que estou organizando às pressas, intitulado - *Paizagens* - em cujo derramo e esbato artisticamente toda luz do meu ideal pela natureza. Tenho em vista reunir nesse livro todas as impressões sympathicas e adoraveis do campo. Por hoje te mando apenas estes contos, para vêres se, com a lente do teu extraordinarissimo talento, achas nelles algum clarão de idéa, alguma pinclada de estylo. São os primeiros que faço neste mundo de homens idiotas, lêsmas, sem espelho psychologico... Tu me entendes. Se não prestarem, não prestaram; pouco se me importará. E se acontecer o contrario, apromptarme-hei então para estudar o Eça<sup>444</sup> e o Varzea e... mãos a uma troupe de... contos. Creio porém não ter geito para isso, como tenho habilidade para fazêr alguns versos bem regulares, na phrase de um tête-carré<sup>445</sup> cá da terra, ao encontral-o na banca do peixe. Recebe um abraço meu, muito cá do coração e dá um aperto de mão no notabilissimo Oscar Rosas. Adeus! Lembra-te sempre de mim. Adeus!

Teu Amigo

*Araujo Figuerêdo*

**20**

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. Coqueiros, 23/09/1888. (AMLB/FCRB).**

Coqueiros, 23 de Setembro - 88.

Adorado Cruz

---

<sup>444</sup> *José Maria de Eça de Queirós* (Póvoa de Varzim, Portugal, 25 de novembro de 1845 – Paris, França, 16 de agosto de 1900): escritor e diplomata. Autor de romances como *O crime do Padre Amaro* (1875), *O Primo Basílio* (1878), *A Relíquia* (1887) e *Os Maias* (1888).

<sup>445</sup> Tête-carrê: *tête carrée*. Em tradução literal: “cabeça quadrada”.

Chegou o paquete e escrevo-te n'uma atropelação de homem de sitio, sem tempo para fallar-te moderadamente, com calma de espirito, cheio da vitalidade luxuriante dos vegetaes. Agradeço-te a tua ultima carta, essa bellissima lamina de prata onde cinzelaste artisticamente, n'uma synthese elevada e poderosa, tantas cousas extranhas, tão bons conselhos de mestre. Minha alma sente sol, todas as vezes que a mordo com os olhos, n'uma viva loucura ideal, n'uma alegria de paysagens maritimas. Por este Corrêio, envio-te o meu livro, os *Madrigaes*, para que, como dissêste, não escape nelle nem um ceutil de incorrecção, quér no fundo quér na fôrma, sem lhe tirares a feição e a seiva. Contatei com o Geraldo Braga, a sua publicação, mas sendo eu compositor, o que me dá uma economia de 100\$000. Farei uma impressão de gosto, o que ha de contribuir para sympathia do livro. Por todo o mez de Outubro, tenciono botal-o a correr mundo. Não te demores com elle ahi; mandam'o logo. Vê, meu adorabillissimo Cruz, se me arranja algumas assignaturas, a 2\$000!

Li umas produções do Oscar Rosas, tão bonitas, tão extraordinarias que nem sei de que mundo será filho este rapaz! Beijo-as como se beija uma reliquia do Oriente. A *Cigana*<sup>446</sup>, foi uma dessas. Elle quando escreve bebe em grandes tragos a luz de um sol mysterioso; e os seus dedos e a sua penna cobrem-se de diamantes. A idéa corre-lhe do cerebro ao papel, por um lago azul, de parque aristocrata, cheio de passaros alegres, delicados e magnificos passaros ideaes.

No cárcere sombrio em que vivo, sinto uma nevrose illimitada por vocês. Adeus! Abraço-te de coração! Adeus!

O teu amigo

*Araujo Figuerêdo*

21

**Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. Desterro, 24/09/1888. (AMLB/FCRB).**

1888 - Ondina, 24 de setembro.

---

<sup>446</sup> Poema publicado originalmente em: *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 21 ago. 1888. (Cf. ROSAS, Oscar. A cigana. In: \_\_\_\_\_. Op. cit., 2009, p. 96-99).



Cruz.

Recebi a tua carta de 14 deste, e, como todas as tuas cartas de longe, verdadeiras cartas de ausencia e de saudades - ampla, banhada d'espírito, cinzelada e doce.

Na hora em que te escrevo, 10 horas da manhã, nesta terça-feira de ouro e azul, porque o sol está de um louro de gemma e o céu d'um azul inqualificavel e transparente de porcellana nova de vaso, eu me sinto profunda e romanticamente melancolico, debruçado sobre a minha pasta, p.<sup>a</sup> te enviar, do feliz e santo recolhimento da amizade, estes bordados femenís das minhas letras. Estou melancolico e de *broken haert* - como dizem os bretões que sóffrem do amor - por ter hontem, n'uma casa perto do mar, onde todas as tardes vou amar e gorgear ternamente, emballado em illusões cor de rosa de futuro brilhante, descoberto nos olhos muito azues e luminosos da minha amada<sup>447</sup>, uma encantadora ingleza que hoje é minha, sendo eu tambem d'ella, a pontazinha subtil e odienta de um desconsolado ciume; do qual resultou, mesmo pela noite a dentro, a obsecação de uma mudez fria e ininterrupta, que me varou, nos labios mais que artisticos e mais que roseos do meu idolo. Este idolo, que tu tanto conheces, meu velho, é a preciosa e galantissima filha d'aquella ingleza do *Livro da China*, que um dia me fez doudo por conhecel-a e com que estivestes por horas, não sei em que bella tarde de maio n'uma venturosa palestra. Pois é ella, aquella menina que tu conheceste na tenrice ineffavel dos primeiros dias, e que muitissimas vezes pegastes ao collo, talvez, que pôs hoje de uma tristeza doentia e nevoada o meu pobre coração de artista, onde o amor rebenta em jorros, fresco e crystalino, como as nascentes de um rio.

Ainda mais triste, e muito mais, me estão fazendo, neste instante, os grunhidos saudosos e roucos dos ursos negros que dous saltimbancos miserabilissimos trazem acorrentados à si, junjidos à sua miseria, e fazem dançar lastimosamente, ao som d'uma canção monótona e sombria e do tinir de moédas de folhas de um velho pandeiro, que a magra e filosa mão sacode e põe no ar.

Estou triste, devéras triste e, quem sabe? piégas...mas eu sou assim: muito realista, é verdade [...], mas do que romantico, às vezes...

Paro aqui, meu Cruz. Isto é uma carta... Qual uma carta! Isto é um verdadeiro esguicho de massa encephalica bolorosa e arruinada. Rompe-a, portanto, e crê extensamente uma cousa: eu nunca soube

---

<sup>447</sup> Trata-se de Lilly Primrose, filha de Amalia Primrose.

pensar, nem escrever, nem criar!... O que eu sei - e nisto sou inexecível, admirável, rei - é amar, é não viver, é sonhar!...

Teu do Coração

*Virgilio Varzea.*

22

**Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. Desterro, s. l., s. d. (AMLB/FCRB).**<sup>448</sup>

Oscar e Cruz.

Se for possível a vocês acenderem reclames pela imprensa d'ahi sobre esta historia da mudança de Desterro pra Ondina, é bom. Eu grito alto, a toda a hora, aqui, que essa imprensa do Rio era de falar sympathicamente da idéa. Digam que a cousa partiu da *Tribuna*<sup>449</sup>, elevem os creditos dos deputados Medeiros<sup>450</sup> e Tolentino<sup>451</sup>. O

---

<sup>448</sup> Este documento se situa cronologicamente entre 1888 e 1889 (época em que Cruz e Sousa vivia no Rio de Janeiro junto a Oscar Rosas e que, em Desterro, Virgílio Várzea se ocupava com a campanha pela mudança do nome da capital da província. Provavelmente um pouco anterior à carta de Várzea datada de 16 de outubro de 1888.

<sup>449</sup> *Tribuna Popular*.

<sup>450</sup> *Francisco Luís de Medeiros*: Obteve patente de Alferes da 4ª companhia do 1º Batalhão de Infantaria de São José, Santa Catarina, em 7 de abril de 1857, passando para o 1º Batalhão de Infantaria da Reserva da mesma cidade em 30 de março de 1861. Foi Deputado à Assembléia Legislativa Provincial entre 1888 e 1889. (PIAZZA, Walter Fernando. Op. cit., 1985, p. 335). Ver também: *A Regeneração*, Desterro, 24 out. 1888.

<sup>451</sup> *Francisco Tolentino Vieira de Sousa* (São José, Santa Catarina, 14 de julho de 1845 – São José, Santa Catarina, 14 de fevereiro de 1904): político, advogado provisionado e jornalista. Filho de João Francisco de Sousa e de Maria Clementina Vieira de Sousa. Filiado ao Partido Liberal. Foi deputado à Assembléia Legislativa Provincial de Santa Catarina na 22ª legislatura (1878 - 1879), na 23ª legislatura (1880 - 1881), na 24ª legislatura (1882 - 1883), na 25ª legislatura (1884 — 1885), na 26ª legislatura (1886 - 1887), na 27ª legislatura (1888 - 1889). Foi deputado ao Congresso Representativo de Santa Catarina na 1ª legislatura (1891 - 1893), e presidente da Assembléia em 1891. Foi deputado na Câmara dos Deputados do Brasil, representando Santa Catarina, na 2ª

primeiro autor do projecto, o segundo relator da comissão relativa a elle, que vae dar um magnifico parecer a respeito de vocês.

*Virgilio.*

23

**Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. Desterro, 16/10/1888. (AMLB/FCRB).**

Prezadissimos Cruz e Oscar.

1888 - Ondina, 16 de outubro.

Recebi os retratos formosos de vocês<sup>452</sup>. Espérem a respeito um artigo que com mais descanso hei de traçar na *Tribuna*. Isto intitular-se-á, talvez - *Oscar Rosas e Cruz e Sousa Das tintas de Rembrandt* -.

A tal historia da Ondina venceu a massa publica: cahiu-lhe n'alma, avassallou-lhe o espirito. Esplendido resultado! O Elyseu Guilherme<sup>453</sup>, sempre medroso, apesar de empurrado pelo meu pulso de

---

legislatura (1894 - 1896), na 3ª legislatura (1897 - 1899), na 4ª legislatura (1900 - 1902), e na 5ª legislatura (1903 - 1905), mandato este no qual faleceu, sendo sua vaga ocupada por Luís Antônio Ferreira Gualberto. É patrono da cadeira 13 da Academia Catarinense de Letras. (PIAZZA, Walter Fernando. Op. cit., 1985, p. 545). (Ver também: *A Regeneração*, Desterro, 24 out. 1888; BARBOSA, Renato. *Francisco Tolentino e sua época*. Florianópolis: Assembléia Legislativa de Santa Catarina. Santa Catarina, 1984; GRISARD, Isa Vieira da Rosa. *Carta genealógica de famílias tradicionais de Santa Catarina, (1419 - 1986)*. Florianópolis: FCC Edições, 1988).

<sup>452</sup> Ver anexo 4, figura 6.

<sup>453</sup> *Elyseu Guilherme da Silva* (São José, Santa Catarina, 2 de setembro de 1843 – Rio de Janeiro, 16 de abril de 1928): farmacêutico e político. Filho de William Guilherme Walker e de Basi Lúcia Rosa da Silva. Concluiu o curso de farmácia na Escola Médica de Montevidéu, revalidando junto a Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Exerceu a profissão, de início, em Desterro e Laguna. Filiado ao Partido Liberal. Foi escrivão do Juízo Eclesiástico, vereador à Câmara Municipal de Desterro, da qual chegou a ser presidente. Obteve a patente de Alferes da 1ª Companhia do 3º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional de Laguna em 11 de julho de 1868. Tenente Coronel Comandante do 1º Batalhão de Artilharia da Guarda Nacional de Desterro em 26 de junho de 1880. Eleito

esqueleto de aço; o Elyseu Guilherme, a quem comprometti na questão, emitindo pela *Tribuna*, que te envio, um artigo que lerás, sob o titulo - "O nome desta Capital", ficou com medo e teve escrupulo de apresentar a bomba. Mas, como desde que o meu *Figaro*<sup>454</sup> falou da cousa o publico ficou interessado, juntei-me com o Horacio<sup>455</sup> e o Jansen<sup>456</sup> e fizemos imprimir pelo nosso Lopes<sup>457</sup> 500 cartões de visita, que fôram distribuidos domingo, a meia-noite, com o seguinte: "? - Ondina - outubro de 1888." Depois disso o publico não falou mais noutra cousa. Triumphava a idéa! E hontem, na sessão da Assembléa provincial, o sympathico e espirituoso velhóte, que possúe idéas adiantadas, Luiz de Medeiros<sup>458</sup>, deputado de S. José apresentou o seguinte projecto, lendo e apoiando-o no artigo da *Tribuna* a que me refiro acima: "Fica mudado o nome desta capital, passando-se a chamar, em vez de Desterro, Ondina. Abençoado e glorioso homem! Hontem mesmo fui ao Tolentino, que é um rapaz moderno e evolucionista, me admirando extraordinariamente, segundo tem provado nestes ultimos mezes e pedi-lhe que com a sua

---

deputado à Assembléa Legislativa Provincial entre 1878- 1879, 1880-1881, 1884 -1885 e 1888-1889. Com a proclamação da República, fundou, em Desterro, em 17 de julho de 1890, a União Nacional (mais tarde "União Federalista"), em oposição ao governo de Lauro Muller e em protesto contra a assinatura do tratado com a Argentina, por Quintino Bocaiúva, a propósito do território de "Misiones" ou "Palmas". Deputado à Assembléa Constituinte Estadual entre 1892 e 1894. Presidente da Assembléa nos anos 1892 e 1893. Vice-Presidente do Estado de Santa Catarina entre 28 de julho de 1893 e 24 de agosto de 1893, durante a chamada "Revolução Federalista". Preso na Casa de Correção do Rio de Janeiro por ordem do governo de Floriano Peixoto. Deputado ao Congresso Representativo do Estado entre 1901 e 1903. 1º Secretário do Congresso em 1902. Deputado à Câmara dos Deputados, por Santa Catarina, em 1903-1905, 1906-1908. Deputado federal entre 1924 e 1926. Foi casado com Raquel Aurélia da Luz e Silva, filha de João Pinto da Luz e Maria Amália da Luz. (Cf. PIAZZA, Waleter Fernando. Op. cit., 1985, p. 523).

<sup>454</sup> Alusão ao jornal francês *Le Figaro*.

<sup>455</sup> Horácio Serapião de Carvalho.

<sup>456</sup> Carlos Jansen Júnior.

<sup>457</sup> José Lopes Júnior.

<sup>458</sup> *Francisco Luís de Medeiros*: Alferes da 4ª Companhia do 1º Batalhão de Infantaria de São José, Santa Catarina, em 7 de abril de 1857, passando para o 1º Batalhão da Reserva em 30 de março de 1861. Deputado à Assembléa Legislativa Provincial entre 1888 e 1889. (Cf. PIAZZA, Walter Fernando. Op. cit., 1985, p. 335).

eloquencia e prestígio jogasse a cousa para a frente. Elle disse-me logo: "Sim. Empenho neste questão todo o meu espirito e dignidade. Mas, não se esqueça de vencer a pouca vontade ou medo do Elyseu, que é o chefe do partido liberal, que, pela sua energia e mando, pôde coagir os seus collegas a votarem pelo projecto. Sem elle, talvez, a cousa não triumphe." Corri em seguida ao Elyseu; descompul-o brutalmente, e falei, convencendo-o, com o Horacio e mais seis sujeitos a roda, a noite inteira, sem parar e epilepticamente. Quando sahi, estava morto e faminto.

Apezar de muitos deputados - a maior parte - serem contra a mudança do nome, eu penso que a cousa realisa-se. Estes deputados estão sob o meu vergalho ou bondade e, conforme o caso, lá pelas columnas da *Tribuna* tremem-se, os cães.

<P.S. A Luisa Leonardo<sup>459</sup> chegou. Pum!... O Horacio abraça-te e ao Oscar, assim como o Bittencourt, aquelle menino Lopes, etc. Lembranças de minha familia. Teu e do Oscar de coração. Virgilio Varzea.><sup>460</sup>

<Continúo a tratar, por todos os meios, na *Tribuna* da mudança do nome: relativamente a isso sae uma porção de cousas na edição de hoje a tarde. A *Tribuna* aqui, cada vez que apparece, é procurada com phrenesi: o povo ama-a, apezar de dizel-a audasiosa, canalha e atrevida. O Lopes é que cada vez está mais pobre.><sup>461</sup>

## 24

### **Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. s. l., s. d. (AMLB/FCRB).**<sup>462</sup>

Envio-te retratos meus: ficaram muito bons e me favoreceram muito, porque nelles não ha constelações de sarda, como no original, nem olheiras do estudo. Mas estão, como fora o meu desejo quando

---

<sup>459</sup> Ver correspondência n. 28.

<sup>460</sup> Nota feita pelo autor, inserida às margens esquerda e superior da fl. 1.

<sup>461</sup> Nota feita pelo autor, inserida à margem superior da fl. 2v.

<sup>462</sup> Carta provavelmente datada de 1888 ou 1889. Imeditamente anterior ou imediatamente posterior a carta de Cruz e Sousa citada na correspondência de 16 de outubro de 1888.

abanquei diante da machina: estão ideaes e banhados d'um clarão de phantasia. Não extranhes estar gordo; porque é verdade: estou. Adeus! Dá um delles ao Oscar e abraça-o.

Teu

*Virgilio.*

25

**Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. Desterro, 03/11/1888 (AMLB/FCRB).**

1888. Ondina, 3 de novembro.

Carissimo Cruz.

O portador desta é o nosso bom e querido Bittencourt que vae sortir-se ahi de calçado. Não o largues atravéz desse immenso e ruidoso Rio de Janeiro. Apresenta-o bem ao Gama-Rosa e ao meu valente Oscar; conta-lhes o que vale o Bittencourt e que diamante de coração elle scintillando immaculadamente, jorrando sem descontinuar uma crystalina e grossa torrente de affectos e generosidades. Elyseu e Bittencourt são as unicas cousas boas que ainda por cá andam. Quando elles deixarem isto, a Ondina ficará semelhante a uma terra que já foi viçosa e feliz, mas onde seccaram de uma vez e para sempre todas as lymphas puras e doces que fecundavam e enfloresciam esse bem da vegetação e dos fructos. Tudo o que ha de bom e de puro se esterilizou aqui. Já não ha bons caractéres e o safadismo abre as azas negras e amplas e tapa o Sol, escurece tudo, até a consciencia! Isto vae pouco a pouco virando em Palestina... Tudo arido! E só viceja a Miséria e o Tédio. Desespéro-me por safar-me, safar-me quanto antes, e trotar mundo a fóra, a ver se se preenchem desejos e esperanças, que me crescem no peito alagado de affectos bastamente e como o limo espanejado e verde das fontes. Providencio com afan sobre este caso, e um dia, mosquito ou aguia, hei de esvoaçar para além...

—

A *Tribuna* hoje não presta: está offial. D'aqui por diante não t'a enviarei mais.

Pelo correio te envio os seus ultimos n.<sup>os</sup> já estupidos e cheios de expediente. Nelles encontrarás um escripto lançado às pressas nas margens brancas. Essas linhas dir-te-hão o que tenho feito com relação ao philosopho<sup>463</sup>. Depois de lêl-as vê se encontra a tal respeito alguma cousa do Oliveira Martins<sup>464</sup>, sobre mim ou Gama-Rosa, em alguma folha Portugueza. Depois te falarei com mais descanso. Adeus. Abraços no Oscar e Gama-Rosa. Minha familia envia-te saudades. E o Horacio manda-te saudações e ao Oscar. Beijos meus

*Virgilio Varzea*

26

**Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. Desterro, 10/11/1888 (AMLB/FCRB).**

Ondina, 10 de novembro de 1888.

Cruz.

Tenho recebido sempre as tuas cartas e os jornaes que as acompanham; d'ellas, porém, só não me veio às mãos a que segundo me dizes, escoltava *A Terra*, de Zola<sup>465</sup>.

Em uma dessas queridissimas cartas, talvez a mais preciosa, disseste-me, com justeza e chic, "divino feliz." E é verdade - actualmente, apezar do mau humor e *spleen* que viçam em mim, como o capim nas calçadas ou a hera nas ruinas, mau humor horrivel e desesperador, que me vem só de ter de encher a *Tribuna* e cumprir as áridas obrigações da Capitania; apezar disso, sou, sou perfeitamente, como tu dizes, um "divino feliz". E, divino feliz, eu vou vivendo no meio destas soberbas paysagens catharinenses, no céo de uma casa risonha, em S. Luiz, na Pedra Grande, à beira d'agua, vendo passar de

---

<sup>463</sup> *Philosopho*: referência a Francisco Luís da Gama Rosa.

<sup>464</sup> *Joaquim Pedro de Oliveira Martins* (Lisboa, Portugal, 30 de abril de 1845 – Lisboa, Portugal, 24 de agosto de 1894): político, jornalista e historiador. Autor de *História de Portugal* (1879), *Elementos de Antropologia* (1880), *O Brasil e as colónias portuguesas* (1880), *Portugal contemporâneo* (1881), entre outros.

<sup>465</sup> *A Terra: La Terre*. Romance publicado em 1887, na França.

olhos alegres e peito em festa as azas dos passaros e a navegação das velas - *loving dog* ou *lap dog* acarinhado, cheio de estimação e triumpho no vasto regaço quente e perfumoso de uma rapariga de cabellos de sol, olhos de setim azul-do-céu, labios de romã madura estalada de seiva e braços cariciosos, rosados, clarissimos, com pello de veludo de ouro, valentes e fortes como para eternos abraços - os eternos abraços dos noivados, que duram as vezes 100 annos!

Vivo de amor, vivo de ideal, do fogo e da resplandecencia da carne, de verdadeiras mesquinhas, no pensar de muitos, é certo. Mas, sou supremamente feliz, feliz como um deus ou como uma estrela que vive bem alto, longe, cheia de luz, no Infinito... E certamente ninguem ha no mundo que se me compare agora - nem um rei, nem um sol!

Eu mesmo sou um rei e um sol - dou vida, alegria, encanto e fulgôr à minha amada, à minha bem amada, que é, como sempre foi todo o meu desejo, uma mulher de raça superior, dá unica raça que sabe gosar no mundo e ter valor - a raça britânica, rica, diamantina, cheia de saudade e vigor, sem nervosismos, sem achaques, sem lenço nos queixos, sem callos - só possuindo talento, scintillação e graça. A minha amada, tu a conheces. É a Lilly - uma flôr, flôr da Escocia, côr de rosa e bem desabrochada. É de Callander, que deu origem ao seu nome suave e de prata, uma ilha encantadora, luzente e da côr de uma esperança, sobre os crystaes do Golfo de Lorn, onde se espêlham melancólicamente as sombras angulosas e fortes dos Grampians. Ella possúe-me, domina-me e ama-me profunda, prodigiosamente, com a ostentação, a firmeza e o orgulho de uma mulher que amasse, dominasse ou possuísse um leão. E bem me parece ella uma leã ruiva, porque no seu coração o amor grita e canta alto, robusto e são como um dó de peito, aggressivo e potente nas caricias esfervecetes do sangue... Às vezes, os nossos corações úrram e gêmem nas convusões d'um cíu, voltados um para o outro, chammejantes, eléctricos, a espadanar sangue - ferózes e esmagados contra a grade brônzea do Dever, que tranca os santos dominios do goso... Mas, o mais das vezes, vivemos na doce mudez do embevecimento mútuo, n'uma contemplatividade de affectos bemditos, scismadissimos, no encantamento dulçuroso e divino da saudade do extase - alma escorrendo em alma, caricia em caricia, riso em riso, olhar em olhar!.. E assim passamos - eu e ella - as tardes, as noites até à madrugada, triste hora da interrupção pesada e dolorosa da despedida, entre o leve e triumphal rumor do dia que vem subindo e o canto estridente e alegre de algum passaro que despertava por demais cedo, batido pelas rajadas matinaes das serras.



É uma delicia immensa a minha vida, estendida e socegada por debaixo do Azul, como a vasta toalha d'agua de um lago adormecido entre folhagens brilhantes, que fórmam céu, e de onde pendem, n'um resplandecimento deslumbrador e feérico, os astros de ouro dos fructos.

E todos os dias é isto, é este bem tão bom que eu até nem mereço, este bem seguido e certo como uma série, uma série fulgurante e sem fim de sterlinas e sóes... Não calculas como eu vivo, eu que sou, meu Deus! O que tu bem dizes um divino feliz!

E agora, mais do que nunca, desejo viver, viver muito, por mil homens são, na generosa e potente saude e paz de um leão: ter talento, ter dinheiro - ser Eça de Queiroz e Rothchild<sup>466</sup>, para poder assim bem amar e bem gosar a Lilly...

Mas quem sabe o que será o futuro? Ah! que tédio e horror me dá, crispando-me os nervos a miseria do Incerto, do Inafiançavel, do Imperscrutavel e do que vem! O que será o que vem para o meu e o teu futuro? para o de nós rapazes, entusiastas e fortes, que manejamos uma penna e somos "filhos da Utopia e primos do Ideal"<sup>467</sup>? A que virá de além para mim, para ti, para o Lostada, para o Oscar, o Araujo e o Horacio?!!!. Ó mudez crassa do Zéro, ó resposta enigmatica e negra do Nada!..

— . —

Pelo paquete entrado hontem do Norte, recebi uma carta magnifica e longa do queridissimo dr. Remedios Monteiro<sup>468</sup>, que se refere a ti n'este tópico: "Dê-me noticias do Cruz e Souza. Vae bem na Côrte? Interesse-me sinceramente por tão distincto e intelligente amigo e dóe-me no fundo da alma os preconceitos que naturalmente terá de vencer para occupar uma posição inferior ao seu legitimo merecimento."

---

<sup>466</sup> *Rothschild*: referência à "Casa Rothschild", uma família de banqueiros alemães que, entre os séculos XVIII e XIX, estabeleceram a mais poderosa dinastia de especuladores financeiros da Europa.

<sup>467</sup> *Filhos da Utopia e primos do Ideal*: citação de um dos versos do poema *No chiado*, do português Guerra Junqueiro (1850-1923): "Sinto-me triste. A aurora ingênua desabrocha / Na candura do azul, como uma rosa enorme. / E, enquanto o meu vizinho (um brasileiro) dorme / Fazendo variações no cornetim nasal, / Eu filho da Utopia e primo do Ideal / Tenho estado rimando esta canção florida, / Que seria melhor, não sendo tão comprida." Esta composição faz parte do livro *A musa em férias*, de 1879.

<sup>468</sup> Joaquim Remédios Monteiro. Abolicionista catarinense. (Cf. *A Regeneração*, Desterro, 30 mai. 1888 e correspondência n. 28).

Que bello e santo homem, hein? Vê-se-lhe escrever d'ahi, e si puderes envia-lhe um dos retratos que tiraste com o Oscar, acompanhado de uma bôa dedicatória. Elle se rejubilará profundamente com isso.

Não tenho mais tempo, e esta já vae bem grande. Escreve-me tu extensamente, como às vezes costumás: tens tempo p.<sup>a</sup> isso. Eu não! Sou um atormentado e estou no vicio e na preguiça de só escrever p.<sup>a</sup> todos em margem de jornal. Além disso, como já sabes, ha seis mezes, pensa, tenho todas as tardes e noites tomadas... Nunca visito ninguém, nem mesmo vou à *Tribuna*, como dantes. Para esta, só rabisco algumas linhas sómente na Capitania. O mais, não. Adeus! lembranças de minha familia e do Horacio.

Teu amigo

*Virgilio Varzea.*

27

**Carta de Carlos Jansen<sup>469</sup> a Cruz e Sousa. Desterro, 11/11/1888 (AMLB/FCRB).**

Suavissimo Cruz.

---

<sup>469</sup> *Carlos Jansen Júnior* (Rio Grande do Sul, 1860 (?) – Rio de Janeiro, ??): militar. Filho homônimo de um então famoso escritor, político e professor que veio para o Rio Grande com os alemães de elite para servir na Guerra do Prata (1851-1852). Durante a década a década de 1880, mudou-se com a família para Desterro. Foi amigo de Cruz e Sousa, Virgílio Várzea e de outros jovens republicanos e abolicionistas. Casou-se, em 1889, com Aurélia Isabel, segunda irmã de Virgílio Várzea, tendo como um dos padrinhos o chefe liberal Eliseu Guilherme. Alferes, em 1892, foi (na mesma ocasião em que Olavo Bilac), um dos presos e deportados para o Norte do país por ordem de Floriano Peixoto. Após o incidente, seguiu com a carreira militar aonde chegou ao posto de General do Exército. (Cf. BARBOSA, Ruy. *Os actos inconstitucionaes do Congresso e do Executivo ante a Justiça Federal*. Rio de Janeiro: Companhia Impressora 7, 1893. p. 153 e LAYTANO, Dante de. *Pequena história de uma próspera colônia*. In: SULLIANI, Antônio (Org.). *Etnias e carisma*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001).

A tua primeira carta foi, para mim, a cousa mais extraordinária e vibrante que tenho experimentado, e, sinceramente, te garanto que ainda me sinto sob a benéfica impressão da profunda manifestação de affecto que, espontaneamente, me consagras e que jamais conseguirei retribuir.

Não te enganaste, meu bom amigo, em dizer que vives bem no meu coração, porque n'este, existe um mundo pequeno, ideal e cheio da luz limpida e serena de uma manhã eterna; - mundo de harmonia e de côres raras onde se destaca, scintilante, a constellação dos meus amigos, na qual figuras, com uma rara variação de cores ofuscantes e finas, como estiletos.

À ti, adorado bem, prende-me a pureza immaculada do teu caracter de homem excepcional, recto e integro na lealdade de todos os actos que pratica, por isso é que, só procurando os da tua tempera, abro-te, franca e affectuosamente, as portas da minha alma, e convido-te à que entres sem receio, como no teu quarto de trabalho; - n'esta encontrarás, sempre, um lugar, onde, entre arminhos, possas sem cuidados adormecer profundamente à guarda de um coração dedicado e que te quer.

Deixei de te escrever pelo vapor passado porque queria dar-te duas satisfações: noticias minhas e participar-te que, à 5 do corrente, pedi a Aurelia<sup>470</sup> em casamento. Me perguntarás, como?... e a Felippa? Ao que te responderei que esta se foi, estando eu, portanto, livre e desembaraçado.

Um favor me farás, queridinho, e esse é que não te refiras à este pedido, enquanto o Virgilio não t'o participar por carta. Tenho muito receio de uma indiscrição que venha me indispor com esse que vae ser meu cunhado e à quem adoro pelo talento e pelo coração.

Escreve-me em separado, com direcção à Inspectoria das Terras e Colonização, e fala-me d'esta, tu que a conheces e que a estimas tambem, porque esta é digna da affeição de todos e da minha adoração eternamente intensa e duradoura. Quaes? quero que me digas que sou feliz, muito feliz, e que todos os maridos devem invejar a minha ventura e, ainda mais, que esta é a unica e mais virtuosa das mulheres.

---

<sup>470</sup> Aurélia Isabel Várzea (Nossa Senhora do Desterro, 1868 - Rio de Janeiro, a 16 de agosto de 1951): segunda irmã de Virgilio Várzea. Estudou no Liceu de Artes e Offícios, em Desterro. Casou-se com Carlos Jansen Júnior. (Cf. VÁRZEA, Affonso. Álbum de memórias de Virgílio Várzea. *Anuário Catarinense*, Florianópolis, ano 6, p. 114-117; VÁRZEA, Affonso. Um depoimento histórico da irmã de Virgílio. *Anuário Catarinense*, n. 7, p. 132-138, 1954).

Escreve-me.

Todo o meu coração a ti, meu bom Cruz.

*C. Jansen Jr.*

Ondina - 11 - 11 - 88.

28

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. Desterro, 11/12/1888.  
(AMLB/FCRB).**

Ondina, 11 de Dezembro - 88.

Adorado Cruz.

Ha muito tempo que não escrevo te nem uma linha, mas isso por motivos de saude de minha familia, e pelo trabalho que tenho tido com a publicação de *Madrigaes*. A minha vida estes ultimos dias tem sido a mais atrapalhada. A impossibilidade deste povo para com o meu livro, cada vêz mais me acentúa no espirito o desejo que nutro em sahir desta lama. Se arranjei algumas assignaturas foi preciso pedir, pedir como um mendigo; e disso resultou e resultará ainda bôas bofetadas.

Contudo, o meu livro sempre teve a felicidade, taes foram os esforços empregados, de entrar para o prelo; e, no mez de Janeiro, impreterivelmente, sahirá a correr mundo. Junto ao teu nome, na primeira parte, colloquei o do illustrado Dr. Joaquim R. Monteiro. Fiz bem? Creio que sim. Esse homem é digno do nosso affecto. Recebi e agradeço os retratos teu e do Oscar. As dedicatorias enclaram-me de sol, deram-me coragem. O vapor está a sahir. Adeus! Beijo-te a testa!

Abraça o Oscar.

Teu amigo

*Araujo Figueiredo*

<(Como vae a Luiza Leonardo?)><sup>471</sup>

---

<sup>471</sup> Nota inserida pelo autor, à margem superior da fl. 2.

**Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. Desterro, 03/01/1889 (AMLB/FCRB).**

Ondina, 3 de janeiro de 1889.

Presadissimo Cruz.

Escrevo-te com pulso tremulo, triste, n'um dismantellamento dolorisissimo de affectos. A Lilly e a Mãe<sup>472</sup> embarcaram hoje para ahi. A noite passada gastei-a toda ao lado dellas, sobretudo d'Ella, contando-lhe os saltos, as saudades, os desesperos e angustias que d'alli por diante ia ter o meu coração, que a sua presença, os seus olhos, os seus labios tanto haviam illuminado e enfestecido até então, e que agora ficaria completamente apagado, soturno e negro, na pungentissima viuvez do Ideal... *Broken heart! Broken heart!*..

Meu Cruz, meu crystalinissimo amigo, não imaginas a paixão immensa, fogosissima e potente de leão amoroso que me prende e ha de prender-me eternamente à Lilly. E como Ella a merece, meu Deus!.. Meu Cruz, estou afflicto, escangalhado, succumbido com esta partida da Lilly, depois de 7 mezes, dourados e cheios de esplendor, passados junto aos seus joelhos, ao seu vasto collo de Deusa, banhado da seda de sol dos seus cabellos e ébrio do vinho do Amor, que eu bebia azul pelos seus olhos de ceu. E quantas, e quantas vezes, sob as caricias finas e dolces das suas mãos de setim rosado, o meu espirito e a minha alma olympica, passaros de sangue das madrugadas vivas do Sul, não se perdiam cantando pela brancura infinita e faiscante dos Sonhos e das Phantasias...

Mas... chega de romantismo. Tornemo-nos mais practicos. Como vaes tu por ahi? O que fazes? o que projectas? o que tens em idéa? ó brilhante dos espiritos notaveis d'esta epoca, grandiosa de Arte, profunda de Conhecimentos, e que se pode chamar geralmente, absolutamente epoca de Gama-Rosa... de Eça de Queiros... A proposito, estou lendo *Os Maias*<sup>473</sup>, um livro que glorifica todos os

---

<sup>472</sup> Lilly Primrose e Amalia Primrose.

<sup>473</sup> *Os Maias*: romance do escritor português Eça de Queirós publicado, no Porto, em 1888.

paizes do mundo, o Homem, a Terra inteira e o Espaço. O Eça com o Gama-Rosa são os únicos homens que sabem fazer livros, fazer astros. Muito e muito te hei de falar depois do Eça. Por ora fico n'isto. Adeus.

Procura sempre a Primrose e a Filha, que é o meu unico ideal neste Mundo e a unica mulher a quem tenho positiva, virginal e santamente amado. Falla-lhes de mim, de mim, sempre de mim. Torna-me ante os olhos d'Ella um principe de ouro e incomparavel.

Uno o meu coração ao teu.

- *Virgilio Varzea.*

30

**Carta de Cruz e Sousa a Virgílio Várzea. Rio de Janeiro, 08/01/1889).**<sup>474</sup>

Corte, 8 de janeiro de 1889.

Adorado Virgílio

Estou em maré de enjôo físico e mentalmente fatigado. Fatigado de tudo: de ver e ouvir tanto burro, de escutar tanta sandice e bestialidade e de esperar sem fim por acessos na vida, que nunca chegam. Estou fatalmente condenado à vida de miséria e sordidez, passando-a numa indolência persa, bastante prejudicial à atividade do meu espírito e ao próprio organismo que fica depois amarrado para o trabalho.

Não sei onde vai parar esta coisa. Estou profundamente mal, e só tenho a minha família, só te tenho a ti, a tua belíssima família, o Horácio e todos os outros nobres e bons amigos, que poucos são. Só dessa linda falange de afeições me aflinge estar longe e morro, sim de saudades. Não imaginas o que se tem passado por meu ser, vendo a dificuldade tremendíssima, formidável em que está a vida no Rio de Janeiro. Perde-se em vão tempo e nada se consegue. Tudo está furado, de um furo monstro. Não há por onde seguir. Todas as portas e atalhos fechados ao caminho da vida, e, para mim, pobre artista ariano, ariano sim porque adquirir, por adoção sistemática, as qualidades altas dessa grande raça,

---

<sup>474</sup> SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 642-644.

para mim que sonho com a torre de luar da graça e da ilusão, tudo vi escarnecedoramente, diabolicamente, num tom grotesco de ópera bufa.

Quem me mandou vir cá abaixo à terra a calceta da vida! Procura ser elemento entre o espírito humano?! Para quê? Um triste negro, odiado pelas castas cultas, batido das sociedades, mas sempre batido, escorraçado de todo o leite, cuspidado de todo o lar como um lebroso sinistro! Pois como! Ser artista com esta cor! Vir pela hierarquia de Eça, ou de Zola, generalizar Spencer<sup>475</sup> ou Gama Rosa, ter estesia artística e verve, com esta cor? Horrível!

És um coração partido, acabo de saber pela tua chorosa carta. Broken heart! Broken heart!

A tua Lilly emigrou, doce pássaro d'amor, para esta tumultuosa cidade.

Hoje vou vê-la e à mãe e as flores que elas espalharam pela tua lembrança e pelo teu coração, eu farei com que cheguem ainda vivas e cheirosas junto de ti. Quero ver como essa avezinha escocesa trina de amor e saudade...

Adeus! Saudades infinitas à tua encantadora família, e que eu lhe desejo bons anos de ouro e de festas alegríssimas no meio da mais soberana das satisfações.

Abraços no celestial Horácio, no Araújo, no Jansen e no digno Lopes da nossa *Tribuna* e no excelente e adorabilíssimo Bithencourt.

Veste o *croisé* e vai, por minha parte, apresentar pêsames sinceros e honestos às tuas Exmas. primas, pela morte do cavalheiro, do limpo homem de distinção José Feliciano Alves de Brito.<sup>476</sup> Não te

---

<sup>475</sup> *Herbert Spencer* (Derby, Inglaterra, 27 de Abril de 1820 – Brighton, Inglaterra, 8 de Dezembro de 1903): filósofo evolucionista e um dos principais representantes do pensamento liberal clássico na Inglaterra do século XIX. Autor de *First Principles* (1862), *The Study of Sociology* (1873, 1896), *The Man versus the State* (1884), entre outros.

<sup>476</sup> *José Feliciano Alves de Brito* (Nossa Senhora do Desterro, Santa Catarina, 30 de agosto de 1830 – Nossa Senhora do Desterro, 1º de janeiro de 1889): comerciante e político. Era irmão de Luiz Alves de Brito, avô materno de Virgílio Várzea. Realizou os estudos primários em Desterro. Em 1858 se mudou para o Rio de Janeiro, onde participou da firma “Pacheco, Brito e Cia”. No ano de 1865, voltou à Desterro, dedicando-se à atividades comerciais no ramo da navegação, fazendo linha entre Rio de Janeiro e Buenos Aires, com escalas em Desterro, porto Alegre e Montevideú. Foi sócio do Visconde de Mauá no negócio de exploração de minas de carvão, e do Barão de Capanema, na exploração de minhas de ferro. Foi Cônsul do Uruguai em Santa Catarina. Obteve patente de 2º tenente da 3ª Companhia do Batalhão de Artilharia de

esqueças. Honra-me por esse modo delicado e gentil. Abraça-te terrivelmente saudoso.

*Cruz e Souza*

31

**Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. s. I., 13/01/1889 (AMLB/FCRB).**

13 de janeiro de 1889.

Carissimo Cruz.

Chegou-me a tua carta de 8. É verdade o que dizes. A ti, que possúes tanta alma, tanto espirito e tanta arte, te deve fatigar, ennojar decerto profundamente, como a mim esta terra obtusa e triste em que vivo e em que desespero, mas em que nascemos, - essa Côrte, em que estás agora, pobre, incompreendido e sem posição, essa Côrte de chatêz, de safadismo, luxo pôdre e massa sebácea, onde muita gente suppõe saber andar, ler, escrever, comer, vestir e viver bem, mal sabendo entrar n'uma cacheira, sentar-se à latrina, ou phrasear coma mais réles fêmea portuguesa da rua de S. Jorge<sup>477</sup>, encarcassada,

---

Desterro, da Guarda Nacional, em 17 de junho de 1850. Capitão Secretário-geral do Comando Superior de Desterro, São José e São Miguel, em 14 de setembro de 1854. Major Ajudante de Ordens do Comando Superior de Desterro, em 26 de setembro de 1867. Tenente-Coronel. Chefe do Estado Maior do Comando Superior dos municípios de Desterro, São José e São Miguel, em 3 de julho de 1872. Foi deputado à Assembléia Legislativa Provincial em 1862-1863, Suplente de Secretário da Assembléia em 1862, deputado provincial em 1872-1873, 1874-1875 e Vice-Presidente da Assembléia em 1874-1875. (Cf. A FAMÍLIA Alves de Brito. Disponível em <<http://www.geocities.ws/alvesdebrito/historia.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2014; PIAZZA, Walter Fernando. Op. cit., 1985, p. 113).

<sup>477</sup> *Rua de S. Jorge*: A antiga Rua de São Jorge, atual Gonçalves Ledo, no centro da cidade do Rio de Janeiro, era conhecida, no final do século XIX, pela pobreza e pelos seus tipos marginalizados. Entre eles, capoeiras, portuários e prostitutas (muitas delas, mulheres escravizadas, libertas ou imigrantes). (Cf. COARACY, Vivaldo. Memórias da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1955. p. 92; EDMUNDO, Luís. Op. cit. p. 511).



chagada, imunda. A Côrte é uma pocilga, comparada com Londres, com Paris, com Berlim, e, para mais miseria, até com a fedorenta Lisboa, que o Eça heineana<sup>478</sup> e poderosamente fulmina no formidável e incomparável livro dos *Maias*, uma das maiores construções literárias deste Século. Desejava poder ter contígio, ir por aqui à fora, com cousas erguidas e fôrtes, na égua luminosa e louca da originalidade. Mas, não posso. O desespero terrível da Santa Amada ausente, me enche todo de desasocôgo e moléstia. Sou um verdadeiro doente. Próstra-me uma grande e soberana tristeza... Talvez Pöe, que era um nevrótico do Espirito, um medonho galé da dôr, com a mulher desfalecida, regelada e finda nos braços, negrumando-lhe p.<sup>a</sup> todo o sempre o céu da Ventura e do Sol, não se achasse mais convulsivamente rebentado e morto em suas fibras intimas que eu, que jazo hoje, leão uivante, n'uma troviscosa e abysmante viuvez de affeições. Não falo das affeições da Familia, nem das que me arrócham a ti, ao Oscar, ao Gama-Rosa, ao Lostada, ao Horacio, que são as mais santas, as mais infalháveis e eternas, sem serem, entretanto, e por isso mesmo, as mais violentas, as mais desordenadas, idealisantes e estonteadoramente vorases, que chegam a quebrar faiscas no peito e na alma; essas, eu sinto-as, sinto-as vigorosamente, alentando, enseivando, e enflorescendo, como as grandes raizes de um roble, a nova, mas já quasi gasta e agitada arvore do meu organismo de rapaz, que, agora, um vendaval frígido de paixão sacóde e crésta. Mas, falo das outras, das que tu já conheces, das que me faziam nascer sóes no peito e mundos de esperança que rolavam muito alto nos Sonhos, nas Alegrias, nas flôres e na luz de ouro infinita do céu. Falo das afeições que, com o meu sangue, o meu talento e os meus nervos, fizéram um tecido de aurora que envolveu o meu coração, fundindo-o, - quem sabe! - talvez para sempre ao coração virginal de uma mulher que, pela primeira vez, amou e cantou e gemeu e chorou commigo... A Lilly levou o meu coração, levou-o felizmente, ou infelizmente, talvez; mas, levou-o, porque eu o não sinto mais palpar no Ideal, na Phantasia e na Luz! Sinto-o, apenas, com indiferença e tédio, na pancada estúpida de relógio da Vida, na pancada regular da Materia Organica que aspira, na pancada vigilante da lama humana que sente e só descontinúa na Morte!.. O mais, não! O mais, parou... E tanto

---

<sup>478</sup> Christian Johann Heinrich Heine (Düsseldorf, Alemanha, 13 de dezembro de 1797 – Paris, França, 17 de fevereiro de 1856); poeta romântico. Autor de *Buch der Lieder* ("Livro das canções", 1827), *Atta Troll – Ein Sommernachtstraum* ("Atta Troll - sonho de uma noite de verão", 1847), *Romanzero* ("Romanceiro", 1851), entre outros.

que já não posso, como d'antes, nem poderei jamais, sentir e vêr sumir-se e apagar-se, a todo o momento, com induradura tristeza, na extinção da luz, por estes meus annos de mocidade fremente, os astros de amor que juncavam outr'ora o meu vivêr, e que ao desaparecerem pareciam levar nos seus raios toda a minha alegria e saude, mas que d'ahi a pouco resurgiam mais claros, radiantes e doces que os outros, e que tambem, a seu turno; morriam. E assim era eu - um alegre, um são, um feliz. Hoje não! Hoje sou um doente, e só tenho um grande vasio no peito de onde não sae mais nada, não se ergue mais nada, e em cuja negra vas tidão lamentosa e lugubrememente o corvo da saudade esvoaça e crucita: *Never more! Never more!*<sup>479</sup>

E de tudo isso que me allúe, e que contra a terra me abate, sae-me, resaltando no alto, o pavor sinistro do perdimento da força mental creadora, que me parece agora estiolada e fallecida... A esterilidade bateu-me, venceu-me como um cossaco russo que atira uma lançada a um peito. Não produzo mais, não colho mais, não semeio mais, porque não nasce. Cessou o veio crystalino do espirito. Agora procuro o dinheiro, explóro as jazidas de Ouro... Rico, rico é o que eu quero ser!... Mas, ólho p'ra ti, leio mil vezes as tuas cartas, e.. chóro, chóro desnorteadamente. E vêm-me à idéa visões sinistras, o pensamento, talvez bem certo, de que nunca seremos nada, nunca! E effectivamente eu, tu, o Lostada, o Oscar e o Horacio o que viremos a ser no futuro, neste paiz torpissimo das nullidades, da farinha de pau e das bananas? E mesmo no mundo o que vale a Intelligencia? O que valem Zola e Eça, si são ainda contestados por duas terças partes dos povos???. . . . .

Adeus. Abraços virís.

*Virgilio Varzea.*

P.S. - Escreve-me sempre, sempre. Não me deixes morrer agora, tu que só sabes fazer o bem.

## 32

---

<sup>479</sup> *Never more! Never more!*: citação do poema *The raven* ("O corvo"), do escritor estadunidense Edgar Allan Poe (Boston, Estados Unidos, 19 de Janeiro de 1809 – Baltimore, Estados Unidos, 7 de Outubro de 1849). O poema foi publicado pela primeira vez em 1845 e teve várias traduções, incluindo as de Charles Baudelaire, Mallarmé e Machado de Assis.

**Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. s. I., 14/01/1889  
(AMLB/FCRB).**

14 de janeiro de 1889.

Queridissimo Cruz.

Recebi a tua carta de 8. Com mais tempo te escreverei longamente; agora não posso. Entréga as cartas juntas à D. Amalia Primrose<sup>480</sup>, porque ignoro onde móra e o n.º da casa.

Hontem estive com tua mãe e teu pae duas horas, talvez. Teu pae está velhinho, mas bom; tua mãe rija e direita. Palestrei sobre ti com elles sofregamente, como se te esperasse ver entrar de repente ali. Dei, por ti, pezames à familia Brito<sup>481</sup>. Desvaneceram-se muito com essa tua gentileza, e agradecem.

Isto aqui, dia a dia, ordinarisa-se mais. Já nem tenho jeito p.<sup>a</sup> viver. De repente embaraço-me aqui sem destino, p.<sup>a</sup> ahi, para todos os pontos do mundo, que sei eu!

Estou farto de choldra, meu Cruz, estou farto.

Esta terra está abaixo da merda e o seu povo muito mais ainda.

Não sei em que irá parar isto.

E não appareceu um terremoto p.<sup>a</sup> acabar com este chiqueiro!  
Miséria!...

Adeus.

Deito-me nos teus braços

*Virgilio Varzea.*

33

**Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. s. I., 11/02/1889  
(AMLB/FCRB).**

11 de fevereiro de 1889.

---

<sup>480</sup> Mãe de Lilly Primrose.

<sup>481</sup> Cf. correspondência n. 30.

Carissimo Cruz.

Foi no domingo, 10, à noite, que recebi a tua carta de 4.

Volvia de um passeio à Praia de Fóra<sup>482</sup>, do Garcia, um recanto beira-mar socegado e feliz, onde, sentado sobre as pedras, eu Robinson<sup>483</sup> abandonado, meditava longas horas a Natureza e o Mundo, e abria e estendera amplamente, infinitamente, para todos os cantos da terra e do mar os velludos singulares, de ouro e azul nunca vistos, da minha imaginação, velludos em que paira, vive e fluctúa eternamente a Lilly com os céos incom paraveis dos seus olhos, os fios musicaes dos seus cabellos d'estrellas e as auroras abertas da sua carne de mocidade e de amor.

Penetrei em casa; e, ahi, de recolhida ao meu quarto, fechadas as communicações, a janella aberta para um céu calmo e cinzento, eléctrico e felposo, que me punha na pelle uma quentura espinhosa de baêta espêssa - estirei-me na cama, ainda vestido, com o coração aos saltos, sedento de ouvir da Lilly, sedento de ouvir da tua alma, - e abri a tua carta à chamma clara da spermacéti<sup>484</sup>, que ardia à minha cabeceira. E então li, li e li o teu espirito, n'um encantamento de saudade e goso divino, ininterruptamente, até à madrugada, desviando apenas os olhos para a atração luminosa de uma estrella loura, que, nas abertas das nuvens - dadas d'istante a instante - sorria para mim, curiosa, immaculadamente, n'uma palpitação, rondando do Azul e os vidros da minha janella.

Anhelante e nervoso, levantei-me, despi-me; e como do grande funcionar do cerebro, a dispersar por todas as cellulas a tua carta, me

---

<sup>482</sup> *Praia de Fora*: antigo arrabalde na Baía Norte de Nossa Senhora do Desterro. A rua da Praia de Fora, via principal que seguia em paralelo ao mar, corresponde atualmente às ruas Almirante Lamego, Bocaiúva e Demétrio Ribeiro, no centro de Florianópolis. (Cf. VEIGA, Eliane Veras. Florianópolis: memória urbana. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008. p. 263).

<sup>483</sup> Robinson: alusão a Robinson Crusoe, protagonista do romance homônimo escrito por Daniel Defoe (Londres, Inglaterra, 1660 – Londres, Inglaterra, 21 de Abril de 1731). Publicado originalmente em 1719, na Inglaterra, *Robinson Crusoe* é a autobiografia ficcional do personagem-título. No caso, um naufrago que passou vinte e oito anos em uma ilha tropical isolada da Europa.

<sup>484</sup> *Spermacéti*: espermacete (do latim *sperma*, esperma ou semente, e *etus*, baleia), também designado por “cetina” ou “cetila”. É uma substância branca extraída do cachalote e outros cetáceos. Foi muito utilizada, no século XIX, como matéria prima de produtos como cremes, ceras, sabões, bem como na fabricação de velas.

viésse uma insoceguidão e um esbraseamento apoplético, ao mesmo tempo que, fóra, se levantava um lufar de ventos - fui à sacada, em pelle, banhei-me intensamente na noite.

Mas qual! joguei-me aos lençóis no mesmo. Fechada a vidraça, a estrella, que se houvera sumido um momento, reapareceu de novo. E foi ella, então, que, pesando muito esplendôr sobre os meus olhos, com a tremura forte da sua luz embalante e dourada, me adormeceu serena e deliciosamente, como se eu sentisse sobre o meu coração a cabeça amada e fulgurosa da Lilly... Depois, uma abatida rutilante de sonhos e pedrarias preciosas rolou de muito alto pelo meu peito dormente... Tive um acordar feliz; e soube, como nunca, nessa manhã, cantar phrases esplendidas à minha Familia, ao Horacio, a todos!

À noite, porém, começando a medir, pela Realidade immutavel e fiél das Cousas, o meu destino e vida, as possibilidades de ventura que me occórrerem, a realização loucamente desejada da minha união com a Lilly - succumbi, aluí para um canto, desmantelado e prostrado...Bailou-me, então, na idéa, tyranica e diabólicamente, o Impossivel, o Irrealisavel, a Morte!...

Mas, por um esforço supremo e brutal da vontade, ergui-me mais heroe e mais homem dessas negruras de sorte má, limpido, desennevoadado e contente, e, como quem se atira ao Mar para lavar as maguas e a sujidade humana, voltando n'um vigôr olympico e pagão assombroso, assim eu, meu amigo, joguei-me ao mar das esperanças, joguei-me ao mar do Ideal....

Sinto-me forte, sinto-me grande. A Lilly arrasta-me dominadoramente para ahi, para a lucta, para o fogo... A affeição de vocês, - tua e do Oscar - refulgentissima e profunda, heroica affeição de companheiros d'armas do mesmo valor a postos, com a mesma linha de Coração e Espirito, concita-me a partir tambem.

E eu vou. Com o braço forte, o Talento e a Coragem a me resplandecerem no peito, a espada da Justiça e do Direito na mão - preciso demolir, preciso vencer.... Esperem-me. Eu vou.

Até lá!

Cruz, abraços ao Oscar e ao Gama-Rosa.  
Lembranças do Horacio.  
Saudades de minha familia.

Encósto-me ao teu coração, passo-te as palpitações do meu.

**Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. Desterro, 05/03/1889 (AMLB/FCRB).**

Ondina, 5 de março de 1889.  
Às 10 da manhã.

Carissimo Cruz.

Na hora em que te escrevo, vae em caminho do cemiterio, por um sol d'oiro, um oblongo caixãozinho azul coroadado de flôres, onde vae deitada e sorrindo, na "lyrial castidade das mortas", como diz o Salamonde<sup>485</sup>, a Justine Touchaux, adoravel e graciosa menina que enchia de gorgeios e encantos o alegre e pequeno café de provincia, desta cidade, que tem nome tão doce e tão quente de sua mãe, o - Café Touchaux -, onde tantas e tantas vezes nos reuníamos a cervejar e a palrar, eu, tu e o sempre chorado e lembrado Arão<sup>486</sup>.

A Justine Touchaux morreu hontem, à tarde, de uma febre que, a principio, a prostrava brandamente no leito, na serenidade das molestias leves, mas que depois a sacudira e agitava nas convulsões e nos delyrios supremos e angustiosos do typho - assim um vento largo de planicie verga e deita para traz docemente, sobre a palha fôfa, a loira espiga do trigo, que floresce, e uma rajada mais forte, que de repente se assanhou e torceu, vinda dos altos ares revoltos das Serras, estala e parte a tenra haste!

---

<sup>485</sup> Eduardo Salamonde (Portugal, ?? – Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1947): Jornalista e escritor. Publicista republicano. Diretor do *Diário Mercantil*, de São Paulo. (Cf. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, nov. 1947; SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., 1977, p. 325, 335, 340, 383, 526).

<sup>486</sup> Arão Ramos (??, c. 1865 – Nossa Senhora do Desterro, Santa Catarina, 5 de maio de 1887): caixeiro de vendas, jornalista e escritor. Participou da campanha abolicionista em Desterro e da chamada “Guerrilha Literária Catarinense”. Faleceu de tuberculose. O livro *Traços Azuis* (1884), de Virgílio Várzea, é oferecido a ele. Já o poema *Light and shade*, de Cruz e Sousa, é dedicado à sua memória. (Cf. SOUSA, João da Cruz e. *Light and Shade. A Regeneração*, Desterro, 28 maio 1887; SOARES, Iaponan. Op. cit., 1988, p. 33; VÁRZEA, Virgílio. *Traços azuis*. Desterro: Imprensa Oficial, 1884).

Esta encantadora e preciosa menina, que era delgada e alta como uma palmeira dos Areiães em cujo olhos formosos eu descobri sempre a divina translucidez das alvoradas e dos céus azues do Oriente, além de todos os seus fascinantíssimos encantos que artisticamente, fartamente bebi e adorei pelo cerebro - tinha mais a originalidade e a belleza ideal de ter nascido no Egipto, em Tantah, a terra das mesquitas, d'onde se avistam as melancolicas ruinas de Thebas, as angulosas e magestosas Pyramides, tudo o que apregôa e celébra emfim a remontada e alta Antiguidade Pharaonica.

E a tão linda Justine, agora, deitada n'uma nesga de terra, junto ao mar azul e manso da Arataca, cá tão longe, no Ossidente, no littoral florido e rico da America do Sul, me parece como um grande thesouro enterrado, uma reliquia morta, que das bandas do Sol viéra mostrar aqui, entre nós, aquellas preciosidades e rutilancias de linhas, e de olhos, das idealisadas e tentadoras Descendentes das sagradas e luminosas styrpes de Cleopatra e das virilizadas e poderosas Rainhas batalhadoras de outr'ora. E, cada vez que a via, agora, completamente moça, desenvolvida e têsca e delgada, carregada de orgulho, como uma antiga Princeza feudal, de nariz alto e uma grandeza nobre de estatura invejavel, n'uma auréola d'esplendor, eu, Artista venerante e nervoso, espicaçado pela nevróse constante da Originalidade, evocava fulgurantemente na idéa as lendarias e ostentosas Figuras aclamadas, cheias de poder e de força, das Semiramis<sup>487</sup> e das Sabás<sup>488</sup> vencedoras, de pé, sobre os seus carros de soberanos triumphos, n'uma levada de clarins, na victoria final das Batalhas!..

Mas, eu vou falando de mais da Justine... pobre creança morta!...

E a Lilly, meu Cruz, a tão amada, a tão lembrada e sonhada Lilly?.. As tuas cartas que me falam da Lilly, da encantada e loura Lilly, que me põe de ouro o coração e o destino, que faz atirar-me à todas as luctas, à todas as aventuras e brios, deslumbrado e heroico, sem medo da Morte e da Fatalidade esmagadora de todas as contingencias do mundo; as tuas incomparaveis cartas, que só me falam d'Ella - eu guardo-as, guardo-as febrilmente, avaramente, veneradoramente no peito e no

---

<sup>487</sup> *Semiramis*: rainha mitológica que segundo as lendas gregas e persas reinou sobre a Pérsia, Assíria, Armênia, Arábia, Egipto e toda a Ásia. Ainda, segundo a tradição, teria sido também a fundadora da cidade da Babilônia, bem como a responsável pela construção dos seus jardins suspensos.

<sup>488</sup> *Sabás*: alusão à Rainha de Sabá, personagem bíblica que, segundo a Torá e o Velho Testamento, teria sido a soberana de um antigo reino situado no que é hoje a Península Arábica e o Leste da África.

espírito, como guardo a propria imagem da Lilly e a de minha Mãe; minha Mãe que tem tido eternamente da Sorte uma hostilisação de bayoneta e de lanças enristadas!...

Venéra a Lilly, meu Cruz, dá-lhe toda a tua religiosissima idolatria de Pagão; e espera, espera que irás ver em breve, quando eu ahi chegar, como se morre e soluça e canta de amor no collo de uma olympica e formosa mulher conquistada.

---

Abraça o Oscar, por mim, abraça o Gama-Rosa.

A minha mão na tua, o meu coração no teu.

*Virgilio Varzea*

35

**Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 23/03/1889 (AMLB/FCRB).**

Adorado amigo.

23 de Março de 1889.

A minha eterna saudade ainda te agita o seu lenço branco molhado de pranto. Cada vez mais cresce esse desejo de te ver, essa falta de ter-te ao pé de mim.

Quando domingo, 17, cheguei de volta a bordo, ao caes, ia sahindo a paquete que te levava e pelas portas dos velhos armazens que deitam para o mar, eu, de bond, acompanhei a marcha do vapor até sumir-se elle barra fóra. Parecia-me impossivel que tu tivesses partido, por momentos julguei que a minha familia houvesse sido exilada e que eu cá ficasse n'uma separação eterna. Mas obrigado a acreditar na verdade à força de logica, rebellei-me contra ti: corri a praia, quasi entrei n'agua, e com a ferocidade tragica e ululante de seissentos milhões de avós barbaros e feroses, eu, por atavismo, desejei todos os temporaes possiveis para o teu vapor, todas as refregas e todas as desgraças, e atirei ao mar duendes fantasticos de adjectivos infernaes, com pés de satyro e cabeça de tritão, onde tu eras aquarellado como o sapo mais hydroptico



da criação. Mas o oceano tem balsamos e toda joalheira dos crinos das ondas, rasgadas de encontro as escadas de pedra e as baías do caes, trouxe-me um certo lenitivo e o meu odio voou então, como um bello corvo, de ti para o philosopho intransigente dos Tiros.

.....

E rosnando como uma cadella faminta, mandei fazer um *beef* colossal na praia do Peixe e atolei-me todo, porque, não sei se te lembras, não tinha almoçado. E achei, o! fraqueza humana, entre gallegos fedorentos e pretos trombudos e sarnos, recuperei toda a calma e vi que o Gama Rosa era um bello rapaz, e que eras ainda mais [...] e que o meu mal era fome!

Apenas (isto não é do Netto<sup>489</sup> nem do Murat<sup>490</sup>) no coração um aperto longinquo e doloroso, como um arrepio de violinos n'um concerto, era a saudade!

## II.

A burrice continua por aqui em correrias. Muito espiritismo e baixeza.

Mandei a carta ao Eça e outra que lhe dirigi.

Os versos ao Lopes vieram na [...] do Pina. A mulher do Eça achou-os adoráveis. Que linda cousa!

Meus versos, que perdemos, enviar-te-hei brevemente publicados no *Diario de Noticias*<sup>491</sup> do [...] pequeno.

- Meigo [...].

Diz ao Varzea que [...] e mandarei a cabeça para a *Tribuna*. Serão typos lindos. Vou roubal-os.

---

<sup>489</sup> *Henrique Maximiano Coelho Neto* (Caxias, Maranhão, 21 de fevereiro de 1864 – Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1934): escritor, jornalista, político e professor. Membro-fundador da Academia Brasileira de Letras. Autor de *A Capital Federal* (1893), *Inverno em flor* (1897), *A Conquista* (1899), entre outros.

<sup>490</sup> *Luís Norton Barreto Murat* (Itaguaí, Rio de Janeiro, 4 de maio de 1861 – Rio de Janeiro, 3 de julho de 1929): jornalista, escritor e político. Membro-fundador da Academia Brasileira de Letras. Autor de *Quatro poemas* (1885), *A última noite de Tiradentes* (1890), *Ondas* (1890), entre outros.

<sup>491</sup> *Diario de Noticias*: jornal carioca, dirigido por Rui Barbosa.

Mando-te os jornais que mais interesse offerecem. Vê o romance do Rodrigo. Sem orientação o Carlos não faz nada; contudo, está melhor do que os contos do Netto e também superior aos versos d'elle proprio.<sup>492</sup>

Mando-te uns versos que encontrei ao acaso n'um jornal do Ceará: pouca forma, mas que talento de rapaz:

- *Facada escancarada, a rir, de orelha a orelha!*<sup>493</sup>

Como vês, má forma, mas...

*Oscar Rosas.*

A carta que enviei com a copia ao Eça era um primor, não imaginas. Falei-lhe de ti, de todos e do presente da quintarola [?] que lhe [?] desejas fazer. Ha de ficar encantado, garanto-te. Escreverei correctamente e genialmente depois. Isto escrevi em 15 minutos.

*O. R.*

## 36

### **Cartão de Praxedes Aleixo<sup>494</sup> a Cruz e Sousa. Desterro, 13/04/1889 (AMLB/FCRB).**

---

<sup>492</sup> Após esta frase o autor escreve e rasura: "O primeiro numero perdi."

<sup>493</sup> *Facada escancarada, a rir, de orelha a orelha!*: referência ao poema *Carnaval*, assinado por "Gil Vaz" e publicado, também, no Rio de Janeiro, em 1º de junho de 1889, na *Revista Illustrada*. O verso citado por Oscar Rosas compõe a primeira e ultima estrofe do poema. Transcrevo, a seguir, a primeira: "Palhaços, histriões, arlequins, saltimbancos, / Verdes, negros, azues, ensangüentados, brancos / Cor de sol, de luar, de lama, de verdete, / Com flammulas azues de raios no topete, / Com a cara de gesso e uma boca vermelha, / - facada escancarada a rir d'orelha a orelha, -/ Palhaços, histriões, arlequins, meus amigos!" (Cf. VAZ, Gil. *Carnaval. Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 1º jul. 1889).

<sup>494</sup> João Praxedes Marques Aleixo. Filho de Emilio Caetano Marques Aleixo. Foi, segundo a imprensa de Desterro, um "empregado provincial" pobre "e chefe de numerosa familia". Consta na lista de alunos matriculados no Ateneu Provincial entre os anos de 1878 e 1880. Também participou, ao lado de Cruz e Sousa, da fundação do Grêmio Literário Catarinense Oliveira Paiva, em 1881. (Cf. *A Regeneração*, Desterro, 10 nov. 1881 e SEBRÃO, Graciane Daniela.

Cruz

Obrigado por tudo q. fizeste a m.<sup>a</sup> estimada irmã [...].

Si algum dia eu te puder ser util em alguma cousa, apesar de ser muitissimo insignificante o meu prestimo, crê am<sup>o</sup>., que eu o serei, pois nunca, nunca nos poderemos esquecer o que nos fizeste.

Aceita saudades do [...].

Um abraço do teu

*Praxedes.*

João Praxedes Marques Aleixo.  
P. de Santa Catarina

37

**Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 23/04/1889 (AMLB/FCRB).**

Meu singularissimo Othelo.

Rio de Janeiro, 23 de Abril de 1889

É esta a minha terceira carta.

Recebi a tua de 15 deste mez, palpitante e gentil, como a tua alma. Apenas dizes, para destoar, que não te escrevo; pelo contrario, quando tu recebias a minha 2<sup>a</sup> carta, eu ainda não havia recebido a tua. Então não recebeste essas cartinhas? É impossivel, foram ambas com

---

*Presença/Ausência de africanos e afrodescendentes nos processos de escolarização em Desterro – Santa Catarina (1870-1888).* 2010. 136 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. 2010).

enveloppe da Central, e portanto é impossível que não as recebas. Por signal seguiu o *Banquete*<sup>495</sup> impresso na *Cidade do Rio*<sup>496</sup>.

A vida aqui é sempre a mesma - um milhão de mulheres adoráveis para nos tentar com o *roast-beef* das suas ancas, muito crapula, egoísmo, safadez e algum dinheiro!

O sufficiente para em epochas mais severas termos um diluvio ou uma destruição como a de Babylonia - pelo raio e pela enchente.

Bem sabes que sou paysagista pagão, que gosto de misturar na mesma taça a boca vermelha de uma mulher loura de 18 annos com um gosto ou muito gostos de vinho de Tokai<sup>497</sup>. Depois que te partiste é o que tenho feito (sem ser Damasozinho<sup>498</sup>) algumas conquistinhas para regalo e regabofe do meu cio de homem membrudo.

O meu promettido *Mephistopheles* vai em breve, esta demora é para lhe dar ares de *Memórias de um atomo*<sup>499</sup>. Como te fallei na ultima carta, não me espantou a noticia da *Tribuna* a respeito da *Revista de Portugal*<sup>500</sup> do Eça. Lastimo que o odre surrado e entupido de burrice e catholicismo do Pinheiro Chagas<sup>501</sup> vá cagar das columnas de fogo onde o Eça para os canhões rutilantes, para a metralha de espirito, da sua prosa varada de inauditismo e humour.

Esta lembrança do Eça foi um peido litterario que o fantasioso rapaz atirou-nos às ventas. Que má idéia.

---

<sup>495</sup> *Banquete*: poema de Oscar Rosas dedicado a Cruz e Sousa e datado de 9 de fevereiro de 1889. Foi publicado no jornal *Cidade do Rio*, em 5 de abril de 1889. (Cf. ROSAS, Oscar. Op. cit., 2009, p. 86-88).

<sup>496</sup> *Cidade do Rio*: jornal dirigido por José do Patrocínio.

<sup>497</sup> *Vinho de Tokai*: o mesmo que “vermute”. Vinho licoroso, branco ou tinto, preparado com infusão ou extrato de plantas aromáticas e amargas. É bebido, usualmente, no início das refeições.

<sup>498</sup> *Damasozinho*: Referência ao personagem Damaso Cândido de Salcedo, do romance *Os Maias*. É caracterizado psicologicamente como presunçoso, covarde, mesquinho, tacanho, mentiroso e provinciano. Representa o filisteísmo e os vícios morais da burguesia lisboense da segunda metade do século XIX.

<sup>499</sup> *Memórias de um átomo*: referência à uma obra fictícia de autoria de João da Ega, personagem do romance *Os Maias*, de Eça de Queirós.

<sup>500</sup> *Revista de Portugal*: periódico fundado e dirigido por Eça de Queirós, em 1889.

<sup>501</sup> Manuel Joaquim Pinheiro Chagas (Lisboa, Portugal, 13 de Novembro de 1842 – Lisboa, Portugal, 8 de Abril de 1895): escritor, político e jornalista. Um dos principais representantes do romantismo em Portugal. Autor de *Poema da mocidade* (1865), *Tristezas à beira-mar* (1866), *A Morgadinha de Valflor* (1869), entre outros.

Dou-te os meus parabens pelo progresso continuo de mentalidade que tu, sem parar nunca, fazes. Refiro a *Inauditismo*<sup>502</sup>. Isto necessariamente é do Varzea - esse bello funambulo de sol, que faz gymnastica no tapete côr de lyrio da via-lactea e que faz jogos mallabares com as estrellas e com a palida lua. É uma linda expressão, cheia de philosophia do mysterio e do Inconsciente. Sobre inauditismo pode-se escrever lindas paginas de duvida e de paradoxos.

O Gromwell<sup>503</sup> só me appareceu, depois que te foste, uma vez. Lopes [...] e de guitarra ao peito, sempre empoeirada e atraz de um ideal louro, artistico, que é muitas vezes numa sordida mulata desdentada.

Quem vai me enchendo as medidas, sempre e sempre é o Medeiros e Albuquerque<sup>504</sup>; anda agora de pellucia verde, com sapatos amarellos de couro e pellucia rubra!! A burguesia morde-se, arrepia-se como uma gallinha choca, quando elle passa de monoculo ao olho de cadaver em decomposição.

Que me contas dos nossos adorados rapazes Varzea, Horacio e Araujo? O autor do artigo ao livro do Araujo<sup>505</sup> na *Cidade do Rio* fui eu; leste-o?

Não tenho ido à Lilly desde que te foste embora; ella esteve muito mal, a morrer, a pobre ave do paraiso! Lá irei por estes dias, ao piano, a Cerveja com biscoitos inglezes, ao finissimo cognac moscatel e à prosa, à encantadora prosa que vem da Lilly e da sua gente e que é como um tigre de cythara, porque vem toda do coração.

Não tenho avistado o eminente philosopho e biologista mephistophelico<sup>506</sup>. Tenho andado por longe.

Todos em casa bons; menos Miga<sup>507</sup>, que, ao ler hontem a carta que me mandaste, cahiu p<sup>a</sup> terras finada de paixão e tem uma pontinha de febre que a faz chorar muito.

---

<sup>502</sup> *Inauditismo*: possível poema ou artigo publicado por Cruz e Sousa no jornal *Tribuna popular*. (Cf. ALVES, Uelinton Farias. Op. cit., 2008, p. 192).

<sup>503</sup> João Francisco Gromwell.

<sup>504</sup> *José Joaquim de Campos da Costa de Medeiros e Albuquerque* (Recife, Pernambuco, 4 de setembro de 1867 – Rio de Janeiro, 9 de junho de 1934): jornalista, escritor, professor e político. Membro-fundador da Academia Brasileira de Letras. Autor da letra do Hino da Proclamação da República. Escreveu *Pecados* (1889), *Canções da decadência* (1889), entre outros.

<sup>505</sup> Possível referência ao livro *Madrigais*, de Araújo Figueiredo, cuja publicação é de 1888.

<sup>506</sup> Alusão a Francisco Luís da Gama Rosa.

Creio que não será causa de cuidado.

Meu pae vae bem e o resto. Recomenda-me a teus paes e tido [?] em quebro e candangos cae nos braços deste

Teu

Oscar Rosas

38

**Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 22/05/1889 (AMLB/FCRB).**

Meu sempre adorado amigo.

Rio, 22 de Maio de 1889

Que esta carta cor de sangue seja o espelho da minh'alma em farrapos; que vejas nestas linhas azues as minhas veias e neste sangue artificial de tinta o meu sangue. Ah! para que te foste!... Para que me abandonaste n'esta Babel sordida de portuguezes e de burros! Não imaginas, meu querido irmão, quanta dor, nojo, tedio e asco eu tenho por tudo isto: homens canalhas, burros, infames, ladrões, assassinos, saltimbancos, guayamuns<sup>508</sup>, Damaso Salcede, Conselheiro Accacio<sup>509</sup>, lesma, visgo, limo, peçonha, pixe; mulheres putas, vaccas, feias, ignobeis, túrgidas, bistradas, gateadas, sevondijas, sujas, crapulosas e bestas; finanças podres, cacetes, politicões merdas, filhos da puta; amolladores em casas, doenças, prejuisos, familia em zig-zag; musa

---

<sup>507</sup> *Miga*: possível envolvimento amoroso de Cruz e Sousa. Cf. correspondência n. 45. Ver também: ALVES, Uelinton Farias. Op. cit., 2008, p. 278.

<sup>508</sup> *Guayamum*: mesmo que "guaiaumu" (*Cardisoma guanhumí*). Espécie de caranguejo que vive em lugares lamacentos, próximo ao mar, alimentando-se, sobretudo, de frutos e folhas, bem como de insetos, animais mortos e outros detritos encontrados no lodo.

<sup>509</sup> *Conselheiro Accacio*: alusão à uma das personagens do romance *O Primo Basílio* (1878), de Eça de Queirós. É caracterizado como um tipo hipócrita e pedante. Representa a convencionalidade e mediocridades dos políticos e burocratas portugueses do final do século XIX. Deu origem à expressão "acaciano", termo que, até hoje, significa aquele ou aquilo que se mostra afetado e ridículo pelo convencionalismo ou pela maneira pomposa de ser.

besta, cavallar, entupida, baroneza de Paranapiaca, [...]; sem amigos, gente Asinina em toda a parte, imigrantes cacetes, credores, raios, peste, quasi fome, brigas, guerras quasi; natureza pulha, fria, embaciada, olho de polvo, sem sol, terra humida, catarrho, bronchite, asthma, tosses, tudo cheio de lama, desde a sociedade até os sapatos, enterros, nada, nada digno de arte, de versos, de analyse; tudo a peidar para o espirito do seculo!

Eis aqui o que me cerca, a mim, que sou um pantamno verdade, mas de cujo lodo sahe o limo benefico que fecunda campos e terras de lavoura. Eu que tenho sapos ignobeis na alma, feios e toxicos repetis na consciencia, que sou um pau quasi sem vegetação, onde vive atilado como um touro hydropico o meu coração de minotauro colossal e fantastico, eu, lago de podridões, cujo vaso furtacor tem reflexos de ceu e aspectos da materia em acção por reflexão [?], eu adorado Cruz, eu abomino isto, eu morro, eu grito por ti, estou suffocado, sem amor, sem ar, sem luz, não vejo, grito, estrebuxo e caio e rolo e todo nu estrafeço por este solo de vermes!

Ah! Como soffro, idolatrado e luminoso amigo. Tu, que és um pharol, uma espada rutilante de aço nobre, tu, escarpello humano e vertebrado, tu, eterno satanaz a rir n'um esgar verde de colera e bilis, tu que riscas a casaca cor de rapé da burrice humana e a sepultas com um par de murros nos queixos e sob a tampa das latrinas, tu, diabo e bode, canhão raiado da critica e murro inglez de jogador de box, tu não sabes como a estupidez cor de minhoca destes asnos daqui cresce n'um lixo de vomito de vinho e merda portugueza.

Esta gente conseguiu pintar-me de vomito, cercou-me de vomito, dar-me vomito a cheirar, a comer e a beber! O! vassouras das latrinas, o! toda piassaba, vinde em feixe de vassouras varrer esta cidade atilada de apposttemas e rãs podres.

Não continuo, amigo, estou vomitando; chega; mudemos de assumpto.

Não te esqueças, entretanto, de dizer ao Varzea que nós sempre seremos uns lorpas na vida; que eu perdi toda a esperanza de ser; que choro por ti lagrimas de estrellas e de clarões de sol, porque tu passarás eternamente na vida, até o cemitério, desconhecido, chacoteado pela burrice e pela inveja, cheio de temores moraes, chupado por aneurismas, esgottado, embora te cubra os homebros de conquistador do seculo o monte luminoso e extraordinario, feito de asas de borboleta e espumas do mar, que é o teu indomavel talento de atletico gigante americano.

Pobre Varzea, sonhador robusto, que traria uma espada colossal pendente dos quadris membrudos se o seculo de Spencer não lhe

vaiassem, não o achassem romantico quando elle do castello russo do ideal atrasse à Lilly por uma escadaria de marmore branco a [...] para ver lhe o sangue quente amoroso e apaixonado tingir de rubro a impassibilidade do marmore; está destinado a rabiscar folhas de papel administrativo e caro, com chapas da pragmatica, a ser attencioso com o superior e a faser os seus artigos formidaveis nas horas vagas! Porra!

Nunca seremos Nero<sup>510</sup>! nós, os artistas, n'este seculo tão viril e tão burro, tão sabio e tão atrasado, tão progressista mas que ainda tem escravos, o! nós os artistas do Brasil, eis a conclusão, nunca seremos Nero, nunca teremos arte, nem grutas de Capreá<sup>511</sup>, nem Palatim<sup>512</sup>, nem nada! Somos uns porcos sonhadores.

Não ha nada para nós, amigo, sinto dizer-te; a arte cousa de outras epocas de cavallaria e conquista, a arte, embora procurando addaptar-se ao progresso humano, sempre será nulla para nós brasileiros; digo-te isto convicto como se disesse a meu pae "não ha salvação para ti"

Pois se ha tanta burrice, tanta asininidade.

Planta batatas por ahí, que eu aqui planto parras, parras...

---

Entreguei ao J. Gromwell o livro do Araujo Figuéredo. Anda o Gromwell damnado contigo por falta de correspondencia tua.

Esse bello amigo está agora que é um principe moreno da Abyssinia. Ama e é amado. Bella burgueza tenra e rosada, de fartas carnes rubras, em açougue, de peitos em abobora e coxas e colchões para somnecas amorosas, dei-lhe o quitute de seu amor prohibido, a correl-las [?] do marido, gozando nos braços do bexigoso maranhense illustre as ternuras que um lindo cavallo puro sangue faz nas crinas de uma potranca de anno e meio.

---

<sup>510</sup> *Nero Cláudio César Augusto Germânico* (Anzio, Lácio, 15 de dezembro de 37 – Roma, Lácio, 9 de junho de 68): Imperador romano. Governou de 13 de outubro de 54 até a sua morte, em 9 de junho de 68. A figura de Nero é tradicionalmente associada, pelo menos desde os historiadores antigos, às idéias de despotismo, perdularismo e extravagância.

<sup>511</sup> *Grutas de Capreá*: “grutas de Capri”?

<sup>512</sup> *Palatim*: referência ao Monte Palatino, uma das sete colinas de Roma. Era neste lugar que, na Antiguidade, se edificaram as residências oficiais dos imperadores Augusto, Tibério e Domiciano. O termo “palatium” está na origem etimológica da palavra “palácio”, em português.



O Gromwell, outro João da Ega<sup>513</sup>, refocilla-se na sua vulva em minettes e libidinosidades luxuosas da crapula parisiense. Bebe o vinho de uva do amante, come-lhe o jantar de oleosos pirões gordos, cerejas temperadas com hortelã, *roast-beef*, caça e corsas com *petit-pois* e *champignon*. Progride o rapaz e tem sorrisos carnívoros de lobo forte ou de ave de rapina. Calça nova e sordida, barata e da rua do Hospício, gravata espaventosa, cheia de alacridade e clarinadas de cor urrante, botas inglezas Clashley [?] (botanico) [?] rutilantes punhos e collarinhos, chapéu pulha, lunetas de rico-homem e um *frak* desgraçado, de lata ao rabo, [...] despegado; em panderacos, russo, bilioso, untado dos bons caldos da gordurosa senhora e eis a nossa amiga na actualidade. Espiritualmente, progride melhor, esse amor pulha e tem illuminado com reflexos de lata de kerosene e barricas de alcatrão em noites de festa classica na aldeia. Mostrou-me versos regulares, com certo donaire<sup>514</sup>, filauciosas<sup>515</sup> e muito melros<sup>516</sup>. Versos pintasilgos. Vai bem a Craft<sup>517</sup>. (Esta noticia foi elle quem ma pediu que tá desce, porque vai descompor-te [?] em carta ao A. Figueredo, agradecendo o livro.)

Tenho fallado ao Medeiros e Albuquerque. Mandei-te o remorso que foi perseguido caninamente pela policia e que fez sucesso [?] de espantar monos.

Manda-me dizer em carta o que julgas da *Rua*<sup>518</sup>, que te parece esse jornal, que apezar de alguns pezares, me agrada como obra de

---

<sup>513</sup> *João da Ega*: referência a uma personagem do romance *Os Maias*. É caracterizado por Eça de Queirós como excêntrico, exagerado, moralmente provocador, diletante e anárquico. Representa os valores da nova geração realista portuguesa contra as concepções do antigo romantismo.

<sup>514</sup> *Donaire*: gesto distinto, garboso.

<sup>515</sup> *Filauciosas*: que denota filáucia, vaidade, confiança excessiva em si mesmo. O mesmo que “afetadas”.

<sup>516</sup> *Melros*: espécie de aves passeriformes (*Turdus merula*) encontrada na Europa, Ásia e Norte da África. Em sentido figurado, a imagem do melro serve para conotar a idéia de esperteza, sagacidade.

<sup>517</sup> *Craft*: referência a Guilherme Craft, personagem de *Os Maias*. É caracterizado como um típico dândi inglês. Rico e boêmio, defende o estetismo e coleciona peças de arte. Representa o homem "ideal", na perspectiva do narrador do romance: belo, instruído e moralmente superior.

<sup>518</sup> *A Rua*: jornal fundado, em 1889, por Pardal Mallet. O surgimento de *A Rua*, pouco depois da Abolição, marcou o rompimento de Mallet com José do Patrocínio, devido ao apoio deste último à monarquia. Participaram da sua redação escritores politicamente alinhados, tais como Luís Murat, Olavo Bilac e Raul Pompéia. (Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., 1977, p. 292).

coragem, de escandalo e de espirito, embora, muitas vezes, um gajo que na vespera foi grande, no outro dia, surja besta e cavallarmente Horacio Nunes<sup>519</sup>.

Leste o *Dia*<sup>520</sup>? Vou escrever para essa redacção. Mandar-te- hei os exemplares. Continuo a beber o meu Xerez sozinho, cheio de magoa pela tua ausencia. Em minha casa sempre se falla em ti e todos vão bem e saudosos fazem-te mil recomendações. Talvez que um fracasso pavoroso da minha familia me obriga a fugir do mundo por amor, mas essa desgraça não é certa; esperemos e, enquanto a podridão não alastra o organismo, estiquemos mais esta carta que é um louco abraço atravez do oceano.

Fui a Candelaria<sup>521</sup>.

Não pensas, não sonhas o que te quero dizer. Quando aqui estiveste junto ao meu coração, embora te fallasse em lá irmos, nunca lá fomos. Pois a Candelaria é uma epopéia.

Que fique aqui em traços bem claros embora resumidos a grandeza desse bello templo, que é a unica cousa digna desta terra, além da natureza.

Até aqui eu olhava alguns edificios desta capital com amor como o Gabinete P. de Leitura, a Misericordia, a Imprensa Nacional, etc. Hoje o meu desprezo por essas arupuca de sordida alvenaria e argilla é solemne.

Quem viu as bellas columnas altissimas, brancas, florejadadas de acanttis [?], os lindos marmores caros de mais de 15 cores que eu vi, quem como eu, estatico, olhou aquellas abobadas encapelladas de arte, o zimbório, marmore por dentro e porcellana por fora, toda a pompa do

---

<sup>519</sup> *Horácio Nunes Pires* (Rio de Janeiro, 3 de março – Florianópolis, Santa Catarina, 20 de maio de 1919): Escritor e jornalista. Filho de Anfilóquio Nunes Pires e Henriqueta Nunes Pires, neto de Feliciano Nunes Pires, ex-presidente das províncias de Santa Catarina e Rio Grande do Sul pelo Partido Conservador. É autor do Hino do Estado de Santa Catarina. (Cf. NUNES, Horácio. *Teatro selecionado*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999).

<sup>520</sup> Possível alusão ao jornal *O Dia*, em cuja redacção trabalhou, também, Alcindo Guanabara. (Cf. SODRÉ, Nelson Werneck. Op. cit., 1977, p. 404-405).

<sup>521</sup> *Igreja de Nossa Senhora da Candelária*: templo católico localizado no Centro da cidade do Rio de Janeiro. Foi inaugurada em 1811, ainda inacabada. A partir de 1878, começou a ter o seu interior decorado conforme o modelo neorrenascentista italiano, o que, por sua vez, a afastava dos estilos predominante durante o período colonial. João Zeferino da Costa, Henrique Bernardelli, Oscar Pereira da Silva e Giambattista Castagneto foram alguns dos pintores responsáveis pelos seus afrescos.

rytto christão n'um tecto onde esplandem pinturas finissimas, grupos, altos relevos, dourados, catadupas de deslumbramento em crystaes de riquissimos candelabros seculares, quem, entendendo o que dizia o marmore dessas columnas comprehendeu a Grecia por um instante, viu Roma e mediu a grandeza da esculptura e sentiu na face o gelo tragico da impassibilidade do marmore sereno, e [...] o! admirativo ouviu o eco formidavel produzido pela acustica de um formidavel diapazão ainda traz para o papel, apesar de muitas horas decorridas, todo o borbular effervescente e artistico do seu sangue de homem de temperamento vibratil e as canções que o trabalho humano, victorioso e grande, cantando alto d'aquelles altares quasi mythologicos, sobre as cabeças dos sanctos [...] de caturrice e pasmaceira papal.

A Igreja da Candelaria é um trabalho unico em toda a America. Tão grande e tão bom é possivel fazer-se, porem melhor é impossivel. Ha uma enorme dezena de annos estão fazendo esta obra patriotica e de gigantes, que honra ao nosso tempo e aos nossos artistas, embora muito material venha prompto da Italia.

Tudo n'essa esplendida Cattedral é feito e executado com o maior amor e perfeição. Não perguntam pelo tempo gasto pelo operario, querem nitidez e talento na conclusão das tarefas.

Todo o madeiramento, todo o material é de primeira qualidade. Ha paredes de 4 metros e meio, tão perfeitamente acabados e com tal maestria que encantam as vistas curiosas do homem que vê n'ellas o progresso e o aperfeiçoamento da sua especie.

Daqui a oito ou 10 annos ficarão promptas essas obras formidaveis e então poderás ver o primeiro templo da America, todo de cantaria por fóra e todo marmore no interior, com as suas duas altissimas torres negras pelos beijos dos elementos e o seu zimborio chinez, rodeado de estatuas, n'uma vasta praça que se abrirá em derredor delle e que merece o alomiré poderoso de um artista nobre e soberanamente extraordinario como tu.

Hei de mandar algumas cousas etc etc.

*Oscar Rosas.*

**Carta de Francisco Gromwell<sup>522</sup> a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 23/06/1889. (AMLB/FCRB).**

Rio 23 de junho de 1889.

Cruz,

Era uma 4ª feira e os tons claros do azul piedosamente cansante, na calma transparencia do ceo iluminado, mettiam-me na cabeça os cuidados extravagantes de um sabbado, que é o grande dia na vida fluminense, o dia espalhafateiro e movimentado desta cidade já monotona com os seus bares, seus kiosques e seus cafés, eternamente inspidos e os mesmos na *brouhaha*<sup>523</sup> incessante da inepecia que os invade.

Mas mesmo, eu cuidava que era sabbado e com ver claramente nas folhinhas que estava na 4ª feira 19, não se me dissipava aquella vibrante impressão de sabbado, que eu apanhara n'um golpe de vista, abrangendo do alto a vida da elegancia a espremer-se muito estreita e sem ar entre o largo de S. Francisco e a rua Direita, e esforçando-se na impotencia das roscas da serpente que em baixo rasteja por afastar para os lados a cazaria idiota do aspecto graxe [?] de erectos e mezareiros diplomatas que se cortejam, muito empertigados nos seus collarinhos de papelão, muito reles nos seus plaquets refulgentes, na malacacheta dos seus brilhantes baratos, muito pelintras, nos trinques, envernizados.

*Il y avait du monde!* Gente a fervilha saracoteando aos pulos e às carreiras, como si até nos actos mais simples da vida, o Fritzmack<sup>524</sup>

---

<sup>522</sup> João Francisco Gromwell (São Luís, Maranhão, 1865 – São Luís, Maranhão, 28 de janeiro de 1901): Jornalista. Republicano e abolicionista. Redator de jornais como a *Gazeta Nacional*, do Rio de Janeiro, e *A Pacotilha*, de São Luís. Neste último, assinava a seção "Nota do dia", sob o pseudônimo de "Jamegão", "Japiassú" e vários outros.

<sup>523</sup> *Brouhaha*: expressão francesa que se refere a um estado de agitação social quando um pequeno incidente sai do controle. Desordem. Tumulto.

<sup>524</sup> *Fritzmack*: referência a Fritzmac, o alquimista, personagem de uma comédia homônima dos irmãos Artur e Aluísio Azevedo. Em *Fritzmac* conta-se a história do diabo Pero Botelho, que conseguiu conquistar quase o mundo inteiro, com a exceção de uma única cidade situada num certo país da América: Chubiad. Decidido a completar o seu plano, o diabo envia até essa cidade uma mulher criada pelas mãos do sábio Fritzmac a partir da reunião de todos os sete pecados capitais num só corpo. A peça, uma sátira à sociedade brasileira do final do século XIX, estreou em 1889 no Teatro Variedades Dramáticas do Rio

autor desta salada de grelos que é a população fluminense, carregasse a mão de sua crueldade para deixar patente a nevrose que a consome, o desequilíbrio de sua constituição, a agitação de seu cerebrozinho em que um regimen rasgadamente patriótico de agoa da Carioca, enfraquecendo os globulos vermelhos, sáe para ahí a anemia a lastrar, cavando povorosa a pobresa de espirito, de coração e de maneiras...

E para mais aprofundar na minha phantasia o engano que eu affagava, nessa mesma data veio-me às mãos a tua primorosissima carta de 13 que foi como se eu tirasse todo o clarao de um raio do maço de jornais que me enviaste, dessa fulgente *Tribuna*, de onde se debruçam, commungando fraternalmente a hostia de luz do talento os dois altos espiritos fragrantes e virginaes dessa terra que eu amo sem nunca ter visto nem pizado mas que ha-de deleitar a vista na sua amplidão de paysagem larga e verdejante e affagar os pés que a calcam, na maciez de soberba e incomparavel tapeceria como a imagino atravez do teu espirito e do teu coração, entre folhas e entre vegetaes, primitiva, selvagens bôa!

Grande foi esse dia para o meu coração quazi sempre fechado na concentração de mim mesmo, do meu consolador e extremado egoismo, protegendo-me sempre do contacto infecciozo da incapacidade e da pulha!

Um alvoroço de risos em aldeia festiva, encaminhando por descampados cheios de sol e as raparigas morenas levam a sua adoração e as suas flores à Virgem, toda a vizão do passado, quando eu era creança e ainda mais barbara a minha terra, em plena rudeza de campos, a saude, o amor, a alegria, [...] que foi a vida placida de outrora, corporificou-se nesse momento nos desvãos de minha memoria, alinhado vistozamente em uma revivescencia pujante e forte de todas as energias da imaginação ao serviço da vontade.

É que eu me sentia tocar da ponta de azas de tua penetrante possança artistica, revolucionaria, e miraculozamente transformadora.

É que eu lia, relia, tornava a ler, devorava a tua carta, sorvendo-lhe a haustos longos, como um perfume que vem à dinstancia, suave e deleitar toda a essencia do teu coração - bondade e da tua cabeça - fé: bondade feita de uma excessiva tensibilidade nervosa de poeta e fé instituida sobre os destroços da analyse.

E eu, que é possivel que tenha sido, que fosse tudo isso que dizes de mim, quando me encontrei no despreocupado viver da provincia, e que, si o fui, aqui descontinuei de ser, entediado de tudo, aborrecido de

---

de Janeiro. (Cf. AZEVEDO, Artur; AZEVEDO, Aluísio. *Fritzmac*. São Paulo: Peixoto Neto, 2016).

mim mesmo na atonia finda, insondável de uma saudade sem remédio... eu sinto-me agora penetrar de um novo alento que me fortalece e impulsiona quazi com as voluptuosidades enlevadoras de uma sensação original.

Devo-te a ti esse bem e a só obrigação em que me puzeste de vir beijar-te as mãos graciosamente robustas que extends d'ahi a acenar-me com o lenço branco da coragem, já fêz com que eu puxasse um Senhor Deos assim à sustancia, arrastando pela extensão destas linhas todo o meu ser com as impaciencias, duvidas e esperanças que alternatira e o abatem e elevam e mais que esperanças com as irradiações da inauferível ventura que ora me enche o peito e o transforma em uma gaiola onde em uns scismados silencios de *boudoir*<sup>525</sup> canta bem alto, sonóro e estridente o sabiá da alegria...

Adeos, meu bello e adoravel Cruz.

Escreve-me sempre e envia-me a *Tribuna*. Está luminosissima. Constelação radiante de altas ideas claras, bem pensadas e positivam-e e denidas. Não te posso dizer mais agora. Abraça esse teu Varzea com o coração amigo do teu

*Gromwel*

/P.S. O B. Lopes<sup>526</sup> envia-te saudades. Ainda não estive com o Oscar depois de recebida a tua carta. Está lá para Riachuelo./

40

**Carta de Francisco Gromwell a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 30/06/1889. (AMLB/FCRB).**

Rio 30 de junho, 89

Cruz,

---

<sup>525</sup> *Boudoir*: o mesmo que “buduar”. Pequeno cômodo elegante e reservado, típico de casas burguesas do século XIX, onde se podia isolar-se ou receber visitas íntimas.

<sup>526</sup> *Bernardino da Costa Lopes* (Rio Bonito, Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1859 – Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1916): poeta e funcionário público. Assinava “B. Lopes”. Autor de *Pizzicatos* (1886), *Brasões* (1895), *Sinhá Flor* (1899), entre outros.

Acabo de receber uns quatro numeros da *Tribuna* que ha tanto tempo não vinha arejar o meu espirito acobardado e como a distinguir-se vencido na pasmaceira brutal e desesperadora desta vida em que me deixaste, e nisso fizeste muito bem! viuvo do teu affecto, da tua incomparavel meiguice archangelica de Illuminado.

Si entre as virtudes do teu espirito cabe um pouquinho de maldade que não faz mal, apenas servindo para a troça garrida e alada, podes dizer de mim que aqui estou agora.

"Jovem Lilio abandonado!"

Tal é, reconheço, a m<sup>a</sup> desesperada situação. Não me valesse o amor de uma mulher adorada que ainda me levanta do afundamento doentio em que vivo, para a contemplação das estrellas, de todo o Azul e certo eu não saberia resistir às lutas vans e estereis da existencia que arrasto na sombra e no silencio, no ermo.

Enviei-te um romance devidam[ente] rejeitado. Recebeste-o? Nem me disseste – agora vae!

Escreve-me. Empregarás melhor o tempo, teu papel, tua tinta, tua penna e o teu talento em rabiscar para meu rizo uma ou duas paginas do que em retrucar ahi a uns gajos, uns pobres diabos de [...] ou [...] que se atiram contra vocês, tu e o Varzea. Perdoem-lhes. Vocês tem espírito e não devem medir tão razo.

Acaba, pois, essa tolice.

Acautela-te: dei para fazer versos. Ahi vae um pessimo soneto. Põe-lhe um rotulo e manda-n'o em letra de fôrma pela *Tribuna*. Adeos.

Procura no desalinho desta prosa a mais alta e correcta expressão do muito que te quero e estreita ao teu grande coração o coração perdido, loucamente perdido do teu

*Gromwel*

41

**Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 02/07/1889 (AMLB/FCRB).**

Meu querido Cruz.

2, Julho 1889.

Rio de Janeiro.

Uma brumosa carícia esvoaça em torno de mim, [...] -me a pelle com uma bocca de velludo, é uma carícia que vem da mulher amada, reproduzindo no ar formas de boccas vermelhas, de olhos verdes, de sorrisos joviaes, de cabelleira fulva, contornos de mulher e ancas e quadris de femea abundante e fecunda. O sol abriu no seu couro um furunculo maduro esmagado, que se derramasse respingando; todo um champagne de luz viva e intensa colore de ouro as brumas que, extensa pastas de algodão alvejado, voejam, como albarnazes dispersos no ar, pelas fraldas dos montes e pela superficie dos valles. Faz. E eu me lavo e saio e já dentro de mim vem cantando a aria extraordinaria desta paixão que me divinisa; e desde o romper da luz vivaz e alarmante da aurora até alta noite soturna e regelada, cheia de badaladas de cathedral e de profundo mysterio com estrellas e lua turca no firmamento, essa que adoro, essa que accende coivaras no coração e me estremece o organismo vibrando gargalhadas e solta na minha alma uma fauna inteira de leoas, bufalos, tigres e hyppoptamas rebelladas pelo cio, essa mulher canta e vive em mim.

Este amor é como um grande rio silencioso e espreguiçado atravez de florestas seculares, com crocodillos nadando e raios de prata do luar dentro d'agua como punhaes venezianos.

Communico-te isto por medo. Bem sabes as minhas responsabilidades na vida e, entretanto, cada vez mais sinto essa mulher no coração, cheia de belleza, com uma letra do banco onde se lê 200.000\$000 e apontando-me para o futuro onde feerica e allucinante vejo Paris de portas abertas de par em par.

Essa mulher, essa IáIá, é nova, é robusta, tem sangue, pode offerecer-me tudo, o banquette do seu amor incomporavel e o grande deus moderno - o ouro.

Agora vê tu como eu vivo depois que estou sem ti. Pelo que acima tão sinceramente te relato julga como não estarei.

Ha muito tempo que não recebo uma carta tua, dessas cartinhas que escribes com o lapis-lazzuli do teu talento estupendo de negro de uma Nubia satanica e de demonios vesgos.



Li as *Azas perdidas*<sup>527</sup>, onde tu, allém de seres o grande, o genial Cruz e Souza que eu adoro e admiro sobre todos os homens, sobre todas as mulheres e sobre todas as cousas, és perfeitamente para a critica. Guilherme de Azevedo<sup>528</sup> ou Cesario Verde<sup>529</sup> não obstante, para mim, teres vencido n'essa poesia a esses dous carroceiros da rima.

As *Azas perdidas* são extraordinarias; deram-me até azas, a mim que as não tenho, e eu voei com ellas!...

Recebi do Varzea uma cartinha muito feminil ou outra muito de artista de *cottage* e de canções da Escossia, onde elle me pede com maxima brevidade a *adresse* do Eça de Queiroz. Dise-lhe que será rapidamente satisfeito.

O Pompeia<sup>530</sup> delira; li-lhe o teu artigo no theatro Lyrico, na representação da *Aida*, essa formossissima partitura de Verdi. Na verdade o teu artigo é extasiante e cheia de uma verve tropical de temperamento em incendio. Que um bom sol t'o pague, negro nabbabo, cresce prodigo, que, prisioneiro n'uma ilha verde do glorioso Atlantico, sabes matar o teu tédio matando a dor dos outros. Que um bom sal t'o pague, virisando-te mais, mais te escaldando o sangue [...] e urrante que tão bem te equilibra, fazendo-te até um homem de raça superior!

Brevemente vou mandar-te uma cartinha mais alegre do que esta, onde escrevo psicologicamente sobre o jogo. O Gromwell escreve-te sobre adulterio e o faz sinceramente, porque, na verdade o illustre maranhense tem uma hespanhola tão formosa e tão cheia de langores do Manazaneres e de *estudiantina* de Madrid, que todo elle respira carne roubada ao seu Joaquim, o marido enganado. É um verdadeiro Ega esse Gromwell, tão bohemio, tão gato penteado do leito dos adulteros. Elle é o gatinho favorito das mulheres casadas; todas ellas amam, adoram o rum-rum delle e admiram-lhe o appetite. *Bon appetit, monsieur...*

A Lily e a familia vão bem.

---

<sup>527</sup> Refere-se a um poema de Cruz e Sousa dedicado a Carlos Jansen Júnior. (Cf. SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 1, p. 287).

<sup>528</sup> *Guilherme Avelino Chaves de Azevedo* (Santarém, Portugal, 30 de novembro de 1839 – Paris, França, 6 de abril de 1882): jornalista e poeta. Autor de *Aparições* (1867), *Radiações da noite* (1871), *Alma Nova* (1874), entre outros.

<sup>529</sup> *José Joaquim Cesário Verde* (Lisboa, Portugal, 25 de fevereiro de 1855 – Lisboa, Portugal, 19 de julho de 1886): jornalista e poeta. Teve o seu trabalho publicado postumamente, em *O livro de Cesário Verde*, de 1887.

<sup>530</sup> *Raul Pompéia* (Angra dos Reis, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1863 – Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1895): escritor e jornalista. Autor de *Uma tragédia no Amazonas* (1880), *Canções sem metro* (1881), *O Ateneu* (1888), entre outros.

Escreve-me radiantemente com punhos de sol e radiações de corneta.

Em casa todos os meus vão bem.

Esprema o Varzea n'um abraço esmagado, ao Araujo e ao Horacio, e tu, sonhador eterno, satanaz potruado e azinhavrado, leva-me contigo n'um eterno abraço funambulesco para a gruta onde te alopas.

*Oscar Rosas*

42

**Carta de Francisco Gromwell a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 06/07/1889. (AMLB/FCRB).**

Rio 6 de julho de 1889

Cruz,

Si a probidade dos correios e a inviolabilidade das cartas não são condemnadas a olvido perpetuo nas paginas da defunta constituição, já deve ter chegado a tuas mãos, tão inteiramente como nella se contem, a minha datada desta corte aos 23 do ultimo junho.

Digo-te isto assim em alto estylo d'alta [...] e com socorro das formalidades que são tudo nas relações sociaes, para fazer bem certo que eu, respeitador dos estylos, fui pontual em compensar-te ou, falando com melhor ensino, em pretender compensar-te da tua de 13 do mesmo junho, respondendo-a e confiando ao correio resposta.

Alguns dias [...] recebi dois n<sup>os</sup> da *Tribuna* com teu bilhete pedindo noticias minhas.

Infelizmente o estado de meu espirito e de meu coração não me permite pensar nem dizer de mim si não que sou um desgraçado feliz.

E si eu agora pudesse discretear, fal-o-ia na celebração do que é a minha ventura ou a minha desgraça e um encanto passivel de embargos de terceiro senhor e possuidor. Eu te abria francamente "este circulo ferreo da maldade - que é dentro em nós o coração" ([...] que isto é verso, muito bom do [...] que ahi deixo incompleto) e nelle conduzirte-a através das mais escuras alamedas, já caprichosamente alastrada, das flores esplandentes da alegria e já ensombradas da ramaria funebre dos cyprestes...

É que eu me sinto em uma conjuntura impossivel de definir, de dizer de longe, quando não conseguimos por na escripta a vibração de

nossos nervos, a contracção de nossos musculos, accentuando a palavra, animando, transmittindo a alma de nossas sensações de dor ou de prazer a cada pensamento que as envolve.

Eu te falaria de um caso galante que entra pela minha vida inteira, virando-a e mexendo-a e remexendo-a, n'uma agitação indomavel de todos os diabos, de almas do outro mundo ou de fera do Cupertino, e que me põe para aqui nesta pasmaceira de homem que sente que lhe roubaram alguma coisa, mas em vão se apalpa e procura, sem atinar com ella, nem mesmo saber em que foi roubado.

Essa coisa ignota que me falta e me descompleta roubou-m'a a mulher de seu Joaquim.

Em compensação, não te digo nada... a elle tenho-o roubado como um cão!

É a vida, meu Cruz, é a fatalidade esmagadora, invadindo triumphalmente a nossa existencia de dezorientados que andamos a procurar a vertente do bem e apenas conseguimos ser arrebatados na voragem subita desolada do mal.

Romantismos...

Mas pode-se bem dizer com Craft dos *Maias* que os casos que nos succedem de ordinario são sempre maos?

À fleuma insondavel dessa asserção corresponderá uma dose proporcional da sinceridade, da indefectivel rectidão do juiz que tudo sondou attentamente e a cuja perspicacia nenhuma prova passou despercebida?

Ah! meu bello, meu adoravel Cruz, peza-me estar demasiado rhetorico e sem poder me conter bastante calma para explanar o lance mysterioso em que cahe o drama de minha paixão, desenrolado na prosa confidente e amiga destas rabiscas.

É um pezar que me freia, pobre desgraçado feliz, que tenho em cima de mim os olhos infernalmente accesos de uma vizinhança inteira em rua de pouco movimento e a ineffavel delicia de jantar bem aos sabbados, sob a calentura de uns olhos formozamente rasgados, embebedando-me do amor da mulher alheia, impenda embora sobre minha cabeça a faca de... ponto de um Othelo - filho da mãe!

.....

Remetto-te o delicioso romance de Guy de Maupassant<sup>531</sup> - *Fort comme la mort*<sup>532</sup>, que *vient de* [...], e no qual o adorável artista consolida, a meu ver, os fóros, que a crítica lhe confere, de continuador glorioso da obra de Balzac<sup>533</sup>.

Neste livro acharás, em prova do que digo, perfeitamente estudado um caso de physiologia mais monstruoso do que o meu.

*C'est la même chose est [...] et partout.*

Apostrópha ou inveja o teu

*Gromwell*

43

**Cartão de Justino de Proença<sup>534</sup> a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 18/07/1889. (AMLB/FCRB).**

Meu caro am<sup>o</sup> Sr. Cruz e Souza:

---

<sup>531</sup> *Henri René Albert Guy de Maupassant* (Tourville-sur-Arques, França, 5 de agosto de 1850 – Passy, França, 6 de Julho de 1893): jornalista e escritor. Autor de *Boule de suif* (*Bola de sebo*, 1880), *Contes de la bécasse* (1883), *Le Horla* (*O Horla*, 1887), entre outros.

<sup>532</sup> O romance *Fort comme la mort* foi publicado originalmente sob a forma de folhetim na *Revue illustrée*, de Paris, entre fevereiro e maio de 1889. O seu lançamento em livro se deu em maio de 1889.

<sup>533</sup> *Honoré de Balzac* (Tours, 20 de maio de 1799 – Paris, 18 de agosto de 1850): escritor. Autor de inúmeras obras, entre as quais os romances *Illusions perdues* (*Ilusões perdidas*, I, 1837; II, 1839; III, 1843), *O Pai Goriot* (*Le Père Goriot*, 1835) e *La femme de trente ans* (*A mulher de trinta anos*, 1829-1842).

<sup>534</sup> *João Justino de Proença* (Santa Catarina, 12 de setembro de 1844 – Rio de Janeiro, 23 de junho de 1916): militar, político e escritor. Contra-Almirante da Armada, veterano das guerras do Uruguai e Paraguai. Condecorado com as ordens da Rosa, Cristo e Aviz. Autor de *Necessidade da colocação de um farol no cabo de Santa Marta* (1863), *Nossa marinha de guerra* (1879), *O melhor porto do Sul do Brasil* (1884), entre outros pequenos trabalhos. (Cf. *Gazeta do Commercio*, Joinville, 8 jul. 1916 e SUPERIOR TRIBUNAL MILITAR. *Ministros desde 1808*. Disponível em: <<http://www.stm.jus.br/o-stm-stm/memoria/ministros-desde-1808/details/1/271>>. Acesso em: 15 abr. 2016).

Agradeço-lhe de todo o coração os seus parabens; e teus votos mui sinceros para que os homens que ora estão à testa da administração, reconhecendo o seu distincto merito, lhe proporcionem uma boa e decente acceitação litteraria na nossa provincia.

Rio, 18-7-89.

O Capitão de Fragata

JOÃO JUSTINO DE PROENÇA

44

**Carta de Francisco Gromwell a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 12/08/1889. (AMLB/FCRB).**

Rio 12 de agosto, 89

Cruz,

Cá está a fazer a deliciação de meus olhos a tua formosa carta des<sup>e</sup> E esses não se cançam de passeial-a, em um embevecimento de adoração e de gozo, em que me sinto verdadeiram<sup>e</sup> bem, a alma transportada até à admiração de mim mesmo, que me supponho um ente excepcional, com bastante coração para apprehender a um tempo, em manifestacções differentes, o sentimento do bello. Assim, ao passo que esta cabecinha está povoada de vulto radioso e querido de Isa, a encantadora mulher que todo me penetra da ineffavel doçura de seus beijos, dilata-se-me o coração para receber o vinho fino de oiro do teu espirito profusamente derramado nas pulgnantes [?] paginas que me enviaste, e na transparencia das quaes resplandece o teu olhar intelligente, procurando aprofundar os casos que o futuro possa reservar à ventura.

Fazes bem nisso. Fazes uma verdadeira obra de amizade, tanto mais generosa e digna, quanto o meu estado physiologico não me permite vagares de geometra, para verificar a extenção da estrada a percorrer e prever as scinuosidades e declives do terreno.

Já agora a mulher entrou pelo mais recondito de meu ser e arrebatou-me de mim mesmo, guindando-me às montanhas cyclicas

da carne, acorrentado à incontrastavel cadeia de seus encantos, de suas graças, de sua ternura.

Já agora ella é um contra-peso indispensavel à minha existencia, e sinto-a consagradam<sup>e</sup> minha, a caminhar a passo firma e cheia de resolução para mim, fazendo-se minha amante.

Sympathias por ella, Cruz!

Não a confundas com qualquer outra mulher que tenha cahido [...], com o baque surdo de um corpo inanimado, sem vida, sem as impulsões indomaveis do temperamento e da vontade, na scena trivialissima da vida real ou na scena espectacular do romance.

Não! Nem estamos tratando do que tu chamas – Rachel<sup>535</sup> barata, em um impensado arranque de satyra que tão pungentemente me doe...

Vamos. Retira a phrase injusta, desagradavel e pede-me perdão do sacrilegio que commetteste contra o meu idolo.

Exprime por mim ao Varzea as sympathias que me inspira a fulgente elevação do seu talento e abraça-o.

O Oscar ha-de te escrever. O B. Lopes ficou encantado da tua gentileza.

Adeos. Estou m<sup>to</sup> sem estylo hoje e tu sabes que a um homem no meu estado não se deve [...] si não que ame, que viva para o objeto amado, amando-o perdidam<sup>e</sup>, como eu amo a minha doce, minha querida Isa.

E enq.<sup>to</sup> não posso ir abraçal-a, porque a Tarde não chega neste infindavel dia de saudades, consolo-me estreitando-te ao coração amigo do teu

*Gromwell*

(Ahi vae outro soneto: põe-lhe o título)

Este cançado amor, si te parece  
Que deva ser inglorioso e sem ventura,  
Tem bastante altivez em que se apura  
Para não suspirar porque padece.

Amor não pede e nem recita prece,  
Mesmo que adore a amada creatura

---

<sup>535</sup> *Rachel*: alusão à personagem do Antigo Testamento, esposa fiel e obediente de Jacó.

E a cerque toda de uma luz tão pura  
Que como luz divina resplandece!

Pois de ti só pretendo um justo apreço  
E que dê por amor amor bastante,  
Si algum affecto acaso te mereço;

Não me verás esse supplice descante  
Mover-te a compaixão que eu agradeço  
De orgulhoso, de altivo e de arrogante.

*J. F. Gromwell*

Rio

(P.S. Dize-me: recebeste a m<sup>a</sup> ultima carta, acompanhando o romance? Não a registrei e tu não achaste digna de resposta; mas ao menos devias de ter acuzado o recebimento.)

45

**Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 05/10/1889 (AMLB/FCRB).**

Meu estrellado Amigo.

20 de Setembro.<sup>536</sup> Rio de Janeiro. 1889.

Com velhas e anciosas saudades abro-te os braços atravez da distancia. Que longos dias nos separam já, sem cartas, sem noticias um do outro. Não imaginas como o Rio de Janeiro está agora cheio de intensidade de vida [...] e cortês. Eu ando aqui n'uma roda viva; os acontecimentos, porque eu obedeço ao meio em que vivo, puxam-me por cordões invisíveis que tenho seguros a mim, e todo eu vibro atravez da burrice humana, que vou logrando com a minha sagacidade de homem pratico.

---

<sup>536</sup> Sobre este trecho o autor escreveu “5 de Outubro”, indicando uma revisão frasal.

Esta terra está abarrotada de capitaes, de mil idéas de companhias, que promettem lucros fabulosos com pouco dinheiro. Progride a imprensa; ha uma infinidade de jornaes novos, todos luctando brilhantemente pela vida e com editores. Ha convenio governamental sobre a propriedade litteraria; ha empregos para muita gente; ganha-se dinheiro; faz-se bons negocios; estamos na epoca da boa espiga de ouro, como a Colchoaria do Corsario.

Eu mesmo sou redactor-chefe de um importante jornal sportivo, o primeiro no seu genero, illustrado, que tem merecido grande protecção do publico e cujo sucesso tem espantado a muita gente.

Ja te mandei dous numeros e agora envio 4 à *Tribuna* do Lopes. Faz ahi um [...] formidavel ao *Jockey*. É um jornal de gyria do *turf*, scientifico, litterario, synergético e humano. Conheces bem o meu temperamento e bem podes vêr que estou talhado para elevar o *Jockey* aos sete cornos da lua. Tenho feito versos, que lerás em tempo.

Tenho editor, o mesmo do *Jockey*. Tenho gravador e desenhista para o meu livro. Será esse meu trabalho um primor de execução em desenho e gravura. Estou satisfeitissimo.

Canta-me aqui ao ouvido, como uma cotovia matinal, o *Gylvaz*<sup>537</sup>, esse bello clarim de rebate contra a burrice e o conselherismo acacio. Todo um rodar de latas ao rapa [?] eu ouvi nas suas formozas paginas de bronze florentino.

A metralha incruenta da tua verve, do teu fuzilante espirito de duellista da prosa, rythmada pelo teu talento americano e tropical, estripitosamente ferem da vanguarda a retaguarda, em todas as direcções, este horrendo Rossinante - a Humanidade. Muito galantes as secções do *Gylvaz* O artigo de fundo do seu 1º numero lembra o troar formidando da artilharia raiada do "Lepanto"<sup>538</sup>. Os teus versos estão admiraveis de espirito e sattyra.

Aceita muitos abraços.

---

O Raul Pompeia está escrevendo no *Jornal do Commercio* d'aqui.

---

<sup>537</sup> *Gylvaz*: semanário illustrado e humorístico lançado em Desterro em 1889. (Cf. PEDRO, Joana Maria. Op. cit. p. 97).

<sup>538</sup> *Lepanto*: referência ao episódio militar conhecido como "Batalha de Lepanto", ocorrido em 7 de outubro de 1571 na cidade de Lepanto, na Grécia. A "Batalha de Lepanto" foi um conflito naval travado entre uma esquadra da chamada "Liga Santa" (formada pela República de Veneza, Reino de Espanha, Cavaleiros de Malta e Estados Pontifícios) contra galés do Império Otomano.



O Gromwell anda arredio da minha pessoa. Li a tua bella carta a elle, em que lhe fallas de uma arvore formosissima a que teu pae cortou uns galhos. Que fulgor de estylo, amigo!!!

O B. Lopes vae bem, mas tem escripto muito pouco. O irmão delle é que vai sempre genial, aquelle [...] de *cavaignac*, muito sordido e lambança...

A Lilly tenho visto furtivamente; mesmo tenho me esquivado, porque não sei as intenções do Varzea com creatura tão aureolada e virginal. Tem andado doente e mais magra. Diz ao Virgilio que me escreva e diga se ainda a ama, se tenciona ainda casar com ella, porque aqui ellas me tem como um fiador delle e eu não sei o que dizer a respeito do longo silencio em que elle as vezes se colloca. Se ha briga entre elles, será bom que elle me previna, porque então deixarei de lá ir e assim não me arrisco a ser algum dia recebido friamente. Peço-te o favor de deslindar isso.

Nunca me fallaste a respeito do Gama Rosa e da ascensão do partido liberal. O philosopho a mim fez entender que só muito bem collocado trataria de nos empregar, porque não quer pedir antes, com medo de ter resposta negativa. Não obstante, o philosopho já tem sido util a muitas pessoas, que têm precisado do governo.

Foi mau que antes das eleições nada me informasses a respeito da sua candidatura por ahi, porque isso concorreu para um grande estado de duvida, que o obrigou a nada tentar.

Creio que o philosopho não entra no parlamento, mas o Affonso Celso<sup>539</sup> diz-lhe sempre o contrario, veremos. As eleições passaram-se o philosofo não appareceu por nenhuma provincia, só se entrar na vaga do Laet<sup>540</sup> por Matto Grosso.

---

<sup>539</sup> *Afonso Celso de Assis Figueiredo* (Ouro Preto, Minas Gerais, 2 de fevereiro de 1836 – Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1912): também conhecido como “Visconde de Ouro Preto”. Foi professor de Direito Civil e Comercial da Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro e um dos políticos mais importantes do Segundo Reinado, sendo amigo pessoal de d. Pedro II. Em 1889, Afonso Celso exercia o cargo de Ministro do Marinha e de Presidente do último Conselho de Ministros do Império.

<sup>540</sup> *Carlos Maximiliano Pimenta de Laet* (Rio de Janeiro, 3 de outubro de 1847 – Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1927): jornalista, professor e escritor. Em 1889 disputou uma cadeira como deputado. Foi eleito, mas perdeu o mandato com a Proclamação da República, em 15 de novembro. Crítico do novo regime, nunca renunciou às suas convicções monárquicas, permanecendo sempre fiel ao culto de d. Pedro II.

Manda-me dizer que esperanças tens sobre a proteção do philosopho a ti e ao Varzea.

Cá por casa molestia. Julieta, Migalu, tua noiva, tudo de caganeira; mas vão melhor coitadas.

A D. Belmira manda-te abraços e está com saudades tuas; são amores, crianças...

O velho sempre bom, recomenda-se à tua amizade.

Quando te verei?

Está nomeado correspondente e agente do *Jockey* ahi no Desterro. Se houver ahi alguma corrida, manda as noticias.

As chronicas do *Gylvaz* vou fazel-as amanhã e irmão.

*Oscar Rosas.*

46

**Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 23/12/1889 (AMLB/FCRB).**

SOCIEDADE CENTRAL DE IMMIGRAÇÃO  
PRO BRASÍLIA  
LIBERTATE LABOR  
RIO DE JANEIRO  
1883

RIO DE JANEIRO, 23 de Dezembro de 1889

Adorado Cruz.

Abraço-te. Os motivos desta carta são politicos. O Dr. Luis Delfino<sup>541</sup> tenciona apresentar-se à deputação para ser eleito à constituinte<sup>542</sup>. Quero pedir-te o seguinte - em favôr desse nome o teu

---

<sup>541</sup> *Luís Delfino dos Santos* (Nossa Senhora do Desterro, Santa Catarina, 25 de agosto de 1834 – Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1910): foi médico, político e poeta. Não publicou nenhum livro em vida, dispersando a sua produção literária pelos jornais do país. (Cf. MACHADO, Ubiratan. *O senador Luiz Delfino: sua vida e sua obra*. Florianópolis: Editora da UFSC, 1984).

<sup>542</sup> Refere-se às eleições para a formação da Assembléia Constituinte Federal, nas quais Luís Delfino seria eleito Senador da República. (Cf. CABRAL,

franco apoio, que será de grande alcance. Começarás já por lembrar, como uma boa idéia, pelas columnas da *Tribuna*, essa eleição. Luis Delfino é filho da terra, tem fama e pode ser bem aceito. Peço-te o maior empenho n'este negocio, que me foi pedido por elle e em que tomo o maior interesse por motivos de gratidão. Confio em ti.

Elle mesmo me lembrou o teu nome para pedir o que te peço, não te fazendo elle esse pedido por decoro.

Passemos a outro assumpto. - Um conselho - A vista dos acontecimentos, tu, homem de talento e de espirito, deves te agachar e preparar um bote formidavel para esmagar alguém. Embora a situação seja dos pulhas, embora a Republica esteja sendo explorada pela imbecilidade, onde se notam Boiteux<sup>543</sup>, Lauro<sup>544</sup>, Esteves<sup>545</sup> e todas as

---

Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1987. p. 250).

<sup>543</sup> José Artur Boiteux (São Sebastião da Foz do Rio Tijucas, Santa Catarina, 9 de dezembro de 1865 – Florianópolis, Santa Catarina, 8 de janeiro de 1934): jornalista, político, historiador e advogado. Fez os estudos primários em Tijucas, depois cursou humanidades na cidade de Desterro. Em 1881, atuou como integrante do Grêmio Literário Oliveira e Paiva, fundado pelo capitão-demar-e-guerra Antônio Ximenes Araújo Pitada (presidente fundador), pelo Prof. Wenceslau Bueno de Gouveia (vice-presidente) e pelo irmão Henrique Boiteaux (ambos ex-alunos do Atheneu Provincial), além de Santos Lostada, João Praxedes Marques Aleixo e Cruz e Sousa. No mesmo ano, participou da redação do jornal *O Colombo*, ao lado de Cruz e Sousa, Virgílio Várzea, Santos Lostada e Araújo Figueiredo. Estudou medicina na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, não concluindo o curso. Na Corte, junto do conterrâneo Esteves Júnior, participou das campanhas pela abolição e pela república. Após o golpe militar de 15 de novembro de 1889, retornou à Santa Catarina como oficial de Gabinete do Governador Lauro Severiano Muller. O poema *Away!*, publicado em Desterro, em 26 de novembro de 1882, por Cruz e Sousa, é dedicado a ele. (Cf. ALVES, Uelinton Farias. Op. cit., 2008, p. 41; 48; PIAZZA, Walter Fernando, 1985, p. 97; SOUSA, 1995, p. 853).

<sup>544</sup> Lauro Severiano Müller (Vila de Itajaí, Santa Catarina, 8 de novembro de 1863 – Rio de Janeiro, 30 de julho de 1926): militar, engenheiro, político e diplomata. Fez os estudos primários em Itajaí. Seguiu para o Rio de Janeiro, onde trabalhou no comércio. Assentou praça na Escola Militar, em 1882. Alferes em 1885. 2º Tenente, em 1889. Após o golpe militar de 15 de novembro de 1889, foi indicado, por Benjamin Constant e Esteves Júnior a Deodoro da Fonseca, para o posto de Governador de Santa Catarina. (PIAZZA, Walter Fernando. Op. cit., 1985, p. 359).

<sup>545</sup> Antônio Justiniano Esteves Júnior (Desterro, 21 de março de 1832 – Rio de Janeiro, 9 de março de 1900): comerciante e político. Fez os estudos primários

zebras humanas, é preciso que tu, meu velho, fingindo que estás muito de accordo com elles, que os admiras, te mettas pregando o nome dos actuais ministros ao povo como o evangelho da liberdade; é preciso mesmo que falles publicamente ao povo em Igualdade, em Fraternidade, na Republica Universal, na sancta Liberdade, na America para os Americanos, doutrina de Monrohe<sup>546</sup>, afim de ganhares certa popularidade, que mais do que ninguém podes ter, porque então ahi te ajuda a mascara negra que a natureza te deu, e afim de empulhares esses falsos apóstolos que te embrulharão, que te farão sumir se tu não te metteres já, mesmo fingindo de intrujão, por entre elles, bajulando até se fôr preciso e se já tiverem trabalhado muito o terreno, para mais tarde teres o triumpho da popularidade, que logo perderão, desde que entres em fogo. E então terás posição, dinheiro, empregos, e, oh! Tantalo, mulheres alvas! E nós poderemos representar essa terra pascacia, onde o burro do Boiteaux faz figura, onde Lauro, zebra teutonica, brilha, com a alacridade de uma fistula.

Amigo, guarda segredo sobre esta carta, communica-a ao Varzea e ponham-se a caminho. Essa terra deve ser nossa. Vou começar chronicas daqui para preparar terreno. Depois de ler rasga este papel. Se pensam que pode haver mais esperanças para a monarchia, acreditem que ellas não tem o menor fundamento; essa infame foi-se de vez.

O Gama Rosa apresenta-se candidato pela Parahyba, Espirito Santo, S.<sup>ta</sup> Catharina e R. G. do Sul, mas é segredo.

Não assigno.

Oscar Rosas<sup>547</sup>

---

em Desterro, tendo como professor José Joaquim Lopes. Aos 13 anos foi para o Rio de Janeiro, onde se empregou como caixeiro de vendas. Em 1850, tornou-se comerciante em São Paulo. Retornou ao Rio de Janeiro como sócio de uma livraria. Nesta cidade, abriu uma papelaria (“O Livro Catarinense”), situada à Rua do Hospício (atual Buenos Aires), onde passou a atender os conterrâneos que o procuravam. Atuou como abolicionista e engajou-se no movimento republicano. Foi um dos signatários do “Manifesto Republicano” de 1870. Com a o golpe militar de 15 de novembro, indicou ao Marechal Deodoro da Fonseca o nome de Lauro Muller para ocupar o cargo de Governador de Santa Catarina. (PIAZZA, Walter Fernando. Op. cit., 1985, p. 214-215).

<sup>546</sup> A “Doutrina Monroe” (*Monroe Doctrine*) foi apresentada pelo presidente estadunidense James Monroe em sua mensagem ao Congresso de 2 de dezembro de 1823. A frase que a resumia era: “América para os americanos”.

<sup>547</sup> Nota feita pelo autor, inserida à margem inferior da fl. 1.

<Tenho uma ventarola<sup>548</sup> unica para ti, mas não sei como mandar, o correio não a quer enviar.><sup>549</sup>

47

**Carta de Carolina de Sousa<sup>550</sup> a Cruz e Sousa. Desterro, 06/01/1890 (AMLB/FCRB).**<sup>551</sup>

Desterro em 6 de Janeiro de 1890:

Meo Queridissimo Filho.

Estimarei que esta vá encontrar-lhe de saúde que a nossa e como sabe.

Recebi sua carta a qual fiquei muito e muito satisfeita em saber que foi bem de viagem.

Meo Caro Filho v. diz que sentiu muito a nossa separação pois o que hei de dizer eu? Eu como [*corroído*] sentir assim como sinto mil vezes demais pois é o unico consolo que tinha estar perto de meo Querido Filho; mas somos tão infelizes que não podemos obter esse favôr de Deus de nos estar-mos juntos a gozar de uma extremosa vida.

---

<sup>548</sup> *Ventarola*: tipo de leque constituído de um cabo e um abano desprovido de varetas.

<sup>549</sup> Assinatura a lápis na margem inferior direita da fl. 2v.

<sup>550</sup> *Carolina de Sousa*: Batizada como Carolina Eva da Conceição. Ex-escrava. Lavadeira e cozinheira. Mãe de Cruz e Sousa. Nascida, provavelmente, em Desterro, entre as décadas de 1820 e 1830. Casada com o também ex-escravo Guilherme de Sousa em cujo matrimônio concebeu a João da Cruz e Sousa e Norberto de Sousa. Faleceu em Desterro, a 25 de agosto de 1891. (Cf. ALVES, Uelinton Farias. Op. cit., 2008, p. 13; 28; 108; FIGUEREDO, Juvêncio de Araújo. Op. cit.; MAGALHÃES Jr., Raimundo. Op. cit. p. 3-6; 29; 31; 227-234).

<sup>551</sup> Nem Carolina, nem Guilherme de Sousa, eram alfabetizados. Todas as cartas enviadas pelos pais de Cruz e Sousa foram ditadas por eles e redigidas por terceiros. Provavelmente muitos desses co-autores são algumas das pessoas mencionadas nas correspondências (amigos, conhecidos, vizinhos). Nas transcrições, procurei respeitar o máximo possível o modo de expressão desses agentes, mesmo que isso compromettesse, em algumas partes, a própria legibilidade dos textos aqui apresentados.

So rogo a Deus que sejam felizes de alcançar um meio de vida que possa ajudar-nos a passar esses poucos dias de vida; a qual já não me acho com coragem de procurar os meios de vida como dantes: Só teria prazer e consolação se eu me visse perto desse meu Querido Filho vivendo uma vida feliz.

Que prazer que consolação se eu me visse perto desse meu Querido Filho vivendo uma vida feliz. Que prazer que consolação Não seria para mim?

Aceite lembranças da Comadre Thomazia e do vizinho Custodio, e a Marcellina está melhor.

[...] abençô e o mesmo seu pae e as saudades são sem fim.

Sua Mãe

*Carolina*

**48**

**Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 18/01/1890 (AMLB/FCRB).**

Cruz

18-1-90

Recebi tua carta sobre o Araujo com muito gosto; já o estimava muito. Em materia typographica ninguem como eu tão bons para empregar-o. Será hospedado no meu palacio.

Escreve-me consecutivamente e fallando do Varzea, Horacio, etc. etc. Conta coisas d'ahi, da vida, do espirito. Escreve-me longamente; não vou agora pecuniariamente em teu auxilio porque a morte do velho<sup>552</sup> matou-me monetariamente.

Tem esperança, comtudo.

Teu

*Oscar.*

---

<sup>552</sup> Refere-se ao falecimento do pai, João José de Rosas Ribeiro, em 7 de dezembro de 1889.

**Carta de Francisco Gromwell a Cruz e Sousa. São Luís, 28/01/1890. (AMLB/FCRB).**

S. Luis, 28 de janeiro de 90

Meu charo Cruz.

Saude e fraternidade<sup>553</sup> já sabes que é a formula, mas não são outros os sentimentos da primorosa estima e do cuidadoso affecto de que és objecto especial cá dentro nas arcadas sombrias do meu coração e paços mysteriosos do meu espirito.

És meu: e ainda bem que me não esqueces nem me deixas ignorar perdidamente o rumo que levas, que é feito de ti, que sonhos te embalam e que estonteadora esperanças te alentam e absorvem n'um refflorir de chinesas.

És muito meu, reconheço-o para bem dizer a ventura que me dignificou de tão singular maneira e para sentir-me feliz na beatitude do orgulho satisfeito. Porque tu me enches de orgulho, meu precioso, incontrastavel bronze com alma!

Tu és a adoração mais fervorosa, mais convencida e sem suspeita de idolatria, porque se dirige a um deos, bem deos, verdadeiro de Natureza e de Arte, olympico, serenamente resplandecente de Espirito.

E, pois que o és e o sabes de mim tão inteiramente como o século, não deverias suppôr, como dás a entender em phrase repassada de recriminação e queixume dorido que eu ao remontar-me, subindo para o alto a rutilar em estrela, te puzesse na lama, em baixo, a coaxar de sapo, e não devias [...] indiferença e muito menos desprezo atavico por ti, pelo teu luto, por essa noite estrelada de talento em que ardem vivos e intensos todos os fogos deslumbradores do mais ardente tropicalismo.

Não o devias suppôr de mim que te quero tanto, tão queridamente embevecido da tua originalidade incomparavel de artista e tão enlevado da tua exquisita sensibilidade de ser humano e da larguesa do teu coração emfin!...

Mas tantas foram as dificuldades que tive de vencer de 20 e tanto de novembro a 4 de dezembro, quando d'ahi do Rio sahí, que nem tive

---

<sup>553</sup> *Saúde e fraternidade*: clichê republicano.

tempo de dizer adeos ao Oscar, a sua adorável Julieta<sup>554</sup> e a Cocota<sup>555</sup>. Aqui mesmo, até agora ainda não assentei a vida, passando-se entre, canceiras, atribuições e amolações inaturáveis. D'ahi só agora poderes saber o seguinte:

Recomendei-te, por carta, muito particularmente ao Lauro Müller que ao meu portador, o Stockler<sup>556</sup>, prometteo aproveitar-te na razão da tua idoneidade. Nem disso te preveni! Foi em 1º de dezembro, ainda no Rio, q.<sup>do</sup> o Lauro partia.<sup>557</sup>

Utilizar-te-has, se quizeres, do [...] cartão. = Desejo estar no Rio até maio, si a política da terra me der licença. Escreve-me para cá. Endereço - R. de S. Pantaleão, 100. Talvez tenha de ir ao interior em uma comissão [...]. Manda-me a *Tribuna*. Aparece! Sê feliz!

Lembrei-te ao [...]. Está avelhantado, desolado, acabado.

Escureceu agora de todo. Adeos!

Fala de mim ao Varzea. Escrevendo ao Oscar, da-lhe novas minhas. E tú fica certo de que aqui me tens teu com o mesmo affecto de sempre, para amar-te, para viver da irradiação da tua [...] bondade, desse fulgurantissimo sol de intelligencia que sahe da tua noite. Triumphal e prodijioso em um deslumbramento de luz. E crê piamente que aqui te deixo o coração saudoso e despedaçado.

E estreito-te com força.

Teu

*Gromwell*

50

### **Carta de Francisco Gromwell a Cruz e Sousa. São Luís, 31/01/1890. (AMLB/FCRB).**

---

<sup>554</sup> *Julieta*: Julieta Chaves Escobar, esposa de Oscar Rosas.

<sup>555</sup> *Cocota*: Corália Rosas: filha de Oscar Rosas e Julieta Chaves, nascida a 23 de julho de 1888.

<sup>556</sup> *Stockler*: Alexandre Stockler Pinto de Menezes: médico mineiro, positivista, republicano “histórico” e genro do Conselheiro Lafayette Rodrigues Pereira (considerado um dos mais importantes signatários do Manifesto de 1870).

<sup>557</sup> Alusão ao embarque de Lauro Muller em direção à Santa Catarina após a sua nomeação como governador do Estado, em 24 de novembro de 1889.



Cruzinho, Amor.

Talvez mais esta vá chegar-te às mãos ao mesmo tempo que a anterior, de 29, pelo brasileiro, francam.<sup>te</sup> confiada ao correio, com sobrescripto e enveloppada e selada.

Esta sae assim como de pouca monta, dentro de jornaes, somente para falar-te da minha saudade, da minha admiração e do muito que sabes de mim em relação ao sentir [...] affectivos que armam como um laço espiritual entre nós. O jornal que te remeto é o *Globo*<sup>558</sup>, do [...] - um bacharel menor bacharel deste mundo, artista, inspirado, nosso. Sou redator delle. Agora hei de te pôr a toda evidencia. Envia-me alguma coisa original, envia-nos a *Tribuna*, originais teus e dos nossos amigos. Quero estar em comunicação directa com a luz e o ar, enq.<sup>to</sup> estiver por cá. Adeos.

*J. F. Gromwell*

S. Luis, 31 de janeiro (Lê o Globo de hoje!)

51

**Carta de Justino de Proença a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 20/02/1890. (AMLB/FCRB).**

Rio, 20-2-90.

Meu caro Sr. Cruz e Souza:

Recebi a sua carta e não imaginas quanto sinto não poder servir-o no seu justo e nobre pedido – o de um emprego!

Quando me lembro que eu não tenho meios e força para empregar todos os amigos, e especialmente os de verdadeiro merito, eu desespero, e é então que sinto não occupar uma posição bem prestigiosa e elevada na sociedade brasileira.

Se o Varzea não fosse o Secretario da Capitania desse Estado, o Horacio<sup>559</sup> teria sido nomeado para esse cargo, conforme me prometteu

---

<sup>558</sup> *O Globo*: jornal carioca, dirigido por Casimiro Júnior.

<sup>559</sup> Horácio Serapião de Carvalho.

o Sr. Wandenkolk<sup>560</sup>, e então talvez eu pudesse conseguir para o amigo a nomeação de Official de Deligencias. Mas, como talvez saiba, aquella nomeação não se deu, de modo que tudo mais tornou-se impossivel. Se eu estivesse ahi, ainda que de passagem, talvez tambem conseguisse alguma cousa, mas d'aqui de longe, sem apreciar as circunstancias, sem poder de [...] nos trabalhos ahi, tudo é diffcil.

Entretanto, se o am<sup>o</sup> me indicar o que devo fazer, e o que ha em que lhe possa servir, escreva-me para, com muito prazer, pôr-me em campo.

Recommend-me ao Varzea, Horacio, e o am<sup>o</sup> disponha o seu

Sincero admirador e am<sup>o</sup> o Cap.

*J. J. de Proença*

52

**Telegrama de Pedro Paiva a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 10/03/1890. (AMLB/FCRB).**

Capital Federal, 10 Março 1890

Cruz e Souza  
Desterro.

Recebi carta e Araujo. Este hospedado até Carnaval casa Oscar Rosas; agora, [...] St. Anna, quarto mobiliado. Empregado, typographo, *Correio Povo*<sup>561</sup> favor de Luis Pires e Oscar, ganha 5\$000 por dia, digo noite, [...] 150\$000 mez trabalhando seguido. Magnifico. Melhor do que o Egas. Recomendações nossas. Abraço meu.

---

<sup>560</sup> *Eduardo Wandenkolk* (Rio de Janeiro, 29 de junho de 1838 – Rio de Janeiro, 3 de setembro de 1902): militar da Marinha e político. Filho do Primeiro-Tenente da Armada José Eduardo Wandenkolk e de Martinha Gomensoro Wandenkolk, foi educado no Rio de Janeiro e tornou-se aspirante da Marinha, em 1853. Participou da campanha contra o Paraguai e foi promovido a capitão-de-mar-e-guerra em 1882. Com o golpe de 15 de novembro, ocupou a pasta da Marinha (1889-1891), no governo provisório de Deodoro da Fonseca.

<sup>561</sup> *Correio do Povo*: jornal carioca, dirigido por Alcindo Guanabara.

53

**Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 18/01/1890 (AMLB/FCRB).**

Cruz.

Rio, 11.3-90

Todas as desgraças fataes têm rebentado sobre a minha cabeça estilhaçando-me o coração e o cerebro. Escreve-me, amigo, e não vejas n'estas linhas o crystal ensanguentado de lagrimas que jorra. Oppõe à miseria humana o teu coração, a minha ultima panoplia. Vou publicar no *Diario de Noticias* do Ruy<sup>562</sup>, a tua *Manhã de Estio*<sup>563</sup>, tão larga e estylada. Manda-me originaes de prosa e verso em manuscripto para os jornaes d'aqui. O Araujo, esse bello amigo, vae bem e tem feito versos. Eu tambem, e lindos! O *Diario* t'os mostrará. Vou escrever-te sobre o Luis Campos e Emmanuel Karneiro<sup>564</sup>, dois finos artistas que te admiram.

Adeus.

Oscar.

54

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 15/03/1890 (AMLB/FCRB).**

---

<sup>562</sup> Ruy Barbosa.

<sup>563</sup> Um dos poemas em prosa que, mais tarde, integrariam o livro *Missal*, de 1893.

<sup>564</sup> *Emmanuel Karneiro*: trata-se, muito provavelmente, do mesmo Emanuel Carnero que, em 1890, participou da comissão presidida por Ferreira de Araújo com o objetivo de discutir a criação de uma Academia de Letras (*Novidades*, Rio de Janeiro, 8 mar. 1890). Oscar Rosas, entraria numa discussão pública com Carnero agredindo-o, inclusive, pessoalmente (*Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 18 dez. 1890).

Meu adorado Cruz

"Como o Araujo, aquelle canalha, aquele mulato, me tem sido ingrato!" terás dito insto muitas vezes, muitas, a lembrar-te de q., ainda a bordo, no dia que sahi barra a fóra, ouviste-me dizer tantas cousas sobre o teu coração e sobre o teu espirito. Mas, meu adorado, as cousas não são assim, isso de eu ainda não te ter escripto não quér dizer tanto canalhismo, tanta ingratidão. Deram causa a essa falta a maldita influenza e, ultimamente, uma inchação de pernas, especie de beri-beri<sup>565</sup>, segundo os medicos consultados, que me estava a roubar todas as alegrias e fazendo-me pensar nas sombras silenciosas e frias das sepulturas. Felizmente estou melhor com o xarope de Eastons e alcool camphorado. Ganho 150\$000 mensaes e moro no Campo de Sant'Anna, [...] um bello quarto mobiliado, com cama de roupas brancas cheirosas, com cadeiras de balanço, com commodas, mesas e laboratorios de marmore branco cortado de veias azues, com bom café em chcaras de louça transparente, com creados que me engraxam as botas e me escovam a roupa, com jornaes do dia à cabeceira e banhos frescos, salutareos, de chuva, todas as manhãs, sob um caramachão de trepadeiras em flôr. O que mais me aborrece é o trabalho, pois quasi sempre venho para casa à 1 hora da madrugada, e isso deixa no sangue da gente um eterno amolecimento de somno doentio. Em compensação tenho todo o dia por meu, livre, gosado em bellos passeios pelos arrabaldes e pelas brunidas, espelhantes calçadas da Rua do Ouvidor. Jogamos em corridas, fumamos e bebemos magnificos licôres verdes, eu e o Oscar, n'uma intimidade de leões que se conhecem, cada qual arregalando os olhos, sacudindo a juba, retorcendo-se e uivando satyras aos burguezes. Tenho escripto uns sonetos ainda cheirando a campo, luminosas recordações dahi, desta bella natureza primitiva, virginal, cheia de encantos immaculados. São bons. O Oscar, que tu sabes como é, esse phantastico selvagem, acha-os bonitos, com sabor de fructos carnudos. Vou publical-os no *Diario de Noticias* em cujas columnas trolila, faz

---

<sup>565</sup> *Beri-beri*: beribéri: doença causada pela carência de vitamina B1 e caracterizada por distúrbios sensitivos e motores (paralisia especialmente. dos membros inferiores), circulatórios (formação de edemas, problemas cardíacos) e secretores.

scintillar, alvorecer e cantar as Andorinhellas [?] o Lima Campos<sup>566</sup>. É um rapaz decadente. O Salamonde acha-se aqui, com o seu bigode repolhado e grosso, gordo, saudavel, com auroras de sangue pelo rosto. B. Lopes vae publicar a *D. Carme*<sup>567</sup>, livro de um luxo parisiense, com gravuras coloridas, com gritos de verdura de campo, com frescura de aguas correntes, com sol por ceu azul, com luares de prata, com cantigas de aves, com tudo. No *Democracia*, methamorphose do *Dia*, sahio um soneto do Horacio Pires<sup>568</sup>. Fez um sucesso extraordinario! Estamos vingados. Foi um dia de glorias! O Oscar malucou, esganipou-se de risadas.

Com o jornal em punho quebrámos, no Café do Rio, uma porção de chicharas de porcelana azul com ramagens de ouro. Veio o caixeiro e jogou-se então algumas cabeçadas. Não de sahir mais uns quantos com as respectivas assignaturas de todos os litteratos barbados<sup>569</sup> dahi. Mostra este jornal aos amigos delle, mas nada de... compromettimentos. O soneto está entremeiado com versos de Xavier Pinheiro que, a estas horas, protesta o plagio. O Redator da *Democracia*<sup>570</sup> meteu-se n'uma embrulhada medonha!... Fallamos agora em mulheres: Ando de amôres com uma mulher original, de olhos de velludo negro, de bocca vermelha e dentes de marmore. É mais alta do que eu, porém magra, e uza, na linda cabeça ondeada, de cabellos revoltos, um chapéo em fórmula de magnolia aberta. Lê bons livros e, pelas manhãs, quando o histerismo lhe enche o peito de extravagantes desejos, na sua sa de janellas abertas para o mar, ao piano, faz musicas deliciosamente formosas. Moça ainda, fresca, rebentando em primaveras, abandonou-a o marido, um sórdido burguez. Como me perseguem as mulheres dos outros! É verdade, como vae a Sinhá? Tu conheces a Sinhá?... Boasinha, heim?! Que saudades! O Lopes, o Varzea, Horacio, tua mãe e teu velho e abençoado pae estão bons? Reporte com elles muitos abraços de ferro. Adeus!... Muitos adeuses!.. Lembranças a tua querida Pedra e a mãe della. Escreve-me.

Teu do coração

---

<sup>566</sup> César Câmara de Lima Campos.

<sup>567</sup> *D. Carme*: *D. Carmen*: livro de poesias publicado em 1894, com ilustrações de Gonzaga Duque.

<sup>568</sup> Horácio Nunes Pires.

<sup>569</sup> Referência aos desafetos políticos e literários que, em Desterro, rivalizavam com o grupo de Cruz e Sousa. Exemplo: Horácio Nunes Pires, Eduardo Nunes Pires, entre outros.

<sup>570</sup> *A Democracia*: jornal carioca.

Araujo Figuerêdo

Quando quizeres vae passar dias nos Coqueiros, lá em minha casa, consolando assim o teu coração de artista ao suavissimo licor dos olhos da Bernardina. Vae e falla muito de mim a minha santa, adorada e bôa velhinha. Não sei si ella estará boa, não sei si o seu fraco espirito de mulher do campo viverá preocupado com a minha ausencia!

Os sonetos que veres no *Diario de Noticias* publicados por mim, transcreve ahi. Vão *Democracias* junto com esta carta.

Adeus! Saudades a Oscar.

A. F.

Queres que eu escreva para a *Tribuna popular* umas correspondencias?

55

**Carta de Oscar Rosas a Cruz e Sousa. s. l., 20/03/1890 (AMLB/FCRB).**

Adorado Cruz.

20-3-90.

Com raios de alegria recebi a carta do Varzea com os contos (magnificos) e a tua bella resposta à minha carta, estupendo artigo com a violencia da força da cauda de uma baleia monstruosa dos mares austraes. Isto que te escrevo é a toda pressa, apenas um bilhete. Dirás ao Varzea que o Jansen nunca mais me appareceu; que eu ainda não tive a gloria divina de tocar nas *Miudezas*<sup>571</sup>. O Jansen esteve doente e necessariamente está muito [...] com a promoção que deve sahir sabbado.

O titulo da *Tribuna* irá, mas gravado em madeira ou d'ahi passado em galvam, obra esthetica, digna de corôar a frente do jornal que tem o grande pharol do teu espirito, brilhando alto, como um fogo da *tour*

---

<sup>571</sup> *Miudezas*: referência ao terceiro livro de Virgílio Várzea, editado em Portugal durante o ano de 1887.

*Eiffel*<sup>572</sup>; isto, porém, d'aqui à mez e dias; finanças um tanto por baixo, epidemias em casa.

Mando-te quatro *Democracias*<sup>573</sup> (o! vingança gostosa) onde lerás um soneto do Xavier Pinheiro (silêncio, que é malvadeza minha) assignado pelo Horacio Nunes.

Todos estes miseráveis d'ahi vão me pagar; os jornais d'aqui sahirão d'ora avante sempre repletos de artigos e versos marrecos e pevidos [?] assignados pelo Lauro<sup>574</sup>, Boiteaux<sup>575</sup>, Blum<sup>576</sup>, Eduardo Pires<sup>577</sup>, Pedro de Freitas, Chico Margarida<sup>578</sup>, o Carlos Barbosa que aqui esteve a representar o meu partido d'ahi, etc, etc. Ri e pasma adiante do meu plano infernal. Não ha quem resista a tamanho ridiculo.

---

<sup>572</sup> *Tour Eiffel*: a Torre Eiffel, em Paris, foi originalmente projetada e construída para servir como o arco de entrada da Exposição Universal de 1889. Foi considerada a estrutura mais alta do mundo desde a sua conclusão até o ano de 1930.

<sup>573</sup> Referência ao jornal *A Democracia*, do Rio de Janeiro.

<sup>574</sup> Lauro Severiano Muller.

<sup>575</sup> José Artur Boiteux.

<sup>576</sup> *Emílio Blum* (Bagé, Rio Grande do Sul, 10 de abril de 1861 – Mendes, Rio de Janeiro, 5 de março de 1918): engenheiro e político. Filho de Jacques Blum e Amélia Blum, imigrantes franceses. Estudou em Paris, entre os 13 e 20 anos de idade. Voltou ao Brasil em 1880, radicando-se em Santa Catarina. Atuou como publicista republicano. Após o golpe de 15 de novembro, foi nomeado Superintendente Municipal de Desterro. (Cf. PIAZZA, Walter Fernando. Op. cit., 1985, p. 92).

<sup>577</sup> *Eduardo Nunes Pires* (Rio de Janeiro, 1845 – Florianópolis, Santa Catarina, 1902): professor de Português e Latim. Filho de Anfilóquio Nunes Pires e Henriqueta Nunes Pires. Irmão de Horácio Nunes Pires. Autor de *Memórias, O encontro de Eliezer e Rebeca, Tratado de versificação*, entre outros. Grande rival e desafeto do grupo de Cruz e Sousa em Desterro. (Cf. S. THIAGO, Arnaldo. *História da literatura catarinense*. Rio de Janeiro: s. ed., 1957. p. 391; FLORES, Altino. Op. cit. p. 223-231).

<sup>578</sup> *Chico Margarida*: Francisco Antônio das Oliveiras Margarida (Desterro, 21 de fevereiro de 1863 – Joinville, 19??): jornalista e político. Filho de Alexandre Francisco das Oliveiras Margarida e Maurícia Francisca de Oliveira Paiva Margarida. Redator do jornal *O Abolicionista*, que circulou em Desterro em 1884. Funcionário da Agência de Terras e Colonização. Morava em Blumenau, na ocasião do golpe de 15 de novembro. (Cf. PIAZZA, Walter Fernando. Op. cit., 1985, p. 325-326).

Os telegramas da *Gazeta do Sul*<sup>579</sup> a respeito da tua prisão, duelo Lopes, Mulato Aluisio<sup>580</sup>, recrutamento ahi, são meus, que os fiz para chamar a atenção do mundo sobre ti e prevenir qualquer desgraça que a mula russa<sup>581</sup> te prepare. O Alberto Silva é o correspondente da *Gazeta do Sul* e ahi se explica a minha ingerencia no negocio.

A tua vinda terá logar a 1 ou principios de Maio, terás passagem de 1ª classe, etc, etc. Prepara-te para partir e só deves dizer isto ao Varzea. Faz dividas grandes ahi antes de partir. Tenho escripto algumas prosas bem laminadas de ouro virgem e ferro japoneses. Entrei n'um concurso litterario a 20 deste, premio 500\$000, com o conto *Tisico*<sup>582</sup>, que não é mau. Tenho trabalhado muito ultimamente e creio ficar immortalizado. Começo a ter facillidade na vida litteraria.

Quanto à tua carta tão crescida para ceus rasgados de sóes e amplas constelações, será respondida convenientemente, em carta detidamente pensada, com forma, nervo e estylo, onde não haja geryngonça de pennadas alastrando o papel no primeiro impeto como n'esta e na que te escrevi, a qual foi assumpto da tua alta e enorme missiva.

Hoje em arte sou um symbolista *arrouge*.

Teu amigo

<Oscar Rosas><sup>583</sup>

Mostrarás, fazendo charge, a muitas pessôas, os *Democracias* que te mando. Vaia, escarnece dessas phantasticas eguas zorras.

## 56

---

<sup>579</sup> Referência ao telegrama publicado na edição de 18 de março de 1890 do jornal *Gazeta do Sul*, de Desterro, onde se anunciava que, segundo relatos correntes no Rio de Janeiro, estariam circulando rumores acerca da intenção de Lauro Muller ordenar a prisão do “jornalista Cruz e Sousa”. (Cf. SOARES, Iaponan. Op. cit., 1988, p. 43-44).

<sup>580</sup> *Mulato Aluisio*: possível alusão ao escritor Aluísio Azevedo e ao seu romance *O mulato*, publicado em 1881.

<sup>581</sup> Alusão pejorativa a Lauro Müller.

<sup>582</sup> O conto *O tisico* foi publicado no jornal carioca *Correio do Povo*, em 16 de abril de 1890. O trabalho recebeu uma menção honrosa no concurso literário realizado por aquela folha. (Cf. ROSAS, Oscar. Op. cit., 2009, p. 139-144).

<sup>583</sup> Assinatura a lapis na margem canto inferior direito da fl. 1v.



**Carta de Francisco Moreira de Vasconcelos<sup>584</sup> a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 02/04/1890 (AMLB/FCRB).**

Grande Cruz!

2-4-90 - Capital Federal

Admiravel ingrato!

Nem uma palavra, uma noticia, qualquer coisa que me falasse de ti e me dissesse:

- ah! tu, olha que aquelle pandego que andou contigo por esse mundo a fóra, sendo a melhor e mais vasta porção do nosso pais, que era como que uma parte de ti mesmo, é ao igualmente pensavamos e sonhavamos – ainda existe, vive, lembra-se de ti, [...] as reminiscencias desse [...] e não se esqueced'aquelle que lhe era mais do que um amigo porque era um irmão.

Qual! São coisas estas que te passaram pelo espirito com um *blasé* passa por uma [...] de cocotes. Indiferentemente, frio, sem alterações de sangue e de nervos.

Admiravel ingrato.

---

<sup>584</sup> *Francisco Moreira de Vasconcelos* (Rio de Janeiro, 25 de julho de 1859 – Palmares, Pernambuco, 23 de fevereiro de 1900): ator, escritor e empresário. Filho do negociante José Moreira de Vasconcelos e Libânia Moreira de Vasconcelos. Coursou Humanidades no Colégio Vitório e Pedro II. Estreou como ator, em Itaboraí, em 1875. Durante os anos 1880 dirigiu a Companhia Dramática Julieta dos Santos, grupo itinerante no qual trabalhou Cruz e Sousa. Escreveu: *O espectro do rei*, *Um diabrete de nove anos*, *Tiradentes*, *O coração do povo*, *A família do Tio Braz*, entre outros. (Cf. ALVES, Uelinton Farias. Op. cit., 2008, p. 59-100; BLAKE, Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895. v. 3. p. 55; FONTES, Henrique. *Cruz e Sousa em A Companhia Dramática Julieta dos Santos e o meio intelectual desterrense e outros ensaios*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1997. p. 54-55; MAGALHÃES Jr., Raimundo. Op. cit. p. 42-43; 44-65; 60; 330-331; MONTENEGRO, Abelardo Fernando. Op. cit. p. 35-41; PAULI, Evaldo. Op. cit. p. 41-56; SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1960. p. 557; VARZEA, Affonso. Moreira de Vasconcellos no Desterro. *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, p. 9-10, 20 ago. 1955).

Eu, porem, [...] dolorosa indiferença, levando-te um pedaço da minha genesis artistica, uma como satisfação de que com o mesmo homem de trabalho e consequentemente o mesmo amigo firme, sincero.

Ahi te envio a minha ultima publicação - *A vida e a natureza*, de cujo aparecimento talvez já tenhas noticia e que, eu faço idea, estarias curiosissimo por ver.

Ahi váe. Le-a com atenção e de parceria com esse outro ingrato, o Virgilio Varzea, que é positivamente um ingrato.

E como vocês verão pela differença do estylo, são paginas escriptas ha muito tempo, nas minhas viagens do soneto. O livro entrou para o prélo em Março de 89. [...] a [...], as ultimas paginas.

Foi bem acolhido da alta critica.

Logo que vocês, tu e o Virgilio me escrevam, hei de mandar-lhes copia das criticas do Arthur Azevedo<sup>585</sup>, Olavo Bilac<sup>586</sup>, Pardal Mallet<sup>587</sup>, Urbano Duarte<sup>588</sup>, Figueiredo Coimbra<sup>589</sup>, Coelho Netto<sup>590</sup>, Evaristo de Moraes<sup>591</sup> e outros.

---

<sup>585</sup> *Arthur Azevedo*: Arthur Nabantino Gonçalves de Azevedo (São Luís, Maranhão, 7 de julho de 1855 – Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1908): escritor, jornalista e teatrólogo. Autor de inúmeras peças, entre elas *A pele do lobo* (1877), *O bilontra* (1885), *A almanjarra* (1888) e *O dote* (1888). Era o irmão mais velho de Aluísio Azevedo, autor dos romances *O mulato* (1881) e *O cortiço* (1890).

<sup>586</sup> *Olavo Bilac*: Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac (Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1865 – 28 de dezembro de 1918): escritor e jornalista. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Autor de *Poesias* (1888), *Crônicas e novelas* (1894), *Tratado de versificação* (1910), entre outros. É o autor da letra do *Hino à Bandeira* (1906).

<sup>587</sup> *Pardal Mallet*: João Carlos de Medeiros Pardal Mallet (Bagé, Rio Grande do Sul, 9 de dezembro de 1864 – Caxambu, Minas Gerais, 24 de novembro de 1894): jornalista e escritor. Fundador, ao lado de Raul Pompéia, Luís Murat e Olavo Bilac do jornal *A Rua*. Autor de *Meu álbum* (1887), *O hóspede* (1887), *O lar* (1888), entre outros.

<sup>588</sup> *Urbano Duarte*: Urbano Duarte de Oliveira (Lençóis, Bahia, 2 de janeiro de 1855 – Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1902): militar, jornalista e escritor. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Autor de *A princesa Trebizon* (1883), *O escravocrata* (em co-autoria com Artur Azevedo, 1884), *Os gatunos* (1884), entre outros.

<sup>589</sup> *Figueiredo Coimbra*: Argemiro de Figueiredo Coimbra (Rio de Janeiro, 1866 – Rio de Janeiro, 23 de março de 1899): teatrólogo e tradutor. Autor de *A carta anônima* (1884), *A Exposição Nacional* (1889), *O Mundo da Lua* (1894), entre outros.

[...] que voces ahi escrevam, façam larga critica ao livro e mamdem-me os jornaes. Mas isso que não fique para as calendas gregas. Leam-n'ò, travem da penna e... zaz! Coisa digna de voces, seus ingratos!

O Oscar Rosas vae aprecial-o no *Democracia*.

.... Estive e tenho estado com o nosso grande Martins Junior<sup>592</sup> que se acha aqui em [...].

Fallamos muito em ti.

[...] do novo livro do Varzea - *Miudezas* - que o Oscar me informou teres-lhe tu escripto que éra obra de primor.

Que diabo! O Virgilio ja [...] a [...].

Soube do novo livro do Varzea - *Miudezas* - que o Oscar me informou teres-lhe tu escripto. Que éra obra de primor.

Que diabo! o Virgilio ja [...] a maneira especial que individualiza os grandes artistas e a sua obra [...] trazer forçosamente a [...] do seu brilhantissimo engenho.

Estou soffrego pelas *Miudezas*. Mas soffrego a valer.

E tu? Que fazes? Que publicas? Que tens publicado ou escripto?

Cahiste na pasmaceira dos muitos homens fortes, que se deixam abater ao meio, à superioridade numerica dos parvos?

Conta-me tudo que fico a espera de noticias e de letras tuas e do Varzea, impaciente como a noiva que aguarda a [...] nupcial, e o [...] do [...] que a [...] fazer feliz entregando-a ao homem que ha de fecundal-a.

E mais não digo por hoje.

Abraço-te muito e ao Virgilio, muito, auxiliado pelo pelo Antonio<sup>593</sup> que fortalece com a alma e os braços este vigoroso amplexo do teu

---

<sup>590</sup> *Coelho Netto*: Henrique Maximiano Coelho Neto (Caxias, Maranhão, 21 de fevereiro de 1864 – Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1934): escritor, político e professor. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Autor de *Inverno em flor* (1897), *A Capital Federal* (1893), *A Conquista* (1899), entre outros.

<sup>591</sup> *Evaristo de Moraes*: Antônio Evaristo de Moraes (Rio de Janeiro, 26 de outubro de 1871 – Rio de Janeiro, 30 de junho de 1939): rábula, jornalista e historiador. Foi redator do jornal carioca *Correio do Povo*. Participou da fundação do Partido Operário, em 1890, e da Associação Brasileira de Imprensa, em 1908. Autor de *A campanha abolicionista* (1924), *A escravidão africana no Brasil* (1933), entre outros.

<sup>592</sup> *Martins Júnior*: José Izidoro de Martins Júnior.

<sup>593</sup> *Antonio*: Antônio Moreira de Vasconcelos (Rio de Janeiro, 22 set. 1861 - ??): entalhador e escritor. Irmão de Francisco Moreira de Vasconcelos. Autor de *Aljofares* (1881). (Cf. BLAKE, Sacramento. *Diccionario bibliographico*

**Carta de Cruz e Sousa a Araújo Figueiredo, Desterro 02/04/1890.<sup>594</sup>**

Ondina, abril, de tarde, 2, de 90

Meu querido poeta

Não! Nem canalha, nem mulato, nem ingrato! Não julgues, meu madrigalesco sonhador, que eu sou o vidro de cheiro, na frase do Várzea, do Rodolfinho Oliveira<sup>595</sup>; ele, sim, palito humano, como é, é quem deve ter raivas fáceis e banais ao não receber cartas tuas. E até tu dando-me zangas e conseqüências caixerais pelas demoras de notícias tuas em cartas tuas, igualas-me, comparas-me, muito naturalmente e muito logicamente como o vidrinho de cheiro. Mas, vade retro, Araújo! Como o outro que dizia – Vade retro, Fradique<sup>596</sup>. Jamais me parecerei com o Rodolfinho: nem nas unhas.

Eu, claramente sei o que são os atropelos de chegada e depois gozos e gostos de provinciano largamente impulsionados e vibrados numa grande capital como esta em que agora vives lordificado e regalado... Assim, claramente sei também, e vivamente sinto também,

---

*brazileiro*. Rio de Janeiro: Typographia nacional, 1883. v. 1. p. 271; *Correio da manhã*, 1º jan. 1926; FREIRE, Laudelino (Org.). *Sonetos brasileiros: século XVII-XX*. 2. ed. Rio de Janeiro: Briguiet & Cia., 1913. p. 156, SOARES, Iaponan. Op. cit., 1988, p. 60-63).

<sup>594</sup> SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 644-646.

<sup>595</sup> *Rodolfinho de Oliveira*: Rodolfo de Oliveira: amigo comum de Cruz e Sousa e Araújo Figueiredo em Desterro. (Cf. FIGUEIREDO, Juvêncio de Araújo. Op. cit.).

<sup>596</sup> *Fradique*: referência a Carlos Fradique Mendes, heterônimo coletivo criado pelo grupo formado por Antero de Quental, Eça de Queirós, Guerra Junqueiro, Teófilo Braga, Ramalho Ortigão e outros escritores portugueses da chamada “geração de 1870”. Caracterizado como um poeta poeta excêntrico, irreverente, culto, cosmopolita e aventureiro, surgiu no final da década de 1860 como “colaborador” do jornal *A Revolução de Setembro*, reaparecendo, mais tarde, como um dos personagens do romance *O Mistério da Estrada de Sintra* (1870), de Eça de Queirós e Ramalho Ortigão. Em 1900, Eça de Queirós reuniu os textos de Fradique no livro *Correspondência de Fradique Mendes*.

que em tais cidades, o rumor, sol alto dos assuntos mais inauditos, inflamam, queimam, incendeiam qualquer provinciano, tanto mais quando o provinciano, como tu, tem qualidades e sentimentos de arte.

Portanto, sabendo tu do meu espírito, da visão que tenho das coisas, fútil, grandemente fútil foi começares os teus linguagens de correspondência, em data de 15 do que acabou, com aquela suposição de lamuriosas queixas.

No mais, não: a tua carta vem arejada, com ar de outros ares, como se o teu viver fosse de dentro de uma toca transportado a um alto castelo situado no mar...

Sim senhor! Adoro-lhe as atitudes, a maneira livre, a nota que tem tomado no Rio. – Belo Rio esse, que tão cristalinas águas saudáveis possui para duchar os poetas!

Quanto ao perguntar se podes mandar correspondência para a *Tribuna* – achas outra pergunta de muletas. Para que interrogações? Corrija-se disso.

Manda, manda tudo! Manda a cabeça do Castro Lopes com arroz; do Mello Moraes<sup>597</sup>, com batatas; do Gastão Bousquet<sup>598</sup>, com abóboras; do Soares de Sousa Júnior<sup>599</sup>, com quiabos; do Gregório de Almeida<sup>600</sup>, com lingüiça; do Barão de Paranapiacaba<sup>601</sup>, com pepinos;

---

<sup>597</sup> *Mello Moraes*: Alexandre José de Melo Morais Filho (Salvador, Bahia, 23 de fevereiro de 1844 – Rio de Janeiro, 1º de abril de 1919): médico, escritor e historiador. Autor de *Curso de literatura brasileira* (1870), *Cantos do Equador* (1879), *Festas populares do Brasil* (1888), entre outros.

<sup>598</sup> *Gastão Bousquet*: Gastão Raul de Forton Bousquet (Santos, São Paulo, 23 de setembro de 1870 – Niterói, Rio de Janeiro, 17 de março de 1918): escritor e jornalista. Colaborou em diversos jornais do Rio de Janeiro e São Paulo, entre eles no *Tempo*, *O País*, *Gazeta de Notícias*, *Cidade do Rio*, *Correio da Manhã*, *Jornal do Commercio* e *Diário de Santos*. Autor de *Barba Azul* (1906), *O dedo do diabo* (1911), entre outros.

<sup>599</sup> *Soares de Sousa Júnior*: Antônio José Soares de Sousa Júnior (Paraíba do Sul, Rio de Janeiro, 7 de abril de 1851 – Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1893): escritor e jornalista. Autor de *Canções dos trópicos*, *Dez dias nos Pirineus*, *O cachimbo da vovó*, entre outros.

<sup>600</sup> *Gregório de Almeida*: jornalista. Monarquista, admirador de d. Pedro II. Sob o pseudônimo de "Souvenir", assinava a coluna "Na Rua do Ouvidor", do jornal *Diário de Notícias*. (Cf. ERTZOGUE, Marina Haizenreder. Gregório de Almeida: entre a civilização e a barbárie. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300917103\\_ARQUIVO\\_ANPUHGREGORIODEALMEIDATEXTO.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300917103_ARQUIVO_ANPUHGREGORIODEALMEIDATEXTO.pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2016.

<sup>601</sup> *Barão de Paranapiacaba*: João Cardoso de Meneses e Sousa (Santos, São Paulo, 25 de abril de 1827 – Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1915): escritor,

do Taunay<sup>602</sup>, com cenouras; do Rangel Sampaio<sup>603</sup>, com feijões; manda, manda todos esses caracteres verdes, manda tudo, que quero empanturrar, fazer rebentar de comedorias a terra.

Isto, em blague; agora sem blague<sup>604</sup>:

Saberás ou já sabes? Que por Maio sigo para aí e conto morar contigo. Nada digas sobre essa resolução ao Oscar. Depois ele o saberá. Convém-me mais morar contigo enquanto não tiver ocupação segura.

Por isso apronta-te para receber-me que no princípio d'aquela mês, ou por meados dele, lá estarei, num impulso de verve, a chicotear esses literatos de sapatos, que aí também os há, e a abraçar-te fortemente, amorosamente, num longo abraço espiritual, a ti e ao Oscar.

Adeus! Florzinha! Só me punge agora a dor de não ter uns beijuzitos da titia para mandar-te como recuerdo...

Manda a correspondência, mas coisa com jeito, e escreve-me, como na cantiga, ao menos uma vez na vida.

Até à volta.

*Teu*

*Cruz e Sousa*

58

**Carta de Francisco Gromwell a Cruz e Sousa. São Luís, 08/05/1890. (AMLB/FCRB).**

S. Francisco do Mar. 8 de maio de 1890

---

tradutor, jornalista, advogado, professor e político. Elaborou o plano de criação do Teatro Nacional. Foi censor do Conservatório Dramático. Colaborador dos jornais *Correio Mercantil*, *Jornal do Commercio* e da revista *Tribuna Catholica*. Autor de *Harpa Gemedora* (1849) e de diversos trabalhos de tradução, entre os quais textos de Byron e de La Fontaine.

<sup>602</sup> *Taunay*: Alfredo Maria Adriano d'Escragnolle Taunay.

<sup>603</sup> *Rangel Sampaio*: João Zeferino Rangel Sampaio (Rio de Janeiro, 30 de abril de 1838 - 189?): escritor, professor e funcionário público. Autor de *Os preconceitos* (1869), *O Evangelho e o Syllabus* (1876), *Os despretenciosos* (1873), entre outros.

<sup>604</sup> *Blague*: piada, pilhéria, gracejo.

Cruz,

Isto não é carta nem nada. É um abraço que te envio, é uma porção de saudade que descarrego do peito.

Para fazer carta falta-me o tempo.

Envio-te *O Globo* por troco, remette-nos a *Tribuna*. Recebi ha dias alguns n.<sup>os</sup> Obrigado.

Anteriormente recebi uma carta em que incluiste uns originaes teus, dos quaes já publiquei a *Canção dos [...]*, muito *chic, parfaitement fin de siècle*.

Adeos. Vou vegetando por aqui desoladoramente. Abraça por mim o nosso querido Varzea e ala-te, [...]! e sobe, estrella! para a luz, para o azul, tal qual te fico a sonhar daqui, entre flores e entre [...].

É assim que te quer o teu

*Gromwell*

Adendo: Em 19 de maio um forte abraço e saudades.

Adeos.

59

**Carta de Horácio de Carvalho<sup>605</sup> a Cruz e Sousa. Desterro, 13/06/1890. (AMLB/FCRB).**

CAPITANIA DO PORTO  
DE SANTA CATHARINA

Desterro, 13 de Junho de 1890.

---

<sup>605</sup> *Horácio Serapião de Carvalho* (Santo Amaro da Imperatriz, Santa Catarina, 30 de outubro de 1872 – Florianópolis, Santa Catarina, em 6 de fevereiro de 1935): escritor, professor e jornalista. Amigo de Cruz e Sousa e Virgílio Várzea, consta entre os fundadores da Sociedade Catarinense de Letras (antecessora da Academia Catarinense de Letras) do qual foi o primeiro titular da cadeira n° 16 (Patrono: João Justino Proença). (Cf. SOARES, Iaponan. Op. cit., 1988, p. 37-39 e SOARES, Iaponan. Op. cit., 2002, p. 101-103).

Excelente amigo Cruz.

Recebi a tua longa e brilhantissima carta de hoje datada, e li com calma e com a consciencia profundamente tranquillada as tuas luminosissimas palavras repassadas da mais franca e leal sinceridade e reunidas do alto do teu generosissimo coração miraculado de rapaz.

Deves agora ouvir attentamente o seguinte sobre toda a historia vil dessa cousa que me tem enlameado a vida:

Estava eu às 10 horas da manhã na Repartição, quando passados momentos, entra o Virgilio, todo sobreexcitado cantando que passára armado, desassombradamente, por diante de todos os bravos republicanos da terra, e que não tivéra medo, e que fizera aquillo para me mostrar que tinha mais valôr do que eu que, na vespera na occasião em que vinhamos pela rua João Pinto, me afastára propositalmente, affirmando não ter eu a necessaria coragem para assignar publicamente a noticia sobre o Jansen.

Ora deante destes ataques tão tumultuosamente violentos dirigidos à um homem, como eu, que durante a sua curta existencia tem sabido pautar as suas acções pela mais imaculada nobreza de sentimentos e pela mais absoluta lealdade para com os amigos, senti-me [...] tomado da mais extraordinaria sobreexcitação nervosa e retruqueei a todos essas inipudentes injurias com a maior energia e grande valôr, chegando até às ameaças mais violentas.

Sobre o caso da Rua João Pinto, desejava sinceramente que todos os meus amigos, que vêem a minha pessôa, o soubessem antes que eu o disesse - que é factó muito [...] e sabido em meia[?] que [...] de milhões de vezes vocês vão pelas ruas conversando sobre Arte, e eu, na impossibilidade acompanhá-los à pressa com que andam, deixo-me ficar atrás ou passo adiante e vou indo distraido n'alguma cousa sendo, ainda mais certo que n'aquelle momento pensava eu muito firmemente que dos republicanos catharinenses nenhum tem coragem de insultar a ninguem, até crendo eu que diariamente rezam elles ao Deus dos Exercitos para não serem atacados por ninguem.

Sabia, pois, de plena consciencia n'aquelle instante que todo o receio de ataque da parte d'elles é infundado e meramente phantastico.

De todas essas cousas o Virgilio devia estar ao factó, elle que melhor que ninguem conhece a minha pessôa e [...] elle pois [...] fazer allusões pouco nobres à minha pessôa, que soube sempre ser digna para elle, porem q'elle não soube merecer.



Quanto a ti conta-me sempre no numero dos teus sinceros amigos e abraça-me.

Do teu

*Horacio de Carvalho.*

**60**

**Carta de Virgilio Várzea a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 04/09/1890. (AMLB/FCRB).**

Rio, 4 de Setembro de 1890.

Cruz.

Aqui estou desde o dia 30 do passado. Não cheguei bem, porque tive a mala grande quasi perdida e vim encontrar o Jansen de cama, crivado de tumôres, só se levantando hoje, pela primeira vez, ainda muitissimo abatido. Um pouco má esta minha nova fixação de vida na grande capital, o que pode bem ser já o prenuncio de futuros caiporismos. Felizmente, apesar de tudo, isto nem de leve me repercute no animo, e vou sempre p.<sup>a</sup> frente, com intrepidez e pujança. Não tratei ainda de emprego, por atordoamento, devido as circumstancias expostas; mas julgo que não me será difficil obter um qualquer cargo importante relativamente para mim que venho da mesquinha posição de secretario d'uma capitania de 3.<sup>a</sup> ordem. Um amigo, expontaneamente, encarregou-se de falar ao Mayrinck<sup>606</sup> ao meu respeito. D'ahi espero

---

<sup>606</sup> *Mayrinck*: Francisco de Paula Mayrink (Rio de Janeiro, 8 de dezembro de 1839 – Rio de Janeiro, 1º de janeiro de 1907): banqueiro, empresário, conselheiro do Império e político. Dono de uma das maiores fortunas do Brasil na segunda metade do século XIX. Diretor do Banco Comercial do Rio de Janeiro e fundador da Companhia Brasileira de Navegação, em 1876. Diretor da Estrada de Ferro Sorocabana, em 1880. Fundador da Estrada de Ferro Bahia e Minas, em 1883. Fundador da Companhia de Colonização Agrícola, em 1884. Condecorado com diversos títulos honoríficos nacionais e internacionais, entre eles a Grã-Cruz de Vila Viçosa, de Portugal, a Legião de Honra, da França, a Ordem da Águia Negra, da Rússia, a Grã-Cruz do Cruzeiro do Sul e o Grande Colar da Imperial Ordem da Rosa. Também foi Coronel do regimento de artilharia da Guarda Nacional. Em 16 de novembro de 1889, um dia após o golpe militar que instaurou a República,

resultados fecundos. O Jansen, por sua parte, e no mesmo sentido, empenhou-se com o Serzedelo<sup>607</sup>, governador do Paraná, que lhe assegurou uma boa collocação para mim, opportunamente. Assim, entre promessas, estou com o futuro bem illuminado, à semelhança d'um deslumbrante scenario de magica... Falta, afinal, um bom trambulhão da Sorte para às imminencias sagradas do Ouro. Quando virá esse prodigioso choque cuja eléctrica e formidavel corrente está sempre voltada para a imbecilidade romba?... Ah! meu velho! nós, os artistas, estamos fatalmente condemnados às côdeas seccas e à poeira dos caminhos. Olhando fortemente a Verdade, e despedindo-nos de todas as illusões, pudemos dizer, não ha, jamais haverá, para nós prosperidades possiveis... Preciosa, incomparavel, alegre a companhia das Illusões!..

O *Mercantil*<sup>608</sup>, segundo me disse o Oscar, diante de quem estou agora, na sala da Sociedade Central de Immigração, principiou a publicar já a biographia de Gama-Rosa<sup>609</sup>: o primeiro n.º em q.ª ella começa traz, diz elle, uma longuissima noticia sobre mim. Peço-te ires guardando todos esses *Mercantis* que trazem esse meu estudo, assim como todos aquelles que trouxerem cousas minhas, e m'os enviaries todos por cada paquete que fôr vindo. O *Mercantil* é remettido p.ª ahi, como p.ª aqui, muito irregularmente, sei disso porque o Valentim Magalhães<sup>610</sup> disse-me que essa folha occupou-se da minha demissão,

---

o governo provisório, temendo a restauração monárquica, ordenou a prisão de algumas figuras públicas influentes ligadas ao antigo regime. Francisco de Paula Mayrink foi um dos detidos. (Cf. MAYRINK, Francisco de Paula. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MAYRINK,%20Francisco%20de%20Paula.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2016.

<sup>607</sup> *Serzedelo*: Inocêncio Serzedelo Correia (Belém, Pará, 16 de junho de 1858 – Rio de Janeiro, 5 de junho de 1932): militar e político. Governador do Paraná, entre 28 de agosto de 1890 e 3 de novembro de 1890. Ministro da Agricultura, do Interior, da Justiça e da Instrução Pública durante o governo de Floriano Peixoto.

<sup>608</sup> *Mercantil*: jornal paulista, dirigido por Leo de Affonseca e Eduardo Salamonde.

<sup>609</sup> Referência a uma série de artigos assinados por Virgílio Várzea e publicados entre os dias 22 de agosto e 8 de novembro de 1890, no jornal *O Mercantil*.

<sup>610</sup> *Valentim Magalhães*: Antônio Valentim da Costa Magalhães (Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1859 – Rio de Janeiro, 17 de maio de 1903): jornalista e escritor brasileiro. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Autor de *Quadros e contos* (1882), *Vinte contos e fantasias* (1888), *Flor de sangue* (1897), entre outros.

entretanto eu, tu e o Horacio sempre ignorámos semelhante cousa, por sempre faltarem n.<sup>os</sup>. É bom, a tal respeito, reclamar no correio d'ahi, essa pocilga de sujeitos ordinarios e ladrões da nossa correspondencia. Já sabes o que tens a fazer com as noticias que sobre mim sahirem cá por fóra, não é preciso te dizer mais.

Tencionava enviar-te *Gazetas de Noticias* por este correio, mas esqueci-as em casa, e por isso só t'as remetterei pelo vapor de 12 do decorrente. Estas primeiras *Gazetas* estão simplesmente reles, por isso nada perderás em lêl-as mais tarde. Os outros jornaes d'aqui nem é bom falar! Cada vez me convenço mais de que *O Mercantil* é a primeira folha do Brazil, em tudo e por tudo: é esta tambem a opinião de todos os melhores rapazes de lettas d'aqui, que procuram sempre com ancioso interesse a grande folha de S. Paulo. O perfil do Gama-Rosa tem sido muitissimo lido e commentado, pelos primeiros trechos que sahido, os quaes não tive ainda a alegria de ver. O Valentim ficou pasmo do Gama-Rosa ser o que eu digo, apesar de muito o admirar, e disse-me, por diversas vezes, na palestra que tivémos, durante meia hora, no largo de S. Francisco, à sahida da rua do Ouvidor: - "O Gama-Rosa é uma descoberta sua. Está direito. É uma descoberta sua..." Então atochei-o sobre esse assumpto e sobre outros. Mas vi, atravez de tudo, que o besta não ficára sympathisando comigo e que ia convencido de me ter atochado. Agora, devo te dizer: o Valentim está perdido; não dá mais nada porque não tem mais idéas. É o tal limão secco de que fala o Eça no *Fradique Mendes*, a proposito do Marcos de Vidigal<sup>611</sup>.

—

A falta que me tens feito, a falta que me tem feito o Horacio, vocês amigos cujo coração, talento e caracter não têm eguaes no Brazil, quem sabe se em todo o mundo? - a falta que vocês me tem feito, nem eu a sei exprimir, mas d'ella poderá dar uma leve, levissima idéa, a furia de dôr em que se vê o ricaço inexcedivel que um dia assiste derreado, varado e tonto ao desmoronamento terrivel de toda a sua riqueza.

E aqui termino, n'uma profunda e dolorosissima saudade de ti e do Horacio.

Adeus; e deixa que te aperte fortemente nos meus braços sinceros.

---

<sup>611</sup> *Marcos de Vidigal*: um dos personagens das correspondências de Fradique Mendes, personagem criada por Eça de Queirós e outros integrantes do grupo do Cenáculo.

*Virgilio Varzea.*

P.S. - Escreve-me, largamente. Dirige tudo p.<sup>a</sup> a Rua D. Carolina Reydner, 62 - Catumbi. Abraços ao Elyseu e diz-lhe que pelo outro vapor lhe escreverei.

**61**

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. s. l., 12/10/189?  
(AMLB/FCRB).<sup>612</sup>**

12, Outubro, mêz das uvas.

Querido amigo, adorado Cruz

Prepara-te, isto é, arranja por ahi uns vinte mil réis e vem cahir em nossos braços. Deixa por algum tempo, ou para sempre, essa latrina podre, essa terra lamacenta, que tanto nos tem sujado a vidraçaria de crystal da varanda do nosso Espirito, com a sua imbecilidade cornea, de arvore de cabeça de servo. A quadra está muito melhor e é possível que te arranjes logo que aqui chegares. Vem, é o que mais desejamos, nós que te amamos, nós que te adoramos religiosamente, immaculadamente. Sem o bello, o encantador Horacio, o que ficas ahi fazendo, meu incomparavel amigo? Nada. Precisas de nós como precisamos de ti. Anda, abraça os teus velhos e não olhes para traz, porque ahi tu nunca poderás viver bem. Esperamos-te anciosamente, de braços levantados e coração aberto. Não te mando dinheiro porque desgraçadamente venho andado mal de sorte.

Saudades aos teus velhos.

Sempre o teu

*Araujo Figueiredo*

**62**

---

<sup>612</sup> Carta provavelmente datada de 1890, talvez um pouco antes da partida final de Cruz e Sousa para o Rio de Janeiro em novembro daquele mesmo ano.

**Carta de Santos Lostada a Cruz e Sousa. Blumenau, 14/10/1890.  
(AMLB/FCRB).**

Blumenau, 14 Outubro 90

Cruz.

És ingrato. Ha muito nem jornaes nem cartas; e eu que viva neste retiro alheio a tudo.

Corcoroca<sup>613</sup> mostrou-me um n.º *Mercantil* [de] São Paulo. Sonetos teus esplendidos. Junto vai uma noticia que rabisquei agora a toda pressa [...] de tempo. [...] tempo e não iria noticia e sim artigo longo. Peço-te para publica-la na *Tribuna*, e se for possivel manda-me n.º em que sahir. Não tenho assignado a *Tribuna* por penuria. Por cá fartura de miseria de dinheiro é uma cousa [...].

Saudades ao Horacio e Virgilio, se ainda está ahí.

Abraça o teu am.º

S. Lostada

**63**

**Carta de Carlos Jansen a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 15/10/1890  
(AMLB/FCRB).**

---

<sup>613</sup> *Corcoroca*: trata-se de João de Souza Corcoroca, um dos missivistas “não-identificados” do arquivo CS. Foi telegrafista-chefe (em 1892) na Repartição Geral dos Telegraphos (Praça Quinze de Novembro, antigo Paço Imperial, no Rio de Janeiro). Segundo a imprensa de Desterro, Corcoroca consta na relação de contribuintes para a edificação do monumento a Fernando Machado (doação de 5\$000), ao lado de Artur Boiteux, Gustavo Richard, Raulino Horn, entre outros republicanos catarinenses. (*A República*, Desterro, 4 set. 1891). Nomeado tenente quartel mestre da 1.ª brigada do 1º Batalhão de Infantaria da Guarda Nacional, em Desterro. (*A República*, Desterro, 24 nov. 1891). Promovido a telegrafista de 1.ª classe, por portaria do Ministério da Instrução, Correios e Telégrafos, em 5 de fevereiro de 1892 (*A República*, Desterro, 17 fev. 1892).

Queridissimo Cruz

Tua saúde.

Desculpe não ter-te escripto.

Ainda desta vez ficas em branco. Mando-te, porem, uma pequena chronica que representaria junto a ti a ideia de uma carta; por isso, contenta-te por hoje com essas mal alinhadas exposições e aguarda carta minha no proximo vapor.

Lê bem isso de modo que não me borrem a pintura.

*C. Jansen Jr.*

15-10-90.

Rua Carolina Reydner 62

- Catumby -

64

**Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 28/10/1890 (AMLB/FCRB).**

Rio, 28 de Outubro.

Carissimo Cruz.

Recebi a tua carta que acompanhou os originaes. Hoje vou tratar de fazer publicar no *Novidades* alguns desses trabalhos, que são magnificos.... Linda, a *Brumosa*<sup>614</sup>! Logo que todos esses escriptos fôrem pagos te remetterei o dinheiro pelo correio. Então poderás vir facilmente. Mas, dir-te-hei uma cousa, sinto-me aborrecido d'isto aqui... ha tanta burrice como ahi, e um pouquinho mais de inveja!... Todos os

---

<sup>614</sup> Referência ao poema intitulado *Brumosa*, publicado originalmente no jornal *Novidades*, em 19 de fevereiro de 1892. (Cf. SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 1, p. 276).

litteratos d'qui andam-me com o olho em cima, e tanto que a *Gazeta de Noticias* já começou a descompôr-me... As *Fanfreluches*<sup>615</sup> de hoje, da besta do Soares de Sousa Junior, dizem-me tanto desaforo como as descomposturas do Toledo e do Caldeira. Imagina lá a inveja! E, cousa exquisita, e que sempre me persegue, os burguezes e familias que me conhecem só leem as descomposturas que me pãssam logo que me encontram, exclamam: - "Oh! como o sr. foi atacado! Que descompostura, meu Deus! Até lhe chamaram de cavallinho!.." E por ahi vão a dizerem-me mais desaforos que o safado do Pedro Malazarte. Calcula a porção de inveja que vae em redór do meu nome! Olha que até *O Mercantil* já me descompõe, meu Cruz! Sobre este ultimo caso, dir-te-hei simplesmente: o Salamonde<sup>616</sup> é um ordinario. E, a tal respeito, não fui nem de leve surprehendido, porque, além de quasi todos com quem elle se dá chamarem-n'o de safado, alguns estudantes de S. Paulo, meus companheiros de viagem, d'ahi para cá, chamam-no de muito mais ainda. E como eu duvidasse do que me diziam esses estudantes, elles afiançavam-me então! - O sr. verá! Não levará muito tempo, creia. E, effectivamente, assim foi.

Já vês, pois, meu querido, que todo o mundo é assim: em Santa-Catharina, no Rio de Janeiro, em Paris, em Londres, em Berlim, em S. Peterbourg, em Roma, em New York, etc, tudo é o mesmo... o merito sempre encontra a infamia, a descompostura, a inveja. E senão lembra-te do Eça de Queiroz em Portugal.

Mando-te entre as outras *Gazetas* a tal de hoje, que traz a grande descompostura. Se os meus inimigos d'ahi transcreverem a tal *fanfreluche* safada, é necessario que faças um artigo, pujante e probante, rebatendo-a. Nesse artigo vibrarás bem fundo que Soares de Sousa Junior (o nome todo espichado) é pobre diabo que não tem creditos littearios, nunca foi escriptor, nem poeta, porque não é um

---

<sup>615</sup> *Fanfreluches* era o nome de uma coluna que o escritor Soares de Sousa Júnior assinava no jornal *Gazeta de Noticias*, do Rio de Janeiro, sob o pseudônimo de "Pedro Malazarte". Em 24 de outubro de 1890, Soares de Sousa publicou um poema satírico onde ironizava um equívoco cometido por Virgílio Várzea num dos seus artigos publicados recentemente em *Cidade do Rio*. A provocação gerou uma resposta irritada de Virgílio, o que fez com que recebesse nova descompostura, desta vez na edição de 28 de outubro. (Cf. MALAZARTE, Pedro. *Fanfreluches*. *Gazete de noticias*, Rio de Janeiro, 24 e 28 out. 1890).

<sup>616</sup> *Salamonde*: Eduardo Salamonde, diretor do jornal, *Diário Mercantil*, de São Paulo.

artista. Os versos das *fanfreluches* são simplesmente chulos e réles, não têm idéa, nem nada; e só se podem comparar aos da *Musa do Povo*<sup>617</sup> as perpretações metricas do defuncto Octaviano Hudson<sup>618</sup>. Soares de Sousa Junior é tambem, como Hudson, uma especie de defuncto da arte. Vibrarás tambem, e de modo amplissimo, que a mesma *Gazeta*, que me descompõe, reconhece plenamente o meu merito, chamando-me de "conhecido e popular escriptor; o seu nome geralmente respeitado; prevalecendo-se de sua elevada posição nas letras". Emfim, faz falla que a minha posição aqui na imprensa é tão definida e brilhante, que eu não dou vasão aos jornaes que me pedem collaboração, etc, e mal posso escrever para *O Mercantil* de S. Paulo (3 vezes por semana) *Cidade do Rio* (tres vezes por semana), *Paiz*<sup>619</sup> (uma vez por semana) e *Novidades* (uma vez por semana), sendo que não posso, por abundancia de trabalho, attender ao *Pierrot*<sup>620</sup> e à *Folha Popular*<sup>621</sup>, que insistentemente me pedem collaboração. Vibra tambem que, desde que aqui cheguei, tive logo um excelente logar na imprensa, e com remuneração, principiando a ganhar dinheiro desde o dia em que pisei em terra, o que nunca até hoje se deu com um escriptor vindo da provincia, *maximé* de provincia pequena, e sem nome litterario, como Santa-Catharina. Dize-lhes que todos os meus trabalhos têm sido grandemente, e repetidissimas vezes, transcriptos em toda a extensão do Brasil, e, profusamente, nas principaes folhas portuguezas de Lisbôa e Porto, os poderosos centros intellectuaes de Portugal. Emfim, o teu extraordinario talento executarâ muito melhor do que digo, e com mais efficacia. Vão assignaladas as taes cousas da *Gazeta*<sup>622</sup> que me

---

<sup>617</sup> *Musa do Povo*: série de composições poético-satíricas publicadas ao longo de vários anos da década de 1880 por Octaviano Hudson no *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro.

<sup>618</sup> *Octaviano Hudson* (Rio de Janeiro, 6 de junho de 1837 – Rio de Janeiro, 12 de fevereiro de 1886): tipógrafo e poeta. Devido a sua origem de classe e por privilegiar, sobretudo, a temática social, em seus poemas, é considerado um dos primeiros escritores proletários da literatura brasileira. Autor de apenas um livro: *Peregrinas*, de 1874, prefaciado por Fagundes Varela. (Ver o necrológio assinado por Valentim de Magalhães em *A Semana*, de 28 fevereiro de 1886).

<sup>619</sup> *O Paiz*: jornal carioca, dirigido por Quintino Bocaiúva.

<sup>620</sup> *Pierrot*: revista literária lançada no Rio de Janeiro em setembro de 1890.

<sup>621</sup> *Folha Popular*: jornal carioca onde, em 1891, seriam publicados alguns dos primeiros manifestos simbolistas assinados por Cruz e Sousa, Emiliano Pernetta e Oscar Rosas.

<sup>622</sup> *Gazeta*: *Gazeta de Notícias*: jornal carioca, de propriedade de José Ferreira de Araújo e Elísio Mendes.



descompõem. Pelo mesmo correio receberás o meu artigo que provocou semelhante safadismo. É preciso transcrever-o, ainda mesmo que as folhas d'ahi não transcrevam as asnidades da *Gazeta*.

Adeus. Recomendações a todos os amigos. Abraços ao Elyseu<sup>623</sup>.

Não tenho tempo para me alongar mais, porque ando absorvido pela escripta: sou obrigado a lançar diariamente um artigo!

Uf! Ando estarefado e nervoso, e supponho que estorarei breve se não mudar de vida.

Abraço-te saudoso.

*Virgilio Varzea.*

P.S. Deves rasgar bem esta carta, após te servires d'ella: está mal escripta e pedantesca para estranhos.

65

**Cartão de Nestor Vítor<sup>624</sup> a Cruz e Sousa. Paraná, 14/11/1890 (AMLB/FCRB).**

---

<sup>623</sup> *Elyseu*: Eliseu Guilherme da Silva.

<sup>624</sup> *Nestor Vítor dos Santos* (Paranaguá, Paraná, 12 de abril de 1868 – Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1932): crítico, escritor, jornalista, tradutor, professor e político. Foi um dos fundadores do Clube Republicano de Paranaguá, em 1887. Secretário da Confederação Abolicionista do Paraná. Diretor do jornal *Diário do Paraná*, em 1889. Esteve em Santa Catarina em 1890 e estreitou relações com Cruz e Sousa (a quem fora apresentado em 1888, no Rio de Janeiro, quando ainda era estudante no Externato João de Deus). Mudou-se para o Rio de Janeiro, em 1891. Casou-se com Catarina Alzira Coruja, em fevereiro de 1892. Apoiou Floriano Peixoto durante a Revolta da Armada, em 1893. Foi nomeado vice-diretor de Instituto do Ginásio Nacional (atual Colégio Pedro II), onde exerceu o magistério. Travou relações com os críticos Sílvio Romero e João Ribeiro. Foi professor dos filhos do Barão do Rio Branco. Morou em Paris, entre 1902 e 1905, onde foi correspondente dos jornais *O País* e do *Correio Paulistano*. Trabalhou como tradutor e revisor para a Livraria Garnier. Traduziu livros como *La sagesse et la destinée*, de Maeterlinck, a quem conheceu pessoalmente. Frequentou o grupo dos escritores Saint-Georges de Bouhélier, Max Jacob, Maurice Leblanc, entre outros artistas e intelectuais franceses. Fundou a Liga Brasileira pelos Aliados, com Rui Barbosa e José Veríssimo, em 1914. Foi condecorado, após a guerra, com a Ordem de

Cruz,

Saindo precipitadamente, não me pude despedir de ti nem do nosso excelente Lopes<sup>625</sup>. Peço-te que perante elle me desculpe. Pretendo seguir para o Rio em um dos vapores dos ultimos dias d'este mez. Tu quando segues? O que eu quero é q- logo te encontres por lá com o teu [...]

Nestor Victor.

Paran<sup>a</sup> 14 de Nov<sup>o</sup> 90.

66

**Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 26/11/1890 (AMLB/FCRB).**

Rio, 26.

---

Leopoldo, da Bélgica. Deputado estadual, duas vezes. Foi professor da Escola Superior de Comércio, a convite do diretor, Cônsul Francisco José da Silveira Lobo, e chegou a vice-diretor. Foi o responsável pelas edições póstumas da maioria dos livros póstumos de Cruz e Sousa (publicou *Faróis*, em 1900, e *Últimos sonetos*, em 1905, bem como a primeira edição da *Obras completas*, em 1923). Colaborou no *Correio da Manhã* e fez a crítica literária de *O Globo*, desde a fundação deste jornal, em 1926. Autor de *Signos* (1897), *Transfigurações* (1902), *A hora* (1901), entre outros. (Cf. MELLO, Sílvia Gomes Bento de. *Esses moços do Paraná...Livre circulação da palavra nos albores da República*. Florianópolis, 2008. 314 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina; MENEZES, Raimundo de. Op. cit. p. 708-709; MOISÉS, Massaud. *O simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 1973. p. 53, 54, 59, 61, 64, 65, 66, 83, 105, 164, 201, 227, 234-240, 242, 247-250, 260, 261, 264-280; MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 1, p. 335-370; SILVEIRA, Allan Valenza da. *Diálogos críticos de Nestor Vitor*. 2010. 338 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2010; SILVEIRA, Tasso da (Org.). *Nestor Vitor: prosa e poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1963; VÍTOR, Nestor. *Obra crítica*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. 3 v.).

<sup>625</sup> Refere-se a José Joaquim Lopes Júnior, diretor do jornal *Tribuna Popular*, de Desterro.

Carissimo Cruz.

Por uma carta de casa soube que muito te contrariou a prevenção que d'aqui fiz para que não viesses já, e admirei-me de que tu e os meus a attribuissem a influencias do Horacio<sup>626</sup>. É uma dupla injustiça. Eu, como sabes, nunca fui levado por suggestões de ninguem, e o Horacio, longe do que pensaste, cheio de uma grande dolencia e sentimentalidade, tem um desejo immenso de que venhas quanto antes. Elle pensa que tu lhe serás um consolo para a infinita nostalgia em que anda. Eu, pela minha parte, não socegarei enquanto não te tiver junto a mim; semelhante cousa já me pareceu mais realisavel, mas depois que certas esperanças me têm sido arrebatadas pela indignidade de muitos e a falsidade de todos os homens [...] e rapazes de letras e de imprensa d'aqui, nem sei o que hei de pensar a respeito. Contava com a *Folha Popular*, com o Pernetta<sup>627</sup> seu redactor-secretario, contava com o Oscar, contava com o Araujo, contava com muita gente para obter uma excelente collocação para ti. A *Folha Popular* quebrou, o Pernetta, comquanto seja de uma generosidade incomparavel, de uma alma unica, nada pôde fazer, por que elle mesmo, apezar do seu grande talento e da sua formatura, ha de falhar à vida... O Pernetta! Que esplendido rapaz! e como elle te estima! A toda hora, comigo, fala de ti, incessantemente. Mas o Pernetta não tem eira nem beira, como diz a velha chapa, poucos gostam d'elle, por elle ser digno, e raros lhe dão attenção. Agora escreve na *Cidade do Rio*, como eu e o Oscar, e é considerado o seu principal redactor. O Pernetta pôde te arranjar na *Cidade do Rio* com 50\$000 mensaes, para escreveres diariamente uma secção ou fazeres o

---

<sup>626</sup> *Horacio*: Horácio Serapião de Carvalho.

<sup>627</sup> *Pernetta*: Emiliano David Pernetta (Pinhais, Paraná, 3 de janeiro de 1866 – Curitiba, Paraná, 19 de janeiro de 1921): advogado, professor, escritor e jornalista. Estudou na Faculdade de Direito de São Paulo, bacharelando-se em 1889. Atuou nas campanhas pela Abolição e República, no Paraná. Colaborou em diversos jornais do Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro, entre eles na *Gazeta de São Paulo*, de Júlio Ribeiro e *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio. Secretariou o jornal *Folha Popular* e colaborou com o *Novidades*, à época de Oscar Rosas. Integrou o grupo simbolista integrado por Cruz e Sousa, Gonzaga Duque, Lima Campos, B. Lopes, Oscar Rosas e outros. Autor de *Músicas* (1888), *O inimigo* (1889), *Alegoria* (1903), *Oração da estátua de Floriano Peixoto* (1905), entre outros.

noticiário... Durará a *Cidade do Rio*? O Serpa<sup>628</sup>, que é o gerente, quasi proprietario, muito bom, por ora, mas um imbecil, não te quererá impôr cousas, como tem feito a varios redactores da sua folha? não fará questão da tua côr?.. Creio que tudo isso virá a dar-se, porque na imprensa d'aqui não ha gente séria, a excepção da *Gazeta de Noticias*<sup>629</sup>, *Jornal do Commercio*<sup>630</sup> e *Paiz*<sup>631</sup>, jornaes em cujas redacções uma collocação é tão difficil quasi como ir passear a Pariz. Imagina lá.

Eu estou completamente desanimado, não que a fortuna litteraria para mim me tenha sido adversa, pelo contrario, mas porque sei que isto não é um phenomeno geral. Eu e o Oscar, fóra da roda dos Valentins<sup>632</sup>, dos Bousquets<sup>633</sup>, Carneiros<sup>634</sup> (um safado e um burro, que deve morrer quanto antes), etc, somos unicos aqui que ganhamos de litteratura, mais ninguem, o que tem admirado profundamente a todos, inclusive os proprios homens de letras. Quando se diz, em certas rodas, Virgilio Varzea ganha dinheiro na *Cidade do Rio*, no *Paiz*, no *Novidades*, todo o mundo fica estupidificado. E d'ahi uma inveja e uma guerra surda que ronca por todos os lados contra mim. O Soares de Sousa Junior e o Emmanuel Carneiro, esses incomparaveis leprosos, actualmente muito desacreditados e detestados, por ordinarios, etc, móvem-me uma guerra de morte, e n'ella envolvem tambem o Pernetta. Este, então, o Soares tomou conta d'elle, e por uma especie, ou mais de uma, de *Matraca* ou *Matracas*<sup>635</sup> que existe aqui - o *Demi monde* e a *Penna*, ataca-o de maneira infame e brutal. Por isto, e mais, por me achar immensamente fatigado de escrever, com correcção e arte, quasi diariamente, ha perto de tres mezes - estou doudo por deixar tudo e sepultar-me na serenidade de qualquer emprego em banco ou em repartições publicas, aqui ou na

---

<sup>628</sup> *Serpa*: João Ferreira Serpa Júnior: jornalista e empresário. Co-fundador da Confederação Abolicionista, em 1883. Gerente do jornal *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio. Fundou o jornal *Correio da Tarde*, em 1893. Preso, por ordem de Floriano Peixoto, durante a Revolta da Armada. Fundou o jornal *A Rua do Ouvidor*, em 1898. (Cf. *Rua do Ouvidor*, Rio de Janeiro, 12 mai. 1900).

<sup>629</sup> *Gazeta de Noticias*: *Gazeta de Notícias*: jornal carioca, de propriedade de José Ferreira de Araújo e Elísio Mendes.

<sup>630</sup> *Jornal do Commercio*: diário carioca, dirigido por José Carlos Rodrigues.

<sup>631</sup> *Paiz*: O *Paiz*: jornal carioca, dirigido por Quintino Bocaiúva.

<sup>632</sup> *Valentins*: alusão a Valentim Magalhães.

<sup>633</sup> *Bousquets*: alusão a Gastão Bousquet.

<sup>634</sup> *Carneiros*: alusão a Emmanuel Carneiro.

<sup>635</sup> Referência ao jornal *A Matraca*, fundado pelo ilustrador e caricaturista Joaquim Antônio das Oliveiras Margarida (1865-1955), e que circulou, em Desterro, entre 1881 e 1888.

provincia. Depois estes esforços intellectuaes que faço estão arruinando profundamente a saude: depois que d'ahi vim tenho envelhecido seguramente dez annos! A minha physionomia hoje, revela-se moça apenas pelo clarão dos olhos! Ve lá que ruina, meu querido! Passo as noites inteiras sem dormir, n'uma constante irritação nervoso; às vezes penso até que vou estourar. Ha tres noites por semana, que me sento à meza da escripta às 7 horas e só me levanto às 4 da manhã. Vê lá tu que suplicio! O *Comodoro*<sup>636</sup>, o romance que estou escrevendo com o Oscar, me tem comido toda a originalidade mental e bebido todo o meu sangue... Como poderás vêr, pelos numeros que te envio, tu que conheces bem a conformação e direcção do meu espirito - a criação do *Comodoro* é toda minha, e o que é mais de romance é tudo meu, pois o Oscar faz a cousa, se bem que seja com talento, como se fizesse um artigo de jornal. O Oscar, por ora, não possúe bem a envergadura para o romance, e devido a isso tenho quasi que um arrependimento de ter-me lançado à obra tão poderosa, com elle. O *Comodoro* é a melhor obra que tenho produzido até hoje, apesar de ser feita sem tempo e sem meditação, pois nós sabemos que para a facturação de semelhantes trabalhos são necessarios annos. Eça de Queiros, o extraordinario romancista, é uma prova disso. Tencionava escrever a *Slava*<sup>637</sup> com o Oscar, mas, pela experiencia que venho de fazer com o *Comodoro*, vou architectal-a sósinho, talvez ainda este anno, se o *Paiz* - actualmente a cargo do Salamonde e do Léo<sup>638</sup> -, outro qualquer jornal, ou um bom editor, me dérem pela obra um ou dous contos de réis, pois resolvi, de uma vez para sempre, não publicar nem duas linhas de graça. Semelhante resolução, que jamais abandonarei, me tem dado um sucesso, pois os homens estão me pagando mesmo os contos já publicados das *Miudezas*; a 5\$000 rs. cada um!..

O Salamonde e o Léo, por negocios de correspondencias minhas em que entrava em jogo o Imperador e a monarchia, correspondencias que elles não publicaram, dando-me porém uma satisfação por escripto, - me fálam apenas de longe, acenando-me com dous dedinhos, os canalhas, quando d'antes me levávam a abraçar, lisongeando-me. Não os procurei ainda, na administração do *Paiz*, nem sei se elles me manterão

---

<sup>636</sup> O folhetim *O Comodoro* foi publicado entre os dias 5 de novembro e 29 de dezembro de 1890, no jornal *Novidades*.

<sup>637</sup> Possível referência ao conto “Canção Eslava”, publicado em 1893, no livro *Mares e campos*.

<sup>638</sup> Eduardo Salamonde e Leo de Affonseca.

a colaboração que o Bellarmino<sup>639</sup> me arranjou, em todo o caso o Salamonde, mesmo ahi, em plena prosperidade, tem se portado mal comigo, porque era sua obrigação chamar-me para a redacção da folha, e com bom ordenado, pois que logo que eu aqui cheguei, fez questão da minha pessoa para ir dirigir o *Mercantil*, cuja redacção tencionava então deixar, ficando só com a propriedade. Os rapazes da imprensa d'aqui tem reparado muito esse acto incorrecto do Salamonde para comigo, e dizem d'elle o diabo. Mas eu, comtudo, muito criteriosamente, não rompo com elle por nada deste mundo, mesmo porque adoro o seu extraordinario talento, que faz com que estes litteratos réles do Rio, vivam esmagados de inveja, a dizer mal d'elle pelas esquinas e cafés, afrontosamente.

Meu Cruz, de tudo isto que tenho expendido deprehenderás lucidamente o motivo justissimo porque te mandei dizer que não viesses. Mas, devias ter vindo, uma vez que estavas prompto, com o pé no escaler, como mandou dizer a mamãe. Devo te dizer, porem, que não sei dizer ainda qual o destino que me espera, nesta inclemente cidade, porque, se eu não arranjar emprego por estes dous mezes mais proximos, largarei imprensa e tudo e ficarei completamente sem recursos, pois já não posso mais. Isto de imprensa é bom para os burros, que não se preocupan do com a Arte, despejam diariamente carradas de asneiras, que no fim de contas agradam o publico e lhes fornecem sucessos... baratos. Olha o Quintino Bocayuva<sup>640</sup>, o Ruy Barbosa<sup>641</sup>, o Sylvio Romero<sup>642</sup>, o [...] Ferreira de Araujo<sup>643</sup>, actualmente celebres e ricos. Que leve o diabo a Imprensa, que nos esfolia e desgraça!

---

<sup>639</sup> Possível referência a Bellarmino de Mattos, tipógrafo maranhense.

<sup>640</sup> *Quintino Bocayuva*: Quintino Ferreira de Sousa Bocaiúva (Itaguaí, Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1836 – Rio de Janeiro, 11 de junho de 1912): jornalista e político. Redator do *Manifesto Republicano* de 1870. Presidente do Partido Republicano. Diretor do jornal *O País* desde 1885. Ministro das Relações Exteriores entre 1889 e 1891.

<sup>641</sup> *Ruy Barbosa*: Ruy Barbosa de Oliveira (Salvador, Bahia, 5 de novembro de 1849 – Petrópolis, Rio de Janeiro, 1º de março de 1923): escritor, jurista, político e diplomata. Ministro da Fazenda entre 1889 e 1891. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras.

<sup>642</sup> *Sylvio Romero*: Sílvio Vasconcelos da Silveira Ramos Romero (Lagarto, Sergipe, 21 de abril de 1851 – Rio de Janeiro, 18 de junho de 1914): advogado, escritor, jornalista, professor e político. Foi considerado, já em seu tempo, um dos principais críticos literários do país. Membro fundador da Academia Brasileira de Letras. Autor de *A poesia contemporânea* (1869), *Introdução à*

Se quizeres vir, pois, no primeiro vapor, vem. Ha de se arranjar tudo da melhor fôrma possível. O futuro é que eu não sei - talvez seja a morte!...

Adeus. Mil abraços e toda a minha profundissima afeição.

*Virgilio.*

P.S. - Rompe esta carta, logo depois que lêres. Não convem que esses infames, ahi, sáibam dos nossos desalentos. O segredo é um triumpho na vida. Napoleão I foi o maior dos homens porque nunca revelou os seus planos antes de executal-os.

67

**Carta de Luiz de Araújo<sup>644</sup> a Cruz e Sousa. Desterro, 30/12/1890 (AMLB/FCRB).**

Ondina 30-12-90

Adoradissimo Cruz

Como vaes? Como vae o Virgilio, Oscar, Horacio e Juvencio? Virgilio e Oscar sempre na ponta? É o que eu quero.

Diz-me uma coiza: o Ferreira entregou-te um envelope com 500 réis? manda-me dizer. Estou esperando os jornaes que me prometeste e noticias tuas. Escuta: fostes a ré ou a prôa? Foste bem tratado a bordo? Diz-me, porque eu quero dizer ao Ferreira. Recebi pelo Lopes um recado teu, dizendo que o resto do dinheiro do telegrama, era para entregar a tua boa mãe; foi o que fiz, entreguei-o senti não ser mais. A

---

*história da litteratura brasileira* (1882), *História da literatura brasileira* (1888), entre outros.

<sup>643</sup> *Ferreira de Araujo*: José Ferreira de Sousa Araújo (Rio de Janeiro, 25 de março de 1846 – Rio de Janeiro, 21 de agosto de 1900): médico e jornalista. Fundador e diretor do jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro.

<sup>644</sup> Luiz de Araújo Figueiredo Júnior. Irmão mais novo de Juvêncio de Araujo Figueredo. (Cf. *A Regeneração*, Desterro, 18 mai. 1882 e *A Regeneração*, Desterro, 3 jun. 1884).

Magnolia cá de nossa caza, a Bernardina, não tem estado bôa, não. Parece que vae morrer, com uns ataques fortissimos, que não pasa uma hora sem repetir.

Tudo cá por caza anda triste. Li no *Paiz* que vae aparecer um jornal diario com o título de: *Vinte e nove*; eu espero que me mandes elles (jornaes) *Cidade do Rio* e outros que tiver coisas boas, dos Artista Sul-Brazileiro.

No jornal *Rio Grande*<sup>645</sup> li um conto do Virgilio, ainda não conhecido por mim. Dá-me noticias do Juvencio e Samuel; não te esquecendo que me prometeste com relação ao primeiro. Teu velho vae bom, deu-me noticias de tua mãe, esta bôa. Adeus! Abraços e beijos do teu amigo

*Luiz de Araujo*

(Abraça ao Virgilio e o Horacio)

<Amaral [...] apresenta-se deputado como [...]. O sabio sahio da gaveta!!!>

68

**Carta de Carolina de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 25/01/1891 (AMLB/FCRB).**

Desterro, 25 de Janr.º de 1891.

Meu Filho.

Saude e felicidade é o que te posso desejar.

Recebemos ambas as cartas que nos envias-te e que como deveis presumir nos causou muito prazer; prazer este que mais se assentuará q.<sup>do</sup> soubermos que estás empregado.

---

<sup>645</sup> *O Rio Grande*: jornal gaúcho ligado à dissidência republicana adversária de Júlio de Castilhos. Participavam da sua redação Ramiro Fortes de Barcellos, Joaquim Francisco de Assis Brasil, entre outros políticos e intelectuais federalistas.



Nossas festas fôrão bôas, porem como as tuas incompletas, pois que não te tínhamos ao nosso lado, mas ao mesmo me satisfaz essa ausencia, porque tenho fé em Deus que será p.<sup>a</sup> teu futuro.

Soube pelo Luiz d'Araujo que moravas com o Juvencio, o que p.<sup>a</sup> ti é muito agradável ou se melhor diga, para ambos e muito agradável.

Ainda não mandei as lembranças tuas ao Noberto<sup>646</sup> pela razão de me ter escripto [...] Domingas que Julianna escrevendo-lhe dissera que me fizesse sciente que quem tenha escripto aquella carta era uma pessoa que muito eu amava, por isso supponho que será o Norberto que esteja em Sanctos, e assim sendo não sei dar a direcção que devo à carta que desejo escrever-lhe sem que elle me escreva.

Thomazia, vizinho Custodio<sup>647</sup> e Geralda envião muitas saudades.

Guilherme e eu abraço-te como quem deseja todas as felicidades de que és digno.

*Carolina de Souza*

P.S.

Marcellina quando são horas do almoço e jantar sempre vai chamar-te.

Um abraço de um apreciador de seu talento.

*Custodio*

Lembranças da visinha Luiza e da Alexandra e de D.<sup>a</sup> Mariquinha do Padre; assim como de todas as pessoas conhecidas.

Um abraço meu

*Carolina de S.<sup>a</sup>*

---

<sup>646</sup> *Norberto de Sousa* (Nossa Senhora do Desterro, 6 de junho de 1864 - ??): tanoeiro. Irmão mais novo de Cruz e Sousa. Filho de Carolina de Sousa e Guilherme de Sousa.

<sup>647</sup> Refere-se a Thomazia Trompowsky e Custódio Trompowsky. Cf. correspondência n. 79.

Nossa benção desejando-te que te empregues para poder nos supprir em nossa velhice

69

**Carta de Luiz de Araújo a Cruz e Sousa. Desterro, 03/02/1891 (AMLB/FCRB).**

Ondina 3 de Fevereiro 91

Queridissimo e Adoradissimo Cruz

Acabo de receber tua segunda carta. Mostrei ao Viégas; ficou furioso de raiva e de ciumes, só por ver que não tinhas escripto para elle. Parecia que queria rebentar; aquelle grandiozo nariz, flamejou como a lamina de uma espada; os olhos pestanejavam como relampagos em noite tempestuoza. Tudo por que? Só porque não recebia cartas tuas. Já veis meu Cruz que lle é teu verdadeiro amigo. Agora peço-te um favor, escreve-lhe para ver se o estado nervozo d'elle calma mais, recebendo tua carta. Não digas que eu te escrevi a tal respeito.

Acabei de falar com o teu adoradissimo pae, mostrei-lhe a tua carta e disse que estavas bem. Mando u-te abenções e beijos, d'elle e de tua honrada mãe. Sabendo que te é muito cacete escreveres para alguém, pesso-te que para mim poupes este trabalho, mandando apenas os jornaes e dando-me noticias tuas nas [...] de alguns d'elles. Abraça ao Juvencio diz-lhe que no vapor "Itaúna" irá uma caixa com uvas e elle vá procurar a bordo. Lembranças ao Samuel. Adeus! Abraça ao Varzea.

Abraço-te com amizade e affeto.

Teu

*Luiz Araujo*

Por este vapor vão 10 volumes dos *Madrigaes* que o Juvencio mandou buscar.

*Luiz*

70

338

**Carta de Carolina de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 01/03/1891 (AMLB/FCRB).**

Desterro 1º de Março de 1891.

Meu prezado Filho

Permittam Deus e Maria Santissima que esta vá encontrar de perfeita saudi; graças ao Altissimo eu e teu pai vamos indo sem novidades.

Não pode imaginar o prazer que nos deu a tua carta de 2 do passado, pois n'ella com satisfação vemos que tem gosado saude.

Grande satisfação tambem tivemos pela tua collocação e esperanças de milhorares de emprego. Deus e Maria Santissima ouvindo minhas preces te darão assim e perseveranças para venceres as difficuldades que se apresentam no decorrer da vida.

Meu filho. Eu e teu pae muito te agradecemos a quantia (20\$000) que nos mandasses, e fica, certo que muito arranjo nos fez visto que teu pai já pouco pode fazer a vista do estado de velhice.

Com datas de 23 do passado recebemos uma carta do nosso Norberto. Elle muito saudoso falla do seu irmão e pede-me para lhe dizer em que rua estás rezidindo e n.º da caza: aqui vou em [...] carta que lhe vou escrever.

Meu bom filho aceita muitas lembranças de todas as pessoas de quem sempre te lembrares com saudades.

De mim e teu pai aceita um abraço e as orações saudosas.

*Carolina de Souza*

- Am.º Cruz

Um aperto de mão.

*Luiz Alves*

C. S.

O Norberto está em Santos vindo de S. Paulo.

O Custodio acha-se ainda bastante incommodado de uma [...] que teve em uma perna. Agora vai melhorando.

A Marcellina já anda e falla alguma couza.

*Nab* [?]

Outro. O Norberto mora à Rua do Rozario n.º 155.

*Nab* [?]

71

**Carta de Carolina de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 19/04/1891 (AMLB/FCRB).**

Desterro 19 de Abril de 1891

Meu prezado filho

Saude e felicidade te desejo.

Estou de posse de tua carta de 29 do passado juntamente com o conhecimento no valor de 20\$000 reis, muito te agradeço e espero que continues a mandar, isto é não fazendo sacrificio.

Eu, teu Pai e os mais de caza ficamos com saude graças ao Altissimo. Quando a Semana Santa aqui esteve esplendida, muito sentimos aqui não estares para [...] apreciaries.

O Album que estava em caza do Graciliano já veio porem sem o teu retracto, ignoro quem [...].

Quanto ao Norberto nada te posso dizer pois não tenho recebido cartas delle. Não ti podendo ser mais [...] faça [...]. Mando-te muitas saudades de todos de caza, vizinhos, e amigos que por ti sempre perguntam e de Teus Paes recebe a benção e um apertado abraço

Tua Mai

*Carolina Maria de Souza.*

Ao Cidadão

João da Cruz e Souza

Rua do Lavradio n. 17

**Carta de Carolina de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 03/07/1891 (AMLB/FCRB).**

Desterro, 3 de Julho de 1891

Meu Filho

Estimo que esta te vá encontrar de perfeita saude.

A nossa ao fazer desta é regular sem novidade de mais.

A 6 do passado faleceu a minha afilhada Marcellina, proveniente de bronchite e [...].

Na nossa vizinhança faleceu tambem a filha mais velha do Sr. Luiz Alves<sup>648</sup> e o Sr. Manoel José d'Oliveira<sup>649</sup>.

Não só eu como teu Pai temos sentido bastante a morte da nossa afilhadinha, que já estava muito ladina e divertida, sendo a nossa constante companhia.

A Exm.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> D. Julia Varzea<sup>650</sup> veio trazer-nos às suas despedidas, e eu aproveitando a boa portadora por ella te remetto 1 lata com algumas anchovas e quatro duzias de ovos.

Na ocasião não foi possivel encontrar diversas qualidades de peixe, apenas vai uma tainha.

---

<sup>648</sup> *Luiz Alves*: Luiz Alves de Brito: agricultor e Major da Guarda Nacional. Avô materno de Virgílio Várzea. (Cf. JUNKES, Op. cit., 1985, p. 11).

<sup>649</sup> *Manoel José de Oliveira*: advogado, político e militar. Nasceu em São Francisco do Sul, Santa Catarina. Filho José Luciano de Oliveora e Florisbela Rosa de Oliveira. Alferes Secretário do 8º Batalhão de Infantaria da Vila de São Francisco, em 1841. Tenente-Ajudante do 8º Batalhão de Infantaria da 4ª Legião da Vila de São Francisco, em 1844. Reformou-se como Tenente do 8º Batalhão de Infantaria da Vila de São Francisco, em 1852. Deputado à Assembléia Legislativa Provincial de Santa Cata Catarina em diversas legislaturas desde 1850 até o final do Império. (Cf. PIAZZA, Walter Fernando. *Santa Catarina*: sua história. Florianópolis: Editora da UFSC; Lunardelli, 1983.p. 379).

<sup>650</sup> *Julia Várzea*: batizada como Júlia Maria Lemos Alves de Brito (Desterro, 1839 – ??, 1904): mãe de Virgílio Várzea. Casada com João Esteves Várzea. (Cf. JUNKES, Lauro. Op. cit., 1985, p. 9-10).

Manda-me dizer se recebestes a roupa que te mandei pela a Horacia, assim tambem manda-me dizer o nome da rua e n.º da casa em que moras, a fim de não se extraviarem às cartas que te escrever.

Aceita lembranças de todos de casa e dos conhecidos.

Recommendações e lembranças do nosso vizinho João Duarte.

De teu Pai e tua Mai recebe a benção e mil saudades.

No mais te desejasmos saude e felecidade.

Tua Mãi.

*Carolina Sousa.*

73

**Carta de Delfino Maria do Nascimento<sup>651</sup> a Cruz e Sousa. Desterro, 16/09/1891 (AMLB/FCRB).**

Estado federal de Santa Catharia

---

<sup>651</sup> *Delfino Maria do Nascimento*: nasceu, provavelmente, em Desterro, por volta de 1850. Alfaiate, filho de Maria Ignacia da Conceição (talvez alguma parente de Carolina Eva da Conceição, mãe de Cruz e Sousa). Consta, em 1880, na lista dos cidadãos “simples votantes” (não-elegível) da paróquia de N. S. do Desterro. Não sabia ler. Residente, também por esta época, à rua do Coronel Fernando Machado (também conhecida como Rua do Vigário ou “caminho que vai para a fonte”), próximo ao Rio da Bulha. Renda presumida: 300 réis (*A Regeneração*, Desterro, 15 ago. 1880). Outros parentes conhecidos: Gregoria da Conceição Ferreira, Maria Romana Ferreira, Laurinda Thereza de Oliveira, Candido Ferreira da Silva, Maria Ignacia da Conceição, Maria Thomazia da Conceição, Francisca Ignacia da Conceição, Candida Thomazia da Conceição, Manoel Jeremias da Silva, Leopoldina Leocadia Penedo e Maria Carolina da Conceição. A julgar pelo anúncio de falecimento de Jeremias Ignacio Ferreira, sua família era bastante pobre (a ponto de depender de auxílio financeiro para custear o funeral) e, muito provavelmente, ligada à Irmandade de Nossa Senhora do Rosário (*A Regeneração*, Desterro, 12 mai. 1881). A carta, enviada para Cruz e Sousa em 1891, revela pouca familiaridade com a palavra escrita (diversos erros de grafia). Muito provavelmente, assim como as cartas enviadas por seus pais, esta também não foi redigida pelo próprio Delfino, mas por algum parente ou amigo letrado. (Cf. *A Regeneração*, Desterro, 22 mai. 1872; *A Regeneração*, Desterro, 15 ago. 1880; *A Regeneração*, Desterro, 12 mai. 1881).

16 de Setembro de 1891

Amigo João da Cruz e Sousa eu, e minha, Mulher a acompanhado, de coração seus sentimento, pela perda de vossa Mãe! tam carinhosa que, éra, darei ja sua saude e felicidade para amparo de vosso pai, meo Amigo vossa mãe; falecida, seu interro e mesmo durante o tempo de sua enfermidade, foi sempre acompanhada pelas pessoas que com ellas moravan, e algumas de suas amigas, si bem como minha Mulher, e outras mais, seo pai mandei sorte o, a caza para morâr com migo não quis, foi para a caza do Sr. João Fagundes<sup>652</sup> que lhe ofereceu um quarto para elle morâr, a seo farêi o que puder eu, e minha Mulher, porque representa a imagem de meu pai tambem, e ja esta bem caçado.

No mais fico a sua ordem

Eu *Delfino Maria do Nascimento*

E Minha Mulher *Leopoldina Leocadia Penedo*

Ana Bocai Uva  
Praia de fora  
Chacra,

74

**Carta de Luiz Silva<sup>653</sup> a Cruz e Sousa. s. l., 25/08/1891 (AMLB/FCRB).**

---

<sup>652</sup> *João Fagundes*: João de Sousa Fagundes (Desterro, 13 de junho de 1804 – ??): militar, veterano condecorado por ações na Guerra contra o Paraguai. Filho do Major Francisco de Sousa Fagundes e Francisca Maria das Chagas. Irmão de Francisco de Sousa Fagundes, pai de Clara Angélica Xavier de Sousa e senhor do escravo João, avô paterno de Cruz e Sousa. Foi uma das testemunhas de casamento de Guilherme e Carolina, pais de Cruz e Sousa. O antigo Largo do Fagundes (hoje Praça Pio XII, em Florianópolis), chamava-se assim em sua homenagem. (Cf. ALVES, Uelinton Farias. Op. cit., 2008, p. 22; PIAZZA, Walter Fernando. Op. cit., 1983, p. 458-459; SOARES, Iaponan. Op. cit., 1988, p. 68).

<sup>653</sup> Luiz José da Silva. Não encontrei maiores informações sobre este missivista.

Prezado Cruz e Souza

Fraternalmente me associo ao pezar profundo que n'esse momento experimentas. Tive grande abalo ao saber hoje pelo Figueiredo do fallecimento de tua extremosa mãe e nem meu coração podia deixar de sentir, elle que vive ligado a ti por uma doce sympathia, que com o teu communga nos mesmos sentimentos. Desculpa-me não poder ir hoje te apresentar pessoalmente as minhas condolencias sinceras e recebe um abraço pezaroso que te envia o

Amigo e admirador

*Luiz Silva*

25-8-1891

75

**Cartão de Arthur de Miranda<sup>654</sup>. s. l., s. d. (AMLB/FCRB).<sup>655</sup>**

Distincto Cruz

---

<sup>654</sup> *Artur de Miranda Ribeiro* (Rio Preto, Minas Gerais, 9 de agosto de 1869 – Rio de Janeiro, em 23 de abril de 1950): escritor, jornalista e engenheiro. Veio para o Rio de Janeiro, ainda criança. Estudou na Escola Politécnica, onde recebeu o grau de engenheiro civil em 1896. Trabalhou como revisor e depois redator efetivo em *O País*, cargo que exerceu até 1930. Redator do *Diário de Notícias*, *Novidades*, *Revista Ilustrada*. Fundou, junto ao pintor, ilustrador e poeta Maurício Jubim, a *Crônica Ilustrada*. Como engenheiro, colaborou nas reformas dos Prefeitos Pereira Passos, Carlos Sampaio, Paulo de Frontin e Xavier da Silveira. Foi um dos principais defensores do simbolismo na imprensa carioca. Amigo intimo de Cruz e Sousa, Maurício Jubim, Nestor Vitor e outros, engajou-se na propaganda do movimento em artigos críticos e discussões nos cafés literários. Como poeta foi muito influenciado por Cruz e Sousa. Autor de poesias e artigos esparsos em jornais e revistas do Rio de Janeiro. (Cf. MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 1, p. 396-398).

<sup>655</sup> Pela necrológio publicado na *Revista Ilustrada* por ocasião da morte de Carolina de Sousa, este documento deve ser referir ao falecimento da mãe de Cruz e Sousa, ocorrido em 25 de agosto de 1891. (Cf. *Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, ago. 1891).



Os sinceros sentimentos do colega e admirador

Arthur de Miranda.<sup>656</sup>

Revista Illustrada

76

**Carta de Guilherme de Sousa<sup>657</sup> a Cruz e Sousa. Desterro, 27/08/1891 (AMLB/FCRB).**

Desterro, 27 de Agosto de 91.

Meu querido filho

Esta tem dous fins, o primeiro é accusar a tua carta na qual vinha um vale no valôr de 50\$000 r. e o outro é com grande pesar; é de o ter fallecido minha bôa mulher e tua extremoza mai.

Deves ficar certo de que nada lhe faltáva e o doctor Rolla muito trabalhou para salvá-a.

Peço escrever-lhe agradecendo os esforços que empregou.

Agradeço-te muito o que dizes: de nunca te esqueceres de teu velho pai e peço a Deus que sempre te proteja p<sup>a</sup> fazeres o mesmo a mim.

Tua mai falleceu no dia 25 e dias passei um telegramma noticiando sua molestia; foi dirigido p<sup>a</sup> a rua do Lavradio n.º 17 onde penso ainda estares e do qual não recebi resposta alguma julgando por isso que não tenhas recebido.

---

<sup>656</sup> O autor rasurou “Arthur de”.

<sup>657</sup> *Guilherme de Sousa*: nascido, provavelmente, em Desterro, entre as décadas de 1810 e 1820. Mestre-pedreiro. Ex-escravo do então Coronel Guilherme Xavier de Sousa. Alforriado em 1865 (por ocasião da partida de Xavier de Sousa para o Paraguai). Pai de João da Cruz e Sousa e Norberto de Sousa. Casado com Carolina Eva da Conceição, também ex-escrava. Faleceu a 29 de agosto de 1896. (Cf. ALVES, Uelinton Farias. Op. cit., 2008, p. 13; 28; FIGUEREDO, Juvêncio de Araújo. Op. cit.; MAGALHÃES Jr., Raimundo. Op. cit. p. 3-6; 29; 31).

Recebe lembranças do visinho Custodio, Thomazia e de teu pae  
recebe a benção e um apertado abraço

*Guilherme Souza*

77

**Dedicatória em retrato de Cruz e Sousa a Gonzaga Duque<sup>658</sup>. Rio de Janeiro, 03/09/1891 (AMLB/FCRB).<sup>659</sup>**

Meu ilustre e querido Duque Estrada.

No fundo desta fotografia eu quisera trazer-te uma página de prosa, colorida, sonora, e esmaltada de estilo, mas desprerenciosa, mas simples, mas meiga, que me corresse livre, neste cartão, como a expressão franca, profunda e original da minh'alma quando encontro contigo e te falo de Arte.

Porém, não me restando campo, aqui, para eu trabalhar, com os instrumentos da forma, uma página d'idéias, que palpitasse e fulgisse junto ao teu belo ser, como um pássaro ao sol, para aí ficar, muda, significativamente muda, a minha fisionomia que, para o teu fino sentimento artístico, que eu tanto sei querer e considerar; para o teu delicado espírito, que eu vivamente acaricio entre as raras flores claras da minha Crítica, para o teu nobilíssimo coração de camarada firme, leal nas crenças, admirações e afetos, deve exprimir o mais íntimo e comovido apreço da Inteligência e da Amizade de

*Cruz e Sousa.*

---

<sup>658</sup> *Luís Gonzaga Duque Estrada* (Rio de Janeiro, 21 de junho de 1863 – Rio de Janeiro, 8 de março de 1911): escritor, jornalista, artista plástico e funcionário público. Fez os estudos secundários no Colégio Abílio. Em 1880, fundou a revista *Guanabara*. Em 1882, colaborou na *Gazetinha*, de Artur Azevedo, e, no ano seguinte, com a *Gazeta da Tarde*, de José do Patrocínio. Em 1885, casou-se com Júlia Torres Duque Estrada. Foi crítico de arte em *A Semana*. Fundou, com Lima Campos, a *Rio-Revista* e a revista *Galáxia*. Lançou o *Mercúrio*, em 1901, e o *Fon-Fon*, em 1908. Colaborou nas revistas *Vera-Cruz* e *Rosa-Cruz* e *Kosmos*. Ilustrou o livro de B. Lopes, *Dona Cármen*. Diretor da Biblioteca Municipal do Rio de Janeiro. Autor de *A arte brasileira* (1888), *Mocidade Morta* (1900), *Revoluções brasileiras* (1898), entre outros.

<sup>659</sup> SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 656-657.

Rio de Janeiro, 3, setembro, 1891.

78

**Dedicatória em retrato de Cruz e Sousa a Guilherme de Sousa. Rio de Janeiro, 09/09/1891 (AMLB/FCRB).<sup>660</sup>**

Ao meu bom e extremoso pai que eu estimo e considero de todo o meu coração. Ao respeitável homem, honrado pela velhice, pela bondade e pelo trabalho, que viu junto a si morrer a minha querida mãe, de quem nunca mais hei de esquecer enquanto for vivo. Lembrança de um filho reconhecido.

*Cruz e Sousa*

Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1891.

79

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 10/09/1891 (AMLB/FCRB).**

Desterro 10 de Setembro de 1891.

Meu querido filho

Estimo que esta te encontre de perfeita saúde. Recebi tua carta datada de 28 do passado na qual envias-me um vale de 50\$000; os quaes já recebi; bem assim a que me enviaste em outra carta passada, que já accusei.

Pedes-me que te mande dizer o nome das pessoas que acompanharão minha cara mulher e tua Mai a faço. Custodio Trompowsky, Thomazia Trompowsky, Leopoldina Penedo, Albertina [...], [...] do José Felianno, Genoveva [...] e Luiza Doceira.

Acompanharão o enterro José Brasilício<sup>661</sup> e outros também assim a irmandade [de Nossa Senhora] do Parto, finalmente teve um bom acompanhamento.

---

<sup>660</sup> SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 657.

A proveniência da molestia foi seu antigo achaque de reumatismo complicando-se com paralisia.

Sempre fallou em teu nome e agoniada por não receber noticias tuas.

Estou morando com o Sr. João Augusto<sup>662</sup> em um quarto de sua casa.

Peço a Deus que te dê muita saude e felicidades.

Abraça-te este teu Pai.

*Guilherme de Souza.*

Saudades que te manda Araujo, e o Sr. Trajano Ferreira os pezames.

## 80

---

<sup>661</sup> *José Brasilício*: José Brasilício de Sousa (9 jan. 1854, Goyana – 30 mar. 1910, Florianópolis): músico e professor. Nasceu em Pernambuco, mas mudou-se para Santa Catarina, onde morou boa parte de sua vida. Lecionava piano, compunha modinhas e música de câmara e óperas. É o autor da música do “Hino do Estado de Santa Catarina”, composta em 1892 com a letra de Horácio Nunes Pires. Autor de *O ermitão de Muquém* (ópera baseada no romance de Bernardo Guimarães). (Cf. JOSÉ Brasilício de Sousa. Disponível em: <<http://dicionariompb.com.br/jose-brasilicio-de-sousa/dados-artisticos>>. Acesso em: 3 dez. 2016.

<sup>662</sup> Refere-se a João Augusto Fagundes de Mello (ver correspondências n. 85, 95, 99, 104, 105), Oficial de Descarga da Alfândega de Desterro, membro da família de Francisco de Sousa Fagundes (pai de Clara Angélica Xavier de Sousa e senhor do escravo João, avô paterno de Cruz e Sousa). O historiador Fernando Morschheiter desenvolve a hipótese, a meu ver plausível, de Fagundes de Melo ter sido, entre 1878 e 1888, o tutor de duas netas de Guilherme de Sousa (Maria Judith e Maria Valentina), ambas filhas de Carolina Maria de Jesus, fruto de um relacionamento anterior ao casamento deste com Carolina Eva da Conceição, em 1871. (Cf. MORSCHHEITER, Fernando. *Os limites da mobilidade social na crise da escravidão*: o processo de tutoria de João Augusto Fagundes de Melo, em Desterro, 1878. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade federal de Santa catarina, 2016). Fagundes de Mello era casado com Lisbella Amélia Horn, membro da família do chefe republicano Raulino Júlio Adolfo Horn (sobre Horn, ver correspondência n. 109).

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 20/11/1891  
(AMLB/FCRB).**

S<sup>ta</sup> Catharina 20-11-91

Meu Prezadissimo filho

Com prazer e satisfação lanço mão da penna para saber notícias tuas o qual me tem dado bastante cuidado de não ter tido notícias não sei o que pençe a mais de 1 mez que não tenho o prazer de receber uma carta tua pois que és a minha unica esperança dejejo que ao receberes este mesquinho tributo de homenagem e conçideração responda-me para saber de tua saude eu aqui vou vivendo triste e só sem ninguem perdi o unico penhor de minha alma só me resta a esperança de meus filhos. Meu filho peço-te a manifestar-me se recebestes uma carta que foi portador o Araujo.

No mais meu filho peço-te que não te esqueças que aqui iziste teu pobre e velho pai e muito teve [...] e te boto minha benção aceita meu coração triste e saudozo. Aceita saudades de Nossa Vezinha Luiza Alexandra e Octaçilo e de todos conhecidos que muito te recomendão

Teu Pai e Amigo que todas as felicidades te dejeja

*Guilherme de Souza*

[...] tambem me [...] te que eu mandasse dizer missas por alma da fallecida já mandei dizer 2 e agora no dia 24 mandei dizer outra q faz 3 mezes a sepultura está arranjadinha tem um gradiamento e qual está bem decente julgo que estavas satisfeito.

**81**

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 28/01/1892  
(AMLB/FCRB).**

Santa Catharina 28 do 1º 92

Meu extremoso filho

O que dejejo e que gozes feliz saúde ao receber estas linhas aminha ate hoje e sem novidade faço saberes que recebi tua amavel

cartinha a qual tive muito prazer por saber que gozavas saude emesmo por ver em tua narraçãõ o q.<sup>10</sup> me adoras e veneras como um filho abençoado meu filho o Compadre Custodio manda-te perguntar se não recebestes uma carta d'elle d'onde dava-te os sentimentos da morte de tua mãi e minha clara esposa julga não teres recebido por não ter tido resposta meu filho logo que se aproxime os 6 mezes da morte de nosso claro ente mandarei dizer uma missa inda que não possa farei todo o sacrificio.

No mais aceita saudades de Negrinha Luiza e da Alexandra e de todos os conhecidos que te recomendas e de mim aceita abençãõ de Pai carinhozo e um apertado abraço de teu velho Pai

*Guilherme de Souza*

O Trajano Ferreira tambem manda-te muitas saudades

82

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 27/03/1892 (AMLB/FCRB).**

Desterro 27 de Março 1892

Meu caro filho!

Recebi as tuas duas ultimas cartas com muito prazer e sinto não ter respondido ha mais tempo, porque, como sabes, tenho de empenhar-me para serem escriptas e nem sempre acho quem possa satisfazer o meu pedido. Passo a responder a tua 1.<sup>a</sup> carta. Queres saber notícias de teu irmão Norberto; pois não sei noticias nenhuma do teu irmão Norberto, que supponho estar em Santos. Escrevi-lhe carta que ainda está em meu poder, não a mandei porque não sei qual o destino que eu tenho de dal-a. Agora vou escrever-lhe uma 2.<sup>a</sup> carta que será dirigida ao Sr. José Ribeiro da Costa, [...] d'elle. Resta-me saber em que rua mora o Sr. R. da Costa em Santos, talvez seja mais conhecido do que o seu irmão e assim chegará ao seu destino. Assim que eu tiver noticias d'elle, eu as mandarei. Recommendei todos teus am.<sup>os</sup> que te agradecem e retribuem as lembranças.

Agora a respeito da 2.<sup>a</sup> carta. Recebi e agradeço muito o dinheiro que me mandaste e muito me serviu pois que eu tambem sou victima da actual carestia que se [...] bastante n'este pequeno lugar. Já mandei dizer

a missa de 6 mezes para a alma da sua querida mai e só poderei mandar outra em teu nome quando completar um anno. O vizinho Custódio diz que não recebeu a tua carta e que julga que ela foi estraviada.

Aceite lembranças da visinha, do Alexandre, comadre Thomazia, Custodio enfim de todos aquelles que figuram nas tuas cartas e ainda mais do filho do dr. Paiva [?] o que está empregado no correio. Muitas e muitas saudades do Lopes da *Tribuna*, do Luiz de Araujo, do sr. João Azevedo e ex.<sup>ma</sup> familia e do Graciliano.

Tenho até agora sempre gozado saude e desejo saber o mesmo a teu respeito. Receba um apertado abraço do teu agradecido pae e amigo

*Guilherme Cruz e Souza.*

## 83

### **Carta de Cruz e Sousa a Gavita<sup>663</sup>. Rio de Janeiro, 31/03/1892 (AMLB/FCRB).<sup>664</sup>**

Rio, 31, Março de 1892.

Minha adorada Gavita.

Estou cheio de saudades por ti. Não podes imaginar, filhinha do meu coração, como acho grandes as horas, os dias, a semana toda. O sabbado, esse sabbado que eu tanto amo, como custa tanto a vir! Ah! como se demóra o sabbado! E tu, minha boa flôr da minh'alma, que és o meu cuidado, a minha felicidade, o meu orgulho, a minha vida, não sabes como eu penso em ti, como eu te quero bem e te desejo feliz. Tu, Gavita, não me conheces ainda bem, não sabes que amor eterno eu tenho no coração por ti, como eu adoro os teus olhos que me dão alegria, as tuas graças de mulher nova, de moça carinhosa e amiga de sua boa mãe.

---

<sup>663</sup> *Gavita da Cruz e Sousa* (Gavita Rosa Gonçalves): nasceu, provavelmente, no Rio de Janeiro, em 1874. Filha de Luiza Rosa e Thomé Luiz Gonçalves. Esposa de João da Cruz e Sousa e mãe dos seus três filhos. Faleceu no Rio de Janeiro, a 13 de setembro de 1901, vítima de tuberculose. (Cf. ALVES, Uelinton Farias. Op. cit., 1998, p. 30-33; ALVES, Uelinton Farias. Op. cit., 2008, p. 279-280; 314).

<sup>664</sup> Também publicada em: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008. v. 2, p. 635-636.

Quanto mais te vejo mais te desejo ver, olhar muito, reparar bem no teu rosto, nos teus modos, nos teus movimentos, nas tuas palavras, nos teus olhos e na tua voz, para sentir bem se tú és firme, fiél, se me tens verdadeira estima, verdadeira amizade bem do fundo do teu coração virgem, bem do fundo do teu sangue.

Por minha parte sempre te quererei muito bem e nada haverá no mundo que me separe de ti, minha filhinha adorada.

Se o juramento que fizéste dentro da igreja é sagrado e se pensas n'elle com amor, eu creio em ti para sempre, em ti que és hoje a maior alegria da minha vida, a unica felicidade que me consóla e que me abre os braços com carinho.

Estar junto de ti, eu, que nunca dei o meu coração assim a ninguem, tão apaixonadamente, como te dei a ti, é para mim ser muito feliz. Quando estou a teu lado, Gavita, esqueço-me de tudo, das ingratidões, das maldades e só sinto que os teus olhos me fazem morrer de prazer. Adeus! Acceita um beijo muito grande na bocca e vem que eu espero por ti no sabbado, como um louco.

Teu

*Cruz*

**84**

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 05/06/1892 (AMLB/FCRB).**

Santa Catharina 5 de Junho 92

Meu Extremozo filho

O que tenho a dictar-te é que tenho em meu poder tua apreciavel cartinha a qual deu-me maior prazer por saber que gozavas saude tenho tido muito cuidado por não ter recebido cartas tuas a qual julguei ser por molestia mais agora estou satisfeito por que sei que estás bom meu filho não imaginas como estou satisfeito por me dizeres que vens este mez ou o vindouro vem meu filho que só assim choraremos juntos aperca de tua mãe e minha clara espoza que és aminha unica esperança que tenho no mundo és tú pedes-me q. deste notícias de Norberto nada te digo porque não sei notícias d'elle. quando foi daqui um sujeito p.<sup>a</sup> lá eu mandei



procura-lo mais nada sei mais depressa d'ahi poderas saber delle. No mais aqui fico te esperando p.<sup>a</sup> abraço-te saudozamente adeus meu querido filho a minha benção te envio Deus te favoreça e aceita um abraço de teu Velho Pai

**85**

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 02/07/1892 (AMLB/FCRB).**

Santa Catharina 2 de 7: 92

Meu extremo filho

O que mais dejejo é que ao receber destas linhas estejas com saude igualmente a minha boa e boa graças ao Altissimo Meu filho recebi tua carta na qual te queixas não teres tido noticias minhas logo q recibi tua carta respondi e fico admirado, não teres tido em teu poder talvez fosse extraviada do correio torno a escrever-te para dar-te notiçias minhas e para fazer sciente q não sei nem posso saber noticias de Norberto mandas-me dizer que sentes não poder me mandar nada meu filho eu conheço tua vontade de me favorecer mais desde que possas. nunca te esqueças de teu velho pai meu filho inda te espero conforme me dissestes em tua carta penultima aqui fico as tuas ordens como teu pai extremo aceita minha benção e um abraço de teu pai aceita saudades da Vezinha Luiza Alexandra familia do Sr. João Augusto e Thomazia e de todos teus am.os e conhecidos

e de mim aceita sinceros abraços

*Guilherme de Souza*

**86**

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. Coqueiros, 13/07/1892 (AMLB/FCRB).**

13, Manhã de Julho, 92.

Coqueiros.

353

## Queridissimo Cruz

É por uma manhã de ouro que te escrevo esta carta. Entra-me pelas janellas a luz do Sol no Oriente, illuminando-me a pequenina sala onde trabalho. Esta casa ainda a mesma, virginal e branca, voltada para o Mar e para uma longa e luminosa estrada de granito, muito rumurejante de passaros, muito aromada de rosas amarellas. Não imaginas a alegria que tive ao entrar por estas portas, logo no dia seguinte ao da minha chegada à esta terra de amôres. A velhinha, essa adoravel e santa creatura de cabeça de prata, tanto ria como chorava, aos abraços em mim, beijando-me muito, n'uma alegria de bom vinho em claras toalhas de linho. Depois, quando a noticia da minha chegada voou, correu de bôcca em bôcca, encheu-se de adoraveis velhinhas a minha casa, e por mim então cantou bem alto a virgindade desses simples corações que ainda me adoram carinhosamente. Olhavam-me todas admiradas, todas com curiosidade, como se eu dahi tivesse vindo numa riqueza suprema, com purpuras nos hombros, cheirando à myrra e a cedro. A titi<sup>665</sup> logo perguntou por ti, logo quiz saber da tua felicidade. Abracei o teu velho pae, perguntando-me elle muito por ti. Ainda forte, o teu velhinho. Trabalhou, o anno passado, nos Coqueiros, e todas as noites estava aqui em casa, de palestra com a titi, ambos contando historias remotas, de noventa annos passados. Farinhava-se por esse tempo<sup>666</sup>. Recebi os jornaes que me mandaste, entre os quaes vinha o

---

<sup>665</sup> *Titi*: referência à sua tia, Dona Felicidade, uma senhora já octogenária com quem morava em Coqueiros.

<sup>666</sup> Além da pesca, uma das principais atividades que caracterizavam a atividade econômica em Desterro, no final do século XIX, era a produção da farinha de mandioca. Virgílio Várzea, em seu livro, *Santa Catarina – A Ilha*, de 1900, descreve o período chamado de “farinhada”: “Em maio começam a emigrar para os engenhos as primeiras famílias dos lavradores-proprietários, quando estes não possuem redes, pois os que as têm só podem entrar em *farinhada* ao fim da quadra mais ativa da pesca, lá para outubro ou novembro; e só o fazem antes, nos anos em que a farinha está em ‘alta’ e tem grande consumo nos estados do norte, como por ocasião de secas e outras. Em tais épocas então dividem o pessoal do trabalho entre os engenhos e as redes, e eles próprios, numa prodigiosa atividade, galopando a cavalo do sítio para a praia e vice-versa, desde o romper do dia até a noite, ora assistem aos lanços das últimas, ora aos trabalhos dos primeiros. Mas geralmente em maio já muitos engenhos trabalham pelos arraiais e freguesias da Ilha catarinense.” (VÁRZEA, Virgílio. Op. cit., 1985, p. 187)

*Inverno*<sup>667</sup>, do B. Lopes. É detestavel, digo-te francamente. Tenho começado alguns versos, mas só hei de acabal-os depois da póda das parreiras, e mesmo porque não ando muito bom de saude, experimentando a cama por varias vezes. Faz frio que é um horror, como nunca senti nesta terra. Ando com uma nostalgia de sapo, com um tédio de chumbo, tendo o espirito enflorestado de chifres mais duros do que a imbecilidade humana. Muitas saudades das mulheres do Rio, dessas pelas quaes fiz tantos versos cheirosos. Por ora ainda não vi por aqui uma unica que me agrada, a cançar os olhos por estas estradas cheias de rosas amarellas. Como vae o Samuel? Mora contigo ou não? Abraça o Junqueira, [...], o Jubim, e a muitos outros. Por falta de dinheiro e de *adrêsse* é que te envio todas estas cartas que sei farás o favor de entregar aos meus amigos. Abraços.

O teu sempre eterno amigo

*Araujo Figueredo*

87

**Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. Desterro, 25/07/1892 (AMLB/FCRB).**

Desterro, 25 de Julho de 1892.

Espiritualissimo Cruz.

Deliciou-me a tua carta de 11. A remessa d'*Os Simples*<sup>668</sup>, acompanhada das palavras rutilantes da tua escripta à cinzeluras gregas, encheu-me o espirito de astros, à maneira da Hora em que a recebi - uma *Ave-Maria* de Azul esgazeado e de Estrellas, chamando para o Alto a visão de meus olhos anhelantes e colhendo Surdinas e Orações à minha alma scismadora e contemplativa, desolada pela Saudade e a Distancia. E, caminhando para casa, com uma prece de lyrios nos labios, apertando fervorosamente, com a fé mystica de um Iniciado, o Missal que levava na mão, ia tomado de uma uncção d'Arte, bemdita e branca como a luz da Lua, nascendo dos massiços de Trigo Celeste e desabrochando perennemente em Leite, à noite, para a festa açucenal de Diana. No meu quarto, um quarto de róça, de telha van e fria, que é um asceterio, eu

---

<sup>667</sup> Título de um poema de Bernardino Lopes.

<sup>668</sup> Livro do poeta Guerra Junqueiro, publicado em Portugal, em 1892.

desfolhei e li, pagina a pagina, chorando, e transfigurado, n'um tremôr emotivo de crente mediévo sob uma Aparição, esse livro immortal d'*Os Simples*, onde, toda a noite, a minha alma noivou luminosamente com o sol do espirito do Poeta, nos páramos azues do Talento, entre os fogos olympicos das Constellações... Longas horas em extasis, longa horas em adoração, ouvindo a divina Harmonia, os accordes mysticos dos Salmos! Guerra Junqueiro, para nós, é o Obreiro fulgido do Espirito que não se esgota, que não envelhece, nem morre: os seus pasmosos nervos creadores de Artista lançam sempre, infatigavelmente, cathedraes d'Ouro ao Léo, e a sua envergadura mental, planando n'Altura, como um Condôr, attinge, por vezes, à toda a altitude, a Abstração e a Transcendencia. Poderosa essa construção d'*Os Simples*, que ha de marcar muito alto na nossa lingua, pela sua feição inaudita, toda nova, pertencendo já à Psychologia Moderna, tão nebulosa e inextricavel ainda, e para onde todos nós marchamos, fortes, com lanças de guerra! Quem d'entre o nosso grupo de Inquietos chegará lá? Eu conheço alguns - bem poucos! - capazes de construir em bronze ou em marmore... Serão esses?...

Meu Cruz, já falei talvez de mais d'*Os Simples*; volvamos agora a tratar um pouco tambem de nós. Eu vou por aqui muito politicote, como diria o Ega, e nem uma linha d'Arte tenho feito. Persegue-me o Tédio incoersivel, a Nostalgia, uma amargura de degredo... Ha dias em que se não fosse ter Mar, Sol e Céu, morreria! A minha vida aqui não tem côr além da côr politica: de manhã, um lindo gaturamo d'uma prima minha, que festina o meu acordar, na varanda, cantando na sua gaióla de arame, enquanto me banho n'um lavatorio rustico, em bacia azul de ramagens; ao meio dia, o grasnar louco dos meus collegas na Assembléa; à noite, a celebre conversa em familia, sentindo sobre mim olhos melosos de namoro, risadas de tin-lin-lin, velhas que se referem constantemente a defunctos sujeitos que conhecêram, e um chá sórdido, bebido com bolachinhas de trigo, no ruido da mexeriqueice de meninas palreiras e analphabetas...

Mas tu, meu Nubio? Dize-me, o que fazes? Que novas cousas te prendem a phantasia e o espirito? E a Noiva? Fala-me, escreve-me.

E abraça

O teu do C.

*Virgilio Varzea*

P.S. - Longa distribuição de abraços aos amados amigos Oscar<sup>669</sup>, Miranda<sup>670</sup>, Luis Silva, Ataliba<sup>671</sup>, Raul<sup>672</sup> e o Monteiro<sup>673</sup>, creio que é Monteiro aquelle rapaz que constantemente estava contigo e que fôra reporter do *Tempo*<sup>674</sup>. Diz ao Miranda que lhe agradeço cordialmente a gentileza que me lançou pela *Revista*<sup>675</sup>, mencionando a minha partida.

**88**

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. s. l., 26/07/1892 (AMLB/FCRB).**

26, Julho, 92

Adorado Cruz

Pelo paquete de 18 deste escrevi-te e aos amigos dahi, indo todas essas cartas n'um só pacote remettido a ti, à rua do Lavradio N° 17. Se te mudasses dessa casa antes desse dia, procura o tal pacote alli, pois tenho estranhado a tua demora sobre as taes cartas. Antes já tinham ido duas para o Samuel e tem acontecido a mesma cousa - nada de respostas. Abraço-te.

O teu

*Araujo Figueredo*

**89**

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. Coqueiros, 30/07/1892 (AMLB/FCRB).**

---

<sup>669</sup> Oscar Rosas.

<sup>670</sup> Artur de Miranda Ribeiro.

<sup>671</sup> Ataliba de Lara.

<sup>672</sup> Raul Hamman.

<sup>673</sup> Manoel Rodrigues Monteiro de Azevedo.

<sup>674</sup> *O Tempo*: jornal carioca, de propriedade da Sociedade Anônima Novo País.

<sup>675</sup> *Revista Illustrada*.

Querido Cruz

Saudosamente te abraço, beijando-te muito, apertando-te muito contra o coração. Vou ser nomeado promotor publico do Tubarão.

Vê quanta gloria para a familia!

Desterro-30, julho, 92

90

**Carta de Virgílio Várzea a Cruz e Sousa. Desterro, 30/08/1892 (AMLB/FCRB).**

Santa-Catharina.

Desterro, 30 de Agosto de 1892.

Às 10 horas da noite.

Espiritualissimo Cruz.

Ah, que noite! que noite!... É a exclamação que me occorre à penna, neste momento, em que deixo as ruas alagadas e desertas, reluzindo vitreas sob candieiros mortuarios, atravancadas de lama, cobertas de bôrra de areia e barro, na cidade adormecida, agachada sob grossas cordas d'agua que cáhem do céu revolto e torvo, um céu de pó de carvão, de onde a Lua ausentou-se para não manchar a túlle doce da sua luz virginal. E, escorrendo, inundado, como se surgisse aventurosamente de atravessar o mar a nado, na treva tremenda, penso em escrever-te, roubando alguns minutos ao repouso em que ia afundar-me. Repouso! si é que elle existe para mim, peito alanceado por todas as nostalgias, por todas as tempestades do espirito e da imaginação, e que, mesmo agora, mal respiro, na oppressão da saudade angustiante do Sol e da Amada. Mas ainda tremo, posto já em roupas mornas mudadas, da noite capra, endiabrada, algida, walpürgiana<sup>676</sup> que vae lá fóra, noite

---

<sup>676</sup> *Walpürgiana*: de “Walpurgisnacht” (Noite de Walpurgis, em alemão). A Noite de Walpurgis, ou Noite de Santa Valburga, é uma festa tradicional cristã enraizada nos cultos dos antigos povos germânicos do norte da Europa. É

sinistra e truculenta, que venho de romper com o *frisson* diabolico de haver presenciado o quadro aterrador de um cataclysmo, em velhas, rudes épocas geológicas. Vento doudo de furacão, ladrando nos ares dantescamente, abalando o pobre e bom telhado que me abriga, estalando e gemendo na velhice resistente dos caibros, e sobre o qual eu ouço como as rajadas formidaveis de um cyclone, no meio do oceano, a rasgar o fragil panno das náus...

Ha seguramente seis dias que o ceo desagua sobre a terra, com uma inclemencia de diluvio, matando a graça sanguinea da Existencia e a graça d'ouro da Luz, afogando a natureza inteira no filó desolador e prateado das Estadas d'inverno. Imagina o gemer da minh'alma sob esta acridão do tempo tempestuoso e mortal. Dias encarcerado, a mastigar odios, cóleras, vinganças cruéis e convulsas, cheias de todas a injustiças, contra tudo e contra todos; noites a patinhar, a rojar na humidade para a estrangulação do Tedio, só aplacavel a alcool, a muito alcool, o cão! que logo volta mais intenso, mais cortante, no extremunhamento da reacção.

Que piedade de mim tu não terias, excellente amigo, se pudesses assistir à ancia viva em que me estorço no isolamento que envolve-me, à estas horas, em que a lembrança de Bertha Hoepke<sup>677</sup> se me impõe, dilacerante e impiedosa, agravada profundamente pela ausencia, as difficuldades, tantos dias sem a vêr! Ah! peor que a chuva de leite a ullular na noite, aterrando as gentes e os astros, é esta inverniã atróz do coração desventuroso!...

Mas quem é Bertha Hoepk? dirás tu, talvez.

Bertha Hoepk, é uma creatura celeste, feita de luz e de lyrios, cujo esplendor rarissimo de belleza transcendente tira-a da Realidade para a tornar Visão, sahindo de um fundo meigo de ballada, n'uma

---

celebrada na noite de 30 de abril para 1º de maio quando, quando são acendidas grandes fogueiras com intento de afugentar as almas dos mortos e os espiritos malignos.

<sup>677</sup> *Bertha Hoepk*: provável referência à Bertha Hoepcke, uma das filhas de Carl Franz Albert Hoepcke e Bertha Hoepcke (sol. Pirath Hoepcke). (Cf.

CARL Hoepcke. Disponível: <[https://www.myheritage.com.br/names/carl\\_hoepcke](https://www.myheritage.com.br/names/carl_hoepcke)>. Acesso em: 3 dez. 2016.). Carl Franz Albert Hoepcke (Striesa, Brandemburgo, Alemanha, 25 de junho de 1844 – Florianópolis, Santa Catarina, 8 de janeiro de 1924): empresário dos ramos industrial, comercial e da navegação. Imigrante alemão radicado em Desterro durante a década de 1860. Proprietário da Empresa Nacional de Navegação Hoepcke, Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke, Fábrica de Pontas Rita Maria, Fábrica de Gelo Hoepcke, Casa Hoepcke.

dealbação de Lua. Mais que humana, ethereal, d'uma brancura inconcebível, empallidece a neve, o Leite, a farinha triga, as açucenas e as espumas. Almejada à sua olympica fulgurancia branca de bogari, anda agora a minh'alma, seguindo entontecida e fascinada o seu clarão de Via-Lactea. Porque ella é Via-Lactea, meu artista, Via-Lactea da Saxonia, em cujos olhos glaucos melancolico, scismando em estrellas e céos d' azul, ha a doçura verde e transparente da aguas de Dantzig...

Mas, para que levar mais longe o teu espirito impressionante e subtil de mystico d'Arte, si brevemente me irei prender, no amplexo cordial, aos teus braços de incomparavel affecto e bondade? Não! Que o teu pensamento se cosntelle de todas as phantasias, sob a negrura enigmatica d'aquellas quatro retisencias d'alli.

Adeus. A lestada, cada vez mais bravía, enregela-me pouco e pouco, a uivar desoladoramente por todos os cantos desta velha casa, que abrigou, outr'ora, a minha infancia alegre, e que abriga hoje a minha mocidade melancolica. Bendita esta casa e bendita a sua dona, uma doce velhinha toda coroada de paina alvissima da idade, que possúe o meu sangue, o sangue amado de minha Mãe, e cuja mão trémula e branca eu beijo enternecido, pelas virtudes incomparaveis dos seus 82 annos!

Abraços affectuosissimos ao Junqueira, ao Jubim, ao Ataliba, ao Raul, ao João Ribeiro<sup>678</sup>, ao Miranda e ao Oscar, nomes que a todo instante illuminam-me o coração. Findo saudando a tua Nubia.

Teu do Coração –

*Virgilio Varzea.*

91

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 04/09/1892 (AMLB/FCRB).**

S<sup>ta</sup> Ca<sup>ta</sup>

---

<sup>678</sup> *João Ribeiro: João Batista Ribeiro de Andrade Fernandes* (Laranjeiras, Sergipe, 1860 – Rio de Janeiro, 1934): advogado, professor, escritor e jornalista. Membro Academia Brasileira de Letras, eleito em 1898. Autor de *Dicionário gramatical* (1889), *Versos* (1890), *História do Brasil* (1901), *Estudos filológicos* (1902), entre outros.



### Meu Amavel filho

Como sempre dejejo tua feliz saude e aminha até aprezente dactave tive um pouco doente mais vou indo ves que eu nunca poderei estar satisfeito aprimeira por já não ter o ente a quem eu mais adorava a segunda por me lembrar que será de mim vendo-me velho, pobre e sem ter quasi forças p<sup>a</sup> trabalhar e sem ter quem me trate quando me vejo doente todas estas ideias me afligem a alma e preocupa-me o pensamento meu filho tenho em meu poder tua amavel cartinha da data de 9 de Agosto e fico sciente teu conteudo e quanto sofres por mim e por tua mãe a ideia que cultivava teu pensamento em te recordares della a qual tambem amim acontece meu filho sei que tú quando podes lembras-te sempre de teu pai mais desde que não possas não farás sacrificio por mim só te peço que escreva-me sempre dando noticias tuas que és aminha unica esperança e é a satisfação que tenho e quando tenho cartas tuas No dia que fez um anno da morte de tua querida mãe mandei rezar uma missa e as pessoas mais caras foram Negrinha Luiza, Sinhá Corcoroca e mais aceita muitas recomendações de todos conhecidos e am<sup>o</sup> e de mim aceita sinceros abraços e tambem a minha benção te envio a Deus meu querido filho

Teu Pai que te estima

*Guilherme de Souza*

P.S. meu filho a vida aqui está carissima não parece ser santa Catharina já não se pode viver como d'antes

92

**Carta de Cruz e Sousa a Araújo de Figueiredo. Rio de Janeiro, 05/09/1892.**<sup>679</sup>

---

<sup>679</sup> Texto-fonte: MAGALHÃES Jr., Raimundo. Op. cit. p. 200-201.

Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1892.

Meu idolatrado Araújo.

Abraço-te com toda a emoção das idéias e dos sentimentos, assegurando-te que é muito saudosamente que o faço, a ti, tão meigo e luminoso ao meu coração.

Como talvez já deves saber o Luís já se acha empregado e bem, otimamente mesmo para quem como ele começa agora a vida nesta cidade hostil e pornográfica.

A doce e nobre mãe do Raul Hammann morreu, quase de repente, em seis dias de recolhida ao leito. Embora deteste os atos fúnebres fui à casa do Raul, no dia seguinte à morte dessa distintíssima senhora, porque o belo Raul, sempre gentil e generoso, até aos limites do fenômeno, nestes tempos indiferentes merece-me muito esse sacrifício e tanto maior porque vim de lá da Praia do Cajú, onde o Raul mora, até cá à cidade, a pé, por não ter o indispensável para o bonde.

Dou-te a dolorosa notícia da mãe desse digno amigo para que te portes com ele como deves. Farás também saber a mesma notícia ao Várzea. Agora, para te dar um deslumbramento, mando-te cópia de uns versos inéditos, que te irão cantar aí nesse tufo de verdura dos Coqueiros como salmos evangélicos. São estrofes tecidas de astros, fulgentíssimas e brancas, ritualizadas por uma emoção muito delicada da Arte virgem e clara. Pelo que te amo e ao Várzea é que mando, junto a esta para cada um, uma cópia epistolar desses versos prodigiosos, batizados no Jordão do meu espírito. Deliciem-se neles, como eu me delicio, me inflamo e vivo na peregrina lembrança de vocês ambos, que a Arte tão singularmente fecundou de sol.

Aqui, na luta formidável que travo com a existência, na guerra aberta que me fazem por toda a parte e por todos os modos, o Ataliba, o Jubim, o Junqueiro, o Raul, principalmente, fazem como que em torno à minha vida de angústia uma via látea de sentimentos, que me ilumina. E via látea digo porque eles desprendem para mim uma luz delicada, fina e imaculada como a da via-látea [...]"<sup>680</sup>.

93

---

<sup>680</sup> Escreve Raimundo Magalhães Jr.: “É pena que o final dessa carta, guardada pela filha mais velha de Araújo Figueiredo e tão rica de elementos biográficos, se tenha perdido.”. MAGALHÃES Jr., Raimundo. Op. cit. p. 201.

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. s. I., ??/09/1892  
(AMLB/FCRB).**

Tarde de 9, Setembro, 92.

Meu adorado Cruz

Faz hoje um mez que me escreveste uma carta a qual respondo. Tenho andado muito preocupado da vida nestes ultimos dias, pois vejo que não arranjo nenhum emprego nesta terra. Os homens para os quaes vim recomendado, um pouco melhores, na apparencia, do que os da opposição, são para mim piores do que os hippopotamos dos circos de Roma, no seculo III. O Elyseu, essa besta de oculos, cada vez está mais covarde, cada vez mais sem energia, e mais sem character, portanto. Vivi numa numa embrumação para commigo como não imaginas. E por isso, meu doce Amigo, ja perdi de todo a esperanza de arranjar um qualquer emprego aqui nesta terra, por mais baixo, por mais da Figueira que seja. Então a unica cousa que tenho feito é preparar-me para fazer, esse Dezembro, um pouco de vinho. As minhas parreiras acham-se muito bem podadas, tratando-as eu com o maior cuidado. Não espero portanto, mais nada desses homens, nem delles quero saber senão para meter-lhes o vergalho na cara. Emquanto eu aqui estiver, emquanto a minha casa continuar a ser a mesma, toda florida de rosas, toda sonora de passaros, aproveitarei o tempo para escrever alguma tolice luminosa, que me agrade o espirito. Na virgindade desta minha casa cuja janellas se abrem hoje para uma larga e alvadia estrada, irei passando talvez muito melhor do que no calabouço de uma repartição publica. Pelo menos, meu Amigo, a rabugice da minha titia dá-me uma graça feliz, emquanto que a burrice dos que me acariciam, chamando-me de collega, dar-me-hia uma louca vontade de morrer. É verdade que passo dias sem um unico real no bolço, mas em compensação tenho a tranquillidade destes caminhos, destas longuissimas praias, destes longos campos que setembro esse flora e aromatiza, sob um ceu infinitamente azul. E é deste socego que o meu coração volta-se ainda puro e branco de amôr, para àquelles a quem adoro. Recordo-me seguidamente de ti, imaginando o que não terás passado ahi, nessa cidade inclemente. Deve ter sido o diabo a tua vida nestes ultimos tempos em que até a besta cega do Cabral achou que não devias escrever mais no seu réles jornal.

Oh! desgraça infindavel! Nem um beduino tem sorte igual a nossa! Comtudo, meu Cruz, creio que mil vezes ahi. Como estou

arrependido de pára cá ter vindo. Aqui nem terás, é duro dize-lo, um emprego de alfaiate-litterato. Na terra do Biguibi<sup>681</sup> só o Biguibi. Agora, esse casos de grande embaraço, esse casos que percas, por intrigas, os teus maiores amigos dahi, cousa que só pode dar, porque o Artista nunca é compreendido, aqui tens e terás eternamente a minha casa. Moravas commigo, embora passando mal, mas sem a lembrança de aqui arranjares um emprego por mais baixo que seja. Farás como eu - não saberás se a cidade existe. Aqui estarei ao teu dispôr. Tenho abraçado o teu velho pae. Nasceu-me mais um sobrinho, filho do Marciano, um pequerrucho muito bonito. Saudades minhas e de toda a nossa familia. A titia, essa, coitada, muitos abraços te manda. Como vae a Gavita? Dá-lhe lembranças. É certo que vaes publicar esse livro? Há mais de dous mezes que não leio jornaes dahi. É uma miseria.

O teu amigo

*Araujo Figueredo*

Lembranças ao Ataliba, Raul, Miranda, Duque, Carmela, Jubim, Junqueira.

---

<sup>681</sup> *Aqui nem terás, é duro dize-lo, um emprego de alfaiate-litterato*: alusão a Manoel Antonio Biguibi. Sobre este personagem, escreveu o crítico Altino Flores, em 1948: "Na capital catarinense existiu um mulato conhecido por Biguibi, com alfaiataria na antiga Rua Bela do Senado (hoje Felipe Schmidt). Quando, ainda rapaz, o conhecemos, já bem velhinho era ele e estava com os restos do seu estabelecimento na Rua Deodoro, em frente à igreja de São Francisco. Ali era visto, de carapinha branca, em colete, quase sempre encostado à ombreira da porta, com a fita métrica pendente do pescoço como uma tênia exangue, e a deitar por cima dos óculos melancólicas miradas à fula-fula rueira. / Era a sua alfaiataria, nos tempos da Idéia Nova [primeira metade da década de 1880], um ponto de palestra dos figurões da cidade, como também o era a 'Charutaria Espanha', de cujo proprietário, J. Garrido Portela, chegou Virgílio Várzea a traçar o 'perfil' pela. imprensa. / Biguibi tinha um álbum onde fazia questão de que os intelectuais desterrenses registrassem, pelo próprio punho, as suas inspirações artísticas, em prosa ou verso." E, Affonso Várzea, filho de Virgílio Várzea, em carta enviada originalmente a Henrique Fontes, em 1962, escreve: "simpatico preto alfaiate Manoel Biguibi, analfabeto e bibliomaniaco, colecionando retratos de homens ilustres brasileiros". (Cf. FLORES, Altino. O franzino poeta, o latinista quadragenário. In.: \_\_\_\_\_. Op. cit. p. 226 e Carta de Affonso Várzea a Nereu Correia. Rio de Janeiro, 07/07/1962 (ACL)). Ver também: UM album. *O Conservador*, Desterro, 10 dez. 1884.

**Carta de Cruz e Sousa a Gavita. s. I., 20/09/1892 (AMLB/FCRB).<sup>682</sup>**

Noite de terça-feira, 20 de Setembro, às 7 horas.

Minha adorada Noiva

Saudades, saudades, muitas saudades é o que eu sinto por ti.

Escrevo-te triste por não te ver e tenho, na hora em que te escrevo, o teu querido retrato diante de mim, entre os meus livros, companheiros dos meus sofrimentos.

Minha Vivi estremecida, nunca me esquecerei do dia 18 de Setembro, aniversário do dia em que tive o prazer de vê-te pela primeira vez, de admirar os teus lindos olhos, a graça de todo o teu corpo, toda a tua pessoa amável que me prendeu para sempre com os laços do mais profundo e sincero amor. Acredita, minha filha adorada do coração, que eu tenho como o consolo maior da minha vida, a luz do meu coração, a esperança feliz da minha alma. Por minha honra te juro que sempre serei teu, que podes viver descansada, sem desconfiança, porque o teu Cruz nunca será de outra e só à Vivi fará carinhos, dedicará extremos, amizade eterna. Pela minha honra e pelo dia em que nos vimos pela primeira vez, juro-te que só quero a tua felicidade, só desejo dar-te prazer e tratar-te com os mimos e delicadezas de que tenho dado provas bastantes.

A todas as horas o meu pensamento vâ para onde tu estás, vejo-te sempre, sempre e nunca me esqueço de ti em toda a parte onde estou. És a minha preocupação constantes, o meu desejo mais forte, a minha alegria mais do coração. Amo-te, amo-te, muito, com todo o meu sangue e com todo o meu orgulho e o meu desejo poderoso e unir-me a ti, viver nos teus braços, protegido pela tua bondade pura, pelas tuas graças que eu adoro, pelos teus olhos que eu beijo. No momento em que te escrevo sinto uma grande falta de ti. Só, no meu quarto, eu só possuo, para

---

<sup>682</sup> Também publicada em: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 636-637.

consolar-me o teu retrato. Mas é muito pouco. Eu te queria a ti, em pessoa, para te apertar de abraços, pedindo a Deus para abençoar o nosso amor. Esta carta é como mais um juramento feito a ti pelo dia 18 de Setembro, em que te vi pela primeira vez apanhando flores, tu, que és a flôr dos meus sonhos. Espero-te sabbado, com aquelle penteado de domingo, que te fazia muito bonita. Adeus! Beijote muito os olhos, a bocca e as mãos e dou-te abraços muito apertados, bem junto ao meu coração, que palpita de saudades por ti.

Teu

*Cruz e Sousa*

95

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 23/10/1892 (AMLB/FCRB).**

Desterro 23 de Outubro de 1892

Meu Prezadíssimo Filho

Em primeiro logar estimo tua saude que eu vou indo bem graças a Deus. Recebi sua estimadissima carta na qual fiquei muitissimo (satisfeito) por saber de tua saude que é o que eu estimo.

A respeito do teu irmão Norberto disse-me o Agostinho que estava empregado com elle mais que elle sahio da dita caza e foi para São Paulo mas já não está em São Paulo dizem que segiu para Campinas, e assim me disse o Agostinho Carroceiro, então pesso-te que enformes-te delle porque nunca mais mais me escreveu nada mais tenho a Dizer

Acceite um saudoso abraço e abenção deste teu Velho Pai que aqui fica esperando tua resposta

*Guilherme de Souza*

P.S. Aceite lembranças de D. Luiz Doceira e tambem de Lixandra e de D. Mariquinha que está em caza de D. Luiza e tambem de Custodio e de toda a sua familia e não te esqueças de recomendar-me ao

João Augusto, em tua carta porque elle sempre pergunta por ti, elle tem estado quazi a morte. Recommenda-me ao Sr. Virgilio Varzea.

*Souza*

96

**Carta de Cruz e Sousa a Gavita. Rio de Janeiro, 17/11/1892 (AMLB/FCRB).<sup>683</sup>**

Quinta-feira, 17 de Novembro à 1 hora da tarde.

Minha doce e muito estremecida Vivi.

Sinto as maiores saudades de ti, que és a alegria do meu coração, o consolo da minha vida.

Desde a ultima noite que te deixei tenho me lembrado sempre de ti e o teu nome adoravel não me sae da bocca a toda a hora. Estimo de toda a minh'alma que estejas pasando bem de saude. Eu vou bom, apenas com a tristeza de não estar sempre a teu lado, junto de ti, que és hoje para mim no mundo o maior prazer, a maior satisfação.

Sou teu como tu és minha, sem me importar com ninguem. Só me lembro que tu, vives e que eu te quero estremosamente, com toda a delicadeza e carinhos do meu amor. Tu é que me fazes feliz, orgulhoso, rei do mundo, porque as tuas qualidades, a tua bondade, o teu sorriso, os teus olhos me fazem o homem mais contente, mais alegre do mundo, minha pomba querida, luz da minha vida inteira, Noiva adorada e santa.

Como sempre, estou ancioso que chegue sabbado, morrendo de saudades por ti, flôr da minh'alma, que tanta coragem me dás para a vida e tanta esperança. O teu bom coração póde descansar em mim, porque eu sou teu como se já fosse casado, vivendo na mesma casa comtigo, gosando os teus carinhos! Ah! Gavita! o céo te abençoe, Deus te proteja e te acompanhe sempre para que tu saibas ver o amor eterno que eu te tenho e que está firme no meu coração.

Adeus! Recebe o meu sangue, as minhas lagrimas, os meus beijos, os meus abraços.

Teu

---

<sup>683</sup> Também publicada em: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 638.

**Carta de Cruz e Sousa a Gavita. Rio de Janeiro, 17/11/1892 (AMLB/FCRB).<sup>684</sup>**

Rio de Janeiro, quarta-feira, 14 de Dezembro de 1892, 7 horas da noite.

Minha estremecida Vivi.

À hora em que te escrêvo tenho diante de mim o teu retrato, que trago sempre commigo, que é o meu melhor companheiro e amigo.

Adorada do meu coração, não calculas a saudade que sinto de ti, como eu desejava agora estar ao pé de ti, na alegria e na felicidade da tua presença querida, flôr da minha vida, consôlo do meu coração.

Desejo que tenhas passado bem esses dias e que só tenhas como soffrimento, como pesar o não nos vermos, o estares longe de mim, porque isso é o que mais me fas infeliz e triste.

Sabes quanto eu te amo, quanto eu te quero do fundo do meu sangue sobre todas as mulheres do mundo. Fico sempre alegre, contente, cheio de orgulho, quando pôsso dizer que sou e serei sempre teu, que hei de amar-te até à morte, enchendo-te dos carinhos, das amabilidades, dos extremos, das distincções que só a ti eu quero dar, idolatrada Gavita, adoravel creatura dos meus sonhos, dos meus cuidados e pensamentos.

Só tu, és a Rainha do meu amor, só tu meréces os meus beijos e os meus abraços, a honra do meu nome, a distincção da minha Intelligencia, os segredos da minha alma.

Só tu és mercedôra de que eu te ame muito, como te amo, muito, muito, e cada vez mais, com mais firmeza, sempre fiél, sempre teu escravo bom e agradecido, fazendo de ti, minha estrellá, a esposa santa, a adorada companheira dos meus dias. Vê lá que orgulho tu não deves ter. Adeus! Adeus! Estou morto para que chêgue sabbado e ter o prazer, maior de todos os prazes, de estar contigo.

Acceita beijos e abraços do teu

---

<sup>684</sup> Também publicada em: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 639.



**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. Desterro, 21/12/1892 (AMLB/FCRB).**

Desterro, 21 de Dezembro, 92.

Meu adorado Cruz

É com a maior alegria que te escrevo esta pequena carta. No dia 16 do corrente fui nomeado promotor do Tubarão, para cuja comarca devo partir no dia 5 do mez que entra. Vou só, porém mais tarde, isto é, depois de um mez cá voltarei, licenciado afim de casar-me. Aproveito a ocasião para dizer-te que é hoje minha noiva a Concepta Renzetti, que deves conhecer. É ella uma bella genoveza que me anda a encher de alegrias a alma e em cujas mãos brancas de junquillo o meu rubro coração repousa triumphante de gloria. Espero que o seu amôr continue a cantar-me na vida, eternamente, como me cantam os canarios no beiral da casa onde nasci. O meu pequeno nome litterario é para ella como que um palio aberto sobre a sua cabeça de velludo negro - glorificando-a, enche-a de uma resplendencia astral. Mais tarde, meu querido, te fallarei della e responder-te-hei então todas as cartas que me tens mandado; mas para isso espero de socegar n'um canto aromado de rosas, junto da minha doce Amada. Os homens daqui, os [...], andam damnados commigo, ameaçando-me de cacete. Tenho-lhes passado cada *triolet*<sup>685</sup> medonho, de fazer chorar. O Villela do Rego, esse, chegou até a

---

<sup>685</sup> *Triolet*: triolé: segundo a crítica Zahidé Muzart, “O triolé é um poema pequeno de forma fixa, de origem francesa, remontando ao século XIII. Esquecido por muito tempo, despertou novo interesse entre os parnasianos no século XIX. A estrutura do triolé é de uma oitava com duas rimas somente. O primeiro verso repete-se no quarto e os dois primeiros, no sétimo e no oitavo versos (ABaAabAB). A reiteração é a marca do triolé.” Cruz e Sousa, bem como outros escritores ligados ao seu círculo, cultivaram o triolé como instrumento de denúncia política e crítica social. (Cf. MUZART, Zahidé Lupinacci. O popular na poesia do jovem Cruz e Sousa. *Travessia*, Florianópolis, n. 26, p. 163-170, 1993).

envenenar-se e a ficar idiota. Disse aos amigos que era por causa de uns *triolet*s que eu lhe tinha lascado. É um horror! Junto a esta envio-te dois magníficos. Mostra-os ao Varzea, ao Ataliba, ao Jubim e outros rapazes de espirito. E adeus, meu adorado, abraça-me fortemente, com emoção. A minha tia e todos de minha casa mandam-te saudades. Lembranças a tua [...]. Adeus!

O teu amigo

*Araujo Figueredo*

Não me escrevas para Tubarão sem eu te mandar dizer.

A. F.

99

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 23/10/1892 (AMLB/FCRB).**

Desterro 22 de Dezembro d' 1892

Meu estimadissimo filho

Em primeiro logar saude e felicidade assim como para mim desejo, que as minhas ao fazer esta é sem maior novidades graças a Deus.

Meu filho a tantos tempos que vocçê me escreveu pelo Snr. Araujo, e hoje é que recebi, muito encomodado eu fiquei por este Cidadão não me procurar, ainda foi preciso que me encontrasse com elle no Mercado, para bem de eu receber noticias suas, que satisfeito fiquei.

Sobre o Norberto eu fiquei ciente no que me diz em sua carta, mais peço-lhe que não deixe de não enformar sobre elle. Accête recommendações de todos os conhecidos e conhecidas e tambem do Snr. João Augusto. Agora acceite um saudoso abraço deste teu pai estremoso que aqui fica esperando tua resposta.

*Guilherme de Souza*

P.S. Meu filho você não tem razão de que queixar que não lhe escrevo, porque em todos os vapores que passava com expiação<sup>686</sup> de um no mez, mais sempre lhe escrevo e mesmo meu filho sabe a minha serconstancia, porque eu se sobesse ler e escrever lhe escreveria cartas com abundancia, por isso é arazão. peço-lhe que me desculpe o meu fallar.

*Guilherme de Sousa*

**100**

**Carta de Gama Rosa a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 27/12/1892 (AMLB/FCRB).**

27 de dezembro 92.

Amigo Cruz e Sousa,

Recebi as suas condolencias e agradeço-as muito. Quando puder, appareça.

*Gama-Rosa.*

Nitheroy: - Icarahy, rua de Santa Bibiana n. 7.

Estou em casa das trez horas da tarde por diante, e, nos dias feriados e domingos, durante todo o dia.

*Gama-Rosa.*

**101**

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. Tubarão, 04/03/1893 (AMLB/FCRB).**

Tubarão, 4 de Março de 93.

Amantissimo Cruz.

---

<sup>686</sup> "excessão"?

É com o coração voltado para o teu, lembrando-me intimamente de ti, que escrevo esta cartinha. Vae ella contar-te, cheia da mais doirada alegria, e cheia do aroma que me vem do campo florido, que estou casado. O dia 2 de Fevereiro foi de eternas festas para mim. Não sei se cantava-me no peito um coração ou se um passarô branco, da brancura do Luar crescente, e da immaculabilidade das rosas que Abril desabrocha sob o oiro vivo e cantante da sua Luz santissima. E, meu doce Amigo, graças às caricias dessa em cuja mão direita vive hoje o meu coração, continuo a viver em festas. Minha casa, que fica à margem do Rio, de janellas abertas para a estrada, parece-me um viveiro de passaros. Permittindo os Ceus e as immaculadas Estrellas que nunca sobre ella baixe desgraça alguma, creio ter alcançado o que sempre desejei: - socego numa casa branca onde me cantasse uma mulher amada. Quanto à vida pecuniaria, passo-a regularmente, esperando entretanto, por estes dias, melhor collocação na comarca. Uma vez arranjado o que espero, poderei então dizer-te que daqui não sahirei tão cedo e que se quizeres me ver terás o trabalho de cá viver. Escusado é dizer-te que fallo de ti seguidamente à Concepta, considerando-te o meu maior amigo, aquelle para o qual não se cança de olhar o meu coração. Escuta, como vae o teu Livro? Anda, conta-me quando sae Elle; mata-me o desejo de te lêr, sacia-me a sêde de te vêr nesse *Missal*. E como te vaes de sorte? A mesma cousa ou não? Os teus amigos ainda são os mesmos? Falla-me do Ataliba, do Junqueira, do Raul, do Miranda, do Varzea, do Luiz Silva, do Oscar, do Duque, do Emilio de Menezes<sup>687</sup>. Falla-me tambem, embora não gostes, do Emiliano Pernetta. Conta-lhes que estou casado e que breve apparecerei por ahi cantando n'um livro de versos originaes. Abraça-os por mim. Quando por ahi apparecer algum livro notavel, indaga do preço e escreve-me. Lembrança a Gavita. Aceita muitissimas saudades minhas, da Concepta e da Malvina. Abraços, meu doce Amigo, e duas beijocas.

O teu

---

<sup>687</sup> *Emílio Nunes Correia de Meneses* (Curitiba, Paraná, 4 de julho de 1866 – Rio de Janeiro, 6 de junho de 1918): escritor e jornalista. Poeta satírico, célebre nas rodas literárias do Rio de Janeiro pela sua maledicência e hábitos boêmios. Membro da Academia Brasileira de Letras, em 1914. Autor de *Marcha fúnebre* (1893), *Poemas da morte* (1901), *Dies irae – a tragédia do Aquibadã* (1906), entre outros.

<Como vae a D. Julieta e os pequenos? A Cafunginha está ainda bonitinha? Beija-a.><sup>688</sup>

102

**Dedicatória em *Missal* a Araújo Figueredo. Rio de Janeiro, 13/03/1893.**<sup>689</sup>

Na serenidade desta página clara, quero perpetuar, como na corrente do Tempo, a Amizade, o Culto Intelectual, o alto Amor estético que te consagro / ouros, mirras e incensos do meu ser devotado. A ti, Coração nobre; a ti, luminosa Cabeça; a ti, delicioso poeta dos Campos, dos Mares, das Rosas, dos Astros; a ti, amigo-irmão, casta e branca natureza de Sonhador olímpico, Israelita da Arte, que tens a virgindade emotiva das Forças novas, originais / este Missal de Abstração, de Espiritualidade, de Forma.

*Cruz e Sousa.*

Rio de Janeiro, 13 de março de 1893.

103

**Dedicatória em *Missal* a Tibúrcio de Freitas**<sup>690</sup>. Rio de Janeiro, 05/04/1893.<sup>691</sup>

Meu adorável Tibúrcio

---

<sup>688</sup> Nota feita pelo autor, inserida à margem inferior da fl. 2v. Referência à família de Oscar Rosas.

<sup>689</sup> Também publicada em: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 655.

<sup>690</sup> *Luís Tibúrcio de Freitas* (Baturité, Ceará, 18?? – São João Batista, Itajaí, Santa Catarina, 9 de abril de 1918): funcionário público e professor primário. Grande amigo de Cruz e Sousa. (Cf. MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 1, p. 595-603).

<sup>691</sup> Texto-fonte: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 656.

À tua penetrante compreensão de Arte, à tua delicadeza de sentir / flores raras e luminosas deste meio / ofereço este exemplar do *Missal*, para que, lendo-o muitas vezes, em repouso, possas avaliar da espontânea, viva e comovida simpatia intelectual que me ligou a ti serenamente, num movimento esranho, misterioso e íntimo de almas que se amam e percebem.

Assim, belo Tibúrcio, aqui me tens encerrado em essência abstrata de Pensamento / palpitando junto ao teu coração bom e franco, nobre e valoroso, que tão afetivamente me acolhe.

*Cruz e Sousa*

Rio, 5, abril de 1893.

104

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 12/04/1893 (AMLB/FCRB).**

Santa Catharina 12 de Abril de 1893

Meu querido Filho

Muito desejo e estimo q ao receberes esta carta estejas gosando felis saude, pois q a minha atte a prezente occazião é sem maior novidade g. a Deus. Tenho prezente tua carta de 13 de Março findo q me foi entregue pello o Compadre João, não respondi-te pello o mesmo porq não pude em razão de não ter certeza do dia em que elle partia agora então o faço para dar te noticias minhas. Eu já te tinha escrito antes de receber esta carta vinda pello o Compadre cuja carta remettia-te uma outra junto para fazeres chegar as mão do Norberto pois me tinhas mandado dizer q elle estava em São Paulo e como elle tem sido tão ingrato para mim então eu escrevi a elle para fazel-lo lembrar do seu velho Pai, porém creio q não recebestes pois não me fallastes nisso. Eu como já devez vou vivendo conforme Deus me ajuda enquanto Deus me concede alguma saude No mais aceita as muitas recomendações da familia do Snr. João Augusto e de todas as mais pessoas conhecidas, e recebe a benção e um abraço de teu

Velho Pai e Amigo

**105**

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 24/04/1893 (AMLB/FCRB).**

Desterro, 24 de Abril de 1893

Meu prezado filho

Estou de posse de tua estimada carta de 13 do mez findo a qual me deu muito prazer por continuares gozando saude.

Eu vou indo regularmente, graças ao Altissimo.

Antes da carta que me mandastes pelo João [...] já eu te tinha escripto uma na qual juntei tambem uma para teu irmão Norberto. Foi pelo correio, mas não ti [...] d'ella, pelo que julgo que não recebeste.

A visinha Luiza e Alexandre te mandão muitas lembranças e bem assim o visinho Custodio e a Comadre Thomazia. Tambem te mandão lembranças a familia do finado Snr. João Augusto Fagundes de Mello. Lembranças do Graciliano e da Camila e sua filha Deolinda (parentas do Manoel Roque).

Aceita um apertado abraço e a benção de teo

Pai

*Guilherme Souza*

**106**

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 02/06/1893 (AMLB/FCRB).**

2 de Junho de 93.

Meu Prezado filho João.

Dejejo que estas linhas te vão encontrar no gozo de feliz saude eu vou indo assim como Deus que com pouca saude mais vou vivendo.

meu filho já são com esta 3 ou 4 cartas que te escrevo sem ter resposta nem saber noticias tuas meu filho que bastante me tem encomodado se é todo meu prazer é ter noticias tuas tenho andado bem triste pello teu cilençio não sei o que hei de pensar só me lembro não estejas doente logo que receberes estas linhas [...] responde-me e manda-me dizer se estás de saude. meu filho p.<sup>a</sup> assim eu descansar meu coração

No mais aceita saudades de todos teus amigos e conhecidos e açaite um abraço e abenção de teu velho Pai e am.<sup>o</sup>

*Guilherme de Souza*

107

**Carta de Ataliba de Lara<sup>692</sup> a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 12/06/1893 (AMLB/FCRB).**

Cruz.

Meu bom e nobre amigo. Procurei-te hoje, com insistencia para te dar um abraço; não me foi possivel achar-te.

Avaliarás bem como devo partir: deixo aqui tudo o que mais seriamente me prende à vida - amigos, affectos, etc. Não sei quando voltarei. Vou até o Espirito Santo. Vai ser uma cousa pavorosa esta viagem. Vocês, que são os meus leais companheiros, não me abandonem. Escreve-me tu sempre que pudeses. Recomenda-me a tua noiva. Tu és, no fim das contas, bem feliz. Ter alguém que vive dos nossos pensamentos, é ter todas as coragens para a vida. Mal de mim,

---

<sup>692</sup> *Ataliba de Lara*: advogado e jornalista. Nasceu, provavelmente, no Rio de Janeiro, por volta de 1865. Abolicionista e republicano. Atuou, entre 1896 e 1897, como secretário de Alberto Torres nos Ministérios do Interior e da Justiça. Era padrinho de um dos filhos de Cruz e Sousa. Faleceu a 21 de agosto de 1923, no Rio de Janeiro. (Cf. *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 12 jan. 1897; *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 19 jan. 1910; *Correio da manhã*, Rio de Janeiro, 22 ago. 1923; MORAES, Evaristo de. *Reminiscencias de um rabula criminalista*. Rio de Janeiro: Grande Livraria Leite Ribeiro, 1922. p. 241).



vou ficar por ahi aos trambolhões, deserdado de tudo, soffrendo o isolamento do coração, que a pior tortura para quem ame.

Adeus meu Cruz. Dou-te um profundo abraço, cheio de saudades e de evocações queridas.

Teu do coração

*Ataliba de Lara*

Rio, 12-6-93

P.S. Abraça o Varzea e o Araujo.

A.

**108**

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 14/06/1893 (AMLB/FCRB).**

14 de Junho de 93

Meu filho acuzo o recebimento de tua carta dactada de 28 de Junho a qual tive prazer que tanto tempo não tinha noticias tuas acuzas ter fallado em mim ao Senador Raulino<sup>693</sup> eu só sinto é me ver tão distante de ti meu filho disme alguma noticia a respeito de Norberto que sabes onde elle mora eu já escrevi aelle e elle não deu-me resposta cuja carta foi mesmo entregue ati logo que possas escreve-me sempre para eu saber noticias suas

---

<sup>693</sup> *Raulino Júlio Adolfo Horn* (Laguna, Santa Catarina, 1º de julho de 1849 – Florianópolis, Santa Catarina, 26 de setembro de 1927): farmacêutico, político e jornalista. Formado em Farmácia pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Membro fundador do Partido Republicano em Santa Catarina. Presidente do Clube Republicano da cidade de Desterro (1887). Fundador do Clube Abolicionista de Desterro. Chefe do Governo Provisório do Estado (1889). Vice-Governador do Estado de Santa Catarina nomeado pelo Governo Provisório (1890). Senador, por Santa Catarina, à Assembléia Nacional Constituinte (1891). Redator do jornal *Gazeta do Sul*, de Desterro.

Aceita saudades de todos a quem voçe recomenda e aceite um terno abraço e a benção de teu pai e Am.º

*Guilherme de Souza*

**109**

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 08/08/1893 (AMLB/FCRB).**

Santa Catharina 8 de Agosto de 93

Meu querido Filho

Principio por acuzarte o recebimento de tua prezada carta de 23 de Julho findo, ella veio encher este alquebrado coração de ardente jubilo, não só por saber q gosas saude como por ver q não te esqueces um só momento deste pobre velho q se orgulha de ser teu Pai. Eu como deves calcular vou vivendo conforme Deus é servido, passando [...] mais amnimado, e dias mais desanimado; conforme o peso dos annos permite

Em tua carta me participas q tencionas casar-te, o q eu muito aprovo rogando a Deus q sejais muito feliz e q possas encontrar uma mulher tão digna de ti como foi tua mãe, estou bem certo q farias uma boa escolha e desde já considero essa nora como filha basta ser a escolhida de teu coração.

Estimei saber o paradeiro de Norberto por visto tua indicação vou n'esta mesma dacta escrever-lhe para fazello lembra q vivo e q sou o autor de seus dias. No mais aceita a benção de teu Pai e amigo e q o que mais ambiciono n'esta vida é a tua feleçidade.

Adeus nunca esqueças q sou teu Pai

*Guilherme de Souza*

**110**

**Carta de Ataliba de Lara a Cruz e Sousa. Conceição, 14/08/1893 (AMLB/FCRB).**

378

Amantissimo Cruz.

Todo o meu desejo seria, sem preocupações nem cuidados, fazer agora uma palestra contigo. priva-me d'isso a absoluta falta de tempo em que ando. Fal-o, tu, seguidamente, para que eu tenha sempre junto a mim a fragancia da tua pureza, essa tua excepcional sinceridade, e, como um passaro querido, brilhe e cante, n'esta terrível noite em que ando, a estrella da tua phrase, alva e pura, como um levantamento e uma força para o meu espirito abatido.

Tenho adquirido, por estes novos ares e por estes mattos, uma energia nova, um sangue mais [...] e mais quente. É tudo quanto se [...].

Eu não posso mais demorar-me.

Diz para onde te hei de escrever com segurança. Responde para D. Maria Magdalena. Agradeces a delicada lembrança de tua noiva, em me mandar cumprimentos.

Esta carta vai para a *Revista*<sup>694</sup>.

Lembranças ao Arthur, ao Varzea e aos mais amigos. Se vires o meu Leal Ignacio, dá-lhe um abraço. Ao [...], tambem.

Abraço-te de todo meu coração.

Adeus.

*Ataliba*

Conceição, 14-8-93.

111

**Carta de Ataliba de Lara a Cruz e Sousa. Conceição, 05/09/1893 (AMLB/FCRB).**

Meu Cruz.

Ahi vai o Abelardo Lôbo, muito bom rapaz, muito bom amigo e de talento. Tem muito desejo de conhecer-te porque te aprecia através de versos teus, que lhe tenho dito. Tendo um bom coração que o

---

<sup>694</sup> *Revista Illustrada.*

impulsiona, prometeu-me empregar-te, razão porque especialmente te procura. Quer, além d'isso, [...] a tua relação pessoal. O Abelardo gosta de Arte, mas ainda está muito cégo n'isso. Já o mandei aos *Maias*, leva-o tu, também, a alguns livros.

É um bom companheiro, que te vai, talvez, prestar um grande auxílio, e que tu tratarás com estima.

Responde as cartas que tenho te mandado para a *Revista*. Dize a Raul que faça o mesmo. Abraça o Ignacio e o teu amigo do coração

*Ataliba*

Magdalena, 5-9-93

112

**Carta de Gama Rosa a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 20/10/1893 (AMLB/FCRB).**

20 de Outubro de 1893.

Caro amigo Cruz e Sousa.

Recebi a sua carta de 14 do corrente, e sinto não poder satisfazer o seu pedido, porquanto, n'esta immensa crise as despesas são consideraveis, extraordinarias, para quem tem à seu encargo uma familia.

E apresso-me em fazer-lhe esta comunicação, para que a demora na resposta não lhe cause transtorno.

Acceite recommendações nossas.

Seu am.º velho,

*Gama-Rosa.*

113

**Carta de Azevedo Cruz<sup>695</sup> a Cruz e Sousa. São Paulo, s. d. (AMLB/FCRB).<sup>696</sup>**

Meu saudoso Cruz

Aqui estou no Largo do Riachuelo 21 b. Só hoje te escrevo porque só agora terminei a minha instalação. Esta é simplesmente um aviso da minha residencia. Escreve-me pois quando, como e sempre que quiseres.

Recomenda-me a tua senhora, ao Nestor, ao Tiburcio e dir-lhes onde estou morando.

Estima sempre o teu

*Azevedo Cruz*

**114**

**Carta de Azevedo Cruz a Cruz e Sousa. São Paulo, 24/10/1893 (AMLB/FCRB).**

S. Paulo 24 de Outubro de 93

Largo do Riachuelo 21 b.

---

<sup>695</sup> *João Antônio de Azevedo Cruz* (Santa Rita da Lagoa de Cima, Campos, Rio de Janeiro, 22 de julho de 1870 – Nova Friburgo, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1905): escritor, jornalista, advogado e funcionário público. Estudou no Liceu de Humanidades de Campos, ingressou na Escola Livre de Direito do Rio de Janeiro e bacharelou-se na Faculdade de Direito de São Paulo, em 1895. Foi colega de classe e amigo de Alphonsus de Guimaraens. Colaborou em *A República*, *Gazeta do Povo* e *Monitor Campista*, entre outros jornais de Campos. Foi nomeado Chefe de Polícia durante o governo Quintino Bocaiúva (1900-1903), cargo que exerceu até o seu falecimento, em 1905. Autor de *Sonho* (publicação póstuma, 1943).

<sup>696</sup> Deduzo que esta correspondência seja datada do início da década de 1890, época em que Azevedo Cruz ingressava na Faculdade de Direito de São Paulo e na qual se graduou em 1895. Para ser mais preciso, acredito que este documentoo, muito provavelmente, se situe cronologicamente um pouco antes do envio da carta de 24 de outubro de 1893.

## Meu amado Cruz

Tenho tua cartinha de 11 que me participa o nascimento feliz do teu segundo filhinho<sup>697</sup>. Rejubilo-me contigo por mais essa flor que desabrocha avidamente para a vida, para o ar, para a luz, para a sombra – para o amor e para o desespero. Que lhe sejam propicias as Fatalidades e os Acasos da Existencia. Da-lhe o meu beijo de recepção – o meu Ave! com que o saúdo na sua entrada triumphal no mundo! Soube aqui que *A Noticia* publicava qualquer trabalho teu. Não o vi, infelizmente.

Estou me preparando desesperadamente para ficar doutor em Dezembro. D'esta vez ou fico mesmo doutor ou rebento!

Ja obtive aqui o numero da *Arcadia* que traz a minha poesia. Detestavel! Mesmo a minha poesia me pareceu descorada e banal no meio de tudo aquillo. Enfim...

Deves ter sabido que redijo aqui *Nativista*. Não é bem verdade. Tentei de facto restaurar e orientar aquelle jornal que era um bello esforço desvirtuado. Mas, desesperado de conseguil-o, [...] de retirar-me da redacção. Sempre esta maldita aspiração de endireitar o torto!

Tenho sido ingrato com o Tiburcio e o Nestor, o que sinceramente me dóe. Q.<sup>to</sup> ao primeiro vou brevemente escrever-lhe; quanto ao segundo preciso v. me informar da sua residencia que por caiporismo esqueci. Enquanto isto farás sentir a ambos a minha saudade que por ter sempre presentes ao meu coração e ao meu espirito.

A verdade é que ando mesmo doente de pensar em vocês todos. Mesmo os piores dahi, recordo-os hoje aqui com amor!

Indiscutivelmente o Rio intellectual, ou melhor o Rio litterario é mil vezes superior a este S. Paulo pretencioso e crapula! E Dezembro vem ainda tão longe! Sempre que puderes escreve-me - uma, duas, tres mil cartas... Gosto tanto de te ler... Do contrario me obrigas a gastar pelo uso este bello *Missal*, tão lido, tão relido e sempre tão novo, tão do momento, tão da ocasião!

Recomenda-me muito a tua mulher e aos amigos.

O sempre teu

Azevedo Cruz

---

<sup>697</sup> Refere-se, na verdade, à publicação de *Broqueis*, segundo livro de Cruz e Sousa, e ocorrida em agosto de 1893.

**Carta de Cruz e Sousa a Luís Delfino<sup>698</sup>. Rio de Janeiro, 19/11/1893.<sup>699</sup>**

Capital Federal, 19 de novembro de 1893.

Ilustre Poeta Amigo

Com os cumprimentos de estima e consideração que lhe apresento, tomo novamente a liberdade de importuná-lo com relação ao pedido que tive necessidade de fazer-lhe por carta.

Uma vez que se não dignou responder-me, peço-lhe ainda, apelando para os seus generosos sentimentos de homem, que me sirva, já não direi com a quantia de 300\$000 réis, como lhe pedi, mas ao menos com a metade ou mesmo com 100\$000 réis, pois é bem dolorosa a minha situação neste momento.

Peço-lhe, que mesmo em sentido negativo, resolva com urgência este bastante difícil pedido.

Seu admirador e am<sup>o</sup>

*Cruz e Souza*

---

<sup>698</sup> *Luís Delfino dos Santos* (Nossa Senhora do Desterro, 25 de setembro de 1834 – Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1910): médico, escritor e político. Estudou no Colégio dos Jesuítas, em Desterro. Aos 17 anos, mudou-se para o Rio de Janeiro. Cursou o Colégio Vitória. Ingressou na Faculdade de Medicina, onde se doutorou em 1857. Clinicou até o fim da vida. Após o golpe de 1889, entrou para a vida pública, elegendo-se senador à Constituinte de 1890. Escritor prolífico, sua produção poética foi publicada originalmente nos jornais do Rio de Janeiro. Foi considerado, já em seu tempo, um dos maiores poetas do Brasil, sendo reconhecido em concurso promovido pela revista *A Semana*, de Valentim Magalhães. Ao ser fundada a Academia Brasileira de Letras, em 1896, foi um dos primeiros nomes escolhidos para pertencer à instituição, o que não ocorreu por ainda não ter nenhum livro publicado. Suas obras foram organizadas e publicadas postumamente pelo seu filho Tomás Delfino. Autor de *Poemas* (1928), *A angústia do infinito* (1936), *Rosas negras* (1938), entre outros.

<sup>699</sup> Texto-fonte: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 646.

**Carta de Francisco Gromwell a Cruz e Sousa. Maranhão, 27/11/1893 (AMLB/FCRB).**

Maranhão 27 de Novembro. 93.

Meu bello Cruz e Sousa.

Aconteceu uma coisa a carta inclusa uma bôa peça - esqueci-a na carteira, entre uma papelada de metter medo, e cuidava que a tinha mandado para o correio. Ha dias foi que deparei com ella e ahi vae. Entretanto, dei-me pressa em escrevel-a, para attender ao teu pedido - acusar o recebimento dos teus livros.

Como vai isso? Como vae a tua [...] e verde Santa Catharina? - Bloqueada, rendida, conquistada, o diacho, heim?<sup>700</sup> Felizmente, para estas plagas do norte, gosamos ainda as venturas da paz. Horrorizamos as noticias e descrições desses bombardeios que ahi [...] os ouvidos da população do Rio e adjacencias. Estimo e desejo que te guardes bem dos pepinos e melões - *terra marique*<sup>701</sup>.

Diz-me uma coisa - que é feito de teus versos antigos? Lembra-te d'aquella poesia - *A morta*?

- "Morta, morta de amor e de saudade  
Suspirando por mim ha longo espaço...?"

E de que outra são estes versos:

"Ah! não nasceu a flor dos meus beijos  
Da tua bocca saborosa e pura"?

---

<sup>700</sup> Alusão à conquista da cidade de Desterro pelas forças federalistas comandados pelo capitão-de-mar-e-guerra Frederico Guilherme de Lorena, em 14 de outubro de 1893. Com o episódio, um dos momentos-chave da chamada "Revolução Federalista", a Ilha de Santa Catarina passaria a ser a sede oficial do "governo provisório da República Brasileira", quartel-general da oposição contra Floriano Peixoto. No governo que se constituiu, o Coronel Germano Wendhausen, um dos "protetores" de Cruz e Sousa, em Santa Catarina, assumiu o Comando da Guarda Nacional em Desterro. (Cf. CABRAL, Oswaldo Rodrigues, Op. cit., 1987, p. 264; PIAZZA, Walter Fernando. Op. cit., 1983, p. 512).

<sup>701</sup> *Terra marique*: possível referência à divisa latina *terra marique potens* ("valeroso em terra e no mar").



Se tiveres copia dellas, remete-m'as, o mesmo de mais alguma que seja das antigas, por onde eu possa aferir bem a feição com que appareces nos - *Broqueis*. A revista que tenciono publicar no principio do anno, desde já se recommenda ao teu affecto: deves, pois, olhar para ella.

Adeos. Dize-me onde moras e como vaes atravessando o caminho da vida. Abraça-te estreitamente o teu

*Very truly*

*J. F. Gromwell*

117

**Carta de Azevedo Cruz a Cruz e Sousa. Campos, 16/01/1894 (AMLB/FCRB).**

Campos 16 de Janeiro de 1894.

Cruz e Sousa,

... Em verdade sempre te direi, meu generoso amigo, que não ha prazer completo no mundo. E isto nem a [...] do numero da *Revista Quinzenal* que hoje te envio. Tendo me ausentado de Campos, por alguns dias, não pude, como queria, fazer litterariamente o numero do jornal que hoje te remeto. Explica-se, pois, o acervo de baboseiras e sandices de que ella está cheia.

Peço-te que não me levas a mal a sahida do teu bello soneto de cambulhada com todas as patifarias que por ahi anda.

Estou em vistas de dar um pulo ahi por toda esta semana.

Agora mesmo vou ao Correio por a carta e o Jornal.

Teu

*Azevedo Cruz*

Rua Costa Bastos 23

**Carta de Cruz e Sousa a Gonzaga Duque. Rio de Janeiro, 11/04/1894.**<sup>702</sup>

Rio, 11 de abril de 1894.

Na impossibilidade de falar-te calmamente, escrevo-te uma ligeira exposição sobre a *Revista dos Novos*.

Penso que o grupo que deve constituir os combatentes da *Revista dos Novos* tem de ser composto da tua individualidade, Emiliano Pernetá, Oscar Rosas, Artur de Miranda, Nestor Vítor, B. Lopes, Emílio de Meneses, Lima Campos, Araújo Figueiredo, Virgílio Várzea, Santa Rita<sup>703</sup>, Maurício Jubim, Cruz e Souza e Gustavo Lacerda<sup>704</sup>, simplesmente, sendo que este último deverá dar escritos sintéticos, muito generalizados, sem personalismos, sobre política socialista. Penso assim porque esses foram sempre, mais ou menos, de vários modos intelectuais, e em tese, os nossos companheiros, tendo cada um deles, na proporção da sua aptidão, na esfera da sua perfectibilidade, um sentimento homogêneo do nosso sentimento comum na Arte do Pensamento escrito. Penso também que o único homem fora da nossa linha artística de seleção relativa possível, que deve ser simpaticamente admitido para críticas científicas, para artigos de caráter positivo e moderno, é o Dr. Gama Rosa, que podemos considerar, à parte toda a nossa independência e rebelião, como um austero e curioso Patriarca do Pensamento novo.

Os mais, seja quem for, que venham de fora, isto é, que se apresentem com trabalhos estéticos de tal natureza alevantados e sérios que possam ser admitidos nas colunas nobres da grande Revista, para o que basta uma análise severa, rigorosa, desses trabalhos.

Enfim, apenas esse deve ser o grupo fundador por excelência, deve constituir o corpo uno das Ideias da Revista nos seus elevados

---

<sup>702</sup> Texto-fonte: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 646-647.

<sup>703</sup> *Santa Rita*: José Henrique de Santa Rita (Paranaguá, Paraná, 23 de dezembro de 1872 – Curitiba, Paraná, 19 de julho de 1944): escritor e advogado. Coursou a Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, bacharelando-se em 21 de dezembro de 1895. Colaborou na *Revista Illustrada*, de Ângelo Agostini, e em diversas publicações simbolistas do Paraná, entre elas as revistas *O Sapo*, *Alba*, *Azul*, entre outras. (Cf. MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 1, p. 589-594).

<sup>704</sup> *Gustavo Lacerda*: ver correspondência n. 127.

fundamentos gerais, à parte os detalhes da compreensão de cada um em particular. Entre esses fundamentos gerais acho que deve ser um dos principais, o maior e o mais firme radicalismo sobre teatro, não permitir seções, notícias, folhetins ou coisa que diga respeito a teatro, que, por princípio e integração de Ideias, não deve existir para a nossa orientação d'Arte na *Revista dos Novos*.

Teu

*Cruz e Souza*

119

**Carta de Gonzaga Duque a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 15/04/1894 (AMLB/FCRB).**

15-4-94.

Ao Cruz e Souza

A tua carta, que recebi por intermedio do Jubim, obriga-me a uma resposta longa, e, portanto, pouco delicada a tua paciência.

Estamos de acordo (já estávamos antes desta amabilissima troca de cartas) quanto ao character independente da *Revista dos Novos* e, em parte, sobre o grupo que deve constitui-la.

Discordo em um ponto. Não me leves a mal o discordar, porque não serei exigente nem injusto. É uma impertinencia caturra como todas as rugas dos cansados. Discordo quanto a publicação das syntheses de politica socialistas. Penso que esses assumptos de politica synthetica, ou mesmo sejam de politica applicada, destôam flagrantemente das serenas paginas de uma revista de Arte; para elles o methodismo circumspecto dos propagandistas creou a severidade encasacada da *Revista dos dois Mundos*<sup>705</sup> e abriu no jornalismo a columna ostensiva do artigo de fundo.

---

<sup>705</sup> *Revista dos dois Mundos*: ou “Revue des deux Mondes”. Periódico mensal, fundado em 1829, por Prosper Mauroy e Pierre de Ségur-Dupeyron. Especializada em temas culturais e políticos, de caráter cosmopolita, foi uma das publicações europeias mais lidas e influentes entre os intelectuais brasileiros do século XIX. Muito apreciada pela elite letrada do Império.

E, como não me parece possível que se os possa tractar em generalisações concisas pela multiplicidade forçosa de seus argumentos, pelas documentadas explanações de sua desiderata donde resulta fatalmente o atravancamento desse formidável arsenal de logica, eu sigo o processo terrorista dos julgamentos: elimino-os brusca e summariamente.

De mais..... *Pour un bon entendeur.... suffit!*

Aproveito da tua excelente paciencia e desta preciosa oportunidade para esclarecer-te sobre o modo pelo qual, penso, deve ser feita a Revista, caso que parece preocupar-te, se não me fálha a perspicacia deante das claras, bem definidas linhas da tua exposição.

Francamente, não conheço specimens melhores que as modernas revistas parisienses, desde a elegancia aristocratica do *Bambou*<sup>706</sup> até a trocista, impressionante, puffense publicação Vanier<sup>707</sup>. Assim imaginei um conjuncto, relativamente perfeito e sujeito a restricções oportunas, do *Journal*<sup>708</sup>, *Homens d'aujourd'hui*<sup>709</sup> e *Revue Illustrée*<sup>710</sup>. Conseguindo a fusão desses tres typos de imprensa litteraria, teriamos uma esplendida revista de Arte, sem exclusivismos caricatos de cenaculos e indigestos empanturros de austeridades doutrinarias. Mas, deante dos desejos e aspirações dos meus companheiros, eu cederei o que poder a satisfação de cada um, sem quebrar a linha de conducta que tracei ao Cancio para a feitura da *Revista dos Novos*.

A minha principal questão e que sustentarei inflexivel, até mesmo com a exclusão do meu nome dentro os dos meus companheiros, está na independencia da Revista. Não restrinjo o termo à significação limitada.

Estabeleci, pois, o principio de que eliminaríamos do cabeçalho a velha frase de responsabilidades directoras, para não pesar sobre o amor proprio dos nossos camaradas [?] a menor suspeita de chefia, deixando ao criterio de cada qual não só a harmonia necessaria à união dos nossos espiritos como a responsabilidade de suas obras.

---

<sup>706</sup> *Le Bambou*: mensário ilustrado francês.

<sup>707</sup> *Vanier*: referência a Léon Vanier (1847 - 1896). Vanier foi um livreiro francês, célebre, entre outras coisas, por ter sido o editor do poeta simbolista Paul Verlaine.

<sup>708</sup> *Journal*: possível referência a *Le Journal*, dos irmãos Goncourt.

<sup>709</sup> *Les Hommes d'aujourd'hui*: periódico francês fundado em 1878, por André Gill e Félicien Champsaur.

<sup>710</sup> *Revue illustrée*: periódico bissemanal francês, fundado por Ludovic Baschet e René Baschet, em 1885.

Quem assim procede não dá provas de humilde condescendencia, nem pode se escravizar à cortezania de um grupo, exteriorizando selecções que repugnam à imparcialidade.

Entendo que, para os que tiverem talento e souberem transmittil-o a trabalhos em formas originaes, trazendo para a Arte aspectos novos e singularidades emotivas, as nossas paginas devem ser agasalhantes e francas..... Mas, mesmo por livre feição que vamos dar a *Revista dos Novos*, onde o espirito de solidariedade fica apenas definido no colectivo esforço pela Arte, vedamos o direito de convite aos editados em nome della. De per si, cada um trabalhará para engrandecel-a, seja coma sua propria actividade ou pelo concurso estranho, tomando a si, porem, a responsabilidade do que fizer ou mandar à imprimir.

Creio, meu caro artista, que não póde existir publicação mais sympathica, mais independente, mais satisfatória às exigencias dos nossos artistas.

Não será uma revista de roda litteraria, renunciadora de geração iconoclasta, nem levantada para combater pela vaidadesinha de cada aspirante à immortalidade, mas vae ser uma revista de arte, onde o trabalho depositado seja a constatação da esthetica de um tempo e do protesto altivo, sereno, superiormente lançado contra esta enxovalhada litteratura de ferro velho que anda a dependurar restos mofados de idéas para a admiração palavrosa da burguezia.

Ahi tens o que o Miranda e eu tratamos e vamos realizar. Julgo ter conseguido tranquilisar o teu espirito a respeito da Revista, que nos tem custado somma incalculavel de paciencia, atenções conciliadoras e.... impertubalidades aos commentarios varados de todos os cantos, sacados de quanto frack sobre o rachitismo bilioso dos despeitados e presunçosos.

Agora sobre o ultimo topico de tua carta - darás licença para que eu te considere excessivo. Como vês, ficou a me importunar aquella recommendação.....

Mas... um grande abraço do teu velhissimo

*Duque E.*

**Carta de Martins Júnior<sup>711</sup> a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 12/06/1894 (AMLB/FCRB).**

Rio, 12 Junho, 94

Meu caro Cruz

Sciente de tua afflictiva situação e do que me pedes respondo-te: Effectuar qualquer transacção n'uma terra em que se é quasi estranho, como eu, é cousa inesequível. Por mim e sem consenso ou intervenção de [...] estou e estarei prompto a fazer o que possa em teu favor. A quantia, porem, o que me pedes não a posso [...], porque ([...]) por

---

<sup>711</sup> José Izidoro de Martins Júnior (Recife, Pernambuco, 24 de novembro de 1860 – Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1904): escritor, jornalista, advogado, político e professor. Em 1879 matriculou-se na Faculdade de Direito do Recife, bacharelando-se em 1883. Colega de Clóvis Beviláqua, e de outros membros da chamada “Escola do Recife”, com os quais ajudou a fundar os jornais a *Idéia Nova* e *O Escarpelo*, em 1881 e *O Estenógrafo*, em 1882. Dirigiu a *Folha do Norte*, em 1883. Casou-se, em 1887, com Elisa Quintero. No final desse mesmo ano, prestou concurso para professor substituto da Faculdade de Direito do Recife, apresentando a tese *Há crime na ofensa à memória dos mortos?* Seu trabalho tirou o segundo lugar. Em maio de 1888, voltou a concorrer com a tese *Pode-se admitir uma dupla intuição romântica e germânica da luta jurídica ou do processo? No caso afirmativo, quais os caracteres de uma e de outra?* Conseguiu o primeiro lugar, mas foi preterido pelo segundo colocado. Mais uma vez, em 1888, concorreu, pela terceira vez ao cargo, apresentando a tese *O Conceito de Equitas foi sempre o mesmo nos diferentes períodos da história do direito romano?* E, de novo, não conseguiu o cargo, embora tenha sido o único classificado. Suas teses foram mais tardes reunidas e publicadas em livro (*Fragmentos jurídico-filosóficos*). Fundou o Diretório Republicano, em 1888. Após o golpe de 1889 e a instauração da República, foi finalmente nomeado professor da Faculdade de Direito. Ganhou projeção política, chegando a presidir à comissão encarregada de elaborar a lei constitucional de Pernambuco. Em 1891, colaborou no *Jornal do Recife*, em oposição a Henrique Pereira de Lucena. Nesse mesmo ano, fundou o *Novo Partido Republicano*. Em 1894, foi eleito deputado federal, e mudou-se para o Rio de Janeiro. Casou-se, em segundas núpcias, com Claudina Nogueira. Em 1897, foi reeleito deputado federal. Foi professor da Faculdade Livre de Direito do Rio de Janeiro. Foi secretário de Quintino Bocaiúva no governo do Estado do Rio de Janeiro. Membro da Academia Brasileira de Letras, em 1902. Autor de *Visões de hoje* (1881), *A poesia científica* (1883), *Retalhos* (1884), entre outros.

franquesa) todo o meu subsidio de deputado está sujeito à amortização de um empréstimo de 2 [...], [...], que fui obrigado a contrahir em Pernambuco p.<sup>a</sup> despesas eleitorais e de viagem. Posso dispor, e ponho-a a tua disposição desde já, a quantia de 50\$000, que mandarás buscar q.<sup>do</sup> te approuver. É ridículo o auxilio a vista das tuas necessidades... Mas a que queres, si m.<sup>a</sup> [...] não comporta maior [...]?

Dispõe como sempre do

Teu am.º [...]

*Martins Jr.*

**121**

**Cartão de Gama Rosa a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 06/08/1894 (AMLB/FCRB).**

Ao amigo e confrade Cruz e Souza

felicitações.

Dr. Gama-Roza.

Rio, 6, Agosto, 1894.

**122**

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 15/08/1894 (AMLB/FCRB).**

Desterro, 15 de Agosto de 1894.

Prezadissimo Filho.

Saúde. É com a maior anciedade que, endereço-te estas linhas, só para saber noticias tuas que desde longo tempo não recebo, apezar d'esse tempo de tão fataes acontecimentos<sup>712</sup>. Com esta são duas cartas que te

---

<sup>712</sup> Em 17 de abril de 1894, o governo federalista foi derrotado na capital catarinense. No dia 19 de abril, por ordem de Floriano Peixoto, o coronel

escrevo, sendo portador de uma o filho do Commandante Souza, que me disse ter entregado ao Sr. Varzea, sem que no entanto tivesse resposta alguma. Meu filho, como sabes, para quem é pai, é sempre com a maior alegria e consolação que deseja ter notícias dos que ausentes, lhe são caros e estremecidos, e de quem desejára estar ao pé. Um anno quasi já se vai, sem que cartas tuas e de teu irmão (de quem peço noticias) tenha recebido. Não sei se estás cazado ou solteiro, com tudo apresenta a tua noiva a Ex.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> D.<sup>a</sup> Gavita Roza, os meus sinceros respeitos, e não menos sinceros votos de felicidade e estima. Espero que me mandes o retrato d'ella. Peço de novo para que com brevidade me respondas.

De teu pai que a benção te bata

*Guilherme Souza*

123

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Desterro, 24/10/1894 (AMLB/FCRB).**

Santa Catharina 24 de Outubro 1894

Meu querido filho João

Recebi a tua carta de 17 do [...] que muito [...] por saber noticias tua, pois muito antes da maldita revolta<sup>713</sup> que não recebia noticia. Muito desejo que gozes saude junto teu filhinho e mulher meu netinho e nora, muito pesso a Deus que sejam felises e lanço minha abençoção, pois só agora é que eu sobe que tinhas te casado. Abraça por mim a minha nora

---

Moreira César (conhecido, mais tarde, na Campanha de Canudos, como "o Corta-Cabeças") desembarcou na cidade de Desterro. Sob o seu governo, começaram as represálias contra a população local. Prisões, delações e fuzilamentos sumários contra civis e militares tornaram-se comuns na cidade durante os meses seguintes. Centenas de pessoas, incluindo muitos membros da velha oligarquia imperial, foram presas e assassinadas na Fortaleza de Anhatomirim, ao norte da Ilha de Santa Catarina. É a esse "tempo de tão fataes acontecimentos" ao qual, muito provavelmente, Guilherme está se referindo.

<sup>713</sup> Como sabemos, essa ansiedade não era injustificada. De fato, é interessante perceber o grau de consciência de Guilherme acerca dos riscos que a conjuntura política oferecia ao seu filho.



e querido netinho. (Eu meu filho) vou passando como velho reumatico que pouco pode trabalhar não posso trabalhar no alto mesmo baixo pouco, por que já me faltão as forças. O que me pedes sinto não po der mandar, (por duas rasões) primeira que já não são baratos como éão, segunda por que me falta o melhor, por isso desculpa não te poder mandar se não com praser o faria. Quanto ao Norberto estou no mesmo ainda não mandou noticias suas, bem dizes é filho ingrato, paciencia é meu filho eu lhe abençôuo.

Recebe minha benção e um saudoso abraço de teu estremoso pai

*Guilherme de Sousa*

P.S.

Largo do  
Brigadeiro  
Fagundes.

124

**Carta de Cruz e Sousa a Nestor Vitor. Rio de Janeiro, 16/12/1894.**<sup>714</sup>

Rio, 16, dezembro de 1894.

Meu caro Nestor

Sobre a minha pretensão tenho a dizer-te que um dos lugares que me serve é o de amanuense, que tem um vencimento maior do que o lugar que exerço atualmente.

O dr. Piragiba<sup>715</sup> que aluda a isso ao marechal Jardim, pois o meu amigo Ricardo de Albuquerque também se interessa com grande e decidido esforço. Também não deixo de aceitar o teu empenho, conforme falaste para o d. Antonio Olyntho a quem sou bastante simpático, segundo estou informado.

O momento é de decisão e eficácia. Já longo e doloroso tempo tenho aguardado uma melhora na vida.

---

<sup>714</sup> Texto-fonte: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 648.

<sup>715</sup> *Piragiba*: possível erro de transcrição. Refere-se, muito provavelmente, a Alfredo Piragibe. Ver correspondência n. 126.

Teu

*Cruz e Sousa*

125

**Carta de Azevedo Cruz a Cruz e Sousa. Campos, 01/01/1895.  
(AMLB/FCRB).**

Campos, 1º de Janeiro de 1895

Meu muito amado Cruz e Souza

Saude e saudades.

Que te seja propicio o anno que hoje começa... Mas agora me ocorre que estou falando a meu e a vida de um intellectual é uma intermina solução de continuidade, um perene desdobramento de alma, sem eras [...] na restritiva e systematica mesquinha dos calendarios. Para nós, astros o tempo e o espaço o que são... Uma hora, um dia, um anno – uma braça, uma legua, um kilometro são vãs palavras, de sentido ocas... A alma de Homero ainda é a nossa alma e entre nós e o vagabundo grego seculos mil de permeio. Tu mesmo – a tua *silhouette* sympathica, impressionante, tenho-a aqui ao meu lado, sinto-me envolvido na langue e amorosa caricia dos teus olhos de corça ferida e entre tu e eu que de leguas se interpõem? Estou redigindo agora um jornal illustrado – a *Revista Quinzenal*. Reclamo do teu talento e da tua amizade algo que me auxilie nesse laborioso empenho. Providencia de maneira que até o dia 10 deste me cheguem as mãos os teus originaes. Escreve-me para a rua Barão do Amazonas 110, Campos. Recorda-me saudosamente aos que nos conhecem a ambos, responde-me com prestesa e sê sempre amigo do teu admirador

*Azevedo Cruz*

P.S. Que nome terá o teu livro de prosa?<sup>716</sup>

---

<sup>716</sup> Refere-se à *Evocações*, publicado postumamente, em 1898.

**Carta de Alfredo Piragibe<sup>717</sup> a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 21/03/1895 (AMLB/FCRB).**

INTERNATO

DO

Gymnasio Nacional

—

GABINETE DO DIRETOR

Sr. João da Cruz e Souza

Tenho presente o seu prezado favor de 16 do corrente, e em resposta cumpre-me manifestar-lhe o prazer que me causou o começo de sucesso nas mais justas aspirações e a gloria, que me fica, de ter, ratificado o desejo do meu prestimoso companheiro e amigo Sr. Nestor Victor, concorrido, [...] que em escala muito diminuta, para que o nosso funcionalismo publico conserve em seu seio cidadãos com as notaveis habilitações de que V. é dotado [?], e, que minha minha vez peço ele que acredite na sinceridade com que ponho a sua disposição tudo o que de mim depender para a sua merecida felicidade, que tanto deseja o

Seu

creado e amigo

*Alfredo Piragibe*

---

<sup>717</sup> Alfredo Piragibe. Foi um educador brasileiro. Diretor do Internato do Gynnasio Nacional entre os anos de 1891 e 1892. Pai do médico, e também professor, José Joaquim Ferreira da Costa Piragibe. (Cf. OLIVEIRA, Mariza da Gama Leite de. Projeto Escola Cidade: o trabalho de enquadramento da memória nas práticas de militarização da infância (1931–1933). *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 246–275, mai./ago. 2015).

**Carta de Gustavo de Lacerda<sup>719</sup> a Cruz e Sousa. Santos, 26/04/1895 (AMLB/FCRB).**

Amigo Cruz

Santos, 26 de Abril de 1895

---

<sup>718</sup> Nota feita pelo autor, inserida à margem inferior da fl. 1v.

<sup>719</sup> *Gustavo de Lacerda* (Nossa Senhora de Desterro, 21 de fevereiro de 1853 – Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1909): jornalista. Filho de Manoel Batista de Oliveira e Maria das Dores Lacerda. Pobre e mestiço, entrou para o Exército, transferindo-se para o Rio de Janeiro, no posto de sargento conseguiu ingressar na Escola Militar da Praia Vermelha. Trabalhou, depois, na cidade de Santos, como auxiliar de guarda-livros. Voltou ao Rio de Janeiro, onde residiam um irmão e uma irmã. Passou a trabalhar, como repórter, em jornais. Escreveu em *O Paiz*. Pregava o socialismo, preconizando que os jornais não deviam ser empresas industriais ou mercantis, constituídas para dar lucro aos seus acionistas. Conforme observou Dunshee de Abranches, em seu livro *A Fundação Gustavo de Lacerda*, sua idéia era que “o jornal, dada a sua alta e sagrada missão social, deveria ser uma cooperativa de cujos interesses participassem todos os seus membros, desde os diretores até os seus mais modestos colaboradores”. Insistia na formação de uma associação que defendesse os direitos comuns a todos os profissionais do jornalismo, sem distinção entre repórteres e redatores. Fundou, com outros oito jornalistas, a 7 de abril de 1909, a Associação de Imprensa, atual Associação Brasileira de Imprensa (ABI). Morreu, em quarto particular, da Santa Casa de Misericórdia, morando, então, no Beco da Carioca, sendo solteiro. Foi sepultado, no dia seguinte, no Cemitério de São João Batista, na cova rasa n.º 1342. Autor de *O problema operário no Brasil* (1901). Foi, também, o redator do programa de reivindicações do Centro Operário Radical (fundado em 1902). (Cf. ABRANCHES, Dunshee. *A Fundação Gustavo de Lacerda: reminiscências dos primeiros dias da Associação Brasileira de Imprensa*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1938; PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: Editora da UFSC; Lunardelli, 1983. p. 487; PEREIRA, Moacir. *Um catarinense visionário: Gustavo de Lacerda e o Centenário da ABI*. Florianópolis: Insular, 2008; SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977. p. 352-353).

Saúde e felicidade, bem como à tua família.  
Cá estou e por enquanto muito bem.  
Vi a *Rio Revista* que veio para o *Diário de Santos*.  
Espero pelo 2º numero.  
Se isto ahi é o que é, imagina isto aqui o que será! O Damasceno  
Vieira<sup>720</sup> é um poestastro.....  
Felismente, estou por enquanto, livre de precisar de imprensa e  
mantenho-me affastado de litteratos.  
Pouco leio. Não tenho sabido dos rapases. Dá saudades a todos.  
Escrevi ao Eugenio, que ainda não me respondeu. Nada sei  
portanto sobre o *Tempo*, se ao menos está tudo no mesmo pe!  
Escreve-me.  
Dá um abraço no Oscar, no Tiburcio, no Jobim, no Miranda, no  
Izaltino, no Sylvio e no Cabral. E manda [?] no

Teu amigo

*Gustavo de Lacerda*

Caixa do correio n. 16.

128

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro,  
27/04/1895 (AMLB/FCRB).**

Florianopolis 27 d Abril, 95

Meu prezado filho João Cruz e Souza

---

<sup>720</sup> *João Damasceno Vieira Fernandes* (Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 6 de maio de 1853 – Salvador, Bahia, 6 de março de 1910): jornalista, escritor, dramaturgo, historiador e funcionário público. Foi um dos divulgadores da chanda poesia científica no Rio Grande do Sul. Membro da Sociedade Pártenon Literário, da Sociedade Ensaios Literários e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Autor de *Musa Moderna* (1885).

Em primeiro lugar aceita recomendações minha ao meu estimado filho e sua mulher e meu netinho receba minha benção. As encomendas mandei pelo o [...] no vapor do comandante Souza, quero saber se foi entregue o não quero saber.

Receba recomendações do Grasiliano e todas as mais nobres familia.

Recomendações que o Sr. Lopes mora atraz da Matriz.<sup>721</sup> O Lopes manda perguntar sé o Sr. a tanto tempo que na escreve para elle. Muitas lembranças que a visinha Luiza manda.

Meu prezado Filho eu estava sismado que ja a tanto tempo que não me escreves vindo seguido vapor de lá e não tem vendo noticias suas

Recebi uma carta de 7 de abril 1894 as outras não recebi

Aceite um abraço meu filho e minha nora e meu netinho

Ficases de me mandar o retrato de sua familia toda e desejava muito de ver e estou esperando.

Estimo que estas breves linha lhe vão achar de saude e toda familia, assim como p<sup>a</sup> mim deséjo. E Deus lhe a bencoei toda familia

*Guilherme de Souza.*

129

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 29/07/1895 (AMLB/FCRB).**

---

<sup>721</sup> Refere-se a José Joaquim Lopes, proprietário do jornal *Tribuna Popular*. Escreve Araújo Figueiredo em suas memórias: “Atrás da matriz da Capital, à rua Arcipreste Paiva, morava o nosso velho amigo José Joaquim Lopes, filho do antigo Mestre Lopes, de tão recordada nomeada, por ter sido o professor primário das maiores notabilidades catarinenses. E era de uma casa alta, de janelas amplas e portão ao lado esquerdo, que saía à publicidade um periódico bi-semanal, intitulado ‘Tribuna Popular’. / Essa casa de trabalho tipográfico era o verdadeiro cenáculo de nossas idéias e de onde atirávamos a público os amplos balões de ensaio do jornalismo e da literatura, numa barbaridade de forças novas. / Dali saíam as lanças de combate, as quais, em riste, iam cair de encontro à testa dos que, de fora, pelos cafés e pelas sombras das árvores seculares da Praça da Matriz, nos apedrejavam e procuravam nos ridicularizar.” (FIGUEIREDO, Op. cit.)

Santa Catharina 29 Julho. 1895.

Meu quirido filho Estimo que gozas filiz saude no Meu de touda tua familia E As carta que eu Recibi não teve Respostas Porque não toudas o cazião não tenho mi escreva que Vontade tenho eu de [...] mais não Posso Porque tenho as uma [...] Para mi desfazer me delle Para fazer um Dinheiro deizuzava mi mandas dizer o que o dei fazer. Desta [...] que tens cá não ti posso fazer nada mais quando estiver desembarcando das trensi que mido quando este V. [...] ti [“escrevo”?] uma Carta mandas [...] que segue.

Um abraço en tua mulher um beijo no filhinho um abraço.

**130**

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 05/08/1895 (AMLB/FCRB).**

Coqueiros, 5, Agosto, 95.

Prezadissimo Cruz.

Com o coração voltado para ti, na mais viva emoção das ideais e dos sentimentos, parecendo sentir o calor da tua mão direita, é que te escrevo esta carta. E escrevo-a com tinta negra, symbolizando assim a grande saudade que tenho tido de Ti, avivada nesta hora pelas dolencias de um luar de calcedonio, que me entra em desenhos pelas janellas envidraçadas, e pelo Mar cujas ondas de rendas claras, movendo em serpentes no virgem regaço da praia, salmodeiam nostalgias e desolações de carcere. No entanto nostalgico não vivo, nem desolado, porque ainda, segundo posso affirmar, continúo a ter a alma cheia de apertos para com todos, principalmente para contigo que, comquanto passassemos tanto tempo sem nos comunicar por meio escripto, continúas a ser o meu maior amigo, o mais altamente sincero e dedicado; e porque vive junto de mim, habitando o mesmo castello de esperanças, a doce Eleita dos meus sonhos, achada entre as mais procuradas. Depois da vez em que te escrevi, em Março de 92, communicando-te o meu casamento e da em que eu te agradecia a bella e sympathica offerta que me fizeste do teu extraordinario *Missal*, e de mais uma outra, nunca mais tive socego para escrever-te uma linha!

Parece incrível, porem as circunstancias em que me tenho visto, isso desde o dia em que aceitei a nomeação de promotor publico até o actual, são mais que patentes para justificarem-me perante o teu grande coração e o teu genial espirito de Aguia do Desconhecido. Se ja não estivesse de todo excluido da urna de ouro e prata dos meus affectos, sempre tão sinceramente demonstrados, o nome de Oscar Rosas (tremo ao escrever o nome dessa cadella hermaphrodita) appellaria para elle, como prova do que passei durante o governo que me empregou, no Tubarão e na Laguna. Dir-te-hia elle que fui um eterno perseguido, um israelita atormentado, com todas as tendas do espirito derrubadas pela indemencia humana.<sup>722</sup> Foi dessa primeira cidade que te escrevi as

---

<sup>722</sup> Em suas memórias, Araújo Figueiredo apresenta um relato das perseguições políticas que sofreu durante o período em que trabalhou como promotor público nas comarcas de Tubarão e Laguna. O texto, datado da década de 1920, é testemunho do quão traumáticos foram os primeiros anos da República para muitos dos companheiros de geração de Cruz e Sousa. Eis um fragmento: “Nomeado Promotor Público da comarca de Tubarão, depois de longas lutas contra a escolha do meu nome para esse cargo, sendo pioneiro de tudo isto o então chefe do partido federalista, Coronel Eliseu Guilherme, que opinava pela nomeação de um tenente reformado, filho do norte, o qual era tio de uma rapariga muito cobiçada pela sua beleza e volubildade; segui para aquela comarca no dia 2 de dezembro de 1891, tendo voltado com licença a 22 de janeiro do ano seguinte, para casar-me a 2 de fevereiro do mesmo ano. / Casado regressei ao Tubarão no dia 12, sob as maiores ameaças do partido contrário, chefiado pelo Coronel João Cabral de Melo. / Dizer o que foi ali o começo da minha vida pública, seria uma grande mágoa para a minha alma; mas pulando por cima de muitas coisas vis, apenas poderei contá-las em rápidos traços. / O Juiz de Direito da Comarca era o Dr. Joaquim Lopes de Oliveira, filho do Estado do Espírito Santo, um homem intransigente, político de uma têmpera de lutador romano, no qual eu confiava com sinceridade, dando-me ele as provas mais patentes de amizade e acatamento. / E como o meu Juiz fosse dessa maneira, inflexível entretanto, na distribuição da justiça inerente ao seu cargo, e a sua amizade se unira à minha num só laço fraternal, por isso os olhares dos nossos adversários políticos começavam a convergir contra minha pessoa, de maneira tal, que não me deixavam pousar em ramos verdes. E o que não conseguiam contra o Juiz procuravam conseguir contra mim, nesse tempo inexperiente em política, dessa política sempre miserável, e pela qual nunca dei uma única passada, por odiá-la com todas as veras do meu espírito independente. / Nas sucessivas depredações que se faziam contra as municipalidades do Estado, pelos nossos adversários de então, em cuja frente se achava o Dr. Hercílio Luz, a de Tubarão fora contemplada, invadindo-a uma turma de bandidos dentre os quais se achava o Luís Tesoura, mulato horripilante



cartas das quaes já te fallei, e que até hoje não tiveram a menor resposta, pelo que, entretanto, não me zango, visto lembrar-me que talvez nem as tivesses recebido, e que acontecesse com ellas o que acontecia com as que eu mandava para minha familia e vice-versa. Os senhores d'aquella nova Sodoma roubavam-n'as todas do correio, descaradamente, cynicamente. Hoje porem que me sinto mais calmo, comquanto espreite ainda os inimigos, esses assassinos cobardes, lobos em rebanho de ovelhas, sem poder ir francamente à cidade desde Abril do anno passado, mes em que meti-me no matto e ahi estive até fins de Setembro, soffrendo as mais duras privações; hoje porem, repito, que me sinto mais calmo, eis-me a communicar comtigo, de coração aberto para o teu, de alma aberta para a tua. Unjo-me, portanto, de oleos purissimos, como os que uns olhos amantes escorrem, e aromatiso-me de nardo e myrra como um templo que se vae abrir em festas ao *Agnus-Dei*.

Disse-me o Zeca Lopes, em Abril do anno passado, quando aqui aportou vestido a Tiradentes, que já te tinhas casado com a Gavita. Não imaginas que passaro de ouro sacudio-se-me na janella festiva da alma, n'uma alegria de sol, effluvial e doce, trazendo na sua garganta ternas ladainhas brancas, mysticas symphonias de aras de coração noivando. Estás casado, realisaste enfim o sonho que mais flammulas te abria no Espirito, como n'um largo posto de mar verde a apparição olympica de uns mastros desejados. Ah! como é bom o casamento, esse para mim delicioso Refugio de sonhos brancos, aromado de jacintho, onde espiritualmente o meu coração recorda as citharas de thyno, que a gente de Hiram trazia de Tharsis, no dôrso dos seus dromedarios. É minha Esposa, hoje, meu Cruz, com suas mãos enfermeiras, e os seus olhos amantissimos, de uma resignação de cordeiros apunhalados, o mais supremo e significativo altar da minha Religião. Na batalha da Vida, batalha essa contra horriveis desenganos, tem sido Ella a minha unica espada de aço, forte como o Templo. Rosa da Graça, Porta de ouro do Amor, Escada dos sonhos, a esposa que achei dentre as mais castas. Deu-me já duas rapariguinhas adoraveis, que são como os anjos na Assumpção da Rainha das Mulheres. A mais velhinha é uma rapariguinha de quatro palmos de altura, muito alva e rosada, de cabellos louros e crespos, e olhos azues, lembrando duas piscinas de [...] cheias de agua fresca, com ceus de maio no fundo. É de uma belleza

---

pelos seus crimes de morte, em Araranguá, e o célebre Pedro Macaco, não menos bandido de Tubarão.” FIGUEIREDO, Op. cit.

encantadora, digo-o com desvanecimento. Chama-se Desdemona. A outra, que apenas conta dois mezes e pouco, é também muito bonita, com olhos negros, muito negros, como que feitos de tormentos secretos. É louca pelas caricias da avó. Tem um nome muitíssimo claro, de uma diaphaneidade de crystal: chama-se Esmyrna, um dos Sete Candieiros de ouro, symbolisados no *Apocalypse* do desterrado de Pathmos<sup>723</sup>. A mais velha, a minha idolatrada Zininha, quando me acompanha pelo campo, com seu andar ainda muito bamboleado, como o de uma ebriazinha, lembra uma pastoral da Escripura antiga, porque Ella é doce como uma ovelhinha, e minha Alma então é quem a apascenta, vestida de alvos linhos de cuidado, como uma segunda Agar. Como é extraordinariamente grande e extraordinariamente feliz o meu coração junto do dessa rapariguinha de dezeseis mezes, e do da que está ainda no berço, fitando-me dentre as suas mantas de inverno! Ando anciado que esta cresça já, para ajudar a outra a puchar-me os cabellos, a pular-me nas pernas, a encher-me a bocca de beijos. São dois livros admiraveis essas minhas filhas!... Nunca escrevi madrigaes mais deliciosos do que os seus olhos, nem sonetos mais rubros e cheios de sol do que a sua carne. Sabes, as circunstancias da vida fizeram-me, depois de promotor e rabula, e tanta coisa mais, um industrial. Tenho, com o meu compadre João Bernisson, e com o capital de quatro contos, nas minhas terras, uma olaria. Espero tirar um bom resultado, e Deus o permita, porque as minhas filhas precisam que eu lhes construa uma tenda com roseiras na porta. Torne-me um rustico adoravel, na viva alacridade do campo, gozando, como os passaros, da saude da luz immaculada das manhãs e tardes musicaes. Só uma coisa não tenho feito - que é escrever versos. Os que possuo são poucos, os que difficilmente puderam escapar da fussa dos arruaceiros que me assaltaram, em Tubarão, às quatro horas da tarde de 14 de Julho de 92, a casa onde eu residia com minha familia, quebrando-me tudo, espingardeando-me tudo. Entretanto espero, se Deus me der vida e saude, e se o meu espirito não se tornar de todo um kagado medonho, construir um livro, pequeno embora, porem que ao menos fique para as mãos alvas de minhas filhas folhear-o com religião. E esse livro intitular-se-ha - *Karma* - (não o confies a ninguem) e escrevel-o-hei do branco refugio espiritual do meu Amor, com a alma feita irmã de caridade, visitando e ungando suas irmãs - almas de astros encarcerados, agonizantes em miserias. Será elle o livro do meu Eu

---

<sup>723</sup> Referência ao apóstolo São João Evangelista que, segundo o último livro do cânone bíblico, teria redigido o *Apocalipse* durante o seu exílio na Ilha de Patmos, na Grécia.

interior, voltado simplesmente para o Puro através de tantas dôres, de tantas decepções. E é d'esse asceterio mystico, de budha, velado como o da Lua-asceterio de jaspe, de noivas emigradas - que te escrevo estas linhas. Disseram-me que já publicaste dois livros mais - *Broqueis* e *Evocações*, os quaes nem por compra pude ainda obter. Não sei se é verdade. Si com effeito encheste a litteratura do Mundo com esses livros mais, infallivelmente extraordinarios, vê se não te esqueces esse enviar - nisso vendidos ou dados, se é que te mereço algum affecto, se é que a tua amizade e a tua dedicação extremas para commigo não foram ainda abaladas por alguma malvadeza de amigo urso, como o safado do Oscar Rosas. Preciso de te ler muito, preciso mergulhar-me na via-lactea do teu espirito prodigioso. O Varzea que me mande tambem o livro delle, os *Mares e Campos*, se já estiver editado.<sup>724</sup> Que venham esses Jordões luminosos, esses grandes rios de sol, para que o meu cerebro se mergulhe nas suas aguas fulgurantissimas. Que me venham mais esses livros, como outros tantos missaes de antiphonas verdes, de antiphonas azues, de antiphonas brancas, feitas das arvores, dos ceus e dos luares sonhados. Tenham piedade de mim, não me deixem morrer na sinistra cercerula da estupidez desta terra. Que ao menos no canto de natureza que occupo, aqui junto das minhas roseiras e das minhas vinhas, os escriptos de vocês me venham cantar na alma, como ainda hontem, *A Torre verde*<sup>725</sup>, do Varzea. Muito bella, muito bella, *A Torre verde!*... Não sei como me veio esse astro pairar às mãos! Iluminem-me vocês o espirito com os seus escriptos e rompão-me assim o veo roxo da trizteza que me cae pelo coração sempre que tenho occasião de pensar na amizade dos amigos nobres, dos amigos altamente sinceros. Sim, meu Cruz, porque eu seria um urso, seria uma panthera, si, lembrando-me, principalmente da tua amizade, amizade essa immaculada como o velludo de um lyrio, e como as ladainhas dos velados corações das freiras, não recordasse agora, nesta carta que não é mais do que paginas de missaes, um amigo que tive e que foi um dos fuzilados de Santa Cruz. Era elle o meu juiz, o homem que, depois de ti, mais soube ser meu amigo, e chama-se Dr. Joaquim Vicente Lopes de Oliveira<sup>726</sup>. Era

---

<sup>724</sup> O livro de contos *Mares e campos* (subtitulado “Quadros da vida rústica catarinense”), de Virgílio Várzea, foi publicado em 1893, pela Livraria Garnier.

<sup>725</sup> Referência ao conto "A Torre Verde", de Virgílio Várzea. Esse trabalho foi publicado originalmente na edição de 24 de junho de 1895, do jornal *Estado do Espirito-Santo*, dirigido por Augusto Calmon. (Cf. VÁRZEA. Virgílio. *A Torre Verde*. *Estado do Espirito-Santo*, Vitória, 24 jun. 1895.

<sup>726</sup> Ver nota 710.

um irmão - não, era mais do que isso - era o teu coração, amantissimo, generoso, franco, embora lhe faltasse espirito disciplinado, isto é, espirito de artista da escripta. Fuzilaram-no impiedosamente, deshumanamente, como a um ladrão desses que usam espada e que fizeram a Republica... Arrancaram-n'o, primeiro, dos braços da esposa a quem se ligára há dias; depois cortaram-lhe a lingua, depois fuzilaram-no... Atravessão-me o coração as sete Espadas de Maria Santissima, e pela alma grasnão-me corvos de melancholia, ao lembrar-me dessa inclemencia de Caim. Que as felicidades, que esse amigo tanto desejara para mim, e as esperanças e os sonhos, que se transformem todos em pássaros côr de rosa que lhe cantem eternamente sobre a sepultura as canções do Mysterio. Lyrios de todas as côres e de todos os perfumes os que lhe nascerem das mãos e do peito. Na tarcitunidade em que as vezes me vejo, aloucado ainda de fresco com a morte desse grande amigo, é preciso que vocês não me deixem sem litteratura, unico follio de ouro da Extrema-Unção das minhas dôres. Todas as cartas, porem, que me enviarem, e livros e jornaes, que sejam adereçados a Manoel José da Silva, Coqueiros, no primeiro envelope, e no segundo a mim, demodo que, abrindo-se o primeiro, não seja violado o segundo.

.....

Agora, como já são duas horas da madrugada, e já vae longa e massante esta carta, abraço-te loucamente, desejando-te e à tua Esposa, a Eleita do teu Ideal, a Iniciada dos teus versos, todas as venturas que eu para mim desejo e para as minhas filhas. Uma grinalda de rosas coroe-te a cabeça, e a da tua Santa Gavita. Abraça muitissimo tambem ao Varzea e sua familia, ao Dr. Gama-Rosa, Jansen, Raul Hammann, Ataliba, Junqueiro, Jubim, Arthur de Miranda, Emilio de Menezes. Saudades da minha familia toda, bem como do Luis.

Escreve-me o mais cedo possivel, sim?

O teu eterno

*Araujo Figueredo*

P.S. - Breve te mandarei o retrato das minhas filhas.

*A. F.*

**Carta de Guilherme de Sousa a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 01/09/1895 (AMLB/FCRB).**

Santa Catharina 1° de S<sup>bro</sup> 95.

Meu querido filho em logar Estimo que esta mal transada Linha lhe vão encontrar no goizo de uma Perfeita saude e touda familia Agora eu Estou rezolvido afazer mi mandaste dizer não Posso siguir Porque não não sei o que hei de fazer desta Porção de livro que esta nesta escrevania si Poder não Posso de zivover minha [...] Para fazer minha viage no caso que vai tenho que vender Por não Posso levar.

Mando-lhe Perguntar si a recebeu uma carta que lhe escrevi no ["mês"?] Pasado Porque não tive Resposta.

*Guilherme de Souza.*

Quando voce a caizião de eu Estar despaxado lhe mandaria Dizer.

**Carta de Ataliba de Lara a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 20/08/1895 (AMLB/FCRB).**

Meu Cruz

Creio que, aos poucos, embrutecei mais. À medida que os musculos mais se revigoravam, que eu tiro da pureza d'estes ares e dos continuos banhos no rio novas forças e seivas para este diabo de carcassa comprometida, parece, fluindo com a saude, com o sangue nas veias, subiu para a cabeça uma pesada névoa espessa, que me obscurece, apaga o pouco de entendimento que ahi ficou, fazendo unicamente de mim um latagão forçudo, de tez queimada ao sol, cheio da revigorativa força nobre e destra dos feijões e angu.

Como um animal a que se mostrou uma porteira aberta, dando para um pasto, na phrase popular, e sem que d'ahi venha prejuizo aos meus, entrei n'esta fazenda com a ruidosa alegria da natureza trepatina [?], que tu sobejamente conheces. Desde então expandi-me à vontade, no tonificante gôzo da pesca, das corridas a cavallo, das subidas ao alto,

por serras. Estas cousas, porem, sinto-as em grosso, sem que d'ahi me venha nenhuma emoção de gôzo intellectual, desaparecendo, para mim, certos traços de arte que o quadro as vezes tem. Naturezas profundamente meditativas e silenciosas, são as que saberiam gozar como se aqui estivesse, estes pares de sól, perspectivas de campos, madrugadas rubras e louras, soturnos e religiosos silencios de mattas. Eu, em que me pese, deixo passar estas cousas.

Deixar-me levar pela agua, em canoas, armar os espinhais e os laços, as linhas de fundo e as esperas; abrir, n'um circulo, a tarrafa, molhando-me; sentir o peixe, aos arrancos, e apanhal-o vivo, pelas guelras; ter sob as pernas, bem firmes e tesas, um animal adestrado, fazel-o saltar e correr; derrubar, a machado, uma arvore antiga, que envelheceu e florio por tantos annos, vel-a cahir para sempre, n'um barulho compungente de cousas que se acabam, é tudo o que eu tiro de goso d'esta vida na roça.

E quer me parecer, afinal, que estes passeios, estes [...] assim feitos, são provisões para mais tarde, cousas que desdobrarão, um dia, na memoria, mais intensas, animadas por condições indispensaveis de meio: Faço, então, esforços para bem sentir e ver as cousas.

D'ahi, d'esta insufficiencia para dizer, d'este engalphamente, em que fico, de cousas baralhadas, sentindo que as não porei por ordem, me vem este verdadeiro temor de te escrever, diante das paginas que fizeste, e que eu commigo guardo e leio. Não sei mesmo, hoje, como estou para aqui a te dizer estas cousas. Para fazêl-o, para que estas mal traçadas linhas, perdão, para que esta carta te chegasse, fil-a como se fosses meu irmão mais velho, e tendo em mente aquella celebre nota - não repare os erros.

Isto ainda continuava, com apreciações que hoje acho banaes: risco-as e conservo o final da carta como estava:

À proporção que for perdendo o receio, irei te fallando de cousas. Recommenda-me a tua mulher e beija o meu afilhado<sup>727</sup>.

Um abraço ao Azevedo, ao Jubim e ao Tiburcio.

Abraço-te com toda saudade.

*Ataliba*

Margem do Muriahé, 20-8-95

---

<sup>727</sup> Ataliba de Lara era padrinho de Raul, primeiro filho de Cruz e Sousa e Gavita, nascido em 22 de fevereiro de 1894.

P.S. Emendo n'esta a carta seguinte.

A.

Meu Cruz.

Fallando da tua serenidade ante as afflictivas angustias da vida torturada, dizias, se bem me lembro: o meu amigo Nestor Victor acha que, de tão estranhas, são puras manifestações de loucura!

Ficou-me sempre esta phrase e, porque a me tivesses repetido, eu lucidamente vi a hora da conversa, ao fundo do café, isolado tu na tua dor enorme, enquanto este Nestor fazia explanações, chegando à conclusão de uma serena loucura.

Eu nunca o pude ver a serio: o Nestor me foi sempre enigmatica figura, cuja decifração eu antevia banal.

O que constituia, para mim, certa duvida, dando-me sobre elle idéas favoraveis, nunca definidas mas possiveis, era uma certa communhão de conversa, um quasi abrigo que lhe davas, na tua delicadeza infinita, e que o fazia vestir-se, aos meus olhos, da illusionante roupa de um mytho. Cousas que se anteviam, eu tinha, como tal, vontade de partil-o, de para sempre reduzil-o à nada, representativo valor de suas forças, como se me fosse permittido a isso abalançar-me, e deixando de lado, de uma vez, a delicada complacencia em que o sustinhas.

A não ser uma pergunta um dia feita, nunca te fallei sobre elle, mas o Nestor me intrigava. Ainda quando ahi fui, encontrei-o uma vez: achei-lhe um ar mais importante, de quem subio alguns furos. Pareceu-me, tambem, que elle tirava da minha inferioridade todo o amavel aspecto protector que lhe notei. O que eu julgava, não sempre, era que elle pudesse ver claro, e que a nullidade que a sua physionomia tinha para mim, occultasse uma pequenina vibração real, para sentir, pelo menos. Esta maneira de o dignificar, pensando, proviria, de certo, da roda em que elle andava; no meio d'esses pulhas surge, as vezes, ao accaso, alguma cousa que vale. E, depois, sem que eu, nunca, o tivesse examinado, a tua conversa com elle determinava, mais forte, a possibilidade que eu via de alguma cousa brilhar n'aquelle casco.

Hiranyo e Garbha

(Dos *Signos*)<sup>728</sup>

Ah! meu velho!!!...

Eu, que nada fiz, que nada faço, digo estas cousas a ti, que me conheces, que me sabes sem presunção alguma, e não duvidas da indignação nobre e tão justa que estas pulhices me provocam.

Hiranyo e Garbha!

Para que esta historia de creanças sahisse mais perfeita, nem lhe faltou a apotheose.

Quando vi o jornal, e olhei o nome, em baixo, foi com a extraordinaria alegria de quem vai, enfim, rasgar uma duvida, que eu comei a leitura do conto tirado ao livro dos *Signos*. Ao mesmo tempo, era como se outro accusasse; e o desejo me invadia de achar o conto bom, antecipadamente gosando a leitura e o triumpho. Aquelle nome escabroso faz-me, no entanto, na pelle, um arrepio!

---

<sup>728</sup> “Hiranyo e Garbha” é um dos contos que, mais tarde, em 1897, comporiam *Signos*, a primeira obra de ficção publicada por Nestor Vítor. Exemplar da prosa simbolista produzida no Brasil durante a década de 1890, o livro ganhou uma longa e elogiosa resenha publicada por Cruz e Sousa entre os dias 16 e 23 de agosto de 1897, no jornal *A República*, do Rio de Janeiro. Nesse texto, Cruz e Sousa começa assim a sua crítica: “A missão dos mediocres célebres, que em batalhões cerrados enchem os milhões de andares da Babilônia típica da história, a missão do cretinismo, notório é já nascer morta, ironicamente no ventre dos Destinos, qualquer coisa que deveriam trazer de assinalado e luminoso. / A missão dos Espíritos, dignos desse nome, entre a mascarada das classificações, é trazer uma vida dupla, é viver, em dualidade e densamente, uma vida perpétua no Espaço, fora do estreito veredictum dos homens e das suas ostentações. / Claramente que a caraça de papelão dos parvos há de opor obstáculos, com o seu sorrisozinho inócua de ‘havemos de ver isso’. Mas o espírito que traz força oculta, que traz em cada mão, agitada no ar, o gládio pujante da sua fé serena de conquistador; o espírito firme e temerário, que assistiu, sorrindo, a todas as hecatombes, a todas as misérias e a todas as glórias que fazem a auréola triste do mundo, esse resiste no seu pólo invulnerável, esse está afeito aos tufões, experimentou bem de perto, nos ouvidos, o estrondo, o rouco estridor das tormentas, sentiu rolares-lhe aos pés os raios inclementes e fulminadores, conserva os olhos perfeitos e serenados na confusão babélica das coisas, e bem livre e bem alta, a cabeça, para que ao menos as estrelas a vejam.” De fato, é difícil ler essa defesa sem ter em conta o péssimo julgamento que Ataliba de Lara faz da obra de Nestor Vítor, bem como do próprio modelo estético simbolista, em sua carta. (Cf. SOUSA, João da Cruz e. *Signos* (Nestor Vítor). In: \_\_\_\_\_. Op. cit., 1995, p. 779-792; 861).



Jesus, meu Deus! Hiranyo e Garbha com um h no meio. Porque, a falta de talento e de originalidade, estes trouxas compõem nomes complicados, de consoantes mudas e imbecis, que, assim no meio das palavras, têm o misterioso aspecto esphingico, gerador de receio e de respeito.

Conheces tu esses nomes?

Nunca uma prova foi mais convicente. Como se eu me tivesse dividido, a parte de mim mesmo que lhe deixava alguma, logo ao primeiro periodo encarujou-se; e eu, eu tal qual como sou, que não me desfaço em chicotes por ser isso impossivel, eu deliciosamente e vingativamente ri, com a vingativa delicia de quem, por fim, destróe um espantalho.

Que boa porcaria!

Ficaram longe todas as historias encantadas, desde a Bella e a Fera até o Gato com botas.

*Mas n'isto, lá no zenith, uma nuvem cor de fogo, cor de rosa, azul e jahde (bravos!) esfumeou-se, cheirando a sulphur.*

Ainda bem que só cheirou a sulphur...

Isto é, simultaneamente, a Eduardo Guarrido e a B. Lopes.

*No entanto, reinava no pais de Markomauma tarde serena, de ares finos, havendo pelo accidente esgarçados, uns nimbos de ouro e prata.*

Isto deu-lhe tanto no gatto, que, imitando estylo, diz mais adeante:

*N'essa tarde serena, de ares finos, em que havia pelo accidente, esgarçados e raros, nimbos de ouro e prata.*

E este Nestor é decidido! Quando uma phrase canta-lhe melhor, ou dá bem idéia da cousa, atira-se à ella como um desalmado:

*Pensava, mergulhado n'uma especie de agradavel tristeza, etc; e, quatro linhas abaixo, inpinge, de novo, a agradavel tristeza.*

Mas, eu não estou julgando este trabalho, que o deveria fazer por outra fórmula, tomando-o no seu todo, determinando relatividades, e, sobre todo, tendo em grande conta a extraordinaria força inventiva do author:

*Os homens caminhavam por um trilho, as mulheres por outro, etc, etc.*

Não é mais isto, como vêz, que a reprodução das nossas conversas, tão intimas, tão unidas, que eu nunca me occultei o que pensasse. E seria uma suprema estultice, se te escrevendo assim não fosse. O que eu notei, entre outras cousas, é que o Nestor é paciente e dado a calculos:

*Jamais em sua vida abedecera ao habito geral, a que ninguem até então fugira, de fazer duzentos e trinta e quatro metros e nove centímetros em cada quatrocentos e sessenta e quatro passos que avançasse.*

É preciso ser paciente, subordinar o pensamento à estultices<sup>729</sup> não possui-o quasi, para assim ter tempo, na composição de um trabalho, para entregar-se a multiplicações caprichosas, em centímetros e passos.

*A luz do crepusculo, refletindose sobre ella, fazia-lhe uma apotteose deslumbrante.*

Este pedacinho, com mais aquelle da nuvem esfumeada, deixando sahir o *pequeno deus de Markoma*, vestindo ouro e coberto de pedrarias, com um sceptro na mão, há um perfeito luxo para *mise en scène* de magica.

*Elle para ella fôra como a lama que vem fazer turva a agua clara, ou a nuvem negra que suja o placido azul.*

Que primor!

O que ha, meu velho, é uma grande falta de senso. Ninguem mais se conhece.

Eu vivo a pensar em areias e cascas de côco para a cabeça d'esta gente. "Uma famosa barrella" é o que precisam todos.

Onde foi este maço cavar toda esta sucia de idiotices d'esde a concepção, que chega a ser grotesca, até a maneira do feitio, que, para lhe ser amavel, é de uma semsaboria sem nome?

Que um sujeito se desgarre, tomando um caminho falso em [...], isso lhe póde ser permitido, se elle verdadeiramente consegue ser original e grande

Ainda assim, fica restricto ao numero dos que o lêem.

Mas desviar-se de outra fórma, meter os pés pelas mãos, parir<sup>730</sup> librettos de opera-buffa quando o vôo, é<sup>731</sup>, era tão alto, vergonhosamente ser<sup>732</sup> ridiculo e fraco, por deixar a pleno sol as [...] de cêra, n'uma vergonhosa e dolorosa confissão de burrice.

Causou-me dó estes parvos!

Eu já não tenho mais sangue para me fazer vermelho. Quando escuto dizer, bem que o diga uma besta, que o livro máu é como as

---

<sup>729</sup> Correção frasal sobre a palavra "demoras".

<sup>730</sup> Após esta palavra o autor rasura "pela cabeça", indicando correção frasal.

<sup>731</sup> Após esta palavra o autor rasura "realmente confessar-se fraco", indicando correção frasal.

<sup>732</sup> Após esta palavra o autor rasura "fraco", indicando correção frasal.

*Flores do Mal*, que Baudelaire foi pernicioso, que o cevado do Aluizio não é mais naturalista, mas um phylosopho-pschologo, que o Bilac é o primeiro poeta e que não é, que o Ferreira é o litterato mais distinto, depois do<sup>733</sup> Araujo, tenho vontade de sumir-me, de para sempre desaparecer, tanto a vergonha me invade de fallar, como esta gente, a lingua em que se diz tanta asneira.

Mas é uma doença, lastrou por esta terra, como uma praga, contaminando e vencendo. E o pior, o que é mais para sentir, e dá bem idéa da nossa infelicidade, é que nem o senso lhes fica.

Ha dois annos, o Nestor talvez não publicasse essa [...]; mas a molestia ganhou, [...], venceu, matou-lhe o senso, por fim, e d'elle fez um litterato.

Vão agora dizer-lhe que o que elle escreve não presta.

Porque não era mais preciso do que senso. [...] como elle acaba a tal historia e o que ficou registrado nos annaes de Markoma é que os dous, sem poderem *participar mais de* [...] pois tudo [...], *foram encontrados* [...], *nos braços um do outro, sorrindo como se ainda vivessem e se sentissem felizes, o altar de Hiranyo alsando o altar de Garbha, o altar de Garbha alsando o altar de Hiranyo.*

Isto, com pequenas variantes, e com a circumstancia de estar um com os olhos arregalados no outro, é como aquelles versos: Dous esqueletos, um ao outro unidos, foram achados n'um sepulcro só.

<Decididamente é plagio.><sup>734</sup>

Decididamente, meu Cruz, só uma barrella.

Os meus cumprimentos a comadre. Beijo o meu afilhado e abraço-te de coração.

*Ataliba de Lara*

15-10-95.

133

**Carta de João Lopes<sup>735</sup> a Cruz e Sousa. s. l., 13/12/1895 (AMLB/FCRB).**

---

<sup>733</sup> Após esta palavra o autor rasura “senhor”, indicando correção frasal.

<sup>734</sup> Expressão rasurada pelo autor, indicando revisão textual.

<sup>735</sup> *João Lopes Ferreira Filho* (Beberibe, Ceará, agosto de 1854 – Rio de Janeiro, maio de 1928): professor, funcionário público, jornalista e político.

Amigo Cruz e Sousa

O que me pede é mais difficil a mim do que a V. obter pessoalmente. Cartas de fiança dão-nas commerciantes, nem outros aceitam as senhorias. Veja si o seu vendeiro o pôde servir. É este o meu processo no assumpto.

Lastimo os seus aborrecimentos e apoquentações e cria na amisade do

Comp. e am.

*João Lopes*

13.12.1895

134

---

Filho de João Lopes Ferreira e de Francisca de Paula Façanha Ferreira. No Ceará, trabalhou na Repartição dos Correios e na Secretaria de Governo, e foi professor do Liceu. Foi também secretário do presidente Francisco Luís da Gama Rosa, em Santa Catarina, e de Teodureto Souto, no Amazonas. Estudou direito na Faculdade do Recife, mas abandonou o curso para se dedicar ao jornalismo. Defendeu a abolição nos jornais *O Cearense*, *Gazeta do Norte*, *Libertador* e *República*. Na imprensa do Rio de Janeiro, colaborou com o *Tempo*, *Tribuna*, *Gazeta de Notícias* e *Dia*. Dirigiu também o *Correio Mercantil*. Com o golpe de 1889, foi indicado secretário do Interior do governo de Luís Antônio Ferraz (1889-1891) no Ceará, sendo posteriormente nomeado chefe intendente de Fortaleza entre janeiro e outubro de 1890. Eleito deputado ao Congresso Nacional Constituinte em 15 de setembro de 1890, tomou posse em 15 de novembro seguinte, participou da elaboração da Constituição promulgada em 24 de fevereiro de 1891 e a partir de junho, com o início da legislatura ordinária, ocupou uma cadeira na Câmara dos Deputados. Além de ter presidido a Comissão de Orçamento, presidiu também a Câmara. Renovou o mandato sete vezes, só deixando a Câmara dos Deputados em dezembro de 1914. (Cf. FERREIRA, João Lopes. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FERREIRA,%20Jo%C3%A3o%20Lopes.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2015).

412

**Carta de Cruz e Sousa a Nestor Vitor. Rio de Janeiro, 18/03/1896.**<sup>736</sup>

Rio, 18, março de 1896.

Meu Grande Amigo

Peço-te que venhas com a máxima urgência a minha casa, pois minha mulher está acometida de uma exaltação nervosa, devido ao seu cérebro fraco que, apesar das minhas palavras enérgicas em sentido contrário e da minha atitude de franqueza em tais casos, acredita em malefícios e perseguições de toda a espécie. Cá te direi tudo. A tua presença me aclarará o alvitre que devo tomar.

Escrevo-te dolorosamente aflito.

Teu

*Cruz e Souza*<sup>737</sup>

135

**Carta de Monteiro de Azevedo<sup>738</sup> a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 27/03/1896 (AMLB/FCRB).**

---

<sup>736</sup> SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 648.

<sup>737</sup> No final do século XIX, com a gradativa precarização das condições de vida da população pobre da cidade do Rio de Janeiro, a capital assistiu a um verdadeiro surto de casos de transtornos mentais. Segundo Nicolau Sevcenko, no ano de 1889, foram contabilizadas setenta e sete entradas no Hospício Nacional. Em 1890, esse número chegou a quatrocentos e noventa e oito. Menos de uma década depois, em 1898, os registros já chegavam a cinco mil quinhentos e quarenta e seis. Isto é, um crescimento de 7103% em relação a 1889. O caso de Gavita, portanto, insere-se nesse quadro mais amplo, verdadeiramente endêmico, que assolou a cidade durante os primeiros anos da República. Está intimamente ligado a uma experiência de pobreza, desespero e miséria que caracterizou o cotidiano de amplas camadas da classe trabalhadora durante o imediato pós-abolição. (Ver: SEVCENKO, Nicolau. Op. cit. p. 86-87).

<sup>738</sup> Antônio Rodrigues Monteiro de Azevedo. Médico. Antigo senhorio da família de Gavita. (Cf. ALVES, Uelinton Farias. Op.cit., 1998. p. 31; ALVES, Uelinton Farias. Op. cit., 2008, p. 285-286; 314; MAGALHÃES Jr., Raimundo.

<FAZENDA ITAGUY>

Itaguahy 27 de Março 1896.

Am.º e Sr. Cruz e Sousa.

Recebi no dia 25 do corrente a carta que me dirigio e não respondi logo como diria porque só hoje me encontro melhor de uma otite, que terminou pela formação de um abcesso, no conduto auditivo. Até que as cousas chegassem ao ponto em q. estão, tive que suportar dores atrozes e um incomodo tal, q. não me deixava um momento de repouso.

Sinto profundamente achar-me ausente da Capital, porq. estou impossibilitado de prestar-lhe o pequeno serviço, que me péde, relativo ao tratamento da Gavita. Em todo caso, da leitura da sua carta, creio que a molestia da Gavita é devida a anemia profunda, estado em que é quasi chronico n'ella.

É de suppor, que os trabalhos e preocupações da maternidade, tenham ascentuado esse estado, n'um organismo já anteriormente enfraquecido, resultando d'ahi esse explosão de phrenesi nervoso sob a firma de excitação maniaca, com integridade da intelligencia, mas apresentando um certo gráo de incoherencia dos actos - verdadeiro delirio dos actos, sem allucinações auditivas ou visuaes.

N'estas condições o que convem, é levantar as forças do organismo, por meio de uma alimentação reparadora, baseada em leite, ovos, carnes, e um vinho tinto phosphatado com arsenico, cuja receita vai junto, e reprimir a excitação cerebral que se traduz na incoherencia dos actos, por meio da Bromydia - na dose de 3 colheres de chá por dia. Ao lado disso, disse-lhe poupar ao cerebro toda a excitação exterior, fazendo ao redor d'ella uma athmosphera tranquilla, evitando as visitas, principalmente de pessoas mais intimas, de modo a proporcionar ao seu cerebro uma dieta psychica tão necessaria a intelligencia, como a alimentar ao corpo.

É preciso evitar a insomnia e caso ella se apresente, substituir os banhos frios, por banho morno geral prolongado (20 minutos) tomado tomado à noite e em seguida uma dose de Bromydia, em um copo de leite.

---

Op. cit. p. 227; VÍTOR, Nestor. Cruz e Sousa. In: COUTINHO, Afrânio. Op. cit., 1979, p. 130).

Creio que com estes meios, em breve a Gavita estará restabelecida, continuando porém sempre a usar o vinho tônico, com arsênico.

Se quiser mais algum conselho, pode dirigir sua correspondencia para aqui, até 12 de Abril, que espero seguir para Capital.

Fazendo votos pelo restabelecimento da Gavita, subscrevo-me.

Am.º e obr.º

*Dr. Monteiro de Azevedo*

**136**

**Carta de Cruz e Sousa a Alberto Costa. Rio de Janeiro, 08/05/1896 (AMLB/FCRB).<sup>739</sup>**

Rio, 8 de Maio de 1896.

Meu caro Amigo

Abraço-o com affecto e recomendo-me à Exma. familia.

Ouso insistir no pedido que lhe fiz por carta, pois acho-me na maior angustia e não tenho outro recurso senão importunal-o ainda uma vez.

Péço-lhe encarecidamente que me sirva, se não em toda ao menos na metade da importancia que eu lhe solicitei. As minhas contrariedades e afflicções avolumam-se cada vez mais. O amigo não póde calcular certamente nem a metade da situação por que estou passando.

Póde confiar na pessoa que lhe entregar esta carta.

Sempre ao seu dispôr, com sympathia e reconhecimento.

Amº Obmo

*Cruz e Sousa*

<Ilmo.º Sr. Cruz e Sousa

---

<sup>739</sup> Também publicada em: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2. p. 649.

Ainda não me é possível servil-o.

Comprimenta e agradece o Am.º

*Alberto Costa*

Rio, 13 5/96<sup>740</sup>

**137**

**Carta de Cruz e Sousa a Nestor Vítor. Rio de Janeiro, 02/06/1896.**<sup>741</sup>

Rio, 2, junho, 96.

Nestor

Desejo muito que me faças um sacrifício de amigo, ao menos com a quantia de vinte mil réis.

Tenho tido grandes saudades da nossa convivência, tão consoladora e tão nobre.

Aparece que tenho uns trabalhos para mostrar-te.

Teu profundo amigo.

*Cruz e Souza*

**138**

**Carta de Martins Júnior a Cruz e Sousa. s. l, s. d.. (AMLB/FCRB).**<sup>742</sup>

Meu caro Cruz

---

<sup>740</sup> Resposta do destinatário escrita à margem inferior da fl. 1v.

<sup>741</sup> Texto-fonte: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 649.

<sup>742</sup> Provavelmente este documento se situa cronologicamente um pouco antes da carta de Martins Jr. Datada de 5 de setembro de 1897.



Remetto-te 10\$000, metade da quantia que me pedes. Os meus numerosos encargos não permitem mais. Desculpa.

Am<sup>o</sup> e adm<sup>o</sup>

*Martins Jr.*

**139**

**Cartão de Lima Campos<sup>743</sup> a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 31/08/1896 (AMLB/FCRB).**

Cruz

Abraça-te muito ao peito o

LIMA CAMPOS

Rio-31-Agosto-96

**140**

**Carta de Cruz e Sousa a Araújo Figueiredo. Rio de Janeiro, 08/01/1897.<sup>744</sup>**

---

<sup>743</sup> *César Câmara de Lima Campos* (Rio de Janeiro, 7 de novembro de 1872 – Rio de Janeiro, 2 de janeiro de 1929): escritor e jornalista. Estudou no Colégio Aquino e, posteriormente, na Escola Militar da Corte, na Praia Vermelha. Em 1880, tornou-se primeiro cadete. Colaborador do jornal *Cruzada*, da Escola Militar. cursou até o terceiro ano. Desistiu da carreira e pediu desligamento da Escola. Passou a conviver com José do Patrocínio e Quintino Bocaiúva, tornando-se colaborador da *Cidade do Rio* e de *O País*. Em 1895, fundou, com Gonzaga Duque, a *Rio Revista*. Colaborador em *Galáxia* e *Mercúrio*. Trabalhou também nos jornais *Gazeta de Notícias* e *A Noite*, bem como nas revistas *Kosmos* e *O Malho* e *Fon-Fon*. Foi redator de debates do Conselho Municipal. Candidatou-se três vezes à Academia Brasileira de Letras, não sendo eleito. Autor de *Confessor supremo* (1904), entre outros.

<sup>744</sup> SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 650.

Rio, 8 de janeiro de 1897.

Caríssimo Araújo

Saudades e abraços. – Esta carta tem por fim somente convidar-te pra uma Revista de Arte que o Nestor Vítor, eu e outros vamos fundar. Será uma publicação vigorosa e alta nos seus fundamentos, trazendo o cunho superior de uma força espontânea e nobre. Deves mandar teus originais o mais breve possível, com a contribuição de 5\$000 réis, que é quanto nós arbitramos a cada membro da revista, mensalmente e durante um ano. Depois disso os membros ficarão considerados remidos. Espero que recebas este convite com vivo entusiasmo, mandando já a tua correspondência e a contribuição mensal para a Rua do Ouvidor nº 74, Papelaria Leandro.

Teu

*Cruz e Souza*

141

**Carta de Azevedo Cruz a Cruz e Sousa. Campos, 22/01/1897 (AMLB/FCRB).**

Campos 22 de Janeiro de 1897

Meu bom Cruz e Souza.

Respondo hoje tua carta de 7. Si eu te dissesse que tenho andado tanto ou quanto [...] e que ja nem ousou escrever-te, de envergonhado pelas multiplas faltas de que sou reo, attenuaria isso a gravidade dos meus passados? Louvo a criação da revista de vocês e a ella me associo com decidido interesse. Antes da tua, recebi aqui outra carta do Oliveira Gomes<sup>745</sup> pondo o meu [...] e trabalhos para uma tentativa litteraria que não sei si será a mesma de que me falas.

---

<sup>745</sup> *José Antônio de Oliveira Gomes* (Rio de Janeiro, 13 de janeiro de 1872 – Rio de Janeiro, 6 de junho de 1917): escritor e jornalista. Filho de imigrantes portugueses pobres. Não completou os estudos escolares. Destacou-se entre os poetas da segunda geração simbolista. Colaborador em diversos jornais do Rio

Vão com esta 10,000, destinados [...] custeio ou capital da revista.

Mais de espaço mandar-te-ei originaes, que agora não tenho, para a revista. La para meados de Fevereiro e bem para os que passamos mato saudades, caso não me falhem os calculos... Passarei talvez o Carnaval ahi. Desta vez não me informaste do Tiburcio, por quem muito me interesse, como não ignoras. Recorda-me com estima ao Nestor.

Tua carta, muito laconica e precisa, não me dá direito as confidencias da tua vida que esperava para saber do teu rumo. Como vai tua mulher? Lembranças aos amigos e [...].

Do sempre teu

*Azevedo Cruz*

142

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 05/04/1897 (AMLB/FCRB).**

Santos, 5 de Abril, 97.

Queridissimo Cruz.

Quando a tua carta de Janeiro me chegou às mãos embarcava eu para aqui, deixando para traz esposa e filhos amados. Embarcava eu em busca de trabalho, isto é, de melhor sorte, porque em Santa Catharina me era impossivel viver nem mesmo pelas portas, como cego. Durante dois annos e tanto de trabalho feroz, de trabalho rustico, estafante, acabrunhador, de oleiro, alli vivi sem nada adquirir. pelo contrario, arruinei-me desgraçadamente, perdendo para mais de quatro contos, cuja metade devo ainda e acho que a não poderei pagar tão cedo, ficando por isso o que possuo à mercê da primeira imposição que se me apresentar por parte do meu credor. E creio perder assim, meu adorado amigo, o sitio onde criei-me e onde tantas vezes o meu coração sonhou e

---

de Janeiro, entre os quais *A Notícia*. Diretor da revista *Vera Cruz*, fundada em 1898. Autor de *Terra doloroso* (1899) e muitos trabalhos inéditos. (Cf. MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, p. 553-557).

aromatizou-se à sombra dos espinheiros em flôr e onde, finalmente, escrevi os meus primeiros versos. A saudade que tenho dos meus filhos e da minha doce Concepta, minha esposa casta, e a ideia de me ver totalmente pobre, encham-me a alma das maguas as mais dilacerantes. E é sob esse doloroso apunhalamento que o meu coração, voltado para os teus affectos, vem te pedir um grande favor. Primeiro, porem, contar-te-hei em que circunstancias me acho, aqui, nesta cidade fedorenta, de sordidos gallegos. Logo que aqui cheguei empreguei-me na *Tribuna do Povo*<sup>746</sup>, com réles typographo. Só estive ahi, entretanto, onze dias, porque um tal Olympio Lima<sup>747</sup>, que é o seu redactor, é o cavallo mais caballar que conheço.

Fui então para o *Diario de Santos*, tambem como typographo, mas desta vez sugeito a uns gallegos e a uns mullatos da Bahia. Por um Juvenal Pacheco, uma besta miope, fui instado a publicar alguma coisa nessa folha. E das coisas ahi por mim publicadas envio-te tres junto à esta.

Vim para aqui afim de arranjar a vida, isto é, afim de ganhar dinheiro para pagar essa divida e depois, caso fosse possivel, trazer minha familia para junto de mim, porque é triste o meu viver longe dos que me agasalham debaixo do manto dos seus carinhos. Porem não sei quando isto acontecerá. E estou, agora, mais do que convencido que nunca! A typographia não dá nada, nada absolutamente, para um homem só, quanto mais para uma familia. Demais não sugeitarei minha familia a privações miseraveis numa cidade suja como esta. Vejo-me, por isso, n'um desespero de braços desamparados nas ondas de um largo mar revolto. E vem d'ahi, meu amigo, o favor que te quero pedir, que é o seguinte:

Tendo eu uns cincoenta sonetos arrancados ultimamente ao verde campo dos meus sonhos e os querendo publicar em livro, precisava que me falasses ahi com algum editor que se encarregasse disso, porem com

---

<sup>746</sup>*Tribuna do Povo*: jornal santista, fundado em 1894, por Olympio Lima e Manuel Tourinho.

<sup>747</sup> *Olympio Lima* (Maranhão, 1864 - ??): jornalista e empresário. Fundador dos diários *Tribuna do Povo* e *A Tribuna*. Monarquista declarado, o seu jornal foi invadido e “empastelado” diversas vezes devido aos seus artigos de polémicos e politicamente conservadores. (Cf. RUEDA, Waldir. *Tribuna do Povo em Santos* - 1899. Disponível em <<http://santosnosdocumentos.blogspot.com.br/2010/04/tribuna-do-povo-em-santos-1900.html>>. Acesso em: 10 dez. 2016).

algun lucro para mim. No tempo em que recebi um convite teu para a publicação dos meus versos não estava eu preparado, não estava disposto; porem agora, sim. Se arranjares isso ahi com alguém, principalmente com os que editaram os teus livros, escreve-me logo, porque irei ahi levar os meus sonetos e continuaremos, na mesma communhão de ideias, como sempre, o titulo sob o qual elles possam apparecer em publico. O que te posso garantir, porem, afora pequenas incorreções suceptiveis de eliminação, é que os sonetos que tenho agradarão, pois são elles todos cheios de aromas castos de natureza verde. E como tens sido para mim o meu maior amigo e a mais alta individualidade intellectual e moral que conheço, só a ti submeterrei o meu segundo livro. Falla sobre isso com alguém e escreve-me logo. Tira-me assim, pela alma abençoada do teu pae, que hoje está pairando na luz branca dos astros, desta tristeza medonha, desta tristeza de carcere, desta fria tristeza de morte, onde, por uma manhã de Março, aspercei o meu livro com o alvo e curtissimo titulo de *Lyrrios do Valle*.

Abraços.

O teu [...]

*Araujo Figueredo*

<Beija os teus filhos.><sup>748</sup>

<Rua Visconde do Rio Branco - 17><sup>749</sup>

143

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 23/04/1897 (AMLB/FCRB).**

Santos, 23 de Abril-97.

Adorado Cruz

Escrevo-te convalescente, abatido ainda por uma febre que por um triz que não me leva. E esta cartinha, meu doce amigo, tem por fim

---

<sup>748</sup> Pós-escrito, inserido pelo autor à margem inferior da fl. 2.

<sup>749</sup> Endereço do remetente, inserido pelo autor à margem inferior da fl. 2.

simplesmente dizer-te que, com data de 5 do corrente, escrevi-te uma carta para à Papeleria Leandro, Rua do Ouvidor, nº 74, tratando de interesses que por certo te irão encher de vivo júbilo. Procura-a lá e escreve-me a respeito, sim? Lembranças a tua santa esposa, aos teus filhos e abraça o teu eterno amigo que, mesmo assim, doente, tem forças ainda para abraçar-te fortemente.

O teu

*Araújo Figueiredo*

<Rua de Santo Antonio - 16 - Santos><sup>750</sup>

144

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 03/05/1897 (AMLB/FCRB).**

Santos, 3 de Maio, 97.

Meu querido Cruz

Lancinado, com o coração sangrando como uma facada virgem, passei os olhos tristes pela tua carta. Acredito religiosamente, como sempre, no que nessa carta branca me disseste, no que nessa carta a tua alma affectuosissima tão claramente photographou. É mesmo assim, é mesmo assim a vida intellectual neste paiz de safardanas onde apenas homens da laia de Figueiredo Pimentel<sup>751</sup> abortam livros que são

---

<sup>750</sup> Endereço do remetente, inserido pelo autor à margem inferior da fl. 1.

<sup>751</sup> *Alberto Figueiredo Pimentel* (Macaé, Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1869 – Rio de Janeiro, 5 fevereiro de 1914): jornalista, tradutor e escritor. É considerado o criador da crônica social no Brasil. Em 1907, lançou no jornal *Gazeta de notícias*, a seção “Binóculo”, onde tratava de temas referentes à vida mundana da cidade do Rio de Janeiro. Seu subtítulo (“O Rio civiliza-se”) tornou-se o lema das reformas urbanas do final do século XIX e início do XX. Autor de livros infantis, muito populares à época, bem como de romances sensacionais de inspiração naturalista, foi um dos autores de maior êxito comercial no período. Como poeta, aderiu ao simbolismo, sendo amigo de Gonzaga Duque, Emiliano Perneta, B. Lopes, Dario Vellozo, entre outros nomes da primeira geração do movimento. Escreveu *Fototípias* (1893), *O*

vendidos a mais de quinhentos milhões de mullas cégas. Vi a miseria que te coube na publicação dos teus livros de astros, e fiquei assombrado, quis ir mesmo me atirar ao mar, rastejei-me na lama como um sapo immundo. Entretanto, como ainda sinto no sangue uns fremitos de sol, um vago prurido de arte, estaqueando embora na infeliz ideia de publicar livros, aqui ficarei e continuarei a escrever versos, mas estes, meu amigo, simplesmente para os meus filhos. Não aceito o oferecimento que me fazes quanto ao *Republica*<sup>752</sup>, porque, alem de eu não poder gostar do Lauro<sup>753</sup>, não gosto e jamais gostarei que as mãos miseraveis de um Oscar Rosas toquem nem mesmo de leve nos lyrrios de sangue do meu coração e do meu espirito. Esses dois homens não valem nada para mim - um por me haver arrancado aos braços de minha familia, - outro por não saber o que é gratidão. Perdôo, porem não sei esquecer.<sup>754</sup> Aqui ficarei então, como já te disse, n'uma obscuridade de cavallo gafento, ruminando a tristissima saudade que tenho dos meus filhos e da minha santa mulher. Peço-te, porem, uma cousa, que é me mandares alguns versos<sup>755</sup> para eu ler, para ao menos suavisar o tédio de chumbo a que fui condenado neste valle de lagrimas. Ausente de tres filhos, e esperando muito cedo outro, ausente da Conceptta, qual! tudo é medonho! Venham pois alguns versos cantar, como ares brancos, sobre o frio tumulto de meu peito, emquanto não se esgota de todo a minha resignação. E abraço-te dedicadamente. Saudades a tua santa Gavitta. Beijo os teus filhos.

---

*aborto* (1893), *Contos da carochinha* (1894), *Livro mau* (1895), além de diversos outros trabalhos.

<sup>752</sup> Em 1897, Cruz e Sousa trabalhava como redator do jornal carioca *A Republica*, cujo diretor, à época, era Francisco Glicério de Cerqueira Leite, ex-Ministro da Agricultura durante o Governo Provisório. Lauro Muller, então deputado federal e ex-chefe da junta que governou Santa Catarina entre 1889 e 1891, e Oscar Rosas também colaboravam nessa folha, sendo que, em 1899, Rosas chegaria a assumir a sua gerência. (Cf. ALVES, Uelinton. Op. cit., 2008, p. 336).

<sup>753</sup> Lauro Muller era então deputado federal e ex-chefe da junta que governou Santa Catarina entre 1889 e 1891. Em 1893, ao lado de Hercílio Luz e Filipe Schmidt, foi um dos responsáveis pela restituição do poder às forças leais à Floriano Peixoto. A identificação de Araújo Figueiredo com os chamados “federalistas”, bem como as violentas perseguições das quais foi vítima e testemunha, estão na origem da sua indisposição para com Lauro Muller.

<sup>754</sup> Araújo Figueiredo rompeu relações com Oscar Rosas ainda na primeira metade da década de 1890. As razões desse afastamento não são claras.

<sup>755</sup> Correção frasal à expressão rasurada: “alguma cousa”.

O teu eterno am.º

*Araujo Figueiredo*

<Rua Visconde Rio Branco-17.><sup>756</sup>

145

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 10/06/1897 (AMLB/FCRB).**

São Paulo, 10, Junho -97.

Meu Cruz

Recebi tua carta de 13 do passado, e com ella os teus bellissimos e extraordinarios sonetos, bem como o *Mealheiro*, de Collatino Barroso<sup>757</sup>. Uma onda de sol diamantino, harmonizada de sonhos ideaes, nesse momento fulgiu e garguiou-me na vida. Bemdictos! os teus sonetos e esse pedaço de prosa, cujas symphonias de astros, nesse dia, me apagaram d'alma as tristezas e as saudades... Estava já eu nesta Capital quando recebi-os. Aqui cheguei no dia 20 do passado e aqui estou, meu Cruz, nesta cidade de largo ceu azul, mas tão burra, tão imbecil, tão estúpida, e como tal, tão pretenciosa, que é um horror! Creio até que vou morrer atulhado em lama de burrice e imbecilidade. Acóde-me! tira-me do meio destes engraxates, destes malvados que tanto me engraxam os sapatos como o espirito, livra-me dos bachareis de oculos azues e cartola branca; arreda-me dos Chicicos Margarida<sup>758</sup>, que atravessam por estas ruas, sem piedade das pedras coitadinhas! tem

---

<sup>756</sup> Endereço do remetente, inserido pelo autor à margem inferior da fl. 1v.

<sup>757</sup> *José Colatino do Couto Barroso* (18 de novembro de 1873, Vitória, Espírito Santo – 16 de setembro de 1931, Rio de Janeiro): escritor, jornalista e funcionário público. Participou do movimento simbolista, sendo um dos fundadores, bem como diretor, da revista *Tebaida* (1895). Colaborou no *Jornal Comércio*, do Espírito Santo, no *País*, na *Cigarra*, na *Nova Revista* e *Arcádia*. Autor de *Anátemas* (1895), *Jerusa* (1896), entre outros.

<sup>758</sup> *Chicicos Margarida*: alusão à Francisco Antônio das Oliveiras Margarida. Ver correspondência n. 55.



pena de mim, condoe-te de quem, ainda hontem, teve de ouvir recitar à cara, por um barbeiro, a celebre *Judia*. Resa por mim, pelo menos, se eu morrer entulhado, como é certo, na burrice desta terra; mas unge-me, mesmo atravez de tantos campos e tantas montanhas, com a suprema e bemdicta piedade do teu coração. Bum! Lá vou morrer!...

.....

Mas como, afinal de contas, ainda não morri, tendo apenas sentido um tremelique, junto à esta um conto que acabei hontem, e que vae para ser visto por ti, aberto, portanto, à tua apreciação e aos teus cuidados. Como sempre, e agora mais do que nunca, preciso dos teus cuidados sobre diversos trabalhos meus, que te serão remetidos, visto ter eu de publicar-os na *Folha da Tarde*, ahí, a troco de cobres. E como só tenho talento (isso é inegavel, não achas? Passa fóra, modestia! Despe a camisa!...) mas quasi nenhum preparo, e alem disso com o espirito n'uma ambiguidade eterna, de barrica vasia, por causas verdadeiramente physiologicas - umas claramente notadas, outras profundamente secretas, - desejo, como sempre desejei, que os teus olhos e o teu espirito não me deixem escapar o que os meus olhos e o meu espirito por certo não poderam notar. Se não notares, o que acho impossivel, porque ando como um filho de burra, neste conto deffeito que exija outras tiras de papel em branco, fica com elle ahí até que eu te dei ordem ordem para o entregares ao Sylvio Baptista<sup>759</sup>; e, sendo o contrario, faz as emendas que entenderes e manda-n'o ou então pede a tua santa mulher para passal-o a limpo, ficando ainda o mesmo em teu poder, bem entendido.

Não sei o que tenho no espirito, principalmente depois que vivo ausente dos meus queridos filhinhos e da Conceptta, que sinto uma desconfiança tal do que faço que até chego à detestar-me com odio, juro-te por minha Mãe. Por isso abro desde hoje uma viva correspondencia contigo, que julgo acceitares, pela qual se communicará com o teu o meu espirito inquieto, nervoso, soffrego, saudavel e doente ao mesmo tempo, e ao mesmo tempo luminoso e taciturno, n'uma

---

<sup>759</sup> *Sylvio Baptista*: jornalista e empresário. Ex-proprietário do *Novidades*. Segundo Muricy, foi durante a sua fase que este jornal começou a expressar "com uma variedade extrema" o clima de questionamento ao *establishment* literário do qual veio a se beneficiar o lançamento de *Missal* e *Broqueis*, bem como a atuação do primeiro agrupamento simbolista no Rio de Janeiro. (Cf. MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 2, p. 1267.).

amabilidade de bebado. Vae este conto sobre o pedestal pulhissimo de um pseudonimo, mas se veres que merece alguma cousa empurra-o sobre o meu nome.

E crendo na tua sinceridade, abraço-te e aos teus filhos.

Saudações a D. Gavita.

O teu

*Araujo Figueiredo*

<Largo do Palacio - 7 - Centro Catharinense.><sup>760</sup>

<Manda-me o endereço da tua casa.><sup>761</sup>

**146**

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 26/09/1897 (AMLB/FCRB).**

São Paulo, 26, Setembro, 97.

Meu Cruz

Tenho immenso prazer em participar-te que, na manhã de 2 do corrente, sobre a crescente diluvial dos meus tormentos e das minhas saudades, mais uma pomba branca esvoaçou para à Arca da Promissão dos meus sonhos, trazendo no seu bico de lacre, dos verdes olivaes do meu Amor, mais um ramo symbolico. Nasceu-me, nessa manhã primaveril, uma filhinha. Que esta nova te encante, e à tua Esposa, será a minha maior alegria, o meu maior contentamento espiritual. Abraço-te.

O teu eterno

*Araujo Figueiredo*

---

<sup>760</sup> Endereço do remetente, inserido pelo autor à margem inferior da fl. 4.

<sup>761</sup> Nota inserida pelo autor à margem inferior da fl. 4.

147

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 28/10/1897 (AMLB/FCRB).**

São Paulo, 28 de Outubro, 97.

Meu Cruz.

Tenho presente a tua carta de 11 deste, na qual me dizes estar às minhas ordens o teu lar. Sim, digo-te sinceramente. Espera-me então, sabbado à noite, à Estação Central, e prepara, desde já, o teu coração amigo, de uma bondade unica, para cantar, n'um largo e demorado abraço, junto do meu.

Saudades a tua Gavita, beijos aos teus filhos.

O teu am.º eterno

*Araujo Figueiredo*

Recebi hontem uma carta do Nestor Victor, de 24. Tive o prazer de ler um escripto do Miranda sobre os *Signos*. Diante a sua leitura tive o Nestor junto de mim, vendo-o com os meus proprios olhos. É esse escripto admiravelmente seguro, firme, dizendo a pura verdade.

O teu

A.

148

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 04/12/1897 (AMLB/FCRB).**

Sabbado, 4 de Dezembro- 1897

Querido Cruz

[Abraço]-te demoradamente, [n'uma] viva emoção de alma apaixonada, [...] como aos teus queridos filhos e esposa casta. Acabo de

chegar, 6 horas da manhã, a esta cidade e, a primeira coisa que faço, é vir ao Correio e escrever-te, as pressas, esta cartinha saudosa, que te irá abraçar através de tantas léguas de distancia. Continúa a saber, na estação do Encantado e na Central, do meu bahú, e escreve-me a respeito em seguida, pois espero cartas tuas para o Desterro.

Abraça o Tiburcio de quem não me despedi por culpa delle. Abraça mais os outros nossos amigos. Beija os teus filhos. Saudades a D.<sup>a</sup> Gavita e Antonina. Adeus!

O teu am.º

*Araujo Figueredo*

## CARTA BILHETE

(Neste lado só o endereço)

Illm.º Sr.º Cruz e Souza. Capital Federal. Rua Teixeira Pinto n.º  
30 – Encantado

Brazil

**149**

**Carta de Martins Júnior a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 05/12/1897 (AMLB/FCRB).**

Rio, 5 de dezembro 97

Meu caro Cruz e Souza

Dou-te minha palavra de honra que, apesar dos meus bons desejos, não tenho meios de servir-te, desta vez, tais são as minhas urgencias de dinheiro.

Desculpe pois ao

Am.º certo e a adm.<sup>or</sup>

*Martins Jr.*

**Carta de Araújo Figueiredo a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 27/12/1897 (AMLB/FCRB).**

Laguna, 27 de Dezembro, 1897.

Meu Cruz:

Escrevo-te com os braços abertos, voltando para ti, tua Esposa e teus filhos todo o meu coração amigo.

Era, logo que cheguei aos Coqueiros, para eu te escrever do meu lar, de junto da minha adorada Conceptta e dos meus filhos, mas tu não imaginas o que me aconteceu.

Vim encontrar, meu Cruz, a minha pobre Conceptta bastante doente, tão doente que, a principio, julguei ter de perdê-la para sempre à luz do Mundo, deixando-me ella sem o encanto dos seus olhos, sem o mel da sua bocca, sem o nardo dos seus cabellos, sem amor, sem affectos, sem carinhos, só, muito só na grande dor que a sua ausencia me cavaria na alma. Mas Deus teve piedade de mim, Deus ouviu-me atravez de tantas lagrimas, Deus acariciou-me a cabeça com as suas mãos suggestivas, chamou-me à sombra do seu manto de linho dos luares, e deu-me a suprema alegria de vel-a restabelecida já, já um pouco forte, e com mais coragem para acompanhar-me na vida.

Bemdicto, portanto, e para sempre, esse Deus dos altos ceos estrellados, que não me rouba de toda a felicidade na Terra!

Escrevo-te, entretanto, separado d'Essa que me veio a mim atravez do Mysterio Divino e, como é natural, separado tambem dos meus filhinhos, porque assim o quer esse Deus dos altos ceos estrellados.

Cobre-me a alma uma saudade de chumbo, e uma inquietação de quem dorme sobre espinhos sangra-me o coração; mas, afinal, não me sinto, aqui, tão dolorosamente abandonado da Esperança como si vivesse ahi, porque d'esta cidade ao ninho onde vivem os meus sonhos vâa-se em poucas horas.

E mesmo, meu Cruz, parece que para a minha vida abriu-se agora uma aurora que, pelo menos, me conduzirá à uma [...] santissima - que é a de passar eu os dias seguidamente junto da familia.

Conforme a palavra do nosso amigo Tiburcio, que prometeu-me vir para esta cidade, tenho me esforçado o mais possivel para tudo

arranjar, de modo a não ficar o Tiburcio prejudicado, a não ser da alegria de viver a teu lado.

A principio uma nostalgia lhe invadirá a alma, vinda essa da quietudade de uma pequena cidade de primavera, mas não será ella mais profundamente pesada e esmagadora do que a do recanto da Affrica, onde o espirito admiravel de Rembau<sup>762</sup> cantou e resplandeceu em astros infinitos, affianço-o eu com a mais firme convicção.

Crente na palavra do Tiburcio, tanto como na que brota no teu coração astral, plantei aqui, como já o havia plantado no bonissimo coração do Zeca Martins, a ideia da fundação de um Externato e Internato, que foi por todos acolhida, sem distincção politica.

Offeceu-me logo, à minha chegada, a Intendencia Municipal desta Cidade, uma subvenção de 100\$000 mensaes para a instrução de 5 a 10 meninos pobres; e, alem disso, tenho já uma matricula de mais 20 a 15\$000, prefazendo tudo a quantia de 400\$000.

Alem desses, logo que o Tiburcio não me deixe em falta, muitos ha, em outros municipios, segundo as cartas que me têm vindo, que virão como internos.

Mas só admittirei apenas 10 que, a 50\$000 por mez, me darão 500\$000.

Já tenho casa falada para estes, mas só os admittirei si o Tiburcio vier.

Os deputados deste [município] ao Congresso Estadual prometteram-me arranjos, em Junho proximo, mais outra subvenção de 200\$000 para o Collegio.

Agora, meu Cruz, pensa: si estes homens, que são meus adversarios politicos, segundo elles julgam, me fazem essas coisas, o

---

<sup>762</sup> Jean-Nicolas Arthur Rimbaud (Charleville, França, 20 de outubro de 1854 – Marselha, França, 10 de novembro de 1891): poeta. Considerado um dos autores mais influentes da literatura europeia da segunda metade do século XIX. Sua obra, ao lado da Paul Verlaine, está nas origens do decadentismo e simbolismo francês. Escreveu os seus trabalhos mais importantes antes dos vinte anos de idade, quando abandonou definitivamente a literatura e foi para a África dedicar-se ao tráfico de armas. Autor de *Lettres du voyant* (*Cartas do vidente*, 1871), *Une saison en enfer* (*Uma temporada no Inferno*, 1873), *Les Illuminations* (*Iluminações*, 1873-1874), entre outros. Morreu aos trinta e sete anos de idade, vítima de um câncer.

que não farão aquelles que, soffrendo como eu soffri, sendo perseguido como eu fui, acham que deverão fazer muito mais por mim?

É uma questão lá muito delles, uma verdadeira questão de capricho; mas eu é que não quero saber de politica...

Quanto à advogacia o Tiburcio poderá inicial-a com algumas vantagens, mas isso mais tarde, questão de merese de pratica.

Basta haver um jury e o Tiburcio defender um réo e pôl-o no olho da rua...

Quem estas linhas escreve, detalhando-as tão claramente, não deseja, é justo, arrastar um amigo à desgraça, porque seria arrastar a si proprio.

Por isso, não conhecendo eu ainda muito a fundo o temperamento do Tiburcio, que talvez se revolte contra o que o meu acha bom, contra o que para o meu é feito da paz dos pastores biblicos, desejo que o Tiburcio me communique se quer ou não que se lhe arranje a promettida licença de tres mezes, e a respectiva passagem até aqui.

Quando à esta, entretanto, si eu não lh'a puder dar inteira elle a completará. São 50\$000. O resto é commigo.

Resolva elle essa viagem para eu escrever ao Tenente Machado e Elyseu a respeito da referida licença.

Agora, meu Cruz, passemos a falar da tua doce Gavita, dos teus filhos, da tua sogra e da D.<sup>a</sup> Antonina.

Sinto-me sempre bem, cercado de uma athmosphera divina, feita de carinhos, eternamente feita de affectos, quando me lembro da tua casa, que não era, ahi, mais do que a minha casa, a que para o meu coração é um ninho eterno, a que para o meu espirito é a fonte dos sonhos.

Trago tanto na lembrança a imagem de ébano da tua esposa, imagem affectuosissima e santa, illuminada de suprema bondade, e tanto a dos teus filhos que, digo-te na verdade, sinto-me deveras feliz na vida, porque afinal infelizes só o são aqueles que não têm affectos de proximo.

Minha mulher a quem não me cansei de contar tudo quanto ahi me fizeram, sentiu-se immensamente desvanecida, aproveitando a occasião para agradecer, por meu intermedio, à D.<sup>a</sup> Gavita e a Ti as lembranças gentis que mandaram para a Zizinha e para ella.

Saudades à tua sogra, tua esposa, teus filhos, D.<sup>a</sup> Antonina, Nestor, Carlos Fernandes<sup>765</sup>, Jubim e Tiburcio.

---

<sup>765</sup> Ver correspondência n. 158.

O teu am.º eterno

*Araujo Figueredo*

O que é feito, meu Cruz, do meu pobre bahu?  
Já botaste-lhe a mão? Escreve-me a respeito.

**151**

**Carta de Cruz e Sousa a Nestor Vítor. Rio de Janeiro, 27/12/1897.**  
<sup>764</sup>

Rio, 27 de dezembro de 1897.

Meu Nestor

Não sei se estará chegando realmente o meu fim; - mas hoje pela manhã tive uma síncope tão longa que supus ser a morte. No entanto, ainda não perdi nem perco de todo a coragem. Há 15 dias tenho tido uma febre doida, devido, certamente, ao desarranjo intestinal em que ando.

Mas o pior, meu velho, é que estou numa indigência horrível, sem vintém para nada, para nada! Um horror!

Minha mulher diz que sou um fantasma, que anda pela casa!

Se pudesses vir hoje até cá, não só para me confortares com a tua presença, mas também para me orientares n'algum ponto desta terrível moléstia, será uma alegria para o meu espírito e uma paz para o meu coração.

Teu

*Cruz e Souza*

**152**

**Carta de Cruz e Sousa a Araújo Figueiredo. Rio de Janeiro, ??/01/1898.**  
<sup>765</sup>

---

<sup>764</sup> Texto-fonte: SOUSA, Op. cit., 2008, v. 2, p. 650-651.



Rio, janeiro de 1898.

Meu Araújo

Que os meus braços amigos te apertem bem de encontro ao meu coração, no momento em que receberes estas linhas saudosas. Mas escrevo-tas, meu querido irmão, com a alma dilacerada de angústias, porque me vejo a morrer aos poucos, e quisera, pelo menos passar alguns dias contigo, antes que isso sucedesse, pois vejo em ti um grande e afetuoso amparo aos meus últimos desejos. Fala com teu amigo José Fernandes Martins, e arranja com ele uma condução no pacote Industrial, para mim, para Gavita e para os meus quatro filhos. Se escapar da morte que, no entanto, julgo próxima, ajudar-te-ei no teu colégio, ouviste? Saudades.

O teu pelo coração e pela arte,

*Cruz e Souza*

153

**Carta de Cruz e Sousa a Araújo Figueiredo. s. l., s. d..<sup>766</sup>**

Meu Araújo.

Esqueci-me de dizer-te, na carta que escrevi há dias, que moramos à Rua Malvino nº, no Encantando.

O teu

*Cruz*

154

**Carta de Nestor Vítor a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 08/01/1898 (AMLB/FCRB).**

---

<sup>765</sup> Texto-fonte: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 652.

<sup>766</sup> Texto-fonte: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 654.

Meu Cruz,

Espero ir ver-te amanhã; em todo caso te escrevo esta, hoje, para tranquilisar-te sobre o objecto da tua de hontem, que acabo de receber.

Já está em mão do chefe do escriptorio da estação de S. Diogo, entregue por mim, o teu requerimento com o respectivo attestado medico. O chefe affiançou-me que tinha toda boa vontade para contigo e prometeu-me que hontem mesmo remetteria os papeis ao director da estrada. Foi-me impossivel andar mais rapidamente, pois não quiz entregar aquelles papeis sem ter certeza de que qualquer má vontade subalterna seria vencida por vontades superiores. E essa certeza obtive, tanto quanto humanamente é possivel. O official de gabinete do ministro affiançou-me que eu estava servido, mesmo porque todos os pedidos de licença para mais de trinta dias eram enviados pelo director da estrada para lá para o ministerio. Mas, alem d'isto, consegui do director d'aqui do Gymnasio que elle se empenhasse sériamente com um parente d'elle, engenheiro, para que este se interessasse por nossa causa junto ao director da estrada. Acho, por tanto, que deve ficar esperando tranquillamente pelo resultado; si falhar, então não sei o que é que ha de seguro n'este mundo.

Adeus, meu Cruz, até amanhã.

*Nestor*

Rio, 8 de jan.º 1898.

155

**Carta de Cruz e Sousa a Nestor Vítor. Rio de Janeiro, 07/01/1898.**<sup>767</sup>

Rio, 7 de janeiro de 1898.

Nestor

Peço-te para ires ao Escritório da Linha, em S. Diogo, entregar o meu requerimento pedindo licença, por que os dias estão passando e eles já reclamaram esse papel. Qualquer demora me pode prejudicar muito.

---

<sup>767</sup> Texto-fonte: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 651.

Se já entregaste noutra lugar que não no Escritório de S. Diogo então está tudo atrapalhado e o requerimento perdido.

É necessário entregar em mãos do Chefe do Escritório Jacutinga.

Peço-te para liquidar isso, pois vivo muito aborrecido porque quase todo o dia vem aqui em casa um empregado do Escritório dizer-me que ainda não receberam o requerimento e que essa demora me pode ser prejudicial.

Teu

*Cruz e Souza*

**156**

**Carta de João Lopes a Cruz e Sousa. s. l., 13/01/1898 (AMLB/FCRB).**

Meu prezado Cruz e Souza

Só ha poucos dias soube que você estava doente e logo me acudiu ao espirito a tristeza de não poder auxiliar efficazmente, como desejava, e uma [...] tenho pensado sempre em você e [...] am.º Tiburcio [...] noticia mais minuciosa. Veja si consegue mudar-se p.<sup>a</sup> o Engenho Novo, cujo clima lhe [...] muito mais. Aceita o pequeno auxilio, aqui [...] e recomenda a Gavita e crianças.

Amigo

*João Lopes*

13-1-98

**157**

**Carta de Carlos Dias Fernandes<sup>768</sup> a Cruz e Sousa. Campos, 18/01/1898 (AMLB/FCRB).**

---

<sup>768</sup>*Carlos Dias Fernandes* (Mamanguape, Paraíba, 20 de setembro de 1875 – Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1942): advogado, escritor e jornalista.

Cruz,

Abraço-te com toda a effusão da minha saudade. Desde que adoceste, que estou sciente do teu estado; motivos poderosíssimos têm me impedido de te visitar pessoalmente; pessoalmente sim, porque meu espirito estará eternamente contigo. Breve apparecerei para te explicar os motivos da minha ausencia. Recomenda-me a D. Gavita e abraça

Teu

C. Fernandes

CARTA BILHETE

(NESTE LADO SÓ O ENDEREÇO)

Ilustre Cidadão

João da Cruz e Sousa

Rua Teixeira Pinto 30

Encantado - BRAZIL - Capital

18 de Janeiro de 1898

158

---

Formou-se em Direito no Recife. Em São Paulo, redigiu o *Diário Popular*, o *Debate*, o *Jornal do Comércio* e a *Tribuna*. Dirigiu o jornal *A Província do Pará*, de Belém, onde foi colega de Celso Vieira, Alves de Sousa e Humberto de Campos. Foi redator-chefe do *Jornal do Recife*, e, em 1914, de *A União*, da Paraíba. No Rio de Janeiro, trabalhou na *Gazeta da Tarde*, de Gastão Bousquet; na *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio; em *A Imprensa*, de Rui Barbosa; na *Gazeta de Notícias*, e em todas as revistas simbolistas. Também foi colaborador em *O Cenáculo*, de Curitiba. Foi crítico literário de *O País*. Próximo ao círculo mais íntimo de Cruz e Sousa em seus últimos anos de vida, narrou pela imprensa, e em seu romance de inspiração autobiográfica *Fretana*, o funeral de Cruz e Sousa (Ver Anexo 5). Autor de *Vanitas vanitatum* (1906), *A renegada* (1908), *Fretana* (1936), entre outros.

436

**Carta de Cruz e Sousa a Nestor Vítor. Rio de Janeiro, 18/01/1898.**<sup>769</sup>

Rio, 18 de janeiro de 1898.

Meu caro Nestor

Cumprimentos a Exma. Senhora e beijos nas meninas.

Preciso muito que dê um pulo até nossa casa, porque apareceu uma dificuldade com relação a minha licença e é necessário desfazer o mais breve possível essa dificuldade.

Eu logo vi que por força havia de aparecer uma porcaria destas para incomodar-me. Vem que eu de viva voz te direi tudo e veremos se amenizamos este inferno que em tudo me persegue.

Teu profundo amigo

*Cruz*

**159**

**Carta de Nestor Vítor a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 24/01/1898 (AMLB/FCRB).**

Cruz,

Vim da cidade agora, onde, felizmente, achei diversos amigos nossos com quem falei sobre a necessidade da tua viagem. Entre outros a João Lopes, o Austregésilo, o Tiburcio, o Meirelles, o Leandro. Encontrei em todos a mais boa vontade possível. O Leandro encarregase de arranjar passagem no Lloyd. O João Lopes prometeu além do mais, auxiliar-me oportunamente na prorrogação de tua licença. Deves partir ao mais tardar, sabbado que vem, 5 de Fevereiro. Em todo caso, vê si antes fazes a mudança de residencia da familia; deixar os teus mais bem localizados e terás com isso uma pequena mudança de athmosphera que só te póde fazer bem, emquanto não partes.

Por estes poucos dias te apparecerei ahi.

É preciso que o teu espirito ainda d'esta vez se affirme, desenvolvendo a energia e a serenidade que este episodio de tua vida

---

<sup>769</sup> SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 652.

requer. Teus amigos te acompanham com todo o coração n'esta luta. Sabes como elles precisam de ti.

Has de viver, meu querido Cruz!

*Nestor*

Rio, 24 de Janeiro, 1898.

160

**Carta de Antônio Austregésilo<sup>770</sup> a Cruz e Sousa. Rio de Janeiro, 26/01/1898 (AMLB/FCRB).**

---

<sup>770</sup> *Antonio Austregésilo Rodrigues Lima* (Recife, Pernambuco, 21 de abril de 1876 – Rio de Janeiro, 30 de dezembro de 1960): médico, jornalista e político. Fez os estudos primários e secundários no Colégio das Artes, no Recife, matriculando-se na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, em 1893. Doutorou-se em 1898. Interno das Colônias dos Alienados do Rio de Janeiro, de 1895 a 1898. Alienista do Hospital dos Alienados, em 1904. Professor substituto de Clínica Médica da Universidade do Rio de Janeiro, em 1909. Professor catedrático de Clínica Neurológica da mesma Universidade, em 1912. Médico do Hospital de Misericórdia. Diretor do Instituto de Neuropatologia de Assistência a Psicopatas. Professor honorário da Faculdade de Medicina de Pernambuco. Presidente da Academia Nacional de Medicina. Psiquiatria e Medicina Legal. Presidente da Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro. Presidente do Sindicato Médico Brasileiro. Presidente de honra da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. Membro honorário da Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo, da Sociedade de Medicina de Pernambuco e do Rio Grande do Sul, da Sociedade Brasileira de Neuriatria, da Sociedade de Medicina de Niterói, da Academia de Medicina de Buenos Aires. Membro da Sociedade Brasileira de Dermatologia e Sifilografia, do Instituto Brasileiro de Ciências, da Sociedade Brasileira de Educação, da Academia de Ciências de Lisboa, da Sociedade de Neurologia de Paris, da Sociedade Médica de Lisboa, da Sociedade de Psiquiatria de Paris. Membro correspondente da Sociedade de Neurologia da Alemanha. Grande Oficial da Ordem de Santiago da Torre e Espada de Portugal; Comendador da Ordem da Coroa da România. Deputado federal por Pernambuco, entre 1922 e 1930. Diretor dos Arquivos Brasileiros de Neurologia e Psiquiatria. Assistente da comissão médica que combateu a epidemia de cólera na Paraíba, em 1896. Realizou conferências, por convites oficiais, na Sorbonne, nas Clínicas Neurológica e Psiquiátrica de Paris, na Universidade de Harvard, nas Universidades de Buenos Aires, Montevideú e

Rio de Janeiro, 26 Janeiro 98

Meu caro Cruz e Souza,

Saúde!

Sciende do ocorrido na Pharmacia Werneck dei ordem terminante para que não aconteça [...].

Meus affazeres me prohibem d'ir até sua casa, e nisto mesmo está a minha desculpa. Aqui estou às suas ordens.

Sou com prazer e affecto

Am.º [...]

*Antonio Austregésilo*

**161**

**Carta de Cruz e Sousa a Nestor Vítor. Rio de Janeiro, 27/01/1898.**<sup>771</sup>

Rio, 27 de janeiro de 1898.

Meu belo Nestor

A tua carta de 24 foi um clarim de anjo trazendo-me belas novas, animação e coragem.

Sim! Nenhuma dúvida deve ter de que eu não esteja absolutamente resolvido a partir. Mas antes disso há muitas cousas sérias a tratar: - principalmente uma procuração ou cousa que o valha para poderes todos os meses receber os meus pingues ordenados; como também deixar feito por antecedência o novo requerimento pedindo

---

Lisboa. Colaborador do jornal *A Noite*. Publicou trabalhos em jornais médicos brasileiros, franceses, alemães, americanos, espanhóis e argentinos. Eleito para a Academia Brasileira de Letras, em agosto de 1914. Pertenceu à segunda geração de escritores simbolistas do Rio de Janeiro. Autor de *Manchas* (1898), *Novas manchas* (901), *Pessimismo risonho* (1937), entre outros.

<sup>771</sup> Texto-fonte: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 653.

prorrogação da minha licença, o que é inteiramente indispensável. Essas cousas devem merecer a nossa maior atenção, porque as datas da licença podem estar extintas e haver demora prejudicial com a entrega tardia do outro requerimento de prorrogação.

Enfim penso que tudo se acordará de modo a não haver atropelo e a não suceder que eu seja forçado a deixar o lugar.

Teu

*Cruz*

**162**

**Carta de Cruz e Sousa a Nestor Vítor. s.l., s.d..<sup>772</sup>**

Nestor

A luta das casas continua horrível. Não imaginas que verdadeiro desespero. Todos querem fiador – e é para ali, de punhos cerrados, de dentes cerrados. Já não temos quase recursos nem para os trens nem para os bondes. Estas cousinhas é que ninguém parece lembrar-se delas.

Não sabemos mais do que havemos de lançar mão para conseguir uma casa ou um cômodo qualquer. Tudo é um despropósito de dinheiro.

Amanhã, 28, Gavita vai novamente sair à luta das casas. Não sei se conseguirá a casinha, mas enfim lutará até a última. O furor maior nisso tudo é o da finança, que é uma cousa terrível de se conseguir.

Teu

*Cruz*

**163**

**Carta de Cruz e Sousa a Nestor Vítor. Rio de Janeiro, 03/02/1898.<sup>773</sup>**

Rio, 3 de fevereiro de 1898.

---

<sup>772</sup> Texto-fonte: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 653-654.

<sup>773</sup> Texto-fonte: SOUSA, João da Cruz e. Op. ct., 2008, v. 2, p. 654.



Meu caro Nestor

Mudo-me hoje para a rua Malvino Reis – 50.

Vem mais

teu

*Cruz*

**164**

**Carta de Cruz e Sousa a Nestor Vítor. s. l., 17/03/1898.**<sup>774</sup>

17 de março de 1898.

Meu caro Nestor

Cheguei sem novidade a 16 deste por 7 horas e meia da manhã desse dia. Fiquei cansadíssimo da viagem. Nada tenho de importante mais a dizer-te. Os remédios tomo-os regularmente. Preciso com muita urgência de dinheiro. Isto aqui é muito agradável. Depois mandarei dizer tudo. Não te esqueças do dinheiro.

Lembranças da Gavita.

Teu

*Cruz e Sousa*

Como vão os meus filhos que aí ficaram? Fico no hotel Amadeu. Sobrado. Diária 6\$000. No correr da Estação.

Abraço todos os amigos

*Cruz*<sup>775</sup>

---

<sup>774</sup> Texto-fonte: SOUSA, João da Cruz e. Op. cit., 2008, v. 2, p. 654-655.

---

<sup>775</sup> Esta carta é provavelmente o último registro deixado por Cruz e Sousa. Já muito debilitado, o escritor faleceria dois dias depois, a 19 de março de 1898.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Sol! coração do espaço, que flamejas!  
Coração! coração! sol das utopias,  
fala, responde, diz-me o que desejas.*

*Foram-se já todas as alegrias,  
sol, coração, e tu em vão adejas  
e voas sobre as mortas fantasias.*

*Podes brilhar, ó sol, vivo e fulgente;  
e tu, tu coração que me iludiste,  
tambem podes vibrar inutilmente.*

*Crença, ilusão, amor, já nada existe  
para que os arrebates na corrente  
da tenebrosa duvida mais triste.*

*Longe, remotos, em regiões caladas,  
emudecidas pelo esquecimento,  
estão hoje esses sonhos de alvoradas.*

*Foram-se ha muito, soltos pelo vento,  
entre as grandes ruínas derrocadas  
do meu amargo e rude pensamento.*

*Fantasma ideal, de cânticos risonhos,  
que da vida encontrei pelas colinas  
e hoje em sepulcros, báratros medonhos*

*Fantasma que eu amei, visão errante  
que sempre junto a mim vivia perto  
por mais longe que eu fosse e mais distante.*

*Visão que era como a agua do deserto para o  
meu coração sempre anelante,  
sequioso de amor e sempre aberto.*

*Ó sol, ó coração! em vão te agitas,  
em vão tu bates, coração estreito,  
em vão, ó sol, nos paramos crepitas.*

*Nada mais, para mim, de satisfeito,  
brilha com o sol nas plagas infinitas,  
canta com o coração, dentro do peito.*

*Podes, enfim, sumir-te nos espaços  
sol - e tu, coração, sempre batendo,  
quebrar da terra os transitórios laços,  
eternamente desaparecendo.*

(Cruz e Sousa, *Coração e sol*)<sup>776</sup>

O primeiro decênio republicano representou um anticlímax para a maior parte da chamada geração de 1870. Depois de anos embalados pelas promessas de um destino nacional “regenerado” pelo fim da escravidão e da monarquia no Brasil, o que esses “reformadores de classe média” (na expressão de Michael Hall) de fato testemunharam foi o abortamento de quase todos os seus projetos. Imersos numa conjuntura marcada pelo colapso da bolsa de valores (em 1892), por um sério surto inflacionário, violentas agitações militares e pelas contínuas suspensões de liberdades públicas, muitos dos antigos entusiastas da utopia da “Liberdade, Igualdade e Fraternidade”, viram-se agora em meio a condições de extrema opressão, desespero e privação. Uma realidade completamente distante dos ideais mais básicos acalentados pela intelectualidade liberal engajada no movimento de crítica e contestação que definiu os últimos anos do Império.

Como traço desse tempo de crises, frustrações e bloqueios, encontra-se, no arquivo pessoal de Cruz e Sousa, um item particularmente curioso. Trata-se de uma folha de papel amassada, repleta de rabiscos rápidos e desorganizados, onde se observa, no cabeçalho, o timbre da Estrada de Ferro Central do Brasil. Isto é, nada de mais, a princípio. Só alguns apontamentos, possivelmente banais, redigidos entre os anos de 1894 e 1898 (época em que Cruz e Sousa trabalhava como arquivista naquela empresa). Algo que, num golpe de vista, poderia muito bem passar despercebido como um esboço ordinário de ofício, de circular, enfim, por um simples fragmento do que poderia ter sido um dia qualquer de trabalho numa repartição pública do Brasil do final do século XIX.

Mas não é esse o caso. Detendo-se mais atentamente nesse vestígio, encontramos nele mais do que simples traços de rotina burocrática. Nessas notas displicentes, entre versos rasurados e trechos

---

<sup>776</sup> Texto e grafia conforme a versão publicada em: *O Globo*, Rio de Janeiro, 31 jan. 1890.

de prosa poética (conteúdo de intenção estética que, por si só, já contrasta com a forma externa árida e descuidada do documento), nos deparamos com o rascunho de uma dedicatória intimista. O registro de uma recordação na qual Cruz e Sousa dirige-se ao amigo Virgílio Várzea – escritor com quem compartilhara uma boa parte dos seus anos de juventude.

Eis a nota:

#### A Virgílio Varzea

Evocando com emoção, com a mais intensa sensibilidade, a época floreal, combatente, bizarra, da saudosíssima *Tribuna Popular* obscura êrvida mettida por entre as sombras da vegetação primitiva de uma provincia simples e onde uma campanha viva, chamejante, abrio em messes de ouro.

À camaradagem, à febre, ao entusiasmo, ao amor d'aquelles intrepidos e individuais tempos, *sans peur et sans reprouche*, tempos de gladio e facho, sob as impressionativas emulações dos bellos companheiros, hoje desgarrados, Araujo Figueredo, Carlos de Farias, Horacio de Carvalho e sob a saudade repercutidora de Santos Lostada.

A esse tocante *en arrière*, que neste momento me foi profundamente e recordativamente viver...

*Cruz e Souza.*

Não se sabe a que serviria esse registro. Nem mesmo se ele de fato foi utilizado para algum fim prático. Mas, aqui, isso não vem ao caso. E isso porque a importância desse documento parece residir na própria comoção afetiva que o texto sugere. É o seu tom nostálgico que o faz, por si mesmo, historicamente eloquente e que lhe concede interesse de análise. São a saudade e a tristeza fixadas nessas linhas que nos dizem muito acerca do modo como, já em seus últimos anos de vida, Cruz e Sousa percebia o seu presente em relação à certa representação de um passado comum: “a época floreal, combatente, bizarra, da saudosíssima *Tribuna Popular*”.

A menção ao jornal abolicionista e republicano por si só, já nos é sugestiva. Foi principalmente pelas páginas da *Tribuna Popular* que, entre 1885 e 1892, Cruz e Sousa, Virgílio Várzea e outros militantes,

promoveram, na cidade de Desterro, os ideais de reforma política e social que marcariam os anos de transição do Império para a República. Um tempo no qual as promessas da Abolição e do novo regime ainda embalavam os sonhos e as ambições de toda uma geração de jovens intelectuais progressistas. Época de entusiasmos e esperanças que, citando a divisa de Pierre Terrail, Cruz e Sousa dourava em sua memória definindo-a como “*sans peur et sans reproche*” (“sem medo e sem mácula”).<sup>777</sup>

A nota melancólica num papel de ofício, sujo e amassado, sugere ao historiador algo que não se confirmou no horizonte de expectativas de certos agentes. A “camaradagem”, a “febre”, o “entusiasmo” que supostamente caracterizavam aquela “campanha viva” e “chamejante”, de algum modo, e por alguma razão, converteu-se, agora, no seu contrário. Eram, já à altura de meados da década de 1890, apenas memórias tristes e longínquas.

Mas, afinal, o que deu errado para Cruz e Sousa e seus companheiros? O que tornou o tom nostálgico expresso nessa dedicatória algo possível? Qual a sua significação social? E o mais importante: como esse sentimento mais ou menos comum pode ter influenciado nas escolhas estéticas de parte de uma geração de escritores?

Foi o que busquei compreender neste trabalho.

\* \* \*

Como movimento estético, o simbolismo foi considerado por muito tempo como uma espécie de flor estranha em meio à nossa história literária.<sup>778</sup> Desde as críticas de José Veríssimo, formuladas ainda no século XIX, uma importante vertente da crítica literária considera o simbolismo como um “produto de importação” pouco coerente com o desenvolvimento estético e com a especificidade da

---

<sup>777</sup> Pierre Terrail (1473-1524), cavaleiro francês, senhor de Bayard, e que conquistou inúmeras vitórias para o rei Francisco I. Tornou-se o lendário “chevalier sans peur et sans reproche” (cavaleiro sem medo e sem mácula). Mitificado em diversas canções de gesta, sua imagem representa o ideal do cavalheirismo medieval. VENTAVON, Jean Silve de. *Bayard, chevaliersans peur et sans reproche*. Paris: Lanore, 2003.

<sup>778</sup> BROCA, José Brito. Op. cit., 1975. p. 126; JUNKES, Lauro (Org.). *Roteiro da poesia brasileira: simbolismo*. São Paulo: Global, 2006. p. 10-11; MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 1, p. 25.

formação social brasileira.<sup>779</sup> Essa perspectiva se manteve longa. Ainda na década de 1980, ao revisar a introdução à terceira edição do seu *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, Andrade Muricy sentia a necessidade de manter a seguinte passagem do seu texto:

É inverossímil que ainda hoje, em livros escolares e até em obras de pretensões maiores, possa ser utilizada determinadamente, para julgar e caracterizar o Simbolismo, a crítica prevenida ou surpresa dos adversários da primeira hora. A de José Veríssimo principalmente [...]

Poderia citar os autores, bastante fáceis de contentar, que repetem e repetem ter sido o Simbolismo um movimento efêmero e sem repercussão.

Aqui está a prova em contrário!<sup>780</sup>

A “prova em contrário”, representada pelos dois volumes de textos exaustivamente coletados por Muricy ao longo de décadas de pesquisa, dirigia-se, em 1948 (época em que saiu a primeira edição do *Panorama*), sobretudo aos herdeiros intelectuais da vertente vencedora do modernismo paulista. Mais tarde, em 1980, continuava repercutindo como provocação e desafio aos críticos filiados à tradição de Mário de Andrade, em particular, a Antonio Candido e Alfredo Bosi.<sup>781</sup>

Efetivamente, Candido sempre tendeu a minimizar a relevância do simbolismo ao longo das suas interpretações da história da literatura brasileira e jamais dedicou um único estudo, mais detido, a qualquer um

---

<sup>779</sup> CAROLLO, Cassiana Lacerda. Op. cit., 1980, v. 1, p. 364-372.

<sup>780</sup> MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 1, p. 109.

<sup>781</sup> Interessante observar que uma das vertentes derrotadas do modernismo brasileiro, os “espiritualistas”, herdeiros diretos da chamada “falsa vanguarda” – como Arnoni Prado designa os rejeitados pelo modernismo paulista – nunca exitaram em sublinhar as conexões entre simbolistas e modernistas, entre 1893 e 1922. Cf. MAGALHÃES, Adelino. Os antepassados. *Festa: mensario de Arte e Pensamento*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 7, p. 9-10, abr. 1928; SILVEIRA, Tasso da. O simbolismo brasileiro. *Festa: mensario de Arte e Pensamento*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 3, p. 8-9, dez. 1927; SILVEIRA, Tasso. Instincto de tatu ou os desiludidos de si mesmo. *Festa: mensario de Arte e Pensamento*, Rio de Janeiro, ano 1, n. 12, p. 6-10, set. 1928. Ver também: PRADO, Antonio Arnoni. *Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes*, a Semana de 22 e o Integralismo. São Paulo: Editora 34, 2010 e MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 1, p. 8-9; 40.

dos principais representantes desse movimento.<sup>782</sup> Além disso, o crítico paulista aparentemente nunca “perdoou” ao seu mestre, Roger Bastide, por, certa vez, incluir a Cruz e Sousa entre os principais nomes da poesia simbolista mundial.<sup>783</sup>

Quanto a Alfredo Bosi, a despeito do seu posicionamento mais flexível com relação à Cruz e Sousa, este é, contemporaneamente, um dos principais atualizadores da tradição crítica atacada por Muricy. Em sua *História concisa da literatura brasileira*, importante compêndio ainda hoje muito lido em nossos cursos de formação em letras, Bosi reitera opiniões expressas por José Veríssimo, o “porta voz” da crítica “oficial” contra o simbolismo, redigidas no final do século XIX. Assim, buscando responder à questão de como o movimento simbolista surgiu no Brasil, o professor emérito desenvolveu a tese do “insulamento simbolista”, claramente inspiradas no princípio da “imitação intencional”, de José Veríssimo.<sup>784</sup> Segundo essa perspectiva, o simbolismo teria se configurado como um fenômeno isolado e de caráter estritamente literário, desapegado de uma realidade social que lhe fosse coerente.

Escreve Bosi:

---

<sup>782</sup> Ver, por exemplo, as considerações de Candido acerca do simbolismo contidas no livro *Iniciação à Literatura Brasileira*, de 1987. CANDIDO, Antonio. *Iniciação a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

<sup>783</sup> Num ensaio de 1943, Bastide afirma que o francês Stéphane Mallarmé, o alemão Stefan George e Cruz e Sousa comporiam uma “grande tríade harmoniosa”. BASTIDE, Roger. Quatro estudos sobre Cruz e Sousa. In: COUTINHO, Afrânio. Op. cit., 1979, p. 187. De fato, Candido parece ter discordado a vida inteira da opinião do antigo professor. Em 1997, num prefácio à segunda edição de *Poetas do Brasil*, Candido faz o relato dessa sua divergência para com Roger Bastide: “[...] certa vez discordei respeitosamente da sua avaliação a meu ver favorável demais de Cruz e Sousa, situado por ele no mesmo nível de Mallarmé e Stefan George num artigo famoso, recolhido depois no livro *Poesia Afro-brasileira*, que meu deu com a seguinte dedicatória: ‘A Antonio Candido, esperando que não fique com muita raiva de Cruz e Sousa’. Mas cerca de vinte anos depois me disse: ‘Você tinha razão quanto a Cruz e Sousa’...” CANDIDO, Antonio. Prefácio. In: BASTIDE, Roger. *Poetas do Brasil*. São Paulo, Edusp; Duas Cidades, 1997. p. 13. Curiosamente essa informação ou é omitida ou é ignorada pela maior parte dos críticos contemporâneos.

<sup>784</sup> CAROLLO, Cassiana Lacerda. Op. cit., 1980, v. 1, p. 368; JUNKES, Lauro. Op. cit., 2006, p. 18.



O fenômeno histórico do insulamento simbolista no fim do século XIX não deve causar estranheza. O movimento, enquanto atitude de espírito, passava ao largo dos maiores problemas da vida nacional, ao passo que a literatura realista-parnasiana acompanhou fielmente os modos de pensar, primeiro progressistas, depois acadêmicos, das gerações que fizeram e viveram a 1ª República.<sup>785</sup>

Pode-se dizer que a explicação de Bosi para o surgimento de um movimento simbolista no Brasil se restringe a razões de influência estritamente literárias. Segundo essa perspectiva, se na Europa o simbolismo estaria incrustado no “chão firme da realidade histórica, respondendo às contradições desta, e não apenas a uma ou outra exigência de certos grupo culturais”,<sup>786</sup> no Brasil, por sua vez, o fenômeno teria se dado de maneira exatamente inversa. Uma característica que, aliás, estaria na base da sua suposta expressão inautêntica e culturalmente infecunda.

Não quero sugerir, nem muito menos provar que o simbolismo tenha sido, de algum modo, uma “escola autenticamente brasileira”. Esse tipo de problema não importa aqui. Não obstante, acredito haver um equívoco na leitura de Veríssimo/Bosi da história do movimento simbolista no Brasil. Os contra-argumentos que relativizam essa posição são inúmeros, mas quero insistir numa questão simples, porém fundamental: Ora, se a formação de um movimento simbolista entre nós dependesse apenas da recepção de certas obras e da reprodução de algumas fórmulas estéticas porque então o simbolismo não eclodiu já na década de 1880, com Medeiros e Albuquerque, em Recife, ou com Wenceslau de Queirós, em São Paulo?<sup>787</sup> Porque, afinal de contas, o

---

<sup>785</sup> BOSI, Alfredo. Op. cit. p. 286.

<sup>786</sup> Ibidem, p. 283.

<sup>787</sup> Medeiros e Albuquerque (1867-1934) e Wenceslau de Queirós (1865-1921) são frequentemente mencionados como “precursores” do simbolismo no Brasil. Segundo Judas Isgorogota, inclusive, o primeiro movimento simbolista no Brasil teria surgido, em 1883, na Faculdade de Direito de São Paulo com Wenceslau de Queirós. A afirmação me parece exagerada, no entanto, para além da relevância ou precisão dos marcos, a reivindicação de Isgorogota nos remete a uma evidência empírica: a de que muito antes de 1888, em outras partes que não o Rio de Janeiro, outros círculos já liam e reproduziam os padrões estéticos do decadentismo francês. Cf. ISGOROGOTA, Judas. O Movimento Simbolista

simbolismo só se constituiu como um movimento expressivo e organizado, no Rio de Janeiro, durante a década de 1890?

As respostas para essas perguntas não são evidentes e complexificam o esquema simples da dependência cultural expressa por Alfredo Bosi. Contrariamente ao que diz a tradição crítica inaugurada por Veríssimo (e atualizada por Bosi), a “floração estética” do simbolismo brasileiro, a sua difusão como modelo artístico, está profundamente enraizada na realidade histórica brasileira daquele contexto específico. Como busquei demonstrar nas duas partes deste trabalho, o simbolismo se viabilizou, de fato, como um “movimento estético e ideológico”<sup>788</sup> porque supria a determinadas demandas surgidas no interior de certos grupos sociais durante os anos que se seguiram à Abolição e à República. Se constituiu, em suma, como um modo particular de ver, sentir e pensar a realidade vivida pertinente à experiência concreta de alguns segmentos específicos da sociedade brasileira a partir dos anos 1888 e 1889.<sup>789</sup>

Como observa Andrade Muricy, no Brasil, os simbolistas “formaram o seu espírito num ambiente intelectual” bastante informado pelos princípios daquele “movimento de idéias” ao qual Macial de

---

em São Paulo e a Mocidade Acadêmica do Fim do Século. *A Gazeta*, São Paulo, 22 mai. 1956.

<sup>788</sup> CANDIDO, Antonio. Op. cit., 2000, p. 105.

<sup>789</sup> Nesse ponto, a perspectiva que defendi aqui se aproxima muito mais das considerações formuladas por Araripe Júnior, em *O movimento literário de 1893*, e as do crítico e sociólogo cearense, Abelardo Montenegro, do que das considerações de Alfredo Bosi. Escreve Montenegro, em *Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil*: “Não afirmamos que o movimento simbolista no Brasil seja um precipitado da crise da Abolição e da República. José Veríssimo afirma categoricamente que o simbolismo no Brasil “não corresponde a um estado d’alma que por sua vez seja efeito de um estado social. É um mero produto de imitação. Não concordamos, porém, com tal assertiva categórica.” E mais adiante: “A crise política nacional influiu indiretamente no sentido de criar um novo ambiente social que por si só sugeria uma idêntica mutação estético-literária. Araripe Júnior, portanto, não deixa de ter um pouco de razão ao ligar o movimento de 1893 às transformações político-sociais, quando diz: “Povos que apenas começam a sua vida histórica, de cultura imperfeita e incompleta, não podem, pretender, em dado momento de sua evolução, sem que sejam compelidos por forças sociais poderosas, a adotar escolas literárias que uma elaboração muitas vezes secular fez despontar no solo sáfaro e cansado das velhas nações ocidentais”. (Grifos meus). MONTENEGRO, Abelardo Fernando. Op. cit. p. 136-137.

Barros chamou de “Ilustração Brasileira”. Ou seja, numa atmosfera política e cultural definida, entre outras coisas, por:

[...] um rousseauísmo básico, recebido através da Revolução Francesa e do enciclopedismo, e conservado em parte mercê das tradições maçônicas, o qual comportava o vago teísmo do século XVIII, e em parte devido aos primeiros sucessos, entre nós – onde tanto se radicaram – do Positivismo, do Spencerismo, do Monismo, do Fenomenismo, do Evolucionismo...<sup>790</sup>

Entre nós, os primeiros simbolistas foram como quase todos os intelectuais contemporâneos da chamada geração de 1870, representantes típicos do Iluminismo. Sua atuação política e intelectual durante as campanhas abolicionista e republicana, foi orientada pela filosofia do “indivíduo civilizado”, racional, autoconsciente. Isso os colocava contra quase todas as forças obscuras do passado – entendidas como monarquia, dogmatismo religioso, privilégios de classe –, mas também contra todas as forças alternativas reais que não estivessem circunscritas ao seu ideal de civilidade e progresso.

O sentimento de decadência, absurdo e horror que impulsionava esses escritores ao mutismo, à reclusão e ao isolamento, típicos do seu *éthos* inegavelmente elitista, vinha não só do descumprimento da utopia burguesa de “Liberdade, Igualdade e Fraternidade” depois de 1888/1889. “Emparedados” entre um passado inacessível, um presente insatisfatório e um futuro que lhes parecia negado, muitos escritores pareciam preferir o “Sonho”, o “Ideal”, a “Torre de Marfim”. O enclausuramento numa “aristocracia do espírito”, desse modo, representou uma forma de salvaguardar certo conjunto de convicções e posturas por parte de alguns desses intelectuais. Homens cujos anseios por uma sociedade liberal, democrática e progressista, viam cada vez mais distantes frente a confirmação das estruturas arcaicas da sociedade brasileira (incluindo as hierarquias raciais e os privilégios de classe), mesmo após as grandes reformas modernizadoras representadas pela Abolição e República. Como escreve Muricy, “os simbolistas julgavam poder viver dentro do seu sonho, na sua poesia [...] contra a sociedade do seu tempo, contra o ‘burguês’”. Tal atitude que, como vimos, tendeu a ser avaliada como alienante ou conformista, contudo, configurava

---

<sup>790</sup> MURICY, Andrade. Op. cit., 1987, v. 1, p. 41.

menos uma evasão do que uma contraposição à “imposição e constrição da relatividade compulsória do positivismo e do cientificismo”, bem como ao mundo concreto do qual essas ideologias eram a expressão.<sup>791</sup> O mundo do cálculo, do lucro e da mercadoria. Constituiu, portanto, um modo possível de se posicionar criticamente frente à realidade social.

Apesar do seu caráter internacional, originalmente, como proposição estética, o decadentismo/simbolismo surgiu na França durante a década de 1850.<sup>792</sup> O seu contexto histórico mais amplo foi o da Europa abatida pelo fracasso das revoluções burguesas de 1848 e pelo aprofundamento da segunda revolução industrial.<sup>793</sup> Era uma proposta estética que formalizava, em linguagem “literária”, o sentimento de descontentamento e desilusão para com o mundo moderno que, naqueles anos, perpassava vários estratos pré-burgueses e antiburgueses colocados à margem do desenvolvimento capitalista.<sup>794</sup> Sua emergência significou, portanto, mais do que a expressão de uma “crise nas artes”. Representou, como nos lembra Eric Hobsbawm, o reflexo de uma crise da sociedade – no caso, da “sociedade liberal burguesa do século XIX”.<sup>795</sup>

Assim, talvez não seja casual o fato de ter sido justamente uma parte do “ramo pobre”, ou mal alocado, da geração de 1870 o que, entre nós, abraçou o simbolismo. Algumas formas estéticas plasmadas na experiência de frações da pequena burguesia revolucionária europeia da segunda metade dos Oitocentos se adequavam de modo excelente à “estrutura de sentimento”<sup>796</sup> em solução no interior de alguns setores mais instruídos das nossas baixas classes médias reformistas.<sup>797</sup>

---

<sup>791</sup> Ibidem, p. 42; 46.

<sup>792</sup> COUTINHO, Afrânio. Op. cit., 1968, p. 212-214.

<sup>793</sup> WILSON, Edmund. Op. cit. p. 27-48; CARPEAUX, Otto Maria. Op. cit. p. 2573-2758; BALAKIAN, Anna. Op. cit.; GOMES, Álvaro Cardoso. Op. cit.

<sup>794</sup> Cf. OEHLER, Dolf. *Terrenos vulcânicos*. São Paulo: Cosacnaify, 2004; \_\_\_\_\_. *Quadros parisienses: estética antiburguesa (1830-1848)*. São Paulo: 1997 e \_\_\_\_\_. *O Velho Mundo desce aos Infernos*: Cia. das Letras, 1999.

<sup>795</sup> HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios (1875 – 1914)*. São Paulo: Paz e Terra, 2005. p. 328.

<sup>796</sup> A noção de “estrutura de sentimento” (*structure of feeling*) é sistematizada pelo crítico britânico Raymond Williams num dos capítulos do seu livro *Marxismo e literatura*. WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979. p. 130-137.

<sup>797</sup> Como já observou Abelardo Montenegro, ao tratar dos impactos da guerra de 1893 e 1894 sobre a intelectualidade paranaense: “A poesia simbolista

Fórmulas literárias cujas características serviam às necessidades expressivas de grupos não contemplados com o rearranjo de poderes que, desde a vitória de um projeto abolicionista conservador e da consolidação de uma república autoritária, se processava de uma maneira brutal durante os anos 1890 no Brasil.<sup>798</sup>

As décadas de 1870 e, sobretudo, a de 1880 foram de intensa esperança social e militância política entre os nossos “homens de letras”. Nunca, no Brasil, uma causa havia congregado tantos intelectuais quanto a Abolição e a República angariavam naquele contexto. Os eventos de 1888 e 1889 – marcos históricos do nosso processo de transição para uma sociedade moderna de tipo capitalista –, no entanto, desbarataram todo esse estado de ânimo. Desencantaram, aos olhos de muitos, o trabalho intelectual como instrumento viável de atuação pública. A “anarquia do século”, na expressão de João do Rio,<sup>799</sup> a fragmentação ideológica e a desmobilização política de uma parte da geração intelectual de 1870, ainda não foi suficientemente entendida em todas as suas nuances.<sup>800</sup> Um desses aspectos, a substituição, no ideário de alguns escritores, de uma concepção mais ou menos consensual de “literatura como missão” por uma ideia de “religião do eu” faz parte

---

encontrava atmosfera propícia para desenvolver-se”. MONTENEGRO, Abelardo Fernando. Op. cit. p. 244.

<sup>798</sup> Visão similar a esta é expressa pelo filósofo Evaldo Pauli. Escreve o ensaísta: “A infra-estrutura mental de Cruz e Sousa, envolvida na dialética da grande unidade monística e nas dores desconexas da sociedade perpassadas de injustiças, é tema peculiar para uma literatura simbolista, que lhe sai espontaneamente da pena, como um desafeto espontâneo, com arrebentações transcendentais. / Os problemas políticos da República e os sociais da escravatura e o da pobreza generalizada, ao mesmo tempo que uma fé no espírito universal, eram preocupações autênticas e merecedoras de considerações ao modo simbolista. / As razões do simbolismo brasileiro existiram, tão bem como as razões dos franceses. América e Europa constituem, sob muitos aspectos, o mesmo todo cultural. Suas manifestações artísticas deixariam de ser exatas, senão se dessem com algum sincronismo. Os movimentos sincrônicos da cultura decorrem de causas sociológicas comuns e não resultam de mera imitação. Os de imitação, caso existam, carecem de causa comum e são geralmente efêmeros.” PAULI, Evaldo. Op. cit. p. 130.

<sup>799</sup> RIO, João do. Op. cit. p. 101.

<sup>800</sup> Fragmentação dramaticamente representada também no destino de outro importante intelectual negro: José do Patrocínio. Cf. EDMUNDO, Luís. Op. cit. p. 614; ALVES, Uelinton Farias. *José do Patrocínio: a imorredoura cor do bronze*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

desse esforço de entendimento.<sup>801</sup> Estudar Cruz e Sousa, a formação cultural da qual ele foi representante e, por meio desses dois procedimentos, compreender a emergência de uma nova concepção de literatura no Brasil do final do século XIX, significa apreender a sutileza dessa história.

---

<sup>801</sup> “Destarte, para o simbolista o que importa são os estados de alma e dêstes sómente os que podem ser conhecidos – os seus próprios. Daí a sua religião do eu, a forte nota individualista, oposta à filosofia social [...]” COUTINHO, Afrânio. Op. cit., 1968, p. 217.

## FONTES E REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W.. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2012.

ALONSO, Angela. *Idéias em movimento: a geração 1870 na crise do Brasil-Império*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ALVES, Uelinton Farias. *Cruz e Sousa: Dante Negro do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

\_\_\_\_\_. *Reencontro com Cruz e Sousa*. Florianópolis: Papa-Livro Editora, 1998.

ALVES, Uelinton Farias. *José do Patrocínio: a imorredoura cor do bronze*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

AMARAL, Gloria Carneiro. *Aclimatando Baudelaire*. São Paulo: Annablume, 1996.

AZEVEDO, Fernando de. *A cultura brasileira: introdução ao estudo da cultura no Brasil*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1963.

BALAKIAN, Anna. *O simbolismo*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BARBOSA, Renato. *Francisco Tolentino e sua época*. Florianópolis: Assembléia Legislativa de Santa Catarina. Santa Catarina, 1984.

BARROS, Roque Spencer Maciel de. *A ilustração brasileira e a idéia de universidade*. São Paulo: Convívio; Edusp, 1986.

BASTIDE, Roger. *Poetas do Brasil*. São Paulo, Edusp; Duas Cidades, 1997.

BERNARDO, Luís Miguel. *Cultura científica em Portugal: uma perspectiva histórica*. Porto: U.Porto, 2013.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. (Org.). *Usos e Abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

BRANCHER, Ana (Org.) *História do gosto e outros poemas*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

BROCA, José Brito. *A vida literária no Brasil – 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio; Departamento de Cultura da Guanabara, 1975.

\_\_\_\_\_. *Naturalistas, parnasianos e decadistas: vida literária do Realismo ao Pré-Modernismo*. Campinas, Editora da Unicamp, 1991.

BROOKSHAW, David. *Raça e cor na literatura brasileira*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

BUENO, Alexei; ERMAKOFF, George (Org.). *Duelos no serpentário: uma antologia da polêmica intelectual no Brasil, 1850-1950*. Rio de Janeiro: Ermakoff Casa Editorial, 2005.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. *História de Santa Catarina*. Florianópolis: Lunardelli, 1987.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz; Publifolha, 2000.

\_\_\_\_\_. *O método crítico de Silvio Romero*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

\_\_\_\_\_. *Formação da literatura brasileira*. São Paulo: Fapesp; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2009.

\_\_\_\_\_. *Iniciação a literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.

\_\_\_\_\_. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2011.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Silvio Romero: teoria, crítica e história literária*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Edusp, 1978.



CANDIDO, Antonio; CASTELLO, Jose Aderaldo. *Romantismo, realismo, parnasianismo, simbolismo*. São Paulo: DIFEL, 1984.

CAMPOS, Augusto de. *ReVisão de Kilkerry*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

CARA, Salete de Almeida. *A recepção crítica: o momento parnasiano-simbolista no Brasil*. São Paulo: Ática, 1983.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. *Decadismo e simbolismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1980. 2 v.

CARPEAUX, Otto Maria. *História da Literatura Ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1964. v. 6.

CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. (Org.). *História do Brasil nação – 1808-2010: a construção nacional (1830-1889)*. São Paulo: Objetiva, 2012. v. 2.

CAVALIERE, Arlete; VÁSSINA, Elena; SILVA, Noé (Org.). *Tipologia do simbolismo nas culturas russa e ocidental*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

COSTA, Emília Viotti da. *Da monarquia à república: momentos decisivos*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 2000.

\_\_\_\_\_. *Da senzala à colônia*. São Paulo: Unesp, 1998.

COUTINHO, Afrânio . *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1968.

\_\_\_\_\_. *Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1979.

\_\_\_\_\_. (Org.). *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio; Niterói: Universidade Federal Fluminense, 1986.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Obra completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S. A., 1994. v. 3.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

CUNHA, Carlos Manuel Ferreira da. (Org.). *Escrever a nação: literatura e nacionalidade (uma antologia)*. Ponte: Opera Omnia, 2011.

EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

EVEN-ZOHAR, Itamar. The role of literature in the making of the nations of Europe. In: CUNHA, Carlos Manuel Ferreira da. (Org.). *Escrever a nação: literatura e nacionalidade (uma antologia)*. Ponte: Opera Omnia, 2011.

FAIVRE, Antoine. *O esoterismo*. Campinas, SP: Papirus, 1994.

FONTES, Henrique. *Cruz e Sousa em A Companhia Dramática Julieta dos Santos e o meio intelectual desterrense e outros ensaios*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 1997.

FREITAS, Benedicto. *História do Matadouro Municipal de Santa Cruz*. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1950.

\_\_\_\_\_. *O Matadouro de Santa Cruz: cem anos a serviço da comunidade*. Rio de Janeiro: Edições do Autor, 1977.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1984.

FURTADO, Celso. *Formação econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Publifolha, 2000.

GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista*. São Paulo: Atlas, 1994.

GRISARD, Isa Vieira da Rosa. *Carta genealógica de famílias tradicionais de Santa Catarina, (1419 - 1986)*. Florianópolis: FCC Edições, 1988.

HOBSBAWM, Eric J. *A Era do Capital (1848 – 1875)*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

\_\_\_\_\_. *A Era dos Impérios (1875 – 1914)*. São Paulo: Paz e Terra, 2005.

HOLLANDA, Sérgio Buarque de. *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo, Difel, 19--. t. 2, v. 3.

JUNKES, Lauro. *Presença da poesia em Santa Catarina*. Florianópolis: Editora Lunardelli, 1979.

\_\_\_\_\_. (Org.). *A canção das gaivotas*. Florianópolis: Lunardelli, 1985.

\_\_\_\_\_. *O mito e o rito*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1987.

\_\_\_\_\_. (Org.). *Roteiro da poesia brasileira: simbolismo*. São Paulo: Global, 2006.

KOTHE, Flávio R. *O cânone republicano*. Brasília: UnB, 2003. v. 1.

LAYTANO, Dante de. Pequena história de uma próspera colônia. In: SULIANI, Antônio (Org.). *Etnias e carisma*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

LEAL, Claudia Feierabend Baeta. *Pensiero e dinamite: anarquismo e repressão em São Paulo nos anos 1890*. Campinas, SP: [s. n.], 2006.

LEITE, Dante Moreira Leite. *O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia*. São Paulo: Pioneira, 1983.

LEMINSKI, Paulo. *Cruz e Sousa: o negro branco*. São Paulo: Brasiliense, s.d.

LIMA, Carlos Emílio Corrêa. *Virgílio Várzea: os olhos de paisagem do fotógrafo do parnaso*. Fortaleza: Editora UFSC, 2002.

LINS, Ivan Monteiro de Barros. *História do positivismo no Brasil*. Brasília: Edições do Senado Federal, 2009.

LÖWY, Michael; SAYRE, Robert. *Romantismo e política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

\_\_\_\_\_. *Revolta e melancolia: o romantismo na contramão da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1995.

MACHADO, Ubiratan. *O Senador Luiz Delfino: sua vida e sua obra*. Florianópolis: Ed. da UFSC; Brasília: Senado Federal, Centro gráfico, 1984.

MAGALHÃES Jr., Raimundo. *Poesia e vida de Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975.

MAMIGONIAN, Beatriz Gallotti; VIDAL, Joseane Zimmermann. *História diversa: africanos e afrodescendentes na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

MARQUES, Wilton José. *Gonçalves Dias, o poeta na contramão: literatura e escravidão no romantismo brasileiro*. São Carlos: Edufscar, 2010.

MARTINS, Wilson. *História da inteligência brasileira*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1996. v. 4.

MASON, Stephen F. *História da ciência: as principais correntes do pensamento científico*. Porto Alegre: Globo, 1964.

MELLO, Jefferson Agostini. *Um poeta simbolista na República Velha: literatura e sociedade em “Missal” de Cruz e Sousa*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2008.

MELLO, Maria Tereza Chaves de. *A república consentida: cultura democrática e científica do final do Império*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

MELO, Osvaldo Ferreira de. *Introdução à história da literatura catarinense*. Florianópolis: Editora Movimento, 1980.

MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. São Paulo: É Realizações, 2014.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira: o simbolismo (1893-1902)*. São Paulo: Cultrix, 1973.

\_\_\_\_\_. *O simbolismo*. São Paulo: Cultrix, 1973.

MONTELLO, Josué. *Os inimigos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

MONTENEGRO, Abelardo Fernando. *Cruz e Sousa e o Movimento Simbolista no Brasil*. Fortaleza: UFC; Florianópolis: FFC, 1998.

MOTA, Lourenço Dantas (Org.). *Introdução ao Brasil: um banquete no trópico*. São Paulo: Editora Senac, 2002.

MURICY, Andrade. *Panorama do movimento simbolista brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 1987. 2 v.

NEEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro: Cia. das Letras, 1993.

NETO, Antônio Luís Machado. *Estrutura social da República das Letras*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1973.

NETO, Godofredo de Oliveira. *Cruz e Souza: o poeta alforriado*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

NEVES, Gustavo. *Santos Lostada*. Porto Alegre: Flama, 1971.

NOSSO SÉCULO – 1900-1910: a era dos bacharéis. São Paulo: Abril Cultural, 1985.

NUNES, Horácio. *Teatro selecionado*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1999.

OEHLER, Dolf. *Quadros parisienses: estética antiburguesa (1830-1848)*. São Paulo: 1997.

\_\_\_\_\_. *O Velho Mundo desce aos Infernos*: Cia. das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. *Terrenos vulcânicos*. São Paulo: Cosacnaify, 2004.

OLIVEIRA, Diogo de Castro. *Onosarquistas e Patafísicos: a boemia literária no Rio de Janeiro fin-de-siècle*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

PAULI, Evaldo. *Cruz e Sousa: poeta e pensador*. São Paulo: Editora do Escritor, 1973.

PÉCAUT, Daniel. *Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação*. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PEDRO, Joana Maria. *Nas tramas entre o público e o privado: a imprensa de Desterro no século XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1995.

PEREIRA, Astrojildo. *Interpretações*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1944.

PEREIRA, Carlos da Costa. *A Revolução Federalista de 1893 em Santa Catarina*. Florianópolis: Imprensa oficial do Estado de Santa Catarina, 1976.

PEREIRA, Moacir. *Um catarinense visionário: Gustavo de Lacerda e o Centenário da ABI*. Florianópolis: Insular, 2008.

PIAZZA, Walter Fernando. *Santa Catarina: sua história*. Florianópolis: Editora da UFSC; Lunardelli, 1983.

PRADO, Antonio Arnoni. *Itinerário de uma falsa vanguarda: os dissidentes, a Semana de 22 e o Integralismo*. São Paulo: Editora 34, 2010.

PRADO Jr. Caio. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1965.

RABELLO, Ivone Daré. *Um canto à margem: uma leitura da poética de Cruz e Sousa*. São Paulo: Nankin: Edusp, 2006.

RAMA, Angel. *Rubén Darío y el modernismo*. Caracas: Alfadil, 1985.

REIS, João José. *Domingos Sodré, um sacerdote africano: escravidão, liberdade e candomblé na Bahia do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007. 2 v.

ROSAS, Ernani. *História do gosto e outros poemas*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

SÁ, Jussara Bittencourt de. *Nação em cena: Brasil, teatro, século XIX*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2010.

SAN THIAGO, Arnaldo. *História da literatura catarinense*. Rio de Janeiro: s. ed., 1957.

SARTRE, Jean-Paul. *O que é literatura?* São Paulo: Ática, 2004.

SCHNEIDER, Luiz Alberto. *Silvio Romero: hermenêutica do Brasil*. São Paulo: Annablume, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

\_\_\_\_\_. (Org.). *História do Brasil nação: 1808-2010: a abertura para o mundo – 1830-1889*. São Paulo: Objetiva, 2012. v. 2 e 3.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SILVEIRA, Tasso da (Org.). *Nestor Vitor: prosa e poesia*. Rio de Janeiro: Agir, 1963.

SIRINELLI, Jean-François. Intelectuais. In: RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

SKIDMORE, Thomas. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Trad. Raul de Sá Barbosa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

SOARES, Iaponan. *Ao redor de Cruz e Sousa*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1988.

\_\_\_\_\_. . *Virgílio Várzea e outros: literatura e vida literária em Santa Catarina no século XIX e início do século XX*. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2002.

SOARES, Iaponan; MUZART, Zahidé L. *Cruz e Sousa: No centenário de Broqueis e Missal*. Florianópolis: FCC Edições/Editora da UFSC, 1994.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

\_\_\_\_\_. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

SOUSA, J. Galante de. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: MEC, 1960.

SOUZA, Ricardo Luiz de. *Identidade nacional e modernidade brasileira: o diálogo entre Sílvio Romero, Euclides da Cunha, Câmara Cascudo e Gilberto Freyre*. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

\_\_\_\_\_. *Pensamento social brasileiro: de Raul Pompéia a Caio Prado Júnior*. Uberlândia: Edufu, 2011.

TELLES, Gilberto Mendonça. *Vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 1983.

TILL, Rodrigues. *Cruz e Sousa e o Rio Grande do Sul*. Florianópolis: Comissão Estadual de Celebração do Centenário de Morte de Cruz e Sousa, 1998.

TODOROV, Tzvetan. *Teoria da literatura: textos dos formalistas russos*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joelle; HEYMANN, Luciana (Org.). *Arquivos pessoais: reflexões disciplinares e experiências de pesquisa*. Rio de Janeiro: FAPERJ/FGV, 2014.

UNTERMAYER, Louis. *Os forjadores do mundo moderno*. São Paulo: Fulgor, 1968. v. 3.



VEIGA, Eliane Veras. *Florianópolis: memória urbana*. Florianópolis: Fundação Franklin Cascaes, 2008.

VENTAVON, Jean Silve de. *Bayard, chevalier sans peur et sans reproche*. Paris: Lanore, 2003.

VENTURA, Roberto. *Estilo Tropical: história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

WEBER, João Ernesto. *A nação e o paraíso: a construção da nacionalidade na historiografia literária brasileira*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e sociedade: 1780-1950*. São Paulo: Comp. Ed. Nacional, 1969.

\_\_\_\_\_. *Marxismo e literatura*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

WILSON, Edmund. *O castelo de Axel: estudo sobre a literatura imaginativa de 1870 a 1930*. Tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

## **Dicionários**

BLAKE, Sacramento. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia nacional, 1883. v. 1.

\_\_\_\_\_. *Diccionario bibliographico brasileiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1895. v. 3.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário básico de filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1979.

MENEZES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2004.

PIAZZA, Walter Fernando. (Org.). *Dicionário político Catarinense*. Florianópolis: Edição da Assembléia Legislativa do Estado de Santa Catarina, 1985.

VAINFAS, Ronaldo. *Dicionário do Brasil Imperial*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

## Teses

CHEREM, Rosangela Miranda. *Aparições de textualidade: dizer e ver um Virgílio*. 272 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis, 2006.

MELLO, Sílvia Gomes Bento de. *Esses moços do Paraná...* Livre circulação da palavra nos albores da República. Florianópolis. 314 f. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. 2008.

SILVA, Luiz. *A consciência do impacto nas obras de Cruz e Sousa e de Lima Barreto*. 232 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Teoria e História Literária, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo. 2005.

SILVA, Rosane Cordeiro da. *Entre missais e evocações: a prosa desterrada de Cruz e Sousa*. 274 f. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2006.

SILVEIRA, Allan Valenza da. *Diálogos críticos de Nestor Vitor*. 338 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2010.

VASSILIEFF, Irina. *A Sociedade Central de Imigração nos fins do século XIX e a "Democracia Rural"*. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1988.

## Dissertações

ALVES, Paulo. *A Farpa e a Lira: uma análise socioliterária a partir de Cruz e Sousa e Lima Barreto*. (Mestrado em Teoria da Literatura) – Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, Universidade Federal de Pernambuco, Recife. 2009.

CARVALHO, Alessandra Izabel de. *Nestor Vitor: um intelectual e as idéias do seu tempo (1890-1930)*. Dissertação (Mestrado em História) – Curso de Pós-graduação em História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 1997.

COUTO, Renata de Campos. *Gonzaga Duque: crítica, arte e a experiência da modernidade*. Dissertação (Mestrado em História Social da Cultura). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2007.

ESPÍNDOLA, Elizabete Maria. *Cruz e Sousa: Modernidade e mobilidade social nas duas últimas décadas do século XIX*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Estudos Pós-Graduados em História, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2006.

KNIHS, Maiara. *O trágico na poética de Cruz e Sousa*. 2014. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Literatura, Florianópolis. 2014.

LIMA, Angela Bernadete. *'Nós declaramos guerra ao latifúndio!': propostas, ações e ideais de imigração/colonização da sociedade central de imigração (1883-1891)*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em História, Florianópolis. 2015.

OLIVEIRA, Leonardo Pereira de. *A tensão lírica no simbolismo de Cruz e Sousa*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul., Porto Alegre. 2007.

PICOLLI, Fabrícia. *Personagens de um tempo, idéias (novas) de uma época: trajetória e produção literária do grupo Idéia Nova em Desterro na Década de 1880*. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2006.

REIS, Cristiano Lima de Araújo. *O Simbolismo de Cruz e Sousa: negritude, dor e satanismo*. Dissertação (Mestrado em Literatura e Crítica Literária) – Programa de Estudos Pós-Graduados em literatura e Crítica Literária, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. 2009.

SEBRÃO, Graciane Daniela. *Presença/Ausência de africanos e afrodescendentes nos processos de escolarização em Desterro – Santa Catarina (1870-1888)*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. 2010.

SOUZA, Luiz Alberto de. *A cor e a forma: história e literatura na obra do jovem Cruz e Sousa (1861-1888)*. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2012.

VERMEERSCH, Paula. *Notas de um estudo crítico sobre A Arte Brasileira, de Luiz Gonzaga Duque Estrada*. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 2002.

### **Trabalhos de Conclusão de Curso**

MORSCHHEITER, Fernando. *Os limites da mobilidade social na crise da escravidão: o processo de tutoria de João Augusto Fagundes de Melo, em Desterro, 1878*. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2016.

### **Artigos publicados em periódicos**

GOMES, Ângela de Castro & FERREIRA, Marieta de Moraes. Primeira República: um balanço historiográfico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.2, n.4, 1989.

GONÇALVES, H.: A tuberculose ao longo dos tempos. História, ciências, saúde - Manginhos, v. VII (2): 303-25, jul.-out. 2000.

HALL, Michael. Reformadores de classe média no Império Brasileiro: a Sociedade Central de Imigração. Revista de História, n. 105, 1976.

JAMESON, Fredric. Reificação e utopia na cultura de massa. Crítica marxista, São Paulo, n. 1, 1994.

MOREIRA, Caio Ricardo Bona. O seqüestro do simbolismo na revista Joaquim: o grito do vampiro contra o sussurro do nefelibata. Crítica Cultural, v. 3, n. 1, jan./jun. 2008.

\_\_\_\_\_. O encontro entre chuvosos e nefelibatas: a nuvem política. Revista de Letras. Curitiba, v. 15, n. 1, p.1-12, ago. 2012.

OLIVEIRA, Mariza da Gama Leite de. Projeto Escola Cidade: o trabalho de enquadramento da memória nas práticas de militarização da infância (1931–1933). Revista Linhas. Florianópolis, v. 16, n. 31, p. 246–275, mai./ago. 2015.

RAMOS, Péricles Eugênio S.. Introdução ao parnasianismo brasileiro. Revista USP, Brasil, n. 3, p. 155-168, nov. 1989.

SAESI, Alexandre Macchione; ROSA, Elton Rodrigo. Mercado pontual: atuação estatal na formação da Feira de Gado de Três Corações (1900-1920). Estudos econômicos, São Paulo, v. 43, n. 4, p. 745-772, out.-dez. 2013.

### **Sites e artigos *on line***

A FAMÍLIA Alves de Brito. Disponível em <<http://www.geocities.ws/alvesdebrito/historia.htm>>. Acesso em: 27 dez. 2014.

COMISSÃO DE SISTEMATIZAÇÃO E REDAÇÃO do II Encontro Nacional de Normatização Paleográfica. *Normas técnicas para transcrição e edição de documentos manuscritos*. São Paulo, 1993. Disponível em: <<http://www.arquivonacional.gov.br/Media/Transcreve.pdf>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

ERTZOGUE, Marina Haizenreder. Gregório de Almeida: entre a civilização e a barbárie. Disponível em: <[http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300917103\\_ARQUIVO\\_ANPUHGREGORIODEALMEIDATEXTO.pdf](http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300917103_ARQUIVO_ANPUHGREGORIODEALMEIDATEXTO.pdf)>. Acesso em: 21 nov. 2016.

FERREIRA, João Lopes. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/FERREIRA,%20Jo%C3%A3o%20Lopes.pdf>>. Acesso em: 29 dez. 2015.

FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. *Arquivo Cruz e Sousa*. Disponível em: <<http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=FCRBCruzSousa>>. Acesso em: 14 abr. 2016.

JOSÉ BRASÍLÍCIO DE SOUSA. Disponível em: <<http://dicionariomb.com.br/jose-brasilicio-de-sousa/dados-artisticos>>. Acesso em: 3 dez. 2016.

LAPS; ENSP; FIOCRUZ. *Guia de Fontes e catálogo de acervos e instituições para pesquisas em saúde mental e assistência psiquiátrica no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, 2004. p. 41. Disponível em: < <http://www5.ensp.fiocruz.br/biblioteca/dados/arg423.pdf> >. Acesso em: 14 dez. 2016.

LINS, Vera. *Em revistas: o simbolismo e a virada de século*. Disponível em: <<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101430/memoria22.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2016.

MAYRINK, Francisco de Paula. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/MAYRINK,%20Francisco%20de%20Paula.pdf>>.

republica/MAYRINK,%20Francisco%20de%20Paula.pdf>. Acesso em: 23 nov. 2016.

RUEDA, Waldir. *Tribuna do Povo em Santos – 1899*. Disponível em <<http://santosnosdocumentos.blogspot.com.br/2010/04/tribuna-do-povo-em-santos-1900.html>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

SOARES, Emmanuel de Macedo. *Curiosidades e revelações dos registros notariais*. Disponível em: <[http://idon.org.br/texto/artigos/Curiosidades\\_e\\_Revelacoes.pdf](http://idon.org.br/texto/artigos/Curiosidades_e_Revelacoes.pdf)>. Acesso em: 17 abr. 2016.

SOUZA, Fernando Prestes de; LIMA, Priscila de. Músicos negros no Brasil colonial: trajetórias individuais e ascensão social (segunda metade do século XVIII e início do XIX). *Revista Vernáculo*, [s.l.], jan. 2011. ISSN 2317-4021. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/vernaculo/article/view/20544>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

SUPERIOR TRIBUNAL MILITAR. *Ministros desde 1808*. Disponível em: <<http://www.stm.jus.br/o-stm-stm/memoria/ministros-desde-1808/details/1/271>>. Acesso em: 15 abr. 2016.

## **FONTES**

### **Acervos**

Academia Catarinense de Letras, Florianópolis.

Acervo de Fotografia de Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro.

Arquivo-Museu da Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro.

Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, São Paulo.

Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

Fundação Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro.

Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, Florianópolis.

## **Periódicos**

*Anuário Catarinense*. Florianópolis, 1952; 1953; 1954.

*Atirador Franco*. Rio de Janeiro, 1881.

*A Federação*. Porto Alegre, 1894.

*A Gazeta*. São Paulo, 1956.

*A Noite*. Rio de Janeiro, 1915.

*A Pacotilha*. São Luís, 1901.

*A Regeneração*. Desterro, 1872; 1880; 1881; 1882; 1884; 1887; 1888.

*A Republica*. Florianópolis, 1891; 1892; 1923.

*A Semana*. Rio de Janeiro, 1886.

*Cidade do Rio*. Rio de Janeiro, 1890; 1897; 1899.

*Correio da manhã*. Rio de Janeiro, 1910; 1923; 1926; 1907; 1955.

*Estado do Espirito-Santo*. Vitória, 1895.

*Festa*, Rio de Janeiro. 1927; 1928.

*Gazeta do Commercio*. Joinville, 1916.

*Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 1890; 1947.

*Jornal do Commercio*. Desterro, 1885; 1887.

*Jornal da tarde*. Rio de Janeiro, 1881.



*Kosmos*. Rio de Janeiro. 1905, 1909.

*Novidades*. Rio de Janeiro, 1887; 1888; 1890; 1891; 1892.

*O Conservador*. Desterro, 1884.

*O Despertador*, Desterro, 1883.

*O Globo*, Rio de Janeiro, 1890.

*O Imparcial*, Bahia, 1935.

*O Moléque*. Desterro, 1885.

*O Paiz*. Rio de Janeiro, 1891.

*Revista Illustrada*, Rio de Janeiro, 1891.

*Tribuna liberal*, Rio de Janeiro, 1889; 1888.

## **Livros**

ABRANCHES, Dunshee. *A Fundação Gustavo de Lacerda: reminiscências dos primeiros dias da Associação Brasileira de Imprensa*. Rio de Janeiro: Typ. do Jornal do Commercio, 1938.

ALBUQUERQUE, Medeiros e. *Páginas de crítica*. Rio de Janeiro: Editores Leite Ribeiro & Maurillo, 1920.

\_\_\_\_\_. *Quando eu era vivo: memórias (1867 a 1934)*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1942.

ASSOCIAÇÃO DO QUARTO CENTENÁRIO do Descobrimento do Brasil. *Livro do Centenário (1500-1900)*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. v. 1.

AZEVEDO, Artur; AZEVEDO, Aluísio. *Fritzmac*. São Paulo: Peixoto Neto, 2016.

BAJU, Anatole. *L'école décadente*. Paris: Léon Vanier, Éditeur des decadents, 1887.

BARBOSA, Ruy. *Os actos inconstitucionaes do Congresso e do Executivo ante a Justiça Federal*. Rio de Janeiro: Companhia Impressora 7, 1893.

BARRETO, Tobias. *Varios escriptos*. Rio de Janeiro: Laemmert & C. Editores, 1900.

COARACY, Vivaldo. *Memórias da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1955.

DUQUE, Gonzaga. Meu jornal. In: LINS, Vera. *Gonzaga Duque: a estratégia do franco-atirador*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1991.

\_\_\_\_\_. *A arte brasileira*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

\_\_\_\_\_. *Revoluções brasileiras: resumos históricos*. São Paulo: Editora UNESP: Giordano, 1998.

EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003.

FERNANDES, Carlos Dias. *Fretana: romance*. Rio de Janeiro: Alba, 1936.

FIGUEIREDO, Araújo. *Poesias: edição comemorativa do centenário, 1865-1965*. Florianópolis: s. ed., 1966.

FLORES, Altino. *Textos críticos*. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2006.

FREIRE, Laudelino (Org.). *Sonetos brasileiros: século XVII-XX*. Rio de Janeiro: Briguiet & Cia., 1913.

GRIECO, Agrippino. *Evolução da poesia brasileira*. Rio de Janeiro: Ariel, 1932.

MARTINS Jr., Izidoro. *A poesia científica: esboço de um livro futuro*. Recife: Imprensa Industrial, 1914.

MORAES, Evaristo de. *Reminiscencias de um rabula criminalista*. Rio de Janeiro: Grande Livraria Leite Ribeiro, 1922.

RIO, João do. *O momento literário*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional; Dep. Nacional do Livro, 1994.

RODRIGUES, Nina. *Os africanos no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

ROMERO, Sílvio. *Cantos do fim do século*. Rio de Janeiro: Typographia Fluminense, 1878.

\_\_\_\_\_. *Introdução á história da litteratura brasileira*. Rio de Janeiro: Typographia Nacional, 1882.

\_\_\_\_\_. *Historia da litteratura brasileira*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1888. 2 t.

\_\_\_\_\_. *Evolução do lyrismo brasileiro*. Recife: F. B. Edelbrock, 1905.

ROSA, Francisco Luís da Gama. \_\_\_\_\_. *Biologia e sociologia do casamento*. Rio de Janeiro: Typ. de G. Leuzinger & Filhos, 1887.

\_\_\_\_\_. *Sociologia e esthetica*. Rio de Janeiro: Jacinto Ribeiro dos Santos, Livreiro-Editor, 1914.

ROSAS, Oscar. *A poesia de Oscar Rosas*. Porto Alegre: Movimento, 1972.

\_\_\_\_\_. *Poesias, contos, crônicas*. Florianópolis: Academia Catarinense de Letras, 2009.

SOUSA, João da Cruz e. *Broqueis*. Rio de Janeiro: Magalhães e Cia., 1893.

\_\_\_\_\_. *Missal*. Rio de Janeiro: Magalhães & Cia., 1893.

\_\_\_\_\_. *Pharóes*. Rio de Janeiro: Tipografia do Instituto Profissional, 1900.

\_\_\_\_\_. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1923. v. 1

\_\_\_\_\_. *Obras poéticas: Broquéis e Faróis*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1945. v. 1.

\_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1961.

\_\_\_\_\_; VARZEA, Virgílio. *Tropos e Fantasias*. Florianópolis: FCC, 1990.

\_\_\_\_\_. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.

\_\_\_\_\_. *Dispersos: poesia e prosa*. São Paulo: Fundação da Editora da Unesp; Giordano, 1998.

\_\_\_\_\_. *Obra completa*. Jaraguá do Sul: Avenida, 2008. 2 v.

TIGRE, Bastos. *Reminiscências: a alegre roda da Colombo e algumas figuras do tempo de antigamente*. Brasília: Thesaurus, 1992.

VARZEA, Paulo et al.. (Org.). *Centenário do marinheiro*. Rio de Janeiro: Ed. Alba, 1963.

VÁRZEA, Virgílio. *Traços azuis*. Desterro: Imprensa Oficial, 1884.

\_\_\_\_\_. *George Marcial*. Lisboa; Porto: Tavares Cardoso & Irmão; Tipografia Universal, 1901.

\_\_\_\_\_. *Santa Catarina – A Ilha*. Florianópolis: Lunardeli, 1984.

VÍTOR, Nestor. *Obra crítica*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1969. 3 v.

## **Manuscritos**

FIGUEIREDO, Juvêncio de Araújo. No Caminho do Destino. In: CARNEIRO, Carlos da Silveira. *Enciclopédia de Santa Catarina*. Florianópolis. v. 20. CEOR/BC/UFSC.

VÁRZEA, Affonso. Correspondência. Florianópolis, Academia  
Catarinense de Letras.



## ANEXO 1 – ARTIGO DE CRUZ E SOUSA NO JORNAL A *REGENERAÇÃO*. DESTERRO, 1886\*

### Instrucção publica

Passamos hoje para as nossas columnas, do *Echo da Fronteira* da Villa de S. Pedrito, na provincia do Rio Grande do Sul, o seguinte e importante artigo sobre á instrucção publica, da habil penna do nosso distincto conterraneo Cruz e Souza:

"As evoluções sociologicas que se operaram nestes ultimos tempos, collocando a humanidade na linha recta dos direitos positivos e alargando a área dos conhecimentos universaes, exigem que a instrucção publica, o principal factor da integração racional das gentes, tome o primeiro lugar na amrcha progressiva das nacionalidades.

Bem alto falla a palavra das épocas, no momento em que a concretisação scientifica das theorias de Herbert Spencer, méde a pulsação dos seculos e regularisa a vida collectiva.

Os educadores modernos plantaram nas terras fecundas e uberrimas do paiz da intelligencia, a luminosa e resplandecente arvore da philosophia e seguiram, espaço á fóra, fazendo vibrar ao longe e ao largo a charrua abençoada das razões observadas e analysadas.

O universo então, deixou de ser um vastissimo empório de physica e de chimica, para ser um profundo organismo sujeito a todas as oscillações, a todos os estremecimentos, a todas as nevróses pathologicas.

O Homem entrou no seu ser, no seu objectivo, na sua causa de existencia. A comprehensão e a intuição deixou de rastejar pelos dominios metaphysicos e seguiu as regiões claras da bella luz amada a da orientação positiva.

Os estados constituíram as suas leis regimentaes, as raças abraçaram-se, de pólo a pólo, seguindo a dynamica social e a consciencia desceu, como os mergulhadores dos mares do norte, ao profundo abysmo de solidas escavações scientificas.

---

\* Os artigos e crônicas aqui reunidos são textos que, até o presente momento, permanecem inéditos em livro e, portanto, ainda não constam em quaisquer das edições mais recentes da sua obra completa. Quanto às transcrições, busquei dar primazia às versões originais. Todos os arcaísmos e eventuais erros tipográficos foram mantidos conforme os textos-fonte.

Posto assim o universo, estabelecidas as correntes electricas, estudado o ar, o fluxo e refluxo das marés, o desencadear dos ventos e das tempestades, discutido e definido o systema planetario, a mentalidade moderna, desfraldando ao sul e norte o estandarte puro e constellado das liberdades e das igualdades patrias, não deverá ainda descansar, não deverá pousar ainda as suas sandalias [sic] de estrellas no pincaro elevado do infinito das idéas.

Ha muito que trabalhar, ha muito que construir.

Ainda nos assoberba o meio, a indole, os costumes.

Precisamos ganhar terreno, descentralisar os espiritos, emancipar as fontes.

Estamos no prodromo da regeneração sociocratica, temos o escravo a regar com o sangue e com lagrimas o chão da nossa patria, d'onde só poderá rebentar, ironico, terrivel, extorcido e aspero, o cardo da miseria ou a labareda vermelha da insurreição.

Nós que temos todo o sangue e todo o temperamento da raça latina como os francezes e italianos, e que com o nosso meridionalismo, sem o civismo e o character de nação da Hollanda de Barneveldt, descuramos dos maiores principios da nossa constituição, da nossa formação como povo, nós em cuja alma nova e transparente, atravessa como no fundo de um crystal, a lethargia ethnica que nos avassalla, apesar de procurarmos receber em cheio e de chofre os grandes jorros de luz benefica e salutar da maneira de agir e de pensar dos centros cultos e adiantados, da França, pelo livro e da Inglaterra, pelas engrenagens, nós, repetimos, tomamos um caminho escuro e desconhecido, onde a noite tragica e immensa da duvida, cáe esmagadoramente.

Estamos n'um caso de desmembração politica, de esphacelamento vital das forças governistas.

A instrucção publica, a face iniciado ["a fase inicial"?] do organisamento da poderosa familia humana, estiola-se, não ha quem lhe sopre os pulmões enfraquecidos o oxigenio reparador e vigorante da vida.

A exterioridade do nosso character publico, o nosso geito de movimentar e esclarecer os negocios, a nossa maneira de acompanhar e explicar os factos, dá-nos na historia da humanidade civilisadora, aspecto de pouco trabalho, de pouca luta, de pouca tellacidade, collocamos n'um caso verdadeiramente amorpho.

Mas esta serie de cousas que nos abatem, esta anormalidade de circumstancias que nos rodeiam, tendem a desaparecer, logicamente, naturalmente respeitando o grandioso principio da evolução.



Póde ainda sahir desta patria infórme, mas palpitante de seiva, com certa agitação nervosa, uma patria livre das preocupações theogonicas, prompta a trabalhar, forte, independente da luz, desprendida dos erros e das incertezas que a fazem titubear.

Entregue-se para isso a instrucção publica a verdadeiros homens que saibam educar, que saibam explicar intuitivamente ao discipulo, sem a materialidade da fôrma, sem o arrebique da posse assustadora e tigrina, sem a grita desconforme, brutal e falsa dos medonhos dithongos horripilantes, mas com amor, com muito amor e com muita arte arte, afim de que o discipulo veja e sinta o valor e a vibração de cada phrase.

Porque, parece-os, que deve ser uma regra scientifica, fazer comprehender ao alumno pelos orgãos visuaes e auditivos d'este, a tecnologia da linguagem, para que elle se eduque raciocinadoramente e comece a tomar qualquer feição definitiva na sua individualidade, para não ser unicamente um cégo illustrado que discuta, com a forte espiritualisação naturalista dos versos de Guerra Junqueiro, toda a sciencia humana, mas que tacteie e esbarre nas mais simples e nos mais vulgares objectos domesticos.

D. Pedrito, Outubro - 86.

*Cruz e Souza.*

SOUSA, João da Cruz e. Instrucção publica. *Regeneração*, Desterro, 16 dez. 1886.



**ANEXO 2 – CRÔNICAS DE CRUZ E SOUSA (ASSINADAS SOB PSEUDÔNIMOS) NO JORNAL *NOVIDADES*, RIO DE JANEIRO (1891-1892)**

**INVESTIGAÇÃO**

O que ella pensa de ti não é nada gentil e nem é nada amavel. Tu fazes versos. Ninguem sabe se os teus madrigaes, se os teus idyllios rimados andam diluidos no ether ou servem de harmonia á garganta de algum passaro. Ninguem sabe disso. Mas o certo é que tu faz lindos versos, sonoros versos musicaes e frementes, que dizem toda a historia do coração, todos os episodios da alma humana.

O teu modo de vibrar as estrophes é natural e fluente, exprime bem o estado do teu ser, penetra nos organismos, tem tanta communicabilidade subtil e delicada como um excitante perfume.

Incontestavelmente possues algum occulto veio de sol no cerebro! Porque, na verdade, tudo isso, florescente e radiante, que te surge assim do pensamento, não pôde vir apenas do sangue. É necessario um outro elemento mais poderoso e intenso para te inflamar, exaltar assim de poesia e esse elemento, é, sem duvida alguma, o sol...

Comtudo isso, assim como n'um enxurro que as chuvas carregam para os rios vae muita cousa inutil e pôde ir tambem muito brilhante e muita perola, no jorro de luz da tua imaginação vem ás vezes, como ironia aguda, muito morto elemento de verso futil, que passa e que vae embora, ao mesmo tempo que se succedem os mais heroicos e bravios leões de idéa.

E é de forma tal o teu espirito, que o teu nome poderia constellar de gloria qualquer pagina de historia sem o mais tenue ridiculo.

No emtanto, são bastantes todas essas qualidades para ella te aborrecer e preferir a ti o mais banal e intimo dos homens.

É certo, porém, que tens obtido della firmes provas de affeição: os anneis de cabello, os mais sedosos e bellos; os olhares, os mais apaixonados e ardentes; as phrases, as mais convencedoras e amantes.

Mas tu te esqueceste que o coração illude quasi sempre, esqueceste o coração della, não perguntaste nada, não o dissecaste como um querido cadaver, porque ai! o coração das nossas amadas é quase sempre um indifferente cadaver gelado.

Nada indagaste, emfim, do coração da tua morena ou da tua loura. Deixaste-te ir boiando na embaladora onda dos seus beijos e das suas caricias, dormiste sobre essa onda, a sonhar, e acordaste nas afflicções e nos desesperos do naufragio...

Oh! oh! dirás, este senhor escriptor entra-me pela alma a dentro como se entrasse por uma sala deserta... É exacto que ella me tem illudido algumas vezes, mas, tão poucas vezes mesmo, que até nem me dei ao trabalho de contar, nem valeria a pena fazel-o...

E esse senhor escriptor te responderá: Não, não acertaste por esse lado. Se ella te tem enganado tão poucas vezes, que não te déste ao trabalho de contar, oh! dóe-te de ti mesmo, errante louco do amor! porque se não conseguiste enumerar as vezes que ella te illudio, é que tantas, tantas foram ellas, que o teu brio apparente ou a tua consciencia de forte se envergonha de o confessar.

Esta é que parece ser a verdade tremenda, esmagadora, que te comprime e achata o cerebro. E se não crês, vejamos.

Hontem ella vio-te passar, a tua eternamente, como ella mesmo te diz nas suas cartas. Tu não a viste. Ella estava á janella, e, assim que te approximaste, occultou-se. E porque? Não te adora ella tanto?

Mas é que tu te não lembras que vinhas com companheiros, amigos, rapazes como tu, e, entre elles todos, eras tu, não o mais feio, mas o mais pobre de *toilette*.

As tuas botas tortas e rotas faziam-te escorregar na calçada, dando-te a apparencia dubia de bebado. Tu não pisavas firme, não tinhas elegancia como os outros, e isso, oh! perdôa, mas a tua amada não podia supportar nem desculpar sequer. Ah!

Ah! doia-lhe mais isso na vaidade, certamente, do que se soubesse, nesse mesmo instante, que tinhas acabado de morrer.

Parece-te de mais isto, não? Pois escuta ainda.

Hoje ha um grande baile de luxo num club da capital. Foram expedidos convites a toda a gente fina e illustre. A ti ninguem julga illustre; e se alguém te julga fino é apenas na magreza da luta pela vida que te enrugou o semblante num brusco movimento de dôr, quasi numa picaresca momice. Mas, como tu andas pelos jornaes, em espirito, e os senhores socios do club, suppondo-te um imbecil "contam com uma noticia floreada sobre a festa", como elles dizem, tu alcanças o teu convite, bem certo de que ella irá e simplesmente por causa della.

Para isso vaes consultal-a. Ella diz-te que irá com certeza, sem se esquecer de te fazer sentir que vae por teu respeito, para walsar comtigo, para estar perto de ti. E, não obstante os seus olhos dizerem o

contrario, não obstante affirmarem que vae para ver os outros, para divertir-se, tu, com todo o teu poder de espirito e *verve*, ficas preso nas capciosas malhas dessa fidelidade de momento, mas em que tu absolutamente crês, e vaes ao club, alegre e triumphante, como os vencedores.

Lá, ninguém sabe que tamanha nevrose experimentas, que ficas excitado, bebes de mais, começa a tontear no sólo das contradansas, não por causa das botas tortas, porque nesse dia tiveste o cuidado gentil de calçar um Milliés elegante, mas pelo alcool que te sobe então á cabeça em espessas e atordoantes nevoas de vapor...

De repente perdes o equilibrio n'um galope e cáes bruscamente no assoalho. Todos te cercam e dão-te socorros que o accidente requer; mas "a tua amada para sempre", essa, deixa-se ficar a um canto, no vão da sacada, pelo braço do cavalheiro, pallida e tremula, é verdade, mas do susto apenas, tendo logo o cuidado de dizer: - Que inconveniente! Quem o convidaria? Eu nem o conheço, é a primeira vez que o vejo.

E tu, desfigurado, abatido, depois de mais calmo do teu estado fatal, voltas para casa com uma agonia de despeito e de vergonha que te insuffla de soturnos soluços abafados toda a concavidade do peito.

E se isto não basta ainda, se te não convence, ora ouve lá então.

No dia seguinte, tu, com o corpo molle e quebrado como se te houvessem esbordado com chibatas de junco, com o paladar azedo para tudo, dexas-te ficar em casa, e, incendiado por um ciume que te applica tenazes em braza nas carnes - profundo ciume despedaçador nascido do ridiculo que puzera em ti aquelle facto e dos individuos que ficaram ainda no club a gozar a belleza da tua amada, tu lhe escreves umas linhas emocionadas, quentes, cheias de febre da paixão, desculpando-te o mais habil e convencedoramente possivel daquelle incidente involuntario, dado apenas pela vertigem de adoração que ella te inspirára no club.

Porém ella, recebendo a carta, impassivel e fria, não a abrirá, não a lerá, rasgando-a.

E o portador, já teu conhecido, que te leva a resposta e que vio, de olhos arregalados de espanto, a tua amada rasgar a carta na sua presença, tendo dó de ti, porque sabe o tormentoso amor que tu votas a ella, te ha-de dizer que ella leu a carta com desvenecimento, com interesse á sua vista; e que accrescentou mais até que não escrevia já naquelle momento por estar muito nervosa em consequencia de um pobre, esfrangalhado e sujo, que lhe foi pedir esmola logo pela manhã, atrever-se a apertar, beijando, a sua mão delicada.

Tu, então, vendo nisso a graciosa maneira de reatar uma afeição que parecia perdida, acreditarás no portador; e apesar de todos os teus grandes, nobres sentimentos, por ti mesmo apregoados, maldirás no intimo esse miseravel pobre que te impedio de receberes logo a desejada, a querida resposta da tua carta.

E assim andarás, dessa amada para outra, hontem, hoje, amanhã, como em tres pesadellos da vida, jogado para lá e para cá, como um corpo morto, no mar, ao embate das ondas, entre recifes - sem queres admittir que o que ella pensa de ti não é nada gentil e nem é nada amavel; sem acreditares que tu és para ella nada mais nada menos que um pequeno cão bravo, que late e se arrepella ás vezes, ms que serena. amansa logo desde que o tacão ou a ponta de uma bota se levanta no ar ameaçadoramente.

### **Philosopho Alegre.**

SOUSA, João da Cruz e. [Philosopho Alegre]. Investigação. *Novidades*, Rio de Janeiro, 12 out. 1891.

## **O CASO DO ELDORADO**

Não conheço absolutamente, não sei quem seja esse inditoso moço, que, n'um momento de fatal descuido, causou a morte ao seu melhor amigo - um compatriota, um collega de arte, um companheiro na vida, um irmão talvez em idéas e crenças... Lastimo-o, entretanto...

Lá no sombrio carcere em que se vê assediado pelas paredes tumulares de uma prisão e pela tristeza desoladora do pezar, que maior tortura póde soffrer sua alma que o da consciencia de ter sido, em hora aziaga, o instrumento passivo da fatalidade! Que maior pena poderia inflingir-lhe a adversidade que essa que hoje soffre, azorragado o pensamento pelo pezar de um delicto, torturada a alma por uma saudade amargurada, entenebrecida a luz dos olhos por uma visão de tumulo aberto, na argilla faminta do cemiterio!...

Sobre a sua existencia o grande olhar penetrante e esgazeado da patria longinqua, da familia saudosa, dos amigos inconsolaveis daquelle que foi a sua victima, da victima que foi o seu crime!...

Cruel fatalidade!...

Inevitavel assassino, bastou-lhe o desazo de um momento, a irrisão do acaso, para transformal-o no mais frio dos criminosos!

Que fazer? Poderia porventura evitar tão luctolento lance? Poderia impedir que occulto poder, superior ás deliberações humanas, arrancasse á sua espingarda o tiro que havia de ferir aquelle por quem daria a vida? Jamais!... E é essa a pena maior de todas as penas, aquella que se não perdoará a si mesmo, absolva-o embora a clemencia dos tribunaes; porque o pezar que invade uma consciencia, pela culpa irreparavel de uma desgraça, é o maior de todos os tormentos, aquella que aperta a alma nas paredes de um martyrio eterno.

Pobre victima de involuntaria culpa, assassinaste a tua propria existencia; porque, com aquella morte, terá morrido a tua despreocupação de alma innocente, immaculada e doce, como as harmonias do teu violino, tangidas á noite, na embriaguez das alegrias compartilhadas pelo companheiro das longas jornadas, que agora se partio para a voragem da morte, deixando-te, triste, isolado, na sombra do teu crime!...

**Felisberto.**

SOUSA, João da Cruz e. [Felisberto]. O caso do Eldorado. *Novidades*, Rio de Janeiro, 21 out. 1891.

## AS CASAS

Uma das grandes difficuldades com que luta a nossa população, actualmente, é a que resulta da escassez das casas e a consequente elevação do preço dos seus alugueis.

Esta difficuldade, que tanto se tem feito sentir, seria, entretanto, illudida, se a benefica intervenção dos poderes publicos se dêsse, adoptando medidas razoaveis e francamente uteis. Por exemplo, a construcção de predios nos terrenos vasis, dentro de um certo perimetro da cidade, pelos respectivos proprietarios, sob pena de pagamento, em caso de desobediencia, de oneroso tributo para a caixa geral da municipalidade.

Com uma extensão tão vasta, a capital federal não tem edificações que lhe correspondam; quasi no coração da cidade, crescem, vegetam verdadeiras florestas, em terrenos vastos, sem edificação alguma, nem ao menos o cultivo que aproveite esses espaços despovoados. No emtanto, não ha casas sufficientes para a população, que vive agglomerada em pequeninos predios, mal construidos, anti-hygienicos, velhos, feios, tortos...

E as poucas habitações que podem dar abrigo a uma população como esta, enorme, estão na maioria transformadas em casas de alugar commodos, caríssimos, pela hora da morte, que se pagam quasi sem poder, com o que se tira a allimentação a um senhor avaro, armado com as immunidades da lei e a razão do momento e transformado assim no almoz de cada inquilino, que, ou tem de ceder ás suas exigencias, ou perder o tecto que o abriga.

Esta situação terrivel tende ainda a augmentar, pela concurrencia da immigração nacional e estrangeira para esta capital; e facil é imaginar até onde póde chegar, d'aqui a mais algum tempo. Poderia, entretanto, ser modificada, se se adoptassem as medidas que acima apontamos, que, aliás, são utilissimas, mesmo para a estrutura da cidade, que não corresponde aos fóros de que goza, tal como se acha, actualmente, meio arrabalde, meio floresta e meio capital de uma grande nação poderosa e rica.

Tem esta questão uma importancia maxima; neste momento a ella se prende em parte a carestia dos generos, que se trata agora de modificar, para suavisar a existencia do pobre, que já não póde mais supportar as torturas da miseria, que tem soffrido e continúa a sentir.

É assumpto este de maxima importancia e que merece bem a solitudine dos poderes publicos, que, neste sentido, pouco ou nada têm feito.

**Felisberto.**

SOUSA, João da Cruz e. [Felisberto]. As casas. *Novidades*, Rio de Janeiro, 24 out. 1891.

### **CARNET DE UM DIA**

Amanheceu triste, envolta em nevoas, como um dia de Londres, n'uma viuvez de luz, esta manhã de quinta-feira, neste cálido mez de Dezembro.

Apezar da chuva, que cahio do alto, o calor suffoca, uma temperatura escaldante abrasa.

Physionomias congestionadas, na tortura que o verão lhes proporciona, passam ansiosas, afflictas, desejando libertar-se do calor que lhes inflamma intensamente as epidermes.



E no ar angustiado que levam, parecem suspirar pela frescura das arvores frondosas, ao pé da agua, quando a sombra á tarde desce nos crepusculos solemnes, n'uma beatitude evangelica de mansidão e de paz.

E porque recordam a tranquilla frescura dos arvoredos, o doce e blandicioso cantar das fontes, dos rios e mares, subitamente essas physionomias tomam a expressão do intimo consolo que experimentam em idéa e ficam mentalmente repousadas n'um grande conforto como n'um vasto leito branco de plumas.

Então, parece-me a mim, que tenho logo a suggestão artistica do que sinto em torno de mim, a mais aguda, a mais penetrante e fina, que essas physionomias que atravessam a rua devem tambem ter, no espirito, no momento em que recordam frescuras de arvores, de aguas cantantes, a mesma frescura e limpidez da agua.

Penso que ellas experimentarão sensações ineffaveis de felicidade ouvindo a plangencia ennevoada de uma sonata; que deliciarão os olhos no pinturesco de um quadro de paisagem e que vibrarão n'uma grande luz diante de uma constellada pagina d'estylo.

Mas, nem as sonoridades aristocraticas de uma sonnata ennevoada, nem o colorido encanto de uma paisagem e nem, ainda, a constellada pagina d'estylo, as emocionará, lhes dará limpidez e frescura.

Tal e qual são, tal e qual passam na rua, igualmente passam na vida das idéas, que é para essas physionomias tão vaga, tão obscura e indifferente como a rua.

O calor, positivo e tangivel, ha de cruciar-lhes a epiderme, feril-a, retalhal-a, cobril-a de manchas, de erupções de sangue, variadamente, como tatuagens do sol.

Mas só o calor, por fim, as agita ou abate, porque essas physionomias só são sensiveis na pelle, só sentem chiar na carne o ferro em brasa dos flammejantes verões tropicaes.

No espirito, na alma fluida e fina da intelligencia, ellas nenhuma commoção recebem, nenhum clarão sentem.

Atravessam os tempos, sóes e chuvas, na Indifferença amollentadora e profunda das longas e pesadas caravanas que atravessam longitudinalmente o desolante tédio dos desertos...

**Philosopho Alegre.**

SOUSA, João da Cruz. [Philosopho Alegre]. Carnet de um dia. *Novidades*, Rio de Janeiro, 17 dez. 1891.

## AS CRIANÇAS

Faz agora uma bella manhã illuminada por um sol glorioso e fecundador.

As alegrias da côr e da luz parecem cantar...

Nos altos ares tranquilllos ha uma irradiação de vida, como que se derrama em tudo o delicioso espirito das cousas...

Por uma estrada branca e larga de cidade uma porção de meninos, uns com os seus cartapacios, outros com os seus livros debaixo do braço, apertados em correias, atravessam, ruidosos e contentes, as mãos cheias de lindos ramos de flores orvalhadas de fresco e que similham os meigos sorrisos infantis que elles trazem nas suas carinhas rosadas.

- O que ha lá hoje na escola, lhes perguntei eu? ha exame?

- Não, responderam-me elles, o mestre faz annos.

Ahi estão as crianças, simples e doces, douradas abelhas na colméa dos sonhos, indo do lar para o mestre e do mestre para o lar, com a immaculada ineffabilidade das aves nos ninhos.

E o que deve ser mais o lar e a escola para esses tenros rebentos senão o ninho consolador e piedoso de um carinhoso affecto materno! O coração das mães abre-se ao amor com flores, e as crianças são o perfume do coração das mães.

Deixae rir as crianças.

Deixae-as deitar sobre tanques de marmore, sobre rios de jardim, sobre lagos de parque as suas pequeninas, encantadoras embarcações de papel; deixae-as montar, com a graça bizarra de mil jockeyzinhos, nos seus interessantes cavallos de pão; deixae-as correr, rubras de sol e de calor, ao longo das praias, na frescura umbrosa dos pomares, num chimereal esplendor; deixae-as borboletear, como borboletas maravilhosas, nos grandes campos floridos e verdes.

Ellas são as preciosas e virgens almas gentis da primavera, caminhando na vida, por entre abraços e beijos, como atravez de renques de rosas e lyrios desabrochados nos luares calmos.

Oh! venturoso esse mestre, que, em meio ao doloroso e pungente pessimismo humano, tem ainda candidas e pequeninas creaturas que lhe levam á escola, quando elle faz annos, lindos ramos de flores!

**Philósopho Alegre.**

SOUSA, João da Cruz. [Philosopho Alegre]. As crianças. *Novidades*, Rio de Janeiro, 6 out. 1891.

## GAULEZES ANTIGOS

Para lá do continente americano, fóra de portas, na Europa latina, ha um bello paiz idéal que se chama França.

A França é um dos trecho [sic] de terra mais característicos do mundo: pela sua linguagem, pelo seu ar delicado e fino, pelos seus escriptores, pelos seus artistas, pelas suas revoluções, pela sua *toilette* e pelos seus escandalos elegantes de *boudoir* de cocottes, de *foyer* de actrizes louras e *fumoir* de jornalistas e librettistas d'altos collarinhos nobres e lustrosos.

Um francez é ordinariamente um artista de alma, apaixonado e comovido, como Musset, como Banville ou como Mendés.

A elegancia do povo francez, o seu porte, o seu typo correcto, muito esthetico, abotoado quasi sempre até ao pescoço em vistosas fazendas, de exquisitos talhes, tem como que uma particular physionomia romana.

Oliveira Martins, com a sua grande *visão*, já estabeleceu certos pontos de influencia e affinidade historica entre Pariz de hoje e a Roma antiga.

Na verdade ha os mesmos traços geraes de vida, a mesma *pose* voluptuosa e febril, os mesmos deslumbramentos e encantamentos de goso: já na crystalina e classica taça de *champagne*; já no aprazivel conforto do Bois, dos Campos Elyseos ou da Opera; já nos primorosos chalets suissos, nas habitações de gosto, sobre rios, como as de Dumas pae; já nos livros esmaltados e fulgurosos como os de Flaubert e Daudet; já em toda a onda frement e barulhosa da vida e até no frio, enregelado silencio da morte.

Porque o francez vive em magestade e morre em magestade.

É republicano o francez; e no entanto eu não conheço ninguem com modalidades mais cheias de brilhantismo e de fidalgas imponencias palacianas e cortezanescas d'imperio!

A sua vida, como a sua morte, é uma graciosa pagina d'estylo, aberta em amores, em extasis, incrustada de pensamentos como de ricas, preciosas pedrarias.

Genericamente ninguem mais *flaneur*, mais leve do que elle; mas tambem ninguem assim de tal modo amantissimo e doce.

A's vezes, o francez, me faz lembrar o chinez pelo marchetado do seu polido espirito reluzente que me recorda um bule de porcellana lavrada feita de kaolino e feldspatho, ou uma *chinoiserie* qualquer, trabalhada pelas industriosas mãos orientaes de um adorador do sol.

Para sentir-se até que gráo de requinte sobem as faculdades estheticas no francez, em todas as manifestações da vida commum, ha de me lembrar sempre a historia de um titular, um conde, o conde de Verteuil, arruinado e *blasé*, que Zola nos diz n'um dos seus contos, e que aproximado da morte, voltou dramaticamente no leito a cabeça para o lado da parede, afim de morrer de modo decente, com nitidez, gentileza e *aplomb* fidalgo, sem que os parentes ou os criados lhe vissem as feias e commovedoras contracções finaes do rosto.

São esses tics, essas excentricidades, que constituem, no povo francez, como diria Hegel, a Estesia artistica.

### **Philosopho Alegre**

SOUSA, João da Cruz. [Philosopho Alegre]. Gaulezes antigos. *Novidades*, Rio de Janeiro, 11 mar. 1892.

### ANEXO 3 – ICONOGRAFIA



Fig. 1 – João da Cruz e Sousa (c. 1890). Fonte: SOUSA, João da Cruz. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995.



Fig. 2 – Praça Barão de Laguna, atual Praça XV de Novembro, centro urbano de Nossa Senhora do Desterro, na segunda metade da década de 1880. Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina.



Fig 3 – Vista da cidade do Rio de Janeiro em 1889. Fonte: Instituto Moreira Sales.

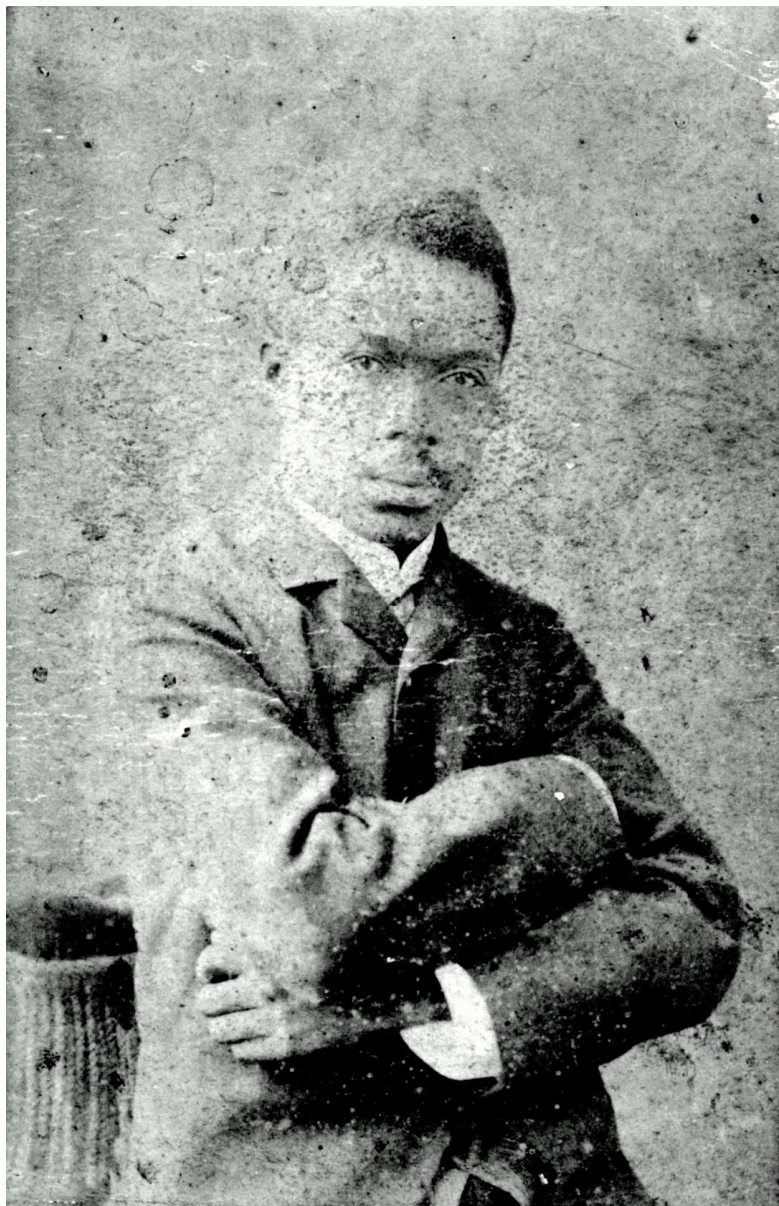


Fig. 4 – Cruz e Sousa, aos 23 anos, em foto tirada em Pernambuco, 1884. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa.

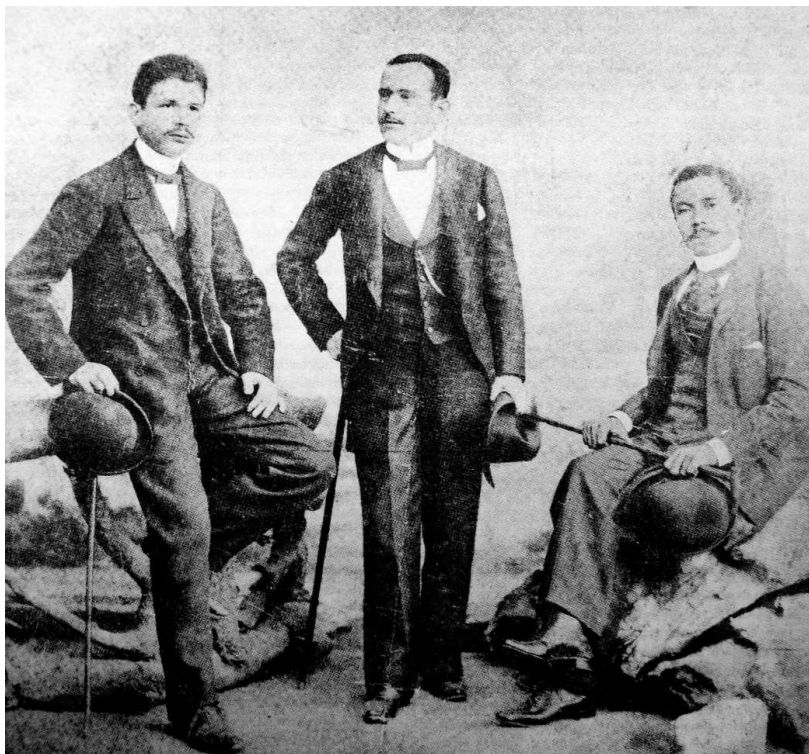


Fig. 5 – Horácio de Carvalho (direita), Virgílio Várzea (centro) e Cruz e Sousa (esquerda) em foto tirada em Desterro, por volta de 1888. Fonte: Fonte: SOUZA, Silveira de; CARDOZO, Flávio José. *Virgílio Varzea*. Florianópolis: FCC, 1990. p. 8.





Fig. 6 – Oscar Rosas e Cruz e Sousa, no Rio de Janeiro, em 1888. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa.



CRUZ E SOUZA

*missal*

# MISSAL

BRAZIL — SUL



RIO DE JANEIRO  
Magalhães & C<sup>ia</sup> — Editores  
3 e 5 Rua da Quitanda. 3 e 5  
LIVRARIA MODERNA

1893

3362-92

Fig. 8 – Frontispício do livro *Missal*, lançado em fevereiro de 1883, no Rio de Janeiro. Fonte: Biblioteca Nacional.

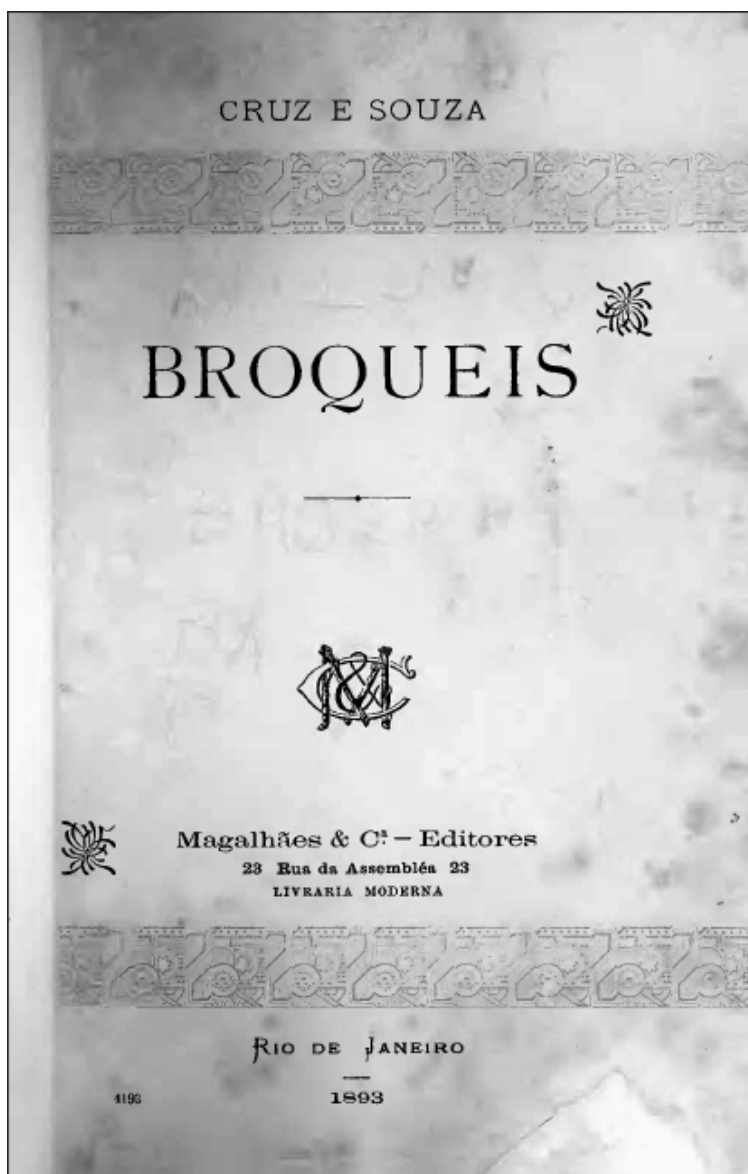


Fig. 9 – Frontispício do livro *Broqueis*, lançado em agosto de 1893, no Rio de Janeiro. Fonte: Biblioteca Nacional.



Fig. 10 – Caricatura de Cruz e Sousa feita por Pereira Neto para a *Revista Ilustrada*, em 1893. Fonte: Biblioteca Nacional.

Noite de terça-feira, 20 de  
Setembro, às 7 horas.

CSC 003  
P. 112

Minha adorada Noiva

Saudades, saudades, muitas  
saudades é o que eu sinto  
por ti.

Escrevo-te triste por não  
te ver e tenho, na hora em  
que te escrevo, o teu querido  
retrato diante de mim, en-  
tre os meus livros, companhei-  
ros dos meus sofrimentos.

Minha vivi-estremecida,  
nunca me esquecerei do  
dia 18 de Setembro, anni-  
versario do dia em que  
tive o prazer de vêr-te pela  
primeira vez, de admirar  
os teus lindos olhos, a gra-  
ça de todo o teu corpo,  
toda a tua pessoa ama-

Fig. 11 – Carta da Cruz e Sousa à sua noiva, Gavita Rosa Gonçalves.  
Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa.

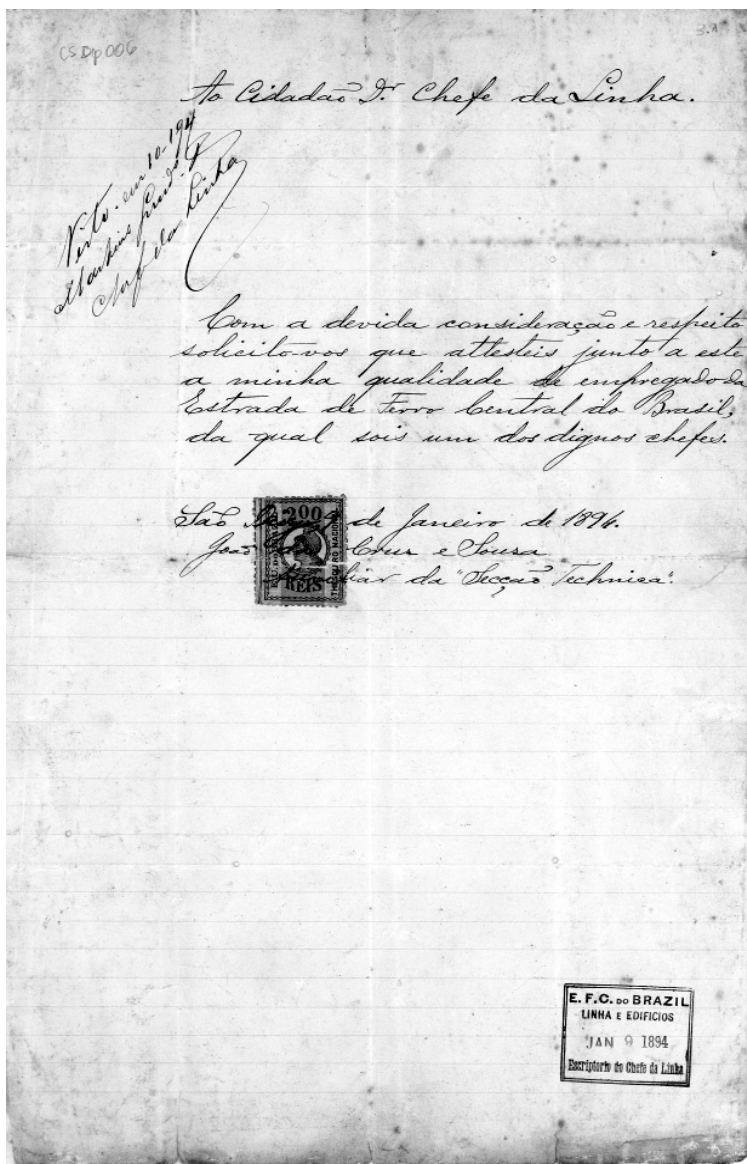


Fig. 12 – Atestado de vínculo empregatício solicitado por Cruz e Sousa por ocasião do seu ingresso como auxiliar técnico na Estrada de Ferro Central do Brasil. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa.



Fig. 13 – Prédio Estrada de Ferro Central do Brasil, empresa na qual Cruz e Sousa foi empregado a partir de 1893 e onde o seu corpo foi velado, em 20 de março de 1898. Fonte: ALVES, Uelinton Farias. *Cruz e Sousa*: Dante Negro do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

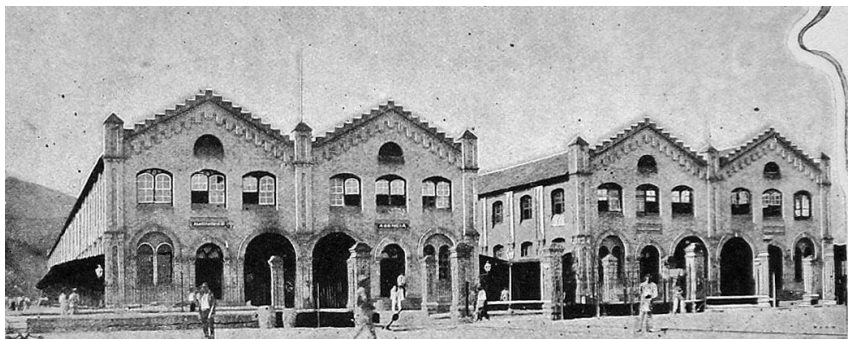


Fig. 14 – Prédio da Estação de São Diogo, onde Cruz e Sousa trabalhou como Arquivista. Fonte: ALVES, Uelinton Farias. *Cruz e Sousa*: Dante Negro do Brasil. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.



Emparedado

Ah! Noite! feitiçei  
ra Noite! o! Noite  
misericordiosa, co  
rouda no throno  
das Constellações pela  
tiara de prata e  
diamantes do Luar  
Tu, que resuscitas  
dos sepulchros os  
tempos do Passado  
tantas esperanças,  
tantas Illusões, tan  
tas e tamanhas san  
dades! Noite! Me  
lanchólica! Votar  
na! Por triste, recor  
dativamente triste,  
de tudo o que está  
muito tempo passado,

Fig. 15 – Manuscrito do poema *Emparedado*, do livro *Evocações* (datado de 1897). Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa.

CS DP 003  
N. 6204

54

**Empresa Funeraria**

**ADULTO**

O abaixo assignado, morador si rua *Campe*  
*de S. Christovão*

que compareceu neste escriptorio as *10* horas da  
*11* do dia de hoje cometeu a Empresa  
Funeraria o fornecimento dos objectos abaixo men-  
cionados, que não vio asseados, para o funeral e  
enterra de fimado *de Cruz e Sousa*

natural de *36* annos  
estado *casado* profissão de *publicis*  
que falleceu de *tuberculose aguda*  
e cujo cadaver se achou depositado na casa de  
*rua de C. a P. da Moura* donde deve  
sahir para o Cemiterio de *S. Pe*  
pelas *10* horas da *manha*  
do dia *hoje* a saber:

Armação n. ....	para	vãos. . . . .	50
Alf. n. ....			50
Eça n. ....			50
Caixão n. <i>3</i> com <i>66</i> polleg. <i>das</i>			<i>90000</i>
Habito de .....			50
Vestir o corpo .....			50
Veiculo n. <i>2</i> para condução do			<i>80000</i>
cadaver .....			50
Dito de estado n. ....			50
Dito para o parocho n. ....			50
Criados .....			50
Carneiro por 5 annos. ....			<i>100000</i>
Sepultura por 5 annos. ....			50
Somma dos objectos encomendados			<i>270000</i>
Certidão de obito (que será entregue			
a quem apresentar este documento)			<i>1000</i>
Total pago R\$. <i>271000</i>			

O meo abaixo assignado se obriga ao pagamento das multas em que possa incorrer  
pela demora dos veiculos na forma que dispõe o regulamento dos cemiterios autorizado pelo  
decreto de 3 de Agosto de 1903 e multa a quantia de *100000* e *100000*  
*e em mil r.*

E para constar se lavrou o presente que se entrega a parte, e que foi extrahido do  
respectivo talão.

Se *M. de* a Secretaria da Casa da *20* de *1898* de .....

*M. de*  
O Escripção,  
*M. de*  
*Christovão*

Fig. 16 – Recibo no valor de 271 mil réis, referentes aos custos do funeral de Cruz e Sousa. Fonte: Fundação Casa de Rui Barbosa.

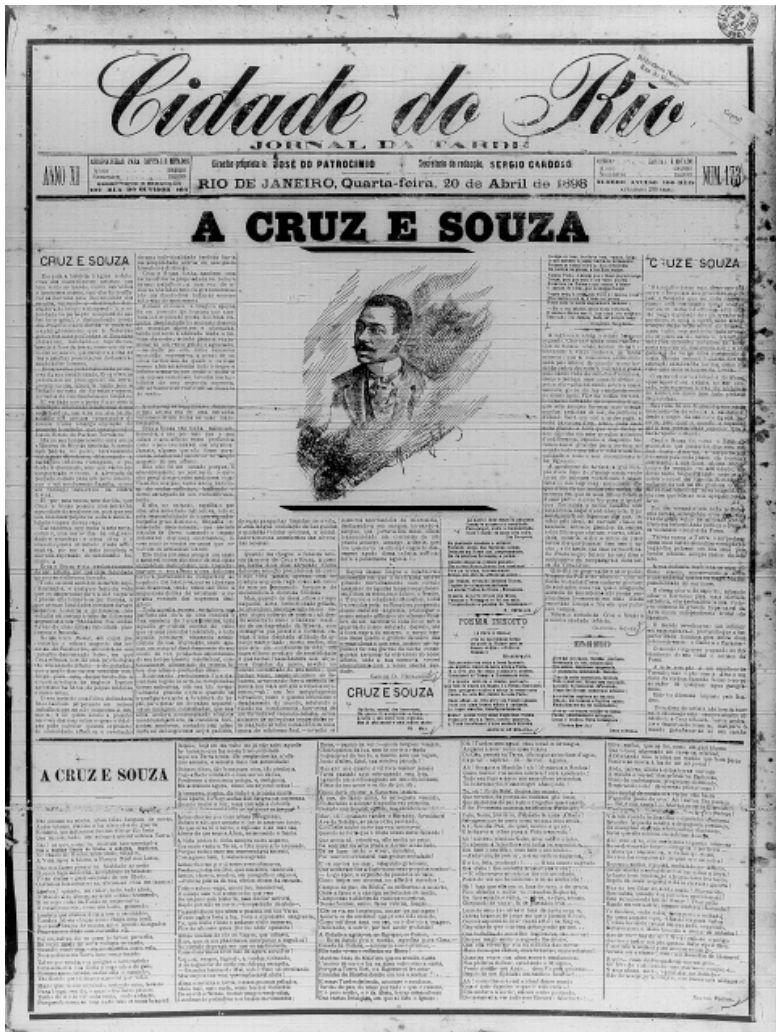


Fig. 17 – Primeira página da edição de 20 de abril de 1898 do jornal *Cidade do Rio*, de José do Patrocínio. Fonte: Biblioteca Nacional.



Fig. 18 – Retrato de Cruz e Sousa no leito de morte, de autoria de Maurício Jubim. Fonte: SOUSA, Cruz e Sousa. *Evocações*. Rio de Janeiro: Typ. Aldina, 1898. Fonte: Biblioteca Nacional.

## ANEXO 4 – ARTIGOS PUBLICADOS NA OCASIÃO DA MORTE DE CRUZ E SOUSA, EM 1898

1) *Cidade do Rio*. Rio de Janeiro, 21 mar. 1898.

### CRUZ E SOUZA

O extraordinario poeta, cujo nome encima estas linhas, com o seu desaparecimento, abriu um vasio no logar que elle tão dignamente occupava entre os homens de letras nacionaes.

Deu-se a sua morte na estação de Sítio, Minas Geraes depois de peregrinar por toda a via dolorosa de uma tuberculose cruel, que pouco a pouco lhe torturou a materia, atravez de baldados cuidados, até adormecel-a de todo.

Foi bem estúpida desta vez a morte que não roubou apenas um pae estremecido aos carinhos de filhos innocentes, um esposo fiel e exemplar aos braços de desconsolada esposa, deixando uma familia mergulhada na dor e na desolação que o ultimo descanso provoca, não só á prole foi Cruz e Sousa arrebatado: á litteratura, ao meio intelligente e que vive a vida espiritual da concepção da Arte, da Fórma, foi roubado o poeta original, o prosador que tinha para leval-o triumphantemente na ascenção dos degrãos da Gloria, a sua fórma coruscante, que fascinava e arrebatava, cantando, com a sua nota individual exclusiva e quente.

A perda é sensível, porque o espirito de Cruz e Souza não tinha nada dessa vulgaridade que outros de menos talento e de mais audacia são arautos, pavoneando-se abertamente, como para incutir o credo de que são aquillo que desejam ser e não o que realmente valem. Elle tinha o orgulho proprio dos fortes, que têm certeza do assumpto, mas não o alardeava, notando-se-lhe, apenas, nas palestras e nos escriptos, a distincção característica da sua superioridade, pela extravagancia dos conceitos e pelo brilho espontaneo das phrases, quer no verso quer na prosa.

Era preto e pobre. Brancura e riqueza possuia-as, porém, no talento e no seu caracter. Deixou-nos duas joias da litteratura - *O Missal* e os *Broqueis*. Outros tinha o poeta promptos, não tendo a morte consentido na sua publicação. Um delles charmar-se-hia *Pharões*.

Paz ao poeta e pezames á sua distincta familia.

---

A's 7 e 40 minutos da manhã de hontem, chegou a esta capital o expresso de Minas, trazendo os despojos do pranteado poeta.

A' essa hora já se achavam na *gure* da estação central da estrada de ferro Central do Brasil muitos amigos do finado, entre elles jornalistas, litteratos e representantes da imprensa.

Conduzido o corpo para o Necroterio da estação, transformado em camara ardente, ahi o Sr. Mauricio Jubin tirou esplendido *croquis*.

Em seguida foi o corpo do illustre morto inhumado no tumulo n. 5.043 do cemiterio de S. Francisco Xavier.

Grande foi o numero de amigos que acompanharam o enterro, notando-se entre elles, além dos representantes da imprensa, os Srs. Drs. Monteiro Lopes, Escragnole Doria, Aguiar Moreira, chefe do trafego; Arthur de Miranda, senador Esteves Junior, capitão Barreto Pereira, pela directoria de instrucção publica, e Luiz Jordão; B. Lopes, Lima Campos, Candido Cardoso, Francisco Abreu, Luiz Edmundo, Pedro Vaz, Hermeto Lima, Manoel Rodrigues da Costa, Arthur Duarte, Virgilio Varzea, Alvaro Pereira, Martinho Domiense, Oliveira Gomes, Gustavo Santiago, Isaltino Barboza e muitos outros.

A *Cidade do Rio* fez-se representar por nosso chefe José do Patrocinio.

Ao descer o corpo á sepultura fallou em nome dos amigos de Cruz e Souza o poeta Nestor Victor.

---

Deliberou-se ainda levar a effeito a publicação das *Evocações*, para a qual já estavam ha muito trabalhando os amigos do poeta, assim como a dos outros dois livros, *Pharóes* e *Ultimos Sonetos*, que constituem o espolio litterario de Cruz e Souza.

Para isso resolveu-se recorrer ao publico, em vez de emprehender-se esse serviço sob uma fórmula toda particular, como até então estava deliberado.

Na reunião de hoje se assentará definitivamente o processo que se deve adoptar para esse fim.

---

Para acudir ás primeiras necessidades da familia do laureado artista, promover-se-ha uma subscrição entre os jornalistas brasileiros, de cuja iniciativa incumbiu-se voluntariamente o nosso chefe, José do Patrocinio, que ainda cedeu aos amigos de Cruz e Souza as columnas da *Cidade do Rio* para estes realisarem uma polyanthéa commemorativa do 7º dia do fallecimento do poeta. Os originaes devem ser endereçados a

Carlos D. Fernandes, na redacção d'*O Debate*. A execução dos retratos de Cruz e Souza para a polyanthéa está confiada ao escrupulo artistico dos pintores Mauricio Jubin e Izaltino Barboza.

2) *Gazeta da tarde*. Rio de Janeiro, 21 mar. 1898.

## CRUZ E SOUZA

O expresso mineiro, chegado hontem ás 7 e 40 da manhã, trouxe para esta Capital o cadaver do fino artista que burilou o *Missal* e os *Broqueis*.

Desde ás 6 horas da manhã se achavam na estação, Mauricio Jobim, Nestor Victor, Tiburcio de Freitas, Saturnino de Meirelles e Carlos Fernandes, desta folha, todos amigos de Cruz e Souza, á espera de que lhes chegasse ás mãos o corpo de Cruz e Souza, o desditoso rapaz que foi morrer em Minas, longe da familia e dos seus.

Transformado em camara ardente a secretaria da central, ahi conservaram o corpo, enquanto Mauricio Jobim fazia um *croquis* da feição inanimada de Cruz e Souza, em cujos olhos parecia pairar ainda todo aquelle mysticismo suave que morava naquelle espirito de eleito.

Estiveram presentes, além dos representantes da imprensa, os Drs. Monteiro Lopes, Escragnole Doria, Aguiar Moreira, chefe do trafego, Arthur de Miranda, senador Esteves Junior, capitão Barreto Pereira, pela directoria de instrucção publica, Luiz Jordão, B. Lopes, Lima Campos, Candido Cardoso, Francisco Abreu, Luiz Edmundo, Pedro Vaz, Hermeto Lima, Manoel Rodrigues da Costa, Arthur Duarte, Virgilio Varzea, Alvaro Pereira, Martinho Dominense, Oliveira Gomes, Gustavo Santiago, Isaltino Barboza e outros.

Ao meio dia foi o corpo conduzido para o cemiterio de S. Francisco Xavier, onde jaz agora na sepultura n. 5.043.

Antes da inhumação Nestor Victor fallou em seu nome e no de todos os amigos de Cruz e Souza, enviando-lhe, por aquellas palavras, o ultimo abraço de amigo, o ultimo beijo de irmão.

---

Cruz e Souza conservou até os derradeiros momentos extraordinaria lucidez espiritual a ponto de ter escripto uma carta á sua sogra uma hora antes de seu fallecimento. Os titulos dos seus livros ineditos foram por elle proprio escolhidos.

Nessa carta a que acima alludimos nota-se apenas a differença graphica que se justifica pelo seu estado de irritação nervosa; o sentido logico, além de correctamente expresso, é muito claro e synthetico.

Antes da agonia, que foi rapida, o malogrado poeta com um dos braços já anquilosado, mostrava á sua desventurada esposa um feretro que sómente viam os seus olhos de sonhador a quem a morte se viera annunciar por este pavoroso intersigno.

Cruz e Souza previu maravilhosamente a approximação da morte ha mais de oito mezes, tendo verdadeiras visões que ficaram perpetuadas nos seus ultimos sonetos, entre os quaes ha uma serie sob a denominação de *Pacto de almas*, nos quaes o poeta diz a Nestor Victor que saia com elle da terra para se abraçarem juntos na vida eterna.

Amanhã publicaremos um soneto da serie a que alludimos.

3) *Cidade do Rio*, Rio de Janeiro, 20 abr. 1898.

### CRUZ E SOUZA

Em toda a historia tragica e dolorosa dos maravilhosos artistas que têm vindo ao mundo, como estranhos e luminosos astros, cujo clarão ineffavel se derrama pela immensidade dos seculos, vencendo a obstinação destruidora do tempo e chegando á posteridade na perfeição completa do seu brilho original, o deslumbrado poeta dos *Broqueis* é sem duvida o mais estranho phenomeno que a Natureza gerou nas suas profundas e fecundas entranhas, mandando- caprichosamente á face da terra, como um symbolico mysterio, que escape a todas as leis e estultas prescrições do desarrasoado saber humano.

Encarando-o pela intensidade primitiva da sua sensibilidade, Cruz e Souza parece-nos um primogenito da terra, gerado no seu ubere e vasto seio e brotado no meio de florestas virgens, cortadas de rios caudalosos e limpidos.

E´verdade que o poeta é a primeira revelação altamente intellectual dessa raça maldita, que vive na eterna desolação dos areiaes vergastados do *simum* n'uma amarga expiação do primeiro homicidio que ensanguentou o solo florido do Paraiso Terrestre.

Ha no seu temperamento uma ancia afflictiva de Moysés desolado, batendo com pedras no peito, atravessando mattagaes espinhosos, dilacerando a carne em infinitas romagens, e pedindo e clamando, com um verbo ensanguentado e rouco, a alvorada da piedade



celeste para um povo inteiro, que o sol comburente flagella, como um verdugo inexoravel da colera divina.

E' por esta causa, sem duvida, que Cruz e Souza possuia uma estranha agucidade de sentimentos, pois que em sua natureza palpitava toda a sensibilidade virgem da sua raça.

Tal natureza applicada á arte seria, como é, uma maravilha de originalidade e grandeza; e a sua obra é o mais eloquente attestado d'esta affirmativa, por ser a mais completa e elevada expressão do sentimento humano.

Cruz e Souza vivia exclusivamente de ser artista, por que esta faculdade tornou-se n'elle uma funcção.

Todo os seus sentidos estavam espiritualizados, e qualquer facto da vida que os despertasse para a dôr ou para o prazer elle tomava-os por themas, a que as suas faculdades mentaes davam aspectos bizarros e pittorescos, ora velados em nevoas tristes de dolorosas angustias e ora banhados das ondas flavas de uma radiosa felicidade pantheista e fecunda.

No seu livro *Missal*, em cujos periodos ha o rithmo augusto das sonatas de Beethoven, encontra-se um trabalho denominado *Sabor*, em que Cruz e Souza nos dá uma psychologia tão vibrante do olfato e do paladar, que a acção dos outros sentidos converge para este, despertando-lhe a exquisita volupia de deglutir fructos agrestes e barbaros, de polpas acidulas e sumarentas.

O seu tacto de uma felina delicadeza ficou tambem perpetuado em outros trabalhos que me não ocorrem á memoria; e só quem sentiu a pressão nervosa das suas mãos negras e fidalgas pode calcular quanta expressão de sinceridade affectiva e revelação de uma individualidade perfeita havia na simplicidade sobria do seu gesto hieratico e distincto.

Cruz e Souza tinha tambem uma extraordinaria propriedade na leitura de seus trabalhos; a sua voz de citharas abafadas emittia gravemente as phrazes dando-lhes todas as *nuances* coloridas do sentimento.

*Ballada dos loucos*, a tragica epopéa de um periodo de loucura que atravessou a esposa do poeta, dolorosa tragedia desenrolada no scenario deserto de estradas alpestres e afastadas, tendo por tecto a abobada muda e trevosa da noite, e onde geme a voz tumular de um vento gelido e agoureiro, - recitada por elle, tinha tamanha exactidão expressiva, a ponto de os olhos lacrimosos de quem o ouvisse verem abstractamente todo o negro e infinito scenario, por onde o poeta e sua esposa caminham, levados nos turbilhões de uma angustia suprema, *ella na loucura do real e elle na loucura do sonho*.

\*  
\* \*

A natureza extraordinaria desse supremo artista era de uma estranha vehemencia em todas as suas manifestações.

Cruz e Souza não tinha meios sentimentos, e era por isso que o seu odio e o seu affecto eram profundos como o seio insondavel dos abysmos. Jamais, alguém que não fosse puramente intellectual penetrou no templo augusto do seu affecto.

Elle não foi um isolado porque o abandonassem; ao contrario, o carinho geral dos grandes mediocres rojava-se-lhe aos pés, numa ancia cariciosa de ondas afflictas, lambendo o dorso escarpado de um rochedo resistente.

E elle, no entanto, reppelia-o por uma alta seriedade instinctiva, isto é: pela impossibilidade de o corresponder naquella grau diminuto, naquella intensidade determinada, que seriam circulos de ferro, sustendo o impeto indomavel dos seus sentimentos, livres como os ventos errantes que revolvem os areiaes africanos.

Elle tinha por seus amigos um casto e sensível ciúme, tão cheio de multiplas exigencias meticulosas, que transformavam o seu affecto n'uma deliciosa tortura, perfeitamente comparavel ao supplicio dos martyres, que se atiravam nas chammas, tendo nesse sacrificio a angustiosa delicia de satisfazer a suprema vontade dos supremos designios.

Toda aquella puresa seraphica que perfuma sua obra de uma candida e fina essencia de lyrios celestes, toda aquella gravidade mental de velho que os seus periodos trescalam, e toda aquella inimitavel elegancia aristocratica de sua expressão, eram apenas um natural desdobramento do seu modo de vêr, productos espontaneos do seu temperamento intellectual, continuamente alimentado da intensa febre das altas e profundas idéas.

Doutrinando verbalmente fundamentaes regras de arte, ou complicadas theses estheticas, elle era tão invejavelmente grande como quando se transfigurava ante a brancura do papel, para pintar em doiradas aquarelas as miragens constelladas, que sua alma andava contemplando n'outros mundos subjectivos, de candidos horisontes sombrios, cortados pelo adejo ineffavel de langorosos anjos pallidos, de cujas gargantas limpidas se evola, n'uma langue ondulação de languidas e azuladas volutas aromaes, a emabaladora musica anesthesica das alvoradas celestes.

.....

Quando me chegou a funesta noticia da morte de Cruz e Souza, a quem eu, havia dous dias abraçado n'uma dolorosa emoção prenunciadora de quem o não viria jamais, apenas, uma incredula angustia vaga creou em torno de mim um esmaecido horizonte de melancolica e dolorosa tristeza.

Mas, quando os meus olhos o viram naquella hirta immobilidade gelada, no abandono desamparado de um negro *wagon* coberto de poeira; ali dentro encerrado como o cadaver maldicto de um degredado da Siberia, com os magros pés juntos e a formosa cabeça n'uma desolada attitude de arcanjo martyrisado; morto emfim, elle que era um continente de vida, um maravilhoso prodigio de sensibilidade e que tantas vezes descera aos abysmos frigidados da morte, envolto no manto constellado do seu sonho; que tantas vezes, nesses abysmos se debatera, arrancando-lhes a essencia impoluta dos mais antigos e velados mysterios, - ah! um frio aniquilamento nirvanico, como o que me infundisse o desabamento do mundo, estalando e ruindo na comburencia horrorosa de um formidavel incendio celeste, uivos sinistros de epilepticas tempestades colericas, tudo envolto numa infinita noite opaca de nihilismo final, - invadiu os silencios adormecidos de minh'alma, desfazendo-a em sangue, tornando-a sangue, que jorrava dos meus olhos transmudado em correntes de um pranto amargo, amargo, ardente, que me queimava os olhos já cegos do desespero agudo desse infinita suffocadora e penetrante agonia!...

\*

\* \*

Depois desses longos e indefiniveis momentos em que a minh'alma esteve girando convulsamente num circulo assassino de agudas lanças incandecentes, fomos os cinco, eu, o Jubim, o Nestor, o Tiburcio e o dedicado Meirelles, todos livorecidos pela suffocadora pungencia dessa indizivel angustia, prolongar o nosso estado afflictivo no silencio funebre de um necroterio onde ficou sob a guarda do nosso enlutado desvelo, até a hora negra do enterro, o corpo inerte desse que foi o grilhão de ouro das nossas almas e que nem mesmo as rapaces e ferinas garras da morte conseguiram arrancar ás entranhas do nosso affecto, onde a sua memoria viverá eternamente com a nossa eterna saudade.

CARLOS D. FERNANDES.

## ANEXO 5 – QUADRO CRONOLÓGICO\*

ANO	HISTÓRIA GERAL E DO BRASIL (SOCIEDADE, POLÍTICA, CULTURA E TÉCNICA)	VIDA E OBRA DE CRUZ E SOUSA	HISTÓRIA LITERÁRIA (BRASIL E EUROPA)
1861	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Fundação do Reino da Itália.</li> <li>- Início da Guerra Civil dos Estados Unidos.</li> <li>- Abolição da servidão na</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>24 de novembro</i> Em Nossa Senhora do Desterro, capital da província de Santa Catarina, nasce João da Cruz e Sousa. Filho de Guilherme de Sousa, mestre</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Charles Dickens: <i>Grandes esperanças</i>.</li> </ul>

---

\* Fontes: ALVES, Uelinton Farias. *Cruz e Sousa: Dante Negro do Brasil*. Rio de Janeiro: Pallas, 2008; ALVES, Uelinton Farias. *Reencontro com Cruz e Sousa*. Florianópolis: Papa-Livro Editora, 1998; CARVALHO, José Murilo de. (Org.). *História do Brasil nação – 1808-2010: a construção nacional (1830-1889)*. São Paulo: Objetiva, 2012. v. 2; CRUZ E SOUSA, João da. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1995; FAIVRE, Antoine. *O esoterismo*. Campinas, SP: Papirus, 1994; GOMES, Álvaro Cardoso. *A estética simbolista*. São Paulo: Atlas, 1994; HOBBSAWM, Eric J. *A Era do Capital (1848 – 1875)*. São Paulo: Paz e Terra, 2005; HOBBSAWM, Eric J. *A Era dos Impérios (1875 – 1914)*. São Paulo: Paz e Terra, 2005; LUFT, Celso Pedro. *Dicionário de literatura portuguesa e brasileira*. Porto Alegre: Globo, 1979; MAGALHÃES Júnior, Raimundo. *Poesia e vida de Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975; MASON, Stephen F. *História da ciência: as principais correntes do pensamento científico*. Porto Alegre: Globo, 1964; MERQUIOR, José Guilherme. *De Anchieta a Euclides: breve história da literatura brasileira*. São Paulo: É Realizações, 2014; PAULI, Evaldo. *Cruz e Sousa: poeta e pensador*. São Paulo: Editora do Escritor, 1973; SCHWARCZ, Lilia Moritz. (Org.). *História do Brasil nação – 1808-2010: a abertura para o mundo (1889-1930)*. São Paulo: Objetiva, 2012. v. 3; UNTERMEYER, Louis. *Os forjadores do mundo moderno*. São Paulo: Fulgor, 1968. v. 3.

	<p>Rússia.</p> <p>- Éliphas Lévi: <i>A chave dos grandes mistérios</i>.</p>	<p>pedreiro, e de Carolina Eva da Conceição, lavadeira. Nessa época, seu pai ainda é escravo do então Tenente-Coronel Guilherme Xavier de Sousa e de sua esposa, Dona Clara Angélica de Sousa, filha de Francisco de Sousa Fagundes e de Dona Francisca Maria de Jesus Fagundes. Já sua mãe, por sua vez, gozava da condição de liberta. Avós paternos: João (escravo do Major Francisco de Sousa Fagundes) e Luiza Rosa da Conceição.</p>	
<p><b>1862</b></p>	<p>- <i>1º de maio</i> Brasil participa da Exposição Internacional de Londres.</p> <p>- Guilherme I nomeia Otto von Bismarck primeiro ministro da Prússia.</p> <p>- Ocupação</p>	<p>- <i>24 de março</i> É Batizado como “João da Cruz”, em homenagem a São João da Cruz, santo católico cuja festa é celebrada em 24 de novembro. A cerimônia ocorre na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Desterro.</p> <p>Padrinhos: Manoel</p>	<p>- Gustave Flaubert: <i>Salammbô</i>.</p> <p>- Ivan Turgueniev: <i>Pais e filhos</i>.</p> <p>- Victor Hugo: <i>Os miseráveis</i>.</p> <p>- Primeira fase da assimilação do Realismo em</p>

	<p>Francesa do México.</p> <p>- Tobias Barreto e Castro Alves iniciam a fase “filosófico-científica” da Escola de Recife.</p>	<p>Moreira da Silva Júnior (armador e então deputado provincial à 14ª legislatura pelo Partido Conservador) e Nossa Senhora das Dores. Celebrou o ritual o Vigário Joaquim Gomes de Oliveira Paiva (político ligado ao Partido Liberal e autor de inúmeros trabalhos literários e históricos).</p>	<p>Portugal (“Questão Coimbrã” ou do “Bom-Senso e Bom-Gosto”).</p>
<p><b>1863</b></p>	<p>- 5 de julho Rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Grã-Bretanha.</p> <p>- Ernest Renan: <i>Vida de Jesus</i>.</p> <p>- Manet e Cézanne expõem no "Salão dos Recusados".</p>		<p>- Camilo Castelo Branco: <i>Amor de perdição</i>.</p> <p>- Hippolyte Taine: <i>História da Literatura Inglesa</i>.</p>
<p><b>1864</b></p>	<p>- 27 de dezembro Paraguai declara guerra ao Brasil.</p> <p>- 10 de agosto</p>	<p>- 6 de junho Nascimento do irmão Norberto Conceição Sousa, em Desterro.</p>	<p>- Leon Tolstói: <i>Guerra e paz</i>.</p>

	<p>Início da guerra contra Aguirre, do Uruguai.</p> <p>- 28 de setembro</p> <p>Fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores (Primeira Internacional).</p> <p>- O cientista Louis Pasteur descobre um processo que permite reduzir de maneira significativa o número de micro-organismos presentes nos alimentos (pasteurização).</p> <p>- Allan Kardec: <i>O Evangelho segundo o Espiritismo.</i></p>	<p>- 29 de outubro</p> <p>Batismo de Norberto, na Igreja Matriz de Nossa Senhora do Desterro.</p> <p>Padrinhos: Henrique Jaques Schutel e Nossa Senhora. Celebrou o ritual o Padre Livramento.</p>	
<b>1865</b>	<p>- 19 de janeiro</p> <p>Morre Pierre-Joseph Proudhon.</p> <p>- 1º de maio</p> <p>Tratado da Tríplice Aliança contra o</p>	<p>- Por ocasião da sua partida para o Paraguai, o Tenente-Coronel Guilherme Xavier de Sousa concede alforria a Guilherme de</p>	<p>- Edmond de Goncourt e Jules de Goncourt: <i>Germinie Lacerteux.</i></p> <p>- José de Alencar: <i>Iracema.</i></p>



	<p>Paraguai.</p> <p>- Claude Bernard: <i>Introdução ao estudo da medicina experimental.</i></p> <p>- Gregor Mendel formula e apresenta em dois encontros da Sociedade de História Natural de Brno as leis da hereditariedade.</p> <p>- Fim da Guerra Civil, abolição da Escravidão nos Estados Unidos e assassinato de Abrahan Lincoln.</p>	Sousa.	
<b>1866</b>	<p>- Exposição Universal de Paris.</p> <p>- Ernst Haeckel: <i>Morfologia geral dos organismos.</i></p>		<p>- Fagundes Varela: <i>Cantos e fantasias.</i></p> <p>- Fiódor Dostoiévski: <i>Crime e castigo.</i></p> <p>- <i>Le Parnasse contemporain.</i></p> <p>- Manuel de Araújo Porto-Alegre: <i>Colombo.</i></p>

<p><b>1867</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>31 de agosto</i> Morre Charles Baudelaire.</li> <li>- Brasil participa da Exposição Universal de Viena.</li> <li>- Benito Juárez comanda a expulsão dos franceses do México.</li> <li>- Karl Marx: <i>O Capital</i>.</li> <li>- Alfred Nobel patenteia a dinamite.</li> <li>- Peter Mitterhofer desenvolve os primeiros protótipos funcionais da máquina de escrever.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>1º de junho</i> Guilherme Xavier de Sousa é nomeado Marechal de Campo do Exército Brasileiro.</li> </ul>	<p>Júlio Dinis: <i>As pupilas do Senhor Reitor</i>.</p>
<p><b>1868</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <i>16 de julho</i> Ministério Itaboraí: conservadores são chamados ao poder.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- João da Cruz realiza algumas das suas primeiras leituras e exercícios de composições poéticas.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Charles Baudelaire: <i>A arte romântica</i>.</li> <li>- Castro Alves declama o <i>Navio</i></li> </ul>

	<p>- Início da Era Meiji no Japão.</p> <p>- Início da fase “crítico-filosófica” da Escola de Recife (ênfase nas idéias de Spencer, Haeckel, Hartmann, Schopenhauer e Kant).</p>		<p><i>negreiro.</i></p> <p>- Fiódor Dostoiévski: <i>O idiota.</i></p>
<b>1869</b>	<p>- <i>17 de novembro</i> Após 10 anos de construção, a inauguração do Canal de Suez permite que navios viajem entre a Europa e a Ásia Meridional sem ter de navegar em torno de África.</p> <p>- Era da imigração nos Estados Unidos.</p> <p>- Dmitri Mendeleiev cria a primeira versão da tabela periódica dos elementos químicos.</p>	<p>- <i>20 de setembro</i> O Marechal Guilherme é nomeado Comandante-em-chefe do Exército Brasileiro, pelo afastamento do então Marquês de Caxias. O militar permanece nesse posto até a posse do Conde d’Eu, em 18 de maio de 1870.</p>	<p>- Conde de Lautréamont: <i>Os cantos de Maldoror.</i></p> <p>- Gustave Flaubert : <i>A educação sentimental.</i></p> <p>- Inglês de Sousa: <i>Um casamento no arrabalde.</i></p> <p>- João de Deus: <i>Flores do campo.</i></p> <p>- Paul Verlaine: <i>Fêtes galantes.</i></p>

	<p>- Karl Robert Eduard von Hartmann: <i>Filosofia do inconsciente.</i></p>		
<b>1870</b>	<p>- <i>1º de março</i> Morte de Solano López, fim da Guerra da Tríplice Aliança.</p> <p>- <i>20 de junho</i> Os governos do Brasil e Paraguai assinam um acordo de paz.</p> <p>- <i>19 de julho</i> Início da Guerra Franco-Prussiana.</p> <p>- <i>3 de dezembro</i> Fundação e Manifesto do Partido Republicano.</p> <p>- Alexander Parkes registra a <i>Parkesina</i>, primeiro celulóide e primeiro plástico fabricado.</p>	<p>- <i>21 de dezembro</i> Em Desterro, falece o Marechal Guilherme Xavier de Sousa.</p>	<p>- Fiódor Dostoiévski: <i>Os demônios.</i></p> <p>- José de Alencar: <i>O gaúcho.</i></p>

<p><b>1871</b></p>	<p>- Unificação alemã e fundação do 2º Reich (Coroação de Guilherme I na sala dos espelhos do Palácio de Versalhes).</p> <p>- 7 de março Visconde do Rio Branco forma o seu ministério.</p> <p>- 26 de março a 28 de maio Comuna de Paris.</p> <p>- 25 de maio D, Pedro II inicia primeira viagem à Europa.</p> <p>- 6 de julho Morre Castro Alves.</p> <p>- 28 de setembro Lei do Ventre Livre.</p>	<p>- 16 de agosto Casamento de Guilherme de Sousa e Carolina Eva da Conceição, na Capela de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Foram testemunhas: Francisco José Eleutério (vizinhos do casal), Virgílio José Paulo (também vizinho), João de Sousa Fagundes (irmão de Dona Clara Angélica de Sousa) e o Padre Manoel Coelho Gama D'Eça. Celebrou o ritual o Vigário Sebastião Antonio Martins.</p>	<p>- Arthur Rimbaud: <i>As cartas do vidente</i>.</p> <p>- Francesco De Sanctis: <i>Storia della Letteratura Italiana</i>.</p> <p>- Segunda fase da implantação do Realismo em Portugal (Conferências Democráticas do Cassino Lisboense).</p>
<p><b>1872</b></p>	<p>- 3 de março Início da Questão Religiosa.</p>	<p>- João e Norberto são matriculados no Colégio da Conceição.</p>	<p>- Alfredo d'Escragnolle Taunay: <i>Inocência</i>.</p> <p>- Bernardo Guimarães: <i>O seminarista</i>.</p>

<b>1873</b>	- 8 de maio Morre John Stuart Mill.		- Arthur Rimbaud: <i>Uma temporada no Inferno.</i>
<b>1874</b>	- Revolta do Quebra-Quilos.  - 21 de fevereiro e 1º de julho Condenação dos bispos de Olinda e do Pará.  - 22 de junho Cabo telegráfico submarino liga o Brasil à Europa.  - Louis Leroy denomina "impressionismo" a uma nova tendência da pintura não- acadêmica em França.	- João e Norberto são admitidos como externos às expensas do Governo Provincial no Atheneu Provincial Catarinense.	- Jules Amédée Barbey d'Aureville: <i>Les diaboliques.</i>
<b>1875</b>	- 18 de fevereiro Morre Fagundes Varela.  - 7 de setembro Helena Blavatsky funda, em Nova York, a Sociedade	- Falecimento de Dona Clara Angélica de Sousa.  - Provável ocasião em que Guilherme de Sousa e Carolina Eva da Conceição mudam-se, com os	- António Gomes Leal: <i>Claridades do Sul.</i>  - Bernardo Guimarães: <i>A escrava Isaura.</i>  - Eça de Queirós:

	Teosófica.	filhos, da chácara dos seus antigos senhores, situada na área central da cidade, para uma pequena casa no arrabalde de Praia de Fora.	<i>O crime do Padre Amaro.</i>  - Machado de Assis: <i>Americanas.</i>
<b>1876</b>	-26 de março Segunda viagem do imperador à Europa, passando pelos Estados Unidos.  - 1º de julho Morre Mikhail Bakunin.  - Graham Bell obtém a patente do telefone.		- Franklin Távora: <i>O cabeleira.</i>  - Mark Twain: <i>Tom Sawyer.</i>  - Stéphane Mallarmé: <i>A tarde de um fauno.</i>
<b>1877</b>	- 12 de dezembro Morre José de Alencar.  - Primeira linha telefônica no país.  - Vitória é feita Imperatriz das Índias.  - Thomas Edison anuncia o	- Deixa o Atheneu Provincial sem poder completar os estudos ginásiais.  - Trabalha como professor particular.	- Émile Zola: <i>A taverna.</i>  - Inglês de Sousa: <i>O coronel sangrado.</i>  - Leon Tolstoi: <i>Ana Karerina.</i>

	<p>fonógrafo.</p> <p>- Seca nas províncias do Norte.</p>		
<b>1878</b>	<p>- O cardeal italiano Vincenzo Gioacchino Pecci se torna o Papa Leão XIII.</p>		<p>- Eça de Queirós: <i>O Primo Basílio</i>.</p> <p>- Machado de Assis: <i>Iaiá Garcia</i>.</p> <p>- Alberto de Oliveira: <i>Canções românticas</i>.</p>
<b>1879</b>	<p>- Thomas Edison apresenta a primeira lâmpada incandescente comercializável.</p> <p>- Werner von Siemens anuncia o primeiro modelo de locomotiva elétrica.</p>	<p>- <i>Outubro</i> Publica um soneto no jornal <i>O Artista</i>, de Desterro. A composição é uma das suas primeiras colaborações junto à imprensa.</p>	<p>- Fiódor Dostoiévski: <i>Os Irmãos Karamazov</i>.</p> <p>- Henrik Ibsen: <i>Casa de bonecas</i>.</p> <p>- “Batalha do Parnaso”, no Rio de Janeiro.</p>
<b>1880</b>	<p>- 1º a 4 de janeiro Revolta do Vintém.</p> <p>- 7 de setembro Fundação da</p>		<p>- Émile Zola: <i>O romance experimental</i>.</p> <p>- Luís Guimarães Júnior: <i>Sonetos e rimas</i>.</p>



	<p>Sociedade Brasileira contra a Escravidão.</p> <p>- Auguste Rodin esculpe a primeira versão de "O pensador".</p>		<p>- Paul Verlaine: <i>Sagesse</i>.</p>
<b>1881</b>	<p>- 9 de janeiro Lei Saraiva introduz eleição direta.</p> <p>- 13 de março O Czar Alexandre II é assassinado pelo grupo revolucionário Narodnaya volya e é sucedido pelo seu filho Alexandre III.</p> <p>- 11 de maio de 1881 Igreja Positivista do Brasil é fundada por Miguel de Lemos.</p> <p>- 25 de dezembro Primeiro vôo no Brasil de um balão dirigível, o Le Victoria, por Júlio César</p>	<p>- 7 de maio Funda, ao lado de Virgílio Varzea, Santos Lostada, Araújo Figueredo e Artur Boiteaux, o hebdomadário <i>O Colombo</i>. O jornal circula até o dia 24 de setembro.</p>	<p>- 15 de novembro Paul Bourget publica um artigo em <i>La Nouvelle Revue</i>, intitulado "Théorie de La Décadence".</p> <p>- Aluizio Azevedo: <i>O mulato</i>.</p> <p>- Anatole France: <i>O crime de Sylvestre Bonnard</i>.</p> <p>- Machado de Assis: <i>Memórias póstumas de Brás Cubas</i>.</p> <p>- Tobias Barreto: <i>Estudos alemães</i>.</p> <p>- Henrik Ibsen: <i>Os espectros</i>.</p>

	<p>Ribeiro de Sousa.</p> <p>- Arthur Schopenhauer: <i>Pensées et fragments</i> (Traduzido e organizado por Jean Bourdeau).</p>		
<b>1882</b>	<p>- Robert Koch descobre o bacilo responsável pela maioria dos casos de tuberculose.</p> <p>- Thomas Edison coloca em funcionamento o primeiro sistema gerador de eletricidade, com fios e postes para levar energia elétrica a lugares distantes.</p> <p>- Tobias Barreto ingressa como professor na Faculdade de Direito do Recife (início da "fase jurídica" da Escola de Recife).</p>		<p>- 10 de novembro Verlaine estampa, na revista Paris Moderne o poema <i>Art poétique</i>.</p> <p>- Machado de Assis: <i>Papéis avulsos</i>.</p>
<b>1883</b>	- Início da	- Lançamento, em	- 26 de maio

	<p>Questão Militar.</p> <p>- Friedrich Nietzsche: <i>Assim falou Zaratustra</i>.</p> <p>- 14 de março Morre Karl Marx.</p> <p>- Wilhelm Dilthey: <i>Introdução às Ciências do Espírito</i>.</p> <p>- William Jenney projeta o Home Insurance Company Building, o primeiro arranha-céus.</p> <p>- Karl Benz funda a Benz &amp; Co. Rheinische Gasmotoren-Fabrik, primeira fábrica a produzir veículos movidos à gasolina.</p>	<p>Desterro, da poliantéia <i>Julieta dos Santos</i> – <i>Homenagem ao Gênio Dramático Brasileiro</i>, em co-autoria com Virgílio Várzea e Santos Lostada.</p> <p>- Primeira estada no Rio de Janeiro.</p>	<p>Paul Verlaine publica no semanário <i>Le Chat Noir</i> o soneto <i>Langueur</i>.</p> <p>- Raimundo Correia: <i>Sinfonias</i>.</p> <p>- Villiers de L'Isle-Adam: <i>Contos cruéis</i>.</p>
<b>1884</b>	<p>- Abolição da escravidão no Ceará e no Amazonas.</p> <p>- A reforma</p>	<p>- Novas viagens pelo Brasil. É recepcionado por uma comissão de abolicionistas na Bahia, onde profere</p>	<p>- <i>Poètes Maudits</i>.</p> <p>- Aluísio Azevedo: <i>Casa de pensão</i>.</p>

	<p>eleitoral na Grã-Bretanha estende o direito de voto à população operária masculina.</p>	<p>discurso.</p> <p>- <i>Novembro</i> A Companhia Teatral Moreira Vasconcelos é dissolvida.</p>	<p>- Henrik Ibsen: <i>O pato selvagem</i>.</p> <p>- Joris-Karl Huysmans: <i>As avessas</i>.</p> <p>- Machado de Assis: <i>Histórias sem data</i>.</p>
<p><b>1885</b></p>	<p>- 28 de setembro Lei dos Sexagenários liberta escravos de 60 anos ou mais.</p>	<p>- Segunda passagem pelo Rio de Janeiro e estada em casa dos pais de Francisco Moreira de Vasconcelos, no Bairro da Saúde.</p> <p>- <i>Maio</i> Assume a redação do semanário <i>O Moleque</i>.</p> <p>- Publica, em co-autoria com Virgílio Várzea, o livro de contos <i>Tropos e Fantasias</i>.</p> <p>- Fundação da folha abolicionista <i>Tribuna Popular</i>, de propriedade de José Lopes Júnior.</p>	<p>- 6 de agosto Paul Bourde publica em <i>Le Temps</i> o artigo <i>Les Décadents</i>, nesse trabalho rotula de Simbolismo à nova corrente poética.</p> <p>- 11 de agosto Jean Moréas, em <i>Le XIX<sup>ème</sup> Siècle</i>, réplica a Boudier e reivindica o nome “simbolistas”, em lugar do anterior “decadentes”.</p> <p>- Alberto de Oliveira: <i>Sonetos e poemas</i>.</p> <p>- Antônio Nobre: <i>Só</i>.</p> <p>- Émile Zola:</p>

			<p><i>Germinal.</i></p> <p>- Guerra Junqueiro: <i>A velhice do Padre Eterno.</i></p>
<p><b>1886</b></p>	<p>- 2 de julho Fundação da Sociedade Promotora da Imigração.</p>	<p>- Abril Emprega-se como ponto junto a Companhia Dramática Apolônia. Viagens pelo Rio Grande do Sul.</p>	<p>- 18 de setembro Jean Moréas divulga através do <i>Figaro Littéraire</i> o manifesto intitulado <i>Le Symbolisme.</i></p> <p>- Antero de Quental: <i>Sonetos.</i></p> <p>- Anton Tchekhov: <i>Contos.</i></p>
<p><b>1887</b></p>	<p>- Execução de Alexandre Ulyanov, irmão mais velho de Lênin, por cumplicidade na tentativa de assassinar o czar Alexandre III.</p> <p>- 30 de junho Imperador parte para a Europa para tratamento de saúde.</p>	<p>- Fevereiro Em Desterro, começa a publicar no jornal <i>A Regeneração</i> a série de contos abolicionistas intitulada <i>Histórias Simples.</i></p>	<p>- Aluísio Azevedo: <i>O Homem.</i></p> <p>- <i>O Livro de Cesário Verde.</i></p> <p>- <i>Journal des Goncourt, Mémoires de la vie littéraire.</i></p> <p>- Raimundo Correia: <i>Versos e versões.</i></p>

	<p>- Heinrich Hertz prova a existência das ondas eletromagnéticas previstas na teoria de Maxwell.</p> <p>- Papus: <i>L'occultisme contemporain.</i></p>		
<b>1888</b>	<p>- 13 de maio Lei Áurea abole a escravidão no Brasil.</p> <p>- Stanislas de Guaita e Joséphin Péladan fundam, em Paris, a Ordem Kabbalística da Rosa-Cruz.</p>	<p>- 24 de março Libertação da cidade de Desterro.</p> <p>- Junho Estada no Rio de Janeiro, com Oscar Rosas.</p>	<p>- August Strindberg: <i>Senhorita Júlia.</i></p> <p>- Alfred Jarry: <i>Ubu Rei</i> (primeira versão).</p> <p>- Eça de Queirós: <i>Os Maias.</i></p> <p>- Olavo Bilac: <i>Poesias.</i></p> <p>- Rubén Dario: <i>Azur.</i></p> <p>- Villiers de L'Isle-Adam: <i>Axël.</i></p> <p>- Sílvio Romero: <i>História da Literatura Brasileira.</i></p>

<p><b>1889</b></p>	<p>- <i>6 de maio a 31 de outubro.</i> Brasil participa da Exposição Universal de Paris. Única monarquia representada.</p> <p>- <i>15 de junho</i> Atentado contra d. Pedro II no Rio de Janeiro.</p> <p>- <i>14 de julho</i> No Congresso Internacional de Paris, funda-se a Internacional Socialista (ou Segunda Internacional).</p> <p>- <i>9 de novembro</i> Baile da Ilha Fiscal.</p> <p>- <i>15 de novembro</i> Proclamação da República.</p> <p>- <i>17 de novembro</i> Banimento da família imperial.</p> <p>- <i>20 de novembro</i> A Argentina e o Uruguai são os primeiros países a reconhecer a</p>	<p>- <i>21 de março</i> Retorno à Desterro.</p>	<p>- Gabriele d'Annunzio: <i>Il piacere.</i></p> <p>- José Veríssimo: <i>Estudos brasileiros.</i></p> <p>- Machado de Assis: <i>Páginas recolhidas.</i></p> <p>- Medeiros e Albuquerque: <i>Pecados e Canções da decadência.</i></p>
--------------------	---	---	--

	<p>República brasileira.</p> <p>- 7 de dezembro Desembarque da família imperial em Portugal.</p> <p>- 28 de dezembro Morre Tereza Cristina, esposa de d. Pedro II.</p>		
<b>1890</b>	<p>- 20 de janeiro Concurso para o hino da República.</p> <p>-18 de março Demissão de Otto von Bismarck.</p> <p>- 15 de novembro Instalada a Constituinte.</p> <p>- A Dunlop Tyres inicia a produção comercial de pneumáticos.</p> <p>- James George Frazer: <i>O ramo de ouro</i>.</p>	<p>- 18 de março Em Desterro, é publicado, no jornal <i>Gazeta do Sul</i>, uma nota sobre a suposta intenção de Lauro Muller de prender a Cruz e Sousa.</p> <p>- Partida de Araújo Figueiredo para o Rio de Janeiro.</p> <p>- 30 de agosto Depois de ser demitido da Capitania do Porto de Desterro por suspeita de comprometimento com os monarquistas, Virgílio Várzea embarca para o Rio de Janeiro.</p>	<p>- Aluísio Azevedo: <i>O cortiço</i>.</p> <p>- Ferdinand Brunetièrre: <i>L'évolution des genres dans l'histoire de la littérature</i>.</p> <p>- Henrik Ibsen: <i>Hedda Gabler</i>.</p> <p>- Eugênio de Castro: <i>Oaristos</i> (marco inicial do simbolismo em Portugal).</p> <p>- Oscar Wilde: <i>O retrato de Dorian Gray</i>.</p> <p>- Stefan George: <i>Hinos</i>.</p>



		<p>- <i>3 de outubro</i> É publicado, no Rio de Janeiro, o primeiro número do jornal <i>Folha Popular</i>, sob direção de Leopoldo Cabral e tendo como gerente Artur Torres e secretário Emiliano Pernetá.</p> <p>- <i>4 de outubro</i> No jornal <i>Gazeta de Notícias</i>, do Rio de Janeiro, Pardal Mallet chama aos jovens escritores de “Novos”.</p> <p>- <i>Novembro</i> Em Desterro, é apresentado a Nestor Vítor.</p> <p>- <i>Dezembro</i> Partida definitiva para o Rio de Janeiro.</p>	
<b>1891</b>	<p>- <i>20 de janeiro</i> Crise no governo Deodoro. Demissão do 1º Gabinete republicano.</p> <p>- <i>14 de fevereiro</i></p>	<p>- <i>1º de janeiro</i> Publicação, no jornal <i>Novidades</i>, do poema “Arte”.</p> <p>- Divide, com Araújo Figueredo, um quarto alugado</p>	<p>- Ápice do movimento simbolista em França.</p> <p>- D. João de Castro: <i>Alma Póstuma</i>.</p>

	<p>Promulgada a Constituição dos Estados Unidos do Brasil.</p> <p>- 25 de fevereiro Deodoro é eleito presidente e Floriano Peixoto seu vice.</p> <p>- 1º de maio Manifestação na França é dispersa pela polícia resultando na morte de dez pessoas. Internacional Socialista de Bruxelas proclama esse dia como dia internacional de reivindicação de condições laborais.</p> <p>- 15 de maio Leão XIII anuncia a encíclica <i>Rerum Novarum</i>: sobre a condição dos operários.</p> <p>- 3 de novembro Deodoro decreta o fechamento do Congresso.</p>	<p>no sobrado da Rua do Lavrado, n. 17.</p> <p>- Trabalha como noticiário no jornal <i>Cidade do Rio</i>, de José do Patrocínio, sob direção de Serpa Júnior.</p> <p>- Março Depois de desentendimentos com José do Patrocínio, é demitido da redação do <i>Cidade do Rio</i>.</p> <p>- 15 de abril No jornal <i>Novidades</i>, Emiliano Pernetá, em resposta a Pardal Mallet, do <i>Gazeta de Notícias</i>, inicia a polêmica dos “Novos” e anuncia a <i>Revista dos Novos</i>.</p> <p>- 30 de abril Depois de uma longa campanha de oposição ao governo, o jornal <i>Novidades</i> capitula ao florianismo estampando na primeira página uma foto de</p>	<p>- Machado de Assis: <i>Quincas Borba</i>.</p> <p>- William Morris: <i>Notícias de lugar nenhum</i>.</p>
--	---	--	--

	<p>- 10 de novembro Morre Arthur Rimbaud.</p> <p>- 23 de novembro Unidades da Armada na baía de Guanabara, sob a liderança do almirante Custódio de Melo, sublevaram-se e ameaçam bombardear a cidade do Rio de Janeiro (Primeira Revolta da Armada).</p> <p>- 5 de dezembro D. Pedro II morre em Paris.</p>	<p>Florianópolis Peixoto.</p> <p>- Maio Ao mesmo tempo em que colabora com a <i>Revista Ilustrada</i> e o <i>Novidades</i>, ingressa como empregado na redação de <i>O Tempo</i>.</p> <p>- 25 de agosto Falecimento de Carolina Eva da Conceição.</p> <p>- 18 de setembro No Catumbi, durante uma visita a João Várzea (irmão de Virgílio), conhece Gavita Rosa Gonçalves.</p>	
<b>1892</b>	<p>- 6 de abril Treze generais e almirantes lançam um manifesto, exigindo que Floriano Peixoto convoque novas eleições, nos termos da Constituição (Segunda Revolta da Armada).</p>	<p>- Maio Araújo Figueiredo e Virgílio Várzea retornam à Desterro.</p> <p>- Julho/agosto Assina um contrato com o livreiro Domingos de Magalhães.</p> <p>- Setembro Desprestigiado com</p>	<p>- Adolfo Caminha: <i>A normalista</i>.</p> <p>- Guerra Junqueiro: <i>Os simples</i>.</p> <p>- João Barreira: <i>Gouaches</i>.</p>

	<p>- <i>23 de agosto</i> Morre Deodoro da Fonseca.</p> <p>- <i>8 de outubro</i> É inaugurado o Serviço de Bondes Elétricos, o primeiro serviço de bonde elétrico da América do Sul, na cidade do Rio de Janeiro.</p> <p>- O militar Cândido Rondon inicia a instalação de linhas telegráficas no interior do Brasil.</p>	<p>a deserção em massa dos colaboradores e, mais ainda, por ter aderido ao florianismo, o jornal <i>Novidades</i> deixa de circular definitivamente.</p> <p>- Noivado com Gavita.</p> <p>- <i>Dezembro</i></p> <p>Em Santa Catarina, Araújo Figueredo é nomeado para o cargo de promotor público na comarca de Tubarão.</p>	
<b>1893</b>	<p>- <i>Fevereiro</i> Início da Revolta Federalista no Rio Grande do Sul.</p> <p>- <i>3 de setembro</i> Prudente de Moraes é indicado candidato à sucessão presidencial.</p> <p>- <i>6 de setembro</i> Revolta da</p>	<p>- <i>Fevereiro</i> Publicação de <i>Missal</i></p> <p>- <i>Mai</i> Vive maritalmente com Gavita no centro da cidade do Rio de Janeiro.</p> <p>- <i>Junho/julho</i> Gravidez de Gavita.</p> <p>- <i>28 de agosto</i> Publicação de <i>Broqueis</i>.</p>	

	<p>Armada no Rio de Janeiro.</p> <p>- <i>25 de setembro</i> É decretado estado de sítio em quatro estados da federação e mais o Distrito Federal.</p>	<p>- <i>3 de setembro</i> É publicado na seção “A Pedidos”, do <i>Gazeta de Notícias, Na Costa da África</i>, um soneto de conteúdo racista satirizando a Cruz e Sousa.</p> <p>- <i>10 de setembro</i> É publicado em <i>O País, Broquel</i>, outra sátira racista a Cruz e Sousa.</p> <p>- <i>Novembro</i> É Nomeado como auxiliar de escrita da seção técnica da Estrada de Ferro Central do Brasil.</p> <p>- <i>9 de novembro</i> Casamento de Cruz e Sousa e Gavita.</p>	
<b>1894</b>	<p>- <i>1º de março</i> Prudente de Moraes é eleito presidente.</p> <p>- <i>Setembro</i> É inaugurada a Confeitaria Colombo, no Rio de Janeiro, reduto intelectual dos</p>	<p>- <i>22 de fevereiro</i> Nasce Raul, o primeiro filho do casal.</p>	

	<p>mais prestigiados na capital da República.</p> <p>- Émile Durkheim: <i>As regras do método sociológico</i>.</p>		
<b>1895</b>	<p>- 29 de junho Morre Floriano Peixoto.</p> <p>- 5 de agosto Morre Friedrich Engels.</p> <p>- 8 de novembro Wilhelm Conrad Röntgen descobre os raios-X.</p> <p>- 28 de dezembro Irmãos Lumière realizam a primeira exibição pública do cinematógrafo.</p>	<p>- 28 de janeiro Passa à situação de praticante da 5ª Divisão da Central, com vencimentos de um conto e oitocentos mil-réis anuais.</p> <p>- 20 de março Promovido ao posto de arquivista aumentando para dois contos e quinhentos mil réis o seu vencimento anual.</p> <p>- 5 de abril Olavo Bilac publica, no jornal <i>Gazeta de Notícias</i>, a crônica “Um poema”, onde satiriza o grupo dos simbolistas.</p> <p>- 7 de outubro Nascimento de Guilherme, o</p>	<p>- Adolfo Caminha: <i>O Bom Crioulo</i>.</p> <p>- Bernardino Lopes: <i>Brasões</i>.</p> <p>- Émile Verhaeren: <i>Les villes tentaculaires</i>.</p>

		segundo filho do casal.	
<b>1896</b>	<p>- <i>8 de julho</i> Paschoal Segreto e José Roberto da Cunha Sales exibem pela primeira vez no Brasil, apenas sete meses depois dos irmãos Lumière, em Paris, um filme.</p> <p>- <i>24 de novembro</i> Primeira expedição contra Canudos.</p> <p>- Antoine Henri Becquerel descobre acidentalmente um novo tipo de radiação ao analisar sais de urânio.</p> <p>- Henri Bergson: <i>Matéria e memória.</i></p>	<p>- <i>Março</i> Início da doença mental de Gavita.</p> <p>- Nova promoção proporciona vencimentos anuais de dois contos e setecentos mil-réis.</p> <p>- Reuniões com Carlos Dias Fernandes, Tibúrcio de Freitas, Maurício Jubim e Nestor Vítor no “Antro”.</p> <p>- <i>24 de julho</i> Nascimento de Reinaldo, terceiro filho do casal.</p> <p>- <i>29 de agosto</i> Falecimento de Guilherme de Sousa, quase nonagenário.</p> <p>- <i>Setembro</i> Melhora do estado psicológico de Gavita.</p> <p>- <i>15 de novembro</i> Primeira reunião da Academia</p>	<p>- Machado de Assis: <i>Várias histórias.</i></p> <p>- Rui Barbosa: <i>Cartas da Inglaterra.</i></p>

		<p>Brasileira de Letras. Cruz e Sousa e todo o grupo dos “Novos” estão exclusivos.</p> <p>- 18 de novembro Inicia a sua colaboração no jornal <i>A República</i>, do Rio de Janeiro.</p>	
<b>1897</b>	<p>- <i>Janeiro</i> Segunda expedição contra Canudos.</p> <p>- <i>Março</i> Terceira expedição contra Canudos</p> <p>- 4 de março Morte do Coronel Antônio Moreira César.</p> <p>- <i>Abril a outubro</i> Quarta expedição contra Canudos e destruição do arraial.</p> <p>- Christiaan Eijkman descobre as vitaminas.</p>	<p>- <i>Novembro</i> Hospeda, em sua casa, durante todo o mês, a Araujo Figueredo que, por esta época, atravessa sérias dificuldades financeiras.</p> <p>- Agravamento do quadro de tuberculose pulmonar.</p> <p>- Entrega dos seus manuscritos inéditos a Nestor Vitor.</p>	<p>- André Gide: <i>Os frutos da Terra</i>.</p> <p>- Manuel de Oliveira Paiva: <i>Dona Guidinha do Poço</i>.</p>



<p><b>1898</b></p>	<p>13 de janeiro Émile Zola: <i>J'accuse.</i></p> <p>- 1º de março Eleição de Campos Sales.</p> <p>- 20 de abril Estados Unidos declaram Guerra à Espanha.</p> <p>- 18 de novembro Aleister Crowley é iniciado na Ordem Hermética da Aurora Dourada.</p> <p>- Marie e Pierre Curie descobrem o polônio, o radium e cunham o termo "radioatividade".</p>	<p>- 3 de fevereiro Muda-se para nova residência. Da Rua Teixeira Pinto, n. 48, para a Rua Malvino Reis, n. 40.</p> <p>- 12 de março É publicado, no <i>Gazeta da Tarde</i>, do Rio de Janeiro, uma nota solicitando auxílio para o levantamento de fundos em favor de Cruz e Sousa.</p> <p>- 15 de março Embarca, junto de Gavita (então grávida do seu quarto filho), para Sítio, Minas Gerais.</p> <p>- 16 de março Chega, pela manhã, à Sítio. O casal se aloja no Hotel Amadeu.</p> <p>- 19 de março Cruz e Sousa morre, em Sítio, Minas Gerais, aos 36 anos de idade.</p> <p>- 30 de agosto Nascimento de João, filho póstumo do casal.</p>	<p>H. G. Wells: <i>A guerra dos mundos.</i></p>
--------------------	---	---	---

		- Publicação de <i>Evocações</i> .	
--	--	------------------------------------	--